

QUANDO ELES PENSARAM QUE TINHAM
PERDIDO TUDO, ENCONTRARAM UM AO OUTRO.

SEGURE A MINHA MÃO E NÃO SOLTE

DANIELLE VIEGAS MARTINS





SEGURE A MINHA MÃO E NÃO SOLTE

DANIELLE VIEGAS MARTINS

Rio de Janeiro
2019

Copyright © 2018 by Danielle Viegas Martins

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações deste original são reais apenas no universo da
ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos e não emitem opinião sobre
eles.

Capa: Larissa Aragão

Diagramação: Carol Dias

Revisão: Jéssica Nascimento

Sumário

<u>Capítulo 1: Carla Faustino</u>
<u>Capítulo 2: Dante Albertine</u>
<u>Capítulo 3: O que o dinheiro pode comprar</u>
<u>Capítulo 4: O que o dinheiro não pode comprar</u>
<u>Capítulo 5: Gustavo e Vivian Grael</u>
<u>Capítulo 6: Tudo que eu preciso</u>
<u>Capítulo 7: Gustavo e Carla</u>
<u>Capítulo 8: O juiz Tito</u>
<u>Capítulo 9: Um pássaro pode ser amigo de um peixe?</u>
<u>Capítulo 10: Instinto Protetor – Parte 1</u>
<u>Capítulo 11: Instinto protetor – Parte II</u>
<u>Capítulo 12: Margot e Demétrius</u>
<u>Capítulo 13: Margot e “Ele”</u>
<u>Capítulo 14: Olívia</u>
<u>Capítulo 15: Amor de irmão</u>
<u>Capítulo 16: O que mais importa – Parte I</u>
<u>Capítulo 17: O que mais importa – Parte II</u>
<u>Capítulo 18: Quatro noites. Quatro sonhos</u>
<u>Capítulo 19: A festa de inauguração</u>
<u>Capítulo 20: Me processe</u>
<u>Capítulo 21: Cuidado com o que deseja</u>
<u>Capítulo 22: Quando o mundo inteiro veio abaixo</u>
<u>Capítulo 23: A vida por um fio</u>
<u>Capítulo 24: O que nos mantém vivos</u>
<u>Capítulo 25: Vida</u>
<u>Capítulo 26: Gustavo, Demétrius e Inácio</u>
<u>Capítulo 27: Como seria possível te conhecer e não te amar?</u>
<u>Capítulo 28: Minha namorada</u>
<u>Capítulo 29: Canta para mim?</u>
<u>Capítulo 30: A certeza mais valiosa</u>
<u>Capítulo 31: A felicidade nunca pode ser medida</u>
<u>Capítulo 32: Sentir falta do que se tornou essencial</u>
<u>Capítulo 33: Segure a minha mão e não solte</u>
<u>Capítulo 34: Estou onde deveria estar</u>
<u>Capítulo 35: Há algo que você precisa saber</u>
<u>Capítulo 36: O que mais desejava ouvir</u>
<u>Capítulo 37: A vida e seus mistérios</u>
<u>Capítulo 38: Eu sempre te amei</u>
<u>Capítulo 39: Mônica e Domenico</u>
<u>Capítulo 40: Sonhadores, é isso que somos</u>
<u>Capítulo 41: Você já me deu o mundo. Você é o meu mundo.</u>
<u>Capítulo 42: Feliz aniversário atrasado</u>
<u>Capítulo 43: Quem não aprende pelo amor – Parte I</u>
<u>Capítulo 44: Quem não aprende pelo amor – Parte II</u>

[Capítulo 45: O segredo de Aquiles](#)

[Capítulo 46: A verdade sobre Aquiles](#)

[Capítulo 47: Só sinto gratidão agora](#)

[Capítulo 48: Face a face com o mal](#)

[Capítulo 49: Hora de deixar o passado para trás – Parte I](#)

[Capítulo 50: Hora de deixar o passado para trás – Parte II](#)

[Capítulo 51: Mensagens para um amor que não me pertence](#)

[Capítulo 52: Acerto de contas – Parte I](#)

[Capítulo 53: Acerto de contas – Parte II](#)

[Capítulo 54: Não há nada oculto que não venha a ser revelado – Parte I](#)

[Capítulo 55: Não há nada oculto que não venha a ser revelado – Parte II](#)

[Epílogo](#)

[Breve biografia da autora:](#)

Dedicatória



*À CARLA TORRES (in memoriam) e
a ALEXANDRE “XANDINHO”
ARAGÃO, dois jovens
extraordinários que me inspiraram
a escrever essa história.*

Epigrafe



*A força só é admirável quando se
coloca ao lado da Justiça para
defender a Razão e amparar o
Direito.*

*Coelho Neto
Romancista, crítico e teatrólogo,
Caxias — MA 1864*

Capítulo 1

CARLA FAUSTINO

— Você é surda! Eu perguntei quem é você? E o que faz aqui? — Carla sentiu os fones serem retirados bruscamente de seus ouvidos, o que a fez virar e ver o estranho que a olhava dos pés à cabeça.

Estou me preparando para pular o carnaval, não está vendo? Estou aqui fantasiada de mecânica e no momento estou conversando com um palhaço, pensou.

A moça não entendeu por que aquele desconhecido se dirigia a ela daquela maneira, mas pensou que, provavelmente, era um dos clientes da oficina e decidiu engolir a resposta que já estava na ponta da língua. Afinal, eles não a conheciam porque só trabalhava no turno da noite. Aquele sábado de carnaval era uma exceção. A esposa de seu patrão entrou em trabalho de parto e ele foi levá-la à maternidade do outro lado de Marechal Hermes.

— Essa foi a única forma de você parar com essa cantoria e me dar um pouco de atenç... — Começou o homem alto de terno, parado com expressão enfezada a menos de um metro dela, mas parou de falar quando viu a forma como estava vestida e pareceu mais interessado em olhar ao redor atrás de outro profissional.

Carla fez uma breve análise do homem parado à sua frente e ficou claro para ela que ele não era dali. *Seria ele o dono do Jetta que estou consertando?* Estimava que ele deveria ter cerca de cinquenta anos. Tinha uma postura muito rígida. Era branco e seus cabelos já estavam parcialmente grisalhos. Estava muito bem vestido: terno preto alinhado, sem gravata e uma camisa branca. E era notadamente um terno caro. Ali na Comunidade do Muquiço, apenas os pastores das igrejas usavam ternos. Imaginava o calor que

ele deveria estar sentindo, pois o verão do Rio de Janeiro era absurdamente quente e, apesar dos três ventiladores de teto do galpão da oficina estarem na velocidade máxima, ela mesma sentia o suor descer por suas costas no macacão que usava.

Carla estava fazendo duas das coisas que mais gostava: consertava o motor de um carro que era uma obra de arte para ela, enquanto ouvia a cantora Iza cantando Pesadão, antes daquele desconhecido a interromper daquela maneira grosseira.

— Bom dia, senhor. Eu estava distraída ouvindo música. Não percebi que...

— Que estava distraída, eu percebi. O que quero saber é onde está o mecânico? Onde está o dono da oficina? Chame-o imediatamente.

— Sou a responsável pela oficina no momento — respondeu a moça depois de respirar fundo diante do tom autoritário daquele desconhecido. — Em que posso ser útil?

— Você? Com certeza não pode me ajudar em nada, mas se puder poupar meu tempo e chamar o mecânico, eu agradeceria, mocinha.

Carla respirou profundamente mais uma vez e se lembrou das palavras de seu chefe antes de sair desesperado para a maternidade.

— *Carla, o dono desse Jetta me pareceu um pouco prepotente, mas disse que pagaria um extra se eu entregasse o carro em três dias. Vou dar metade do pagamento pelo serviço para você... Então, faça sua mágica.*

Seu Amauri lhe entregou as chaves da oficina se sentindo culpado por chamá-la às oito da manhã para fazer o orçamento para esse cliente, depois de ter dado folga para toda a equipe. Pelo que ela entendeu, o dono do Jetta era um cliente importante e que poderia abrir portas para a oficina no futuro.

— Quando eu disse que sou a responsável pela oficina no momento, quis dizer que sou a mecânica responsável pela oficina, senhor. Como pode ver, estava consertando este carro quando chegou — disse apontando com a chave de teste para o veículo atrás dela. — Sendo assim, em que posso ajudá-lo? — repetiu a pergunta.

— Era só o que me faltava. Uma garota... — disse o homem entredentes, rindo ironicamente.

Carla colocou a ferramenta sobre o veículo e se aproximou do homem com as mãos nos quadris.

— Posso saber qual é a graça? — disse Carla cruzando os braços defensivamente, não se deixando intimidar.

— Na verdade, nenhuma. Muito pelo contrário, tenho um carro parado no acesso a uma perigosa favela do Rio de Janeiro e o reboque da

seguradora se recusou a vir para esta área de risco.

— Eu posso dar uma olhada no seu veículo assim que...

Ele levantou a mão na altura do rosto dela para que se calasse e atendeu ao toque do celular. O sangue de Carla ferveu nas veias, mas ela respirou fundo pela terceira vez e pensou no que faria com o dinheiro extra daquele serviço.

— *Mantenha-o no carro! É uma ordem!* — gritou o desconhecido com alguém do outro lado da linha. — *Deixe-me falar com ele.*

Carla, então, viu dois homens de ternos escuros que se revelaram depois que o homem elevou o tom de voz. Estavam na entrada da oficina e usavam óculos de sol. Eles olharam para Carla e inclinaram a cabeça em um cumprimento discreto. Ela pensou que se portavam como seguranças do outro homem e retribuiu o gesto. Não estranhou tanto a presença deles por saber que a oficina tinha clientes de várias classes sociais.

— *Estamos com poucas opções* — disse ao telefone. — *Solicitar um veículo substituto adequado nessa cidade em que tudo para durante o carnaval pode levar horas.*

O homem ficou em silêncio por um tempo, ouvindo o que a pessoa do outro lado da linha dizia.

— *Não. Não tem mecânico. Só uma garota.*

Ouvir aquilo a deixou furiosa. Já sabia que não era o cliente em potencial, dono do carro que consertava, então não precisava ser tão cortês com ele.

Como assim “não tem mecânico”? Pior! Como assim “só uma garota”? Gente com dinheiro, mas sem educação. Já lidou com muitos assim, sabia bem o que fazer e iria devolver na mesma moeda.

— Até o aeroporto, pela rota traçada pela segurança, só chegaremos depois do almoço. Seguiremos o plano alternativo e...

— Por favor, se quer falar ao telefone, saia da oficina, pois está atrapalhando o meu trabalho — disse ela falando alto para que ele voltasse a lhe dar atenção.

— Não. Problema nenhum. Eu volto a ligar, Tito — disse ele olhando diretamente para Carla com o cenho franzido. — E fique onde está. É apenas um inconveniente.

Inconveniente? É isso que eu sou agora? — pensou Carla vendo o homem desligar o telefone e colocá-lo no bolso interno do paletó.

— Morar em um lugar como esse não é desculpa para se comportar de maneira tão desrespeitosa. Sua mãe não lhe deu educação?

Droga! Por que ele foi falar da minha mãe?

— Ponha-se daqui para fora! — disse ela cruzando a distância que tinha com ele sem soltar a chave de roda que tinha nas mãos.

— Com quem pensa que está falando?

— Não faço a menor ideia e nem tenho interesse em saber. O que sei do senhor é que é um homem arrogante que está atrapalhando o meu trabalho. Saia da oficina! — disse apontando para a saída.

— Que outro tipo de atendimento se poderia esperar de uma espelunca como essa?

— O atendimento da casa depende da postura de quem entra por aquela porta, senhor. Boa sorte em sua busca por outra oficina mecânica aberta em uma terça-feira de Carnaval.

Ele colocou as mãos nos bolsos e já ia responder quando um dos homens de terno, que havia se aproximado silenciosamente, tocou em seu ombro. Ele devia ter ouvido parte da discussão, pois usava um tom apaziguador, mas Carla não conseguiu compreender o que conversavam. O homem mais velho se afastou sem dizer mais nenhuma palavra, contudo ainda lançou um olhar por cima do ombro para Carla, que arqueou a sobrancelha mostrando que não tinha medo de cara feia. Enquanto ele voltava a sua atenção para o celular que tocava novamente e passava pela porta da oficina com a expressão preocupada no rosto, o homem mais jovem aproximou-se de Carla.

— Bom dia, senhora. Gatto — disse o homem mais jovem e ainda mais alto que o anterior estendendo a mão para ela.

Carla começava a se sentir intimidada perto deles.

— Perdão?

— Gatto é meu sobrenome — esclareceu ele. Algo a que já estava habituado.

— Ah! Entendi. Bom dia, mas não me chame de senhora — respondeu, ainda aborrecida com o homem que saiu e com o fato de estarem atrasando seu trabalho. Mesmo assim, retirou as luvas de trabalho e apertou a mão do homem que permanecia estendida.

— Carla — disse ele lendo o nome bordado em seu macacão azul. — Pois bem, Carla. Estamos em uma comitiva especial com o excelentíssimo juiz Timóteo Mascarenhas.

Então era esse o nome dele. E o grosseirão ainda por cima era juiz. Só falta eu estar encrocada agora.

— Você é algum tipo de...

— Sou investigador da Polícia Federal a serviço de Vossa Excelência com mais outros cinco agentes — disse mostrando o documento ao abrir a carteira.

— Você não se veste como um policial, investigador — disse se referindo ao elegante terno azul sem gravata que ele usava.

— Essa é a intenção — disse ele vendo que ela entendia o que queria dizer.

— A polícia não é muito bem-vinda aqui na Comunidade do Muquiço, investigador.

— Sei disso. Juízes também não. Mais um motivo para fazermos esse carro voltar a funcionar bem rápido e para isso precisamos de sua ajuda. Já deve saber o que aconteceu, não é mesmo?

— Mais ou menos. Entendi que o carro de vocês quebrou aqui perto. Mas, de qualquer forma, ele recusou minha ajuda — disse fazendo um gesto com a cabeça para o homem ao telefone na entrada da oficina mecânica. — Disse que não me acha qualificada para o trabalho. Deixou isso bem claro.

— Peço desculpas se ele foi rude, Carla. Estamos todos sob pressão, por mais que isso não justifique o que ele disse. Bem, a situação é esta: estamos a caminho do Aeroporto Santos Dumont, no centro da cidade. As principais vias de acesso foram bloqueadas, devido ao desfile de carnaval, e as alternativas que o GPS apresentou nos trouxe até aqui. Contudo, um dos nossos veículos apresentou um problema e não conseguimos identificar a causa. Simplesmente perdeu potência até parar de funcionar de vez. O juiz Timóteo precisa analisar vários documentos importantes para o julgamento que acontecerá imediatamente após o recesso do feriado. Toda a equipe da promotoria está viajando com Vossa Excelência e precisamos que nos ajude a consertar o carro. *Vidas dependem dele chegar a esse destino* — disse ele enfatizando a frase.

Ela não esperava ouvir algo assim. Pensou na gravidade do que ele contou e decidiu ajudar.

— Está bem. Eu vou dar uma olhada. — Ela assentiu colocando de novo suas luvas. — Eu só não posso deixar a oficina sozinha. Há um cliente que vai vir buscar este carro — disse ela tocando no capô do *Jetta*, relutante em deixar a oficina fechada.

Ele pareceu refletir por um instante e já ia lhe responder quando levou uma das mãos ao ouvido, onde ela já havia notado que ele usava uma espécie de ponto eletrônico e, trazendo o pulso próximo a boca, disse:

— *Copiei, Fernandes. Estava imaginando quanto tempo ele aguardaria dentro do carro. Fiquem alertas!*

Voltando a atenção para Carla, ele disse:

— Providenciarei para que um de nossos homens fique aqui. Está bem assim? — Ela concordou e já começava a pegar sua maleta de ferramentas quando viu mais gente chegando aos portões de acesso da oficina.

— Melhor irmos de uma vez. Essa movimentação toda aqui pode causar problemas para o meu chefe — disse ela pensando que todos na comunidade já deviam saber que aqueles homens com o nome “polícia” na testa estavam ali na oficina do Amauri. Ali as notícias corriam rápido, sabia que deviam estar observando aquela circulação de pessoas e ficou nervosa só de imaginar o perigo que se colocavam.

— Compreendo. Vamos então — disse ele tentando pegar a maleta pesada das mãos dela.

— Solte! Eu mesma levo — disse Carla rispidamente, mas se arrependendo logo em seguida. Sua voz soou mais dura do que pretendia e tentou ser mais ponderada. — Desculpe... obrigada, investigador, mas já estou acostumada a carregar minhas ferramentas.

Ele estranhou o tom da moça, mas assentiu com a cabeça.

Carla percebeu que mais homens de terno chegaram à frente da oficina. Contou quatro homens de óculos escuros. Todos pareciam estar na faixa dos trinta anos, ela estimou. Havia ainda um quinto homem que se vestia de modo formal como os outros, porém não tinha a mesma postura tensa e alerta que os demais. Era o único homem negro do grupo. Ele observava as construções ao redor da oficina e conversava com o homem que ela teve o desprazer de conhecer naquela manhã.

— Primeira vez em uma comunidade, meu amigo? — Carla interrompeu a conversa do recém-chegado com o juiz de propósito.

— Na verdade, não. Cresci em um lugar como este — afirmou ele parecendo mesmo ser familiarizado com aquelas ruas de casas desordenadas. — Carla percebeu uma leve mudança na expressão dele que parecia curioso notando agora a presença da moça e como estava vestida. Ela sentiu-se pouco à vontade com essa avaliação, ainda mais porque o achou muito bonito.

O homem mais velho viu que ela segurava a caixa de ferramentas e olhou com censura para o investigador Gatto ao seu lado que sustentou seu olhar. Ele deliberadamente ignorou a presença de Carla e ela decidiu fazer o mesmo. Embora o que realmente quisesse era um pedido de desculpas.

— Eis a única mecânica que trabalha no carnaval. Talvez justamente por falta de concorrência — disse o homem mais velho com evidente sarcasmo.

— Para a sorte de vocês, não é mesmo? Seis homens barbudos que precisaram recorrer a uma “mocinha” para resgatá-los, já que nem parecem saber a diferença entre carburador e injeção eletrônica — disse ela no mesmo tom sarcástico e se apropriando do termo que ele usou antes para se referir a ela. Contudo, ao lembrar-se de com quem estava falando, logo se arrependeu do que disse. Carla sabia que precisava controlar seus impulsos. Seu irmão Miguel dizia

que esse seu defeito de “cutucar onça com vara curta” ainda lhe traria problemas.

O recém-chegado olhou de um para o outro e sentiu que havia muita tensão entre os dois.

— Vossa Excelência, a Carla é uma profissional. Acredito que pode resolver nosso problema e ela concordou em nos ajudar, contanto que disponibilizemos alguém para tomar conta da oficina nesse meio tempo — disse o agente Gatto.

— Acho que isso é um erro. — O homem de cabelos grisalhos não fazia questão alguma de mascarar seu desagrado.

— Com todo respeito, foram vocês que vieram atrás de ajuda. Demonstrar um pouco de gratidão seria bom — retrucou Carla. Não entendia por que o juiz a tratava daquela maneira.

— Seremos gratos se você consertar o carro — devolveu ele no mesmo tom.

— Quer dizer *quando eu consertar* e não *se*, não é mesmo? — Carla se aproximou dele e a hostilidade entre os dois quase soltava faíscas.

— Quis dizer exatamente o que eu disse — devolveu ele.

— Peço calma aos dois — interveio o recém-chegado, virando-se para o homem mais velho e pondo a mão em seu ombro. — Sei que está preocupado com a situação, mas vai dar tudo certo. Afinal, a Carla vai consertar o nosso carro e tudo ficará bem. — E, voltando-se para ela, disse: — Sabemos que estamos causando um considerável transtorno a você e somos muito gratos por se dispor a nos ajudar.

Carla não pôde evitar de pensar como aquele homem era atraente. O achou tão parecido com o ator que interpretava o Pantera Negra que era até difícil não olhar fascinada para ele. Ela não sabia dizer se era a forma como os olhos dele permaneciam fixos nela ou a maneira gentil que falou seu nome que fez Carla se sentir assim tão impressionada.

— Se você concordar, o agente Arouche ficará aqui na sua oficina enquanto você trabalha em nosso carro — completou Gatto e a viu assentir após alguns segundos.

Um homem de terno escuro, obedecendo à instrução do agente, parou ao lado de Carla e ela entregou as chaves do veículo que estava em seu bolso.

— Por favor, um cliente pode vir buscar esse veículo enquanto eu estiver ausente. Peça que ele aguarde um pouco, se possível.

Assim, Carla seguiu acompanhada de tantos homens em ternos escuros que se sentiu no filme *Homens de Preto*.

— Posso ajudá-la a levar sua... — O homem negro parou de falar ao

olhar para Gatto que, disfarçadamente, fez um gesto negativo com a cabeça como se dissesse para não fazer isso.

— Sou perfeitamente capaz de carregar minhas ferramentas, senhor. Apesar do juiz ali atrás achar que as mulheres possuem tantas limitações que deve se abismar de eu conseguir andar e carregar minha maleta de ferramentas ao mesmo tempo.

O investigador Gatto ouvindo isso olhou para ela de forma curiosa e Carla percebeu que, mais uma vez, sua antipatia a fez falar demais.

— Desculpe, policial. Sei que não posso falar dessa maneira de um juiz. Tentarei me conter.

— Carla, na verdade, acho que houve um...

— Acho que ele só está nervoso — interrompeu o homem que caminhava ao lado dela.

Ela achou que o melhor a se fazer era apenas fingir que aceitava a justificativa para aquele comportamento machista do homem que caminhava atrás deles.

— A propósito, até agora não me apresentei. Pode me chamar de Tito, Carla. Meus amigos me chamam assim.

Ela sorriu com a última frase que ele disse. Agora ela sabia o seu nome. Mas tentou não o olhar mais. A presença de Tito a deixava nervosa. Algo bastante incomum para ela que costumava estar cercada por homens e dificilmente sentia-se atraída por algum.

— Vocês fazem revisão nesse veículo regularmente? — perguntou ela mudando de assunto e voltando sua atenção para o inspetor Gatto.

— São veículos novos. Carros com menos de um mês de uso. Foram adquiridos recentemente, justamente para evitar colocar a segurança do juiz Timóteo em risco. — Enquanto dizia isso, não passou despercebido para Carla o modo como o inspetor e os outros policiais observavam discretamente cada morador que aparecia surgindo das vielas para as transversais. Ele pareceu ficar de sobreaviso quando ouviu um grupo de rapazes mascarados e fantasiados de bate-bola passar por eles, não parecendo nem um pouco intimidados com a presença dos estranhos ali. Um deles parou por um instante, tirou a máscara e olhou para Carla. Ela o encarou brevemente, virou o rosto e perguntou as horas para Tito. Ele notou o homem alto de barba parado em frente a um bar e sustentou o olhar dele.

— Faltam quinze para as dez.

Carla simplesmente anuiu fazendo um gesto afirmativo com a cabeça, agradecendo. Aquele era o homem que mandava na comunidade e era a única pessoa que ela fazia questão de evitar ali.

— Provavelmente, o problema é com a parte elétrica ou pane seca.

— Acha mesmo que não verificaríamos se tinha combustível antes de sairmos? — Ela ouviu a voz do juiz atrás de si e ignorou. Ele já estava lhe dando nos nervos.

— Verificaram os fusíveis?

— Sim. Tudo certo, Carla — disse Tito que parecia estudar sua expressão a cada passo que davam. — Carla começava a se sentir embaraçada.

Ela caminhava entre Tito e o inspetor Gatto, mas sentia o peso do olhar do juiz sobre si. Virando levemente a cabeça, olhou para trás e confirmou que ele a encarava metodicamente. Por sua vez, atrás dele, os demais agentes caminhavam de modo a deixá-los no centro.

— Pelo visto, vocês chamaram mesmo a atenção de todo mundo — disse Carla para Tito vendo que as pessoas na rua paravam para ver o grupo e pareciam curiosos por ela estar com eles. Ela fingia não notar os olhares dos seus vizinhos e percebeu que rapidamente a notícia se espalhou pela comunidade.

Eles seguiram pela rua sem pavimentação em direção à avenida. Logo, Carla viu cinco grandes veículos pretos alinhados um atrás do outro, a menos de dez metros da padaria que ficava na esquina de acesso à comunidade. Foi em direção ao terceiro, que estava com o capô levantado.

— Estou aqui para o que você precisar, Carla — prontificou-se o inspetor Gatto.

— Obrigada. Pode me dar as chaves, por favor? — pediu Carla ao investigador, mas ele virou-se e olhou na direção do juiz que, em passos rápidos, entrou no carro e ligou ele mesmo o veículo. Carla preferiu pensar que ele não queria sujar o assento do veículo com graxa, apesar dela manter seu macacão limpo enquanto trabalhava, como seu irmão fazia. Miguel lhe dizia que a imagem do mecânico falava muito sobre seu trabalho. Assim, ela trabalhava de luvas e sempre mantinha o macacão o mais limpo possível.

— É melhor deixarmos a Carla trabalhar, não concorda? — perguntou Tito voltando sua atenção para o homem mais velho que, estranhamente, pareceu aceitar a repreensão velada do mais novo. Embora não quisesse admitir, ela começava a simpatizar cada vez mais com Tito. Viu o outro homem sair do veículo e fazer um breve movimento afirmativo com a cabeça.

— Deixe ligado — disse ela vendo-o virar a chave na ignição novamente e o carro não responder como deveria.

Ela apenas olhou por um tempo para o motor. Muito atenta ao som que vinha dele.

— Essa é boa... uma *mecânica* que não põe as mãos no carro. — Ela nem precisou virar o rosto para saber de onde vinha aquele tom de chacota.

Carla logicamente sabia que poderia receber uma forte descarga elétrica caso tocasse no motor acionado, por isso, apenas observava, a princípio. Ela queria ver e ouvir o motor funcionando para eliminar as hipóteses de erro e chegar à causa de o veículo parar de repente.

Ela achava aquele tipo de comportamento tão infantil e que só demonstrava insegurança e presunção por parte do juiz. Esperava que como juiz ele não se deixasse levar por suposições preconceituosas. Ela não simpatizava com homens da lei. Seu irmão Miguel pagou um alto preço por não se sujeitar a esse tipo de atitude. Homens preconceituosos, que se achavam detentores da verdade e acima das outras pessoas, destruíram o futuro brilhante que seu irmão tinha pela frente. Na época, faltava menos de um ano para ele se formar em Direito. Foi a palavra de seu irmão contra uma acusação de roubo de uma menina e outra de desacato à autoridade aos policiais. Seu irmão foi preso por causa de homens que se comportavam como ele. Assim, Miguel foi encarcerado mesmo sendo inocente.

Ignorando a expressão carrancuda do homem e concentrando-se no som que o carro emitia, apreciou a beleza do motor 2.4 de seis cilindros daquela *Captiva* praticamente recém-saída da fábrica e foi observando os componentes elétricos um a um. Confirmou sua suspeita que o problema era no sistema elétrico. A fiação estava em perfeitas condições como era de se esperar de um carro novo. Inclinou-se para ver melhor o alternador, já que gerar energia era a função dele. Com a chave de teste, ela confirmou que a bateria passava corrente elétrica.

— Carla, pode me explicar o que já sabe — pediu Tito se aproximando. Ela gostou da maneira humilde que ele fez a pergunta. Mostrava-se aberto a ouvi-la e parecia considerar sua opinião profissional.

— O problema está mesmo no sistema elétrico. — Com a chave de teste, ela mostrou a ele que a luz acendia. — Eliminamos dois componentes com a confirmação da bateria estar funcionando.

Pela cara que ele fez, Carla percebeu que ele parecia não entender e olhou para o inspetor Gatto que concordou que ela explicasse.

— Se a bateria está passando corrente elétrica é porque o alternador está funcionando, Tito — disse ela. — A função do alternador é gerar energia e carregar a bateria.

— Ok. Entendi. E como o Gatto já checkou os fusíveis, descartamos essa hipótese também.

— Correto.

— Será que a mocinha pode parar com essa suposta aula de mecânica básica e dizer, enfim, qual é o problema do carro, ou será que só está

enrolando para não ter que admitir que não faz a menor ideia?

— Essa sua atitude não vai ajudar, *senhor* — disse ela com evidente irritação e se controlando para não pular no pescoço daquele homem insuportável. Tito e Gatto pareciam já insatisfeitos com aquela postura, mas não disseram mais nada.

— Acredito que o problema também não seja o distribuidor — disse ela mais para si mesma. Balançou a cabeça voltando a se concentrar no carro. Todos na oficina admiravam como o ouvido dela era bem treinado para identificar a causa dos problemas.

Carla entendeu que a centelha da explosão dentro dos cilindros não estava acontecendo. Então, só podia ser as velas ou a bobina.

Sorriu ao descobrir a fonte do defeito — o que fez Tito sorrir também. Ele leu em seus olhos que ela já sabia o que fazer. Só a satisfação de amar o que fazia era capaz de resultar em um sorriso como aquele ao solucionar um problema. Ele mesmo se sentiu assim várias vezes. Tito observou os fones de ouvido que ainda estavam pendurados ao redor do pescoço da moça e não teve como não notar a curva delicada que o pescoço fazia. Era tão difícil ele se sentir conectado a alguém dessa maneira e só de estar perto dela, a observando trabalhar, um sentimento agradável o tomava. O defeito do carro pareceu perder toda a importância de minutos atrás.

Viu o broche azul preso abaixo do nome de Carla no macacão e, como era quase do mesmo tom do tecido, não tinha notado antes. Ele percebeu que gostava da companhia daquela moça naturalmente. Ela era forte e, ao mesmo tempo, feminina. Seus olhares se encontraram por um instante, mas ela foi a primeira a desviar os olhos, porém continuou sorrindo.

— O que é tão engraçado? — perguntou Tito que observava cada movimento dela.

— O problema do carro é bem simples.

— Como assim? — O inspetor também se aproximou para ver do que se tratava, pois nenhum deles conseguiu identificar qual era o motivo daquele transtorno com o carro.

— Nada demais, na realidade. Apenas um mau contato que não permitiu que a corrente elétrica chegasse às velas. A tomada da bobina estava folgada. Vocês abasteceram há pouco tempo?

— Sim. Vinte minutos antes do carro dar problema, enchemos o tanque, uma vez que rodamos muito com o GPS indicando o caminho errado.

— Mexeram no capô enquanto abasteciam?

— Eu pedi para ver o nível de óleo — disse Gatto.

— Provavelmente, o frentista pode ter esbarrado na bobina e, depois

de um tempo, o cabo foi afrouxando mais, o que fez o carro parar. Não tem nada de errado com esse menino. Apenas a bobina não está recebendo a energia da bateria. Me dê um minuto que seu carro volta a funcionar e vocês podem seguir viagem — disse olhando para o juiz que ignorou seu sorriso triunfante.

— Isso justificaria o carro ter funcionado tão bem antes e simplesmente parar de repente — disse Gatto.

— A bobina não estar recebendo a energia da bateria significa... — E Carla não entendeu porque ele queria mais esclarecimentos. Não entendeu porque ele ainda queria saber disso. Seria perda de tempo e eles disseram que estavam com pressa. Já disse que tinha encontrado o problema e que a solução era bem rápida. Olhou para o inspetor Gatto que pareceu entender mais do que ela e fez um gesto de que podia explicar.

— Então, Tito... a bobina de ignição é basicamente um condensador de energia. Você entende que o que faz um veículo como esse andar é a combustão entre a mistura de ar quente e combustível?

Ele fez que sim. Parecendo muito interessado. Ela ficou sem graça com a forma que ele a encarava com tanta atenção, mas se sentiu bem por parecer um interesse genuíno.

— Então, a bobina recebe a energia da bateria e transforma em alta-tensão que chega até às velas e produz uma faísca, uma centelha que é responsável pela explosão que faz o motor funcionar e o carro se movimentar. — Ela viu o juiz se aproximar e pediu rapidamente: — Tito, pode desligar o carro, só para eu recolocar a tomada do alternador no lugar?

Ele sorriu e fez o que a moça pediu, esticando a cabeça para o lado de fora do veículo para poder ver Carla de onde estava. Tito viu o inspetor Gatto o olhar de modo divertido e fingiu ignorar que sua artimanha para ter um pouco mais a atenção da moça havia sido descoberta tão facilmente. Ele olhou para o homem mais velho que parou ao seu lado no carro, encostando-se na porta, e esperou o que ele tinha a lhe dizer:

— Agora que Vossa Excelência já terminou de flertar com a mecânica, será que seria pedir demais um pouco de sensatez, considerando que estamos em um ambiente hostil e é minha função garantir a sua segurança?

— Claro. Vamos sim, Noronha. Você só precisa fazer uma coisa antes, por favor.

— Pois não, juiz.

— Ligue o carro, Tito — pediu Carla interrompendo a conversa e voltando a aparecer em seu ângulo de visão.

Tito fez o que ela mandou e sorriu. Não porque o carro voltou a funcionar, mas por ver o sorriso de satisfação no rosto daquela bela moça que o

encantava. Ela trocou algumas palavras com o inspetor Gatto enquanto abaixava o capô.

— O que quer eu faça, Tito? — perguntou-lhe o homem mais velho que não fazia ideia que Carla imaginava que ele era o juiz Timóteo Mascarenhas.

— Quero que aja de forma digna com essa profissional que largou seu trabalho para vir nos prestar assistência. Peça desculpas a ela.

Ele viu o homem inspirar profundamente e, tirando os óculos escuros, perguntou:

— Isso é realmente necessário, *Vossa Excelência*? — perguntou voltando a assumir o tom formal com Tito.

— Sim. Respeito não se impõe, Noronha, se conquista. Você me ensinou isso. Lembra?

— Então, trata-se de uma ordem, juiz Timóteo?

— Não. Trata-se de um pedido. Eu fui criado por um homem que me ensinou a sempre buscar ser justo. Imagina como eu me sinto ao ver esse mesmo homem agindo de forma tão arbitrária com uma moça que não fez nada de errado.

Encararam-se por um tempo, mas Noronha, resignado, seguiu até Carla e estendeu a mão para a moça que levou algum tempo para reagir à mudança repentina daquele homem.

— Eu peço desculpas por ter sido rude com você e agradeço por ter consertado o nosso veículo — disse ele ainda sem esboçar que acreditava em suas próprias palavras.

— Está tudo bem. Errar é humano e isso é o que iguala pessoas como o senhor a pessoas como eu, não é mesmo? — perguntou ela de queixo erguido apertando a mão dele mais do que o necessário e depois soltando rapidamente.

— Não compreendo o que quer dizer — disse insatisfeito por ter que se submeter a se retratar com Carla.

— Eu sou mecânica, também trabalho como faxineira e moro aqui nessa comunidade — disse apontando para o outro lado da rua. — O senhor vem de um mundo muito diferente do meu. O que não me torna menos digna de respeito que o senhor, como insinuou agora há pouco. A resposta à sua pergunta é *sim*. Minha mãe me deu educação, mas ela também me ensinou que onde termina o meu direito começa o do outro. Cada um é doutor na sua profissão e eu vejo o senhor como um igual. Um ser humano igual a mim. Passível de cometer erros — disse lhe dando as costas e, pegando sua caixa de ferramentas do chão, foi até Tito que havia saído do carro e ouvia a conversa impressionado com aquela moça que foi uma das poucas pessoas que viu em toda a sua vida

deixar seu pai sem palavras.

— Já me despedi do inspetor Gatto e expliquei que seguindo em linha reta vocês chegarão à Avenida Brasil que é outra reta para o centro da cidade. Boa sorte, Tito. Espero que tudo corra bem no julgamento — disse ela estendendo a mão em despedida.

— Graças a você vai correr tudo bem, Carla. Graças ao seu trabalho. Somos todos muito gratos por sua ajuda — disse ele retendo a mão dela mais tempo que o necessário.

— Preciso ir agora — disse ela puxando gentilmente a mão, mas logo sentindo o toque dele em seu braço.

— Quanto custou o serviço? Eu ainda não te paguei — disse ele sorrindo.

— Já pagou, sim — disse olhando para Noronha que conversava com os agentes para reassumirem seus lugares dentro dos veículos junto com os membros da promotoria que preferiram se manter no interior do carro ao saber onde ele tinha quebrado. — Aquele pedido de desculpas foi o melhor pagamento que eu poderia receber. Obrigada, Tito. Não sei o que disse para fazê-lo se desculpar, mas significou muito para mim. Aquele juiz Timóteo com certeza é um dos homens mais odiosos que já tive o desprazer de conhecer.

Ela o viu franzir a testa, mas não voltou atrás no que disse.

— Na verdade, o Timóteo é uma pessoa boa. Gosto de pensar que ele é um homem de bom coração. Com certeza, você o impressionou. Disso não tenha dúvidas. — E mudando de assunto antes que ela respondesse disse: — Eu gostaria de poder vê-la novamente um dia, Carla.

Ela sorriu para ele e disse:

— Já sabe onde eu trabalho. Só não aparece vestido assim, não — disse ela. — É para o seu bem que digo isso.

— Então, façamos assim. Vou deixar o meu cartão, com o número do meu celular, e você pode me ligar também quando quiser. Somente pessoas da minha confiança tem esse contato, pois é meu número particular.

Ela percebeu que os outros homens esperavam por ele para partirem e, então, Carla apenas assentiu com um sorriso tímido e atravessou a rua. Tinha muito trabalho pela frente e queria terminar logo, pois no dia seguinte teria uma entrevista de emprego no novo prédio da Construtora Albertine. Graças a santa da D. Raquel que sempre vinha em seu socorro, pensou Carla. Precisava muito desse emprego. O plano de saúde dos funcionários era estendido aos familiares e, assim, finalmente, seu pai receberia o tratamento médico adequado. Apesar de precisar de dinheiro para o aluguel e as despesas da casa, não podia aceitar o dinheiro de Tito, porque o carro não tinha nada de errado. Por isso, recusou a

oferta. Chegando à oficina, agradeceu ao policial que ficou lá cuidando de tudo e disse que os outros esperavam por ele para partir.

Voltou ao trabalho, se sentindo mais animada depois de conhecer Tito, mas tratou de se concentrar naquele carro que precisava terminar o orçamento. Horas depois, seu chefe voltava para a oficina alegando que foi apenas mais um alarme falso. Não seria naquele dia que seu segundo filho nasceria. Carla, vendo a expressão cansada do chefe, decidiu não contar o que aconteceu horas atrás, enquanto ele estava com a esposa na maternidade. Entregou as chaves e o orçamento do seu serviço e foi para casa escolher sua melhor roupa para a entrevista do dia seguinte.

Viu vários foliões fantasiados pelas ruas e por isso nem se deu ao trabalho de trocar de roupa. Afinal, nunca foi segredo para seus vizinhos que ela gostava de mexer com carros. Chegando em casa, percebeu que seu pai e seu sobrinho jantavam na cozinha e os cumprimentou sorrindo. Beijou seu pai que sorriu e deu-lhe a benção, mas ao se aproximar do menino, viu o sobrinho se afastar rejeitando o contato.

— Tia, não encosta em mim! A senhora deve estar toda suja de graxa e suada. Eu acabei de me arrumar para ir para Copacabana. Daqui a pouco a tia Olívia vem me buscar para eu dormir na casa dela. Ninguém vai querer brincar comigo se eu ficar cheirando como a senhora.

— Kionã, não fale desse jeito com sua tia! Que falta de respeito! Sua tia faz tudo para te dar o melhor que pode. Eu vou te proibir de ir para...

— Pai, deixa para lá. Está tudo bem. Preciso mesmo de um banho, mas antes vou ver o Nikki Lauda.

Carla sorriu para o pai tentando disfarçar que sentia falta de Kionã se referir a ela com carinho e entusiasmo como quando era menor. Aos nove anos, ela não conseguia mais espaço na vida dele. Estudar em uma escola em tempo integral era bom porque a permitia trabalhar despreocupada sabendo que ele estava aprendendo algo proveitoso e que estava seguro. Muitos meninos da idade dele já estavam envolvidos com a vida de crimes e ela fazia tudo o que podia para que Kionã não tivesse tal destino. As notas do menino eram altíssimas. Como o pai, que também sempre foi um dos melhores alunos da sua turma, seu sobrinho também era muito inteligente. Ela sentia muito orgulho do sobrinho. Via muito de seu irmão em seus traços.

Veio então a lembrança:

— Kionã, no sábado vamos visitar seu pai. Então, volte na sexta-feira. Já faz dois sábados que você não me acompanha nas visitas. Seu pai sente sua falta, meu amor.

Ela viu o menino fechar o cenho, olhar para o avô e apenas assentir

com a cabeça.

Carla foi para os fundos da casa, colocou capim, ração e água para o cavalo que sacudiu a crina e relinchou satisfeito quando ela começou a escovar seu pelo.

— Gosta disso, né, garoto? Quem não gosta de carinho? — Ela pensou consigo mesma. Enquanto escovava o animal, contou um pouco como foi seu dia. Ela tinha esse hábito de fazê-lo de seu confidente há anos. O cavalo era um bom ouvinte e, às vezes, era tudo que ela precisava. Contou sobre Tito e ao mencioná-lo se lembrou do cartão que ele lhe entregou. Depois de lavar as mãos na pia ao lado do tanquinho de roupas, pegou o papel com o selo da Justiça Federal e leu:

Juiz Federal Timóteo Mascarenhas Noronha

— Juiz Timóteo? Será que ele me deu o cartão errado por engano?
— De repente ela lembrou das palavras de Tito ao se despedirem:

— *“Esse é meu número particular, então somente pessoas de minha confiança tem esse número.”*

— Tito... Timóteo... O Tito é o juiz? — Foi assim que Carla constatou sua confusão.

Capítulo 2

DANTE ALBERTINE

Na sala de reuniões da presidência da Albertine Construções, localizada no último andar de um prédio histórico na Urca, Zona Sul do Rio de Janeiro, Dante Albertine observava as expressões dos demais acionistas que pareciam entediados com aquela reunião. Ele não entendia como o grave acidente envolvendo um de seus funcionários parecia ser algo tão menor para aquelas pessoas do que uma viagem ou ir pular o carnaval. Percebeu que alguns disfarçadamente checavam seus celulares, ignorando o relato sobre o acidente divulgado amplamente nos noticiários. As imagens do projetor de alta resolução apresentavam as repercussões, no mercado financeiro, do que ocorreu, como a queda de dois pontos percentuais das ações da Albertine Construções na BOVESPA. Um índice nunca registrado na companhia, que apenas cresceu desde sua criação e, à medida que essa expansão progressiva acontecia, a construtora também se diversificava no mercado financeiro. A mídia fazia plantão nas vias de acesso à casa de Dante e também de Máximo e outros acionistas minoritários que, somadas, as ações não alcançam trinta por cento.

Felizmente, seu sócio Máximo e Valdelice, sua assistente e amiga de quase duas décadas, demonstravam empatia quanto ao grave acidente e suas consequências. Um homem lutava por sua vida em um leito de hospital e Dante se culpava por isso. Aquele foi o primeiro acidente com risco de morte em sua empresa e há três dias ele não conciliava o sono pensando a respeito. Agora, outros entraves surgiram que poderiam resultar em um embargo da prefeitura. Ele faria pessoalmente a vistoria nas instalações do novo prédio. Os riscos apresentados no relatório do Corpo de Bombeiros precisavam ser apurados.

— O projeto das novas instalações da empresa está de acordo com

as normas exigidas pela prefeitura, Dante — disse o homem calvo esfregando as mãos nos olhos após quatro horas ininterruptas revisando plantas e croquis da obra com previsão de inauguração dentro de dois meses. — O conselho está cansado. Esta reunião extraordinária foi convocada no meio do feriado de carnaval. Seja mais flexível. Todos aqui têm planos para esse feriado.

— Apenas cumprir o que é estritamente exigido pela prefeitura nunca foi o parâmetro que norteou a empresa. Temos ainda seis pendências para discutirmos, Omar, e até encontrarmos soluções para todas elas, ficaremos aqui.

Dante Albertine olhou para as oito pessoas sentadas naquela mesa e afirmou tranquilamente:

— A pauta é urgente e a reputação da companhia sofreu um grave abalo após essa sequência de erros. Mas, acima de tudo isso, um funcionário está gravemente ferido por negligência nossa. Quem desejar sair, fique à vontade, uma vez que vai constar em ata que foi decisão do próprio acionista abster-se das decisões que serão tomadas a seguir — disse ele sem nem ao menos levantar a vista para responder a Omar Riod, sócio detentor de seis por cento das ações da construtora. — Só devo lembrá-los que as decisões do conselho são soberanas e irrevogáveis e que, de acordo com o estatuto da empresa, com um *quórum* mínimo de dois membros a reunião pode prosseguir.

— Dante, você precisa entender que não há o que ser feito. Acidentes acontecem. Além disso, a Albertine Construções arcará com todas as despesas e custos do tratamento, se o operário sobreviver. O homem assumiu os riscos ao subir naquele andaime sem os equipamentos de segurança exigidos — disse um dos executivos que aparentemente não tinha trinta anos ainda e que falava acariciando a própria barba. — Essa pauta é simples desperdício de tempo. Provavelmente o pior vai acontecer com aquele pobre coitado, só teremos que pagar uma indenização e tudo se resolverá dessa maneira. Mas para uma construtora como a Albertine não serão mais que alguns trocados. Não temos como reverter o que houve e...

Uma batida forte na mesa fez todos se voltarem para a outra ponta da mesa de reuniões. A expressão de Máximo Kobayashi era de pura revolta olhando para Rocco.

— Rocco, por acaso, tem noção do que acaba de dizer? — Dante e Máximo viam o jovem acionista como a imaturidade em pessoa. Ficaram apreensivos quando Rocco decidiu assumir o lugar do pai e passou a participar das deliberações do conselho diretor da construtora.

— Sei exatamente o que eu disse e a maioria dos acionistas sentados nesta mesa pensam da mesma forma. Estamos perdendo nosso tempo aqui.

Contrariado, Máximo Kobayashi, vice-presidente da construtora,

levantou-se, caminhou até o homem do outro lado da mesa e, tomando o celular de sua mão, confirmou o motivo de tanto descaso com a vida alheia. E, encarando o jovem acionista, prosseguiu: — Deixe eu esclarecer o motivo de estarmos aqui, Rocco. Acho que não está conseguindo assimilar a gravidade desse acidente e as implicações do que houve. — Máximo viu o sorriso desdenhoso no rosto de Rocco e cerrou os punhos para não o agredir ali mesmo. — Um de nossos funcionários sofreu fraturas expostas múltiplas e está respirando com o auxílio de aparelhos. Um vergalhão perfurou seu pulmão esquerdo. Os médicos disseram que foi um milagre ele ter sobrevivido a uma queda de quatro andares — enfatizou Máximo que apertava o lápis entre os dedos das mãos, imaginando que era o pescoço de Rocco Torres. Há um ano, o jovem de vinte e sete anos herdou, com a morte do pai, doze por cento das ações da Albertine Construções.

— Ele está recebendo o melhor tratamento possível. Meu pai foi atendido naquele hospital em Ipanema quando enfartou. Se esse operário estivesse na fila do SUS, teria sido enterrado no mesmo dia do acidente — disse Rocco enquanto pegava de volta o *iPhone* deixado sobre a mesa. Sorrindo ao ver as fotos mais recentes do desfile de carnaval nas redes sociais, ele continuou com seu habitual ar de pouco-caso: — Pelo que vejo, esse operário saiu no lucro. Aquele hospital deve estar parecendo um hotel cinco estrelas para a família daquele Zé Ninguém. Essa que é a verdade.

— Ora, seu...

— Máximo. — Dante interveio para evitar que o amigo ultrapassasse os limites da racionalidade. Concordava com ele, mas precisava analisar a situação com imparcialidade. — O conselho dá voz a todos os acionistas. Todos. Rocco tem o direito de se colocar. — E virando-se para os outros membros sentados à mesa perguntou: — Mais alguém deseja manifestar sua opinião a respeito?

Máximo apenas assentiu, após trocar um breve olhar com Dante, percebendo sua intenção de apaziguar os ânimos. A lembrança do que aconteceu sempre deixava Máximo tenso. Ele estava chegando à obra da nova sede da construtora, no bairro do Flamengo, quando viu um grande alvoroço e corre-corre incomum de funcionários. Foi quando soube que um dos operários sofreu um grave acidente. Ele fez questão de acompanhar o funcionário na ambulância até o hospital e as lembranças de todo aquele sangue o assombravam naqueles dois últimos dias. Foi conversando com o funcionário, embora ele estivesse inconsciente. Queria que ele soubesse que havia alguém ali ao seu lado. Que não estava sozinho.

— Eu concordo com o Omar. Não acho justo perdermos um dia

inteiro aqui — endossou a mulher ruiva sentada ao lado direito do presidente da companhia. — Já tive que adiar minha viagem para Nova York e passagens aéreas de 1ª classe não são reembolsáveis nessa época do ano. O destino desse homem está nas mãos de Deus.

— Marcela, todos gostaríamos de estar aproveitando o feriado de carnaval. Creio que até mesmo o operário que se acidentou. A propósito o nome “desse homem” é Pablo de Souza Viana. Ele trabalha para a Albertine Construções desde que esta empresa ainda era uma pequena empreiteira. É um funcionário assíduo e pontual. Ele é viúvo e pai de duas adolescentes que também prefeririam passar o carnaval em Nova York ao invés dos corredores de um hospital, mas há pessoas que não se importam com as consequências de seus atos.

— Valdelice, você não passa de uma secretária. Restrinja-se a registrar em ata o que for dito aqui — disse Marcela sem ao menos olhar para a mulher negra sentada ao lado de Dante Albertine.

Foram raras as ocasiões que Máximo viu Dante se exaltar, mais raras ainda as ocasiões em que o viu sorrir. O autocontrole do sócio em situações de crise era tão admirável quanto seu senso prático. Muitos o julgavam um homem frio e desprovido de emoções por essa razão. Parecia que nada o afetava, porém, destratar Valdelice era comprar briga com o presidente da companhia. Ela conhecia como poucos toda a estrutura e política empresarial da construtora, pois estava lá desde sua criação. Ela tinha a total confiança de Dante Albertine. Era seu braço direito e o esquerdo também em questões administrativas, como Máximo era em relação aos projetos. A relação deles ia muito além de chefe e secretária. Dante a admirava e o mais importante: ela era uma das poucas pessoas capazes de fazê-lo voltar atrás em uma decisão. Dante respeitava muito a opinião de Valdelice que sempre se manteve fiel e incorruptível em quase vinte anos de convivência.

Máximo olhou a expressão impassível de Dante Albertine que ouvia e observava as reações de todos ao que era dito. Ele sentiu vontade de rir imaginando o que viria a seguir. Como todos, gostaria de estar aproveitando o feriado de carnaval. Ele, inclusive, tinha um encontro marcado com uma modelo em um camarote do Sambódromo em menos de uma hora, mas tanto para ele como para Dante, o dever sempre vinha primeiro.

— Parece até que você está insinuando que a culpa é minha, Valdelice. — Voltou-se a ruiva para a senhora que sempre tinha um sorriso plácido no rosto. — Reitero que sua tarefa aqui é apenas registrar em ata as decisões deste conselho. Guarde sua opinião para você mesma. Temos os melhores engenheiros sentados nesta mesa. Garanto que encontraremos uma

solução sem a ajuda de uma secretária. Você tem prazer de me atacar sempre que a oportunidade surge, não é isso? Seja direta de uma vez.

— Não. Acho que ninguém está há mais de quatro horas nesta sala para apontar os erros dos outros. Buscamos soluções para que o que aconteceu com Pablo não se repita.

— Pare com seu joguinho, pois todos sabem que você se candidatou ao meu cargo. Deve estar achando isso uma oportunidade para pôr em prática o que aprendeu nesse cursinho noturno que fez. Sinto lhe informar que ele não a torna qualificada para ser diretora de RH de uma das mais conceituadas e bem-sucedidas construtoras do país, Valdelice. Não sonhe tão alto. A queda pode ser bem feia.

Valdelice olhou para Dante que apenas fez um gesto afirmativo com a cabeça para ela. Outra qualidade da secretária que ele admirava era sua perspicácia.

Máximo sorriu ao notar a troca de olhares entre Dante e Valdelice. Pelo menos, poderia se divertir um pouco, pensou. Ele conhecia bem a cumplicidade dos dois e sabia o que esperar daquela mensagem silenciosa.

— Marcela, antes de mais nada, devo te esclarecer que o significado de *interino* é transitório, provisório. Desse modo, o cargo não é seu. Você o está ocupando até que a presidência faça a escolha do substituto que julgar mais adequado para a função.

— Eu sei o que significa.

— Que bom que sabe, querida — disse Valdelice com um plácido sorriso no rosto. — Eu apenas queria me assegurar que foi um de seus desencontros com a gramática que fez com que se expressasse de forma equivocada e não a presunção de que o cargo de diretora do RH já é seu.

— *Toma!* — O espirro teatral e sonoro de Máximo foi compreendido por todos. Máximo fingiu pegar um lenço de papel sobre a mesa e levá-lo ao nariz com a expressão divertida e debochada, o que deixou Marcela ainda mais aborrecida.

— Estamos fugindo da pauta, Marcela. Não atrase ainda mais essa reunião — reclamou Rocco.

— Está enganado, Rocco. A gestão do RH é um dos pontos de pauta dessa reunião extraordinária e como sou diretamente implicada na questão, acredito que não estou me desviando do assunto — disse Marcela encarando Valdelice com desdém. — Você se candidatou à função. Nem vou entrar no mérito do que eu penso e acho que os outros acionistas devem querer saber se você acha mesmo que tem competência para assumir o meu cargo — disse ela de modo a subjugar a mulher mais velha sentada à sua frente. — Quero que me diga

por que acha que eu tenho alguma responsabilidade no acidente.

— Bem, você é a chefe *interina* do RH desde a aposentadoria do Sr. Júlio Colares — enfatizou a palavra mais uma vez. — Acredito que tenha sido o excesso de trabalho que fez você aprovar as férias simultâneas de cinco dos seis técnicos de segurança do trabalho para o período do carnaval. O único que estava no local não tinha como supervisionar a obra em todos os andares.

— Do que você está falando? Eu jamais faria tal coisa.

Valdelice empurrou o jornal da empresa onde, dentre outras informações, estava a relação de funcionários de férias naquela quinzena.

— É o que diz aqui.

— Eu não... deve ter sido um erro de digitação dos meus subordinados. Devem ter deixado uma dessas estagiárias aprendizes atualizar o banco de dados. Eu... eu vou averiguar. Retornemos à ordem da pauta — disse ela tirando os holofotes de si.

— Vou confirmar a informação para saber quais medidas tomar, Marcela. A polícia está verificando se realmente houve negligência do funcionário ou se foi o equipamento que não estava em perfeitas condições. Não vou isentar a Albertine Construções de sua parcela de culpa, mas se, de fato, isso for constatado, você receberá sua cota de responsabilidade — disse Dante encarando Marcela seriamente.

A reunião prosseguiu e só terminou duas horas depois, quando foram interrompidos por uma batida na porta.

— Desculpe interromper a reunião, mas é um problema urgente de última hora, senhores — disse Susana, a secretária de Máximo, entregando a ele um envelope e aguardando poucos passos atrás.

— Pois era só o que faltava — disse ele ao terminar de ler e, voltando-se para os outros membros, disse: — Os funcionários planejam cruzar os braços após o almoço.

— Informaram sob qual justificativa?

— Não, Sr. Albertine.

— Deve ser por conta do acidente. Vou até lá e retorno com notícias — disse Marcela ainda pensando em pegar o último voo daquele dia para Nova York. — Prossigam com a discussão do último ponto de pauta.

— Estou de acordo. Se o conselho endossar e justificar sua saída, acredito que esse contratempo pode ser uma ótima oportunidade para avaliarmos seu desempenho. Concorde?

Marcela se posicionou defensivamente e disse:

— Eu não me oponho se é o que quer saber. Sou a escolha lógica para o cargo. Todos sabem disso. Além de ter formação acadêmica em uma

universidade de prestígio, eu sou fluente em cinco idiomas e conheço intimamente a rotina do setor. Para mostrar que me sinto segura quanto a isso, faço uma moção ao conselho para que a secretária Valdelice também seja avaliada. Assim, não haverá no futuro nenhuma possibilidade de ela argumentar que foi dado um tratamento desigual e que não pôde mostrar seu valor.

Aquela oferta surpreendeu quase todos os presentes, até mesmo a própria Valdelice, mas Dante sabia que a intenção de Marcela era mostrar que Valdelice não era adequada para a função. Recriminou-se por ele mesmo não ter pensado nessa ideia antes. Sabia exatamente com quem trabalhou por quase vinte anos consecutivos. Se pudesse escolher uma palavra para definir o trabalho de Valdelice, seria eficiência.

— Agradeço por sua gentileza, Marcela — disse Valdelice com o mesmo sorriso plácido de antes e realmente satisfeita com a oportunidade.

Na ausência delas, foi decidido que Máximo acompanharia o auditor-fiscal do trabalho que visitaria as novas instalações logo após o feriado. Fernandes propôs visitas surpresas aos seis canteiros de obras que a Albertine gerenciava naquele período. Funcionários qualificados observariam o atendimento às normas de segurança do trabalho e canalizariam com advertências aqueles que não estivessem cumprindo as orientações.

Vinte minutos depois, Marcela retornou trazendo as informações que obteve com a sua equipe.

— Então, senhores, uma greve de ônibus, de linhas que vem da Baixada Fluminense, foi deflagrada e vinte por cento dos peões dos canteiros de obras residem nessa região. Precisaremos parar dois canteiros de obra durante o feriado por essa razão. Os funcionários pretendem cruzar os braços se for decidido pela compensação de horas extras para o cumprimento do prazo — disse ela com um sorriso triunfante.

— Marcela, e quais empresas de ônibus estão aderindo à greve? — perguntou Dante sem tirar os olhos dos balancetes que mostrava para Fernandes.

— Não sei. Vou verificar — disse tentando parecer solícita, mas já irritada com a situação. Assim, ela saiu novamente da sala e foi averiguar a informação.

Retornou após alguns minutos com as linhas anotadas no papel.

— Na verdade, um dos meus funcionários fez uma confusão e me passou as informações desencontradas. Serão quatro linhas de ônibus da Zona Oeste do Rio de Janeiro que farão greve e não os da Baixada Fluminense. — Em seguida, ela informou as quatro linhas que iriam aderir à greve.

— Marcela, o Joca, que é o representante sindical, fez alguma proposta? — perguntou Máximo que já entendia o que Dante tinha em mente ao

perguntar sobre as linhas.

— Não falei com nenhum deles, Max. Apenas com a equipe do RH. Não julguei necessário.

— Poderia verificar, por favor?

Assim, ela saiu mais uma vez e retornou com a informação de que muitos têm viagens agendadas e não estão dispostos a fazer hora extra.

— Agora que o prazo de entrega da obra não será cumprido mesmo. A construtora que é reconhecida por entregar obras dentro do prazo não conseguirá concluir a obra de sua própria sede como estimava. Que ironia — disse Rocco rindo, enquanto percorria imagens no seu Instagram.

— Além das horas extras, você propôs algum benefício adicional para os funcionários que puderem colaborar? — perguntou Fernandes, que parecia discordar da forma como Marcela conduziu a negociação.

— Não.

— Por quê? — insistiu o acionista.

— Pelo simples fato de que se cedermos tanto assim nos tornaremos reféns dessa gente. Minha sugestão é intimá-los. Os que se recusarem podem receber um registro no histórico de trabalho. Aqueles que já tiverem uma anotação, terão seus registros desligados e servirão de exemplo para os outros que não acatarem uma ordem direta.

Nesse momento, Valdelice retornava à sala de reuniões.

— Pensei que tivesse se perdido — disse Marcela sarcasticamente. — Onde estava? Esqueceu onde fica a sala do RH?

Valdelice, com toda sabedoria que a maturidade lhe proporcionou, exibiu seu sorriso habitual e depois se posicionou na sala de modo a não dar as costas para ninguém, inclusive Marcela.

O simples fato de não conseguir afetar a serenidade de Valdelice já irritava a ruiva.

— Eu fui conversar com meus colegas de trabalho e saber o que estava acontecendo, Marcela. O RH está no andar de baixo, mas a equipe de Logística e Construção que não está nos canteiros concentra-se no térreo, aguardando o posicionamento da empresa, como sempre faz em situações como essa. — E voltando-se para os outros membros do conselho disse: — Houve uma paralisação de 72 horas em quatro linhas da Zona Oeste e uma da Zona Norte. Os funcionários já haviam se mobilizado e apresentaram uma relação dos trabalhadores que não conseguiriam vir para o trabalho. Um total de 32 funcionários. Conversei com a equipe e eles podem disponibilizar dois micro-ônibus e seus motoristas para buscar os funcionários apenas no primeiro dia, pois já realizam seis rotas diárias para atender as funcionárias com os filhos que

ficam na nossa creche. Como restariam mais dois dias de greve de ônibus, fizemos um esboço de possíveis substituições e os funcionários que estão de férias concordaram em retornar sob a condição de poderem gozar o dobro desses dias em outro período. Recorremos principalmente aos funcionários que poderão vir de trem ou de metrô e poderão chegar sem dificuldades. Como um bônus para todos os funcionários nos canteiros de obras e aqui na sede, propus que escolhessem os cardápios desses três dias entre as opções mais pedidas do ano passado e eles já fizeram suas escolhas. Demorei um pouco mais, pois entrei em contato com o hospital para saber do quadro clínico do funcionário Pablo, pois os colegas não conseguiram visitá-lo. Fui informada que ele ainda inspira muitos cuidados, contudo o médico do plantão se mostrou otimista quanto a evolução do quadro clínico nesses dois dias e aos exames realizados. Além disso, três funcionárias pediram para conversar em particular sobre a confirmação da licença-maternidade a partir da próxima semana. Provavelmente, a diretora *interina* do RH já deve estar a par — disse de forma transparente e sem ironia em seu tom de voz. — Duas dessas funcionárias são da equipe de limpeza deste andar onde também fica a presidência e uma do terceiro andar. Assim, precisaremos contratar, talvez em caráter emergencial, três auxiliares de serviços gerais.

Marcela estava vermelha como um tomate e nem conseguiu estruturar uma frase para argumentar a seu favor.

— Então, acho que o cursinho noturno nos valeu mais que a fluência em cinco idiomas e o conhecimento da rotina administrativa do RH, senhores membros do conselho — disse Dante levantando a vista e olhando para Marcela e Valdelice. — Esta empresa valoriza a mútua cooperação. Cada funcionário faz parte da engrenagem que move a Albertine Construções. Penalizar os empregados dando advertências ou os demitindo por não aceitarem frustrar seus planos para o feriado de carnaval não seria justo. Mesmo que eles não tenham se programaram para ir a Nova York, é escolha deles decidir o que fazer em seu tempo livre. O que você sugeriu vai contra as premissas de valorização do funcionário dessa companhia. Um funcionário que se sente valorizado e que sabe que seus pleitos serão ouvidos trabalha mais satisfeito e se identifica com a instituição onde trabalha, Marcela. *Você não* mostrou nenhuma iniciativa para buscar uma solução para esse problema. *Você não* ouviu aqueles que estavam envolvidos diretamente no problema. *Você não* fez nada além de mandar que seus subordinados trabalhassem em seu lugar e reunissem alguns dados. Há uma grande diferença entre delegar tarefas e fazer com que os outros trabalhem em seu lugar. Um líder sabe qual é essa diferença e faz com que as pessoas trabalhem com ele e não para ele. Quanto ao cargo, se pensarmos que o

Departamento se chama Recursos Humanos, não vejo lógica da diretora desse setor tratar seus subordinados de forma desumana, os forçando a uma dupla jornada de trabalho.

E voltando-se para Valdelice disse:

— Ser proativo significa se antecipar aos problemas. Pensar em substitutas para as funcionárias da limpeza que entrarão em licença-maternidade é ser proativa. Ter a sensibilidade de permitir que os funcionários tenham o direito de escolher o cardápio das refeições como uma forma de agradecimento é valorizar o empenho deles em colaborar com a nossa empresa. Saber o nome do primeiro funcionário a sofrer um grave acidente em nossa empresa e se preocupar em compartilhar com seus pares seu quadro clínico é ser *humano*. Lembrem que a Valdelice disse que o Pablo tem duas filhas adolescentes e que elas já não têm mais a figura materna? Pois bem. Adivinhem na casa de quem essas meninas estão dormindo? Eu respondo. Na casa da nossa nova diretora de Recursos Humanos. Simplesmente a profissional mais humana não somente desta sala, mas de toda esta empresa.

— Eu... vou ser...

— Sim. Ela será sua chefe. Você retornará ao seu cargo anterior, mas se isso não atender aos seus interesses, nós aguardaremos sua carta de demissão. A reunião está encerrada. Eu tenho um compromisso e creio que todos aqui querem seguir suas programações para o feriado.

Valdelice nem percebeu as lágrimas escorrendo por seu rosto quando os membros do conselho a aplaudiram de pé, com exceção de Rocco Torres, ainda entretido em ver as musas do carnaval nas redes sociais. Dante Albertine aproximou-se dela, deu-lhe um beijo no rosto e a abraçou com gentileza.

— Eu já deveria ter feito isso há muito tempo, mas fui egoísta pensando em como iria me virar sem meu braço direito que também é meu braço esquerdo. Me desculpe por isso. Peço que assuma uma última tarefa ainda como minha assistente: escolha a sua substituta para trabalhar ao meu lado. Só confio em você para isso.

— Será um prazer, Dante — disse ela. — Obrigada por acreditar em...

— Não me agradeça. Eu tive e tenho sorte de ter você trabalhando aqui. Sei que sem sua ajuda essa empresa não teria crescido tanto e se tornado o que é hoje.

— Minha vez de tirar uma casquinha dessa preta linda — disse Máximo em seu habitual tom mulherengo, sem se importar com a cara feia que Marcela fez ao sair da sala de reuniões pisando duro.

Depois das felicitações à Valdelice, algumas sinceras, outras nem tanto, encerrada a reunião, a sala ficou vazia em minutos. Todos muito interessados em aproveitar o feriado, com exceção de Dante que tinha planos de rever as plantas com atenção, mas antes queria ir ao hospital saber pessoalmente como estava seu funcionário. Após o acidente, a mídia voltou a atenção para ele e começavam a invadir sua privacidade ao ponto de incomodá-lo. Geralmente se mantinham a distância fazendo especulações sobre sua vida privada e de sua descrição em seus envolvimento afetivos. Marcela entrou em seu carro e ficou lá dentro rememorando os últimos acontecimentos. Poucos minutos depois, viu Dante entrar no carro e logo sair do estacionamento subterrâneo. Em seu íntimo, maior que a humilhação que Marcela sentia era o desejo de fazê-lo pagar por expô-la daquela forma na frente do conselho diretor da Albertine Construções que ela integrava, embora com apenas cinco por cento das ações.

Dentro de seu carro luxuoso, ouvindo apenas o som de seus soluços e sentindo o gosto salgado das lágrimas que desciam por seu rosto, Marcela fez uma promessa a si mesma: Valdelice e Dante saberiam exatamente como ela estava se sentindo naquele momento. Ela garantiria que fosse assim.

Capítulo 3



O QUE O DINHEIRO PODE COMPRAR

Carla nem fez menção de olhar para o relógio. Da última vez que consultou as horas, viu que já passava das dezenove horas. Assim que a secretária anunciou seu nome, Carla caminhou a passos decididos rumo à sala indicada, após se despedir de Vivian, uma moça alta e de traços delicados que disse também aguardar sua vez de ser entrevistada. Apesar de não parecer ter o perfil de alguém acostumado com trabalho pesado, foi a única que conversou com Carla sem olhá-la como uma concorrente ou praticamente sua inimiga na disputa por uma vaga de emprego. Carla sabia que além das vagas de auxiliar de serviços gerais, alguns homens aguardavam sua vez para serem entrevistados para a função de motorista. Contou todas as moças que foram chamadas à sua frente: dezessete.

Mantinha na mão esquerda o broche azul que sempre levava consigo para onde quer que fosse. Foi o último presente de sua falecida mãe e carregá-lo consigo era uma forma de senti-la por perto e a ajudava a se acalmar em situações de estresse como aquela entrevista de emprego. Cinco horas de espera, mas sua vez, enfim, chegou. Carla entrou e cumprimentou a mulher que usava um vestido sóbrio, mas de corte elegante, que estava sentada atrás de uma grande mesa de vidro. A senhora estava ao telefone e fez um gesto para que se sentasse.

— Peço que aguarde alguns minutos. Estou em uma ligação importante.

Carla sorriu e assentiu afirmativamente com a cabeça. Embora não intencionalmente, fez uma varredura com os olhos e leu o nome na plaquinha que reluzia sobre a mesa:

Valdelice da Silva — Diretora de Recursos Humanos.

Algo muito característico sobre Carla era o fato dela ser muito atenta a detalhes e isso sempre a beneficiou nos estudos e em muitas outras situações. Não era algo premeditado. Acontecia naturalmente. Sua memória registrava tudo muito rapidamente. Seu cérebro facilmente processava e relacionava fatos objetivos com outros subjetivos e quase sempre precisava de poucos minutos para identificar o perfil das pessoas com quem conversava. O tom de voz, a linguagem corporal, mas, principalmente, o olhar das pessoas eram como um manual para ela. Um manual que lhe indicava claramente o que esperar e o que não esperar de cada pessoa que a vida colocava em seu caminho. Enquanto a mulher conversava com alguém pelo celular com aquela voz serena já há cerca de cinco minutos, Carla, discretamente, olhou ao redor, pois o amplo escritório, no quinto andar daquele prédio na Zona Sul do Rio de Janeiro, era belíssimo.

A decoração denotava bom gosto e, ao mesmo tempo, era perceptível que era um ambiente predominantemente feminino e que prezava o equilíbrio, pela forma harmoniosa da distribuição dos móveis e dos tons escolhidos para as paredes e pinturas que tornavam o ambiente não só profissional, como acolhedor também. Carla não teve como não notar as fotografias distribuídas sobre a mesa. Via-se nos porta-retratos uma família grande. Três meninas e um menino, sob o olhar zeloso da mãe e de um homem que parecia orgulhoso da família que tinha. Ele era branco e seu rosto pareceu familiar, mas Carla não se deteve ao fato. Observou nas meninas, de tranças ou de cachos soltos, traços do pai e da mãe e a miscigenação presente no tom de pele, algo que não notou no menino. Novamente, a sensação de familiaridade a alcançou. Aquele menino tinha um sorriso que Carla podia jurar já ter visto antes. Todos sorriam para a mãe quase em devoção e ela sorria da mesma forma nas fotos tiradas em momentos divertidos em família.

Carla lembrou-se de sua própria mãe que era igualmente carinhosa. Ela percebeu que a diretora aparentava bem menos idade nas fotos. Provavelmente, todas as quatro crianças que abraçavam a mãe e o pai já eram adultas hoje. Em uma outra foto, ela aparecia mais jovem ainda ao lado de um homem branco em uma discreta cerimônia trocando alianças.

Percebendo que a diretora encerrava a ligação e voltava sua atenção para ela, Carla fez o mesmo.

— Peço desculpas por atender a essa chamada antes de sua entrevista. Como eu disse, era uma ligação importante.

— Não se desculpe. Está tudo bem, D. Valdelice. Não tenho pressa alguma — disse Carla sorrindo.

Valdelice sorriu de volta. Ela segurava a ficha preenchida por Carla e, depois de uma rápida leitura, fez uma série de perguntas sobre suas experiências profissionais anteriores. Carla segurava o broche azul firme entre os dedos e respondeu a tudo que lhe foi perguntado. Deixando claro que nunca teve um emprego formal com registro antes.

— Compreende que se trata de um emprego temporário como auxiliar de serviços gerais, Carla?

— Sim, D. Valdelice. Eu compreendi e trabalho duro não me intimida. Essa entrevista foi uma surpresa maravilhosa e garanto que essa oportunidade é muito valiosa para mim. Eu comecei a trabalhar cedo e agradeço muito a senhora ter considerado a indicação da D. Raquel.

— Geralmente, a Albertine Construções entrevista apenas as candidatas enviadas pela agência de empregos que contratamos, mas Raquel é uma amiga de longa data e me disse que você trabalha como diarista na casa dela há cinco anos e nunca se atrasou sequer uma vez nesse período. Porém, Carla, há algo que me deixa apreensiva quanto a contratá-la... — O olhar de Valdelice repousou na moça à sua frente vestida de forma modesta e que parecia realmente desejar aquele emprego.

Carla respirou fundo. Já ouviu tantas vezes aquele discurso. Tudo parecia bem até vir aquele “porém”. Imaginava que o fato de seu irmão ter sido condenado por roubo e estar preso há quase seis anos seria um estigma que a acompanharia aonde quer que fosse; sempre a impedindo de conseguir um emprego de carteira assinada. *Plano de saúde familiar*. Foram as três palavras determinantes para Carla desejar tanto aquele emprego. Às cinco da manhã já estava acordada. Pensou em sua mãe e em como um plano de saúde poderia ter evitado o diagnóstico errado que fez com que ela partisse tão precocemente. Sentia tanto a falta de D. Miriam. Tentava mantê-la viva em seu coração e agarrava-se aos seus conselhos como uma forma de senti-la presente em momentos como aquele. Carla se ajoelhou ao lado de sua cama, enquanto seu pai e seu sobrinho ainda estavam dormindo e pediu a Deus por aquele emprego. A saúde de seu pai estava cada vez mais debilitada. Quando a mãe de sua amiga Olívia contou que conseguiu uma entrevista para ela em uma das maiores construtoras do país, Carla mal conseguiu dormir na noite anterior, imaginando que essa seria a oportunidade de ter um emprego com mais garantias e que lhe possibilitasse fazer planos. O salário seria maior do que ganhava mensalmente com as quatro diárias que perdeu e, para a função de limpeza, um salário digno era muito raro de se encontrar. Mesmo sendo um emprego temporário, havia a chance de ser efetivada. Tudo dependeria de seus três meses de experiência.

— Estou ouvindo, D. Valdelice. — Carla se resignou a esperar o que

já achava previsível. O “porém” que ouviu tantas vezes em entrevistas de emprego se colocando novamente em seu caminho.

— Carla, tenho a impressão que é mais qualificada para a função do que é exigido para o cargo de auxiliar de serviços gerais. As outras candidatas que entrevistei já trabalharam em empresas grandes como essa e, para elas, este emprego parece ser tudo que aspiram. No seu caso, existe a chance de uma oportunidade mais atraente surgir e, naturalmente, você buscar o que é mais vantajoso.

Carla ficou surpresa pela diretora de RH não ter mencionado a condição de presidiário de seu irmão como um obstáculo e o ânimo dela se renovou.

Carla apertou forte o broche de sua mãe entre os dedos e, tentando parecer confiante, disse:

— D. Valdelice, eu sei que emprego está difícil para todo mundo hoje em dia. E que, provavelmente, todas as moças que a senhora já entrevistou, como também as outras que aguardam lá fora, precisam tanto desse trabalho quanto eu. Serei honesta: eu gostaria, sim, de trabalhar em algo mais desafiador. Perdi as contas de quantas entrevistas já participei para tentar trabalhar com serviço administrativo em escritórios, por exemplo, mas ainda não aconteceu. Então, há algum tempo, decidi aceitar as oportunidades que a vida me dá. Tenho contas a pagar e elas não esperam. Tenho pessoas que dependem de mim e, por isso, este emprego é tão importante para mim. Não quero trabalhar com faxina para o resto da minha vida. Quero progredir e sei que aqui na Albertine existe essa possibilidade se eu me dedicar o suficiente. E lhe dou minha palavra que farei isso. Minha palavra é tudo que eu tenho e que posso oferecer a senhora nesse momento.

Valdelice observou a moça de olhar franco diante dela. Ouvir Carla falando que suas responsabilidades estavam à frente de seus interesses particulares a fazia crer que ela valorizava realmente a chance de trabalhar em uma função tão modesta na Albertine Construções. Viu a si mesma naquela moça. Como diretora de Recursos Humanos precisava saber um pouco sobre a vida dos candidatos a uma posição naquela empresa, independentemente do cargo a ser ocupado. Assim, já era de seu conhecimento um pouco da história de vida de Carla Faustino: vinte e quatro anos; morava em uma comunidade da Zona Norte com o pai e um sobrinho; perdeu a mãe de uma forma muito difícil ainda adolescente, mesmo assim passou em terceiro lugar para o curso de Serviço Social em uma universidade federal de prestígio. Valdelice sabia também que Carla tinha um irmão mais velho cumprindo pena sob acusação de ter participado de um assalto. Embora sua amiga Raquel não tenha mencionado

esse último pormenor sobre a família da moça, o fato não foi omitido pela própria Carla no campo “*há algo que julgue relevante nos contar sobre sua vida/família?*” na ficha que preencheu, e isso já revelava muito de seu caráter. Valdelice levantou-se e encarou Carla por um tempo antes de dizer:

— Me responda uma última pergunta.

— Sim. Claro, senhora.

— Pode começar de imediato?

Um sorriso se abriu no rosto de Carla quando Valdelice estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Agora mesmo, se a senhora quiser — disse Carla apertando-lhe a mão efusivamente — Isso quer dizer que...

— Sim. Está contratada, Carla. Seja bem-vinda à Albertine Construções — disse Valdelice sorrindo para ela e entregando um envelope em seguida. — Providencie cópias desses documentos e entregue no sexto andar. Depois siga para o exame médico admissional. Amanhã se reporte à Marcela Austine. Ela vai te apresentar à equipe e será sua encarregada.

Carla mal conseguia acreditar enquanto caminhava pelo corredor amplo em direção ao elevador. Estava com fome porque não tinha comido nada por horas e, como só tinha o dinheiro suficiente para pagar a passagem, ao sentir o cheiro de café se espalhar pelo corredor decidiu tomar um pouco para enganar a fome. Levaria no mínimo uma hora e meia até chegar em casa, mas estava tão feliz que nem se importava com a fila no metrô e depois a longa viagem de pé no trem, se conseguisse pegar o trem com a cidade parada por conta do carnaval. Sem falar que teria uns vinte minutos de caminhada da estação de trem até sua casa. Queria chegar rápido e contar a novidade para seu pai e seus amigos, os quais não via já há duas semanas. Virou-se com o copo de café após adoçá-lo e chocou-se com alguém que não ouviu se aproximar. O homem de quase 1,90m olhou para a própria camisa e depois passou a mão pela barba bem aparada.

— Me desculpe, senhor... Eu não o vi chegando. Eu sinto muitíssimo. Deixe-me ajudá-lo. O senhor se queimou? Vamos até o banheiro, vou fazer uma compressa de água fria.

Carla pensou ter verbalizado essas palavras, pois era o que diria numa situação dessas normalmente, mas o que realmente aconteceu foi que ela ficou catatônica vendo o homem encará-la com um olhar cruel e se sentiu pequena perto dele. Não disse nada. Ficou em choque. Não conseguiu emitir uma única palavra ao ver o homem rapidamente tirar a camisa. Sabia que o café estava muito quente. Ele agia de forma prática e Carla conseguiu ver a mancha vermelha em sua barriga. O homem arqueou a sobrancelha como se esperasse Carla dizer alguma coisa. Ela notou a etiqueta Armani na camisa nas mãos dele e

deduziu que, apesar de não estar de terno e engravatado como os poucos executivos que viu circulando naquele andar na segunda-feira do feriado de carnaval, aquele homem gigante devia ocupar um cargo importante, pois algo em sua postura evidenciava claramente alguém acostumado a dar ordens e saber que seriam cumpridas de imediato. A expressão sisuda dele a fez se preocupar em ter posto em risco sua recente contratação. Ouviu uma risada atrás dele e notou um homem com traços orientais que colocou a mão em seu ombro e disse.

— Viu, Dante? Mais um sinal que devia vir comigo se divertir no Sambódromo. Lá não terá problema algum você ficar nu da cintura para cima ou da cintura para baixo também.

Carla viu o homem moreno desviar por um instante o olhar dela e encarar de modo ameaçador o outro homem que não pareceu se intimidar nem um pouco e voltando sua atenção para Carla disse: — Opa! O que temos aqui? Até eu queria tomar um banho de café vindo de alguém como ela, Dante.

Carla nem ouvia o que o homem dizia. Ainda não conseguia acreditar que derramou café quente em alguém daquele andar, que pelo que Valdelice esclareceu rapidamente, era onde ficavam os acionistas mais importantes e funcionários de cargos mais elevados da companhia.

— Será que ela é deficiente auditiva? — Quis saber Máximo, e Dante pareceu começar a acreditar naquela possibilidade diante do silêncio da jovem. — Consegue entender o que eu digo, moça?

Ela fez que sim com a cabeça para Máximo.

— Então, aproveita o embalo porque agora é a hora em que você diz: Sr. Albertine, eu não tinha a intenção de lhe dar um banho de café quente e tornar a sua noite ainda mais problemática do que já está — disse ele em tom jocoso que pareceu deixar Dante ainda mais irritado.

— *Albertine? Dante... Albertine?* — Carla imediatamente associou o nome e soube que tinha acertado na loteria do azar ao derramar café quente na pessoa que mandava em tudo ali.

— Exato. E você? Quem é você? O que faz aqui a essa hora da noite? — disse Dante com o olhar inquisitivo.

— Eu sou sua funcionária... Quer dizer, eu seria, talvez nem serei mais...

— Dante, está deixando a mocinha nervosa. Não faça isso. Que maldade. Mulher bonita fica tensa se for pressionada desse jeito. Elas só registram uma pergunta por vez.

— Não se meta, Máximo. Responda de uma vez quem é você, garota, e o que faz neste andar?

— Senhor, eu me chamo Carla Faustino e vim para uma entrevista

de emprego... Eu acabei de ser contratada pela...

— E decidiu comemorar deixando quem vai pagar seu salário com queimaduras de segundo grau, Carlinha? — disse Máximo rindo alto agora ao olhar a barriga de Dante, onde a vermelhidão ganhava um tom mais intenso.

— Não me chame assim, por favor. Peço que me respeite. Nem sei quem o senhor é.

Carla não gostou do tom debochado do homem oriental e muito menos da forma íntima com que se referiu a ela.

Máximo sorriu diante do tom que a desconhecida usava com ele. E assumindo o seu característico sorriso sedutor foi para a batalha julgando ser apenas mais uma mulher a fazer jogo duro para aumentar seu interesse. E como gostava de desafios, passou a mão pelos cabelos e, ignorando a presença de Dante, aproximou-se da moça e disse:

— Você está certa, Carla. Deixe-me apresentar. Eu me chamo Máximo Kobayashi. Sou solteiro, bem-apegoado como pode ver, não tenho outro vício que não seja o de apreciar a beleza feminina e, nesta segunda-feira, ainda pretendo desfrutar do feriado de carnaval na companhia de uma bela mulher. Aceita o convite?

Carla olhou para ele como se visse um extraterrestre e soltou sua mão sem pestanejar, o ignorando por completo.

Pensou que a forma como reagisse poderia significar o fim dos seus planos de trabalhar ali.

— Máximo, vá embora de uma vez! — disse Dante sem elevar o tom de voz, mas claramente aborrecido.

— Dante, aqui se tornou repentinamente muito mais interessante que o meu camarote no Sambódromo. Além disso, a bela dama provavelmente está desempregada mesmo, por que acha que ela recusaria a minha proposta? — insistiu Máximo Kobayashi analisando Carla dos pés à cabeça. — Com certeza ela tem samba no pé.

Ignorando a proposta e as insinuações preconceituosas e inconvenientes do outro homem, Carla segurou firme o broche mais uma vez e disse com uma calma que não sabe de onde veio:

— Sr. Albertine, eu não tive a intenção de... enfim, me desculpe. Foi um acidente. O senhor pretende me despedir? — Carla perguntou a Dante visivelmente ansiosa pela resposta.

Ele analisou seu rosto e admitiu que gostou de como ela rejeitava as investidas do sócio e, desanuviando um pouco a expressão, disse:

— Não irei demiti-la. Pelo menos, não desta vez, Carla Faustino — disse confirmando o nome da moça no adesivo de identificação. — Contudo,

tenha mais atenção de agora em diante, se quiser continuar trabalhando aqui. Se esse “acidente” fosse com um dos clientes da construtora, a imagem da empresa poderia ficar comprometida e eu não relutaria em demiti-la de pronto. Entendeu bem?

— Sim, senhor. Entendi perfeitamente e agradeço muito. Vou embora agora. Boa noite — disse dando as costas e caminhando apressadamente em direção ao elevador. Temia que ele voltasse atrás. Evitava olhar na direção dele, mas de lá ainda podia ouvir Dante Albertine falar com tom de censura com Máximo.

— Quer uma carona, Carla? — Lá estava ele de novo.

Ela respirou fundo e, depois de contar até três, disse:

— Não quero carona. Odeio carnaval. Não me envolvo com quem eu trabalho. Só quero que me deixe em paz, senhor. Não estou interessada em nada que queira me oferecer — disse ela esforçando-se para falar baixo.

— Máximo, como vice-presidente desta construtora sabe que o que está fazendo pode ser nitidamente qualificado como assédio sexual — disse Dante sem elevar o tom de voz, mas claramente aborrecido. — Ela já disse duas vezes que não está interessada. Deixe-a ir.

Carla mal soube dizer como chegou em casa naquela noite, passava das onze e seu sobrinho já dormia. Seu pai ficou muito feliz com a boa notícia e com a alegria e entusiasmado da filha ao lhe contar do plano de saúde e do salário que receberia. Notou que ele se esforçava para não transparecer que estava sentindo dor. Decidiu omitir que por pouco não foi despedida em tempo recorde. Depois de desejar boa noite, tomou um banho, tomou um pouco de sopa e foi dormir, após uma prece silenciosa por ter conseguido o emprego.

No dia seguinte, acordou mais cedo ainda e foi para o exame admissional. Entregou o resultado do exame e o restante da documentação exigida. Carla mal acreditou quando recebeu seu uniforme e viu que era azul. A cor favorita de sua mãe e a dela também. Achou que aquilo era um sinal de que sua mãe deu uma forcinha lá do céu para que conseguisse aquele emprego. Na quarta-feira, começou a trabalhar.

O desinteresse de seu sobrinho Kionã ao fazer pouco-caso da alegria dela ao contar tudo que já sabia sobre a Albertine Construções não a desanimou.

— Eu já sabia que a senhora ia trabalhar como faxineira de novo. A minha madrinha já tinha me contado. Ela conseguiu um emprego muito melhor que o seu. Vai trabalhar para a irmã do dono dessa construtora como sua

assistente pessoal e nem pareceu tão feliz, porque sabe que será empregada e não patroa.

Carla não sabia disso, mas ficou feliz por sua amiga Olívia estar trabalhando também. Esse seria o primeiro emprego dela e torcia para que desse tudo certo para a madrinha de consideração de seu sobrinho. Já tinha ligado para a mãe dela, D. Raquel, para agradecer e informar que começou a trabalhar na construtora.

— Estou feliz por Olívia. Ela é uma boa amiga e foi a mãe dela que conseguiu essa oportunidade para mim. Serei grata às duas por nos ajudarem nesse momento de dificuldade.

— Tia Carla, a senhora fica feliz com muito pouco. Limpar privadas; recolher o lixo dos outros; encerar o chão... Eu teria vergonha. Quando minha mãe vier me buscar, eu não volto aqui nunca mais. Tenho muita vergonha de tudo isso aqui — disse fazendo um gesto com as mãos mostrando a casa humilde. — Tenho vergonha de morar em um ferro-velho. Vergonha de ter um avô carroceiro, uma tia faxineira e um pai bandido.

Aquilo foi a gota d'água para Carla. Em segundos, ela pegava o menino pelo braço e o fazia se sentar no velho sofá da sala.

— Ouça aqui, seu moleque ingrato, nunca mais chame seu pai de bandido! Nunca mais diga que tem vergonha de sua família! Essa é a família que você tem e que te acolheu quando você foi deixado sem sequer um bilhete aqui nesse ferro-velho que é o único lar que você tem. Nunca mais quero ouvir você desrespeitando o seu pai, a mim ou o seu avô. Ouviu bem? — Ela viu o menino se assustar com sua reação e se encolher no sofá. Carla raramente levantava a voz para ele e nunca o tinha tratado daquela maneira. — Eu tenho suportado por muito tempo esse seu comportamento egoísta e mesquinho. Tenho me esforçado para ser tolerante e relevar esses seus ataques e ofensas, por você ter poucos amigos e por estar crescendo sem um pai e uma mãe. Mas eu e seu avô fazemos todo o possível para garantir que não te falte nada. Seu avô é carroceiro e eu sou faxineira, sim. Somos trabalhadores. Somos pobres, mas somos pessoas honestas. E, quanto ao seu pai, eu já te expliquei que ele foi acusado injustamente. Você conviveu pouco com ele, mas o meu irmão e meu pai são os homens mais dignos que eu já conheci e eu garanto a você se falar deles desse...

— Agora vai me bater, tia Carla? É isso? — interrompeu o garoto se recuperando do choque e se pondo de pé com a revolta evidente no rosto.

— Não, Kionã. Sabe que eu jamais faria isso com você. Mas farei algo que será pior do que uma surra para você, mesmo que me doa muito. Se você continuar se comportando dessa maneira, vou tirá-lo desse colégio, porque desde que começou a conviver com esses alunos do Santa Tereza você mudou,

Kionã. Está agressivo comigo e com seu avô e nada parece ser bom o suficiente para você. Eu já não te reconheço mais.

— Tia Carla, a senhora não pode fazer isso. Foi a tia Raquel que conseguia a bolsa para mim. É uma boa escola e é o único lugar que eu gosto de ir. Aqui nessa favela não tem nada para mim.

— Então, não ouse desrespeitar esse teto e as pessoas que moram aqui com você de novo. Entendeu, Kionã? — Como ele não respondeu, Carla repetiu: — Você entendeu? — disse ela elevando o tom de voz energicamente.

Os olhos do menino estavam marejados, mas ele mantinha o queixo erguido em desafio quando respondeu apenas com a cabeça. A tia nunca tinha falado com ele daquela maneira e ele sabia que ela falava sério em tirá-lo da escola.

— Tia, me desculpe. Eu...

— Eu não ouvi sua resposta, Kionã. Você entendeu bem o que eu disse?

— Entendi, sim, senhora. Não faltarei mais com respeito ao vovô Vicente, nem ao meu pai, nem à senhora — sussurrou ele.

— Vá para o seu quarto e esse mês você só sai de casa para o colégio e para visitar seu pai comigo.

— Mas, tia Carla, a tia Olívia vai me levar...

— Você ouviu o que eu disse? Está de castigo. Outra coisa: pare de fazer planos com sua madrinha sem me consultar se pode antes.

— Por favor, tia, eu quero muito ir. É a festa de aniversário do Téo.

— Você não vai. Já disse. Agora vá para o seu quarto e pense bem no tipo de pessoa que está se tornando. Alguém que tem vergonha de quem o veste e o alimenta. Alguém que não reconhece o valor de um homem que mesmo com duas hérnias de disco sai com sua carroça para poder me ajudar a sustentar essa casa. Me ajudar a sustentar você.

O menino levantou o queixo em desafio mais uma vez e saiu pisando duro em direção ao quarto que era de seu pai e que agora ele ocupava. Mas, virando-se antes de sair da sala, disse:

— Eu só falei a verdade de como me sinto. Não temos dinheiro para nada. Eu queria ter a vida dos meus colegas da escola e ter tudo que o dinheiro pode comprar. Não foi a senhora que me ensinou a sempre falar a verdade?

Carla nem se virou. Apenas respirou profundamente e disse:

— O que você tem é muito mais valioso que dinheiro, Kionã. Sua família ama você. Queria que fosse capaz de compreender que isso não tem preço.

Carla ouviu os passos pesados do menino se afastando e o barulho

da porta se fechando logo em seguida.

Seu coração doía por ter sido tão dura com o sobrinho, mas era necessário impor limites enquanto ainda era criança. Fazia aquilo para o bem dele. Temia as lições que a vida daria a Kionã se ele não mudasse e aprendesse a valorizar o que tinha.

Capítulo 4



O QUE O DINHEIRO NÃO PODE COMPRAR

Aquiles Albertine chegou da escola e foi imediatamente procurar por seu irmão. Subindo as escadas parou por um instante e observou a sala. Tudo se encontrava perfeitamente arrumado, como se a casa estivesse à venda e tivesse sido aberta para visitação, mas não era o caso. Não havia nada fora do lugar. Aquela casa mal parecia habitada naquela hora do dia e toda aquela ordem, algumas vezes, era perturbadora. Um silêncio que são era interrompido pelo canto dos pássaros lá fora o fez prosseguir subindo as escadas em sua curva sinuosa. Seu pai construíra aquela casa e a influência de Niemeyer se notava em muitas áreas da mansão. Mas a sensa o de que tudo parecia intocado o incomodava demais, porque uma criança de sete anos morava ali e não havia nenhum indício desse fato na ampla sala com os três sofás enormes em tons claros e a mesa de centro com livros de seu pai meticulosamente alinhados pela arrumadeira. Imaginou uma festa de aniversário acontecendo ali. Várias crianças entrando correndo vindas direto do jardim para a sala e pulando nos sofás e deixando as marcas dos sapatos por todo o estofado. Riu de si mesmo. Ali isso jamais aconteceria.

Lembrou-se de quem desejava ver e logo chegou ao terceiro andar. Viu a porta do quarto de seu irmão entreaberta e ele segurava um dos gibis do Homem-Aranha de sua cole o, mas tinha o olhar perdido. Estava preocupado e o irmão sabia o porquê. Quando notou sua presença, o menino de cabelos alourados se sobressaltou, mas depois respirou fundo ao ver o irmão.

— Você me assustou, Aquiles. Pensei que fosse o papai que tinha chegado mais cedo — disse o menino voltando à expressão anterior. Esperava um sermão, por isso abaixou a cabeça.

— Você deveria estar fazendo seu dever de casa. Devia ter seguido a programação e não entrado no meu quarto para mexer nas minhas coisas, Hélio — disse tomando-lhe o gibi e abrindo o livro na página marcada com o lápis.

— Eu só não estava conseguindo me concentrar. Fiz uma pausa dos cálculos. Achei a bola no seu quarto e fui jogar um pouco no jardim. O Seu Juliano tinha encerado a Mercedes lá e deixado embaixo da árvore... — disse o menino esperando que o irmão tocasse em outro assunto.

— Quer ajuda? — perguntou sentando na cadeira ao lado do irmão e despenteando seu cabelo numa tentativa de desanuviar a nuvem de preocupação sobre a cabeça do garoto.

— Não. É matemática. Eu resolvo tudo de boa. — Quando percebeu que o irmão olhava para suas pernas disse: — Eu estou bem. Não me cortei. Não se preocupe tanto comigo. Eu nem cheguei perto do canil mais como te prometi, mas a Mercedes do pai...

— Eu vi o farol do carro, Hélio.

— E o que acha do meu plano, Aquiles? — disse se referindo a ideia que mandou por mensagem de texto para o irmão.

— Não vamos mentir para o papai. Ele não acreditaria que aquele estrago foi causado por uma manga, Hélio. Ainda mais porque não tem uma única fruta na árvore nessa época do ano. — Ele viu a apreensão no rosto do irmão que se debruçou sobre o livro e pegou o lápis para retomar o dever de casa. — Eu falo com ele, está bem?

— Aquiles, não. E se a gente não disser nada para o papai? Ninguém viu. Ele pode nem perceber...

— acredite em mim. Ele vai perceber. O vidro trincou e se ele pediu para que fosse encerado é porque pretende usá-lo em breve. Acho até que já sabe e só está aguardando um de nós assumir a culpa.

— Como você pode saber? — disse o menino franzindo a testa e segurando a barra da camisa do irmão. — Eu não quero contar. Por favor, Aquiles...

— Eu o conheço há mais tempo que você. Esqueceu? — disse o rapaz de dezessete anos sorrindo para o irmão, dez anos mais novo, para tentar tranquilizá-lo. — Fique aqui e faça seu dever de casa. Logo ele virá ver se está tudo certo. Faça com atenção, Hélio.

— Está bem — disse o menino mais conformado e sentando na mesa de estudos em seu quarto. — Aquiles?

— Fala, Hélio — disse o rapaz reaparecendo na porta.

— Dessa vez, diz que fui eu. Papai já está zangado com você por causa do Duque — disse referindo-se ao cão mais feroz do canil. Aquiles pensou

nas palavras do irmão e sabia que ele estava certo. Aquiles acreditava que o pai jamais o perdoaria por ter deixado seu irmão sem supervisão. Quando ele ouviu o rosnado do *rottweiler* pensou imediatamente em Hélio e correu. Correu o mais rápido que suas pernas permitiram em direção aos gritos e latidos insistentes. Seu coração estava descompassado pensando no que poderia acontecer com seu irmão caçula se o animal o atacasse. Aquiles sentiu um breve alívio quando viu seu irmão dentro da piscina. Duque não gostava de água e seu irmão seguiu seu conselho: *“Se acontecer algum dia dele se soltar, não hesite. Se joga na piscina. Ele não vai entrar. O Duque vai ficar esperando você sair.”*

Quando o cão viu Aquiles, não correu em sua direção para atacá-lo. Sentou-se e aguardou seu comando. Seu pai o fez participar de seu adestramento e foi categórico ao instruí-lo a não tentar se tornar amigo do animal e que, em hipótese alguma, deveria brincar com Duque. Esperava que o filho impusesse sua autoridade e mostrasse ao cão quem estava no comando ali. E foi o que Aquiles fez.

— *O propósito desse animal e dos outros que mantemos aqui é o de garantir nossa segurança. Não é um bicho de estimação. É um cão de guarda. Seja firme com ele e não se afeioe. Entendeu?*

— *Perfeitamente, Sr. Albertine. Não será difícil. É só tratá-lo como o senhor trata a mim e ao meu irmão.*

Dante Albertine encarou o filho mais velho que sustentou seu olhar em desafio. Aquiles, diferentemente de Hélio, não tinha um espírito passivo. Respeitava o homem íntegro que seu pai era e realmente o admirava em vários aspectos, contudo, geralmente, não compartilhavam a mesma opinião. Sobre tudo se a pauta da conversa eram as relações familiares.

— *Apenas faça o que eu mando e garanta que seu irmão nunca fique sozinho perto do canil.*

Aquiles assentiu com a cabeça, pois nisso concordavam. O menino de sete anos não teria autoridade para controlar o animal que era bem maior que ele e tinha quase o dobro de seu peso. Aquiles tinha certeza que, se tivesse a oportunidade, aquele cão atacaria qualquer um que não fosse ele ou seu pai. Afinal, ele foi treinado para isso.

— Hélio, não se preocupe com isso. Eu cuidarei de tudo. São quase 14h30. Você tem apenas meia hora para concluir seu dever de casa. Sua professora de violino vai chegar logo e depois você vai...

— Eu sei, Aquiles. Esqueceu que está tudo escrito aqui? — disse o menino apontando para programação no quadro de tarefas acima da mesa e repetindo entediado, sem nem olhar por já ter decorado a rotina semanal. — Quarta-feira: 15h – aula de violino com a Srta. Amanda; 16h – quarenta minutos

de natação; 17h – no máximo, vinte minutos de televisão; 17h20 – uma hora de leitura pré-selecionada antes do jantar.

— E não se atrase como fez ontem — disse Aquiles rindo.

— Foram apenas seis minutos.

— Não se atrase. Sabe como ele é.

— E como eu sou, Aquiles?

Materializando-se a poucos passos atrás dele, Dante Albertine estava parado e observava os filhos. Como sempre seus passos eram silenciosos e o ângulo que Hélio estava não permitiu que visse o pai se aproximando para alertar o irmão.

— Boa tarde, senhor — disse Hélio se levantando e estendendo a mão para o pai para cumprimentá-lo. Aquiles tentando não parecer surpreso, fez o mesmo.

— Siga-me até meu escritório. — O olhar que o pai lançou para seu irmão caçula fez o coração de Aquiles se contrair. — Já conhece o motivo da conversa que teremos.

— Senhor, se está se referindo ao para-brisa da Mercedes, quero que saiba que...

— Não faça isso — interrompeu Dante com o cenho fechado e o dedo em riste. — Lembre-se de que há câmeras em toda a propriedade. O que acha que está fazendo, Aquiles? Pensa mesmo que está protegendo o Hélio assumindo a culpa pelos erros de seu irmão? É isso que pensa que está fazendo? Pois está errado. Aqui nesta casa há regras porque na vida lá fora também existem. A minha conversa com você ficará para outro momento. Me acompanhe, Hélio — disse dando as costas para Aquiles que viu o irmão passar por ele de cabeça baixa.

— Foi apenas um acidente. A bola era minha de qualquer forma. Não é necessário puni-lo. Eu... pago o conserto.

— Não irei puni-lo. Farei o meu papel de pai. Coloque-se no seu lugar de filho. Você se esquece que como sou o pai dele também sou o seu.

— Não tenho como me esquecer disso, nem se eu quisesse, sr. Albertine. Mas o senhor, sim, parece se esquecer que somos seus filhos e nos trata da mesma forma que trata seus peões da construtora.

— Está insinuando que desrespeito meus funcionários, Aquiles? — disse o pai voltando novamente sua atenção para o filho.

— Não falo de respeito, senhor.

— Seja mais específico, então. Do que se queixa? O que falta em sua vida cheia de regalias? Gostaria muito de saber.

— Não é algo que eu possa simplesmente mostrar ao senhor. É algo

que o senhor não deve nem conhecer, então não pode dar a mim ou ao Hélio.

Dante e o filho se mediram por algum tempo e Aquiles atreveu-se a se aproximar, apesar de não saber romper a distância emocional que sempre prevaleceu entre o pai e eles.

— Peço, por favor, que reconsidere só desta vez. Ele é uma criança. Não tinha com quem brincar. Não seja tão severo com ele. — Dizendo isso, Aquiles colocou a mão no ombro do pai, o que fez com que Hélio sorrisse ao ver o gesto. Demonstrações de afeto entre eles e o pai quase nunca aconteciam e ele sentia falta disso. Via a forma como seus amigos da escola e os pais deles se abraçavam e participavam dos torneios de pais e filhos nas festividades de fim de ano do colégio. Hélio não se lembrava de o pai abraçá-lo assim nem em seu aniversário ou mesmo no dia dos pais. O sorriso em seu rosto se apagou quando viu o pai retirar a mão de Aquiles de seu ombro e, dando um passo na direção dele, disse impassível:

— Já conversamos sobre isso, Aquiles. Não interfira na forma como educo seu irmão. E, acima de tudo, não me desautorize. Estou criando homens. Agindo de forma condescendente com Hélio, que tipo de homem acha que ele será no futuro? Eu te digo que tipo: seu irmão se tornará um homem que não assume responsabilidades. Alguém em que não se deve confiar.

Aquiles ficou olhando para sua mão e, em seu íntimo, sentiu-se mal por seu pai fazer questão de deixar cada vez mais intransponível o muro que os separava. Viu seu irmão se posicionar ao seu lado sabendo como ele se sentia. Aquiles queria muito já ter superado essa necessidade de ver o pai demonstrar alguma afeição por eles. Levantando os olhos, fez sua última tentativa, embora já soubesse que seu pai nunca cederia.

— Sei que disciplina fortalece a fibra moral, mas agir com um pouco mais de tolerância pode ensinar o Hélio a ser mais compassivo com as outras pessoas também. O senhor não concorda?

— Não — respondeu secamente o homem de quase 1,90m, cruzando os braços sobre o peito, já dando sinais de impaciência. — Eu não concordo. Como você, Hélio é meu filho e vou educá-lo como julgar correto. Espero que seja a última vez que eu precise chamar sua atenção por se opor às minhas ordens, Aquiles. Já não basta você quase ter matado seu irmão?

Aquela acusação foi um golpe duro para Aquiles que olhou para o menino ao seu lado e voltou a olhar para o pai não encontrando argumentos para rebater. Ele nunca teve tanto medo em sua vida. Sentia-se envergonhado e o silêncio do pai depois de saber do ocorrido só o fez se sentir pior ainda. Dante Albertine evitou falar do assunto, mas Aquiles sabia que o pai o responsabilizava pelo que aconteceu há duas semanas.

— Eu... me distraí... E ainda não sei como o Duque se soltou do canil. Sempre tenho cuidado de checar as trancas do...

— Desculpas agora não adiantam de nada, Aquiles. Estamos falando de assumir responsabilidades, não é mesmo? — cortou Dante elevando o tom de voz. — Faz ideia da força da mordida de um *rottweiler*? Sabe bem que aquele cão atacaria primeiro o pescoço do Hélió. Sua distração poderia ter causado uma tragédia. Por não cumprir com sua responsabilidade, aquele animal quase... — Respirou fundo e prosseguiu. — Não quero ouvir desculpas, Aquiles. Cuide para que isso nunca mais aconteça. Quando eu não estiver por perto, Hélió é sua prioridade.

— Pai... me perdoe. Eu sei que errei e que o senhor está decepcionado, mas...

— Esta conversa está encerrada. — Dante apenas olhou para o filho caçula que passou à sua frente, depois de tocar de leve o dorso da mão do irmão querendo dizer que ficaria bem.

Aquiles viu seu pai dar-lhe as costas. Sabia que o pai era avesso a qualquer forma de castigo físico, mas quantas vezes desejou que o pai lhe desse uma surra, pois todas as conversas que se recordava do pai o repreendendo o feriram mais que uma surra poderia ser capaz de fazer. Admirava tanto o pai e não tinha dúvidas que queria seguir seus passos no futuro e se tornar um engenheiro reconhecido pela excelência de seu trabalho e pelo comprometimento com prazos e orçamentos. Adorava ver como, de uma imensa área vazia, seu pai construía gigantescos prédios de concreto, aço e vidro. Queria ser um dia um engenheiro tão bom quanto seu pai. Dante Albertine era exímio em tudo que se propunha a fazer, mas, como pai, ele não sabia construir laços e se conectar com os filhos. Aquiles sabia que seu irmão precisava se sentir amado e tinha a impressão que o pai era ainda mais rígido com Hélió do que foi com ele mesmo. Via no menino a mesma carência que aprendeu a conviver, pelo pai ser como era e por crescer com uma mãe que prezava mais os círculos sociais que a família.

Cresceu tendo tudo que o dinheiro pode comprar e sua mãe sempre teve talento para esbanjar o dinheiro do pai enquanto estavam casados, mas o que ele realmente queria era a atenção dela. Sentia-se egoísta por se sentir infeliz. Sabia que eram privilegiados por terem uma vida com todas as facilidades que a fortuna do pai garantia, mas como explicar a inveja que sentia ao ver um pai jogando bola com seu filho ou ensiná-lo a nadar como viu tantas vezes na praia do Leblon, que ficava a poucos metros daquela imensa propriedade onde viviam.

Por saber como o irmão se sentia, tentava fazer tudo isso com ele

nos finais de semana, quando a programação de tarefas dos dois era mais flexível. O irmão era a única pessoa ali que o amava e, por ele, Aquiles faria qualquer coisa. Amor. Era esse sentimento que não poderia exigir do pai. Precisava ser sentido para ser genuíno e ele duvidava que o pai já tivesse amado alguém em sua vida. No fim das contas, o que Aquiles e o irmão mais desejavam era o que o dinheiro não podia comprar.

Capítulo 5

GUSTAVO E VIVIAN GRAEL

— Onde estão as chaves da minha moto? — Vivian Grael adentrou o quarto do irmão às sete da manhã, porque já sabia que ele estava acordado. Gustavo levantou os olhos com clara censura para a irmã.

— Não entre no meu quarto sem bater e sem que eu autorize. Eu poderia não estar vestido — disse o irmão terminando de colocar uma camisa.

— *Onde estão as chaves da minha moto?* — repetiu ela ignorando as palavras do irmão. — Julieta disse que você tirou do aparador onde eu sempre as deixo. Vamos. Me entregue.

Gustavo viu a mão estendida da irmã e falou:

— Ficarão comigo. Não acho seguro você andar para cima e para baixo de moto. Você é uma condutora imprudente e vai acabar se matando — disse ele tranquilamente lhe dando as costas e levando a toalha úmida até o banheiro, após secar melhor os cabelos loiros.

— Gustavo, eu sou adulta e tomo minhas próprias decisões. Me entregue as chaves. Tenho um compromisso.

— Use o carro que eu comprei para você.

— Primeiro: eu não pedi que me comprasse um carro. Segundo: aquele desperdício de aço vai de 0 a 100 em quanto tempo? Duas horas? Faça-me o favor.

— Você está com sua habilitação livre de pontuações porque suas multas por excesso de velocidade do ano passado já foram pagas. Esse carro é uma opção segura para você no momento.

Ela o seguiu até o banheiro e viu o irmão dobrar metodicamente o pijama que passou a noite e colocá-lo no cesto de roupas sujas. Começava a

fazer o mesmo procedimento com a toalha quando Vivian a arrancou de suas mãos, amassou o máximo que pôde e jogou de longe para o cesto. Ele foi até lá, pegou a toalha e a dobrou em um quadrado perfeito.

— Seu maluco, eu estou falando com você. Não suporto mais esses seus TOC's^[u], Gustavo. Faz ideia do quanto isso me dá nos nervos? É por isso que está sempre sozinho. Que mulher suportaria um homem com essas manias de maluco que você tem?

Ele a olhou com pouco-caso e indo até a pia, voltou-se para o espelho e começou a pentear o cabelo. Tudo ali era simétrico. Quadrados dominavam o espaço. O espelho, a *jacuzzi*, o formato da ducha, o sanitário, a pia. E tudo ali era branco. Do piso ao teto. Escolha determinada pela obsessão de limpeza do irmão. Ele mesmo mantinha tudo impecável.

— Essa conversa será infrutífera, Vivian. Já está decidido. Eu fui condescendente demais com você nesses quatro anos em que estive fora do país. Você fará o que eu disse e, agora, me dê licença que eu tenho muito o que fazer hoje. Pretendo terminar antes do almoço — disse passando pela irmã que o seguiu agora até o imenso closet.

— Você não tem o direito de decidir o que é melhor para mim, Gustavo. Não me trate como criança. Por mais que goste de fingir que é o papai, nós dois sabemos que você não é metade do homem que ele foi. Não se esqueça que eu sei o que você fez. Não me venha falar de ser responsável. Não se esqueça o motivo de eu preferir manter distância de você depois da morte do papai por todos esses anos. — Gustavo fechou a gaveta de meias e voltou-se para a irmã com um olhar de alerta.

— Você não sabe o que realmente aconteceu. Não tem o direito de tocar nesse assunto, Vivian. Isso não lhe diz respeito. Ainda mais considerando que você, na ocasião, se recusou a me ouvir. Preferiu me acusar e ir embora. Nunca me deu a chance de...

— Eu ouvi tudo, Gustavo. Eu estava lá — disse com evidente repúdio. — Aquela criança não veio ao mundo por sua culpa. Ela, sim, era sua responsabilidade e você agiu como um... canalha.

Gustavo fechou os olhos por um instante e a amargura causada por uma ferida que nunca cicatrizou por completo pareceu atingi-lo novamente. Recordações que se esforçava para sufocar, mas que era inevitável quando o acaso o colocava a metros de distância da mulher que sua irmã se referia. Era quase inevitável, uma vez que frequentavam o mesmo círculo social. Voltando a se concentrar em Vivian, ele disse:

— Acha que por ter ouvido parte de uma conversa sabe o que se passou naquela noite? Desde então me trata como se eu fosse o pior homem

sobre a Terra. Eu não vou discutir isso com você. Eu não...

— Gustavo, isso não importa mais. Ao menos serviu para eu saber o tipo de homem que meu maninho realmente é. Consegui te ver sem máscara e parei de te idolatrar como fiz a minha vida toda.

Gustavo ficou em silêncio e encarou toda a reprovação presente no olhar da irmã, mas lhe doía muito ver a decepção estampada no rosto de Vivian. Aquilo o atingia como um golpe e, por mais que tentasse, nunca mais conseguiu se conectar com a irmã depois do que ela presenciou.

Gustavo continuou sem argumentar, mas voltou a se vestir. Ela o viu colocar o par de chinelos perfeitamente alinhados ao lado de uma poltrona. Puxando uma gaveta embutida, Gustavo correu os dedos pelos sapatos italianos organizados dos tons mais claros aos mais escuros. Ele escolheu um deles e se sentou na poltrona para se calçar.

Vivian não suportava aquele ritual do irmão. Odiava aquela organização exagerada dele.

— Vai me dar minhas chaves ou não?

— Não, Vivian. Guardarei comigo. E eu quero que saiba que realmente sinto que não possamos ter a relação que tínhamos no passado, mas sou sua única família. Chegou a hora de te mostrar que a vida é muito mais que viajar e gastar dinheiro com projetos que não vão dar em nada. Você tem uma carreira segura como opção e é o momento de parar de tomar atitudes impensadas apenas para me contrariar.

— Você já me obrigou a vir para o Brasil sob a ameaça de...

— Eu nunca ameacei você, Vivian. Apenas disse que era hora de você assumir as responsabilidades de ser herdeira da Construtora Grael. Já que não quer trabalhar comigo na presidência, vai trabalhar com a equipe jurídica. A empresa é sua também. Eu preciso que me ajude.

A expressão no olhar de seu irmão ao dizer que precisava dela, pareceu ter um sentido oculto para Vivian. Ele adorava trabalhar com a construtora. Gustavo sempre foi autossuficiente e dizer algo assim não era típico do irmão. Mas pensou que era só uma nova estratégia dele para se reaproximar dela e logo retomou a postura defensiva de antes:

— Eu quero as minhas chaves. Agora, Gustavo.

— Você precisa mesmo ser tão imatura o tempo todo? A construtora é o legado do nosso pai. Se não quer fazer isso por você mesma, faça por ele. — E vendo que a irmã estendeu as mãos novamente pedindo as chaves, Gustavo disse: — Se é assim que prefere. Já que você não quer os deveres de ser uma Grael, também perderá as vantagens de carregar esse sobrenome.

Vivian gargalhou e batendo palmas disse:

— Esse é o Gustavo que eu conheço. Meu maninho esquece a diplomacia e intimida os outros quando discordam dele. Tem tanto ódio de Dante Albertine e do quanto ele te prejudicou por agir exatamente como você está fazendo agora... Você não cansa de querer ter razão o tempo todo, Gustavo?

— Você sabe bem que eu e Dante éramos melhores amigos e sabe o que ele me fez.

— Você fez coisa muito pior com a família dele. Não se esqueça disso.

— Como posso esquecer se você faz questão de me acusar sempre que tem oportunidade e mesmo sem saber o que realmente aconteceu.

— Ele era nosso amigo. E você destruiu tudo.

— Por que esse prazer em sempre estar contra mim, Vivian? Sou sempre o crápula da situação para você. Se não vai me dar a chance de defesa, não toque mais nesse assunto — disse ele já saturado de terem as mesmas discussões.

— Estou aguardando você terminar sua ameaça. Vamos. Me diga o que vai fazer se eu não cooperar. Porque é o que eu pretendo fazer. De modo algum vou trabalhar na construtora, pelo simples fato que prefiro estar sempre bem distante de você, irmãozinho. Sua presença faz mal a todos que se aproximam de você.

— Pois terá que aprender a conviver comigo, quer queira quer não — disse ele analisando com atenção sua própria imagem refletida no espelho e arrumando a gola da camisa. Após considerar tudo a contento, voltou para o quarto e começou a arrumar sua cama. Ele trocou toda a roupa de cama, apesar de ter dormido uma única noite sobre ela. E esticou os lençóis limpos. Com as mãos, alisou todo o tecido até não ficar nenhuma ruga. Observou e pareceu não ficar satisfeito. Retirou os lençóis mais uma vez e começou o ritual novamente.

Enquanto isso, Vivian correu os olhos pelos móveis do quarto à procura do seu chaveiro do Garfield. Ele era bastante chamativo para facilitar que o encontrasse, mas não estava à vista. O que a deixou ainda mais aborrecida foi ver o irmão arrumar a cama pela terceira vez.

— Eu não entendo por que um homem com os recursos que a nossa família possui e morando em uma casa desse tamanho não contrata empregadas domésticas para fazer esse tipo de trabalho. Se você fosse avarento seria mais lógico, mas a julgar pelo novo brinquedinho na sua garagem, sabemos que não é o caso. Você só é maluco.

— É algo que gosto de fazer eu mesmo.

— Gustavo, esse seu TOC precisa de tratamento. Só está piorando. Será que não enxerga isso? Precisa de tratamento psiquiátrico. E além do mais,

que homem em perfeito juízo gosta de fazer faxina? Você tem trinta e seis anos. Acorda antes das seis da manhã em um sábado, toma banho e se arruma para limpar a casa?!

— Organizávamos a casa juntos quando nossa mãe ainda era viva e você não reclamava.

— Mas era apenas uma vez por mês e era uma chance de passar mais tempo em família. Agora não há mais necessidade disso. Você não vê que isso não é normal? Todas essas repetições... Isso é insano. Não vê? Recomeça várias vezes e nunca parece satisfeito com o resultado. Ninguém vai te punir se você deixar de arrumar sua cama cinco vezes. Você é rico e ainda é jovem, para quê passar o sábado inteiro limpando cômodo por cômodo dessa casa? Sua vida social é inexistente. E ainda faz com que a tia Ju trabalhe quando já era para estar aposentada há muito tempo. Ela está com quase oitenta anos — disse se referindo a cozinheira que os viu crescer dentro dos muros daquela ampla propriedade em Ipanema.

— Ela é muito mais que uma empregada nesta casa, Vivian. E eu mesmo já propus a ela que parasse de trabalhar, contudo Julieta não aceitou.

— Claro que não. E é tudo culpa sua! — disse em tom acusatório. — Por sua causa ela não se permite esse merecido descanso, Gustavo. Ela é a única pessoa que ainda tem algum sentimento por você — interrompeu Vivian.

— A tia Ju sabe que, sem ela, você ficaria completamente só. Ela é a única pessoa que você deixa entrar nesse seu mundo incoerente e cheio de regras.

— Você está mudando o foco da conversa, Vivinha.

— Não me chame assim. Sabe que eu não suporto que me chame assim. Vamos esclarecer de uma vez por todas uma questão: eu voltei para o Brasil porque fui obrigada por você. Eu tinha um negócio que começava a prosperar, tinha amigos, tinha uma vida feliz em Buenos Aires e você usou de chantagem para me trazer para cá.

— Você enlouqueceu, Vivian? Não é bem assim que me lembro dessa vida maravilhosa que você levava na Argentina. O que me lembro bem é de ter recebido uma ligação no meio da noite de uma tal de Lola dizendo que você estava presa há cinco dias. Eu peguei o primeiro voo para lá e tirei você da cadeia. Não está lembrada? Onde estavam esses amigos de quem falou? Por que não pagaram sua fiança?

— Eles são pessoas humildes. Não tinham como pagar o valor que o juiz estipulou de fiança.

— E me diga, então, por que você mesma não pagou? — disse ele concluindo a arrumação de sua cama e cruzando os braços na altura do peito. —

Seu negócio promissor era um restaurante de trinta metros quadrados em uma casa alugada. O que aconteceu com o saldo de duzentos mil reais que transferi para sua conta há menos de dois meses antes do Natal? Acordamos que esse seria o valor com o qual você se manteria por seis meses. Não foi isso, Vivian?

— Eu não pedi que te chamassem — disse ela sem responder nenhuma de suas perguntas.

— Sei disso. Preferiu passar quase uma semana atrás das grades dividindo cela com toda aquela escória ao invés de me telefonar. Seu irmão. Sua única família.

— Acredite em mim quando eu digo, maninho. Se fosse o contrário e você dependesse de mim para ser solto, eu deixaria você apodrecendo lá. Você com esse seu transtorno obsessivo compulsivo por limpeza no meio de vários criminosos suados em uma cela fétida com menos de quatro metros quadrados... — disse ela abrindo um sorriso só de imaginar a cena.

Gustavo se aproximou da irmã que sustentou seu olhar, mas o sorriso morreu em seus lábios.

— Eu preferia ter ficado naquela cadeia em Buenos Aires pelos três meses da sentença do que recorrer a você. Eu tenho vergonha de dizer que sou sua irmã — disse Vivian com os olhos cheios de mágoa. — Seria melhor não ter família nenhuma.

— É uma pena que pense assim. Mas eu não seria capaz de fazer o mesmo. Você é minha irmã e eu protegerei você enquanto eu estiver vivo, porque você sempre será minha responsabilidade. Não seria capaz de deixar você sozinha nem mais uma noite naquele lugar.

Vivian viu o irmão esticar o braço para tocar seu ombro, mas ela deu um passo para trás.

— Nada do que eu diga fará você mudar sua opinião, Vivian. O que de fato aconteceu entre mim e...

— Realmente, Gustavo, nada do que disser vai mudar o que você fez e muito menos pode justificar a atitude calhorda que teve — disse ela o interrompendo e elevando o tom de voz. — Mas, quer saber... você não me deve satisfações de qualquer jeito.

— Finalmente você disse algo que eu concordo. Não te devo satisfações sobre minha vida pessoal — respondeu Gustavo visivelmente perturbado por tocar naquele assunto após tantos anos. Sua irmã trouxe à tona sentimentos dolorosos que ele preferia manter onde estavam: no passado. — Essa é sua opinião sobre mim. Já entendi, mas eu não vou te dar as chaves daquela moto e pare de se comportar como uma garota mimada. Ou você aprende a separar sua opinião pessoal a meu respeito das suas obrigações com a

construtora, ou terá que viver sem um centavo que venha dela.

— Você não pode fazer isso! Esse dinheiro é tão meu quanto seu. Sabe bem disso.

— Sei perfeitamente. Mas nosso pai deixou o controle de todas as contas da família sob meu encargo. Seu saldo bancário só está lá hoje, porque eu endosseï para que fosse assim. Uma ligação minha e tudo é bloqueado.

— Gustavo, posso entrar com uma ação judicial e pôr abaixo esse termo do testamento. Pelo menos para isso serviu esses cinco anos na faculdade de Direito.

— E, como advogada, sabe que eu posso interpor recursos e mais recursos por anos. Você terá então que viver nesse meio tempo sem nenhum centavo da sua herança. Sabe como a justiça em nosso país funciona e sua ação pode se arrastar por mais tempo do que gostaria.

— É assim que quer jogar? Pois nós dois podemos fazer esse joguinho de quem pode mais, Gustavo. Tenho propriedades em meu nome.

— Se refere a esta casa onde fomos criados e à fazenda de Indaiatuba? Te conheço o suficiente para dizer que você nunca as venderia — disse ele abrindo as janelas para arejar o quarto.

— Você não me conhece. Eu venderia tudo isso sem nem pestanejar. Não há nada que me prenda a este lugar. E para seu conhecimento, eu já tenho um emprego. — E dizendo isso, saiu do quarto batendo a porta com força.

O pai sempre incentivou que os irmãos passassem muito tempo juntos. Dizia que um completava o outro: o sensato Gustavo e a intrépida Vivian. Julianio Grael dizia que, juntos, eles davam equilíbrio um ao outro e os criou mostrando que deveriam ser amigos. Sempre. E assim foi desde que eram pequenos. Mas, para Vivian, o pai e o irmão eram seus exemplos e quando assistiu o irmão agir de forma indigna no passado, ela viu que não conhecia Gustavo como pensou que conhecesse. Seu pai percebeu que eles se distanciaram, mas a doença do pai fez com que Vivian guardasse para si por um tempo seu desapontamento com o irmão. Ambos o respeitavam e admiravam muito e, desde o falecimento do pai, que morreu de câncer de pulmão oito anos atrás, os irmãos se afastaram cada vez mais.

Minutos depois, Gustavo ouviu o ronco do motor de sua BMW e ele bem sabia quem estava dirigindo. Correu para a sacada do quarto e viu a irmã acelerando sem sair do lugar em evidente provocação. Seu telefone tocou.

— *Agora é hora de descobrir em quanto tempo essa belezinha vai de 0 a 100, maninho. Se precisar sair, use o carro popular que comprou para mim. Os pneus dos seus outros brinquedos esvaziaram misteriosamente, acredita?*

— Vivian... Esse carro faz parte da minha coleção. É um *Bugatti Veyron 16.4* — disse tentando se manter sob controle. — Eu não dirijo nenhum deles. Devolva agora mesmo. Não faz ideia de quanto tempo precisei esperar para que ele chegasse. — Ele viu a irmã acelerar e dar um cavalo de pau em resposta.

— *Ah! Para quê ter sete máquinas como essa na garagem apenas para apreciar e polir? Adorei saber que esse teto é removível, Gustavo. Sua coleção precisa conhecer o sabor do asfalto. Pode deixar que farei isso por você.* — Ela sabia o quanto essa coleção de carros era importante para o irmão. Ele adquiriu esse último modelo por encomenda, depois de ficar um ano na fila de espera, pois era totalmente montado a mão em uma fábrica da *Bugatti* na França e custou mais de dois milhões de dólares.

— Vivian... Devolva o carro à garagem... agora!

— *Droga!*

— O que foi agora? — Quis saber Gustavo após ouvir o barulho semelhante a um pequeno estouro.

— *Eu trouxe um refri para o carro e deixei a lata cair no assoalho. Imagina o estrago que fez quando abri a lata? Mas relaxa que sujou só um pouquinho o estofado de couro branco. Sabe como é, acidentes acontecem...* — Essa foi a resposta da irmã que, desligando o celular, passou voando em direção à saída da propriedade.

Gustavo não pensou duas vezes antes de descer correndo as escadas em direção à garagem e, retirando o plástico do assento da sua BMW i8 prata, ligou o motor indo atrás da irmã. Aquele foi o único veículo que ele notou que ela não conseguiu esvaziar os pneus. Mas quando viu que o tempo estava nublado, ele congelou e relutou em deixar a garagem. Entre todos os seus transtornos, se expor à chuva era um dos mais graves. Encostou a cabeça no volante e pensou se valeria a pena correr o risco de enfrentar uma tempestade de verão. Começou a desferir socos no assento do carro por não ser capaz de dominar seus traumas e fobias. Algo dentro dele dizia para não ir. Para não se arriscar. Parar ficar seguro em casa. Lembrava o que já tinha acontecido antes. Mas se sentiu um covarde. E sua raiva de si mesmo o incitou a tentar enfrentar seu medo. Gustavo ligou o som do carro o mais alto que pôde como fazia sempre que entrava em crise. Não podia pensar. Se pensasse, não agiria e amava seus carros. Muito. Como também sabia que sua irmã teria prazer de arruinar seu carro novo apenas para atingi-lo mais uma vez.

Odiou a irmã por fazê-lo sair de casa. Odiou a si mesmo por ter saído. Vivian sabia que ele jamais chamaria a polícia e ele, apesar de ter instalado rastreadores com conexão em seu celular em todos os veículos de sua

coleção, se esqueceu de mudar o local onde guardava as chaves: seu closet.

Acelerou o carro e sentiu sua respiração ficar irregular tão logo alcançou uma via expressa e as primeiras gotas de chuva bateram contra o para-brisa do carro. Gustavo sentiu o sangue correr mais rápido em suas veias e passou a mão pela nuca. Seus dedos estavam gelados, mas tentou não desviar a atenção da estrada. O simples barulho cadenciado da chuva no teto solar de vidro fez sua cabeça começar a latejar.

— POR QUE ISSO ACONTECE COMIGO? POR QUÊ?! — gritava consigo mesmo começando a sentir o corpo queimar como se formigas o picassem. Ele gritou mais ainda. Xingou. Daria todo seu dinheiro para nunca mais se sentir assim. Para não ser escravo daquela prisão sem muros.

Aumentou ainda mais o som. Sua mente não estava clara e pensou na mulher que Vivian falou. No quanto fez mal a ela e no quanto a amava ainda, mesmo não podendo se aproximar da única mulher que amou em toda sua vida. Lembrou das lágrimas nos olhos dela. Pensou no que aconteceu. Reviveu o dia em que seu melhor amigo se tornou seu maior inimigo e, depois, de como a rivalidade entre eles se intensificou com o crescimento da companhia de Dante.

Experimentava tantos conflitos internos que temeu perder os sentidos. Já nem sabia onde estava e a chuva rapidamente se transformou em uma tempestade e ele não enxergava quase nada a sua frente. Não tinha como voltar para casa agora, mesmo se quisesse. Como também não tinha como voltar no tempo e consertar o maior erro de sua vida.

Capítulo 6



TUDO QUE EU PRECISO

Carla aceitou a proposta de seus amigos de sair, já que Xandinho iria se apresentar em um shopping da Zona Sul. Ela adorava ouvi-lo cantar. Seu melhor amigo tinha esse lindo dom desde criança e ela sabia que, quando ele tivesse uma oportunidade real, sua estrela brilharia muito e ele alcançaria a fama. O show daquela noite seria uma pequena apresentação. Xandinho abriria o espetáculo para outro cantor e estava programado que ele cantaria apenas duas canções.

Sob a condição de Carla ser a motorista, seu Amauri permitiu que levassem a Kombi. Assim seria mais fácil transportar os instrumentos do filho e todos poderiam ir e voltar juntos. Carla e os amigos combinaram que rachariam o valor do combustível.

Ela chegou feliz em casa após receber seu primeiro contracheque da Albertine Construções naquele dia. Estava empolgada por saber que além de seu salário, receberia o valor das horas extras na nova sede da companhia que em breve seria inaugurada. Carla já tinha planos para aquele dinheiro. Consertaria os portões de acesso ao ferro-velho que estavam há muito tempo precisando revisar as dobradiças. Se postergasse mais, temia que eles acabassem despencando em cima de alguém.

Passou pelo pequeno estábulo para ver Nikki Lauda como sempre costumava fazer. Abriu a mochila e tirou uma maçã que não comeu no almoço e deu para o cavalo que relinchou animado ao ver sua dona. Ele era um cavalo todo com nuances de preto e castanho, mas com uma pequena mancha branca na testa. Estava com sua família há cinco anos e era um animal dócil. Seu pai nunca usou chicote em seus cavalos, não achava isso certo. Repudiavam qualquer tipo

de violência contra animais. Todo dia após o trabalho, ele era escovado e recebia sua porção generosa de aveia e capim. Mas o que ele adorava mesmo era cevada, porém por ser um cereal mais caro, geralmente, não podiam comprar com frequência. Com isso, Carla lhe presenteava com o cereal preferido em datas especiais como o Natal, o aniversário do cavalo e o Dia do Trabalhador, afinal, foi graças a ele e aos outros animais que o antecederam que muitas das contas foram pagas e a comida não faltou na mesa de sua família. Quando foi dispensada e perdeu as diárias das faxinas, ficou temerosa de não terem como manter o cavalo. Nunca o sujeitaria a passar fome, mesmo que tivesse que abrir mão do amigo tão querido.

— Agora tudo vai melhorar, Nikki. Prometo que tentarei comprar sua cevada pelo menos duas vezes por semana, meu amorzinho — sussurrou encostando a testa no focinho do animal. — Esse novo emprego vai nos ajudar muito. Se eu fizer tudo certo, posso até continuar na empresa. Foi o que me disseram hoje e, com trabalho duro, posso ser promovida depois de algum tempo. É uma grande companhia. Agora temos convênio médico. Papai já pôde ir ao ortopedista e ao neurologista e disse que eles lhe deram umas amostras grátis de medicamentos que ajudaram a diminuir a dor nas costas, mas que ele vai ter que operar a coluna de qualquer jeito. — Carla não perdi o hábito de fazer Nikki Lauda de confidente e ele prestava atenção ao que sua dona falava.

— Eu estou trabalhando com uma equipe de quatro faxineiros em três andares e é sala que não acaba mais — prosseguiu trocando a água do cocho do animal que bebeu bastante. — Como eu sou a mais nova, sobraram os banheiros para mim, mas é tão bom finalmente ter minha carteira assinada, que isso é o de menos. Logo mudaremos para um outro prédio. Construíram uma sede nova lá no Flamengo e fui ajudar a equipe com a limpeza das instalações. É um prédio lindo! Todo de aço e vidro espelhado. Mesas e cadeiras ainda envoltas em plástico bolha. Carpetes sendo colocados ainda. Tudo com cheiro de novo. O lugar é enorme. Maior do que o que eu trabalho na Praça Mauá umas três vezes. Eu vou fazer tudo certo, Nikki. Assim que eu conseguir guardar um pouco de dinheiro, eu vou voltar a pagar o advogado para ele correr com o processo de soltura do Miguel. Meu irmão já devia ter sido solto. Quando eu não pude mais pagar, entreguei o caso à Defensoria Pública e não moveram uma palha para devolver a liberdade ao Miguel. Me dizem que tem dezenas de milhares de presos na mesma situação, que a justiça pública é lenta assim mesmo, que tem outros detentos há mais de um ano com a sentença cumprida e que permanecem presos... — Ela suspirou profundamente e sorriu otimista. — Eu vou conseguir tirar meu irmão de lá e você vai conhecê-lo. Miguel também ama cavalos e vocês serão bons amigos.

O cavalo relinchou e ela acariciou sua crina. Carla sempre adorou cavalos. O porte e inteligência deles a impressionavam e ela aprendeu a montar logo cedo com seu irmão Miguel. Aquele cavalo, mesmo não sendo um mangalarga, um appaloosa ou andaluz, tinha um porte que ela sempre assemelhou a um *Mustang*. E mesmo que o chamassem de pangaré quando ela saía para cortar capim para ele e um carro buzina, ela não se importava. Era seu cavalo. Seu pai trabalhava com ele, contudo sempre disse que aquele cavalo pertencia a ela e parecia que o animal sabia disso. Nikki Lauda reagia de modo diferente quando ela estava perto. Ficava claramente animado. Dava pequenos pulos e aceitava que abraçasse seu pescoço por longos minutos. E Carla adorava fazer isso. Ela o escovava toda noite e lhe dava banho duas vezes por semana, mas alguém se antecipou naquele dia e ele já estava bem cheiroso pelo que ela pôde sentir. Foi assim com Fittipaldi também, cavalo anterior a Nikki Lauda. Ela e os amigos aprontaram muito na infância sequestrando o cavalo preto e a carroça várias vezes. Ela riu ao lembrar das peraltices que aprontavam.

— Hoje você e papai trabalharam muito, garotão? Não deixa seu Vicente cometer excessos, não. Combinado? Dá uma de teimoso se ele tentar te levar para muito longe, que nem você faz quando tem que trocar as ferraduras. Vou entrar agora. Come sua aveia e dorme porque amanhã é dia de trabalho, meu amor.

Ela riu quando ele mexeu a cabeça como se entendesse. Despediu-se do animal sussurrando em seu ouvido que no dia seguinte iriam cortar mais capim. Pensou em ir para a Avenida Brasil. Havia muitos recuos na pista, não muito distantes dali, onde ela encontrava capim fresco como ele gostava.

Entrou pelos fundos e encontrou o pai e o sobrinho jantando na cozinha.

— Boa noite, família!

— Boa noite, filha — disse seu Vicente recebendo um beijo de Carla. — Ouvi os relinchos do Nikki Lauda e sabia que era você o motivo da alegria dele. E você, por que está assim tão feliz?

— Também não entendo como ela consegue chegar em casa feliz assim depois de passar o dia limpando as coisas dos outros.

— “Boa noite, tia Carla. Como foi seu dia?” Foi ótimo Kionã! Soube que existe a possibilidade de ser efetivada na Albertine depois dos três meses de experiência. É por isso estou tão feliz.

— Uau! Que maravilha!! — disse o menino batendo palmas ironicamente. — O emprego dos sonhos de qualquer pessoa.

— É o emprego que vai ajudar a sustentar nossa família e, no momento, é, sim, o emprego dos sonhos para mim — disse bagunçando as

tranças do menino de propósito. Mudou de assunto, não querendo ser contaminada pela atitude ranzinza do sobrinho. — Que cheiro bom, pai. É o que estou pensando?

— Fiz sopa de alho-poró, filha. Especialmente para você.

— Eu adoro! — disse ela animada, já lavando as mãos e sentando à mesa para comer.

— Eu detesto — disse Kionã demonstrando seu costumeiro mau humor. Ele comia apenas o pão francês e olhava para a sopa com cara de nojo.

— Você tem que comer o que está na mesa. Está muito mal-acostumado, moleque — censurou o avô.

— Vou para o meu quarto — disse Kionã já se levantando.

— Senta! — ordenou Carla.

— Mas, tia, eu não quero comer iss...

— Senta! Estou mandando — repetiu Carla, sem olhar na direção do menino.

A contragosto ele se jogou sobre a cadeira. Mas continuou sem tocar na sopa.

— Você vai comer tudo.

— Eu não vou comer essa lavagem de porco.

Carla, enfim, levantou os olhos e encarou o menino, respirando profundamente para não perder a cabeça e disse:

— Peça desculpas ao seu avô por dizer esse absurdo.

— Na casa da minha tia Olívia, ninguém me obriga a...

Carla bateu a mão na mesa com violência, o que assustou Kionã, pois, de modo geral, a tia era paciente ao extremo com ele.

— Esta é sua casa. Não a casa da sua tia Olívia. Esta é a sua família. Este é o seu jantar. Você não vai levantar desta mesa até ter pedido desculpas ao seu avô e ter terminado de comer sua sopa.

O menino levantou o queixo em desafio e disse:

— Me desculpe, vô Vicente, mas eu não vou comer essa lavagem.

Seu Vicente se levantou em um ímpeto e se aproximou do menino com o dedo em riste.

— Seu moleque arrogante, sabe quantas pessoas estão pelas ruas passando fome? Sabe o que é não ter o que comer; onde dormir; ou alguém que se importe com você?

— Ah! Esse papo de novo?

— Sim. De novo. E vou repetir quantas vezes for necessário até entrar na sua cabeça dura — disse perdendo a calma e levantando o menino pelo braço.

— Eu não vou comer — disse o garoto com os olhos marejados e ainda sustentando o olhar do avô. — Não podem me obrigar. Eu conheço os meus direitos. Se me bater eu vou ligar para o Conselho Tutelar.

— Pois, faça isso! Sabe o que vai te acontecer? Vão te levar para uma casa de custódia, um lar provisório ou para um orfanato. Ou coisa pior...

— Qualquer lugar deve ser melhor do que viver nesse ferro-velho.

Carla viu que o pai estava por um fio de perder a cabeça e disse:

— Pai, deixa o Kionã. Ele só quer testar nossa paciência. Vamos terminar nosso jantar — disse colocando a mão em seu ombro. — A sopa está deliciosa. Muito parecida com a que mamãe fazia.

Ouvir aquilo fez com que o senhor de barba e cabelo grisalhos olhasse para a filha e sua expressão se desanuviou um pouco quando ele soltou o menino e respondeu:

— Não, filha. Ninguém consegue fazer essa sopa tão bem quanto sua mãe fazia — disse nostálgico e, logo em seguida, retirou seu prato da mesa.

— Pai, não vai mais comer?

— Vou descansar um pouco. Coma com calma. Não se preocupe com o Nikki Lauda que ele já foi escovado hoje.

— É. Ele me obrigou a fazer isso.

— Cale-se, Kionã! Aprenda a respeitar os mais velhos — repreendeu Carla elevando o tom de voz também e já perdendo a calma. — Saiba que papai fez muito bem em te colocar para ajudar em casa. Pensando bem, já estava mais do que na hora de você fazer alguma coisa útil aqui dentro. Vai escová-lo todo dia. Essa passará a ser sua obrigação de hoje em diante. Além de dar banho nele duas vezes por semana.

— Aquele cavalo é muito grande. Não vou conseguir alcançar e lavar ele direito. Depois a senhora vai dizer que fiz de má vontade.

— Pois suba em uma escada ou em um banquinho — respondeu seu Vicente terminando de lavar seu prato. — Você é um menino inteligente. Sei que encontrará um jeito.

Carla notou que o pai caminhava mais devagar que de costume e perguntou:

— O senhor fez muito esforço hoje, não fez, pai?

— Não se preocupe, minha filha. Eu estou bem. Preciso apenas de uma boa noite de sono. Ele se inclinou, beijou a cabeça da filha e deteve-se a olhar para Carla com a mão pousada em sua face. — Você se parece cada vez mais com a sua mãe. Ela teria orgulho, como eu tenho muito orgulho de ter você como filha. Tente se divertir hoje com seus amigos, minha menina. Você trabalha demais. Merece arejar um pouco a cabeça. — Já ia saindo quando voltou e disse:

— Ah! Sua amiga Isabel ligou. Ela pediu que ligasse para ela.

— Tá bom, pai. Vou ligar assim que terminar de jantar. Pode deixar — respondeu Carla vendo o pai se afastar em direção ao quarto. Sabia que ele sentia ainda muita falta de sua mãe. Nunca mais pensou em se casar novamente depois que ficou viúvo.

A refeição prosseguiu em silêncio. Carla não gostava de ter que ser dura com o sobrinho, mas sabia que era preciso. Já haviam conversado tantas vezes com ele e até pediu que Olívia a ajudasse aconselhando o menino a compreender que a realidade financeira da família deles não era igual à da maioria de seus colegas de escola. Olívia garantiu que ajudaria. Carla teve esperança, porque era a única pessoa que o sobrinho ouvia e atendia nos últimos tempos. Terminou a refeição e viu que o sobrinho continuava sentado de braços cruzados.

Pensou em sua falecida mãe. D. Miriam seria capaz de fazê-lo entender o que realmente importa na vida. Pôs mais um pouco de sopa no prato. Ela fazia mesmo a melhor sopa de alho-poró que Carla já experimentou na vida, mas a do pai também era muito boa. Lembrou de quando as refeições deles sentados àquela mesa eram felizes e animadas. Ela e o irmão contavam para os pais como tinha sido o dia na escola. Sua mãe e seu pai sempre tão amorosos um com o outro. Quantas vezes viu o pai enlaçar a cintura da mãe e começar a dançar com ela, mesmo sem música, quando ela estava aborrecida por ele ter se atrasado para o jantar. A mãe sempre cedia e esquecia porque se chateou. Eles se amavam muito e Carla sempre quis viver um amor assim um dia.

Aquele era seu lar e apesar de ter sido rechaçada por muitas crianças da escola e até mesmo da comunidade por morarem em um ferro-velho e por seu pai ser carroceiro, ela foi muito feliz ali. Quando criança, Carla adorava se aventurar pelo ferro-velho com o irmão. Ele já trabalhava como ajudante na oficina de seu Amauri e lhe ensinava tudo que aprendia.

— *O que é isso, Carla? Para que serve?* — Miguel lhe perguntava abrindo o capô de um dos carros velhos e apontando para uma peça qualquer. Foi assim que surgiu o interesse de Carla por carros. Seu Amauri volta e meia aparecia para procurar peças de reposição lá. D. Juliana não gostava do filho Alexandre, conhecido por todos como Xandinho, ficar no ferro-velho, por ter a saúde muito frágil, mas era só o pai falar que iria ao ferro-velho do Vicente que o menino magricelo desaparecia de sua vista.

Carla e Xandinho tinham a mesma idade e eram inseparáveis desde que se conheceram no primeiro ano do ensino fundamental da Escola Irineu Marinho. Melhores amigos desde então. Ela comprava as brigas do menino que não tinha nem fôlego para jogar bola, muito menos para brigar, mas que adorava

arranjar confusão. Isabel, que era dois anos mais velha que os dois, logo se metia na briga. Ninguém se metia com seus amigos, dizia ela. Faziam tudo juntos. Mônica só se juntou ao grupo quando já estavam com doze anos. Diferente dos outros três que moravam na comunidade do Muquiço em Guadalupe e só estudavam na escola do bairro vizinho, Mônica se mudou com os pais e uma irmã para Marechal Hermes. Ela se aproximou primeiro de Isabel porque cantavam juntas no coral da igreja Batista que frequentavam.

Antes, a família de Mônica morava no Humaitá, um bairro classe média-alta do Rio de Janeiro. Janaína, sua irmã mais velha, não se conformava com a mudança no padrão de vida de sua família desde que seu pai perdeu o emprego. Ela não escondia que odiava morar no subúrbio e não aceitou estudar em uma escola pública. Dizia para Mônica não se aproximar dos favelados porque acabaria pegando sarna ou piolho, ou os dois, mas Mônica não se importava porque tinha feito amigos pela primeira vez.

Os quatro adoravam brincar com Fittipaldi sempre que podiam. Quantas vezes Carla e Xandinho disseram que estavam em semana de prova na escola e que iam estudar em grupo, mas, na verdade, os dois sequestravam a carroça e saíam com Mônica e Isabel pelas ruas de Marechal Hermes e Bento Ribeiro. Xandinho e Isabel sempre gostaram de música e cantavam o repertório do Trem da Alegria o passeio todo e Carla guiava a carroça.

Mônica só cantava no coral porque era obrigada pela mãe, mas sabia que não tinha talento para música. Era uma criança medrosa por natureza, mas participava dos planos de sequestro, despistando seu Vicente, porque queria estar com os amigos, apesar de morrer de medo de andar de carroça. Porém, como deixavam que ela escolhesse o percurso dos passeios, Mônica acabou perdendo o medo aos poucos e se distraíndo com a cantoria de Xandinho e Isabel. Quando voltavam, corriam para as saias de D. Miriam que livrava uns do castigo e outros de uma boa surra. Por isso, seus amigos adoravam a mãe de Carla.

D. Miriam desencorajava os outros pais com bolo de cenoura com chocolate. Acabou virando até um ritual, o pai de Isabel era o primeiro a chegar. A mãe de Mônica, D. Noemi e D. Juliana já não chegavam tão nervosas. Assim, a amizade das crianças acabou aproximando os pais delas. Com exceção do pai de Mônica, que compartilhava a mesma opinião que a filha mais velha e sonhava em voltar para o bairro antigo. Mas D. Miriam mandava bolo para ele também. Ela era capaz de conquistar todo mundo. Até as pessoas com os corações mais duros a escutavam. Quando D. Noemi, a mãe de Mônica, morreu vítima de uma bala perdida, foi a D. Miriam que se encarregou de tomar todas as providências para o velório.

E quando o pai de Isabel deixou um bilhete dizendo que viajaria por

uns dias para resolver um problema, porém nunca voltou para casa, D. Miriam praticamente adotou Isabel e os quatro irmãos. Como a casa era muito grande, tiveram a ideia de alugar quartos para garantir uma fonte de renda. Quatro dos seis quartos do sobrado foram alugados. Assim, Isabel e os três irmãos mais novos puderam continuar estudando e seu irmão Isaque, que já tinha dezoito anos, assumiu a responsabilidade de criar os mais novos, contando com a ajuda de D. Miriam.

Ela ensinou Isabel a costurar e dizia que ela levava muito jeito. Descobriram que o pai teve um caso com a mulher de um traficante e fugiu para não ser morto. Carla sorriu ao recordar como eram felizes. Lembrou de quando sentavam para escrever uma carta para Papai Noel e ela o irmão perguntavam para a mãe o que ela gostaria de ganhar de presente de natal.

— *Eu já tenho tudo que eu preciso bem aqui* — dizia ela sorrindo para o marido e abraçando os filhos.

Naquele mesmo ano, veio a primeira crise séria de Xandinho. Um dia, do nada, ele desmaiou na saída da escola após a aula. Carla entrou em desespero. Pediu ajuda e logo D. Juliana e seu Amauri foram chamados e o levaram em uma ambulância. Xandinho ficou internado por três dias. Depois voltou para casa.

Foi quando Carla ouviu falar pela primeira vez em Fibrose Cística. D. Juliana explicou que quando ele nasceu não foi feito o teste do pezinho. A doença foi diagnosticada só quando ele já tinha doze anos pelo teste do suor. Assim entenderam porque seu amigo não tinha fôlego para brincadeiras e o motivo daquela tosse insistente. Xandinho passou a fazer fitoterapia e Carla o ajudava em todos os exercícios que ele tinha que fazer. Mas a segunda crise foi muito mais séria e ele ficou muito mais tempo no hospital. Alguns colegas da escola achavam que ele ia morrer, mas Carla discutia e chegou a brigar com um garoto que disse isso em voz alta no recreio. Ela dizia para todos que ele logo estaria de volta.

Escrevia para Xandinho todos os dias, mas ele não escrevia de volta. Diziam que ele estava fraco para fazer isso. Ela passava a limpo todo o dever da escola para os cadernos dele. Duas semanas depois, quando voltou da escola, ouviu seu pai consolando seu Amauri que chorava desesperadamente. Tinha acabado de receber uma ligação da esposa que foi orientada pelo médico a se preparar para o pior. Carla selou Fittipaldi da forma como seu irmão lhe ensinou. Colocou arreios, cabresto... tudo e foi em um galope ensandecido para o hospital. Sabia que Xandinho estava internado no Hospital Carlos Chagas, do outro lado da estação de trem de Marechal Hermes. Foi um alvoroço quando a menina de tranças chegou na frente da entrada de emergência montada no cavalo

preto. Lógico que a segurança do hospital não a deixou entrar.

— Eu vim ver meu amigo Xandinho.

— Não é permitida a entrada de crianças sozinhas neste hospital, menina. Quanto mais uma com um cavalo.

— Meu amigo está muito doente, mas eu sei que ele vai melhorar se a gente conversar. Ele só deve estar se sentindo sozinho e...

— Já disse, você não vai entrar aqui. Vá embora e leve esse cavalo fedido com você.

A menina não soltou as rédeas e abraçou o focinho do animal fazendo carinho nele.

— Eu não vou embora e o Fittipaldi não fede. Ele é mais cheiroso que o senhor.

Já havia uma pequena multidão ao redor deles, todos riram e alguns funcionários do hospital até concordaram com Carla.

— Garota atrevida! Vá embora ou vou chamar a FEBEM — disse o guarda atarracado, tirando o quepe e revelando sua calvície. Passou um lenço na careca e fez sinal para um outro segurança mais alto e forte se aproximar.

— Me deixem ver o Xandinho. — Ela implorava aos prantos. — Eu só quero ver o Xandinho.

— Pare com isso, garota! Aqui não é lugar de se fazer toda essa arruaça. Onde estão seus pais?

— De quem é esse cavalo? — perguntava outro segurança.

— Vestida desse jeito, deve ser uma daquelas crianças do Muquiço. Com certeza — disse uma mulher de uniforme verde da enfermagem passando por ali.

— Por que está fazendo isso? Vá para sua casa, menina — disse uma funcionária da recepção.

— Eu só quero ver meu amigo. O nome dele é Alexandre e ele está aí dentro — disse ela com os olhos marejados.

— Já disse, pare de ser teimosa, menina. Chispa daqui agora e leve esse animal com você — disse o segurança mais alto.

— Eu não vou embora sem ver meu amigo — disse ela tremendo de medo, mas sem recuar diante dos dois homens.

— Calma, Leonel. É só uma criança. — Alguém disse, mas ele não deu ouvidos.

— Vamos ver, então... Se não obedece por bem, vai por mal mesmo — disse o homem recolocando o chapéu e puxando Carla pelo braço, o que acabou assustando o cavalo que seguiu a menina, indo em direção ao homem batendo as patas contra o chão.

— Fale para ele se afastar — pediu o guarda Leonel vendo o animal avançar em sua direção e relinchar nervoso.

— Me solte ou eu vou falar para ele te dar um coice. — Na mesma hora o segurança atarracado a soltou. Mas a confusão já estava armada, outros seguranças chegaram e tentaram pegar as rédeas do cavalo das mãos da menina antes que causassem mais confusão. Carla, com habilidade, subiu em Fittipaldi e, sem pensar duas vezes, entrou pelo saguão do hospital gritando o nome de Xandinho em seu desespero infantil, pensava que seria presa, mas que veria seu amigo a qualquer custo. Muitos funcionários e pacientes assistiram atônitos uma menina montada em um cavalo passar pelos corredores do hospital e não acreditavam. Despistou os guardas e seguiu em frente.

Carla registrava cada informação que via nas placas das paredes. Sua memória fotográfica sempre a ajudou. Encontrou um mapa ao passar por um corredor onde pacientes aguardavam em macas sua vez de fazer um Raio-X. Carla viu as palavras “ala pediátrica”. Memorizou rapidamente como chegar até lá. Ouviu gritos atrás deles e percebeu que os guardas estavam perto. A menina negra em seu cavalo sendo perseguida por quase todos os guardas do hospital fez todas as consultas pararem. Todos queriam ver aquela cena incomum. Carla cruzou alguns corredores e viu crianças em cadeiras de rodas tomando sol em uma área aberta, mas Xandinho não estava entre elas.

— Onde ficam as outras crianças? — Ela perguntou e um menino com gesso nas duas pernas só esticou o braço. As crianças ficaram maravilhadas com aquele espetáculo no hospital onde nada interessante acontecia. Carla passou por elas, seguindo na direção que indicaram e chegou à ala pediátrica. Desmontou de Fittipaldi que acabou assustando uma das enfermeiras que saiu correndo gritando por ajuda. Carla achou que não era para tanto, mas ouvindo vozes dos guardas se aproximando, cochichou algo no ouvido de Fittipaldi que sacudiu a crina como se estivesse de acordo e ficou parado no corredor da enfermaria.

A menina nem tinha percebido que estava descalça e passou pela porta de vai e vem de plástico despertando a curiosidade de crianças e seus acompanhantes. Ela foi de leito em leito. Acelerando o passo e com o coração batendo forte em seu peito. Tinha que encontrá-lo logo. Temia que os guardas a encontrassem antes que ela falasse com Xandinho, mas a enfermaria era muito grande. Já estava perdendo a esperança quando, enfim, viu o rosto que procurava. Isolado das outras crianças em um canto, lá estava seu amigo. Ainda mais magro do que já era. Mais pálido do que sempre foi e com uma máscara de oxigênio no rosto. Ele estava acordado olhando para o teto e parecia muito fraco. Carla teve a impressão de que era com dificuldade que permanecia de olhos

abertos. D. Juliana, sua mãe, debruçada sobre a cama, segurava a mão do filho. Ela chorava baixinho. Seu choro embolava-se em uma prece. Uma outra mãe tentava consolá-la.

— Xandinho — chamou Carla parando do outro lado da cama.

— Carla? Como entrou aqui, minha filha? Seus pais... eles sabem que está aqui?

— D. Juliana secou as lágrimas rapidamente e olhou ao redor para constatar que Carla estava mesmo sozinha. Não estavam no horário de visitas.

— Eu vim com Fittipaldi, D. Ju — disse a menina chorando e, se voltando para o amigo, chamou por ele novamente: — Xandinho, consegue me ouvir? Sou eu. Carla.

Ele permaneceu em seu estado de entorpecimento.

Chamou de novo, mas o menino não reagiu. D. Juliana já se preparava para levá-la dali quando viu Carla inclinar-se sobre a cama e começar a cantar baixinho e bem devagar no ouvido do filho a música preferida dele do Trem da Alegria:

*No mundo de Eternia bem distante daqui
Na luta pela paz um guardião vai surgir
A força e a coragem, ele nasceu para o bem
Os músculos de aço nosso herói é He-Man.*

Lágrimas escorreram pelo rosto da menina que já tinha pesquisado tudo que pôde sobre Fibrose Cística. Perguntou na escola aos professores e, na biblioteca, achou um guia de medicina com algumas informações. Mas nada a preparou para ver seu amigo tão doente e não poder fazer nada para ajudá-lo. Foi algo que despedaçou o coração da menina. Era seu melhor amigo naquele leito hospitalar e Carla sabia que muitos portadores de Fibrose Cística não chegavam à idade adulta. Com os pés descalços e sob o olhar de D. Juliana, a criança continuou cantando, mas soluçava tanto que atraiu a atenção de outros pacientes e de seus pais que assistiam à cena comovidos com o que viam. Algumas crianças começaram a cantar com ela como se para ajudar a despertá-lo daquele estado tão triste:

*Aponta para o céu a sua espada a brilhar
E entre raios e trovões um campeão nascerá
Pacato o seu tigre vira o Gato-Guerreiro
Na luta da justiça se entrega por inteiro...*

O menino, com evidente esforço, virou na direção de onde vinha aquela voz que ele conhecia e deu um sorriso débil, que iluminou o rosto de Carla. Ela e Xandinho ficaram se olhando. Apenas olharam um para o outro. Carla esqueceu tudo ao redor e segurou a mão do amigo. Ele sentiu o calor de sua pele e ela notou como a mão do menino estava fria.

— Você parou na melhor parte, Carla... continua... eu canto com você — disse Xandinho sem remover a máscara de oxigênio.

Eu tenho a força...

Sou invencível...

Vamos amigos...

Unidos venceremos a semente do mal

Ambos cantaram sorrindo por estarem juntos de novo.

— Oi. — O que mais poderia dizer, Carla não sabia.

— Oi... — respondeu ele em um fio de voz. — Que bom que veio, Carla. Preciso de um favor...

— Qualquer coisa, Xandinho. Pode pedir o que você quiser — disse ela sorrindo por ouvir a voz dele.

— O médico disse para minha mãe que eu não vou voltar para casa. — Tossiu forte e respirou um pouco antes de prosseguir. — Ele pensou que eu estava dormindo — disse o menino seguido pelo choro da mãe e, virando o rosto para a mulher loira, disse: — Não fica triste, mãe. Eu não sinto dor. Eu vou ficar bem. A Carla vai cuidar da senhora para mim, né, Carla?

— Não vou! — disse nervosa, franzindo a testa.

— Não? — Foi a vez de lágrimas descenderem pelo rosto de Xandinho. — Por quê? Você disse... qualquer coisa...

— Não vou, porque você vai ficar bom. Você é forte. Eu sei que consegue. Tem que lutar.

— Carla, o que eu tenho não tem cura... Eu vou morrer...

— Pare de dizer isso! Não tem cura, mas tem tratamento e eu te ajudo. Você vai sair daqui e eu vou te ajudar com a dieta e com os exercícios da fisioterapia e com os remédios... E tudo mais que for preciso. Mas... — Ela agarrou-se ao corpo do amigo. — Mas por favor não desista. Eu sei que se você tentar de verdade você vai ficar bom. Por favor... você nunca fugiu de uma briga. Mesmo quando sabia que ia apanhar. E... e você é meu melhor amigo, Xandinho. Você vai crescer e vai cantar. Todo mundo gosta de te ver cantando e você vai ficar rico. Vai ser muito famoso. Todos vão querer seu autógrafo. — Abaixou a cabeça sobre o peito do menino e ficou escutando o coração dele bater fraquinho.

— Até você? Até você vai querer o meu autógrafo, Carla?

Ela fez que sim com a cabeça.

Xandinho pousou a mão com o acesso do soro sobre a cabeça dela e brincou com suas tranças. Depois disse:

— Você ouviu a minha amiga. Ela quer que eu fique mais um pouco por aqui. Volta daqui há alguns anos. Pode ser?

Carla e D. Juliana e uma outra mulher seguiram o olhar do menino e viram a cadeira vazia encostada na parede.

— Meu filho... não tem ninguém ali. Com quem você está falando?
— perguntou a mãe nervosa, sem entender e sem conseguir conter as lágrimas, enquanto acariciava os cabelos pretos do garoto. Pensava que o filho estava delirando e passou uma toalha úmida em sua pele para tirar a mistura de sal e suor em sua testa, decorrentes da doença.

—Falava com o anjo, mãe.

Carla virou-se para o amigo e perguntou ansiosa: — E o que ele respondeu, Xandinho? O que o anjo disse?

Mas ela não pôde mais ficar perto, pois braços fortes a tiraram do chão e ela foi levada por um dos seguranças. Carla pediu que a soltassem, mas era ignorada pelo homem que, com muito esforço, tentava contê-la. D. Juliana gritou algo e as outras mães que assistiram a conversa também tentaram intervir.

Já perto de passarem pela porta vai e vem de plástico, o segurança sentiu alguém tocar seu braço e, virando-se, viu Xandinho de pé.

D. Juliana precisou sentar-se ao presenciar o filho tirar a máscara, se levantar e ir ao encontro da amiga.

— Por favor, ponha ela no chão...

O pedido feito por um menino tão pálido e magro, praticamente moribundo, que não pôde ser ignorado nem pelo segurança rude que pôs Carla no chão. Vendo o amigo de pé, ela não hesitou em abraçá-lo no exato momento que o chefe da pediatria entrava e se deparava com algo inacreditável para ele. Foi aquele mesmo médico que havia dito que Xandinho não sairia daquele leito com vida horas atrás. E agora ele estava de pé bem na frente dele.

— Eu sabia que você só estava se sentindo sozinho. Mamãe disse que devemos ter fé e acreditar em Deus porque Ele sempre cuida da gente.

— Obrigado pelas cartas... Eu durmo com elas embaixo do meu travesseiro — disse ainda abraçando a amiga. — Desculpe não ter respondido. Não consegui e não queria que escrevessem por mim.

— Está tudo bem.

Eles ouviram um relincho e o menino perguntou incrédulo:

— É o Fittipaldi?

— Sim. Ele também estava com saudades de você. A porta se abriu e ele conseguiu ver o animal e um sorriso ainda maior iluminou o rosto do menino.

— Venha, meu rapaz. Você deve repousar agora — disse o médico colocando a mão no ombro do paciente. — Já é um milagre você estar de pé. Nada de pensar em andar a cavalo hoje.

Todos riram. Até D. Juliana que mal acreditava no que seus olhos viam. Havia pedido tanto a Deus por um milagre e o milagre aconteceu e veio envolto na força da amizade pura e incondicional entre aquelas duas crianças.

— E você, mocinha, deve ir para casa. Seus pais devem estar muito preocupados — disse o médico.

D. Juliana, depois de colocar o filho de volta no leito hospitalar, se abaixou e sorriu para Carla. A beijou com carinho se despedindo, após dizer ainda com os olhos marejados:

— Obrigada, minha filha.

Carla entendeu cada emoção que viu nos olhos da mãe de seu amigo.

— Carla — chamou Xandinho antes que ela passasse pela porta. — O anjo disse... — Ele respirou fundo e prosseguiu. — O anjo disse que vai me deixar ficar mais um tempo por aqui.... Ele não quer confusão com você.

Carla, com um sorriso de orelha a orelha, acenou para o amigo e foi guiada por um segurança. As crianças que estavam nas outras camas acenaram para ela se despedindo e um menino gritou:

— *Pelos poderes de Grayskull!*

Ela gargalhou e respondeu:

— *Eu tenho a força!*

Pegou as rédeas de Fittipaldi das mãos do outro segurança e agora podia ir para casa. Sabia que seu amigo ficaria bem.

O toque do telefone despertou Carla de suas recordações. Ela se levantou e confirmou com Isabel que iria ao show com eles e que já ia se arrumar.

— Sei que será em Botafogo, mas em qual shopping, Bel?

— *Rio Sul, amiga. Não demora. Ainda temos que ir até a Mônica que, como sempre, está dizendo que não vai.*

— Não demoro. Já passo na sua casa.

— Shopping? — Kionã pareceu interessado na conversa. — O show do tio Alexandre vai ser em um shopping?

— Sim — disse Carla. — Em Botafogo. Vou ver no Google Maps

como chegar.

— Em Botafogo, tia? Eu vou com a senhora — disse se levantando animado.

— Senta e termine sua sopa. Você vai ficar em casa com seu avô.

— Mas eu quero ir passear.

— Você está de castigo.

— Mas eu já não fui para a festa no condomínio da tia Olívia. Isso não é justo.

— O que não é justo é esse seu comportamento grosseiro com todos da sua família. Ultimamente nada é bom o suficiente para você.

— Tia, eu só estava chateado... Acordo muito cedo todo dia e preciso pegar um trem e um ônibus para ir para o colégio.

— Você disse que pegaria até três conduções para continuar estudando no Santa Tereza. Me lembro bem disso quando te perguntei se seria muito sacrificante para você e o tirei da escola pública aqui do bairro. Quer voltar para lá? É uma boa escola e você só precisa levantar meia hora antes da aula.

— Eu sei... É que eu...

— Você o quê? — perguntou sentando-se para tentar entender como funcionava a cabeça do sobrinho.

— Eu nunca posso ter nada que meus colegas da escola têm. Eles todos chegaram com celular, *Ipad* e outras coisas que ganharam de presente no Natal e eu não posso ter nem um tênis novo. Eu quero ter essas coisas. Eu mereço. Sou mais inteligente que a maioria da minha turma. Tiro as notas mais altas e nem direito a um tênis novo eu tenho. Meu tênis está apertado e já está começando a me dar calo. Meu presente de Natal foi uma calça jeans e duas camisas.

— Eu vou comprar seu tênis. Já recebi meu salário. Mas o que você precisa entender é que a vida de seus colegas é diferente da nossa, Kionã. A maioria dos alunos vêm de família com dinheiro. Você é bolsista em uma escola muito cara, porque D. Raquel conseguiu isso para gente. Você não pode viver desejando o que os outros têm. Continue estudando bastante. No futuro, terá um bom emprego e poderá comprar essas coisas.

— No futuro... no futuro... eu quero agora! Tudo que eu preciso eu nunca posso ter. Nunca. Estou cansado de viver esperando o futuro. A senhora é o exemplo do futuro que aguarda por mim se eu aceitar viver com pouco como a senhora vive. Estudou tanto. Se empenhou tanto e nem pôde terminar a faculdade e agora está aí... uma faxineira que não tem condições de me dar nada. Eu odeio a minha vida. Odeio! Quero que minha mãe volte logo e me tire desse

lugar horrível!

— Eu não te reconheço mais, Kionã. Você não é assim. Por que está agindo dessa maneira?

— Estou farto dessa vida. — E mudando de assunto, tirou um recorte de revista do bolso da calça jeans e colocou na frente da tia sobre a mesa.

— Eu quero esse tênis. Meu amigo Juan Henrique tem um igual. Já que vai para a Zona Sul, leve a foto para não trazer o tênis errado.

Ela mal acreditou no que ouviu. Levantou-se apoiando as mãos sobre a mesa.

— Aqui nesta casa não se premia falta de respeito, Kionã. Quando terminar a sua sopa, escove os dentes e vá dormir.

— Eu não vou comer essa sopa.

— Então, terá uma noite desconfortável nessa cadeira.

Carla deixou o sobrinho sozinho e se arrumou para ir encontrar os amigos. No dia seguinte, com a cabeça fria, conversaria com Kionã. Naquele momento, queria mesmo era dar umas boas palmadas no menino. Já tentou de tudo e nada adiantou até agora. Não queria fazer isso, mas seria melhor discipliná-lo em casa do que a polícia fazer isso em seu lugar um dia.

A noite foi muito agradável. Carla e as amigas Isabel e Mônica se divertiram muito assistindo à apresentação de Xandinho. Dançaram e aplaudiram efusivamente o amigo. Gritaram o nome dele empolgadas quando ele subiu ao palco. Outras moças se juntaram ao fã-clubes formado pelas três e depois tiraram fotos com o rapaz alto e bonito que Xandinho se tornou. Quem o visse agora não imaginaria tudo pelo que passou desde a infância. Seu tratamento continuava, porém ele nunca falava da doença. Tentava viver evitando ao máximo que ela impusesse limites à sua vida ou limitasse seus sonhos. Era feliz e amava música. Queria seguir carreira apesar de seus pais terem reservas por conta de sua condição.

Ao fim do show, Xandinho foi abordado por um homem alto e bem vestido que se identificou como produtor musical e lhe fez um convite para abrir outro show em uma casa de espetáculos bastante conhecida na cidade. Os olhos de Xandinho brilharam e ele já ia concordar de pronto quando Isabel tomou a frente, se apresentando como empresária, e perguntou ao homem, que se chamava Jonathan, qual seria o cachê de Xandinho. O amigo a cutucou e ela o beliscou para que não interferisse em suas negociações. Carla e Mônica só assistiam, interessadas na conversa.

— Estava pensando em dois mil reais por umas quatro músicas na abertura do show principal. Gostei de como ele aqueceu a plateia para a banda que se apresentou depois — disse para Isabel que estendeu a mão concordando.

Ela disse que o procuraria para agendar detalhes e tomou o cartão que ele tinha dado a Xandinho que já estava feliz por poder cantar em uma casa famosa como aquela e gostou mais ainda de saber que, dessa vez, haveria cachê. Seria seu primeiro. Depois que o homem foi embora, ele carregou Isabel no colo e rodopiou com ela.

— O que seria de mim sem vocês? — brincou piscando o olho para as outras duas.

A noite encerrou com os amigos relembrando as músicas do Trem da Alegria voltando para casa de Kombi.

Carla conseguiu esquecer por algumas horas o comportamento rebelde do sobrinho, os amigos tinham esse poder de fazê-la voltar a se sentir apenas uma moça comum de vinte e três anos e isso era muito bom. Quando voltou para casa, passava das duas da manhã e Kionã dormia no mesmo lugar que o tinha deixado. Afastou o prato e apoiava a cabeça sobre a toalha de mesa. Ela o chamou e o ajudou a ficar de pé. O amparou e o levou para o quarto.

— Mamãe, vem me buscar. Por que está demorando tanto? — sussurrou o garoto em meio ao sono. Carla sentiu um aperto no peito ao ouvir o sobrinho chamar pela mãe que o abandonou tão pequeno sem dar nenhuma satisfação. Colocou o pijama nele que não acordou. Voltou para a cozinha e olhou para a mesa. Ficou algum tempo lembrando das palavras do menino.

— “Não vou comer essa lavagem de porco.” — Uma lágrima desceu pelo rosto de Carla ao pegar o prato de sopa intocado e levá-lo à pia. Sabia que, se continuasse desse jeito, seu sobrinho aprenderia a dar valor ao que tinham da maneira mais difícil.

— Mamãe, eu queria tanto que a senhora estivesse aqui. Preciso tanto de seus conselhos. A senhora sempre foi tão sábia e me diria o que fazer. Eu... estou fazendo algo errado. Queria tanto que ele entendesse que tem tudo que precisa bem aqui.

Carla naquela noite demorou a dormir. Ficou um bom tempo sentada na cama do sobrinho, acariciando seus cabelos e o observando dormir calmamente até ser vencida pelo cansaço e pegar no sono.

Capítulo 7



GUSTAVO E CARLA

A chuva caía sem dar trégua e Gustavo não viu outra opção a não ser parar o carro no acostamento e aguardar. O breu que a tempestade transformou aquela via expressa só era interrompido por raios que, de tempos em tempos, cortavam o céu. Forçava a visão para enxergar através da densa chuva, mas não reconhecia aquele lugar e não conseguiria dirigir com a intensidade do formigamento que tomava seu corpo a ponto de quase o deixar entorpecido pela dor. Já havia perdido a noção de quanto tempo estava ali. Seu corpo todo latejava e sua visão aos poucos se tornou turva, porém não conseguia discernir se eram os vidros do veículo que estavam embaçados ou se era apenas um sintoma comum de suas crises. No fundo, pensou que isso pouco importava. Quando percebeu que irremediavelmente precisaria pedir ajuda, se deu conta que a carga de seu telefone celular estava baixa. Na pressa de impedir a irmã de destruir um dos itens de sua coleção ou até de se matar dirigindo aquele que era um dos modelos mais velozes do planeta, Gustavo não notou que o aparelho tinha pouca bateria.

A lembrança de uma frase dita muitos anos atrás chegou nítida à memória dele. Como uma maldição que se confirmava:

— Guarde minhas palavras, Gustavo Grael. Eu viverei para ver o dia em que você vai sofrer tanto ou mais quanto me fez sofrer.

Aquelas palavras saíram dos lábios da mulher que mais amou na vida. Da única mulher que amou.

— Ah... meu amor... se todo esse sofrimento que eu preciso enfrentar pudesse reverter todo o mal que eu te fiz. Eu sinto muito... eu sinto tanto... queria ter a chance de falar com você apenas uma única vez... Queria

conseguir chegar perto o suficiente para pedir o seu perdão — sussurrou para o vazio, respirando fundo e apoiando a cabeça no volante do carro. Não tinha mais o que fazer, só esperar que a chuva passasse e que a dor que o afligia também fosse embora. Esperar era tudo que tinha lhe restado.

Gustavo pôs-se a refletir sobre sua vida. Quem se importa com ele o bastante para que pudesse pedir ajuda? Foi a pergunta que involuntariamente se fez.

— *Ninguém. Você não tem ninguém* — respondeu para si mesmo.

Esse era o tipo de ajuda que só se pede a um bom amigo. E, por mais que se esforçasse, não foi capaz de pensar em uma única pessoa que enfrentaria uma tempestade como aquela para ir ao seu encontro. Se soubesse onde estava, provavelmente ligaria para um de seus advogados para que mandassem um reboque e um carro para resgatá-lo. Mas como não fazia ideia de que lugar era aquele, não adiantaria de nada. Como alternativas, sobraram esperar ou apenas enfrentar a chuva e seguir rodando até encontrar um posto de gasolina ou qualquer outro estabelecimento, onde pudesse fazer uma ligação.

Um riso cínico e amargurado escapou de sua garganta. Gustavo ria de si mesmo ao constatar que se algo lhe acontecesse ali, naquelas circunstâncias, não faria falta na vida de ninguém. A risada foi seguida por um gemido de dor causado por uma pontada mais violenta que o atingiu no estômago. Ele colocou a mão sobre a barriga e colocou pressão por um tempo até a dor abrandar. Ainda precisaria se resguardar para não virar notícia em nenhum tabloide sensacionalista. Gustavo preservava sua vida particular o máximo possível.

Experimentando toda aquela dor e aflição típicas de suas crises, a profunda solidão em que vivia era só no que conseguia pensar. Gustavo até conseguia esconder de todos a dor que carregava em seu espírito. Mas a dor física, muitas vezes, o sobrepujava e, por mais que estivesse acostumado a tê-la sempre presente em sua vida, ela também tinha um lado bom: servia para lhe dizer que ainda estava vivo. Apesar de duvidar quando passava o dia inteiro limpando a casa, encerando seus carros e cuidando do jardim, com a dor se apresentando de várias formas. Precisava se ocupar para não enlouquecer quando entrava em crise.

O ar no interior do veículo estava abafado. Ele sentiu o suor escorrendo por dentro de sua camisa. Sentia-se quase sufocar, mas não ligou o ar-condicionado. Odiava sentir frio. Odiava chuva. Odiava a solidão que sentia. Odiava a vida que levava. Odiava seu melhor amigo que lhe deu as costas sem permitir que Gustavo tentasse explicar que tinha cometido um erro terrível, mas que não era o monstro que ele julgava. Gustavo odiava nunca ter tido uma

chance real de ser feliz na vida. Mas, acima de tudo, odiava a si mesmo por saber que era o único culpado pelo tormento que enfrentava diariamente. Sentia-se sozinho. Nunca se acostumou à solidão por mais que permitisse que todos pensassem que estar só havia sido uma escolha dele.

Quando seu corpo precisava de satisfação física contratava uma profissional. Mas prazer era algo que imaginava que só sentiria com a mulher que amou. Era impetuoso entre quatro paredes. Como se durante o sexo pudesse externar seus conflitos. Repetidas vezes, ele assustou as acompanhantes contratadas, e a agência mandava outra. Diziam que havia algo de errado com ele. E havia. E não era o fato dele chamar sempre o mesmo nome quando atingia o clímax. Por isso, nunca as recebia em sua casa. Mantinha, sem que ninguém soubesse, uma casa onde esses encontros aconteciam.

Às vezes, se refugiava lá quando precisava de morfina. Era ilegal a forma como conseguia o medicamento, mas Gustavo se permitia não sentir nada quando precisava se evadir da realidade. Sabia que a origem de sua dor não era biológica, mas se drogar e fugir por algumas horas se tornou uma necessidade para se manter são. Para suportar os momentos em que não poderia fugir. Era isso ou se auto infligir dor.

Um dia, no auge de uma crise que não o permitia dormir durante um fim de semana inteiro, Gustavo socou uma parede com tanta fúria que fraturou três dedos. Dormiu a noite inteira depois de ter imobilizado a mão. Foi assim que percebeu que se desferisse um golpe forte o suficiente em seu corpo, sua mente reagia focando naquela dor especificamente e os seus transtornos desapareciam. Assim, ele mantinha uma barra de ferro e outra de madeira em seu closet. Se golpeava na barriga, nas costas, nas pernas. Sempre em partes do corpo que a roupa facilmente encobriria. Não gostava de fazer isso. Mas havia dias em que sua crise era constante e precisava fazer. Aplicava em si mesmo sete, oito golpes consecutivos até que seu corpo reagisse àquele sofrimento provocado e podia, enfim, tomar banho para ir trabalhar. Algumas vezes, suas lágrimas confundiam-se com a água fria que lavava seu corpo durante o banho. Sentia-se um fraco quando não conseguia contê-las, mas, ao menos, garantia que ninguém notasse que havia chorado.

Dentro daquele carro, ele pensou em como sua vida se transformou por completo. Seu mundo desmoronou em tão pouco tempo e se viu só. Seu corpo decidiu entrar em colapso e as primeiras crises começaram. No início, não deu muita importância à ardência que sentia pelo corpo. Fez exames médicos e nada foi constatado. Fisicamente, ele não tinha nada de anormal. Mas o médico pareceu perceber que seu problema estava dentro de sua mente, pois lhe indicou uma colega psiquiatra para que conversasse. Gustavo agradeceu, mas nunca foi a

nenhuma sessão. *Ninguém pode saber como me sinto*, pensava ele. Sua primeira crise grave veio quando começou a ouvir vozes. Um choro de bebê, na verdade. Julieta o encontrou inconsciente no chão de seu quarto quando chegou em casa para trabalhar. Ela estranhou Gustavo não estar de pé, pois sempre acordou muito cedo e passava das oito da manhã e ele não desceu para tomar café com ela. Quando o encontrou desacordado, gritou o nome dele até que Gustavo voltou a si.

— Meu menino, o que houve com você? O que está sentindo?

Depois de algum tempo, a tranquilizou dizendo que não era nada sério. Disse a Julieta que tinha bebido demais, o que não era mentira, pois tomou quase uma garrafa inteira de vodka durante a noite, mas que depois de um banho e de dormir um pouco ficaria bem. Julieta o conhecia e sabia que havia algo errado com ele. Sabia que ele escondia algo, mas aceitou a desculpa e o obrigou a comer um pouco depois do banho. Pediu que ela não se preocupasse e recusou ir ao médico novamente. Sabia que lhe indicariam terapia. Diriam como da última vez que “seu corpo estava bem, mas sua mente precisava de tratamento”. Contudo, ele não estava preparado para falar de sua vida para um estranho.

— *Eu vou ficar aqui com você. Até você dormir, meu menino.* — E assim foi. Ele dormiu com ela acariciando seus cabelos.

O trabalho se tornou uma válvula de escape. Não se incomodava de trabalhar até tarde todos os dias. Na verdade, ele evitava voltar para casa. Seu pai sempre dizia que ele e Dante eram muito parecidos nesse sentido. O trabalho tornou-se sua prioridade. E também preferia ficar onde havia pessoas, mesmo que fossem pessoas que não tivessem a obrigação de falar com ele ou de aceitar sua presença. Sabia que era respeitado como presidente da Construtora de sua família, mas que não tinha amigos ali, nem em nenhum outro lugar.

— *Por que ainda dói pensar nisso, meu Deus? Já faz quase dez anos... — pensou consigo mesmo. — Por que ninguém consegue me perdoar? Eu terei que pagar por esse erro pelo resto da minha vida? Por que todo esse silêncio? Por que nunca me ajuda? Julieta disse que o Senhor tem sempre uma resposta, mas não para mim. Nunca para mim — refletiu Gustavo pensando que até Deus o ignorava. — Eu simplesmente não consigo ser de outra forma. Não consigo. Não posso. Mas não aguento mais ser forte o tempo todo... Não aguento mais ter que mostrar para todo mundo que não estou bem. Que não me afeta o fato de não ter ninguém, além da Julieta, naquela casa comigo. Estou cansado de viver só. Eu... não tenho ninguém. Queria que uma única vez o Senhor me respondesse. Que, ao menos uma vez, alguém me enxergasse além de meus problemas.*

Já era de se esperar que tanta solidão fosse quase um prelúdio para

algo pior. Depois da morte de seu pai e de Vivian ter preferido se manter longe dele, Gustavo se tornou um homem cada vez mais recluso. Depois de dar uma generosa indenização, dispensou as duas arrumadeiras que cuidavam da mansão e passou a fazer ele mesmo a limpeza e manutenção da propriedade. Não queria que presenciassem suas crises que, algumas vezes, acontecia quando ele menos esperava. Precisava de privacidade da mesma forma que precisava se manter ocupado. As sensações desagradáveis que queria evitar a todo custo o assolavam com mais intensidade se não se mantivesse ocupado. Sua mente não podia repousar. Precisava estar concentrado em fazer algo quase o tempo todo. Gustavo passou a ouvir um choro de criança constantemente quando estava passando por uma crise. Tentava disfarçar quando Julieta estava em casa e se sentia assim. Dizia que estava cansado e que queria apenas dormir, mas ela o conhecia melhor do que ninguém. Praticamente o viu nascer. Nisso ele concordava com sua irmã: Julieta não se aposentava para não o deixar sozinho. Seus filhos não gostavam da ideia de ela permanecer trabalhando em idade tão avançada, apesar de ter saúde de ferro e ser muito ativa. Julieta apenas cozinhava e ele fazia todo o resto. Ele próprio tentou persuadi-la a se aposentar. Disse que ficaria bem. Que não precisava mais que se preocupasse tanto com ele, um homem já barbudo de trinta e cinco anos.

— *Meu menino, eu te amo como se fosse um dos meus quatro filhos. O fato de nenhum deles ter saído da minha barriga e estarem já adultos não me fez amá-los menos. Então, o fato de você ter pelos no rosto e ser um rapagão desse tamanho, não vai me impedir de cuidar de você, Gustavo, como eu cuido deles também. Me obedeça, pois ainda posso te dar umas chineladas como eu fazia quando você era um molecote.*

Ele riu e a beijou. A amava. A amava como se fosse sua mãe. Ela adotou e amou cinco crianças no fim das contas, ele pensou. Sua mãe morreu muito jovem e ele mal se lembrava dela. Tinha apenas oito anos quando ela se foi, mas as poucas e esparsas lembranças que tinha dela era de uma mulher de voz suave e com um sorriso acolhedor nos lábios.

Ainda chovia, mas não tão forte quanto antes. Um barulho repentino fez com que ele despertasse de seus pensamentos e levantasse a cabeça que estava apoiada no volante novamente.

Apesar do vidro embaçado, viu um vulto ao lado de sua janela. Usava um casaco verde-musgo com capuz para se proteger da chuva. Na mesma hora, se enfureceu e fez um gesto para que fosse embora. O homem franzino ficou imóvel por um instante como se intimidado por seu tamanho e Gustavo pensou que se tratava de um mendigo ou oportunista mal-intencionado que perambulava pela chuva atrás de uma oportunidade de tirar vantagem de alguém

que fosse ingênuo o suficiente para facilitar. Ele não o considerou uma ameaça, mas ficou com raiva dele começar a falar alto do lado de fora, apontando para a frente do seu carro. Gustavo não compreendia o que ele dizia. Abaixou o som do carro que continuava em um volume altíssimo.

— VÁ EMBORA! — gritou Gustavo e pareceu que seu tom grave de voz assustou o meliante, pois ele o viu dar um passo para trás com o susto. Parecia ser um homem jovem e negro, mas não conseguia ver bem seu rosto por conta do capuz e do vidro embaçado. Mas parecendo se recuperar do susto, o homem franzino fez um gesto com o indicador para confirmar se ele estava bem, porém Gustavo ignorou e fez um gesto de pouco-caso com as mãos. Pensou que o outro o julgava muito estúpido para cair em um truque como aquele. Se mostrando preocupado com sua segurança para que destravasse a porta e provavelmente tentasse assaltá-lo. No combate corpo a corpo, Gustavo não tinha dúvidas que poderia reduzi-lo a nada. Sabia se defender muito bem. Mas o que não sabia era se aquele homem que continuava gesticulando e apontando para a frente do seu carro tinha alguma arma escondida ou se estava sozinho. Gustavo se viu obrigado a ligar o ar-condicionado a contragosto para que a temperatura do interior do veículo se aproximasse da temperatura externa e assim os vidros deixassem de ficar embaçados. Além da voz do homem do lado de fora, o silêncio só era quebrado pelo barulho das gotas de chuva batendo no teto solar e no para-brisa do veículo.

Gustavo não se deu ao trabalho de abaixar o vidro um pouco que fosse para ouvir o que o homem dizia. De repente, percebeu um movimento atrás de si pelo retrovisor direito e ficou alerta. Como suspeitava, o homenzinho não estava sozinho e parecia que seu parceiro de crimes era bem corpulento. Parecia ser alguém grande e Gustavo pensou que o cúmplice, com certeza, estaria armado. A mente de Gustavo trabalhava impulsionada pela adrenalina que fez com que seus TOC's fossem esquecidos por ora. Em uma fração de segundos imaginou um plano de ação, pois estava certo que planejavam assaltá-lo. Toda aquela conversa do homem de menor estatura era só para causar uma distração, enquanto o outro tentaria abordá-lo quando menos esperasse. Com isso em mente e, embora soubesse que nunca deveria reagir a uma tentativa de assalto e como também não viu arma na mão do homenzinho que continuava gesticulando como se quisesse agora que ele saísse do carro para que mostrasse algo na frente do veículo, Gustavo fez justamente o contrário, virou a chave do carro e deu ré. Quando sentiu que o carro colidiu com alguém, viu o desespero do homem franzino que correu para trás de seu carro.

Gustavo temeu que o possível cúmplice estivesse armado e quis tirá-lo de combate. Não tinha como chamar a polícia, pois viu que a bateria de seu

celular tinha acabado de vez, mas também não poderia ir embora. Afinal, podia ter matado o criminoso. Sem tirar a chave da ignição, olhou através do vidro traseiro, mas não conseguiu ver o que acontecia lá atrás. Estava tudo muito escuro e aquela parte da avenida não tinha iluminação. Então, esperou, sem tirar a mão do câmbio e com o pé no acelerador. Caso comessem a atirar, pisaria fundo e escaparia dali vivo. Sua adrenalina estava a mil. Seus batimentos cardíacos estratosféricos. Olhava para o retrovisor interno e para os dois espelhos do lado de fora. Prestava atenção a qualquer ruído vindo dos fundos do carro. Esperou mais um pouco e não viu nenhum movimento. Nada do homenzinho voltar.

Decidiu olhar uma última vez, antes de voltar para a rodovia, quando vários raios cortaram o céu ao mesmo tempo e iluminaram toda aquela área por um instante e foi então que Gustavo viu que o homenzinho tirou o capuz e, na verdade, não se tratava de um homem, mas, sim, de uma garota. E sua surpresa foi maior ainda quando viu que quem ele pensou que fosse o suposto cúmplice parecia ser um cavalo atrelado a uma carroça e ela tentava soltá-lo com visível esforço. Gustavo travou um conflito interno por alguns segundos. *Chuva. Não sai do carro.* — Seu TOC voltava a lhe atormentar. Mas o desespero que viu no rosto da moça foi suficiente para ele soltar o cinto de segurança e sair do carro. Em instantes, estava ao lado dela.

— SEU ESTÚPIDO! POR QUE FEZ ISSO? POR QUE ATROPELOU MEU CAVALO? — gritou ela ainda tentando soltar o arreio que prendia o animal à carroça, mas tentada a dar uns tapas na cara do homem que só agora aparecia e ainda a olhava com cara de poucos amigos.

— O que eu deveria fazer? Você surge do nada e bate na janela do meu carro no meio de uma tempestade. Pensei que vocês fossem bandidos? — Gustavo rebateu no mesmo tom vendo a fúria no rosto da moça, mas a raiva dela foi substituída pelo medo quando ouviu os relinchos de dor do animal que exprimiam seu desespero em não conseguir se firmar de pé. Viu medo nos olhos dela sempre que olhava para o cavalo que estava visivelmente ferido. Ele sentiu uma enorme compaixão com o sofrimento do pobre bicho e viu que tinha que agir.

Gustavo pensava o que uma mulher fazia no meio de uma tempestade em uma avenida como aquela e ainda por cima com uma carroça. Era o que não saía de sua cabeça, mas não perguntaria isso agora. Ela já estava muito nervosa. Afastou a desconhecida e disse:

— Vá conversar com ele para acalmá-lo, enquanto eu tento soltá-lo da carroça — disse em um tom autoritário que fez com que ela duvidasse se deveria obedecê-lo, mas quando Nikki Lauda relinchou de dor, ela

imediatamente foi até ele. Abraçando a cabeça do cavalo, começou a falar palavras em um tom de voz tranquilizador em seu ouvido.

— Já vamos soltá-lo, meu amor. Fique quietinho. Shiii... eu estou aqui com você. Vai dar tudo certo, viu? Vou cuidar de você... por favor, só não se mexa tanto. O cavalo virou um pouco o rosto para encará-la e não foi preciso mais nada para que Carla entendesse. Lágrimas escaparam dos olhos dela e disse para seu cavalo: — Eu sei que está doendo muito. Eu sei... Mas, por favor, seja forte. Você precisa ajudar a gente a te soltar, meu amor.

— Qual o nome dele? — perguntou Gustavo vendo como a moça simples era afeiçoada ao animal. *O cheiro do capim cortado e o facão na parte de trás da carroça responderam à dúvida sobre o motivo dela estar ali com o cavalo. Devia estar cortando capim para o animal e foi surpreendida pela chuva*, pensou ele.

— Nikki Lauda — respondeu ela, levantando a cabeça na direção da voz do estranho que mais parecia um gigante loiro que estava à sua frente.

Um pensamento passou por sua cabeça quando outro raio rasgou o céu atrás dele. — *Deve ser assim que o Thor seria se existisse.*

Gustavo esboçou o que pareceu para ela um quase sorriso e disse:

— *Nikki Lauda, preciso que me ajude, garotão. Fica parado para que eu consiga te soltar.*

Pouquíssimos carros passavam durante aquela chuva, naquele início de noite de domingo, mas nenhum parava para dar assistência a eles. Carla viu que o homem a observava enquanto se esforçava muito para tentar soltar o cavalo, mas a escuridão, a chuva e os movimentos de Nikki o atrapalhavam apesar dele ser muito mais alto e forte que ela. *Outro gemido de dor de Nikki Lauda fez com que ele olhasse diretamente para Carla que abraçava o cavalo, visivelmente chorando e voltando novamente sua atenção para seu companheiro.* Os raios que riscavam o céu o assustavam e só dificultavam mais ainda suas tentativas de libertar o cavalo.

Gustavo tentava soltar o animal que, além de estar sangrando, parecia ter quebrado as duas patas da frente, pois estava prostrado para essa direção, o que projetava a carroça para o alto atrapalhando quem queria libertá-lo. Sentiu-se péssimo por ser o responsável por trazer tanto sofrimento àquele animal indefeso. O relincho longo de Nikki Lauda soou como um pedido de ajuda quando outros raios cruzaram o céu. Ele claramente estava com medo e com muita dor.

Carla se sentia culpada por tê-lo trazido àquela parte da Avenida Brasil para que cortassem capim fresco para ele. Não imaginou que o tempo mudaria em questão de minutos tão drasticamente. Quando a tempestade os

alcançou com toda sua força, eles já estavam voltando para casa, contudo foi quando viu no acostamento aquela BMW de luxo com o pisca alerta ligado. Havia música alta vindo do veículo e a cabeça do motorista estava reclinada sobre o volante. Pensou que ele tinha sofrido um acidente e não pôde simplesmente lhe dar as costas e ir embora. Poderia estar machucado. Que precisava de ajuda não tinha dúvidas. Deixou seu cavalo um pouco atrás do carro e conversou com Nikki Lauda. Ele era muito obediente e ficaria ali até que ela voltasse. Parando ao lado do vidro do motorista, ela chamou por ele várias vezes e também deu batidas de leve no vidro. Não queria sobressaltá-lo, mas o homem parecia inconsciente. Carla deduziu que ele poderia ter desmaiado, após colidir com alguma coisa. Foi para a frente do carro de luxo e, fora um dos pneus dianteiros que parecia ter algo preso a ele e, por isso, esvaziou bastante, não identificou nenhum outro problema. Precisou empregar muita força e foi com bastante dificuldade que retirou o objeto pontiagudo de cabo preto. Viu que se tratava de uma chave de fendas. Alguém a prendeu ali para que perfurasse aquele pneu quando ele entrasse em movimento. Aquele era um dos pneus dos quais ela só leu a respeito ou ouviu falar, mas que nunca tinha visto pessoalmente, pois só carros muito caros e com donos muito ricos podiam despender dezenas de milhares de reais neles. Furar um pneu daquele era uma tarefa que exigia muito esforço ou planejamento e astúcia. E foi o que aconteceu naquele caso. Quem fez aquilo, fez de propósito. E sabia exatamente como fazer.

Carla voltou decidida a acordar o motorista, pois descartou a hipótese de que poderia só estar tão bêbado que não conseguia dirigir. Afinal, era domingo. Quando bateu no vidro com muita força, ele, enfim, levantou o rosto. Carla viu a surpresa dele ao vê-la ali, mas a palidez em seu rosto era visível. Ele estava passando mal. Não teve dúvidas disso. Pediu que abaixasse o vidro, mas ele não a compreendia e a chuva a atingia e a fazia tremer cada vez mais. Olhou para seu cavalo que se assustava sempre que um raio desenhava o céu. Arrependeu-se tanto de ter saído com ele. O tempo virou tão rápido e não puderam encontrar um lugar ali para se proteger. Só quis ajudar aquele homem. Mas jamais imaginou que ele reagiria daquela forma e atropelaria seu cavalo.

Uma sequência de raios e trovões a fizeram tremer de medo e, apesar de bastante ferido e ajoelhado com as patas da frente, Nikki Lauda se debateu assustado tentando ficar de pé apoiando-se apenas nas patas de trás, o que dificultou ainda mais o trabalho de Gustavo. Tirando seu casaco, Carla enrolou no rosto de Nikki Lauda cobrindo-lhe os olhos, deixando o focinho livre para que o cavalo respirasse. Assim ele foi aos poucos ficando mais calmo ouvindo apenas a voz de sua dona perto de seu ouvido e sem se sobressaltar mais com os clarões. Gustavo viu que a tensão nas cordas e arreios o impediam de ter

êxito e, então, subindo na carroça com agilidade, fez com que seu peso a colocasse na posição horizontal novamente e, enfim, soltou todos os arreios e amarras e o cavalo desajeitadamente foi se inclinando para se deitar e Carla segurava seu rosto com gentileza para que não se ferisse mais ainda. Sussurrou palavras de conforto, enquanto observava o homem que desceu da carroça derrubando quase todo o capim que cortou, mas nem se importou com isso.

— Moça, você tem celular? — perguntou o desconhecido visivelmente cansado e já estendendo a mão, pois todos hoje em dia tinham um aparelho celular.

Ela tirou da bolsinha que trazia atravessada no peito um telefone com a tela quebrada e disse que só o número cinco que não estava funcionando. Ele ficou feliz por não precisar do número para ligar para seu advogado.

— Alô, Luiz Claudio. Aqui é Gustavo Grael. Estou precisando de um veterinário com urgência. Eu atrolei sem querer um cavalo e ele está muito ferido. Quero que envie socorro o mais rápido possível. Providencie que tragam um veículo adequado para o transporte do animal e que venham ajudantes também.

Gustavo ouviu o que o advogado respondeu e disse:

— Não sei como vai fazer, nem me interessa. Apenas faça! Entendeu? Levanta dessa cama e dê um jeito — pensou por um instante e, parecendo ter uma ideia, disse:

— Ligue para o Dr. Juan do haras.

Ouviu o homem argumentar algo.

— Sei muito bem a quem pertence o haras atualmente, mas é uma emergência e sei que lá esse animal terá o melhor tratamento. Tempo é tudo que não temos. Acho que o pobre animal quebrou as patas e está com ferimentos pelo focinho também. É tudo que precisa dizer para o veterinário.

O homem alto e loiro já demonstrava sinais de impaciência com as perguntas do advogado, mas a pergunta seguinte pareceu lógica e então Gustavo virou-se para a moça ajoelhada ao lado de Nikki Lauda e perguntou:

— Que lugar é este, afinal? — disse sem se preocupar em esconder seu olhar depreciativo ao ver as construções simples do outro lado das pistas e o matagal que se estendia em um barranco ao lado deles.

— Deodoro. Diga que estamos a cerca de dois quilômetros do acesso da TransOlimpica.

Ele repetiu as coordenadas para Luiz Claudio do outro lado da linha e acrescentou: — Esteja aqui em meia hora. — E antes que o homem argumentasse por que ele também precisava ir, Gustavo encerrou a ligação.

Para surpresa de Carla, o homem de postura arrogante ajoelhou-se

ao lado dela e, embora hesitante, colocou a mão em seu ombro para lhe dar apoio, mas foi quando emitiu um gemido de dor e olhou para a palma da mão.

— Você se machucou — disse ela vendo o corte profundo e, sem cerimônias, tomou a mão dele entre as suas. Gustavo se surpreendeu com aquela atitude. A única pessoa que se preocupava com seu bem-estar nos últimos anos era Julieta e o contato repentino o fez olhar para a moça com mais atenção agora. Ele mesmo evitava tocar outras pessoas. O máximo de interação social que se permitia para cumprir protocolos de educação era um aperto de mão.

Gustavo estava a centímetros da moça e pôde perceber que a preocupação no olhar dela era autêntica. Fazia muito tempo que ninguém se aproximava dele espontaneamente. Fazia mais tempo ainda que alguém o tocava com gentileza daquela maneira. Não esperava a sensação agradável que experimentou com esse simples gesto.

— Não foi nada. É superficial. Me cortei com algo na carroça e... — Ela nem o deixou terminar de falar. Tirou o turbante que prendia seu cabelo e, pressionando para estancar o sangramento, deu várias voltas em sua mão e apertou com um nó.

— Ai! — reclamou ele.

— Ah! Deixa de ser frouxo que você mesmo disse que era superficial — disse ela mesmo sabendo que o corte não era superficial coisa nenhuma.

Gustavo não gostou de como ela falou com ele. *Ninguém* ousava falar com ele daquela maneira, mas decidiu deixar passar dessa vez. Ela estava nervosa por conta do cavalo. Relevaria dessa vez. Apenas dessa vez. Não admitindo para si mesmo que não queria parecer um “frouxo” para a desconhecida. Tratou de tentar ignorar a dor que vinha da mão esquerda e voltou a prestar atenção ao animal. Não saberia o que dizer a ela também, pois nunca foi uma pessoa muito sociável. Era melhor se manter em silêncio até a chegada do socorro.

Vinte e cinco minutos depois chegarem não um, mais dois veterinários acompanhados de uma equipe e trouxeram até um pequeno reboque próprio para transporte de animais. Gustavo trocou algumas palavras com o médico mais velho que não disfarçou que tinha dúvidas se aquele animal sobreviveria. Carla tocou seu broche azul sobre o casaco como se para pedir força para a mãe poder ajudar Nikki Lauda. Ela acompanhou quando o colocaram em um amplo trailer atrelado a uma picape. Agiam com muito cuidado. Ela entrou em seguida e observou o homem loiro trancar seu veículo e não se importar em abandoná-lo naquela estrada.

Gustavo percebeu o pneu quase vazio e compreendeu o que Carla

tentava dizer quando parou ao lado de sua janela. Não entendeu como o pneu esvaziou, mas deu instruções a Luiz Claudio que mandasse um guincho vir buscar seu carro depois. O advogado fez algumas ligações e entrou no trailer seguido por Gustavo que observou os veterinários que já avaliavam o estado do animal no caminho para onde Nikki Lauda seria atendido. Viu que Carla olhava para ele e, apesar da evidente preocupação, sorriu timidamente em agradecimento. Ele não sorriu. Apenas assentiu com a cabeça. Não fazia mais que sua obrigação. Precisava reparar o mal que fez àquele cavalo.

— Dr. Juan? Então? O que acha? — perguntou Gustavo sentado ao lado de Carla.

— Esse animal é seu, Gustavo? — respondeu o médico com outra pergunta. Coisa que Gustavo odiava. Ainda mais que ele tinha visto sua BMW perto da carroça. Como o veterinário julgava que tinha ido de São Conrado até aquele fim de mundo? Mas vendo que a moça ainda estava bastante nervosa, viu que aquele era seu dia de ser complacente com perguntas idiotas.

— Não, doutor. O cavalo pertence a... — E Gustavo só então percebeu que ainda não sabia o nome dela e a olhou inquisitivo.

— C-Carla — disse a moça batendo queixo de tanto frio, mas sem deixar de acariciar e conversar baixinho com o cavalo.

— O Nikki Lauda é da Carla — completou e fazendo um gesto para que Luiz Claudio lhe entregasse o casaco que vestia. O advogado, embora relutante, entregou o casaco e viu Gustavo colocar sobre os ombros da desconhecida que vestia roupas muito modestas. Ela agradeceu e vestiu direito o agasalho, pois realmente estava com muito frio. Ele apenas assentiu com a cabeça e ficou observando os dois veterinários que continuavam analisando a anatomia do animal.

— Nikki Lauda... — disse o médico de cabelos brancos e aparentando ter mais de sessenta anos sorrindo à menção ao nome do famoso piloto de Fórmula 1. — Bem, só saberemos depois que fizemos alguns exames. Não vou precipitar um diagnóstico, mas acredito que precisaremos operá-lo para que tenha chance de andar novamente — disse ele e o médico mais jovem confirmou com um gesto de cabeça que concordava com o profissional mais experiente.

Gustavo observou que Carla ouvia atentamente e tentava manter-se calma.

Carla acompanhava todo o procedimento e pensava que precisava ligar para sua casa e avisar seu pai. Faria isso assim que seu cavalo fosse fazer esses exames, pensou.

Nikki Lauda continuava em sofrimento e relinchou baixinho como

se chamasse sua dona que ajoelhou novamente ao seu lado e acariciava seu focinho conversando com ele. Gustavo também ficou o tempo todo acariciando o pescoço do animal com a mão boa. De repente, Gustavo se deu conta de algo. Toda aquela adrenalina serviu para fazê-lo enfrentar seus transtornos. Acariciava o pescoço do cavalo como se para agradecer a ele por isso. Ajudar Nikki Lauda e aquela desconhecida foi como conseguir vencer uma grande batalha contra si próprio. Contra seus conflitos internos. Foi capaz de pensar com clareza e agir. Quantas vezes esse medo o assombrou. Temia que seus problemas o impedissem de tomar decisões em uma emergência ou situação de perigo. Naquela noite foi capaz de enfrentar todos os seus inúmeros transtornos. Eles não desapareceram. Estavam lá o tempo todo, mas conseguiu ser mais forte do que eles pela primeira vez e isso fez com que Gustavo se sentisse novamente senhor de si. E uma paz que não experimentava há anos o tomou naquele momento. Olhou para a moça e para o cavalo e sentiu gratidão, apesar deles nem fazerem ideia do quanto o tinham ajudado. Sentiu-se grato. Aos dois.

Quando o veículo estacionou, Carla viu as várias baias onde alguns cavalos colocavam a cabeça para o lado de fora. Era uma grande propriedade, mas pôde ver pouco do campo e das outras construções porque já estava bem escuro e continuava chovendo. Entraram em uma grande construção de tijolo e pedra pintada de branco. Parecia uma clínica veterinária das mais bem equipadas. Seu cavalo foi sedado e o veterinário realizou os primeiros exames.

Rapidamente, o animal foi levado para fazer radiografias e uma recepcionista sonolenta, que cumprimentou apenas Gustavo e o advogado, pediu que aguardasse e trouxe café para eles. Gustavo recusou e ofereceu a Carla que fez que não com a cabeça.

— Providencie roupas limpas para a moça e que ela possa tomar um banho.

A mulher pensou em argumentar, mas o olhar que Gustavo lhe lançou a fez voltar atrás. Carla aceitou o banho, pois ver o sangue do cavalo em sua roupa a deixava ainda mais nervosa. Voltou em vinte minutos, de banho tomado, jeans e camisa com o logo do haras. Esperaram mais quarenta minutos que mais pareceram quarenta horas para Carla.

Ela percebeu que, sempre que alguém entrava ou saía da sala de exames, o homem que se identificou ao telefone como Gustavo Graef levantava-se e aguardava que alguém lhe dissesse alguma coisa. Depois voltava a andar de um lado para o outro. Não parecia ser fingimento. Ele realmente parecia estar preocupado com o bem-estar de Nikki Lauda. Um outro veterinário disse que, a princípio, ele iria ser operado e precisaria colocar uns parafusos. Como ele perdeu bastante sangue, eles não poderiam dar garantias de que seria uma

cirurgia simples, pois existia o risco de o animal não resistir ao procedimento.

Carla sabia que, em muitos casos, os veterinários preferiam sacrificar os cavalos quando sofriam uma fratura nas patas. E Nikki Lauda tinha quebrado duas patas. Ela olhava pela janela e chorava baixinho. Em sua prece silenciosa, pedia a Deus que não permitisse que condenassem seu cavalo. Sabia que não tinha dinheiro para pagar a cirurgia e exames do animal naquele lugar tão luxuoso, mas, por Nikki Lauda, parcelaria aquele tratamento pelo resto da vida se fosse preciso. Amava muito aquele cavalo e não queria perder mais ninguém. Gustavo não sabia o que dizer para confortá-la. Eram estranhos um para o outro e decidiu manter-se em silêncio.

— Gustavo... Carla... — chamou o médico veterinário, depois de mais de uma hora e meia de espera, vindo ao encontro deles com aquela expressão que você não sabe dizer se ele vai te dar uma notícia muito boa ou muito ruim.

Gustavo levantou-se e, olhando para Carla, posicionou-se ao seu lado. Trocaram olhares.

— Diga de uma vez, doutor. Houve alguma complicação durante a cirurgia? — disse Gustavo irritado com o suspense e sentindo Carla segurar seu braço. Percebeu que ela tremia e quase deu um soco na cara do veterinário quando ele pediu que aguardassem para que atendesse uma ligação. Quando encerrou a chamada, voltou a dar atenção a eles e disse:

— Tenho uma notícia muito boa e outra muito ruim sobre o Nikki Lauda. A boa é que o cavalo ficará bem. Precisarão ficar aqui para fazer reabilitação depois que os ossos calcificarem, mas creio que em um mês e meio ou dois ele terá alta.

A alegria de Carla foi tão grande que ela abraçou o médico, que gostou da jovem bonita que deu um beijo em cada uma de suas bochechas agradecida:

— Doutor, muito obrigada! Eu nem sei como lhe agradecer... Eu... — E virando para Gustavo também se pendurou no pescoço dele. Carla mal pensava em suas atitudes. Só conseguia pensar que tudo terminaria bem graças àqueles homens à sua frente.

— Muito obrigada por nos ajudar, Gustavo. Eu nem sei o que seria do meu Nikki se você não o trouxesse para cá e... — Ele ficou surpreso com o contato tão efusivo e inesperado e pelo fato de Carla chamá-lo por seu primeiro nome também. Mal teve tempo de enlaçar a cintura da moça com apenas um dos braços, devido a outra mão estar latejando, mas ela era pequena perto de seus 1,90m e não foi difícil suportar o peso de Carla. Virou o rosto para encará-la e foi quando seus lábios se tocaram. Foi mais uma carícia suave e breve do que um

beijo, mas quem presenciou viu um beijo.

— Policiais, prendam esses dois por invasão à minha propriedade!
— Tanto Carla quanto Gustavo reconheceram aquela voz facilmente. Parado no corredor em frente a eles, Dante Albertine estava escoltado por três policiais fardados.

— Essa era a notícia muito ruim — disse Dr. Juan. — Eu precisei comunicar o atual proprietário do Haras Pompeu que o socorro foi feito na Av. Brasil com equipamento e veículos da propriedade e que o procedimento de avaliação clínica do animal também está sendo realizado aqui. O Haras deixou de ser da família Grael há mais de um ano, Gustavo...

Carla, ainda nos braços de Gustavo, reconheceu seu chefe e não acreditou que seria presa e ficaria desempregada ao mesmo tempo. Aquilo não fazia sentido. Não fizeram nada de errado. — Viu Dante arquear a sobrancelha para ela.

Ele a reconheceu.

— Nos prender? — Carla, saindo do choque causado por aquelas palavras, foi colocada no chão por Gustavo e viu o confronto silencioso entre os dois gigantes que apenas mediam-se sem trocar uma única palavra.

— Senhor Albertine, nós não invadimos. Houve um engano. Pedimos ajuda apenas... Era uma emergência. Eu vou pagar por tudo que foi gasto na cirurgia e também depois. Eu... eu... só preciso que concorde em parcelar o valor para mim. Eu trabalho para o senhor...

— Trabalhava. Está demitida, senhorita Carla Faustino! Com certeza, achará uma colocação mais adequada para suas... qualificações na Construtora Grael — disse fazendo alusão à cena que presenciou quando chegou ali. Reconheceu quase que de imediato a moça que derramou café em cima dele semanas atrás. E ela estava nos braços de Gustavo Grael. Sua mente analítica logo levantou a hipótese mais lógica daquela relação, no mínimo, inusitada entre um homem da classe social da família Grael e aquela suposta faxineira: espionagem industrial. Aquela intimidade nada convencional entre os dois não devia ser obra do acaso, pensou Dante. Vê-los praticamente se beijando apontava que ela entrou em sua companhia com o intuito de se infiltrar e conseguir algum tipo de informação.

— Senhor, foi tudo um mal-entendido — ignorou a insinuação maldosa. — Eu garanto ao senhor que não invadimos e que eu pagarei por tudo. O senhor pode pedir para D. Valdelice descontar a metade do meu ordenado todo mês até eu terminar de pagar a...

— A questão não é dinheiro, moça. Seu *amigo* Gustavo sabe disso.

Gustavo se resignou a olhar para a moça que se voltou para ele com

uma incógnita no olhar.

— Fique tranquila, Carla. Eu me responsabilizo por tudo. Você não será implicada — disse ele tentando tranquilizá-la.

— O senhor não tem autoridade para garantir isso — disse um dos policiais que já se aproximavam com algemas nas mãos, quando Carla ficou na frente de Gustavo e disse decidida:

— Não! Isso está errado! Existem leis. Aqui com certeza tem câmeras de segurança que podem comprovar que não invadimos. O Dr. Juan nos trouxe lá da Zona Norte até aqui.

— Carla...

— Gustavo, não fizemos nada ilegal... Eu não posso ir para cadeia. Minha família... eu preciso muito desse emprego. O plano de saúde... meu pai...

— Tudo começou a girar e o chão parecia manteiga debaixo dos pés dela. — Carla pensou em seu pai sem o tratamento de saúde que precisava fazer. Pensou no desgosto que seria ter mais um filho na cadeia. O que seria dele sem Nikki Lauda para trabalhar. Como pagariam as contas? Dependeriam da ajuda de estranhos para comer. Não tinham dinheiro para comprar outro animal. Perderia a guarda de Kionã para o Estado. Sabia como era o procedimento. Ele seria levado para uma casa de custódia. O rosto de sua mãe surgiu de repente em sua memória e, antes de desmaiar, só conseguiu balbuciar:

— Me perdoa, mamãe... Me perdoa...

Capítulo 8

O JUIZ TITO

— Mãe, não imagina como foi ficar longe de sua comida — disse Tito beijando carinhosamente o rosto de sua mãe enquanto ela vinha da cozinha acompanhada do agente Gatto, cada um trazendo uma travessa de comida nas mãos. Se Tito almoçava com eles em um domingo, sua mãe garantia a melhor seleção de músicas de Bob Marley. Naquele momento *Redemption Song* ecoava pela casa. — Acho que quem sofreu mais do que eu, foi o seu queridinho aí. Acho que ele até emagreceu.

O agente Gatto ficou sem graça com o comentário do juiz, mas disse assentindo:

— A senhora é realmente uma excelente cozinheira. Elevamos muito nossos padrões de boa comida desde que fui designado para a equipe de segurança do juiz Timóteo. Mas acredito que para o agente Noronha foi ainda mais difícil comer sem comparar com o que a senhora nos apresenta, D. Valdelice.

— E falando nele... — disse Valdelice ouvindo os passos do marido.

— Culpado! — disse Noronha vindo dos jardins após dar instruções a outros agentes.

— Como a senhora consegue ouvir os passos do meu pai, se nem o Gatto, que foi treinado para isso, consegue?

— Realmente. É algo impressionante — admitiu o agente.

— Quando vocês conviverem trinta e dois anos com alguém vão entender, meninos.

— Sobre o que estavam falando? — perguntou Noronha sorrindo para Valdelice e beijando a mão da esposa com carinho.

— Discutíamos quem sofreu mais longe da culinária de D. Valdelice — disse Tito vendo que perto de sua mãe seu pai era outra pessoa, brincalhão e até sorria. O casamento deles era um exemplo para ele e para as três irmãs. Sorriu desejando um dia poder vivenciar todo esse amor e companheirismo com alguém.

— Lice, comer sem entusiasmo é a mesma coisa que rir de piada sem graça. Tem gente que faz por educação. Eu não — disse ele chamando-a pelo apelido, vendo a travessa com sopa de ervilha e sentando-se na outra ponta da mesa. — Felizmente, eu sou um homem privilegiado por ter me casado com uma mulher linda, inteligente, bem-sucedida e que cozinha como ninguém.

— Agradeço aos três por essa avalanche de elogios e fico muito feliz em saber que apreciam tanto assim minha comida, rapazes. Quando soube que chegariam a tempo do almoço de domingo quis fazer um pouco do que todos mais gostam: escondidinho de carne seca para Tito, sopa de ervilhas para seu pai e moqueca capixaba para esse moço bonito aí.

— Agradeço por sua gentileza, D. Valdelice. Sei que deve estar deliciosa como tudo que a senhora prepara. Obrigado.

— Eu me esforcei bastante, querido. Espero que se aproxime do tempero de sua mãe. Agora, sente-se que você vai comer, porque já basta as Marias terem viajado em cima da hora — disse Valdelice sem dar chance para o agente argumentar. Ela sabia ser bem autoritária quando queria e o oficial sorriu discretamente, sentando-se de frente para Tito de onde tinha visão privilegiada do hall de acesso à sala.

— Agente Gatto, tente relaxar um pouco. Estamos seguros. Lembre-se que há outros seis agentes lá fora. Minha esposa fez comida para um batalhão. Se ela disse que fez um prato especialmente para você, trate de se sentar para almoçar também — disse Noronha piscando o olho para Valdelice.

— Há algo que eu não estou sabendo? Algo que justifique você estar mais tenso do que já é naturalmente, Jonathan? — disse ela olhando atentamente para os três homens à sua frente.

— Mãe, a senhora é a única que chama o agente Gatto de Jonathan — disse Tito puxando a cadeira para a mãe e sentando-se à mesa, mudando de assunto.

— É um nome lindo e ele já é praticamente da família — disse ela sorrindo para o agente que cuidava da proteção de seu filho há um ano e meio.

— Obrigado, D. Valdelice — disse o agente relaxando um pouco sua postura de alerta de sempre.

Ele realmente não se incomodava dela tratá-lo com tanta familiaridade. Na verdade, até gostava, pois sua única família agora era seu pai

que morava no Espírito Santo e não eram próximos. Sentiu-se feliz por ela se preocupar em cozinhar algo que ele gostava, como sua mãe fazia quando ele ia visitá-los em sua terra natal.

— Você sabe na casa de quem Maria Luíza, Maria Cecília e Maria Fernanda foram passar o fim de semana?

— Noronha, elas são adultas. Não foram passar o fim de semana na casa de amiguinhas como faziam quando eram crianças. Já estão com vinte cinco, vinte seis e vinte sete anos... Elas estão em uma pousada em Paraty com os amigos.

Tito viu a cara que o pai fez e escondeu o riso discretamente. Sabia como o pai era conservador e não gostou nada de saber que as irmãs viajaram com os “amigos”.

— Tentei ligar para as meninas hoje e não consegui. Os três números caíram na caixa postal, Lice.

— Elas estão bem. Provavelmente foram para algum passeio. Como eu disse, não se preocupe. Vamos comer.

— Pensa que pode me enrolar, mas não sabe que eu sou o próprio carretel — sussurrou ele.

— O que disse, querido? — perguntou Valdelice com a cara mais inocente do mundo.

— Nada, Lice. Apenas disse que estou ansioso por essa maravilhosa refeição. — Todos deram as mãos e Tito olhou para o pai que compreendeu que era sua vez de dar graças.

— *Nosso Deus, Pai misericordioso, graças te damos por essa abençoada refeição que minha esposa preparou para nós. Te agradecemos por nossa família e por nossos bons amigos e acima de tudo por Teu amor. Tu sabes, Senhor, quantos dos teus filhos mendigam o pão e passam por necessidades. Ajude-nos a ser mais semelhantes a Ti e a compartilhar sempre que tivermos a oportunidade. Tu és o Juiz de nós todos. Ajude-nos a acolher a Tua justiça em nossos corações, independentemente do que achamos que sabemos. Proteja e guarde os meus filhos. Proteja e guarde minha esposa. Proteja e guarde o agente Gatto e sua família. É o que te pedimos e agradecemos. Em nome de Jesus. Amém.*

— Amém. — Todos responderam em uníssono. Valdelice sorriu para o marido e Noronha fez um gesto afirmativo com a cabeça. Tentava não transparecer suas emoções, mas era perceptível o quanto sentia orgulho da família que tinha. O agente Gatto sabia que amor e fé eram os alicerces daquela família. Sua vida se resumia ao trabalho e, por muito tempo, foi suficiente. Mas Jonathan Gatto sentia que participar da vida daquela família fez crescer dentro

dele o desejo de fazer parte de algo maior. Todos começaram a comer apreciando cada um seu prato favorito. Valdelice pedia que à mesa eles nunca falassem sobre trabalho. Sobre os casos e julgamentos. Sentar à mesa era um momento da família e a família era a pauta quando eles conversavam.

— Tito, e quais são as novidades? Aconteceu algo interessante nessa viagem que não diga respeito a trabalho?

— Não, mãe. Mal tivemos tempo para dormir. Queria poder ter conhecido alguns pontos turísticos, mas não foi possível. Felizmente terei agora alguns dias livres. Preciso descansar e pretendo dar folga a pelos menos metade dos agentes. Imagino como deve ser difícil para eles ficar tanto tempo longe de suas esposas e filhos.

— E no caminho para o aeroporto? Aconteceu algo... inusitado?

Noronha já sabia do que a esposa falava, ou melhor de quem ela falava, mas decidiu se manter em silêncio, pois não queria opinar a respeito. Não havia segredos que ficassem ocultos por muito tempo para Valdelice da Silva Mascarenhas.

— Não, mãe. Nada também.

— Mas, eu fiquei sabendo que uma certa mocinha andou balançando o coração do meu meritíssimo filho.

Tito olhou para o agente Gatto que parou com o garfo no meio do caminho até a boca e olhou para D. Valdelice.

— Eu não sei guardar segredos quando o assunto é algo tão raro de acontecer quanto Tito se impressionar com uma garota, Jonathan.

— O que você falou para ela, Jonathan? — disse Tito cruzando os braços.

— Vossa Excelência, asseguro que apenas disse que a moça causou uma ótima impressão no senhor.

Timóteo Mascarenhas olhou para ele e para a mãe que continuavam comendo como se realmente nada mais do que isso tivesse sido revelado.

— Então, filho, quando eu vou conhecer a moça?

— Mãe, eu sei o que está se passando por essa sua cabecinha, mas esqueça disso, ouviu? Eu não vou deixar que estrague minhas chances com uma garota como fez da última vez.

— Eu não fiz nada. Desde quando é errado uma mãe querer ver seu único filho casado com uma moça doce, educada e discreta? A Nicolle era tudo isso — disse ela com seu plácido sorriso no rosto. — Agora você me aparecer com aquela tal de Alba nas bodas de prata da sua tia depois de ter dito que não levaria ninguém, não foi culpa minha. Aquela menina tinha um parafuso a menos. Não sei como deixam alguém como ela pilotar helicópteros. Se ela não

fosse filha de meu grande amigo Lucius...

— Mãe, a Alba era muito jovem, mas era um espírito livre e uma excelente piloto. Se não fosse por ela eu teria perdido as bodas da tia Margarida. Mas por que estamos falando dela agora?

— Isso, esqueçamos a Alba, porque, pelo que eu sei, ela continua dando nó em pingo d'água. Falemos da mecânica que colocou seu pai em seu devido lugar.

Gatto se engasgou com o comentário e viu agora Noronha se virando para ele colocando a mão sob o queixo com olhar interrogativo.

— Senhor, eu não usei... — Precisou beber água para conseguir terminar a frase sob o olhar perscrutador de seu superior. — Eu não usei estas palavras. Quer dizer... conversamos brevemente sobre a viagem ontem à noite.

— E posso saber o que mais você conversou com minha mãe, agente Gatto? — Tito voltava-se para ele novamente.

— Deixem o menino em paz — disse Valdelice. — Eu garanto que ele não disse nada demais. Eu gostei muito de saber como você está empolgado com essa moça e...

— Mãe, eu não estou empolgado. E a moça em questão é...

— Eu sei, filho. Não precisa dizer nada. Eu gravei a conversa que tive com o Jonathan para que suas irmãs pudessem ouvir quando voltassem. Elas podiam não acreditar se eu contasse.

Todo sangue do rosto do agente Gatto desapareceu e como se não acreditasse que ela realmente gravou a conversa que tiveram, já ia começar a falar quando sua própria voz ecoou na sala:

— *D. Valdelice, eu vou contar porque a senhora está insistindo muito, mas peço, por favor, que não transpareça que sabe sobre a garota. Está bem?*

— *Claro, Jonathan. Fique tranquilo. Tome aqui um pouco de mousse de maracujá que fiz especialmente para você.*

Silêncio.

— *Nossa! Está fantástico! Obrigado.*

— *Então, você falava da moça que o Timóteo conheceu quando um dos carros quebrou perto de uma comunidade. Lembra das palavras que ele usou quando vocês conversaram sobre ela?*

— *Impossível esquecer, D. Lice. Parecia que não tinha outro assunto ocupando a mente dele quando não estava em audiência. Uma vez pediu até um recesso ao júri e me chamou até a tribuna para me perguntar se devia ligar para ela para chamá-la para jantar quando voltássemos ou se seria melhor convidá-la pessoalmente.*

— Ele interrompeu um julgamento para perguntar sobre a garota?

— Sim. Mas acredito que todos pensaram que se tratava de um assunto pertinente ao caso. Ninguém suspeitou.

— Então, a coisa é mais séria do que eu pensei. Tome mais um pouco de mousse e me conte mais.

— Vossa Excelência evitava comentar perto do pai, já que ele e a moça... digamos, começaram com pé esquerdo. Mas seu filho dizia que ela era diferente de todas as garotas que já conheceu. Sei que soa clichê, mas ele pareceu sincero. Chegava a ser repetitivo: “Gatto, você já viu alguém sorrir como ela? Quantas pessoas conhece que não se intimidam com meu pai? Ela parece ser tão forte, mas tem os olhos mais gentis que eu já vi”. Ele me disse que não via a hora de voltar para o Rio e poder ir de novo naquela oficina mecânica e chamar a moça para sair.

A gravação parou neste ponto e o agente Gatto, desde que reconheceu a própria voz gravada no celular que D. Valdelice segurava na mão como uma prova incontestável, tentava imaginar como sair incólume daquela saia justa depois de ter sido subornado por mousse de maracujá.

— Quando vou conhecê-la? — Valdelice repetiu a pergunta olhando para o filho já que nenhum argumento poderia se opor ao que confidenciou ao agente.

— Gatto já lhe respondeu, mamãe — disse ele encarando o agente que também se tornou um amigo muito próximo, apesar de sempre manter o tom formal ao se dirigir ao juiz.

— Podia tê-la trazido para almoçar conosco.

— Lice, não alimente esse interesse do nosso filho por essa garota que ele mal conhece. Eu não a quero aqui em nossa casa e muito menos sou favorável a qualquer envolvimento de Timóteo com ela.

— E eu posso saber por que, José Carlos Noronha? — disse Valdelice estranhando o comportamento do marido.

— Não falem da minha vida privada como se eu não estivesse aqui — disse Tito olhando para os pais. — Eu decido com quem eu me envolvo. Tenho discernimento suficiente para analisar se me coloco ou não em uma situação de perigo ou que comprometa a minha imagem pública.

— O melhor a fazer é esquecer essa garota insolente. As trajetórias de vocês dois são bem diferentes e não quero que sua reputação seja manchada por conta da família dela.

— A família dela? — Tito franziu a testa. — O senhor investigou a família da Carla?

— Fiz o que tinha que fazer como responsável por sua segurança.

— Noronha, como pôde fazer isso? — Valdelice perguntou sem elevar o tom de voz, mas claramente aborrecida.

— Esse é meu trabalho, além de ser pai dele. Não me sinto nem um pouco embaraçado por ter feito o que acho certo. Minha intuição me fez investigar cada detalhe da vida dessa Carla e foi assim que eu descobri que o irmão dessa garota está preso há seis anos por assalto a mão armada.

Valdelice subitamente teve um *insight*.

— Qual é o sobrenome dessa moça? — perguntou ela, mas, antes que respondessem, seu celular tocou e ela reconheceu de imediato o número de Dante Albertine. Para ele lhe telefonar em um domingo à noite, algo sério tinha acontecido.

— Com licença. Preciso atender — disse levantando-se da mesa.

— *Alô, Dante?*

— *Valdelice, boa noite. Sinto incomodá-la, mas preciso que me diga o que sabe sobre uma faxineira que contratou há cerca de um mês. Carla Faustino. Não sei se vai se lembrar.*

— *Sim. Lembro bem dela, mas do que se trata, Dante? Aconteceu algo com a moça?*

— *Está tudo muito confuso aqui no momento. Estou no Haras e a encontrei aqui ao lado de Gustavo Grael. Enfim, isso não importa agora.*

— *Dante, como assim Carla Faustino e Gustavo Grael? De onde eles se conhecem? E como foram parar no Haras?*

— *Valdelice, segundo eles, o cavalo da tal moça foi atropelado pelo Grael na Av. Brasil horas atrás, mas depois esclareço isso, por favor, preciso que me diga tudo que se recorda sobre ela.* — O nome fez com que seu marido se colocasse de pé e prestasse atenção à conversa.

— *Ela é uma boa moça, Dante. Foi indicação de uma amiga minha da época de escola e por isso a entrevistei sem que ela fosse encaminhada pela agência. É organizada e muito diligente no trabalho. A Carla vem de uma família muito simples. Eles vivem em um ferro-velho na comunidade do Muquiço em Guadalupe. O pai dela é carroceiro. Sua mãe morreu de câncer anos atrás e ela cria o sobrinho. Precisou abandonar a faculdade de Serviço Social para ajudar a sustentar a casa depois que...* — Virou-se para o marido que, de pé, sabia exatamente de quem ela falava.

— *Depois do irmão ser preso por assalto a mão armada.*

— *Na sua opinião, ela pode representar algum risco de vazamento de informações da empresa?* — Dante Albertine perguntou do outro lado da linha.

— *Não, Dante. Carla vive para a família. Ela não faria nada que*

pudesse prejudicá-los. Agora, me diga. O que está acontecendo?

— Eu chamei a polícia para prender tanto ela quanto o Grael por invasão de propriedade.

— Prender a Carla? Dante, não faça isso. Essa moça já recebeu mais sofrimento que qualquer ser humano é capaz de aguentar.

— Não farei. Fique tranquila. Boa noite e me desculpe por incomodá-la com um problema assim no meio da noite.

— Dante, se precisar, me ligue.

— Ok. Até amanhã.

— Até.

Os três pares de olhos voltaram-se para ela.

— Essa Carla sobre a qual falava com seu chefe é a mesma Carla Faustino que seu filho está interessado, Lice?

— Apesar de ser muita coincidência, acredito que sim. Vocês conheceram essa moça na...

— Comunidade do Muquiço.

— Mãe, como assim ela está sendo presa? O que aconteceu?

Valdelice contou o conteúdo da conversa. Havia muitas coisas que nem ela mesma sabia ou não compreendeu, vinte minutos depois, o juiz Tito Mascarenhas já estava entrando no carro com o agente Gatto para irem ao Haras Pompeu, apesar de seu pai se mostrar categoricamente contra.

— Filho, não deve se meter nessa história. Sua mãe já disse que ele não pretende prendê-la. Não vê que tudo que diz respeito a essa moça sempre vem cercado de incertezas e suspeitas. Você não a conhece.

— O senhor também não. O que sabe sobre ela é um punhado de informações que reuniu e criou um perfil em sua cabeça. Eu irei conversar com Dante. Creio que exista uma razão plausível para o que aconteceu e pretendo ajudá-la.

— Está disposto mesmo a arriscar seu sonho se envolvendo com essa moça?

— Pai, eu não vou viver minha vida com medo de cometer um erro que me impeça de crescer na magistratura. Eu sempre quis ser juiz para tornar o mundo mais justo porque me espelho no senhor que sempre foi um exemplo de integridade para mim. Por que com a Carla seria diferente? “Ajude-nos a acolher a Tua justiça em nossos corações, independentemente do que achamos que sabemos”, não foi essa a sua oração? Deus está nos dando essa oportunidade, pai.

Fez um gesto afirmativo e Gatto saiu conduzindo o carro. Seguido por dois outros veículos oficiais. Noronha ficou algum tempo parado no

gramado de seu jardim. Pensou nas palavras do filho e percebeu que estava se comportando como o tipo de pessoa que várias vezes recriminou no passado. Estava sendo preconceituoso com essa moça. O que sabia sobre ela que desabonasse sua índole? Nada. Ela era trabalhadora. Trabalhava como mecânica, faxineira. E era responsável, pois tomou uma decisão difícil de criar o sobrinho, mesmo tendo que abandonar a faculdade para trabalhar.

— Querido, se falamos da mesma Carla, eu garanto que...

— Eu entendo agora, Lice. Eu agi mal. Eu fui rude quando a conheci e depois a estigmatizei pelo que aconteceu com o irmão. É que desde que adotamos o Tito... de onde o tiramos e depois de tudo que fizeram com ele... Eu não posso permitir que...

— Ele superou tudo aquilo. Há muita força dentro do Tito, meu amor. Eu sabia que você entenderia — disse sorrindo e segurando a mão do marido. — Ele é um homem forte como o pai. Confie na criação que demos a ele. Confie na força do caráter do seu filho e tudo ficará bem. Vamos entrar. Nosso filho vai saber o que fazer, mas acho que ele está indo até lá só para dar uma carona para a moça de volta para casa.

Capítulo 9



UM PÁSSARO PODE SER AMIGO DE UM PEIXE?

— Carla? Abra os olhos.

Aquela voz masculina chamando no meio da madrugada só podia ser seu pai. O tom de voz era familiar e quem mais a chamaria assim com tanta gentileza? A única pessoa que acordava antes dela desde que era pequena. Geralmente, Carla levantava sem que ninguém precisasse acordá-la. Programava o despertador, mas apenas por precaução, porque às quatro da manhã já estava de pé. Aquela voz parecia tão distante e agora que finalmente estava aquecida não queria despertar. Respirou fundo e sentiu um perfume diferente. Cheiro de sabonete, mas diferente do habitual. Logo teria que ir para o trabalho e pensava que precisaria passar na feira no dia seguinte para comprar a cevada de Nikki Lauda. Enfim, conseguiu dormir de novo depois do pesadelo que teve com seu cavalo. Sonho confuso aquele em que ela tentava prestar socorro a um desconhecido e acabava tendo seu cavalo atropelado por aquele gigante loiro.

— Carla, está me ouvindo? Acorde.

Ela se virou na cama e puxou o braço de seu pai. O quarto estava com pouca luminosidade e ela quis ficar só mais alguns minutos ali deitada. Não sentia mais frio e isso era bom. Pensou que o pai devia ter posto um cobertor sobre ela, já que tinha o hábito de se descobrir enquanto dormia.

— Sabe, pai... eu tive um sonho tão ruim com Nikki. Eu estava voltando para casa depois de cortar capim e vi um moço na estrada. Pensei primeiro que ele estava se sentindo mal, mas depois... vi que era mais do que isso... Como se algo o atormentasse. Ele parecia estar sofrendo. Doe o meu coração vê-lo assim. Queria ajudá-lo, mas ele ficou transtornado quando me viu.

— Carla, isso não foi um...

— Pai, lembra quando me disse que não importa se dormimos em um casebre ou em um castelo, se tivermos para quem voltar?

Não obteve resposta.

— Eu senti que aquele homem não tinha para quem voltar. Não sei explicar... Ele estava naquele carro tão luxuoso, mas aquela expressão no olhar dele era tão... vazia. Faltava aquele brilho no olhar de quem é feliz.

— Como pode saber disso?

— Sei lá, pai... Simplesmente é aquele tipo de sensação que vem acompanhada de certeza. Não pareceu que ele estava apenas desapontado com o problema do carro. Era algo muito mais profundo. Sei que foi apenas um sonho, mas a dor dele me pareceu tão real que eu quase consegui sentir o quanto o que ele enfrentava o deixava angustiado. Mas ele se assustou quando tentei ajudá-lo. Foi quando atropelou o Nikki. Sabe, esse moço me lembrou a Mônica. Ela é assim. Se fecha em seu próprio mundo quando se sente acuada ou quando tentamos ultrapassar os limites que ela determina. Sempre tenho a impressão que não participo da vida dela. Tenho a impressão que assisto por uma janela e só vejo o que ela permite que eu veja. Ela nunca me deixa entrar. Eu tive a impressão de que ele é assim também. É estranho, eu sei... Ele era tão grande, mas me pareceu tão frágil quanto sinto que ela é...

— Não me compare com quem quer que seja! Eu apenas imaginei que você era um criminoso. Nada mais.

O tom de voz enérgico fez com que ela despertasse de vez. Não estava em seu quarto. Aquela não era sua cama e o braço que ela acabava de soltar não era de seu pai. Abriu os olhos tentando focar na figura que estava sentada em uma cadeira ao lado daquela cama.

— VOCÊ??? — O tom assustado de sua voz fez com que ele se afastasse para lhe dar mais espaço.

— Não quis assustá-la. Eu vim ver como estava e você se agarrou ao meu braço. Tentei te acordar, mas não consegui.

— Eu pensei que tudo isso não passasse de um sonho... O Nikki Lauda foi mesmo...

Ela não terminou a frase ao ver o homem com mais de 1,90m confirmar com a cabeça.

— Ele está sendo operado nesse momento...

— Isso quer dizer que o Sr. Albertine está aqui e que nós seremos... presos? — disse tentando se levantar, mas a vertigem que sentiu a fez sentar de novo.

— Carla, fique sentada — disse ele reaproximando-se hesitante, mas parecendo realmente preocupado. — Eu vou chamar o médico... quer dizer,

o médico veterinário, para ele te examinar e depois...

— Gustavo... — Por mais que ela falasse baixo, o desespero na voz de Carla o fez parar e se voltar para ela novamente.

A mente dela raciocinava de modo mais lógico agora e Carla se lembrava de quem ele era e de tudo que aconteceu para estarem ali juntos. Com os olhos marejados, lembrou-se da ameaça de seu chefe, ou melhor seu ex-chefe, pelo que ela entendeu, estava desempregada novamente. — Eu não queria que nada disso acontecesse. Nunca quis prejudicar você. E agora seremos presos...

— Carla, fique tranquila. Dante retirou a queixa de invasão e a polícia já foi embora. Eu já havia dito que você não fez nada errado. Se não houvesse um outro jeito de se resolver a questão, eu assumiria a responsabilidade. Não permitiria que você fosse acusada de algo que não teve culpa — disse ele voltando a sentar na cadeira ao lado dela. Gustavo não sabia se deveria consolar a moça e nem sabia se deveria tocá-la, pois temia ser mal interpretado.

— E-Ele retirou a queixa? — Ela mal acreditou no que ouviu.

Gustavo assentiu com a cabeça e viu o sorriso da moça que fechou os olhos como se agradecendo a Deus por aquilo.

— Você está se sentindo melhor? O Dr. Juan pediu que a trouxéssemos para esse alojamento quando você desmaiou. Ele aferiu sua pressão e estava realmente muito baixa.

— Obrigada.

— Pelo quê? — perguntou achando confusa aquela resposta.

— Por ter me defendido quando o Sr. Albertine disse aquilo...

— Eu só disse a verdade. Não precisa agradecer.

Ela se aproximou e abraçou Gustavo, que não correspondeu ao abraço. Seus braços levantaram-se de pronto para separá-la de seu corpo. Romper aquele contato humano foi seu primeiro reflexo. Ninguém o tocava voluntariamente e muito menos com tanta intimidade. E ela era uma estranha e sua primeira reação foi de afastá-la, mas ele não fez isso.

— Eu agradeço pelo que fez por meu cavalo. Agradeço por ter me defendido. Eu provavelmente estaria em uma cela agora e meu cavalo podia ter morrido por falta de socorro se você não fosse um homem de caráter. Eu espero poder retribuir tudo o que fez por mim hoje — disse ela voltando a encará-lo com um leve sorriso no rosto.

— Caráter? Realmente você não conhece esse homem. — Uma voz vinda do outro lado da sala fez com que voltassem a atenção para aquela direção. Dante Albertine observava a cena com o cenho franzido. — Pelo que vejo está melhor, não é mesmo, Carla Faustino?

Ela se pôs de pé, tal como Gustavo.

— Dante, não a envolva em nossos problemas — disse Gustavo colocando-se à frente da moça, o que não passou despercebido para Dante que se questionava cada vez mais sobre qual seria a natureza da relação dos dois. Após sua conversa com Valdelice, ficou ainda mais incoerente qualquer ligação dos dois que não fosse conduzida pelo acaso do acidente com o animal. Mas era de Gustavo Graef que estava falando e tudo que dizia respeito a ele deixava Dante de sobreaviso. Aquele homem, que já havia sido seu melhor amigo e a quem considerou por toda juventude até a faculdade um irmão, acabou se tornando a maior decepção de sua vida. O que Gustavo Graef fez mudou sua percepção do mundo e das pessoas. Trair sua amizade foi apenas a ponta do iceberg. Destruir os sonhos de uma inocente de forma tão irreparável apenas por vaidade ao ponto de ferir a pessoa que ambos juraram proteger a todo custo, isso sim, não tinha como ser esquecido. Muito menos perdoado.

— Não ouse me dizer o que fazer, Graef! Não se esqueça que está em minha propriedade.

— Não é isso o que estou fazendo. Apenas não descarregue nela tudo o que...

— A melhor coisa que você pode fazer nesse momento é manter sua boca fechada. Eu reconsiderarei a queixa de invasão, mas não pense que a vontade de quebrar a sua cara novamente passou. Isso nunca vai passar.

Gustavo tentava manter-se calmo, mas a veia que pulsava em seu pescoço mostrava que ele não era indiferente a como Dante Albertine o tratava.

Carla viu Gustavo cerrar os punhos e respirar profundamente. Admitiu que ficou feliz por ele não revidar a afronta como a maioria dos homens que conhecia faria, mas isso também suscitou sua curiosidade para saber por que Gustavo aceitava passivamente as agressões de Dante Albertine.

— Por favor, Sr. Albertine... Não precisa tratá-lo assim. O Gustavo apenas me ajudou... Só estamos aqui porque...

— Gustavo? Quanta intimidade entre duas pessoas que acabaram de se conhecer. Vocês acabaram de se conhecer, não é mesmo, Carla Faustino?

— Sim. O senhor está certo. Nos conhecemos há poucas horas — disse saindo de trás de Gustavo achando melhor concordar com ele. Carla não entendia por que ele fazia questão de ser intratável, mas, por um momento, refletiu sobre o que Dante Albertine disse e virou-se para o gigante loiro parado protetoramente ao seu lado e perguntou: — Você se incomoda de eu chamá-lo por seu primeiro nome?

A incerteza dela ao fazer aquela pergunta e a expressão de desamparo que viu nos olhos da moça fez com que Gustavo fizesse que não com

a cabeça e, surpreendentemente, colocasse a mão em seu ombro.

— Eu já faço isso com você... Não vejo por que não possa fazer o mesmo.

Ela sorriu encorajada pelas palavras de Gustavo e disse para o outro homem, ainda parado à porta.

— Eu e Gustavo sairemos de sua propriedade, Sr. Albertine. Mas eu volto a dizer que darei um jeito de pagar pelos custos da cirurgia. Assim que eu conseguir um novo emprego começarei a pagar. Eu lhe dou minha palavra, mesmo sem saber se tem algum valor para o senhor.

— Carla, eu assumirei todos os custos — disse Gustavo sem desviar o olhar de seu antagonista. — Fui eu o responsável pelo que aconteceu ao seu cavalo e não seria correto que fosse de outra maneira.

— Obrigada, mas eu mesma posso pagar. Só preciso de tempo — disse calçando seu par de tênis que estava ainda bastante úmido, mas preferiu usá-lo do que permanecer descalça. Amarrou os cadarços e levantou-se devagar para evitar outra vertigem na frente deles. Já se sentia envergonhada o bastante por uma noite. Indo em direção à porta, onde Dante se mantinha escorado, sentiu que ambos acompanhavam cada movimento dela. — Vou conversar com o veterinário antes de ir embora. Obrigada... aos dois.

— Aonde pensa que vai? — A voz autoritária de Dante Albertine quase a fez recuar um passo.

— Eu já disse, senhor. — Respirando fundo, Carla olhava bem nos olhos do dono da empresa para a qual trabalhava. — Vou saber do estado do meu cavalo e, em seguida, irei para minha casa.

— Carla, você não tem como ir embora daqui sozinha depois de ter desmaiado — disse Gustavo vendo a palidez no rosto dela.

— Eu tenho uma amiga que dirige Uber à noite. Acho que ela pode vir me buscar. A Mônica trabalha até nos feriados. Se eu puder fazer uma ligação...

— A chuva está cada vez mais forte. Vários pontos da cidade estão inacessíveis. Isso seria correr um risco desnecessário. Quer dizer que além de arriscar sua vida, também quer fazer o mesmo com essa sua amiga? — retrucou Dante Albertine franzindo a testa.

— Eu só quero ir para minha casa, senhor — disse ela se esforçando ao máximo para não dizer algo que se arrependesse depois. Pensou em seu cavalo e viu que devia engolir aquela arrogância e não o contestar. Afinal, Nikki Lauda estava recebendo o melhor tratamento depois do que lhe aconteceu. Apesar do homem parado à sua frente estar sendo rude, tentou considerar a perspectiva dele. Era quase palpável a inimizade entre aqueles dois homens.

Dante Albertine olhava para Gustavo Grael com uma expressão que denotava tanto ressentimento que ela torcia para que mais alguém entrasse naquele consultório para o caso de ser preciso separar um confronto físico entre os dois.

— Talvez, eu possa pegar uma carona com o Gustavo e seu advogado... — disse olhando para o homem loiro com um olhar quase suplicante.

— Eu dispensei o meu advogado. Já está muito tarde e não achei justo retê-lo por mais tempo. Eu mesmo pensava em chamar um táxi quando o mau tempo desse uma trégua — argumentou Gustavo com uma expressão nem um pouco diferente da dela. — Conseguir transporte hoje à noite é bastante improvável, Carla.

Dante balançou a cabeça com evidente desdém olhando para Gustavo, demonstrando que não estava inclinado a ajudá-lo, independentemente das circunstâncias. E focando em Carla disse:

— Volte para cama! Não quero ser processado no futuro por negar atendimento a uma funcionária. Essa encenação toda não vai te garantir segurança financeira se é o que está planejando.

Dando-lhe as costas, Dante Albertine já caminhava em direção à saída do quarto quando ela segurou seu braço, o que fez com que ele se virasse para encará-la com o semblante que denotava um misto de incredulidade e ira. Lia-se em sua expressão: *“o que pensa que está fazendo?”*

— Solte-me agora mesmo — Vociferou entredentes.

— Farei isso. Só me deixe esclarecer algo antes, Sr. Albertine — disse Carla vendo que ele libertava o braço, mas que decidiu ouvir o que ela tinha a dizer. — Eu nunca peguei nada que não me pertencesse. Oportunidade? Tive muitas, mas nunca quis nada que não tivesse me empenhado para conquistar. Apesar disso, com frequência eu sou observada com desconfiança quando entro em uma loja em um shopping, por exemplo. Aprendi a conviver com esse tipo de comportamento, essa desconfiança. Provavelmente, o senhor não sabe, mas, além de fazer faxina em sua empresa, eu sou boa com motores. Muito boa, na verdade. Mas como isso é possível se eu sou mulher? Ninguém nunca me perguntou isso quando estou limpando banheiros. Para o senhor, foi tão fácil me atribuir esse rótulo de oportunista. Acha mesmo que por ter sido demitida, agora quero dar algum tipo de golpe? Atitudes como a do senhor afetaram diretamente o modo como eu fui criada. Cresci sabendo que o pobre não deve apenas agir de forma honesta. O pobre precisa evitar entrar em mundos diferentes do seu para não favorecer circunstâncias que levantem suspeitas sobre sua integridade. Porque essas suspeitas sempre serão trazidas à tona com o estigma da dúvida. E por que também pareceu tão difícil para o senhor acreditar

que um ser humano possa ajudar outro ser humano sem nenhum interesse, como o Gustavo fez comigo? Eu respondo, porque essa é fácil: é porque existe um abismo entre o Gustavo e eu. Ele está no topo e eu, na base da pirâmide social. Para o senhor, deve ser quase como um peixe querer ser amigo de um pássaro. Sr. Albertine... — Ela respirou fundo e disse: — O senhor é rico. É branco. É homem. Não sabe o que é ser pobre, mulher e negra em nosso país. Então não me subestime generalizando que tipo de pessoa eu sou, porque o senhor simplesmente não sabe. E não sabe porque nunca quis saber o que acontece fora do seu ninho nas árvores.

Dante Albertine franziu a testa por nunca antes o terem confrontado daquela maneira. Por algum tempo, ele e Carla apenas mediram um ao outro. Gustavo Graef permaneceu em silêncio, pois estava tão atônito quanto Dante sobre aquela moça.

— *De onde veio toda essa força?* — pensou Gustavo observando a moça que há minutos estava inconsciente e parecia tão vulnerável.

Dante, rompendo o silêncio, disse:

— Você fala de tirar conclusões precipitadas, Carla Faustino, mas acumulou acusações contra mim conhecendo muito pouco do meu ninho e dos outros pássaros com quem convivo — disse ele com a visão fixa em Gustavo que sustentou seu olhar.

— Não acuso ninguém, Sr. Albertine. Só espero que faça o que é esperado de um homem cujo lema da empresa é: *“o êxito é alcançado quando respondo francamente: o que é esperado de mim?”*

Poucas vezes alguém conseguiu deixar o presidente da Albertine Construções desconcertado. E foram raras ocasiões como aquela em que alguém o deixou sem palavras.

A forma como a mente dela trabalhava e os argumentos contundentes de Carla tiveram um impacto perturbador sobre ele. Foi naquele momento... naquele exato momento, que Dante Albertine soube que à sua frente estava a jovem mulher com a opinião mais incisiva e perspicaz que ele já se deparou em toda a sua vida. E, cruzando os braços na altura do peito, avançou alguns passos, ficando a um corpo de distância de Carla antes de dizer:

— De fato, esse lema é um preceito do que acredito e tentei seguir durante toda minha trajetória profissional. Me diga, então, o que você espera de mim, Carla Faustino?

Cruzando os braços tal como ele fez, Carla disse:

— Apenas que trate a mim e ao Gustavo Graef com o mesmo respeito que gostaria de ser tratado. Nada mais, Sr. Albertine.

— Peço desculpas por minha intromissão, mas endosso o que a Srta.

Carla Faustino acabou de dizer.

Gustavo, Dante e a própria Carla se voltaram para o homem negro que estava parado na porta. Ele notou como os três pareceram surpresos com a presença dele ali.

— Dante, eu conheço a Carla e não acredito que ela tenha a intenção de obter algum tipo de lucro pleiteando uma reparação legal pelo que aconteceu esta noite.

— Tito? Quer dizer... Juiz Timóteo? — Carla o encarou confusa. — O que você... o que o senhor faz aqui?

— Soube que uma amiga precisava de ajuda e vim retribuir o favor que fez à minha comitiva dias atrás, Carla. Pensei em vir interceder a seu favor, mas algo já me dizia que não seria necessário. Então, vim oferecer uma carona agora, se aceitar.

— M-Mas eu não entendo... — disse Carla olhando para ele que tinha um sorriso terno no rosto ao olhar para ela. — Como soube que eu estava aqui e...

— Timóteo é filho de Valdelice, minha diretora de RH. — Foi Dante que respondeu e, em seguida, cumprimentou o recém-chegado com um aperto de mão firme. — Como vai, juiz?

— Vou ótimo, Dante. Peço desculpas por chegar sem me anunciar previamente, mas vim apoiar uma... amiga.

— Vejo que ela possui muitos *amigos* preocupados com seu bem-estar — disse Dante olhando para Carla.

— Agradeço a carona, juiz Tito... Timóteo — disse Carla sem pensar duas vezes. Só queria sair dali e, parando ao lado de Gustavo, envolveu seu braço no dele que nem argumentou nada dessa vez. — Poderíamos fazer uma parada antes e deixar Gustavo na casa dele em...

— ...São Conrado — completou ele. Ainda estava impressionado com a conversa que pôde assistir de camarote minutos atrás. Ela deixou todos os três impressionados. Essa era a verdade.

— Isso. São Conrado. É possível? — inquiriu Carla olhando para o juiz com um sorriso esperançoso, quase suplicante.

Tito percebeu a forma como ela segurava o braço de Gustavo Grael e ficou confuso com aquela proximidade.

Por um instante, os três homens se entreolharam e depois olharam para Carla.

— Claro. Não será trabalho algum — disse Tito encarando Gustavo e meneando levemente a cabeça.

— Boa noite, Sr. Albertine e, mais uma vez, obrigada por ter

reconsiderado e retirado a queixa. Se não se importar, eu irei apenas perguntar se há novidades sobre o estado do meu cavalo.

Ela nem esperou a resposta e, já puxando Gustavo pela mão, o ouviu dizer antes de passar pela porta.

— Tire o dia de amanhã de folga. Descanse bem antes de retornar ao trabalho.

Aquilo fez ela parar e olhar para ele:

— Mas eu pensei que o senhor tivesse me demitido...

— Valdelice me falou de seu trabalho diligente e reconsiderarei. Boa noite a todos. — E dizendo isso passou por eles e foi embora.

Carla tocou o broche que sua mãe lhe deu discretamente e seguiu para saber notícias de Nikki Lauda. A cirurgia já tinha terminado e ela pôde vê-lo por um instante, embora ainda estivesse sedado. Ficou feliz por ver que ele dormia calmamente sob o efeito da anestesia. Assim não sentiria dor e teria uma boa noite de sono. Acariciou sua crina e agradeceu novamente aos veterinários quando lhe disseram que não precisava se preocupar com nada. Ele receberia o melhor tratamento possível e em pouco tempo estaria recuperado. Quando saiu da baia onde ele foi colocado, encontrou o agente Gatto conversando com o juiz Tito e Gustavo. Outros agentes estavam posicionados estrategicamente nos acessos do prédio como ela pôde constatar pelos vidros das portas de vai e vem. A chuva ainda persistia lá fora, mas em menor intensidade.

Aproximando-se dos três, viu a expressão reticente nos seus rostos e disse:

— Alguma coisa errada?

— Na verdade, sim — disse Tito. — Há duas rotas relativamente seguras para sua casa, mas infelizmente uma está obstruída há duas horas por conta de um engavetamento de um caminhão e outros veículos e a outra está inundada, devido a um rio assoreado ter transbordado.

— Está dizendo que eu não posso voltar para casa?

— Entrei em contato diretamente com a Defesa Civil e fui informado que provavelmente apenas após as 10h da manhã a situação nos dois trechos se estabilize — disse o agente Gatto franzindo a testa.

— Ok. Eu posso dormir com o Nikki. Já fiz isso antes lá em casa quando ele ficou doente e...

— Por que ela não vai para a casa de um de vocês? — perguntou o Dr. Juan interrompendo a conversa e olhando para Tito e Gustavo. — Não é mais lógico?

O médico comia um sanduíche e olhava de um para o outro com seu habitual jeito desligado.

— Não quero incomodar. — Ela logo tratou de dizer.

— Pode dormir comigo na minha casa — disse Gustavo que só depois que falou essas palavras pensou na conotação do que tinha acabado de dizer. — Quer dizer, se quiser, pode passar a noite na minha casa. É uma casa grande com muitos... quartos.

Carla compreendeu o que ele quis dizer e sorriu timidamente, mas sentiu vontade de rir da expressão desconcertada do homem gigante loiro. Pensou que um lado negativo de ter a pele tão clara era que não era possível esconder o constrangimento se seu rosto te traía ficando tão vermelho como o de Gustavo estava agora.

— Eu pretendia propor o mesmo. Não seria incomodo algum. Já conhece a minha mãe e ela simpatiza muito com você. Poderia passar essa noite na minha casa. Na verdade, na casa dos meus pais.

O agente Gatto trocou um olhar quase imperceptível com o juiz como se para lembrá-lo de algum detalhe que ele esqueceu. Tito assentiu e disse virando-se para Carla:

— Mas, se preferir, podemos ir para meu apartamento. Esteve fechado esses dias, por conta de uma reforma, mas...

— Obrigada, juiz Timóteo, mas...

— Apenas Tito, por favor — interrompeu ele.

— Obrigada, Tito, mas acho que ficaria mais à vontade na casa da sua mãe. Como sugeri antes. Tudo bem por você, Gustavo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sei que será um prazer para ela receber você, Carla. Contudo, acho correto esclarecer quem é meu pai antes. De modo algum, você será destrutada, eu asseguro, mas não posso esconder esse detalhe de você antes de irmos para lá.

Quarenta minutos depois, Tito se despedia de Carla em frente à mansão de Gustavo.

— Tem certeza que não quer reconsiderar e vir comigo. Meu pai é uma pessoa difícil, às vezes, mas é um bom homem. Acredite em mim.

— Eu não duvido, Tito, mas eu e o Sr. Noronha não tivemos um bom começo... Eu prefiro evitar problemas. Por favor, não ache que eu estou desmerecendo sua oferta. Só não quero ter que enfrentar um novo embate hoje. Entende?

— Mas esse Gustavo não é um estranho para você?

— Sim. Tanto quanto você também é, mas como você, ele mostrou que posso confiar nele.

Ela tomou uma atitude ousada e deu um beijo no rosto de Tito e

disse:

— Obrigada por tudo. Você era a última pessoa que eu imaginava que me tiraria daquela situação.

— Você não precisou de mim, nem de ninguém para isso. Fez tudo sozinha, Carla. E de modo admirável, preciso ressaltar. Eu apenas dei uma carona. Nada mais.

— Você fez muito. Só o fato de ir até lá... debaixo de toda essa chuva em um domingo à noite... Eu sou realmente grata. Espero poder retribuir um dia o que fez por mim hoje.

Tito olhava para Carla fascinado. Lembrou parte da conversa que escutou entre ela e Dante e ficou ainda mais impressionado com aquela mulher. Nunca conheceu alguém como ela. Sem pensar no que fazia, segurou o rosto dela entre as mãos e aproximou do próprio rosto. Carla estremeceu ao pensar que ele lhe daria um beijo. Esperou pelo beijo. Conseguia sentir a respiração de Tito em sua pele e fechou os olhos. Porém, Tito depositou um beijo suave em sua testa antes de dizer:

— Se precisar de mim, pode me chamar a qualquer hora. Eu virei... por você. Acho que já deve ter percebido que eu gosto de você. Quando você se recuperar de tudo isso, eu gostaria de convidá-la para jantar.

Aquelas palavras aqueceram seu coração e ela brindou Tito com um sorriso tão espontâneo que por muito pouco ele não a beijou como realmente gostaria.

— Eu gostaria muito, Tito. Boa noite — disse saindo do carro.

O agente a ajudou a descer do veículo alto e lhe entregou um guarda-chuva. Ela sorriu para ele e agradeceu.

— Boa noite, agente Gatto.

— Boa noite, Carla.

Eles se despediram dela e Carla acenou para os carros que deram meia-volta e seguiram se embrenhando na noite chuvosa até desaparecerem de seu campo de visão.

Carla, antes de sair do haras, telefonou para casa e tranquilizou o pai. Disse que estava bem e esclareceu brevemente o que houve. Evitando detalhes que o deixariam ainda mais preocupado. Ele ficou preocupado, mas confiava no discernimento da filha e sabia que ela não se colocaria em risco.

Agora Carla pensava em tudo o que aconteceu naquela noite. Dante Albertine, Gustavo Graef, Juiz Timóteo Mascarenhas... Ainda tinha um emprego e seu cavalo ficaria bem.

Carla admitiu para si mesma que sentia um certo receio de ter aceitado ir para a casa de um homem que mal conhecia, mas não sentia medo

dele. Depois do que passaram, de como ele se preocupou com Nikki Lauda e como a protegeu, não era possível que fosse um homem sem honra e tentasse tirar alguma vantagem dela. Curiosamente, sentia que podia confiar em Gustavo. Ele chegou à mansão um pouco antes dela. Veio em outro veículo junto com agentes e já a aguardava na porta.

Gustavo Graef ao ver Carla chegar ao topo da escadaria de mármore, só conseguia pensar que aquela era a primeira vez em que ele levava uma mulher para sua casa.

Mas o pensamento que ocorreu a Carla quando ela passou pela porta que Gustavo mantinha aberta foi se, de fato, em alguma realidade paralela, um pássaro poderia ser amigo de um peixe.

Capítulo 10



INSTINTO PROTETOR — PARTE I

— Pode ligar para sua família do quarto onde vai dormir — disse Gustavo Graef após conduzir Carla por aquela suntuosa mansão. Ele acendeu algumas das luzes pelo caminho, mas a casa ainda permanecia parcialmente na penumbra. Ela não se permitia ficar muito distante dele, pois tinha medo de se perder já que uma passada dele eram duas dela.

— Eu já os tranquilizei. Não se preocupe. Eu quero incomodá-lo o mínimo possível. Logo bem cedinho, eu já pretendo ir embora e... — Carla não completou, pois esbarrou em Gustavo quando ele parou repentinamente. A impressão que teve foi quase como se se chocasse contra uma parede.

— Carla... — Ele a amparou para que não caísse, mas não foi possível evitar que, com o impacto, ela se desequilibrasse e derrubasse um jarro sobre um aparador. O barulho do vaso se espatifando no chão ecoou no corredor, sendo abafado apenas pelo som da chuva lá fora.

— Me desculpe... por favor... eu não quis... — Ela se abaixou e tentou recolher os cacos para evitar que alguém se ferisse. Apesar da iluminação fraca, ele percebeu a expressão de assombro misturado com nervosismo quando ela levantou os olhos para ele. Foi uma troca breve de olhar, mas ela pareceu tão fragilizada que despertou o instinto protetor de Gustavo. Desde que a conheceu, mergulhou em um turbilhão de incidentes inusitados e emoções mais inusitadas ainda.

— Carla, está tudo bem. Levante-se, por favor. — Ela ignorou suas palavras e continuou a colocar em um cantinho os pedaços do vaso. Ele ouviu um soluço baixinho e, depois de apertar um interruptor mais próximo e trazer mais luz ao corredor, Gustavo se abaixou e observou as mãos dela com atenção,

mas sem tocá-la:

— Você se cortou? — questionou constatando que, de fato, ela estava chorando, apesar de tentar disfarçar. As últimas horas foram muito intensas para ele e, era óbvio que para ela também, pela forma como parecia nervosa reunindo os pedaços do que foi um vaso.

— Não... estou bem — disse ela secando o rosto com as costas das mãos. Mais constrangida ainda por sua falta de controle emocional, agora que ambos podiam se ver perfeitamente

Gustavo quis tranquilizá-la dizendo: — Era apenas um vaso... Nem tinha tanto valor assim. — Mentiu, pois ele havia arrebatado a peça em um leilão por mais de dez mil reais, quando soube quem estava organizando o evento beneficente em questão. Contudo, Carla já tinha problemas financeiros suficientes para lhe atribuir mais este. Ela o olhou no fundo dos olhos e parecia saber que ele não falava a verdade. O olhar dela transparecia o quanto aquele dia foi extenuante para ela, física e emocionalmente. Primeiro, ela tentou prestar assistência a ele e teve o cavalo atropelado. Dependeu da boa vontade de desconhecidos. Quase foi presa. Foi demitida. Depois readmitida. Não pôde retornar para sua casa por conta do mau tempo e agora era obrigada a passar a noite na casa de um estranho antissocial.

— Não chore — pediu ele.

Ela pareceu tentar se recompor e respirou fundo algumas vezes. Uma ideia passou pela mente de Gustavo e ele expôs sua dúvida:

— Você tem medo... de mim, Carla? É por isso que está chorando? — A pergunta saiu tão naturalmente que ela respondeu da mesma maneira.

— Não, Gustavo. Por favor... Não pense isso. Você não me assusta. Sei que é um homem bom. E eu nunca teria vindo para cá se tivesse medo de você. Hoje só foi um dia difícil. — Ela disse sem desviar o olhar do dele desta vez.

Aquelas palavras o fizeram deixar de franzir a testa e aliviaram seu semblante. Carla percebeu que foi o que ela disse que teve esse efeito e gostou de saber que sua opinião era tão relevante para ele, embora mal se conhecessem.

Já Gustavo não sabia explicar por que mais do que as palavras, conseguia ler que o que Carla dizia era verdade na forma como ela olhava para ele. Esse olhar o afetava de uma forma inexplicável. Sentia uma inquietação perto dela, mas, ao mesmo tempo, Carla lhe trazia um forte sentimento de paz. Algo que não vivenciava perto de outra pessoa há muito tempo, com exceção de Julieta, mas ela praticamente o criou e era a única pessoa em todo o mundo que nutria sentimentos bons por ele.

Gustavo ponderou se talvez não fosse seu celibato que estivesse

influenciando sua percepção, mas logo afastou a hipótese. Não era isso. Não que ela não fosse bonita. Carla era linda, pensou ele. Porém não era sua libido que estava se manifestando. Aquela moça despertava seu instinto protetor. Não compreendia como ela, que era praticamente uma desconhecida, conseguia afetá-lo dessa maneira. Pensou em como ela fez o mesmo por ele horas atrás. Enfrentou o dono da empresa onde trabalhava para protegê-lo e ainda pensou nele quando conseguiu carona para sair do haras. Ela era diferente. Do mesmo modo curioso que ele a observava, ela fazia. Como se um tentasse descobrir o que se passava pela cabeça do outro. Tomou a iniciativa de interromper o contato visual e, pondo-se de pé, estendeu a mão para ajudá-la a se levantar também.

— Eu posso pagar... — Carla apressou-se em dizer. — Talvez, não agora, porque tenho as despesas com o Nikki Lauda, mas...

— Carla... — Ele a chamou novamente e a moça, sem hesitar, aceitou e ficou de pé na frente dele.

— Você não precisará pagar por nada. Nem pelo tratamento de seu cavalo, como eu já havia dito antes, nem pelo vaso. Foi só um acidente. A culpa, no final das contas, é minha, pois conheço cada pedaço dessa casa e tenho o costume de andar nessa semiescuridão. Dizendo isso, ele a conduziu para o fim do corredor e agora ambos podiam ver o outro perfeitamente e Carla percebeu que ele não soltava sua mão, enquanto caminhavam. Eles seguiram por mais uma ampla escadaria em degraus de mármore escuros. Lá em cima, ele apertou outro interruptor na parede e uma sequência de lâmpadas embutidas iluminou o corredor. Carla notou que Gustavo a observava com uma atenção que não conseguiu compreender, mas não disse nada. Fingiu não notar.

— Eu agradeço. Você é muito generoso.

— Não é nada demais.

— É sim. Para mim, o que está fazendo tem muito valor. E sou grata por isso. Espero um dia poder retribuir sua ajuda.

Ele se limitou a dar um breve sorriso e assentir com a cabeça. Pararam em frente a um dos quartos e ele abriu a porta. Carla olhou para o interior absorta. Era um quarto belíssimo. Sem dificuldades, metade de sua casa caberia naquele quarto luxuoso. Conseguiu ver uma luminária pendendo do teto do quarto, mesmo antes de Gustavo fazer sinal para que entrasse. Ele também entrou e disse:

— Há toalhas limpas no banheiro.

— A sua casa é muito bonita, Gustavo. Um sonho.

— Obrigado — disse ele sem saber mais o que dizer. Aquela situação incomum não o fazia se sentir desconfortável perto dela, mas faltava-lhe talento para ser sociável. Foi o que passou pela cabeça dos dois após quase um

minuto de silêncio.

— Acho melhor você tomar um banho morno antes de dormir. Só falta ficarmos gripados, considerando o tempo que ficamos com aquelas roupas molhadas. — Ela não sabia o que dizer já que ele não saía do quarto para que ela pudesse tomar um banho também.

— Secaram no calor do corpo.

— Como?

— Nossas roupas... secaram no calor do corpo.

— Ah! Verdade.

— Se precisar de mim, eu estarei na terceira porta virando o corredor à esquerda.

— Obrigada, Gustavo.

Ele, enfim, saiu e ela viu-se sozinha para apreciar aquele quarto. Não viu necessidade de trancar a porta. Se fosse para ele lhe fazer mal, não seria uma tranca que iria impedi-lo e não se sentiu ameaçada em nenhum momento perto dele. Decidiu confiar em seus instintos.

— “*Secaram no calor do corpo*”? Idiota! De onde tirou isso? — dizia Gustavo caminhando em direção ao depósito de itens de limpeza daquele andar para faxinar todo o corredor até ali. Percebeu as pegadas que eles produziram e seu transtorno já o incitava a providenciar uma limpeza rapidamente. Tentaria fazer no mais absoluto silêncio para que ela não escutasse. Não queria que sua chance de uma nova amizade se encerrasse com ela descobrindo que ele não era como as outras pessoas. E a queria como sua amiga. Sentia que ela não o julgaria se conhecesse seus TOC's, mas não quis arriscar. Queria parecer normal para alguém depois de tanto tempo de solidão.

Depois do banho demorado, Carla encontrou sobre a cama uma camisa masculina de mangas compridas e um short com cadarço na cintura. Ficou feliz por Gustavo ter pensado nisso. Queria mesmo poder dormir com uma roupa limpa e confortável. Vestiu as mangas compridas da camisa social e precisou dobrá-las três vezes. Colocou o short, mas aquela casa estava muita fria. Por isso, decidiu se enrolar em um amplo cobertor que encontrou no *closet*. Tentou não comparar o tamanho daquele closet com seu quarto, mas foi impossível e começou a rir.

Teve a impressão que o riso despertou sua, até então esquecida, fome, pois seu estômago deu um sonoro sinal de vida. Ela decidiu que tentaria achar a cozinha, sem incomodar o anfitrião. Não passou por ela quando entraram, mas deveria ficar no andar térreo.

Encontrou facilmente o cômodo da casa que procurava e, para sua surpresa, encontrou Gustavo também. E a surpresa foi maior ao vê-lo muito

concentrado na tarefa de limpar o chão. Ele usava um pano de chão e um rodo e parecia limpar o mesmo ponto várias e várias vezes. Como o piso era branco, já era possível ver o reflexo dele ali. Ela forçou a vista, porém não conseguiu enxergar a sujeira que ele insistia em tentar limpar repetidamente naquele mesmo ponto. O viu lavar o pano de chão em um balde e depois enrolar de novo no rodo e recomeçar a tarefa.

Gustavo Graef não pressentiu a presença dela e Carla observou o olhar vazio dele que não parecia se fixar em nada. De limpeza, ela entendia, mas o comportamento dele apenas repetindo mecanicamente o movimento, mais parecia um ritual. Como se ele estivesse em uma espécie de transe. Ela chegou a cogitar se ele não estaria sob o efeito de drogas, mas ela já viu viciados antes e ele não se comportava como um. Suas mãos estavam firmes no cabo do rodo. Ao contrário dos tremores perceptíveis que os dependentes químicos sofriam quando faziam uso de uma droga ou estavam em abstinência.

Só então, Carla notou que Gustavo usava fones de ouvido. A música devia estar bem alta, pois o chamou três vezes e ele não respondeu. Ela então se aproximou e tocou de leve em seu ombro. Foi como se ele recebesse uma descarga elétrica. Ela se arrependeu imediatamente quando viu que ele se assustou e pareceu extremamente envergonhado. Gustavo afastou-se dela alguns passos, dando-lhe as costas. Aquela reação dele foi tão inesperada que Carla teve vontade de voltar para o quarto, pois era notório como ele parecia embaraçado por ter sido flagrado faxinando a cozinha. Mas algo dizia a ela que havia muito mais do que embaraço naquela reação tão intensa de Gustavo.

Ficaram os dois em silêncio.

Depois de algum tempo, ele retirou os fones e esperou. Esperou a risada. Uma piada. A chacota tão habitual. Esperou o desprezo. Mas, dessa vez, não vieram.

Gustavo sentiu o toque de uma mão hesitante em seu ombro, contudo, ele não se virou. Então, Carla disse: — Olha para mim, Gustavo.

— Pode apenas me deixar aqui sozinho e voltar para seu quarto, por favor? — pediu ele ainda de costas para Carla.

— Eu vou, se é o que deseja, mas primeiro quero saber se vai ficar bem, Gustavo.

— E por que isso importaria para você? Não somos nada um para o outro. Se não fosse por uma obra do acaso, nunca nos veríamos e muito menos estaríamos tendo essa conversa.

— Gustavo, por que está agindo assim? — perguntou ela com uma calma que começava a desarmá-lo.

— Eu só gostaria de um pouco de privacidade — respondeu ele

secamente.

Ela deu a volta e parou a uma distância de dois passos na frente dele.

— Eu não acho que seja uma boa ideia. Você está triste. Eu posso te fazer companhia.

Ele levantou o olhar e soltando o rodo com violência, deu um passo à frente, o que não intimidou Carla. Ela já tinha dito que não sentia medo dele e quis mostrar que falava a verdade.

— Eu não preciso de sua compaixão! Eu dispenso qualquer sentimento de piedade pelo maluco! — disse tão alto que ela ficou ainda mais preocupada.

Ele viu que ela não recuava. Pelo contrário, Carla segurou o braço esquerdo de Gustavo com gentileza e colocou ao redor de sua cintura. Fez o mesmo com o direito. Ficou na ponta dos pés e envolveu o pescoço daquele homem gigante. O olhar dela perscrutava a expressão de assombro no rosto de Gustavo. Ele jamais esperaria uma atitude como aquela e quando ela o abraçou forte, ele sentiu o calor do corpo dela a envolvê-lo com aquele doce abraço. Gustavo sentia frio até ela chegar ali e o tomar em seus braços daquela maneira.

Não soube dizer quanto tempo permaneceram assim, um abraçando o outro com o cobertor que ela trouxe aos pés deles. Contudo, Gustavo sabia que há muito tempo ninguém tinha uma atitude voluntária de compartilhar de sua tristeza. Fazia muito tempo. Muitos anos. De Julieta, ele tentava esconder todo seu sofrimento. Temia pela saúde frágil da senhora de mais de oitenta anos.

Mas ali estava alguém que lhe oferecia o que ele mais precisava naquele momento. Alguém que apenas se colocava disponível para ele. Alguém que não precisou pagar para sentir o calor que só o alento de um outro corpo é capaz de fornecer. Ouviu uma vez uma das prostitutas o chamando de grana fácil e outra dizendo que era um desperdício ele ser tão problemático. Ela não fazia ideia do quanto ele era problemático, pensou Gustavo na época. Ele só queria estar com alguém. Não queria sexo vazio. Só queria saber que outro ser humano estava por perto. Contudo, sentir outro ser humano se importando com ele como Carla fazia agora o deixou confuso, mas seus braços a estreitaram com força e ele quis retribuir e desfrutar daquele momento enquanto ele durasse.

Sentia-se como uma criança que havia ganhado o presente de aniversário após um longo ano, mas no caso dele, essa espera demorou muito mais tempo.

— *Estou aqui com você, Gustavo. Vou estar aqui sempre que precisar* — disse ela baixinho em seu ouvido.

Duas palavras foi tudo que ele conseguiu verbalizar naquele

momento:

— *Por quê?*

Ele tinha medo de falar demais e aquele encanto se quebrar ou simplesmente despertar e se dar conta que estava sonhando.

— Porque sou amiga. Apesar de ser improvável para outras pessoas, mas o peixe sente que o pássaro é seu amigo também — disse olhando bem no fundo dos seus olhos azul-piscina.

Nenhum dos dois queria dormir. Ela pegou o cobertor do chão e vendo a porta da cozinha aberta, segurou a mão de Gustavo e o conduziu para a varanda. Ela dividiu o cobertor com ele e sentaram em um banco comprido de madeira rústica. Carla esqueceu da fome. Eles conversaram sobre suas vidas. E Gustavo desejou contar a alguém pela primeira vez o motivo de ter perdido a amizade de Dante Albertine e até sua irmã ter se afastado dele. Quando ele terminou de narrar os fatos, Carla viu que ele observava sua reação e se preparava para levantar quando ela o puxou de volta.

— Fica aqui, Gustavo, que agora você está quentinho outra vez e eu também.

Ele não viu julgamento, nem enxergou o horror ou a repulsa que sua irmã demonstrava por ele. Carla o queria por perto assim mesmo. Mesmo sabendo o que ele fez, ela não mudou com ele. Não parecia enxergar o monstro ou o louco que ele se transformou com a aquisição dos TOC's. Gustavo havia revelado a Carla o segredo que guardou por quase quinze anos. Seu maior segredo. Sua maior desonra. O que o fez perder tudo que mais amou na vida. Porém, ela não o repeliu. Pelo contrário, estava bem aninhada em seus braços e os pés dela estavam sobre os seus para não pisar diretamente no chão. Ele nunca tinha tido esse nível de cumplicidade com ninguém.

— Carla... Você entendeu o que eu fiz? — perguntou Gustavo ainda incrédulo. Queria ser honesto com ela a qualquer custo. Algo o impelia a agir assim. Era inexplicável.

— Eu ouvi, Gustavo. Entendi o que fez no passado e também entendi que você já sofreu por muitos anos e que se arrepende do seu erro. Nunca mais precisamos falar disso, se você não quiser. Mas sempre que esse sentimento que te toma ameaçar te tirar do eixo, pode me ligar. Nem sempre vou poder vir te ver, mas sempre terei tempo para conversar com você.

— Não precisa dizer isso...

— Eu sei disso, mas eu quero que saiba que estou sendo sincera. Você não precisa passar por isso sozinho. Não mais.

Foi assim que ele viu um novo dia nascer e com ele a esperança de que não estaria mais tão sozinho dali por diante. Não havia tensão sexual entre

eles. Só havia Carla e Gustavo. E o peixe dormia agora ouvindo os batimentos felizes do coração do pássaro.

Capítulo 11



INSTINTO PROTETOR — PARTE II

Dante Albertine consultou o relógio e viu que eram quase 4h30 da manhã. Passou pelos quartos dos filhos. Viu que Hélió dormia tranquilamente. Ele tinha os cabelos e olhos da mãe que também era loira e tinha olhos claros. Felizmente as semelhanças com ela se limitavam à aparência. Foi até o quarto em frente, entrou rapidamente no quarto do filho mais velho, pois viu seu braço pendendo da cama, e retirou um livro do lado de seu rosto. Dante colocou o braço para dentro da cama novamente sem acordar o filho. Aquiles tinha o sono muito pesado desde pequeno. Dante lembrou das várias discussões com sua ex-esposa que não conseguia manter o tom de voz baixo nessas ocasiões. Ela sempre queria se fazer ouvir de uma forma ou de outra. Nesses momentos, Dante se sentia grato pelo filho não ouvir o conteúdo daquelas brigas. Quando o cobriu com o edredom, Aquiles, em seu estado sonolento, por um instante, reteve a mão do pai e se virou de costas para ele. Ele ficou observando o filho de dezessete anos que em breve estaria fazendo faculdade e em poucos anos poderia não estar morando mais naquela casa. Viu os cabelos negros, traço característico de sua família italiana. Fechou os olhos e respirou fundo quando uma recordação o atingiu. Dante foi retirando a mão com cuidado, mesmo sabendo que Aquiles não acordaria facilmente. Pôs o livro no criado-mudo e já alcançava a porta quando o ouviu dizer:

— *Amo você, pai.*

Dante virou-se imediatamente, mas para sua surpresa, o rapaz permanecia deitado de costas e pelo ritmo compassado de sua respiração, ainda estava entregue a um sono pesado.

— Apesar de tudo, eu sempre amei você, Aquiles — sussurrou

Dante antes de sair.

Dante tomou uma ducha rápida e se deitou logo em seguida, porém o sono não veio rapidamente como pensou que chegaria. Julgou que toda a agitação inesperada daquela noite era a responsável por sua insônia. Não era Gustavo Graef e a hostilidade que nutria por ele que o deixavam assim. Era o rosto de Carla e as palavras dela que povoavam seus pensamentos e não lhe permitiam conciliar o sono. Tudo que ela disse parecia gravado em sua mente. Da mesma forma como o toque inesperado dela em seu braço. Era tão difícil alguém o surpreender, mas ela fez isso com tamanha ponderação e sensatez, ainda mais para alguém tão jovem. Ele pensou no que Valdelice contou sobre a vida da moça. Uma vida de perdas graves e de renúncias que poderiam tê-la tornado uma pessoa amarga, mas, de fato, ela não era assim.

Ver a forma como Carla Faustino defendeu e foi protegida por Gustavo Graef e pelo juiz Timóteo fez ver que ela, sem perceber, deixava os homens vulneráveis. E sem esforço algum. Até mesmo ele experimentou essa sensação de querer salvá-la, ainda mais por conhecer Graef como poucos. Ele refletiu e percebeu que estavam todos errados. Ela não precisava de nenhum deles para protegê-la. Ela tinha muita força dentro de si. Dante imaginava que a vida repleta de provas a fez amadurecer mais rapidamente e talvez fosse a responsável por ela ser tão surpreendentemente diferente.

Admitiu para si mesmo que não gostou de ver como ela se sentia segura perto dos outros dois homens, mas, com ele, Carla mantinha-se na defensiva. Pensava em como ela tinha a mente aguçada e como era sincera, sem ser desrespeitosa. Aquela moça prezava por sua integridade como poucas pessoas que conhecia. E tinha um poder de convencimento invejável. Carla Faustino o intrigava e ele se viu querendo descobrir mais sobre ela.

— *Por que eu não consigo tirá-la da minha cabeça? Ela é apenas mais uma funcionária como centenas de outras. Deve estar agora no apartamento de Timóteo ou, pior, na casa de Graef e imagino que...*

Interrompeu o rumo que o fluxo de pensamentos o estava levando como para negar que se importava na casa de quem ela passaria a noite. Ela era uma moça correta. Censurou-se por julgá-la precipitadamente, mais uma vez. Mas seria hipócrita se negasse que durante todo o trajeto do haras até sua casa se aborreceu com essas possibilidades. Dante acabou se arrependendo de dar folga para Carla no dia seguinte. Se ela tivesse que estar no trabalho logo cedo não daria tempo dela se envolver com quem quer que fosse.

Ele se recriminava mentalmente. Afinal, a vida dela particular não era da sua conta. Ela é adulta e pode tomar suas próprias decisões. Lembrou-se das palavras de Valdelice: — *“Essa moça já recebeu mais sofrimento que*

qualquer ser humano é capaz de aguentar.”

Dante refletiu sobre isso e sobre sua própria vida. Também perdeu pessoas que amava, contudo já era adulto. Ela precisou enfrentar a dura realidade da vida ainda muito jovem pelo que soube. Para Dante, o trabalho foi seu refúgio e se entregou a ele como a sua prioridade. Foi o que o fez enfrentar a dor e o vazio deixado por quem saiu de sua vida. A dor da perda só era superada pela revolta de ter se enganado ao confiar cegamente em pessoas por quem teria dado a vida, se fosse necessário, mas que se revelaram desleais em um nível que mudou sua forma de se relacionar com todos. O vazio em seu peito reclamava que algo se perdeu, ou melhor, algo foi tirado dele da forma mais brutal possível. Dante sabia que faltava algo essencial em sua vida, mas se proibiu de pensar nisso agora.

Decidiu descer e comer alguma coisa, já que dormir, pelo jeito, não conseguiria. Vestiu o robe escuro, pois tinha o hábito de dormir com pouca roupa. Quando saiu da cozinha levava consigo um sanduíche de rosbife e um copo de suco de laranja. Decidiu trabalhar um pouco para tornar aquela madrugada mais produtiva e foi até seu escritório. Terminou de comer e pôs-se a analisar várias plantas e fotos da estrutura da nova sede da Albertine Construções. Em uma semana, ela seria inaugurada e praticamente todas as pendências foram solucionadas.

Aquela empresa foi sua razão de viver por anos. Conseguiu com muito empenho transformá-la em uma das maiores construtoras do país e foi com a gestão dele que o sobrenome Albertine se tornou conhecido até no exterior como uma referência na área de construção civil. Não foi fácil chegar até ali, mas Dante se cercou de profissionais competentes e fez sua parte. Valdelice sempre esteve ao seu lado. Desde o início. Por isso, a importância dela em sua vida. A estimava muito. A relação deles superava patrão e funcionária. Ela foi sua assistente, sua conselheira, sua amiga e até sua confidente anos e anos a fio. Ela era a única pessoa, além de Máximo e Margot, que sabia de seus segredos mais obscuros. Ela merecia todo seu reconhecimento e estima. Ainda criou quatro filhos muito bem. Era uma mulher admirável.

A mudança para o novo prédio já estava sendo coordenada por ela. O arranha-céu de trinta andares acompanhava o crescimento exponencial da premiada construtora que se destacava por sua transparência com os clientes e na prestação de contas com os órgãos fiscalizadores competentes. Dante Albertine preferia perder dinheiro a ter a reputação de sua construtora maculada por qualquer suspeita de fraude junto à Fazenda ou envolvimento com mensalões como acontecia com rivais do mercado que respondiam por corrupção ativa e desvio de dinheiro público. Para Dante, era vergonhoso ver executivos outrora

empreendedores que agora estavam presos e seus bens bloqueados.

A Albertine Construções buscou novos mercados e investiu na aposta do vice-diretor, Máximo, e por isso despontava na contramão do colapso de grandes empreiteiras e a nova sede seria capaz de abarcar os novos empreendimentos que o Grupo Albertine-Kobayashi que se diversificou, a princípio, com o desenvolvimento de motores de alta performance, mas que utilizavam fontes renováveis de combustível. Além do novo programa de financiamento de projetos em caráter de sociedade em todos os segmentos da economia. A intenção era dar oportunidade a pequenos e médios projetos que precisavam de incentivo. Desse modo, entraram no segmento “turismo e cultura” com a abertura e ampliação de pousadas e hotéis de médio porte em diferentes regiões do país; propostas voltadas para arte e música foram impulsionadas com a revitalização de imóveis históricos no centro da cidade para serem transformados em galerias e um selo de gravadora que privilegiava artistas nacionais; o grupo adquiriu uma editora que já tinha um leque de autores renomados como parceiros, enfim, a gama dos empreendimentos ia de culinária a desenvolvimento tecnológico. Então, Máximo teve a ideia de uma grande festa que foi endossada pela irmã de Dante. A organização desse evento ganhou os holofotes da mídia muito rapidamente. Com Margot à frente, logo se tornou um evento com fins filantrópicos. Valdelice se voluntariou para ajudar e Marcela decidiu atuar como relações-públicas.

Dante não gostava de exposição desnecessária e até rechaçava, de certa forma, o interesse da alta sociedade carioca em estar presente na inauguração de sua nova sede, porém não quis deixar de fazer a vontade de sua irmã que lhe garantiu que a ele caberia apenas aparecer usando um de seus smokings. Nada mais. Essa foi a parte que ele gostou. Seu único pedido foi que não somente os parceiros comerciais e figuras públicas fossem convidados, mas que também todos os funcionários da Albertine soubessem que eram bem-vindos para a festa. Afinal, eles eram responsáveis diretos pelo êxito da companhia. Foi assim que seu pensamento o conduziu novamente até Carla.

Pensou em como o cavalo era importante para ela. Lembrou do desmaio ao imaginar que o pai perderia o direito ao convênio médico. Como foi capaz de pensar que tudo isso se tratava de um jogo? Uma tática para se infiltrar na Albertine com Gustavo Graiel orquestrando tudo? Não. Seria mirabolante demais. Ferir um animal com esse propósito. Ele sabia que errou em seu julgamento e precisava se retratar.

— Talvez ela possa ser mais bem aproveitada em outro departamento da empresa. Se não fosse o Máximo dar em cima de todo rabo de saia poderia ser encaixada no segmento de motores. Ela disse que tinha aptidão

para coisa e ele não duvidava. A *Veloz* crescia com seu sócio conduzindo o novo negócio... — Dante pensava no segmento de motores que foi uma ótima surpresa e se mostrou um rentável mercado com o talento nato de Máximo com carros.

Mas Dante já havia presenciado as investidas de Máximo Kobayashi tendo Carla como alvo e não queria que ela se sentisse assediada por ele. Poderia pedir ajuda a Valdelice, mas refutou a ideia. Não quis admitir que o motivo era um certo juiz que seria favorecido com essa aproximação de Carla e Valdelice, que já tomava partido da moça.

— *Primeiro Máximo, depois Grael e agora Timóteo...* — Dante se censurou imediatamente ao se dar conta da conotação de seu pensamento.

Como é possível ela causar esse efeito em homens tão diferentes uns dos outros? Ela é bonita, mas vemos mulheres bonitas todos os dias. — Naquele instante, a lembrança do beijo que presenciou entre Carla e Gustavo surgiu com um raio em sua mente. Aquilo o incomodava, mas do que gostaria, agora que relembrava a forma possessiva como Gustavo a defendeu dele.

— *Logo, eu sou o vilão da história? O que faz do Grael o quê? O herói? Era só o que faltava. Faça-me o favor...* Dante não sabia explicar, mas não queria que Carla o visse dessa forma. Como se fosse um tirano... um ditador que age arbitrariamente sem mensurar as consequências de suas ações. Ele queria revelar quem era Gustavo Grael. Aquele instinto protetor que o tomava ao pensar nela se relacionando com Grael o fez perder o foco no trabalho. Coisa rara de acontecer.

— *Eu sou o chefe dela. As circunstâncias em que os encontrei me levaram a pensar o pior dela... Preciso que ela entenda porque eu a tratei daquela maneira e que mude sua opinião a meu respeito.*

O porquê da opinião dessa funcionária significar tanto para ele, Dante não sabia. Ou melhor, talvez soubesse, mas preferia ignorar a razão que sua própria consciência apresentava como justificativa. Carla era diferente. Diferente de uma forma surpreendentemente incomum. De uma forma que fazia as pessoas desejarem conhecê-la melhor. Contudo, não somente Dante percebeu isso.

Capítulo 12



MARGOT E DEMÉTRIUS

— Aqui está, Margot. Espero que goste do porta-retratos que eu escolhi — disse Demétrius sorrindo e colocando a foto de meus sobrinhos, Aquiles e Hélio, de volta sobre minha plataforma de trabalho. Minha nova funcionária, Olívia, derrubou sem querer a foto estilhaçando o porta-retratos de vidro por completo. Eu amava aquela foto, pois além de mostrar meus dois sobrinhos me abraçando com muito carinho, ela me fazia recordar um dia muito especial da minha vida.

— Demétrius, não precisava... Eu pretendia comprar um novo amanhã — disse, embora consciente que ele sabia que eu não teria tempo para nada no dia seguinte. Afinal, era Demétrius que organizava minha agenda de compromissos e, com a campanha para a televisão sendo aprovada, tínhamos muitas reuniões agendadas no estúdio. — Não queria te dar trabalho. Quer dizer, mais do que eu já te dou.

— Na verdade, você me sobrecarrega de trabalho, mas felizmente eu amo o que faço e permito que você me explore. E não foi trabalho algum. Com esse mal tempo, fui almoçar no shopping e apenas comprei um porta-retratos que julguei que você gostaria. Então, acertei na escolha? — disse com os olhos cheios de expectativa para minha resposta.

— Eu adorei! — E era verdade. A moldura que ele escolheu era linda. Realmente, meu assistente me conhecia muito bem. O vi abrir um daqueles sorrisos que deixavam as moças e, as não tão moças como eu, de pernas bambas. — Muito obrigada. Foi muito gentil de sua parte.

— Como você recusou meu convite para almoçar, eu também trouxe um sanduíche para você. Pão de milho, *cream cheese* e peito de peru. Para beber,

um chá de camomila. Ainda deve estar morno.

— Obrigada, meu anjo da guarda! — Evitei sair porque tinha muito trabalho pendente e pretendo resolver tudo agora com o fim do carnaval.

— *Que dia frio. Como pode estar frio no meio do verão?* — penso tirando meus óculos de grau. Às vezes, é melhor não enxergar para encontrar um pouco de ordem no caos que está a minha mesa. Escolher as imagens certas. Que correspondam à mensagem que desejo transmitir é algo bem mais difícil do que parece. Fico apenas ouvindo a voz de Demétrius. Jamais conheci um homem na idade dele que fosse tão maduro e competente quanto é sensível e determinado. Ah! E bonito.

Recoloco meus óculos e olho para ele que, nesse momento, orienta Olívia, uma jovem que contratamos a pedido de uma amiga, que não tem nenhuma das qualidades de Demétrius, mas que, ao menos, se esforça quando estou por perto. Ela olha para Demétrius como todas as outras: encantada. Acho até que, às vezes, ela não cumpre suas funções para que ele possa mais uma vez repetir as instruções e ela possa apreciar aquele belo espécime de 29 anos e 1,88m de altura.

Eu conheço todas as medidas dele. Da envergadura até os bíceps. Já o vi quase sem roupa várias vezes, porque ele nunca se opôs a servir de modelo para mim enquanto ainda estou criando e escolhendo tecidos. De quebra, Demétrius associa o que eu quero fazer com algo que eu disse antes. Mostrando que ele presta mesmo atenção no que eu falo e sempre contribui com ideias originais. Eu também nunca me opus ao fato dele ir trabalhar na *Maison* de camiseta e jeans como estava vestido naquele dia.

Olhando para ele, penso que deveria haver mais equilíbrio no mundo. Sim, deveria, e não digo apenas em questões socioeconômicas. Nisso todos nós concordamos. Mas falo de outras desigualdades. Uma pessoa deveria ser muito inteligente ou avassaladoramente bela. Nunca as duas coisas. A maioria das pessoas sobre a face da Terra fica no meio do caminho, ou seja, inteligência mediana e beleza mediana. Eu, particularmente, nunca julguei alguém completamente feio. Mas quando uma pessoa reúne todos esses atributos: muita inteligência e muita beleza, como é o caso de Demétrius, eu fico... eu fico... eu me sinto extremamente... completamente... *feliz*. Me sinto feliz por ser eu que trabalho com ele todo dia e noites também, quando é preciso. De boba eu não tenho nada. Nunca tive esse tipo de interesse nele. Sei que sou seis anos mais velha que o rapaz, mas eu só quero olhar. Não faz mal só olhar. Sei que onde se ganha o pão não se come a carne. Mas, eu gosto tanto de admirar Demétrius. Poderia fazer isso por horas. E acho até que já fiz isso. Que mal há, afinal? É tão relaxante olhar para ele trabalhando.

A voz dele explicando pela terceira vez para Olívia quais exigências ela deve repassar por e-mail para nosso contato na Semana de Moda em Paris é firme e direta, embora paciente. Essa voz me acalma e, por incrível que pareça, a presença de Demétrius, que desconcentra a maioria das mulheres, tem o efeito contrário comigo. Me inspira. Ele é minha principal fonte de inspiração e nem sabe disso. Penso comigo mesma e um sorriso surge em meus lábios. Retorno a atenção aos meus desenhos e volto a encontrar a lógica que havia perdido ao associar as fotos aos meus desenhos. Vou imaginando ele usando aqueles paletós, calças e camisas e tudo flui. Assim, horas depois consigo quase concluir a tarefa graças a Demétrius mais uma vez.

Meu sentido aranha me alerta do perigo, ou melhor meu sentido EDMB (estou dando muita bandeira) me alerta. Nem sei como, mas sempre sei quando Demétrius está olhando para mim. Sinto como se fosse uma brisa gentil me alcançando. Levanto os meus olhos e lá está ele com aquela expressão enigmática no olhar enquanto me observa sorrir. Paro de sorrir na mesma hora. Ele parece intrigado. Eu disfarço e olho para os meus desenhos.

— Posso saber no que ou em quem está pensando sorrindo dessa maneira?

Odeio quando ele faz isso. Parece que lê minha mente e sabe quando estou pensando nele. Não que isso aconteça sempre. Mas eu passo dezesseis horas do meu dia ao lado dele. É improvável não admirar tanta beleza. E como é bonito esse rapaz, diga-se de passagem. Já até desejei que ele fosse feio. Assim teria algum defeito para tornar esse conjunto de qualidades ambulantes mais aceitável entre nós, os demais mortais.

— Eu não estou sorrindo, Demétrius. Estava apenas concentrada no meu trabalho.

— Sei que estava concentrada. Você costuma sorrir quando encontra alguma ordem nessa bagunça que costuma fazer sobre sua mesa. A questão é que eu nunca descobri qual sua estratégia para se concentrar no meio desse caos que você mesma cria. Pode me dizer?

— Repito, eu não estava sorrindo, Demétrius. — Negarei até a morte. Nunca admitiria que basta ele estar por perto que minha concentração alcança o nirvana e retruco me fingindo de ofendida: — Pode voltar para a organização que é a sua mesa e me deixe seguir em meio ao caos, por favor.

Ele sorri e coloca algo à minha frente.

— Trouxe para você. — Demétrius coloca uma xícara de chocolate belga bem morninho sobre o descanso de copos que ele deixou quando me trouxe chá mais cedo. Olho o chantilly em cima cobrindo a xícara e inspiro aquele cheiro maravilhoso de chocolate e perfume de Demétrius misturados. Ah!

Do jeito que eu gosto... Olho para ele e abro o meu melhor sorriso.

— Agora você está sorrindo, Margot? Pelo jeito, tenho dificuldades para interpretar essa curva nos seus lábios. — Ele analisa meu rosto por um tempo antes de dizer: — Esses óculos ficam bem em você — disse ele tocando a haste vermelha, mas encostando o dorso dos dedos em minha têmpora por um momento. Dizendo isso, ele voltou para a mesa no amplo ateliê da *Maison*.

Demétrius sempre foi mais de observar do que de falar. E ele sempre sabe quando estou em um impasse e aquele editorial de moda que analisava a quase duas horas era oficialmente um impasse. Meu anjo da guarda trabalha comigo há cinco anos. Ele cuida de tudo que eu não dou conta. Faz muitas vezes o trabalho de um produtor de moda e organiza os desfiles das minhas coleções em todas as etapas que os eventos de alta-costura requerem, além de gerenciar o controle de qualidade e fazer os balanços dos orçamentos e lucros. Ou seja, sem ele eu não teria chegado tão longe. A grife *Maison Margot* não teria chegado ao circuito da moda parisiense e italiana sem Demétrius nos bastidores.

Sou uma Albertine de berço e sei que meu sobrenome poderia ter aberto portas, mas eu preferi que elas permanecessem fechadas para mim até que se abrissem para Margot. Apenas Margot. Desde o início eu quis que fosse assim. Felizmente, meu talento abriu aquelas portas que pareciam intransponíveis para uma mulher manequim 48, com 1,65m e quase tão cega como uma toupeira sem seus óculos. Uma mulher que sempre foi fascinada por homens e por moda. Mais o fascínio deles sobre mim repousa em como posso vesti-los. Moda masculina. Mais precisamente alta-costura, é assim que eu sempre desejei entrar no mundo da moda. Quando me perguntam como um homem bonito pode ficar lindo, eu digo: — vista nele um dos meus ternos. Mas se a pergunta é como um homem lindo pode ficar irremediavelmente fascinante eu respondo: — Vista-o com um dos meus smokings.

É isso o que eu faço. É nisso que sou boa. E fico feliz que, atualmente, após muita gente arquear a sobancelha para mim, são essas mesmas pessoas que pagam o preço que estipulo pela minha arte. Um número com cinco dígitos é a maior pechincha que podem obter pelo meu trabalho. Sim, talento. Por que ser modesta? Eu sou boa no que faço. Por que dizer isso é errado? Por que sentir orgulho de meu dom é errado como diz a minha mãe? Não. Já tenho muitos motivos na minha vida para não me orgulhar. Mas ser estilista e, sem modéstia, estar entre as dez mais bem pagas do mundo ocidental é algo que conquistei graças ao meu talento. Ouço o toque de um telefone. Meu coração dispara de imediato. Eu localizo com dificuldades o telefone dentro da minha bolsa.

— Cadê esse telefone? — Meus dedos estão gelados à procura do aparelho. É sempre assim quando aquele celular branco toca. Basta ouvir a canção do toque e os pelos do meu braço se arrepiam. Finalmente encontro e minha respiração já está acelerada como se tivesse corrido uma pequena maratona.

— *Alô?*

— *No mesmo lugar. Na mesma hora. Não se atrase.* — Diz a voz do outro lado da linha e eu respondo.

— *Sim.* — É a minha resposta, mas nem sei se *ele* ouviu, pois escuto o som da ligação ter sido encerrada.

Me levanto e deixo todos os inúmeros papéis do edital de moda sobre minha mesa, sem me preocupar em organizá-los como de costume. Levanto meus olhos e vejo que apenas Demétrius está ali.

— Dispensei a Olívia — disse Demétrius já começando a pôr em ordem a minha bagunça sem olhar para mim. Fico imaginando o que se passa por sua cabeça toda vez que me levanto e saio da *Maison* sem dar satisfações minimamente aceitáveis. Demétrius faz tudo em silêncio. Como se lesse minha mente embaralhada, começa a analisar meus desenhos e compará-los às fotos entregues pela equipe de marketing da revista na qual o trabalho seria publicado.

— Demétrius, eu...

— Eu sei, Margot. Você precisa ir. Eu prosseguirei de onde você parou — disse ele me encarando com seus profundos olhos escuros. Para o que está fazendo por um instante e segura uma das minhas mãos. Tenho a nítida impressão que ele me esconde algo. Que quer me dizer algo importante, mas que recua. — Por favor, cuide-se bem. Promete para mim? — diz ele por fim.

— Não há com o quê se preocupar. Já sou bem grandinha e consigo cuidar de mim mesma.

— Eu sei disso. Mas só me prometa assim mesmo?

— Prometo, Demétrius. Se isso te deixará mais tranquilo. Eu prometo — digo antes de sair e sentir a mão dele me reter mais uma vez.

— E o que foi agora? Vai me dar um spray de pimenta?

— Não. Apenas me despedir. — E dizendo isso me deu um beijo na testa, como sempre fazia, e um abraço. O problema dos abraços do Demétrius é que demoram demais. Não que eu não aprecie aqueles músculos definidos me estreitando, mas eu não posso me atrasar. Quem está me esperando não gosta de atrasos.

Já chegando ao carro, cumprimento Domenico, sempre impecável em seu uniforme de motorista. Eu mesma que fiz para ele. Outro gato, diga-se de passagem, mas estilo Daniel Craig. Sabe como é? Pergunto por meu irmão e os

meninos. Ele me diz que estão todos bem e não estranha eu não perguntar por minha mãe.

Nem preciso olhar para o andar de cima para saber que Demétrius está na sacada. Sinto o olhar dele sobre mim. Dou um tchau de costas mesmo. Sem nem olhar para o nosso prédio.

Lembro que a mãe de Demétrius morreu há cerca de um ano e foi de lá para cá que esse instinto protetor ficou mais marcado com relação a mim. Ele sempre foi cuidadoso comigo, mas sinto que algo se intensificou. Algo mudou. Acho que ele está projetando em mim uma possível carência maternal.

Não há como não me considerar privilegiada por poder admirar aquele homem incrivelmente bonito todo santo dia, porém meu coração pertence a outro e, mesmo que não fosse assim, eu nunca teria a menor chance. Por isso, nunca... jamais permiti que germinasse a menor mudinha de expectativa. Afinal, ter nascido seis anos antes que o moço e me enquadrar na categoria manequim *plus size* são só os dois primeiros itens da minha lista de PSI (por que seria impossível) com Demétrius. Mas bem lá no fundo da minha alma, a minha vizinha interior me diz que a mulher que ganhar o coração de Demétrius será a mulher mais afortunada do mundo. E eu concordo com ela.

Capítulo 13



MARGOT E "ELE"

Ele puxa forte meu cabelo e diz que eu sempre fui e sempre serei a melhor transa da vida dele. Diz isso com a boca encostada em meu ouvido e me dá uma tapa. Eu permito. Eu o amo. *Ele* é tudo que eu sempre quis. Eu aceito. Só penso em satisfazê-lo, porque é assim que ele prefere. Eu faço tudo que ele pede. Tudo que ele manda. Por *ele*, eu me esqueço de mim. Só há espaço para *ele* naquelas horas furtivas que passamos juntos.

Ignoro o sentimento que cresce em meu peito quando *ele*, já satisfeito, se joga sobre mim e beija meu ombro antes de rolar para o outro lado da cama. Não vou dar nome a esse sentimento ruim que me toma. Ouço-o ele ressonar. *Ele* facilmente adormece depois que consegue o que quer de mim.

Eu sinto um pouco de dor quando me levanto e vou em direção ao banheiro. Finjo ser o que não sou o tempo todo, mas só quero ser aceita. Por minha mãe, por ele... Por mim mesma. O banho morno alivia a dor do corpo, mas sinto que há partes de mim que não seriam limpas com água e sabonete de motel. Eu vivo uma mentira. Já há algum tempo, eu deixei de me preocupar com o meu prazer quando estou com ele.

Basta ele me ligar que abandono tudo. Minha carreira como estilista ocupa um lugar muito importante na minha vida. Na verdade, ocupa todos os momentos em que não estou com ele. Felizmente, tenho Demétrius que mantém tudo sob controle quando estou com ele. O incansável Demétrius. Impossível não sorrir ao pensar no meu braço direito nos negócios. Sei que ele tem curiosidade de saber quem é a pessoa que liga para meu telefone branco e me faz deixar tudo, mas meu assistente nunca questiona minhas saídas repentinas ou meus pedidos em cima da hora para reagendar compromissos com modelos para

a prova de uma das minhas coleções. Mesmo desconhecendo o motivo que me faz abandonar tudo nas mãos dele nas horas mais inapropriadas, Demétrius me conhece melhor do que ninguém e sabe que apenas algo importante me faria agir dessa forma. E é algo muito importante. Para mim, é o motivo mais importante do mundo. Quando ouço o toque do celular branco, esqueço de tudo. Esqueço até de mim, porque ele está me chamando. Só *ele* tem aquele número.

Saio do banheiro e visto o robe branco felpudo e volto para o quarto. Acendo as luzes para evitar bater nos móveis do quarto já que estou sem meus óculos. Ele não gosta que eu os use enquanto estamos juntos.

Os tiro imediatamente, mas não enxergo quase nada à minha frente quando estou sem eles. Como não consigo me adaptar às lentes de contato, sempre tenho lembranças embaçadas dos momentos que partilhamos. Queria poder ver o rosto dele claramente quando me entrego ao amor da minha vida, mas o quarto está quase sempre mergulhado em total escuridão. Embora o dia ainda brilhasse lá fora, ele fechava todas as janelas e apagava a maioria das luzes. Eu tinha apenas vislumbres do seu corpo. Ele era inquestionavelmente bonito. Eu queria ser mais bonita para ele querer mais de mim do que apenas sexo.

Naquela tarde, *ele* mesmo tirou meus óculos, porque me esqueci de retirá-los. Ele se atrasou e aproveitei para desenhar alguns novos modelos de ternos para a coleção que seria lançada no semestre seguinte. Estava concentrada nos designs que nem o ouvi entrar. Ele me abraçou por trás e sussurrou em meu ouvido:

— *Você não precisa de mais um defeitinho.* — Ele disse jogando as lentes no chão e inspirando profundamente o meu pescoço. — *De banho tomado e perfumada. Do jeito que eu gosto.*

Por isso, agora eu andava com cuidado. Estávamos a poucos dias da Semana de Moda de São Paulo e eu precisaria dos meus óculos mais do que nunca.

Ele acorda e se vira na cama para a minha direção. O vejo fazer uma rápida análise do meu corpo e um meio sorriso se desenha desapontado em seus lábios. Minhas curvas que tem medidas bem distantes dos manequins 38 com quem ele costuma frequentar restaurantes, festas e outros compromissos sociais. Para mim, restam aquelas quatro paredes. E tem sido assim há quase três anos. Ouço-o dizer:

— *Desliga o abajur, Margot. Sabe que eu prefiro com pouca luz. Do nosso jeito* — diz ele apoiando-se em um dos cotovelos.

Eu obedeco e desligo a luz tentando ignorar mais uma vez minha perspicácia que diz que o “*nosso jeito*” em outras palavras significa do jeito dele

que, por sua vez, significa sem ver meu corpo acima do peso.

— “Silêncio!” — falo para essa voz interior. — Ele me quer. Eu serei dele e ele será meu. E é só isso que importa. *“Eu escolhi você”*. É o que ele sempre me diz e isso é maravilhoso! Quando um homem como ele poderia escolher a mim? Eu tenho sorte. Vou agradá-lo do jeito que ele quiser, mesmo não gostando de muitas das coisas que ele faz comigo. Mas ele gosta e, se o deixa feliz, eu tenho que me sentir feliz também.

— *Desliga e vem aqui me fazer um agrado agora que está perfumada de novo.*

Desligo a luz e caminho até ele no escuro. Piso suavemente, primeiro com a ponta dos pés, para não dar um fim trágico ao meu último par de óculos. Vou tateando com as mãos no vazio da escuridão do quarto para não bater minhas pernas nos móveis distribuídos pelo quarto e ter de dar explicações sobre outra mancha roxa em minha perna. Demétrius uma vez me perguntou se eu precisava de ajuda. Se estava sofrendo algum tipo de violência. Disse que me protegeria. — *Me proteger? De quem?*

— *Diga-me você* — disse ele olhando a mancha arroxeadada na altura do meu joelho. — *Não é a primeira vez que vejo você com essas marcas, Margot.*

— *Não estou envolvida em uma relação abusiva se é o que está insinuando. Eu só estava sem óculos e, como sabe, não enxergo nada sem eles. Apenas vislumbro vultos.*

— *Espero que esteja falando a verdade. Pode contar comigo para tudo, Margot. Sabe disso, não sabe.*

— *Agradeço, Demétrius, mas não é este o caso. Voltemos ao trabalho.*

Nunca! Ele nunca teve a intenção de me agredir. Ele curte me dar palmadas mais fortes; já me deu tapas no rosto quando chega ao clímax, mas apenas para demonstrar a dimensão de seu prazer. O prazer que eu dou a *ele*. Ele, em um desses momentos, quebrou um dos meus óculos, mas sem querer. É claro. Foi apenas o calor do momento. Pedi um táxi para voltar para casa. Quando expliquei que não poderia trabalhar no dia seguinte e expliquei o motivo, Demétrius apareceu com três pares novos de óculos no meu apartamento. Um de cada cor. Coloridos como eu gostava. Um desses óculos, o último que sobrou depois de outros acidentes, estava sobre o tapete macio daquele quarto de motel.

Paro em frente à cama e ele diz:

— *Qual a posição que eu gosto?*

Eu me apoio na cama para me abaixar no tapete branco e sinto algo quebrar embaixo de meu joelho.

— “Adeus, óculos.” — É o pensamento que vem de imediato à minha mente.

Mal tenho tempo de afastar os cacos da lente e as hastes sob meu joelho. Sinto que me cortei. Antes das estocadas tirarem meu ar. Tento ignorar a dor.

— *É impressão minha ou você não está mais tão apertada assim?*

Eu congelo.

— *Está dividindo o que é meu com outro homem?* — Também não tenho tempo de responder a pergunta, pois é seguida por um tapa mais forte que o normal na minha bunda. — *Me responda, Margot* — disse isso se enterrando dentro de mim novamente de uma só vez.

Dor. Me esforço ao máximo para que ele não me escute chorando.

— *Ele só está com ciúmes. No fundo, isso deve ser bom* — penso comigo mesma e, apesar da lágrima que rola por meu rosto discordar dessa ideia, confio que ele faz isso porque me quer bem. — *E se ele me largar, quem mais vai me querer?*

— Eu não saio com mais ninguém. Só com você. Eu não quero estar com mais ninguém. Eu amo você.

— *E é assim que tem que ser. O que me pertence eu não divido com ninguém. E eu amo você, Margot. Sabe disso, não sabe?*

— Sei disso.

— *E quem você ama, Margot?* — Ele puxa meu cabelo com força e as estocadas ficam cada vez mais rápidas.

— Você... — preciso afundar os dedos no tapete para conseguir algum ponto de apoio e consigo, enfim, dizer com a voz mais firme possível: — Eu amo você, querido.

— *Sabe que eu posso ter qualquer mulher* — disse ele ainda não satisfeito e com a voz e respiração entrecortada. — *Mais jovem, mais bonita, mais magra, não sabe?*

— Sim, sei disso. Mas você me escolheu. — Ouvi o som gutural dele chegando ao clímax novamente. Ele senta na cama e me puxa para que me sente perto de seus pés. Leva algum tempo para se recuperar.

— *Escolhi você. Exatamente... Dentre todas as outras, é para você que eu volto. A melhor transa. Todas as outras têm regras. Limites. Frescuras. Argumentos. Você, não. Você é a mais obediente. E vai continuar fazendo o que eu quero, não é mesmo, meu amor?*

Apenas confirmo com a cabeça.

— *Quando eu te pego de jeito é para mostrar o quanto eu te amo, o quanto eu te desejo. Só você me faz gozar assim e eu quero que entenda que eu*

sei que arde um pouco. Eu ouço seus gemidos...

— Me desculpe... Eu...

— *Shiii... Está tudo bem. Está tudo bem* — disse acariciando meus cabelos. — *Quando arder, você só não deve tentar interromper falando ou tentando me afastar. O meu prazer, a minha satisfação eu só encontro no seu corpo. O que mais você poderia desejar, Margot? Não aceite esse pequeno incômodo como dor. Não é dor. Seu corpo pode estar desacostumado, mas já me conhece. Essa é a forma do meu corpo dizer que ama o seu. Você é minha mulher. Acha que eu te machucaria de propósito? Intencionalmente?* — disse acendendo a luz de um abajur e levantando meu queixo para que eu olhasse para ele.

— A dor é suportável, meu amor — digo sorrindo e cobrindo o sangue de meu joelho com uma das mãos para que ele não veja.

— *O que eu acabei de dizer? Não é dor, Margot* — disse ele me encarando e depositando um beijo na minha boca. — *É amor. Amor misturado com todo o prazer que eu sinto de poder te possuir do jeito que eu quiser. Sem limites. Sem frescuras. Só você me entregando o que é meu. Me dando o que eu quero. Então, não use essa palavra para se referir ao que temos.*

— Me perdoe, meu amor. Entendo agora. Não é dor. É amor. Amor. Você me ama muito e tenho sorte por ter você.

— *Sim. Você tem muita sorte* — disse ele fazendo um gesto para que me colocasse de pé. — *Sabe o que eu quero agora?*

Eu sorri e desliguei o abajur. Eu sabia o que ele queria. Repetíamos sempre o mesmo ritual entre aquelas quatro paredes.

E assim foi aquele dia frio em que o celular branco tocou. Quebrei uma promessa que fiz para o meu anjo da guarda.

Capítulo 14



OLÍVIA

Viver à sombra de alguém não é fácil e desde os meus sete anos de idade é como tenho vivido. Carla entrou na minha vida através de outra pessoa. Sua mãe: D. Miriam. No início, tudo são flores... Não é o que dizem? Mas foi só o início mesmo.

Quando eu completei cinco anos de idade, minha mãe contratou D. Miriam para ser minha babá. Foi quando Raquel decidiu voltar a trabalhar e eu comecei a frequentar a escola. Me lembro bem daquela mulher negra, de fala suave e de corpo bonito que se abaixou para me cumprimentar. Eu facilmente gostei dela, pois D. Miriam adorava brincar de boneca comigo e eu nunca tive alguém que me deixasse ser a Barbie Malibu, a mais bonita, todas as vezes. As outras meninas do condomínio queriam ser a Barbie Malibu também e, por isso, eu não gostava de brincar com elas, mas meu pai dizia que eram nossas vizinhas e tínhamos que ter boas relações com elas. Ainda mais que os pais de algumas eram parceiros comerciais do papai.

Pelo menos, era o que eu pensava. Morávamos na Avenida Sernambetiba em frente à praia da Barra da Tijuca. Eu tinha tudo. A D. Miriam me levava para a praia todos os dias depois da escola e, apesar de eu não gostar na época de como ela me besuntava de filtro solar, agradeço a ela por não ter o corpo coberto de manchas como a maioria das meninas que moravam no meu condomínio. Nada de sardas, nem no nariz, e eu me orgulhava da beleza da minha pele alva e perfeita. Lógico que passear com minha mãe linda e loira seria muito melhor, mas eu gostava como as outras meninas vinham conversar comigo, porque seus pais queriam conversar com a minha babá. D. Miriam não gostava de como alguns desses pais falavam ou olhavam para ela, mas devia

ficar feliz por pessoas melhores que ela darem atenção a uma empregada. Ela ficava aliviada quando eu me entediava ou discutia com uma das garotas antipáticas e queria ir embora.

Não eram todas, mas algumas dessas meninas diziam que eu não era linda como a minha mãe e que provavelmente era adotada, pois não parecia em nada com ela e que, por isso, nenhum menino se interessaria por mim. D. Miriam as recriminava e dizia que eu parecia com meu pai e que eu era, sim, muito bonita com meus longos cabelos negros, mas que além de bonita eu era inteligente e falava francês tão bem quanto português aos nove anos de idade. Meu pai era francês e foi com ele que aprendi. Em casa, nós só conversávamos em francês e eu aprendi naturalmente. Foi com ele que a *mademoiselle* Carla aprendeu também. Era assim que meu pai chamava a filha da babá que, em algumas ocasiões, ia trabalhar com D. Miriam e que passava a ser o centro das atenções na minha casa.

Eu não gostava desses dias, porque eu tinha que dividir tudo com ela. Ela não tinha nenhuma Barbie e dizia nem gostar da boneca, porque não existiam barbies negras, na época. Ela andava com uma boneca de pano preto com a boca vermelha e com dois rabos de cavalo. Um horror! Parecia um monstrinho e algumas das meninas do condomínio quando viram esse pedaço de trapo disseram que era boneco de macumba e que ela faria mal para minha família. Pararam de falar comigo por causa da filha da empregada. Não que eu me importasse com a opinião delas, mas deixei de ser convidada para muitas festas por causa dessa boneca de macumba.

Ela nem ligava e simplesmente brincava sozinha e parecia se divertir de verdade. Mas, voltando à D. Miriam, ela era mesmo a babá perfeita. Vivia para satisfazer as minhas vontades e, diferente da minha mãe, sempre me tratava como sua maior prioridade. Quantas vezes a minha mãe estava tão envolvida com o trabalho que nem saía do escritório e até nos feriados se enfurnava lá e não saía. Morávamos em frente à praia da Barra da Tijuca e chegando à adolescência, eu sempre queria me divertir lá, porque passei a ter interesse nos meninos. Quando eu queria sair e minha mãe não achava tempo para mim, era só começar a atormentá-la fazendo várias e várias perguntas tolas. Ou, simplesmente, fazia um pequeno escândalo e pronto! Para que minha mãe tivesse paz, D. Miriam me levava para passear na orla, que era onde todos que eu queria estar perto se encontravam. Até os meninos mais bonitos do prédio aproveitavam a pista de skate ou patinavam no calçadão.

Mas havia um que era especial para mim. Um garoto lindo que eu gostava muito. Todos o chamavam de Zig. Ele era só dois anos mais velho que eu e sua família morava na cobertura do meu bloco, que era o apartamento mais

caro do prédio. Tinha até elevador exclusivo. Ele gostava de conversar comigo quando estávamos a sós. Até me deu uns beijos, mas quando seus amigos estavam por perto ele nem me dava bom dia. Minha babá dizia que ele não era um amigo sincero e foi a primeira vez que eu briguei com ela.

— *Você é minha babá. Minha empregada. Meus pais pagam você para cuidar de mim. Conselhos quem me dá é minha terapeuta que estudou para isso. Você mal sabe ler. É semianalfabeta.*

Mas nesse dia, Carla estava lá e ela se colocou entre mim e a mãe e me enfrentou dizendo:

— *A minha mãe trabalha para seus pais e não para você, sua garota metida e mal-educada. Ela só faz elogios sobre você lá em casa, mas desde que te conheci, vi que não é nada do que ela falou. Você gosta de ter todo mundo te paparicando e fazendo suas vontades. Mamãe agora sabe disso também, porque você mostrou como é de verdade. Eu disse para ela que você só fingia ser boa e ela me disse que quando eu te conhecesse de verdade mudaria de opinião.* — Voltando-se para D. Miriam, ela disse: — *Mãe, essa é quem ela é de verdade. Eu disse para a senhora que a Olívia não conseguiria esconder essa maldade por muito tempo. Ela não merece ter uma pessoa tão boa quanto a senhora cuidando dela.*

— *Minha filha, não diga isso.*

— *Digo sim, mamãe. O que ela fez está errado.* — E virando-se para mim de novo disse: — *Nunca mais grite com minha mãe, sua metida!*

As crianças do condomínio ouviram tudo e ficaram em silêncio e pararam de aborrecer a Carla chamando a boneca dela de boneca de macumba depois disso. E minha mãe, que ouviu tudo, me colocou de castigo por três dias. Pensei que D. Miriam intercederia por mim, mas não foi o que aconteceu. Ela disse que eu deveria pensar no que disse para ela e nunca mais fazer isso novamente. Eu a odiei muito naquele dia porque ela tomou partido da Carla ao invés de me apoiar. Dei um gelo nela, mas depois de um tempo eu esqueci o ressentimento e tudo voltou a ser como antes.

Desde que a Carla não estivesse por lá e que eu fizesse minhas tarefas da escola e comesse direitinho, D. Miriam me levava para passear no shopping e papai lhe dava dinheiro para comprar o que eu quisesse; ela também me levava para nadar na praia todos os dias pela manhã; fazíamos brincadeiras divertidas pelo apartamento e ela até costurava roupinhas para minhas bonecas, coisa que minha mãe nunca tinha tempo. D. Miriam dormia em nosso apartamento. Ela tinha um quatinho só para ela, perto da cozinha. E comia a mesma comida que os patrões depois de todos comerem.

Quando meu pai e minha mãe discutiam, ela me levava para meu

quarto e lia um dos meus livros para mim. Eu a corrigia algumas vezes, porque ela lia errado as palavras, mas eu gostava da voz dela e da forma como contava a mesma história de um modo diferente. Parecia que era uma babá encantada como a *Mary Poppins*. Na minha inocência infantil, achava mesmo que tudo perto dela era melhor. Eu era feliz por ter minha babá. A minha mãe podia trabalhar e dizia que não sabia como seria sua vida sem a D. Miriam, já que meu pai conseguia ficar mais tempo ainda fora de casa, trabalhando como diretor executivo de uma cadeia de hotéis cinco estrelas na Zona Sul carioca. De vez em quando, fazíamos uma viagem em família. Eram rápidas e geralmente papai não deixava de trabalhar mesmo assim, mas eu podia ter tudo que eu quisesse e eu sempre tive predileção pelo que é mais caro e bonito. Tudo que merece minha atenção tem essas duas qualidades.

D. Miriam não viajava conosco. Ficava com os filhos, pois além de Carla tinha um menino mais velho que só muito tempo depois eu fui conhecer. E até que não era feio.

Um dia, eu vi D. Miriam conversando com minha mãe e ela abraçou Raquel com muita alegria. Eu estranhei. Afinal ela era nossa empregada e empregados não são amigos. Meu pai sempre me disse isso. Elas me viram e me contaram que D. Miriam passaria a dormir em casa todo dia. Primeiro eu não entendi. Casa? Que casa? Para mim, nesses anos, ela sempre morou conosco e sua casa era aquele quatinho com banheiro que minha mãe instalou um aparelho de ar condicionado.

— A minha casa fica na Zona Norte, Olívia, onde vivo com meu marido e meus dois filhos. A partir de agora, eu poderei voltar para casa todos os dias, após as cinco da tarde.

— E quem vai me buscar na escola? — perguntei achando aquilo o fim da minha rotina maravilhosa.

— Contratei um serviço de transporte escolar que virá buscá-la e levá-la todo dia para o Santa Tereza, filha — disse a minha mãe.

— Mas eu não quero que a D. Miriam vá dormir em outro lugar. Eu não vou ter com quem brincar depois das aulas.

— Ah! Você tem tantas novas amigas do condomínio em sua turma desse ano agora que estuda à tarde. Poderá trazê-las para brincar aqui em casa sempre que quiser. Além disso, as férias estão chegando e a Carlinha virá passar um fim de semana aqui conosco. Vai ser ótimo, não acha?

Minha mãe me fez prometer na véspera da chegada da Carla que eu a trataria bem e a faria se sentir bem-vinda. Eu apenas concordei com a cabeça. Fazia uns dois anos que não via a Carla e ela devia estar com quase treze anos, já que era um ano mais velha que eu, mas era alta e tinha o corpo de uma menina

de quinze anos ou mais. Já tinha seios; a cintura era fina e os quadris, como o da mãe, era bem desenhado. “*Corpo violão*” como ouvi muitos meninos dizerem.

Haveria uma festa na maior piscina do condomínio para comemorar o início das férias de julho e eu me esforcei bastante para cumprir a promessa que fiz à minha mãe, mas Carla enfeitiçou todos os meus amigos em poucas horas. Eu levei meses para ser aceita no grupo e muitos ainda nem falavam direito comigo, mas Carla nem precisava falar. Eles iam até ela com refrigerantes e sanduíches. Diferente de mim, o corpo dela já tinha curvas e os meninos ficavam como moscas rodeando mel. Até o pai de uma das minhas amigas de sala olhou para o corpo da Carla com interesse e com a cabeça fez um gesto para o Zig e para outro rapaz mais velho que parecia ter 18 anos ou mais, que também sorriu olhando para o corpo dela.

Carla era uma sonsa. Fingia não notar ser o centro das atenções e nem dava bola para os meninos e muito menos para os adultos. As mesmas garotas que apelidavam a boneca dela anos atrás agora pediam a Carla que ela fizesse tranças em seus cabelos iguais às dela. Logo, a festa da piscina virou a festa da Carla. Já eram quase seis da tarde e a festa agora tinha música e alguns adultos estavam na piscina também fazendo um churrasco. O dia tinha sido um fiasco para mim. Coloquei meu melhor biquíni para chamar a atenção do Zig e ele nem falou comigo. Mas minha esperança voltou quando eu já estava voltando para o apartamento e ele me deu um bilhete e piscou para mim. Eu sorri e quando ia abrir a mensagem, ele me impediu e disse:

— *Entregue a Carla. Diga que estou esperando por ela na casa das bombas às sete em ponto.*

Ali meu mundo desabou. Ele preferia a Carla, a filha da minha babá a mim? Aquilo não podia estar acontecendo. Eu não sei por que fiz o que fiz em seguida, mas não me arrependo. Na verdade, eu sei por que eu fiz. O lugar de Carla não era ali. Ela estava usurpando tudo que era para ser meu. Afinal, ela estava ali de favor. Mas nem eu poderia prever tudo de ruim que o que eu fiz em seguida desencadeou.

Eu disse a Carla que a mãe dela precisava de ajuda e que tinha pedido que a encontrasse na casa das bombas, pois a piscina estava precisando de mais cloro. Ela nem pensou duas vezes e parou tudo que fazia e foi encontrar com a mãe. Mas eu já tinha entregue o bilhete do Zig ao rapaz mais velho que parecia mais interessado nela. Ele perguntou quantos anos ela tinha e eu disse que logo faria 17. Como ela era alta para idade, ele acreditou. Mas quando eu fui avisar o Zig que Carla estava com o amigo do pai dele na casa de bombas, me disseram que ele tinha ido se trocar. Fui atrás dele e decidi cortar caminho para encontrá-lo a tempo dele flagrar Carla e o outro rapaz. Foi quando ouvi a voz de

D. Miriam.

Ela dizia para alguém tirar as mãos dela e que a deixasse em paz de uma vez por todas. Implorava e dizia que gritaria se ele não a soltasse. Estava escuro naquele ponto do jardim e ele a imprensava contra a parede. Aquele era um local deserto e quase ninguém passava por ali, além dos empregados, mas nos fins de semana geralmente a maioria dos trabalhadores do condomínio folgavam. Eu não fiz nada. Fiquei com medo que aquele homem me visse e fizesse algo comigo, mas quando ela, quase chorando, implorou mais uma vez que a soltasse, eu ouvi uma voz falando em francês que largaria tudo por ela, bastava ela pedir.

— Sr. Jacques, eu só quero que me solte, por favor. Eu respeito e gosto muito de sua esposa e eu também sou casada. Amo meu marido. Me solte, por favor. Minha filha está muito tempo sozinha.

— Mas como pode me rejeitar? Estou te oferecendo o mundo. Eu me divorcio da Raquel amanhã mesmo se você quiser e eu posso amar sua filha como se fosse minha. Ela é tão inteligente e aprendeu a falar francês mais rápido que minha própria filha. Elas não sabem, mas serei transferido para Paris para a inauguração de uma nova franquía do hotel em breve. Podemos viver lá e construir nossa família. Seremos muito felizes, *mon amour*.

— Eu já sou feliz e já construí uma família ao lado do meu marido.

— O carroceiro?

— Sim. Meu marido é carroceiro, mas é um homem honesto e que jamais me trataria ou aos nossos filhos como o senhor está fazendo com a D. Raquel e a menina Olívia.

Ao ouvir meu nome ser mencionado, dei um passo para trás e acabei esbarrando em algo. Foi o suficiente para perceberem que não estavam a sós e para Jacques, enfim, soltar Miriam. Não esperei e corri de volta para a piscina. Quando me perguntaram porque estava chorando não quis contar, mas logo gritos foram ouvidos e reconheci a voz de Carla. Todos correram na direção dos gritos até a encontrarem encolhida e desacordada em um canto da casa de máquinas e com a parte de cima do biquíni solto.

Muita coisa mudou em minha vida naquele ano. Meu pai se divorciou de minha mãe e se mudou para França. Eu praticamente implorei para que me levasse com ele, mas papai não quis. Minha mãe não pôde manter as despesas do apartamento na Barra da Tijuca e fomos morar no Méier, por mais que o apartamento fosse até maior que o da Barra da Tijuca. E tive que me adaptar a estudar em outra escola e viver de acordo com nossos novos padrões como dizia a minha mãe. Minha mãe continuou indicando os serviços de costureira de D. Miriam para muitas amigas da Barra e da Zona Sul, mas eu

nunca mais a vi. Nunca contei a minha mãe o que eu ouvi, porque se meu pai agiu daquela forma foi porque, como a Carla enfeitiçou o Zig, D. Miriam deve ter enfeitiçado o meu pai.

Em menos de um ano depois, recebemos a notícia da morte da minha antiga babá. Minha mãe foi ao sepultamento e me obrigou a ir junto. Não entendi porque havia decoração de festas na casa, mas depois soubemos que naquele dia seria a festa de catorze anos da Carla. Bem no meu íntimo, eu não consegui deixar de me sentir feliz, ela, enfim, recebeu o que merecia por ter arruinado a minha vida perfeita. As duas receberam.

Mas como a vida dá voltas, eu fiz mamãe acreditar que Carla não se sentia à vontade para pedir, mas que estava à procura de faxinas. Minha mãe conseguiu uns empregos melhores em lojas e outros lugares, mas eu a convenci de que Carla preferia a liberdade que trabalhar em casas diferentes lhe davam. No fim das contas, eu fui superior e ainda ajudei a Carla a conseguir vários empregos para sustentar a família dela e ela me agradece muito por tudo que eu fiz. No fim, deixei de ser a garota metida e egoísta e ela passou a me apresentar como sua amiga. Mas o sobrinho dela é um menino especial e é bom ver como ele ouve os meus conselhos. Me chama de madrinha e eu sei que ele faria qualquer coisa que eu pedisse. Ele adora o lado bom da vida. Como eu. E fica triste depois que passa o fim de semana comigo e tem que voltar para a favela onde moram. Eu tenho nojo até de entrar naquele ferro-velho.

Como a vida é engraçada. A Carla faz faxina para viver. O irmão que era um verdadeiro gato fez uma burrada atrás da outra e acabou na cadeia. Lembro de como Miriam falava para minha mãe que, em breve, teria um filho advogado e uma filha assistente social. Minha mãe continuava falando dos filhos de Miriam como se fossem exemplos para eu seguir. Os filhos daquela mulher que destruiu as nossas vidas. Mas como decidi não revelar nada sobre o que vi e ouvi anos atrás, ela não sabia como aquela babá nos prejudicou. Poderíamos ainda morar em frente à praia se ela não tivesse entrado em nossas vidas.

Mas a vida me fez justiça, hoje eu estou formada e não adiantou de nada para ela passar para uma universidade pública. Minha mãe acabou contratando a Carla para limpar nosso apartamento uma vez por semana. Ela trabalha como diarista na minha casa. É minha empregada. Como a mãe dela um dia foi também. Mas ainda preciso reassumir a minha vida. Terminei meu curso de Administração de Empresas e continuo buscando uma oportunidade de voltar ao lugar ao qual pertença. Nunca fui feliz morando no Méier. Meu pai nunca mais voltou ao Brasil. Porém, recorri a ele quando eu precisei de ajuda e passei um tempo na França. Meu pai não queria me ajudar, mas não teve escolha. Eu conhecia aquele segredo escuso dele, podia dizer que o vi violentando a minha

babá quando era criança. Assim ele teve que me receber. Ainda ousou me perguntar por Carla, se ainda éramos amigas. Deixei ele falando sozinho e fingi que ele nem existia.

Não precisava dele. Só precisava do dinheiro dele. Que hoje vejo que é pouco para o tamanho dos meus sonhos. Mereço mais do que isso. Mereço mais do que viver à sombra de quem quer que seja. Muito mais. Mereço estar no meio de pessoas do meu nível social e cultural. Fazer um bom casamento e ter a vida que me foi negada. E a sorte voltou a sorrir para mim quando minha mãe me disse que reencontrou uma amiga de mocidade e que conseguiu uma oportunidade para Carla como assistente de ninguém menos que Margot Albertine. Como jogar uma chance como essa pela janela. Quem não conhecia o sobrenome Albertine no Rio de Janeiro ou no Brasil? Pedi a minha mãe para dar a boa notícia para Carla e ela ficou triste quando Carla rejeitou a oferta e pediu que perguntasse se não conseguiria uma posição na área de limpeza com a qual estava mais familiarizada e se sentiria mais confortável.

Mais uma vez todos ficaram felizes. É lógico que Carla nunca soube dessa proposta de emprego. Algo assim não está à altura dela. Mas ela ainda me agradeceu chorando. Fiquei até com vontade de rir. Precisei usar todo meu talento para não gargalhar na cara dela dando pulos de felicidade por conseguirmos essa entrevista para ser auxiliar de serviços gerais na Albertine. A única coisa que Carla me perguntou era se a empresa oferecia convênio médico extensível à família.

Estou satisfeita pela justiça ter colocado Carla no seu devido lugar? Com certeza. Mas ainda não estou feliz por mim. Atualmente, tenho que me contentar em trabalhar com uma mulher insuportável e enorme de gorda, mas o assistente dela, o Demétrius é um gato e compensa bastante as horas que tenho que passar ao lado de Margot. Pena que é pobre, mas pode ser uma boa distração para mim até eu deixar de ser assistente do assistente de Margot Albertine.

O que importa é que ela está no lugar que merece. Enquanto eu subo as escadas para alcançar o topo, Carla limpa o piso de cada degrau por onde pretendo passar até chegar no lugar de mais destaque. Não me contentarei com menos que o melhor. E o melhor para mim eu já disse que é sempre o mais belo e de maior valor. Nisso, Dante Albertine e Máximo Kobayashi empatam: ambos são ricos e lindos. Mas como nada na vida é perfeito, os filhos vêm no pacote. Pensarei como me livrarei deles no futuro, mas como eu tenho um talento natural com crianças, eles podem, no fim das contas, ter alguma utilidade e até me ajudar a alcançar o que eu quero.

Desse modo, passarei por cima de qualquer um que se colocar em meu caminho se for preciso, mas, em breve, estarei casada com um dos

presidentes da Albertine Construções. Não descansarei até ser a feliz esposa de um deles. Qual, não importa.

Capítulo 15



AMOR DE IRMÃO

Aquiles esperava o irmão na frente da escola. Quando Hélio o viu, correu e se jogou nos braços do irmão mais velho. Se abraçaram forte e Aquiles bagunçou seus cabelos fazendo o irmão rir, enquanto caminhavam em direção ao motorista que estava com a porta do carro aberta.

— Oi, Domenico.

— Olá, rapazes — cumprimentou o motorista com um sorriso amistoso e entraram no veículo luxuoso, seguindo rumo à mansão Albertine, no Leblon. Hoje a tarde de vocês está livre para que possam ir ao atelier da Srta. Margot experimentar os *smokings* para a inauguração da nova sede da empresa.

— Estávamos contando os dias, né, Aquiles?

— Vai ser divertido, Hélio. Acho que o papai vai direto do escritório para lá. Olha o que eu trouxe para você — disse Aquiles entregando um cubo mágico ao irmão que sorriu empolgado e começou a tentar reunir as cores iguais do jogo. — Como foi a aula hoje, Hélio?

— Normal. O mesmo de sempre.

— Como assim?

— É monótona. Não acontece nada diferente no Santa Tereza. Deve ser o colégio mais chato do mundo.

— Que é isso. Eu já estudei lá e gostava muito das aulas, dos professores.

— Aquiles, você era o astro dos esportes e ainda por cima sempre foi superdotado. É claro que você gostava de lá.

— Eu nunca fui astro e nem superdotado. Só me dedicava, Hélio. Você tem se esforçado para fazer novos amigos como combinamos?

— Eles não querem ser meus amigos, Aquiles. Preferem os garotos que sabem jogar bola ou que são populares por serem gênios. Eu não sou nem uma coisa, nem outra. Mas tá de boa. Eu tenho você e está bom assim.

— Hélio, você tem que ao menos tentar. Você puxou conversa com alguém como eu pedi?

— Sim. Com um garoto de outra turma que chegou atrasado e perdeu o primeiro tempo de aula. Eu fui beber água e achei estranho um menino usar tranças, mas ele falou que fazia parte da cultura do povo dele.

— E o que você disse? Ele deve ter se ofendido se você riu dele.

— Eu não ri. Só perguntei porque ele usava tranças se era menino. E nem sei que povo ele estava falando. Descobri depois que ele é brasileiro que nem a gente.

— Hélio, esse menino é negro?

— Sim.

— Pois está aí a sua resposta. É uma questão cultural. Ele quis fazer menção ao povo ancestral dele. Entendeu agora?

— Ah! Entendi. Que mico! — disse o menino mais novo parando de mexer no cubo — Será que ele ainda vai querer falar comigo?

— Claro que vai, mas da próxima vez que o vir, pergunta qual jogo de videogame que ele mais curte ou que desenho ele acha divertido. Combinado?

— Pode deixar. Eu só perguntei o nome dele, mas não lembro direito. Não é muito comum. Vou perguntar de novo e escrever no meu caderno para não ter que perguntar toda vez.

— Boa. Faça isso. Agora que papo é esse das aulas serem monótonas? Você sempre gostou de aprender coisas novas.

— Ah! Mas eu gostava quando você me contava o que aprendia, Aquiles. É diferente quando tenho que estudar para prova e se responder errado, corro o risco de repetir de ano — disse ele rindo pela primeira vez e continuando a mexer no cubo mágico.

— Me conta uma coisa que aprendeu hoje? — disse colocando o cinto no irmão.

O menino parou um pouco para pensar e disse: — Ah! Na aula de Ciências, minha professora falou sobre um pássaro chamado tecelão-parasita. Ele é parente do pássaro cuco. Ele coloca seus ovos nos ninhos de outros pássaros para que choquem em seu lugar — disse olhando para o irmão que se mostrava muito interessado no que ele tinha a dizer. — Mas ele é esperto. Só coloca seus ovos nos ninhos de pássaros parecidos com ele, mas como seus filhotes crescem rápido, piavam pedindo comida mais alto também e a mãe dos

filhotes legítimos dava comida para eles e os seus mesmo acabavam morrendo de fome, porque os intrusos pediam muita comida.

— Mas e quando as mães percebiam a armação, Hélio?

— Elas jogavam o ovo do tecelão-parasita para fora do ninho, mas a professora disse que um quinto dos filhotes de tecelão eram chocados por outras aves. Que bicho sem vergonha!

Aquiles e o motorista Domenico riram da opinião do menino. Mas Hélio disse bastante sério:

— Esse pássaro lembra um pouco o papai. Não se importa de ficar com os filhos. Deixa outras pessoas tomarem conta da gente.

— Hélio, não é bem assim — censurou o irmão mais velho. — O papai trabalha muito. Muitas pessoas dependem dele e ele faz isso por nós, também.

— Ele não liga para a gente, Aquiles. Eu até acho que ele preferia não ter filho nenhum ou, no máximo, ter tido só você. Já que eu fui um erro.

— Nunca diga isso, Hélio! — Aquiles o repreendeu em um tom mais duro. — De onde tirou um absurdo desses?

— Eu sei disso desde que aprendi a fazer contas, Aquiles — respondeu o menino retornando ao seu costumeiro ar tristonho, virando o rosto e olhando o movimento das ruas pelas quais passavam.

— Olha para mim, Hélio. Do que você está falando?

O menino encarou o irmão e disse:

— Papai e mãe se separaram quando eu fiz três anos. Eu sei que foi minha culpa... Eles já tinham um filho que era motivo de orgulho: você, que é ótimo em esportes. Joga basquete tão bem quanto o papai e os amigos dele no clube. E você até dança. E faz tudo tão bem. Eu queria ser capaz de ser tão bom em tudo quanto você e o papai. Acho que é por isso que ele não consegue me amar.

— Não diga isso, Hélio. O papai ama nós dois do mesmo jeito. — Segurou a mão pequena do irmão caçula ao dizer isso. — Ele apenas não sabe demonstrar, mas ele ama muito você. Se lembra como ele brigou comigo quando o Duque te atacou?

— Foi culpa minha. E você que levou o sermão... Eu faço tudo errado mesmo.

— Não, Hélio. Você não entendeu. Sabe o que eu vi nos olhos do papai naquele dia?

O menino fez que não.

— Eu vi medo. Melhor, vi desespero. Foi a primeira vez que o vi assim e levei algum tempo para entender que ele não agiu daquela maneira por

eu não ter tomado conta direito de você, mas pelas consequências da minha distração.

— Como assim, Aquiles?

— Papai teve medo. Medo de te perder naquele dia. Eu sei que ele é fechado e não costuma dar abraço ou beijos... Eu também sinto falta disso, mas com o tempo eu entendi que é a natureza dele. Acho que ele não sabe agir diferente — disse observando o irmão para ver se ele compreendia o que estava dizendo. — Ele te ama muito. Nunca duvide disso. O papai já perdeu o vovô e o irmão dele. Lembra que eu te contei o que aconteceu com eles?

O menino fez que sim com a cabeça.

— Não sei explicar, mas eu sinto que ele se culpa por isso até hoje. Embora o acidente tenha acontecido antes de a gente nascer, tenho a impressão que é algo que ele nunca superou.

— Mas, Aquiles, ele nunca fala deles...

— Às vezes, a dor é tão grande que é melhor fingir que ela não está lá, mas acredite em mim quando eu digo que o papai te ama. Dante Albertine sabe ser bem duro às vezes, eu sei. Mas ele só faz o que acha que é melhor para a gente. O tio Benício era o irmão mais velho do papai. Eles eram inseparáveis pelo que a tia Margot me contou. Eles e o Gustavo Grael.

— O homem mau?

— Não posso dizer se ele é mau. O vi pouquíssimas vezes, mas sei que esse homem fez coisas ruins que magoaram muito o papai e tudo aconteceu na mesma época que o vô Pompeu e o tio Benício morreram. Dá para imaginar como foi horrível para ele perder o pai e o irmão no mesmo ano? — Ele viu o irmão negar com a cabeça e apertar forte sua mão.

— Deve ter sido devastador. — Continuou Aquiles. — Ele nem teve direito ao luto. Precisou assumir a empresa imediatamente e passou a viver para o trabalho. Quando o tio Máximo e a tia Margot me contaram tudo que ele passou, eu entendi melhor o papai.

— Agora eu entendo melhor, Aquiles. Depois disso, papai fechou o coração para o amor e não deixou mais ninguém entrar...

— Não, Hélio. Ele se apaixonou pela mamãe. Casou e teve dois filhos. Ele ama nós dois. Do jeito dele.

— Você acha mesmo que ele me ama?

— Tenho certeza disso.

— Então, por que ele nunca diz?

Aquiles sorriu compreensivo com os receios de seu irmão caçula.

— Me responde, Hélio: se eu apenas dissesse que te amo, mas minhas atitudes demonstrassem que eu não me importo com você. Se eu não me

esforçasse para te ajudar a crescer e se tornar um homem que pode ser o que quiser. Isso é amor?

— Sei o que está tentando fazer, Aquiles...

— Você não me respondeu.

— Tá. Não. Isso não seria amor.

— Papai não tem o hábito de falar como se sente para ninguém, mas se preocupa com teu bem-estar e quer garantir que você tenha a melhor educação possível para que possa seguir a carreira que quiser. Então, me diz, Hélio, o que tem mais valor para você: alguém dizer que te ama ou demonstrar que te ama?

— Demonstrar que ama é mais importante. Eu entendo isso, mas é errado eu querer ouvir o papai dizer isso uma vez? Só uma vez, Aquiles. — Ele mexia o cubo mágico entre os dedos e tentava alinhar as cores, mas Aquiles sabia que era só para disfarçar a tristeza que sentia. — A mamãe diz, às vezes. Eu queria que ele me abraçasse como você me abraça. Ele não gosta de abraços. Você faz as duas coisas: demonstra que me ama e fala que me ama. Sempre foi assim.

Aquiles riu e disse:

— Isso não é bem verdade. Nem sempre gostei da ideia de ter um irmão, Hélio.

— Como assim? — disse o menino parecendo não entender e parou de brincar com o cubo e olhou para o irmão. — Nós quase nunca brigamos. Eu não me lembro de...

— Foi antes de você nascer. Melhor dizendo, quando soube que a mamãe estava grávida de novo. Eu não gostei nem um pouco da notícia.

— O quê?

— É verdade. Eu achava que um bebê na família me deixaria em segundo plano e acabaria por tirar a atenção do papai. A mamãe já quase não passava tempo comigo e eu estava acostumado a vê-la apenas em eventos sociais mais do que em casa. Por exemplo, em espetáculos na escola, onde as amigas dela iam apenas para competir entre si sobre qual filho era mais talentoso ou mais inteligente. O tempo com as amigas sempre foi mais valioso do que estar comigo. Com o papai era diferente. Ele me ensinou a jogar basquete. Me cobrava muito quando eu descumpria as regras do jogo ou quando eu queria jogar por jogar. Apenas por diversão, entende? Papai sempre exigiu que eu me dedicasse de corpo e alma a tudo que me propunha a fazer.

— Ele é assim com todo mundo. Até com a tia Margot — disse o caçula lembrando das vezes que a tia chamou seu pai de mandão.

— Sabia que eu comecei a dançar para chamar a atenção dele para mim de novo? — O irmão negou com a cabeça. — Ele não teve mais tempo para

jogar basquete comigo porque precisava dar muita atenção à mamãe, por causa da gravidez. Jogávamos duas vezes por semana. E por meses, tudo girava ao redor do bebê que estava para chegar: você. Eu criei um plano mirabolante e inventei uma história para o meu professor de italiano e fiquei quase um mês sem aula dizendo que estava com catapora. Eu sabia que o papai descobriria. Ele sempre descobre. E eu queria que ele descobrisse. Mas foi quando descobri também que gostava de dançar. E o que começou com uma rebeldia, se tornou algo que eu apreciava muito. Você deve imaginar como papai reagiu. Eu tomei um susto enorme quando ele foi até a escola e me viu ensaiando sapateado com uns amigos para um espetáculo. Pensei que ele iria brigar e me deixar de castigo até 2050, mas foi quando eu disse para ele que queria dançar. Pensei que ele odiaria a ideia.

Fiquei até com receio que ele dissesse que não era coisa de homem, mas ele me fez uma única pergunta: — *O quanto isso é importante para você?* Ele perguntou olhando bem no fundo dos meus olhos. E eu disse que dançar era algo que eu poderia fazer pelo resto da minha vida. Lógico que fiquei de castigo por conta da mentira: um ano sem mesada e passei a cortar a grama e ajudar o nosso jardineiro daquele dia em diante até ele se aposentar. Depois passei a fazer tudo sozinho. Eu também tive que ter o dobro de aulas de italiano para cumprir o planejamento daquele semestre, mas tudo isso valeu a pena porque o papai me matriculou em um dos melhores estúdios de dança do Rio de Janeiro. Fiz aulas de balé clássico e dança contemporânea. Ele foi a algumas aulas de dança e eu me empenhava muito para que ele visse meu progresso. Um dia, eu achei um livro no banco de trás do carro e vi que ele deixou a página marcada em estímulos cognitivos da dança para crianças. Falava da importância da dança para o raciocínio rápido, para coordenação motora, equilíbrio e ritmo. Vi que ele não era indiferente a algo tão significativo para mim. Isso me deixou muito feliz e passei a me empenhar mais ainda. Ele não assistia às aulas, mas foi às minhas apresentações. A tia Valdelice sempre estava lá com ele. Eu achava que ela o obrigava a ir, porque ele levava plantas de projetos e ficava do outro lado do vidro trabalhando, mas quando chegava a minha vez, ele prestava atenção em mim também. Era engraçado, porque a mamãe nunca ia e as outras mães faziam de tudo para atrair a atenção do papai. Ele nem as notava. Eu era o único menino naquela aula fazendo piruetas e ele não se envergonhava disso. Eu adorava ver que ele levava a sério o que eu fazia. Depois que você nasceu, ele foi cada vez menos ao estúdio, mas eu tentei entender que ele seria seu pai também e não fiquei mais tão aborrecido.

— Você me odiou por isso, Aquiles? — perguntou Hélio analisando a expressão do irmão.

— Nunca odiei você, Hélio. Fiquei bastante enciumado. Admito. Todos só falavam de você. Até a vovó veio mais vezes nos visitar. Mas quando papai me buscou na escola para irmos à maternidade para te levar para casa, eu pensei que você o afastaria de mim definitivamente — disse Aquiles relembrando como se sentiu. — Eu tinha mais ou menos a idade que você tem agora. Cheguei ao hospital e vi mamãe conversando com duas amigas dela e o médico logo chamou papai para dar recomendações sobre a alta. Você estava no berço e eu me aproximei. E foi quando te vi pela primeira vez, Hélio. Vi você ali dormindo e toquei a sua mão. Você abriu os olhos e ficou me olhando. Aí você sorriu para mim. Não precisou de mais nada. Só bastou um sorriso... Eu tirei você do berço e me sentei em uma poltrona com você no meu colo.

— E como você se sentiu?

— Eu acho que nunca me senti tão feliz em toda a minha vida. Eu ganhei o melhor presente que poderia desejar. Eu soube que daquele momento em diante, jamais me sentiria sozinho outra vez. Eu tinha ganhado um irmão.

Hélio abriu um amplo sorriso e largando o cubo mágico de uma vez, se soltou do cinto e abraçou o irmão que riu e continuou falando com o menino agarrado em sua cintura e com a cabeça em seu peito.

— Sabe, Hélio, eu fiquei hipnotizado vendo você. Nem sei quanto tempo fiquei conversando com você. Queria que ouvisse a minha voz e que soubesse quem eu era. Pensei que ninguém estava prestando atenção ao que eu fazia, mas papai estava com os olhos fixos em nós. Ele parou do meu lado e esperei que me repreendesse, mas ele não fez isso. Papai simplesmente se agachou e olhou para você e depois para mim. Então ele disse:

— *Ele vai precisar muito de você, Aquiles. Cuide dele sempre. Principalmente, quando eu e sua mãe não estivermos por perto. Ele será indefeso por muitos anos. Proteja seu irmão, Aquiles. Me prometa isso.*

— *Eu vou protegê-lo, papai.* — Eu disse e ele me fez a pergunta mais surpreendente de todas naquele momento.

— Qual, Aquiles? — Quis saber Hélio levantando os olhos para o irmão, voltando a encará-lo.

— Papai disse: *Como vamos chamá-lo?*

Eu nem acreditei e perguntei: — *O senhor quer que eu escolha o nome do bebê?*

Papai assentiu.

— Você que escolheu meu nome? Eu pensava que tinha sido o papai ou a mamãe.

Aquiles sorriu e continuou: — Fui eu. Como eu sabia que o papai se interessava muito por mitologia grega, olhei bem para você como estou fazendo

agora e, vendo esses seus cabelos dourados tão diferentes dos meus, eu disse: — Ele se chamará Hélios. Como o deus que representa o Sol da história dos livros que papai tinha me dado de aniversário. Eu até li para você algumas vezes. Hélios percorria o céu do mundo dia após dia em cima de uma carruagem em chamas.

— Puxados por quatro lindos cavalos, né, Aquiles?

— Isso mesmo. Quatro corcéis incríveis. E por que ele cumpria essa tarefa todo dia? Você lembra?

— Para iluminar a Terra e levar calor para todo o mundo.

— Exato. E foi isso que você fez comigo, Hélios: iluminou a minha vida, meu irmão.

Minutos depois eles chegavam ao ateliê de sua tia Margot para experimentar os *smokings* para a festa de inauguração da nova sede da Albertine Construções que o pai presidia. Os dois irmãos se divertiram muito com a tia. Logo depois, Demétrius e Máximo se juntaram a eles. Dante Albertine pediu que a irmã enviasse seu *smoking* pelos filhos, pois foi realizar uma última vistoria nas estruturas do prédio, segundo Máximo. Hélios trocou um olhar significativo com o irmão que acariciou seus cabelos compreensivo.

Margot já havia planejado um grande lanche para todos se deliciarem juntos, depois que todos experimentaram seus trajes. Olívia, a nova assistente de Margot sempre que podia tocava propositalmente em Aquiles. O que não passou despercebido para sua tia. O rapaz ficou encabulado, mas gostou da atenção que a moça mais velha lhe dava. Afinal, ela era bonita e ele era um rapaz de 17 anos de hormônios acumulados.

O clima de descontração seguiu até o fim da tarde. Nenhum dos presentes imaginava que aquela seria a semana que antecederia o caos. Que, em poucos dias, tudo mudaria em suas vidas. Tudo mudaria para sempre.

Assim, os irmãos voltaram para casa, com Hélios dormindo com a cabeça apoiada no colo do irmão mais velho. O lugar mais seguro que ele conhecia.

Capítulo 16



O QUE MAIS IMPORTA — PARTE I

— O que a senhora está fazendo aqui, tia Carla? — A pergunta de Kionã não fez com que o sorriso de Carla morresse no rosto. Ela queria fazer uma surpresa para o sobrinho.

— Eu vim te buscar para fazermos um passeio agora à tarde. Eu encontrei no seu uniforme extra a nota da coordenação da escola que falava sobre a festa de dia das mães. Como você nunca quis participar desse tipo de...

— Carla, querida. Tudo bem? Você também veio assistir à peça?

Carla virou-se e viu Olívia muito elegante em um conjunto azul-claro, salto muito alto e usando óculos escuros.

— Peça? — Ela sorriu sem entender e cumprimentou Olívia com um beijo no rosto e um abraço, mas seu sorriso demonstrava que não sabia do que se tratava.

— Isso. A peça em homenagem ao dia das mães. Parece que a turma deles ensaiou muito e como a mãe do Téo não pode vir já que foi arranjar outra gravidez a essa altura do campeonato, eu vim... Lembra dela? A prima da minha mãe?

Carla fez que sim com a cabeça, confirmando.

— Quem hoje em dia quer ser mãe depois dos quarenta? — disse a morena tirando os óculos e acenando para outras mulheres que chegavam. — Enfim, vai entender... arriscar a vida com essa gravidez. Três meses praticamente sem levantar da cama porque o obstetra recomendou repouso absoluto. O Téo me mandou um milhão de mensagens pelo WhatsApp para garantir que eu viria, mas desde que o Kionã me entregou o convite, eu já havia decidido vir de qualquer jeito. Então, cá estou eu. O lado bom da história é que consegui ser

liberada mais cedo da *Maison*. Aquela gord... a minha chefe, às vezes, me dá nos nervos.

— Como assim? Convite? O Kionã não é da mesma turma do Téo. Eles são da mesma série, mas de turmas diferentes...

— Mamãe, como membro do conselho, autorizou a mudança há três meses, em seu nome. O Kionã disse que você não tinha tempo para vir assinar os papéis da troca de turma — interrompeu Olívia com um sorriso que revelava todos os dentes. — Eu, particularmente, achei ótimo ele e o Téo estarem na mesma sala agora. Assim, ficou muito mais fácil para eu matar a saudade do meu afilhado lindo já que, nas horas mais inapropriadas, a Pâmela me pede para vir buscar o Téo — disse dando de ombros e, virando-se para o menino, deu um beijo em cada bochecha de Kionã que pareceu nervoso e abaixou os olhos, não encarando a tia.

— Oli, eu não autorizei mudança alguma. O Kionã não me disse nada a respeito. — Carla viu que o sobrinho estava alheio à conversa delas. Parecia preocupado olhando para os lados como se procurasse alguém e Carla falou em um tom mais baixo para que só a morena ouvisse. — Eu vim até aqui porque ele não se sente bem no meio nessas celebrações do dia das mães. Nós costumamos tomar um sorvete ou passear na praia. É um dia difícil para ele. Você sabe...

Olívia arqueou uma das sobrancelhas e olhou para o afilhado. O menino percebeu que voltou a ser o centro das atenções, quando sua tia, com um sorriso gentil no rosto, disse:

— Vamos pegar suas coisas, meu amor? Eu vou falar com a diretora e...

— Não. Eu prefiro ficar. Nos falamos em casa. Está bem? — interrompeu Kionã segurando o braço de Carla apressado e já começando a descer as escadas para conduzi-la para a saída do imponente prédio do Colégio Santa Tereza. — Só dessa vez, não faz uma tempestade em um copo d'água por isso. A minha madrinha uma vez falou que gostaria que nós dois estudássemos na mesma sala. Teodoro é meu melhor amigo. Não tem nada de mais nisso... Eu só esqueci de contar.

Carla não quis começar uma discussão ali, considerando como a proximidade do dia das mães era difícil para ela também. Respirando fundo, pôs as mãos nos ombros do menino e disse com seu melhor sorriso:

— Meu amor, vamos deixar isso para lá. Você está certo. Deve ter apenas se esquecido de me contar — relevou ela. — Não há nenhum problema de você mudar de turma para ficar na mesma sala que seu amigo. Agora, se prepara que eu tenho uma surpresa para você. Eu vou te levar para comprar

aquele tênis que você queria. Fiz umas horas extras e...

— Pode ir para casa. Por favor. Eu vou ficar bem. Quero ficar por aqui mais um tempo.

— Mas, meu amor... todos participarão dessa peça onde vão homenagear as mães e você nunca se sentiu bem nesse tipo de celebração. Eu planejei um dia no shopping com você. Podemos tomar sorvete. Comer o que você quiser e depois compramos o novo par de tênis. Com esse mau tempo não podemos ir à praia dessa vez como no ano passado e...

— Eu já falei com a minha madrinha e ela vai me dar carona hoje. — Kionã a interrompeu sem parecer dar importância para o que ela dizia. O menino olhava ao seu redor como se procurasse por alguém. Não conseguia disfarçar um certo nervosismo. — Apenas vá para casa. Eu não me importo de ficar para a peça.

— Como assim não se importa? Você vai fazer o papel principal e vai até cantar — disse uma voz infantil atrás deles. Carla reconheceu o filho da prima de Olívia, Teodoro, já caracterizado para a peça usando calças curtas, gravata borboleta e suspensórios vermelhos.

— Kionã? Que história é essa? Você vai participar da peça? O que está acontecendo? Por que não me contou? Eu gostaria muito de assistir você se apresentando.

— Os ingressos são pagos...

— Eu daria um jeito, não devem ser tão caros assim. Vou tentar comprar um agora — disse Carla já caminhando em direção a Olívia que deveria saber como adquirir um ingresso, já que sua mãe fazia parte do conselho escolar.

— Mas, dona, todas as cadeiras estão ocupadas. Acabei de ouvir a minha professora falar toda feliz que todos os lugares foram vendidos e o dinheiro vai ser usado para a festa junina — disse Teodoro abrindo um chiclete e começando a mastigar. — E, além disso, a senhora não pode assistir à peça. É só para a família.

Teodoro devia saber que Kionã não tinha mãe e Carla sorriu compreensiva para o menino que não devia lembrar dela. Ela mesma só o viu duas vezes quando foi faxinar a casa da mãe de Olívia. Contudo, Kionã não o corrigiu. A expressão de súplica no olhar do sobrinho atingiu Carla com a força de um golpe. Ela experimentou o peso da vergonha dele e uma sensação de desamparo se abateu sobre ela quando sem dizer uma palavra, ele passou por ela e ficou parado ao lado do colega. Mantinha-se agora cabisbaixo evitando encará-la, algo que não lhe era peculiar. Carla entendia muito bem o que estava acontecendo.

— A senhora pode ir embora? Falamos sobre isso... em casa. — Foi

tudo que ele disse.

Um aperto comprimiu o peito de Carla que olhou do sobrinho para os outros meninos que chegavam com a mesma roupa de Téo e os observavam atentos.

— Vamos logo, K. Já estamos atrasados, a tia Tayná já está te procurando — disse um deles.

O menino esperava a reação dela. Olívia estava entretida conversando com outras mulheres bem-vestidas que chegavam para a comemoração. Algumas a olharam de forma meticulosa, mas a atenção de Carla estava no amiguinho de Kionã. Ela olhou para o sobrinho, subiu os três degraus novamente e perguntou para o menino de cabelos claros:

— Quem você acha que eu sou, Teodoro?

O menino olhou para ela como se não entendesse o porquê da pergunta e respondeu?

— A senhora é uma das empregadas da casa do pai do Kionã.

O chão pareceu escapar sob os pés de Carla e ela olhou para o sobrinho que permanecia imóvel nos degraus e de cabeça baixa.

— É isso que eu sou, Kionã? — Ela perguntou.

O menino ficou em silêncio por um instante e, quando voltou a olhar para ela, viu os olhos marejados de Carla, mas antes que ele rebatesse, uma professora chegou nervosa na ampla escadaria.

— Kionã, apresse-se, a peça já vai começar. Seu solo é logo no início e você ainda nem se trocou. Meninos, entrem e se posicionem.

Uma outra professora que chegava ao pátio de acesso ao colégio balançando os braços disse em voz alta: — Pais e responsáveis, por favor, entrem e tomem seus lugares.

Carla procurou os olhos do sobrinho, mas ele apenas olhou de relance em sua direção antes de ser conduzido para dentro pela professora e foi seguido pelos colegas. As mães que estavam ali também entraram conversando animadamente e Carla ficou ali na escadaria parada. Não viu mais Olívia. O burburinho das pessoas que entravam logo não era mais ouvido. Ela não saberia dizer quanto tempo ficou parada ali. Apenas se deixou ficar. Já começava a descer os degraus se recusando a chorar, pois não queria que ninguém a visse fragilizada daquele jeito.

Mas ouviu algo que chamou sua atenção. Um choro baixinho. Foi quando avistou uma cabecinha de cabelos alourados. No ângulo que estava, foi só o que conseguiu identificar. Aproximou-se e viu um menininho usando a mesma roupa da apresentação dos outros, mas de cor verde. Ele estava encolhido em um canto da escadaria com uma espécie de maleta aos pés. Olhou ao redor e

não viu nenhum funcionário da escola e nem a mãe por perto. Os porteiros ficavam posicionados a alguns metros de distância dali no acesso principal da escola.

Carla não tinha notado a criança até então e, com tantas crianças, as professoras também não deram por sua falta ainda. Ela então decidiu verificar o que havia de errado. Tomou um longo fôlego e secou as lágrimas que teimaram em cair.

— Oi — disse ela e viu o menino secar o rosto, antes de levantar o olhar, mas ele não disse nada. Carla aproximou-se devagar para não o assustar e perguntou: — Você não deveria estar lá dentro, meu anjo? Sua mãe vai ficar preocupada com você.

— Ela não veio. — Ele se resumiu a dizer. — Ela disse que viria, mas não veio...

Carla sentiu a tristeza e a decepção na voz embargada do menino que se esforçava para não chorar, como ela mesma fez minutos atrás.

— Algo muito grave deve tê-la impedido de estar aqui. Tenho certeza disso.

Ele fez que não com a cabeça.

— Ela não é igual às outras mães. Ela não me...

O menino não terminou a frase, pois sua voz embargou e dessa vez as lágrimas caíram sem que pudesse contê-las.

— Eu ensaiei... muito. Queria que ela me visse tocar. E foi tão difícil aprender as notas. Mas a Isadora disse para mim que viria. Ela disse... E eu ensaiei até aprender a melodia e todos os acordes... E para quê? Para nada! — gritou ele empurrando um objeto que desceu alguns degraus. Carla, então, reconheceu a *case* do instrumento.

— Querido, eu tenho certeza que algo muito sério aconteceu e impediu sua mãe de vir aqui ver sua apresentação. Quem não adoraria ver você tocar? — Ela pegou a *case* do chão e se sentou ao lado dele sem pedir permissão.

— Como pode saber? Você nem a conhece...

— Eu digo isso porque você é um pedaço da sua mãe. Ela sentiu a vida crescer dentro dela e não tem como uma mãe não se sentir orgulhosa de ter um filho músico. Com certeza algo a impediu de estar aqui para ver o filho lindo se apresentar.

O garoto não pareceu desconfortável conversando com ela, apesar de ser uma desconhecida. Talvez, porque estavam na segurança dos muros de uma das escolas de maior prestígio da cidade e ele soubesse que ninguém sem ligação direta com os alunos podia entrar naquela apresentação.

— Meu irmão diz que beleza não é uma qualidade. Já que não podemos escolher se nasceremos feios ou bonitos — disse ele e Carla sorriu, pois ele parecia começar a se mostrar menos abatido.

— Eu nunca tinha pensado dessa maneira, mas seu irmão está certo. Tome aqui — disse estendendo a maleta com o instrumento. — É um violino, não é mesmo?

Ele fez que sim.

— Eu adoraria ouvir você tocar. Todos lá dentro adorariam. Porque você não entra e faz a sua apresentação. Sei que vai ser fantástica! Depois você mostra a gravação para sua mãe... Isadora, não é isso?

— Sim. Esse é o nome dela.

— Com toda certeza, a escola vai registrar tudo e sua mãe poderá assistir você quantas vezes quiser e mostrar para todo mundo como o filho dela é talentoso. Mas se você não participar do espetáculo, todo empenho e tempo que dedicou para aprender essa música terão sido em vão. Isso é o que mais importa, você mostrar para ela que se dedicou para aprender essa canção para que ela soubesse o quanto você a ama.

Ele olhou para Carla e pareceu considerar o que ela disse.

— E você acha mesmo que algo sério aconteceu para ela não vir?

Carla sorriu para ele e fez que sim com a cabeça.

— Então, eu acho que vou entrar — disse ele pondo-se de pé e secando de qualquer jeito o rosto.

— Um minuto — disse ela tirando um lenço umedecido da bolsa e limpando o rosto do menino. — Prontinho. Novo em folha.

— Por que você anda com isso na bolsa? — disse vendo ela guardar a embalagem novamente.

— Ah... Coisa de menina — disse ela dando de ombros.

— Para mim, parece coisa de mãe — respondeu ele sorrindo e acenando para ela antes de ir em direção à entrada com a maleta nas mãos.

— Você não vai entrar? Para ver o seu filho ou sua filha?

— Meu sobrinho, na verdade — esclareceu ela com um sorriso no rosto. — Mas, para mim, é como se ele fosse meu filho mesmo. A madrinha dele já está assistindo à peça. Eu que sou uma tonta... Acabei deixando o convite com o número do meu assento em casa. Vou assistir à gravação como a sua mãe, mas estou tranquila, porque ele tem alguém que gosta muito dele assistindo, então está feliz — disse ela querendo que aquela desculpa fosse mesmo verdade.

O menino se ajoelhou no degrau e tirou um envelope vermelho de lá.

— Tome. Use o da Isadora. Assim você poderá assistir seu sobrinho.

Carla sentiu-se tocada pela gentileza do menino.

— Tem certeza disso?

Ele assentiu com a cabeça e entregou em sua mão.

— Só ela sabia que eu iria me apresentar. Não contei para o meu pai porque ele não tem tempo para mim... porque ele é um homem muito ocupado. E o meu irmão tinha prova hoje no colégio dele. Pode ficar. Se não vai ficar perdido de qualquer maneira.

Carla acariciou os cabelos do menino e disse:

— Eu sou a Carla. Como você se chama?

— Eu me chamo Hélio, Carla. Foi um grande prazer conhecê-la — disse estendendo a mãozinha para ela.

— Eu sou uma pessoa de abraços e não de apertos de mão — disse ela e, abaixando para ficar na altura do menino, o abraçou com gentileza.

Assim, Hélio se viu envolvido por um abraço terno e carinhoso. Carla ainda lhe deu um beijo no alto da cabeça. O que o fez rir por ganhar um beijo de uma moça bonita. A única pessoa que o abraçava era seu irmão e aquela demonstração de carinho inesperada fez com que se sentisse especial.

— Muito obrigada. Você me deu um grande presente. Nem pode imaginar o quanto me deixou feliz — disse Carla lhe acariciando o rosto.

Eles entraram e Carla deu um sorriso encorajador para o menino que, com extrema timidez, foi até ela e lhe deu um abraço apertado, antes de sair correndo em direção aos bastidores.

Carla viu o número do assento no convite e ficou admirada por ser logo na primeira fila e numa posição bem centralizada, o que a permitiu ver de muito perto todas as apresentações. Quando se sentou, elas já haviam começado. Eles encenavam a peça “Sonhos de uma noite nordestina de verão”, uma adaptação da obra de Shakespeare muito divertida e original. Era um musical, grupos de crianças entravam, se apresentavam e logo era seguido por outro grupo. O texto era muito dinâmico e Carla ficou impressionada em como as crianças estavam bem em seus papéis. O forró era o tema musical da obra adaptada para o cenário do sertão nordestino.

Apesar de ser uma comédia, tal como a versão original, a peça contava a história de desventuras de amor de Hérnia e Lisandro que se amavam, mas encontraram opositores ao que sentiam um pelo outro. Kionã interpretava Lisandro. Téio interpretava Demétrio, o personagem que já tinha tido um romance com a melhor amiga de Hérnia, Helena. E foi Demétrio quem o pai de Hérnia escolheu como noivo para a filha.

Percebia-se que as crianças estavam se divertindo no palco com um roteiro que arrancava boas risadas de tempos em tempos. Carla achou muito

fofas as declarações de amor que Téo e Kionã faziam para a amiguinha que interpretava Hérnia. Todos gargalhavam com as trapalhadas dos personagens mais caricatos que tinham medo dos moradores da floresta que diziam que era encantada e povoada por seres místicos.

Mas foi ao fim da peça, quando os primeiros acordes da canção *Carinhoso* começaram a ecoar na voz melodiosa de seu sobrinho, que Carla sentiu o coração pular dentro do peito. O sobrinho fazia uma serenata para seu par romântico e a composição de Pixinguinha e João de Barro era muito significativa para Carla, porque ela cantava essa música para ninar Kionã quando ele era bebezinho, e antes dela, sua mãe fazia o mesmo com Carla e com seu irmão Miguel. Aquela era a canção favorita de D. Miriam.

Esse momento ficaria para sempre eternizado na memória de Carla, e se tornou ainda mais especial para ela, porque o único acompanhamento musical era o som do violino de Hélio que ecoava sua doce melodia pela acústica daquele anfiteatro.

Lembrou-se de como sua mãe a acalentava mesmo quando não se julgava mais uma criança. Sua mãe sempre dizia que eles eram seus maiores tesouros. Beijava o seu irmão e sussurrava a palavra “*verdade*” em seu ouvido. Depois beijava a face da sua filha e sussurrava “*dignidade*”. Virtudes que sempre os ensinou.

Aquelas lembranças inundaram o coração de Carla de saudade. E ela não teve vergonha de parecer vulnerável naquele momento e chorou a falta que sentia de sua mãe, protegida pela escuridão daquele teatro. Carla queria ter sua mãe ao seu lado. Queria poder pedir seus conselhos. Sentia que falhava com Kionã e não queria vê-lo sofrer quando aquela cortina de fumaça se desvanecesse. Em seu coração, Carla pensava que se D. Miriam ainda estivesse viva, tudo seria diferente em sua vida e na de sua família.

Ao fim da canção, Carla foi a primeira a se colocar de pé e aplaudir as crianças, sendo seguida por todos ali. Foi ao som de aplausos que Kionã e Hélio reverenciaram o público que os ovacionava. Lágrimas nublavam os olhos dela e viu que outras mães estavam emocionadas e choravam também. Ninguém continha a emoção. Ela não sabia se o menino sabia que estava lá, pois a luz dos refletores voltava para eles, o que provavelmente atrapalharia bastante a visão.

Ali mesmo no palco, a professora Tayná perguntou a cada um dos alunos: — *Quem é a mulher mais especial de sua vida?* A maioria das crianças disse “mamãe”, desceu do palco e entregou uma rosa para a escolhida. As luzes já estavam acesas e Carla tentava chamar a atenção do sobrinho, mas ele estava muito empolgado com o sucesso da apresentação e recebia o cumprimento de seus amigos. Quando, enfim, lhe foi perguntado quem era a mulher mais especial

da vida dele. Carla sentiu seu coração se despedaçar quando ele respondeu:

— *Minha madrinha Olívia.*

Desceu do palco e entregou uma rosa para Olívia sentada cinco fileiras atrás, à esquerda de Carla. Os refletores mostraram Kionã muito sorridente recebendo um beijo de Olívia que sorria para todos ao redor apreciando o momento. Fotógrafos que tiravam fotos do evento dispararam vários flashes, como fizeram com todas as outras até ali.

— *Ele não sabe que eu estou aqui. Ele não tinha como saber...* — pensou Carla consigo mesma, o que não diminuiu a tristeza que tomou seu coração naquela tarde. Se forçou a sorrir, porque fazia tempo que ela não via seu sobrinho sorrir tão espontaneamente. Kionã estava feliz. E ela estava feliz por ele, apesar de não fazer parte dessa felicidade.

Mas foi então que ouviu a voz de Hélio responder:

— *Eu amo a Isadora, que é a minha mãe, mas hoje a mulher mais importante da minha vida é a Carla, que me fez criar coragem para tocar. Ela está sentada ali.*

Sem palavras, Carla viu que de repente um refletor se voltou para onde ela estava e todos no teatro acompanharam o menino ir até ela e lhe entregar uma rosa vermelha. E com o sorriso mais encantador possível nos lábios, ele esticou os braços para ela. Carla se abaixou e o tirou do chão em um abraço.

Os dois riram e o menino sussurrou em seu ouvido, fechando a mão em concha por conta do som dos aplausos:

— *Eu descobri que também sou uma pessoa de abraços e não de apertos de mão.*

Isadora nunca precisou de convites para entrar onde quer que fosse. O mezanino foi destinado aos pais que foram ao evento, mas que estavam em menor número. Então foi para lá que Isadora se dirigiu, pois não assistiria à peça de pé. Assim que chegou, vários pais ofereceram seus assentos para que ela se sentasse. Isadora causava essa reação nos homens, pois sua beleza era estonteante. Ela sabia disso e usava muito bem esse atributo a seu favor.

A mãe de Hélio chegou nos dez minutos finais, pois, para ela, a parte que mais importava era o reconhecimento do fim da peça. Um refletor seria direcionado para ela no mezanino onde somente os pais estavam e ela teria o destaque merecido assim que seu filho a homenageasse. Mas do mezanino do teatro, Isadora acompanhava aquela cena de ternura e não se sentia nem um pouco tocada com o que presenciava. Pelo contrário, ela sentia que algo que era seu por direito havia sido usurpado por alguém insignificante. Contudo, como uma das principais características da bela e elegante loira era não transparecer

quando algo ou alguém a afetava, ela levantou-se após um sucinto “boa tarde” aos homens ali presentes que não disfarçavam o quanto estavam impressionados com a figura esguia e a beleza clássica de Isadora. Ela não esperou para ver o filho voltar e se juntar aos colegas no palco para agradecerem juntos os aplausos antes das cortinas fecharem. Apenas registrou com detalhes a fisionomia de Carla antes de descer as escadas e ir em direção à saída da tradicional instituição de ensino na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Carla não fazia ideia de que, mesmo sem querer, fez germinar algo muito ruim contra ela, mas que foi potencializado quando Olívia, que reconheceu Isadora, se aproximou dela antes que a loira entrasse no carro.

A conversa foi breve. Não mais que dois minutos, mas determinante para trocarem cartões. Tempo suficiente para o surgimento de uma aliança que teria como principal alvo alguém que apenas desejava viver com *dignidade*.

Capítulo 17



O QUE MAIS IMPORTA — PARTE II

Carla acordou muito cedo no dia seguinte. Tinha muita coisa para fazer e gostava que fosse assim. Nas ruas, na TV e onde quer que olhasse só via propagandas do comércio que se transformou o dia das mães. Durante sua infância, aquela data não tinha um significado maior que qualquer outro dia ao lado de D. Miriam. Era verdade que ela e seu irmão Miguel tinham autorização para mexer no fogão e cozinhar para a mãe, mas eles não precisavam de um motivo para dizer o quanto ela era especial na vida deles. Na casa de Carla, todo dia era dia das mães. Todo dia era dia da família. Havia muito amor em seu lar. Muito amor. E a fonte desse amor era, sim, D. Miriam que, com seu pai Vicente, ensinou aos filhos a se amarem e a cuidarem um do outro sempre.

Por isso, ela e Miguel sempre foram tão ligados. Seu irmão tinha o coração generoso, apesar do gênio um tanto explosivo. Ele deixava de jogar bola para lhe ensinar o dever de casa. Quando a mãe estava de folga, Miguel preferia passar o dia com a família e deixava de sair com as inúmeras garotas, que disputavam sua atenção desde que se tornou adolescente. Ele sempre foi muito bonito e tinha um charme natural que lhe dava uma aura de mistério, o que parecia deixar as meninas ensandecidas por uma chance de namorar com ele.

Carla achava que ele nem se importava muito com esse interesse todo por ele, Miguel tinha objetivos muito definidos do que queria para sua vida desde muito jovem. O irmão de Carla sempre aspirou se tornar advogado e conseguiu entrar em uma das universidades federais mais prestigiadas do Rio de Janeiro. Sua mãe ainda estava viva e Carla jamais se esqueceria da expressão de felicidade dela quando seu irmão contou que passou no vestibular e que em cinco anos se tornaria advogado. O orgulho de seus pais era algo que a fez se

sentir tão feliz. Foi uma grande festa em sua casa. Um dia simplesmente inesquecível para todos. E ela desejou também ser capaz de dar essa alegria para D. Miriam e seu Vicente um dia. O fato dela não estar viva quando passou para o curso de Serviço Social não diminuiu a importância das lágrimas de seu pai quando lhe contou. Miguel a rodopiou no ar e disse que a mãe estaria orgulhosa dela no céu e que ele mesmo tinha muito orgulho de sua irmãzinha.

Seu irmão tinha um futuro brilhante pela frente e nunca teve a chance de concluir aquele sonho de se tornar advogado. Isso foi tirado dele por uma acusação leviana e sem provas contundentes. Apenas o depoimento de uma mulher foi suficiente.

Carla foi imediatamente falar com ela após seu primeiro depoimento na polícia, mas um dos seguranças a manteve muito longe.

— *Meu irmão é inocente. Por favor, retire sua acusação. Ele nunca faria algo assim.*

— *Ah, é mesmo? Afaste-se de mim. Gente da sua laia merece ficar encarcerada pelo resto da vida.*

— *Somos pessoas de bem. Meu irmão em breve vai se tornar um grande advogado. Ele faz faculdade e trabalha muito. Por que está fazendo isso?*

— *Aquele preto faz faculdade e de Direito? Só se for para aprender a roubar corretamente. Coisa que ele ainda não aprendeu, senão não estaria atrás das grades — disse rindo sarcasticamente. — Mas o que realmente importa é que é menos um criminoso nas ruas.*

Carla rompeu o bloqueio em uma distração do segurança, imprensou a moça contra o carro e começou a sacudi-la em seu desespero.

— *O que realmente importa é que você está destruindo a vida de um homem honesto! Você vai destruir a minha família. Volta lá para dentro e diz para o delegado a verdade. Diga que não tem certeza do que você viu. Que pode ter sido outro homem. Meu irmão é trabalhador. Ele nunca faria isso! Nunca!*

— *Me solte, sua louca! Eu não vou dizer nada! Tire as mãos de mim!*

Segundos depois, o segurança afastava Carla, que tentou a todo custo se soltar.

— *Você tem que dizer a verdade! Não faça isso... por favor... Só diga a verdade. Você vai acabar com a vida do meu irmão. Ele não merece isso. Por favor...* — Carla já sem forças parou de se debater e o segurança a libertou, mas se colocou entre elas, advertindo que era melhor Carla se controlar ou acabaria presa também.

A moça morena entrou no carro e fechou a porta. O segurança fez o

mesmo. Carla se aproximou do veículo, batendo com os punhos no vidro e implorando para que a moça retirasse a queixa para que seu irmão fosse libertado. Surpreendentemente, a bela moça de olhos amendoados abaixou o vidro e ficou em silêncio olhando Carla com o rosto molhado pelas lágrimas, o desespero em seu semblante e, depois de olhar para a moça em trajes simples, disse:

— *Mesmo que não tenha sido ele, afinal todo preto se parece... É só uma questão de tempo para o seu irmão roubar, matar ou trazer sofrimento para alguém como eu. Sua raça não sabe o que é moral e decência. Ele nunca mais vai fazer ninguém sofrer depois dessa lição* — disse ela antes de dar sinal para o motorista partir.

Carla não teve mais forças para nada e caiu no chão ali mesmo. Suas lágrimas caíam no chão e ela não se importava com quem a visse naquela situação. Um policial se aproximou dela, a ajudou a se levantar e a fez sentar-se em um dos bancos próximos à entrada da delegacia, mas quando Carla reconheceu o agente da lei, tentou se livrar das mãos que a apoiavam naquele momento de dor:

— *Tire suas mãos de mim! Você destruiu a minha família! Racista! É tudo sua culpa. Eu odeio você!* — Ela empurrou o policial com toda sua força e saiu correndo dali. Foi aquele mesmo policial que deu voz de prisão ao seu irmão dentro do ônibus que ele pegava para ir para a faculdade.

Nem soube como chegou em casa naquele dia. Só se lembrava de Xandinho carregá-la nos braços e de amanhecer no quarto dele com seu amigo dormindo ao seu lado.

No mesmo dia, Carla contou isso ao advogado de defesa, mas ele não lhe deu muito crédito, como já era de se esperar. Ele lhe disse que como a suposta declaração da testemunha de acusação não aconteceu em juízo e também não constava nenhum registro nos autos do processo, não tinha valor legal. O fato da irmã do réu ser a única pessoa que ouviu a testemunha expressar que tinha dúvidas sobre a identidade do assaltante, afirmando que este poderia ser qualquer homem negro parecido com Miguel, não ajudava muito.

Assim, a sentença foi dada e, há seis anos, seu irmão estava preso, embora fosse inocente. Simplesmente por ser negro. Simplesmente por ser considerado uma estatística. Nenhuma reparação legal poderia devolver esses anos a ele, mas ela lutaria até o fim de seus dias para provar que seu irmão era inocente.

Miguel era como um herói para Carla. Lembrou de como ele passava horas lhe ensinando tudo que sabia sobre mecânica de motores. Era uma paixão que os dois compartilhavam. E quando sujavam as roupas de graxa, ele

dizia para ela lavar com sabonete que sairia tudo e era verdade.

Todas aquelas recordações a tomavam, enquanto fazia o caminho a pé até o cemitério onde sua mãe estava sepultada. De onde morava até o bairro Sulacap não era tão distante, ela pegou um ônibus e em vinte minutos estava lá. Seguia pelo caminho bem cuidado, entre os gramados verdes, perdida em seus pensamentos. Nunca sentiu medo de estar ali. Quando criança, imaginava que quando morríamos nos tornávamos anjos alados como aqueles esculpidos em pedra.

Leu as palavras em enormes letras brancas, em contraste com o verde, em uma elevação do terreno próximo a um dos muros: Jardim da Saudade. Ela sorriu tristemente. Para ela, cemitérios se resumiam a isso: eram lugares de saudade. Nunca de reencontros. Muitas pessoas visitavam cemitérios para se sentirem mais perto de seus entes que partiram, mas ela ia para poder cuidar da modesta sepultura de sua mãe e trocar as flores. Gostava de ir para lá para refletir. Sentou-se no chão e leu a pequena lápide com a foto de sua mãe:

Miriam da Silva Faustino

1968-2008

Amorosa mãe e esposa

Carla pensou em Kionã, em seu pai e em seu irmão Miguel. Tentava fazer por eles tudo que achava que sua mãe, provavelmente, faria para cuidar bem deles. Sentiu dores nas costas, pois aceitou fazer todas as horas extras que eram permitidas. Queria comprar o tênis novo do sobrinho e conseguiu o dinheiro. Não entendia como um par de tênis poderia ser mais caro que as despesas com supermercado do mês inteiro somado às contas de água e luz. Mas queria fazer esse agrado ao menino que sempre se saiu tão bem na escola.

Olhou ao redor, algumas pessoas estavam passando com arranjos de flores nas mãos.

Saber que o corpo de sua mãe foi sepultado ali, não a fazia se sentir mais próxima dela. Carla acreditava que seu espírito estava com Deus e que, de alguma forma, sua mãe sempre estaria com ela. Tocou o broche azul e uma lágrima rolou por seus olhos ao pensar que aquele era o dia do seu aniversário e que nunca seria uma data feliz para ela, porque também era o dia em que sua mãe partiu para sempre. E naquele ano, seu aniversário caiu na véspera do dia das mães.

Seus amigos queriam que ela passasse o fim de semana com eles, mas ela disse que tinha muitos planos: iria ao cemitério, visitaria seu irmão e também trabalharia, pois o RH abriu recrutamento para que funcionários que quisessem receber um bônus de meio salário trabalhassem com a equipe de

buffet naquela noite. Chegou a tão esperada inauguração da nova sede da Albertine Construções.

O toque de seu telefone fez com que ela despertasse de suas recordações. Número restrito. Pensou se tinha atrasado o pagamento do cartão de crédito, mas já havia pago a fatura daquele mês.

— Alô?

— Carla. Aqui é o Tito. Tudo bem com você?

Ele não precisava se identificar. Carla reconheceria aquela voz sem dificuldades. Na verdade, recordava cada palavra que trocaram e ouvir aquele telefonema inesperado trouxe cores mais alegres ao seu dia.

— Oi... Tito. Eu vou bem. E você? — disse feliz por ouvir a voz dele. Ultimamente pensava muito no jovem juiz, mas não sabia se havia confundido as coisas e, na verdade, ele apenas quis ser gentil com ela. Não estava realmente interessado.

— Melhor agora — disse ele se sentindo um tolo por flertar dessa forma. — Carla, eu gostaria de te convidar para jantar. Você estaria livre hoje? Quero muito ter a chance de conversar com você outra vez.

Ouvir aquilo fez Carla sorrir. Ficou imaginando ele do outro lado da linha.

— *Ai, meu Deus. Isso é um sonho? Ele é tão... tudo* — pensou ela se levantando. Já ia aceitar quando se lembrou de algo. Carla imediatamente se arrependeu por ter aceitado trabalhar naquela noite.

— Eu... infelizmente, já tenho um compromisso. Mas podemos marcar outro dia. O que acha?

A voz dele soou um pouco decepcionada, mas ele disse: — Claro. Tudo bem. Não quero atrapalhar seus planos. Espero que se divirta...

— Na verdade, eu vou trabalhar. Hoje é a inauguração da nova sede da Albertine Construções e eu vou trabalhar no buffet...

— A festa! Eu não me lembrava que era hoje... Tenho estado envolvido com tantos casos que esqueci completamente. Eu recebi um convite. A minha mãe me deu, mas não faço ideia de onde está. Não tinha a intenção de ir porque queria tanto que o fim de semana chegasse logo... Não conseguia parar de pensar em você e... — Ele se interrompeu de repente parecendo desconcertado por revelar como se sentia a respeito dela. — Quer dizer, eu estava ansioso para te convidar para sair antes que o Gustavo Grael fizesse isso antes de mim... Não que eu tenha algo contra ele... Não sei se vocês estão... — Tito pareceu cada vez mais enrolado e Carla adorou saber que ele estava realmente interessado nela. Decidiu então ajudá-lo:

— Eu também tenho pensado muito em você, Tito. E adoraria revê-

lo. Quanto ao Gustavo, somos apenas amigos. — Carla quis esclarecer esse detalhe para não gerar nenhum mal-entendido. — Infelizmente, não posso faltar hoje, pois eu me ofereci para trabalhar servindo mesas.

Carla queria que ele pudesse ver seu sorriso para entender que estava sendo sincera, porque a empolgação na voz de Tito ao dizer as palavras seguintes tocou seu coração:

— Vou localizar esse convite a qualquer custo, se dele depende a chance de te ver mais uma vez, Carla. Tenho ansiado muito por isso.

— Somos dois, Meritíssimo. — Ele riu do outro lado da linha. Estava feliz. Falar com ela o deixava feliz e respondeu:

— Para você, Carla, serei sempre Tito. No máximo, Timóteo. Todos de quem eu gosto muito me chamam assim.

CARLA E MIGUEL

A revista da penitenciária era, sem dúvida, a pior parte das visitas ao irmão. Ter que ficar nua na frente de pessoas estranhas e se submeter a inspeção de suas partes íntimas para ver se não escondia nada em seu corpo, como drogas ou um aparelho celular, era humilhante, mas ela mesma já presenciou casos de visitantes que, de fato, escondiam os mais inacreditáveis objetos dentro do corpo.

— Outra visita para Miguel Faustino — disse o guarda liberando o acesso dela depois de devolver seus documentos e entregar a bolsa que levava com comida e outras coisas.

Carla estranhou o que o guarda disse, quando viu o irmão sentado sozinho no pátio onde geralmente as visitas aconteciam. Tinha um caderno e fazia anotações. Estava distraído, mas sentiu o perfume dela antes que abraçasse suas costas.

— Que saudade — disse apoiando o rosto nos dreads do irmão que se permitiu ser abraçado demoradamente. Depois ficou de pé e a olhou de cima a baixo.

— Cada dia mais linda, Carlinha.

— Você também. É um dos homens mais bonitos que eu conheço.
— Viu o irmão concordar e dizer:

— E você está certíssima!

— Esqueci de dizer que também é muito modesto — disse beijando e abraçando-o de novo, mais dessa vez, ficando nas pontas dos pés, pois seu

irmão tinha 1,86 m de altura.

Você e seus diários. Quando vai permitir que eu leia?

— Um dia. Quando eu sair daqui.

— Você sempre diz isso. Miguel, quando eu entrei, o guarda disse que você tinha outra visita.

— Ele deve ter confundido os registros de visitantes. São muitos detentos, Carla — disse o irmão sorrindo.

Ela sabia que era verdade, só naquele pavilhão sabia que tinha mais de seiscentos homens cumprindo pena. Ela acariciou o rosto do irmão e perguntou: — Tem dormido bem? Aqui dentro está tudo sob controle?

— Não se preocupe. Está tudo em ordem.

— Não tem ouvido nenhum rumor de... rebelião, né, Miguel? — sussurrou ela bem baixinho. — Da última vez, eu fiquei sem notícias suas e os noticiários disseram que...

— Ei! Vamos mudar de assunto. Isso foi há mais de dois anos. As facções não entraram em guerra depois disso. Não quero você pensando nisso. Eu estou bem. — Segurou o rosto da irmã com as duas mãos e viu tristeza em seus olhos, por mais que ela tentasse esconder. — E o pequeno? Por que ele não veio?

— Vou ser sincera, Miguel. Ele não quis passar pela revista. Crianças são mais sensíveis a essas coisas... não fique triste, está bem?

— Não ficarei. Eu não queria nem que você viesse aqui com tanta frequência, Carla... Não queria que passasse por isso por minha causa. Eu prometi para a mãe proteger você e decepcionei a ela, ao pai, a toda família.

— Não diga isso. Você foi injustiçado, Miguel. Não tem culpa de estar aqui. E, além disso, prometemos à mamãe cuidar um do outro, também. Lembra disso? E é o que estou fazendo e faço porque eu te amo muito — falou ela abrindo um sorriso para mostrar que estava bem e que isso não a afetava ao ponto de impedi-la de estar lá sempre que pudesse.

— Eu também amo muito você, Carla, e tenho muito orgulho da pessoa nobre e gentil que você se transformou. Me lembra cada dia mais a mamãe — disse acariciando seus cabelos. — Vem, senta aqui comigo.

Carla sabia que as injustiças contra seu irmão só se multiplicavam. Miguel não teve direito a liberdade condicional, mesmo sendo réu primário, por conta de uma rebelião que aconteceu em seu pavilhão antes da sua audiência. Depois disso, punitivamente todos os pedidos de condicional dos presos foram negados da forma mais arbitrária possível. O mais difícil foi dizer para o Kionã que o pai ainda não iria para casa.

Seu sobrinho tinha só quatro anos na época e idolatrava Miguel. Nas

sextas-feiras, Carla mal conseguia dormir porque o sobrinho a chamava umas dez vezes durante a madrugada para saber se estava na hora de levantar para ir ver o pai. Assim, muitas vezes, eram os primeiros da fila. Quando ele ganhou bolsa para o Colégio Santa Tereza, Carla foi consultar o irmão, como sempre fazia em todas decisões importantes que diziam respeito a Kionã. Queria que ele sentisse que participava da criação do menino sempre que possível. Seu irmão teve a primeira conversa séria com Kionã sentados ali mesmo. Naquele mesmo banco de concreto.

— *Eu espero não ouvir sua tia vir se queixar de que você não quer levantar às quatro da manhã para ir à escola ou que não quer dormir às oito da noite para estar disposto no dia seguinte. Precisarás pegar dois ônibus e um trem para ir para essa escola tão distante de casa. Você tem certeza que quer mesmo estudar em uma escola na Zona Sul?*

— *Eu tenho, papai. Vou dormir cedo para acordar cedo, porque esse colégio é o melhor colégio do mundo. Sabia que tem ar-condicionado nas salas, pai? No verão passado, levamos ventilador de casa para minha escola, não foi, tia?*

Carla se lembrava e concordou com o menino. A situação precária da maioria das escolas públicas do país era algo lamentável.

O entusiasmo do filho contando como foi conhecer uma escola com duas piscinas, três quadras de esportes, laboratórios de informática e de ciências foi o suficiente para que Miguel concordasse. Hoje, ela tinha dúvidas se essa foi mesmo a melhor decisão para o futuro do menino. Kionã mudou naqueles três anos. O menino afetuoso e sorridente, agora era introspectivo e insatisfeito com tudo que tinha.

Eles se sentaram e Carla começou a tirar da bolsa a refeição que preparou para o irmão. Ele adorava estrogonofe e ela fez do jeito que ele gostava. Almoçaram conversando sobre a saúde do pai que melhorava, agora que tinha plano de saúde. Carla contou o que aconteceu com Nikki Lauda, omitindo as partes da história que poderiam preocupar o irmão.

— Então, esse Gustavo é um possível namorado?

— Não, Miguel. Não tenho namorado. Somos só amigos. Hoje à noite, não vamos nos ver porque ele e meu chefe não se dão nada bem. Mas, mudando de assunto — disse animada. — Eu trouxe uma coisa para você ver. Consegui com a D. Raquel. Repassou o envelope para o irmão.

Ele tirou várias fotografias de dentro e viu o filho usando a roupa da apresentação do dia das mães.

— Ele fez um solo na peça da escola, Miguel. Canta como um anjo. Sabe qual música ele cantou?

Viu o irmão passando as fotos uma por uma sorrindo e fez que não com a cabeça.

— A música preferida da mamãe.

— *Carinhoso*? — Miguel alargou ainda mais o sorriso e Carla adorou ver aquele rosto tão querido emocionado e orgulhoso do filho como ele demonstrava. Parecia fascinado a cada foto que via até chegar à última e ver o filho abraçando Olívia.

— Carla, mas e as fotos com você?

— Não estão aí? Não devem ter ficado prontas. Como eu disse, a D. Raquel conseguiu algumas imagens para eu te mostrar. Aí eu revelei lá em Marechal Hermes mesmo antes de vir para cá. A filmagem e o álbum ficarão prontos só daqui a umas três semanas.

— Carla, não está mentindo para mim, não é?

— Para de ser bobo, Miguel. Por que eu mentiria sobre algo assim?

O irmão analisou a expressão de Carla fazendo careta para ele e sorriu a puxando para si. Carla, sentada ao lado do irmão, se aconchegou em seu peito. Nunca conseguia enganá-lo. Sempre foi assim. Já ela não tinha a mesma facilidade para ler o íntimo do irmão. Não imaginava as coisas que ele precisou suportar ali dentro. Era um homem honesto e não se envolver com uma facção era quase impossível, pois a sobrevivência lá dentro pode depender de quem você conhece. Mas Miguel encontrou um jeito. Ironicamente, foi através da justiça que ele conseguiu se manter incólume dia após dia naqueles seis anos, cinco meses e três dias de confinamento. Miguel passou a dar orientação jurídica sem exigir nada em troca e, assim, conseguiu proteção. Foi designado para trabalhar na biblioteca de seu pavilhão. Vários detentos passaram a procurá-lo e ele conseguiu ajudar muitos deles. Alguns conseguiram até redução de pena e mais de uma dúzia conseguiu o regime semiaberto. Trabalhavam durante o dia e retornavam para dormir na penitenciária em Bangu. Nenhum deles fugiu. Carla sabia que ele se sentia frustrado por não conseguir ajudar a si próprio. Todos os recursos impetrados pelo defensor público foram negados. Mesmo agora com sua sentença cumprida há mais de quatro meses, a morosidade da burocracia da justiça no Brasil o impedia de gozar de sua liberdade.

Mas sua esperança se renovou quando Seu Amauri lhe apresentou um advogado de renome que era cliente da oficina. O pai de Xandinho disse que ela tinha consertado o carro e que era uma moça muito batalhadora, mas que sofria pela injustiça que aconteceu com Miguel, que estava prestes a se formar em Direito. O cliente era arrogante, como seu chefe já a havia alertado antes de ir para a maternidade conhecer a filha. Ele se mostrou aborrecido e cético por ser dado a uma garota a responsabilidade de consertar seu carro, mas Seu Amauri

disse que ela era a melhor de sua equipe. No fim, o cliente ficou muito satisfeito com o trabalho que ela fez em seu *Jetta* e lhe deu o seu cartão. Disse que seu escritório de advocacia não cobraria nada além das custas processais para assumir o caso de seu irmão Miguel. Carla mal pôde acreditar. Sua vontade era de abraçar o homem baixinho e encher a sua careca de beijos.

Agora ria ao se lembrar que chegou a pensar que o pai do Tito era o dono arrogante daquele carro na ocasião. Pensar nele a fez pensar em Tito e trouxe um sorriso aos seus lábios. Carla poupava tudo que podia para conseguir pagar as tais custas que também eram um bom dinheiro, mas pesquisou e viu que agora seu irmão seria muito bem representado por alguém que se empenharia para tirá-lo dali.

Depois de comprar o tênis de Kionã, Carla passou a guardar tudo que podia. Em seus cálculos, juntando a gratificação pelo serviço de garçonne na festa da inauguração da nova sede e as economias das horas extras noturnas que fez na Albertine, poderia pagar o valor das custas que o advogado pediu e valeria cada centavo. Pretendia fazer uma grande surpresa para Miguel.

Carla contava cada dia que seu irmão passava naquele lugar, porque sabia que estava cada vez mais próximo o dia em que ele voltaria para casa e poderiam ficar juntos novamente. Como toda família deveria ficar. Passou os braços pelo pescoço do irmão e ficaram um tempo vendo as outras famílias que se reuniam naquele pátio. Sabia que havia muitos daqueles homens ali que estavam pagando por seus erros e que alguns eram realmente criminosos perigosos, mas também sabia que havia outros homens inocentes como seu irmão que não mereciam estar enclausurados vendo a vida passar diante de seus olhos.

— Eu sei quando você mente para me proteger, Carlinha. Eu te conheço. Também sei como o Kionã tem se mostrado mais difícil de lidar desde que foi para esse colégio de gente rica. Às vezes, eu acho que se ele tivesse estudado no Irineu Marinho como todos nós, ele não teria mudado tanto.

— Ele vai crescer e vai amadurecer. Não se preocupe, Miguel. — Vendo o livro sobre a mesa perguntou: — Você gosta mesmo desse escritor, né, Miguel?

— Gosto, Carla. Ler é a única forma que encontrei de sair daqui e conhecer outros lugares. Viver várias realidades paralelas. Ler é libertador, sabe... É uma forma de ocupar a minha mente. O relógio aqui dentro tem um ritmo mais lento do que lá fora. Os dias parecem semanas e as semanas meses... — disse tentando forçar um sorriso. — Mas os títulos da biblioteca do meu pavilhão são limitados e já li todos, da culinária do pantanal mato-grossense à mitologia grega.

Os dois riram.

— Pena que muitos detentos não têm cuidado com os livros e alguns estão com páginas faltando. Então, o que trouxe para mim hoje?

— Eu comprei o último livro desse autor que você gosta tanto... M. Onit Suaaf. Ele é estrangeiro, não é? Com esse nome tão diferente tem que ser.

— Ah! Não faço a menor ideia, Carla. Até onde eu sei pode até ser uma escritora e não um escritor. Pode ser só um pseudônimo... Não importa. Pelo menos agora terei uma distração.

— Eu não curto muito romance policial, prefiro os romances de florzinha, como você diz, mas já que você tem todos os livros dele, podia se corresponder com o autor e dizer que admira o trabalho dele. Tem um e-mail aqui na última página. Se quiser, você escreve e eu digito e envio para você.

— Esqueça isso, Carlinha. O que eu diria? *“Olá. Tudo bem, Onit? Sou um presidiário e grande fã do seu trabalho...”*

— Miguel... não precisa ser tão duro com você mesmo e...

— Agora me fala dos últimos carros que trabalhou na oficina.

Carla sorriu e conversaram muito sobre o assunto. Era uma paixão que compartilhavam, mas ela sabia que seu irmão só não queria vê-la triste. Percebeu que Miguel fez todo o possível para não tocar no assunto que era tão difícil para os dois, mas depois de uma tarde juntos, eles se despediram e ele a reteve em um abraço demorado e disse:

— Feliz aniversário, minha irmã. Não tenho nenhum presente para te dar, infelizmente. Mas um dia vou recompensá-la por tudo que tem feito por nossa família. Eu prometo. Só te peço que se permita viver. Você não precisa ser forte o tempo todo. Chorar faz parte do luto, Carla. Sofrer faz parte do luto, mas você precisa viver também. Me prometa que vai tentar.

Ela sentiu as lágrimas molharem a camisa do uniforme de detento de seu irmão, mas não se afastou. Era sempre muito difícil dizer adeus a ele. Naquele dia mais ainda.

— Eu vou tentar, Miguel... vou tentar... — Foi o que ela disse recebendo um beijo do irmão em seus cabelos. — E saiba que eu não preciso de nada. Para mim, o que mais importa no mundo inteiro é a minha família e os meus amigos. O meu maior presente já é ter vocês na minha vida.

Capítulo 18



QUATRO NOITES. QUATRO SONHOS

Lá estava ela invadindo seus sonhos mais uma vez. Outra noite sem descanso. Outra noite sem que ele pudesse impedir seu acesso. Ela vinha até seu quarto, até sua cama e o fazia ter esses sonhos para depois acordá-lo no meio da noite e ver que estava sozinho. Dante Albertine sentia-se confuso. Sentia-se um tolo. Para ele ser um homem prestes a completar quarenta anos e não ter controle de seus pensamentos era algo que o perturbava cada vez mais.

Quatro noites. Quatro noites sonhando com a mesma mulher. Quatro noites sem conseguir conciliar o sono depois de seus encontros com ela. Encontros nos quais eles estavam juntos. Se tocavam, porque nos sonhos era permitido que ele a tocasse. E ela o tocava também. Acariciava seu rosto e ele sorria para ela. Contudo, nos sonhos, ela também sorria para ele, embora nunca tenha feito isso nas poucas vezes que realmente se encontraram. E por que ela faria isso? Ele não lhe deu motivo algum.

— *Albertine, o que está havendo com você? Você só a viu duas vezes.*

Levantou-se e caminhou pelo amplo quarto. Apenas precisava se movimentar. Foi até a sacada. Respirou ar fresco e ficou lá apenas observando a vista de sua casa. Durante o dia, era possível avistar dali o mirante do Leblon. O clima era favorecido pela proximidade da praia.

Viu alguns *croquis* sobre a mesa de desenho e pensou em trabalhar um pouco já que dormir não era uma opção, mas não tinha cabeça para se concentrar no trabalho, pois ainda se sentia impregnado pela presença dela. Refletiu sobre os momentos em que esteve com ela. A lembrança de Carla nervosa, após derramar café sobre ele o fez sorrir. Recriminou-se vendo o rumo

que seus pensamentos seguiam. Passou as mãos pelo rosto, ao se recordar de como ela reagiu quando a demitiu.

— *Belo trabalho. Uma jogada de mestre. Com certeza, dei a ela a melhor das impressões.* — Dante sabia que havia sido insensível e que tinha abusado do poder que tinha nas mãos. Ele, agora, censurava-se recordando como Carla subitamente empalideceu e veio a desmaiar com a ameaça de perder o emprego. A imagem dela desacordada nos braços de Gustavo Grael o incomodava ainda mais. — *Ela só estava precisando de assistência para o cavalo. Bem... agora ela fará de tudo para me evitar e nem posso culpá-la.*

Dante orgulhava-se de tentar ser imparcial e justo em suas decisões e agiu em desacordo justamente com alguém que não merecia ser punido por um problema que só dizia respeito a ele e a Gustavo Grael. Carla vivia com tão pouco, mas “nunca quis nada que não tivesse se esforçado para conquistar”. Foram essas as palavras dela. Elas estavam gravadas em sua memória como toda a conversa que tiveram. Desde aquele momento, não conseguia parar de pensar nela e em tudo que aconteceu naquela noite. Não somente ele, mas outros homens perceberam que ela tinha algo especial. Algo que não se encontrava com frequência. Algo que fez um juiz se apresentar no meio daquela tempestade para defendê-la. Algo que parecia afetar homens como Grael que não se impressionavam facilmente. O próprio Dante se sentia atraído pela habilidade de retórica da moça, que demonstrou ter uma mente aguçada e impressionante poder de persuasão. Sem falar em como ela defendia seu senso de justiça e seus princípios morais. Nunca conheceu alguém como Carla Faustino.

Respirou fundo, passando exasperado as mãos pelos cabelos por não conseguir parar de pensar na moça que mal conhecia.

A lembrança do último sonho tomou sua mente e ele se permitiu recordar. Aqueles sonhos se tornaram uma chance de estar com ela. Saber que eram apenas criações de sua mente, não os tornava menos reais para Dante, pois a cada sonho que tinha com Carla, era conduzido a viver sensações que o deixavam em êxtase, como no último. Era quase possível, sentir ainda a sensação de tê-la em seus braços. Naquele sonho, ele tomava uma bebida em um bar e estava cercado por pessoas desconhecidas. Algo chamou sua atenção e ele sabia que era ela. Até no sonho a presença dela o atraía como um ímã. Carla se aproximava dele e com naturalidade o beijou no rosto, mas com intimidade, pois ela também beijou o canto de sua boca, o que fez o corpo de Dante reagir instantaneamente àquele contato íntimo. Eles se olharam no fundo dos olhos um do outro e ela acariciou sua barba demoradamente.

— *Estava me esperando, meu amor?* — Dizia ela com o sorriso que o hipnotizava. Adorava aquele sorriso.

— *Eu sempre estive à sua espera, Carla.*

Ela ignorou o outro banco alto do bar e, com desenvoltura, passou as pernas, sentando em seu colo de frente para ele e disse:

— *Eu estou aqui, Dante. Como em todas as noites em que você me chamou, meu amor. Eu sempre virei.* — Dizendo isso, ela lambeu seu lábio inferior e traçou com a língua o desenho da boca de Dante, antes de aprofundar a carícia em um beijo erótico, mas, ao mesmo tempo, cheio de entrega. Dante adorou a sensação de tê-la em seu colo e colada ao seu corpo. Como em todos os sonhos anteriores, ele permitia que ela determinasse o quanto ele poderia avançar. A estreitou em seus braços, circundando sua cintura, sem temer machucá-la com a força de seu desejo. E ele a desejava como jamais havia desejado outra mulher antes.

Em seguida, o sonho evoluía para outro cenário. Eles estavam a sós agora, descobrindo as reações que provocavam no corpo um do outro. Dante e Carla deitados sobre lençóis brancos e macios em uma cama enorme, mas pequena para tudo que desejava fazer com ela. Como foram parar ali não fazia ideia, mas o fato dele estar completamente sem roupa e ela totalmente vestida o incomodava por querer ver o corpo da mulher que desejava tão ardentemente. Deixou que ela o visse sem nenhum pudor ou ressalvas. Dante sempre se exercitou e por mais que não cultuasse o corpo, gostava de manter a forma física, então nenhuma insegurança foi percebida pela Carla de seus sonhos. A viu se arrepiar quando beijou a parte interna de suas coxas. Ele sentiu sua libido fora de controle ao primeiro gemido dela.

Tinha que a possuir, mas algo no olhar dela lhe dizia para ir com calma. Não podia ter pressa. Assim voltou a beijá-la e a acariciar cada parte do corpo de Carla que estivesse ao alcance de suas mãos. Dante, enquanto vivia a experiência, não sabia que tudo não passava de um sonho, mas estava consciente de que ela precisava se sentir amada. Não sabia explicar o porquê, mas se obrigou a ter paciência.

Quatro noites. Quatro sonhos. E cada um deles se passava em um lugar diferente. A primeira vez que sonhou com Carla, Dante estava em um barco ancorado, mas conseguia sentir o leve balanço das ondas. O prateado da lua se refletia sobre o espelho das águas. O mar estava calmo e via os fogos característicos da virada de ano. Ele vestia branco e tinha uma taça de champanhe nas mãos. Achava que estava sozinho na embarcação e apenas apreciava o espetáculo da natureza se misturando ao espetáculo dos fogos que explodiam e riscavam o céu.

Foi quando sentiu um toque que mais parecia um afago em suas costas. Não sabia explicar, mas não precisou se virar. Sabia que era ela. *Queria*

que fosse ela. E então, apenas abaixou os olhos e viu os delicados braços de Carla o abraçarem por trás. Sentiu o calor do corpo dela aquecê-lo e gostou da paz que aquele abraço lhe trouxe.

— *Sabia que eu viria, meu amor?* — disse ela depositando vagarosamente beijos em suas costas.

— *Não sabia se viria, mas esperava que viesse me encontrar. Jamais desejei tanto a companhia de alguém como desejo a sua.* — Dante respondeu apreciando cada toque sobre sua roupa. Reconhecer a voz dela lhe trouxe um contentamento ímpar. Dante sorriu. Estava feliz.

— *O que será que esse ano que começa reserva para nós, Dante?* — sussurrou ainda o abraçando.

— *Vamos descobrir juntos. Sei que esse novo ano será diferente para mim. Será especial, porque, agora, eu tenho você.*

Eles ficaram assim. Dante não se virou por temer que ela desaparecesse e se visse sozinho naquele barco novamente. Mas pouco tempo depois acordou e se viu sozinho em sua cama.

Quando viu que não conseguiria dormir novamente, sua estratégia foi ir para o trabalho. Durante o dia, chegou a descer os andares para visitar um que não costumava ir com frequência e negou a si mesmo que fazia isso para ver Carla mais uma vez, mas encontrou Máximo no elevador e, quando perguntou aonde ele iria, Dante afirmou que iria ver alguns assuntos no RH com Valdelice, mas que não era nada urgente e desconversou. Máximo o levou para sua sala para falarem de Rocco, o sócio minoritário que se tornava uma pedra em seu sapato por sua arrogância e a forma rude com que tratava os funcionários.

Dante ouvia Máximo falar, mas sua mente estava em outro lugar. Pensava no balanço do barco e na sensação de ter o corpo de Carla colado ao seu. Mesmo que fosse apenas um sonho. Máximo percebeu que ele estava distraído e Dante se esforçou para ter foco no que ele dizia. Naquele dia não conseguiu ver Carla e sentiu-se frustrado por isso. Saiu mais cedo do que de costume e foi trabalhar em seu escritório em casa.

— *Talvez seja melhor assim. Ficar longe dela vai me ajudar a superar essa... esse... isso tudo. Como daria certo? Ela não me veria de outra maneira além do crápula ditador que a ofendeu e a destratou em um momento em que ela estava precisando de ajuda.*

Naquela noite, Dante se recolheu cedo. Às dez da noite, já tinha tomado banho e vestido uma calça de pijama. Agia como se tivesse um encontro marcado. Ignorava sua mente objetiva que lhe dizia que se comportava como um tolo. Mas, de fato, tinha um encontro. Adormeceu facilmente e sonhou com quem roubava sua paz de espírito.

Viu-se em uma cabana rústica e sem energia elétrica onde ele se encontrava a sós com Carla. Esse sonho o fez acordar com uma reação típica de um adolescente explodindo em hormônios. Precisava tomar uma ducha fria, mas para sua infelicidade, o banho não foi tão eficiente quanto pensou que seria e, no chuveiro mesmo, Dante recordou as cenas mais sensuais dele beijando, cheirando, mordendo, sentindo cada centímetro de pele e experimentando a doçura dos lábios de Carla. Recobrar seu domínio próprio foi mais difícil depois disso e Dante precisou recorrer a uma forma de se aliviar daquela tensão toda em seu corpo. E foi o que fez.

Enquanto buscava esse alívio, Dante foi bombardeado pelas lembranças do sonho onde eles estavam deitados sobre mantas no chão perto de uma lareira que era a única iluminação ali. Trocavam carícias e agora ele podia ver a figura de seu desejo perfeitamente, e Carla sorria para ele a cada beijo ardente que lhe dava. Ele mal se permitia respirar. Queria apenas aproveitar aquele momento plenamente. Ser dela e fazê-la sua. À luz da lareira com o fogo crepitando alto, Dante a viu tirar a blusa, revelando um sutiã de renda cor-de-rosa. Logo o sutiã também caía no chão. Assim, ele sentia-se vivo, como há muito tempo não se sentia. Detinha-se a admirar a beleza dos seios da Carla de seus sonhos. Impossível não os tocar de todas as formas possíveis. Dante beijava cada seio; sugava sem pressa e os arranhava com sua barba. Adorou vê-los intumescer, reagindo ao seu toque.

— *Preciso de você. Esqueça os outros. Me escolha, Carla.* — Dante dizia isso sem conseguir conter o desejo que o impulsionava a tocá-la.

— *Mas eu estou aqui com você.*

— *Será só minha?*

— *Você me quer tanto assim, Dante?* — Ela respondeu com outra pergunta vendo seu olhar perdido no desejo que experimentava.

— *Mais... Nunca desejei alguém dessa forma. Não consigo tirar você da minha cabeça. Eu nem sei explicar direito o que sinto. Mas quero continuar sentindo e quero te fazer sentir assim também, Vida.*

Nos sonhos, um novo Dante se apresentava. Um Dante que se desarmava de sua couraça impassível, que abaixava seus escudos e demonstrava seus sentimentos de forma franca e sem hesitar.

— *“Vida”? Por que me chama assim, Dante?*

O apelido saiu tão natural que nem ele percebeu quando o pronunciou, mas Dante não teve tempo para refletir a respeito, o celular tocou no meio da noite e ele acordou.

Era seu sócio, Máximo Kobayashi, o chamando para tirá-lo da cadeia após ser preso por andar nu em pelo pela madrugada. Um marido voltou

de viagem antes do previsto e sua escapatória foi fugir pela janela.

Às quatro da manhã, cumprimentava Horácio e Ulisses, seguranças do acesso principal da empresa que não estranharam o presidente chegar tão cedo para trabalhar. Eles já estavam habituados ao ritmo de trabalho de Dante Albertine. Dante foi direto ao andar que tinha o quadro com a distribuição das equipes de limpeza e manutenção. Quando viu que Carla havia sido remanejada aquela semana para trabalhar na organização da nova sede, sentiu-se frustrado mais uma vez. Pretendia ir até lá depois do almoço, mas três reuniões importantes que pareciam nunca terminar seguiram o dia afora e quando ele saiu da empresa passava das oito da noite. Aquiles e Hélio haviam dormido na casa de Margot após a prova dos smokings e ele estava sozinho em casa. Jantou sem muito apetite e analisou os documentos que a defesa civil havia enviado naquela tarde, com o laudo favorável das inspeções na obra da nova sede da construtora. Então, muito relaxado, Dante foi dormir naquela noite. Habitou-se ao encontro com Carla, pelo menos nos sonhos, já que o destino conspirava para que não a reencontrasse nos últimos dias.

Contudo, o terceiro sonho com Carla foi perturbador para Dante e não de um modo agradável como os anteriores. Muitas pessoas conversavam e falavam alto. Risos. Música vinha de uma orquestra no fundo do salão. Dante estava em uma festa. Ela não estava com ele, mas Dante sabia que ela estava ali. Ele sentia a presença dela. Ele usava smoking e todos usavam traje de gala também. Quando a melodia se tornou mais romântica, foi quando a avistou. Carla dançava nos braços de Gustavo Grael. Dante começou a sentir o ciúme o consumir e a raiva de seu oponente voltar com toda a força. A viu rir de algo que ele dizia e o olhar de Gustavo encontrou o de Dante nesse momento. Ele aproximou novamente os lábios do ouvido de Carla, com um sorriso debochado para Dante e, depois, sussurrou algo antes de depositar um beijo na face de Carla. A gota d'água para Dante.

— *Como ele ousa? Ela é minha!*

Ele tentou furar o bloqueio daquela multidão a todo custo. Tentava se aproximar de onde eles dançavam, mas parecia que era empurrado para mais longe deles e nunca conseguia. Uma sensação angustiante o tomava cada vez mais. Pessoas surgiam em seu caminho quando tentava contornar e lhe faziam perguntas que ele nem compreendia. Parecia que estavam fazendo aquilo apenas para se colocar entre eles. Quando Dante olhou de novo para Carla, Gustavo havia desaparecido e ela agora conversava com Timóteo que, inclinado sobre ela, acariciava seu rosto, o que reavivou a fúria de Dante.

Em seu sonho, uma força que desconhecia o fez conseguir transpor aquela barreira humana e quando enfim conseguiria chegar até eles, Dante

despertou.

Noites mal dormidas nos levam a refletir e Dante pensava em Carla. Se criticava por ter agido por impulso. Se precipitar era algo que não costumava fazer. Em seu trabalho, quando uma situação delicada se apresentava, Dante analisava os fatos isoladamente, tentando não fazer com que sua opinião pessoal influenciasse suas decisões. Assim, conseguia ter um panorama mais claro do que fazer quando reunia os fatos novamente.

Sentou-se na beirada da cama e viu que seria mais uma noite insone. E aquele seria o dia da inauguração da nova sede. Precisava estar bem. Precisava de uma boa noite de sono, mas sempre que fechava os olhos e, às vezes com eles bem abertos também, sua mente o conduzia para o rosto de Carla Faustino. Ela o intrigava. Era realmente inteligente e encantadoramente eloquente.

— *Mas é minha funcionária...E é jovem demais. Isso não faz sentido algum...*

Ele pegou o relógio de pulso que deixou na cabeceira da cama e viu que ainda era 3h40 da madrugada. Decidiu que iria vê-la naquele dia. A qualquer custo. Adiaria todas as suas reuniões e iria ao encontro dela. Precisava vê-la para ter um pouco de paz de espírito.

E assim fez. Às seis da manhã, ele estava no décimo terceiro andar da nova sede da construtora e observava Carla aspirar o carpete. Não sabe quanto tempo ficou ali apenas a observando. Sentiu-se tão bem por reencontrá-la enfim, mas também se sentia tenso por não saber como ela reagiria àquela tentativa de aproximação. Caminhou naquela direção, pois decidiu que seria melhor conversar com ela antes que mais pessoas aparecessem no andar.

— Carla? — chamou a moça que trabalhava de costas para ele.

Apesar do barulho do aspirador, ela parou o que fazia. Desligou o aparelho e o encarou com incerteza no olhar. Ele percebeu que a respiração dela se acelerou um pouco e sabia que ela esperava pelo pior. Os encontros que tiveram a faziam se sentir assim.

— Sr. Albertine. Em que posso ajudá-lo?

— Eu gostaria de ter uma conversa em particular com você. Poderia me acompanhar até o meu escritório?

Ela pareceu relutar por um instante, mas fez que sim com a cabeça e o seguiu quando ele indicou o elevador e a conduziu até a cobertura do edifício. Ele pediu que ela se sentasse e ela atendeu prontamente. Estava nervosa e ele percebia isso em sua expressão.

— Carla, eu quero me desculpar com você — disse Dante sem rodeios.

— Se desculpar, Sr. Albertine?

— Sim. Pelo que aconteceu no haras. Pela forma intransigente que a tratei.

— Não é necessário, senhor. Tudo acabou se resolvendo.

— Carla, eu errei e tenho tido noites difíceis por não ter conseguido me desculpar ainda. É importante que saiba que não costumo me comportar daquela maneira...

— Realmente não é preciso se...

— Para mim, é. Sua opinião é importante para mim. Pode me perdoar pelo meu comportamento naquela noite?

— Se é tão importante assim para o senhor, será que esse pedido de desculpas não deveria se estender ao Gustavo? Ele também foi ofendido naquela ocasião.

Carla viu Dante Albertine mudar totalmente a postura e se distanciar dela indo parar em frente à grande vidraça que dava vista para a orla carioca.

— Eu e... Grael temos um passado difícil e... enfim, você não tinha nada a ver com isso e ficou no meio do fogo cruzado. Não merecia ter passado por tudo aquilo. A demissão, a polícia...

— Então é um pedido de desculpas parcial.

— Por que toda essa sua preocupação com Grael? Posso saber? — Dante começava a se exasperar.

— Nós nos tornamos amigos.

— Amigos? Assim do dia para noite? — Dante imediatamente se arrependeu do que disse ao vê-la se levantar e cruzar os braços no peito.

— Sim. Um homem e uma mulher podem ser amigos, senhor.

Dante Albertine não conseguia mais manter-se fisicamente longe e aproximou-se de Carla, colocando as mãos em seus ombros. A viu olhar para as mãos dele e depois para o seu rosto e franzir a testa sem imaginar o conflito que se passava no interior de Dante.

Ele a olhava de uma maneira que ela não conseguia traduzir. Não dizia nada. Apenas olhava para ela.

As palavras “assédio sexual” passaram pela mente de Dante, quando ele se aproximou mais um pouco prestes a dar um beijo em Carla. Recobrando seu bom-senso, deu um passo para trás, mas, segurando agora uma das mãos dela entre as suas, disse:

— Eu não quero ofendê-la mais uma vez, Carla. Preciso que considere me desculpar. Só isso. Quando refleti sobre aquele incidente, eu... bem, isso tem afetado o meu sono. Eu me arrependo de como a tratei e gostaria que me visse como...

Nesse momento, Marcela entrou na sala e arqueou a sobrancelha ao

ver a cena.

Dante voltou-se para ela e perguntou:

— Desde quando você acha que pode entrar em meu escritório sem se anunciar, Marcela?

— Dante, sua secretária está no prédio antigo e eu não fazia ideia que você estava aqui e ainda mais com uma... funcionária.

— Agora que já sabe que estou ocupado, saia, por favor.

— Mas, Dante, ela é só uma...

— Se nem sabia que eu estava aqui, o que veio fazer em meu escritório? — questionou ele, atento à forma como a ruiva encarava Carla.

— Eu vim ver se estava tudo de acordo. Já que eu fui “destacada” pela Valdelice para supervisionar equipes de logística e limpeza aqui na nova sede.

— Pois bem. Está tudo de acordo como pode ver. Agora se nos dá licença... — rebateu ele, sem paciência, o que fez com que a ruiva olhasse para Carla sem esconder que não gostou dele a tratar assim na frente de uma funcionária da equipe de limpeza.

Após Marcela sair, Carla tratou de dizer:

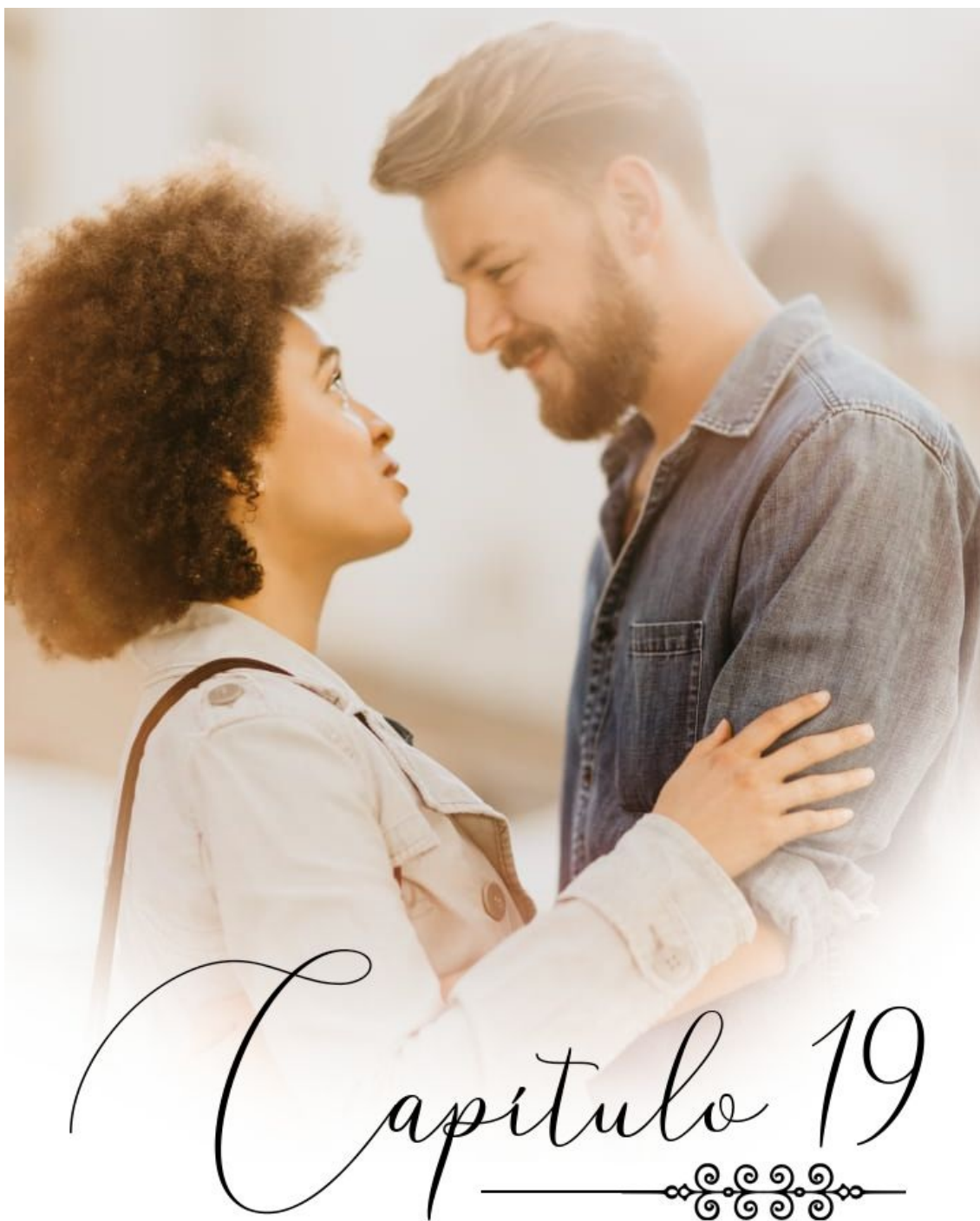
— Acho melhor eu retornar ao trabalho, Sr. Albertine — disse ela se dirigindo à saída também.

— Carla, antes de ir, não vai me dar uma resposta? — O olhar de Dante lhe pareceu tão sincero que ela disse:

— Eu duvido muito que eu seja capaz de tirar seu sono à noite, mas se precisa mesmo ouvir isso, saiba que está desculpado, Sr. Albertine — disse Carla sorrindo antes de sair pela porta.

Dante ficou parado olhando para a porta por um tempo.

— Você não faz ideia... Não faz a menor ideia de como tira o meu sono — disse feliz pelo primeiro sorriso que Carla direcionou a ele que não era em um sonho.



Capítulo 19

A FESTA DE INAUGURAÇÃO

Marcela Austine observava o grupo de funcionários da equipe de buffet que trabalhava diligentemente para atender as centenas de convidados que compareceram à festa de inauguração da nova sede da Albertine Construções. Antes que começassem as atividades, ela deu instruções claras sobre suas

expectativas a respeito do trabalho, enfatizando que falhas não seriam toleradas. Não aceitaria menos que perfeição na qualidade do serviço. Que Marcela estava ali a contragosto era o mínimo que se podia afirmar sobre o seu estado de espírito naquela noite. Sentia-se rebaixada por ter que lidar com questões que julgava inferiores à sua competência e ao seu valor. Dante Albertine havia delegado à irmã Margot a organização da festa e deu a ela carta branca para conduzir os preparativos da forma que julgasse mais adequada.

Marcela sabia que era muito trabalho para uma única pessoa gerenciar e se julgava a pessoa mais qualificada para colaborar com Margot e achou que ela logo a procuraria, mas Margot Albertine nem sequer a consultou para tirar dúvidas e isso foi só um pormenor se comparado ao que ouviu da irmã de Dante quando a procurou comunicando que dividiria com ela essa responsabilidade. Não estava pronta para a resposta que recebeu. Margot a dispensou com um sorriso no rosto e sem nenhum embaraço, disse:

— Oh, Marcela, minha flor, eu só trabalho com pessoas dignas de confiança e foi por isso que convidei Valdelice para ser minha parceira na organização da festa.

A cereja do bolo foi a presença de Máximo Kobayashi de plateia que chegou se colocando entre Margot e Valdelice e, abraçando as duas mulheres, disse:

— Eu não sei por qual das duas sinto mais tesão nesse momento. Pela Margot que com tamanha classe deu um coice na sua arrogância, Marcela, ou pela Valdelice que não precisa se rebaixar e pedir uma vaguinha para participar de nenhum projeto. E sabe por quê? Simplesmente, porque a competência dela ofusca quem precisa de indicação para ser visto — disse ele beijando demoradamente a bochecha de Valdelice que franziu a testa com um pouco de pena de Marcela.

— Máximo... — disse ela com sua habitual sensatez. — Não seja rude.

— Só falei a verdade da minha pretinha e do meu cupcake. O que acham de eu levar as duas para almoçar em um restaurante obscenamente caro?

— Já disse para não me chamar assim, Max! — Ralhou Margot e ele deu um beijo em seu nariz, o que a fez rir. — Mas aceito o convite.

Máximo ofereceu o braço para ela e Valdelice que acabou aceitando também sem contestar, se rendendo ao sorriso sedutor do vice-presidente da Albertine Construções. Ele já as conduzia em direção ao elevador, quando Marcela se pôs em seu caminho e disse:

— Máximo, preciso lembrá-lo que já tínhamos... planos — disse Marcela em tom moderado sem perder a compostura, mas nitidamente irritada

após a humilhação que passou. Ela olhou ao redor e percebeu que alguns funcionários observavam a cena disfarçadamente já que falavam no corredor do andar da presidência.

— Me desculpe, Marcela, mas, para mim, não há nada mais excitante que uma mulher inteligente. E olha que homem afortunado eu sou. Hoje eu tenho a companhia de duas — disse Máximo sem filtro como de costume.

Não seria difícil traçar um panorama de como o ego de Marcela ficou depois disso e vê-lo com a mão na cintura de Margot e a intimidade que demonstravam a tirava do sério. O que mais a enfurecia era o fato de ser Margot a refrear as investidas de Máximo. Marcela julgava que tudo para ele era só mais um jogo. Em sua concepção, tudo que ele almejava eram as ações de Margot e assim controlaria a maior parte da companhia. Para ela, não poderia haver outra motivação para que ele a trocasse daquela maneira pela herdeira Albertine. Riu ao pensar nisso.

— *Se ele pensa que se envolvendo com essa orca vai deixar de ser o segundo no poder, está redondamente enganado.*

Máximo Kobayashi sempre foi o objeto de desejo de Marcela e de metade da empresa. Mas ela não queria apenas os encontros casuais que tinham. Estava determinada a laçar um dos solteiros mais cobiçados do Rio de Janeiro. Mas não foi assim. E quando soube que Margot optou por uma parceria com Valdelice só aumentou o desprezo que já sentia pelas duas. Marcela nunca se deu ao trabalho de esconder sua antipatia pela ex-secretária de Dante Albertine e estar subordinada a ela era algo que Marcela não se conformava. A irritação da ruiva era evidente e a presença opressora dela deixava o ambiente pesado na cozinha e os trabalhadores tensos. Enquanto ambas eram as anfitriãs da noite ao lado de Dante e Máximo, Marcela estava supervisionando garçons e cozinheiros.

Marcela acreditava que aquele era o lugar que ela deveria estar ocupando naquela noite, considerando que era representante legal de uma das acionistas, uma vez que Isadora, ex-mulher de Dante, era sua amiga íntima e conferiu a ela o direito de representá-la no conselho diretor da companhia. Foi assim que uma analista de RH passou a ocupar uma cadeira na mesa diretora e a tomar decisões relacionadas aos dez por cento das ações que Isadora Bastille teve direito com o fim do matrimônio com o presidente da companhia. Contudo, Marcela não considerou pedir demissão de seu cargo. Conhecia Isadora desde os tempos de escola e, por isso, sabia que tudo relacionado a ela era instável e inconstante. A ex-mulher de Dante Albertine mudava de opinião de acordo com seus interesses. Assim, Marcela decidiu continuar trabalhando no Departamento de Recursos Humanos, pois, se, por algum capricho ou vantagem pessoal,

Isadora decidisse conceder a outra pessoa a representação no conselho, Marcela não teria mais uma colocação na construtora. Desse modo, acumulava ambas as funções e, por isso, precisava se submeter à atual diretora de RH que era Valdelice.

Passeou pela grande cozinha industrial observando se todos da equipe se comportavam conforme ela determinou. Não admitia conversas paralelas e nada que os distraísse de suas funções. Satisfeita ao ver que suas ordens eram seguidas piamente foi até o grupo que esperava em uma antessala entre o salão principal e a cozinha.

— Ouçam bem, porque eu só vou falar uma vez. Estão aqui para trabalhar. Ponto — disse Marcela em seu tom agressivo habitual, cruzando os braços sobre o peito e perscrutando as fisionomias das pessoas com uniforme preto e branco à sua frente. — Não quero ver nenhum de vocês de conversinha com os outros trabalhadores que vieram como convidados. Mantenham seus uniformes impecáveis. Serão a imagem da Albertine Construções, então é o mínimo que se espera. Ainda não entendo porque Dante permitiu isso. Vocês não são garçons e garçonetes habilitados para trabalharem em um evento desse porte. A grande maioria trabalha na limpeza ou na manutenção da empresa e hoje vão servir mesas e circular com bandejas. No lugar de cada um de vocês eu teria aceitado participar da inauguração como convidada. Nem a desculpa de não terem traje de gala, vocês não têm, porque até isso o RH da construtora garantiu para todos sem exceção. Ao menos poderiam desfrutar de uma noite longe da vida de pobreza... digo, ao lado de pessoas de muito classe e status social. — Se corrigiu a tempo. Mas já que estão sendo pagos para fazer isso, façam direito. Eu estarei de olho em todos vocês.

— Foi uma escolha nossa. A empresa nos fez a proposta e aceitamos — *disse Carla*.

— Quem disse isso? — perguntou Marcela voltando-se e olhando para todos em desafio.

— Eu disse, senhora. — Carla deu um passo à frente.

— Está querendo me afrontar... Carla Faustino? — perguntou Marcela lendo seu nome no crachá de metal.

— De modo algum, eu só respondi sua dúvida. Cada um sabe o motivo de ter aceitado trabalhar em troca dessa gratificação.

— Você gosta de chamar atenção, não é mesmo?

— Não, senhora. Eu só não reajo bem a abuso de poder. Tenho absoluta certeza que essa não é a política da Albertine Construções, porque desde que comecei a trabalhar aqui nunca vi um funcionário ser desmerecido como acaba de fazer.

— Tem algo mais a me dizer, *CarlaFaustino*? — perguntou ela mostrando que pouco se importava com a opinião de Carla.

— Não, senhora. Caso persista nesse comportamento, formalizarei uma reclamação junto à diretora do RH.

— Então, isto é uma ameaça? Deve estar na empresa há muito pouco tempo para achar que tem o direito de falar comigo nesse tom. Faz ideia de com quem está falando?

— Perfeitamente, senhora. Marcela Austine. Analista sênior de RH. Recolho seu lixo todos os dias há cinco meses e sempre a cumprimento com um bom dia, o qual a senhora faz questão de ignorar. — Carla sempre muito observadora, não esquecia o nome escrito na porta daquele escritório e nem de como parecia invisível para Marcela sempre que entrava lá. — Agora posso ir trabalhar, *senhora*?

— Observarei você de perto. Vamos ver até onde esse seu comportamento subversivo vai te levar. — E dirigindo-se aos demais funcionários disse: — O que estão esperando? Ao trabalho!

Marcela passou pela porta como um furacão.

Os funcionários se entreolharam e começaram a pegar as bandejas e servir os convidados que chegavam.

— Por que ela precisa ser tão rude todo o tempo? — disse Seu Nonato, um dos eletricitas da equipe de manutenção. — Carla, se eu não dependesse desse emprego para cuidar da saúde do meu filho, eu tomaria uma atitude como a sua. Ela precisava ouvir umas verdades.

— Eu também dependo desse emprego, Seu Nonato. Meu pai sofre com hérnia de disco e o plano de saúde tem ajudado muito no tratamento dele, mas essa moça não precisa agir dessa maneira. Ela parece insatisfeita por estar coordenando a equipe.

— E está — disse Vanessa, uma das poucas mulheres na Albertine Construções que ocupavam o cargo de mestre de obras na empresa. — Não é segredo para ninguém que ela só quer estar entre os grandes. E que arrasta um bonde pelo Sr. Máximo, mas que ele nunca quis nada sério com ela. Foi bom ouvir alguém dizer umas boas verdades para essa mulherzinha irritante. Ela precisa aprender a tratar as pessoas com educação.

— Pessoal, fale baixo. Alguém pode ouvir e, se isso chegar aos ouvidos dela, podemos nos encrencar — disse Hanna, outra faxineira, mas que trabalhava há mais tempo que Carla na empresa. — É melhor deixar para lá. Já ouvi falar que quando ela cisma com alguém faz da vida da pessoa um tormento.

— O nosso silêncio fortalece comportamentos assim, Hanna — disse Carla. — Eu não quero incitar nenhum tipo de anarquia aqui. Só quero

trabalhar sem ter que me submeter a humilhações.

Carla passou pela porta equilibrando nas mãos a bandeja com as taças de champanhe. Parou passos depois apreciando a beleza da decoração daquela festa que ficou esplêndida. Ficou boquiaberta com tanto luxo. Os arranjos florais distribuídos tinham seus pedestais altos e as flores ficavam no topo em tons de rosa, vinho e vermelho. Desse modo, os convidados podiam se ver enquanto conversavam. O doce e suave perfume de flores da estação se espalhava pelo salão principal.

Aquele salão de festas era como tudo naquele edifício: enorme. Tudo tinha proporções colossais ali naquele prédio de vidro azul espelhado. A nova sede possuía 40 andares e abrigaria a Albertine Empreendimentos, não apenas a construtora, mas todos os segmentos em que a companhia se diversificou: como o desenvolvimento de motores mais eficientes e econômicos que ficavam sob a administração de Máximo Kobayashi.

O salão, especificamente, possuía três ambientes: um amplo *lounge* com bar à esquerda; as mesas redondas em metal prateado e vidro, rodeadas de cadeiras e a pista de dança ficava ao centro. Havia divisões com tecido que davam uma aparência de tendas armadas no espaço.

Havia seis lustres linearmente alinhados pendendo do teto. Todos muito delicados. Nada de exageros. Era um cenário de cinema. A voz grave do cantor era acompanhada apenas por um pianista que tocava melodias suaves e embalava alguns casais que já dançavam no salão principal. A música ao vivo trouxe sofisticação ao evento e ela reconheceu alguns rostos dos colegas de trabalho, mas apenas sorriu discretamente para eles, considerando o que Marcela tinha dito minutos atrás.

Foi uma grande gentileza a empresa ter custeado o aluguel dos trajes de todos os funcionários. Vestidos finos e smokings com ótimo caimento. Assim, ninguém se sentiria deslocado por não estar vestido de acordo com a ocasião. Carla ofereceu a bebida a várias pessoas que aceitaram as taças de champanhe.

Quando acabava de servir a bandeja, ela observava se havia convidados com taças vazias, os cumprimentava e recolhia as taças levando de volta à cozinha e retornando com outra bandeja de bebida ou canapés. Fez isso seis vezes e nem chegou na metade do salão que era amplo e muito bem iluminado. Nunca esteve em um evento tão bonito e elegante e ficou alguns segundos apreciando os casais que chegavam.

De repente, Carla quase perdeu o equilíbrio, quando foi abraçada de supetão. Foi impossível não sorrir para Hélio. Olhou ao redor à procura de Marcela e, como não a viu, colocou a bandeja sobre um aparador ao lado de um lindo arranjo de flores. Ela se abaixou para ficar na altura do menino e o abraçou

com força.

— Hélio, que bom te ver de novo, meu amor — disse ela o abraçando também. — Você está aqui com seus pais?

— Com meu pai, minha tia e meu irmão. Minha avó e minha mãe ainda não chegaram — disse ele. — Carla, eu... senti saudades. Fiquei com medo de não te ver nunca mais.

— Oh, meu anjo, mas você não estuda na escola do meu sobrinho? Era só falar e ele me dava o recado. Eu poderia ir um dia te ver na hora da saída da escola.

— Mas ele disse que...

— Ele disse o quê, querido? — perguntou Carla realmente feliz por ver o menino de novo.

— Que você não tem tempo para ele, quanto mais para mim, porque trabalha muito.

— Eu trabalho bastante. É verdade, mas sempre arranjo tempo para quem é importante para mim como vocês. Hoje mesmo estou trabalhando como garçonne, mas lembra que eu fui à apresentação e...

— Você trabalha para o meu pai? — Só agora o menino caiu em si. Chegou tão empolgado que nem associou o fato dela estar com uma bandeja.

— Seu pai? — Ela só então compreendeu de quem ele estava falando. — Você é filho do...

— Hélio, eu já não disse para você não se afastar de seu irmão. Quantas vezes eu preciso repetir isso para... — As palavras morreram e o recém-chegado viu Carla Faustino se levantar e surgir em seu campo de visão. — Carla.

— Sr. Albertine, eu só parei de servir por um instante para cumprimentar o Helinho — disse vendo como o menino ficou tenso ao ser chamado a atenção. — Eu que o distraí, senhor. Ele não fez nada demais. Vou voltar para o meu serviço e...

— Não, Carla. Fique... — pediu ele. Sua expressão se suavizou de repente e ele perguntou: — Como tem passado?

— Eu vou bem, senhor.

— Já pedi que me chamasse de Dante. Lembra?

Ela tinha esquecido completamente. E era confuso para ela chamar o presidente da empresa onde trabalha pelo primeiro nome. Viu Hélio olhar para eles sem entender muita coisa. O menino nunca viu o pai hesitar ao conversar com alguém. Parecia que estava um pouco nervoso. O menino via que com Valdelice ele era gentil e atencioso, mas não ficava sem saber o que dizer como parecia naquele momento. Carla percebeu a confusão no rosto do menino e então ela disse:

— Seu filho toca violino muito bem — disse ela rompendo o silêncio. — Nos conhecemos no dia da apresentação dele na escola.

— Apresentação? — Dante pareceu não saber do que se tratava.

— Sim. A peça do dia das mães.

— Sim. Eu não contei para o senhor porque sei que é muito ocupado e não poderia ir. E era festa para as mães de qualquer jeito... Eu telefonei para a Isadora e ela disse que iria. O Aquiles também ligou na véspera para confirmar — disse o menino levantando os olhos para o pai.

Provavelmente, era o que teria dito para o filho realmente — pensou Dante, pois nessas últimas semanas teve uma sobrecarga de trabalho com a iminência da inauguração daquela nova sede.

— E como foi? — Pela escolha de palavras do filho, Dante já sabia qual seria a resposta, mas perguntou mesmo assim.

— Ela não pôde ir... Eu acho. Algo muito importante deve ter acontecido e impediu a Isadora de ir — repetiu para o pai o que Carla havia dito para ele naquele dia e viu Dante contrair o maxilar. — Mas eu toquei mesmo assim, pai. Foi quando eu conheci a Carla. O sobrinho dela estuda lá também. Eu estava triste porque não teria ninguém para entregar a rosa. Todas as outras mães estavam lá, mas a Carla me disse para tocar muito bem, porque depois a Isadora poderia assistir à gravação. Se ela não conversasse comigo, eu não teria tocado, então dei a rosa para ela, eu e a Carla somos amigos agora. O senhor também é amigo dela?

Carla ficou constrangida com a pergunta inocente do menino e respondeu:

— Eu sou funcionária da empresa do seu pai, Hélio.

— Mas o que isso tem a ver com serem amigos? É contra as regras da empresa, pai?

— Não, Hélio. Não é. Eu gostaria muito disso. Já lhe ofereci a minha amizade, não é mesmo Carla? — falou ele olhando para Carla de um jeito que a fez pensar que era difícil saber o que se passava na cabeça dele.

— Verdade. Seria ótimo, senhor... quer dizer, Dante. — Ela viu Marcela passando do outro lado do salão e pegou sua bandeja imediatamente. — Agora preciso voltar ao trabalho.

— Carla, você gosta de dançar?

— Sim, mas...

— Dança comigo uma música hoje?

— Meu amor, eu estou aqui a trabalho e...

— Mas o meu pai deixa. Ele quer ser seu amigo. Você pode dançar com ele também.

— Hélio, eu não posso dançar nessa festa, querido. Estou sendo paga para trabalhar. Entende?

— Não vejo problema, Carla. Afinal, você é funcionária da Albertine também.

— Senhor, eu nem estou vestida de acordo com...

— Você é linda, naturalmente. Não se preocupe com a roupa que está vestindo. Quando puder, pare um pouco e aproveite a festa. — Não disse mais nada por saber que estava em uma linha tênue entre o elogio e o que poderia ser interpretado como assédio.

— Talvez eu devesse ter vindo em um vestido elegante, então, para dançar com você a noite toda, Hélio.

Ela fez o menino sorrir e ele novamente a abraçou.

— Hélio, respeite o espaço da Carla. Não pode...

— Pai, não tem problema. Somos pessoas de abraços. — O menino sorriu cúmplice para ela e ganhou um beijo na bochecha. Dante observava como ele estava feliz perto de Carla. Ela conquistou até seu filho caçula, pensou ele a observando.

— Ok. Uma dança no meu intervalo. Às nove. Combinado?

— Combinado. Às nove.

— Com licença, senhor... Dante. — Atrapalhou-se, ainda se sentindo estranha por tratá-lo assim. Ela saiu de lá pensando qual seria o ponto do salão que ficaria longe dos olhos de águia de Marcela, para que não tivesse problemas.

Foi quando viu Tito chegando acompanhado do agente Gatto, de seu pai e três lindas moças. Logo se lembrou da foto que viu na mesa da diretora de RH e supôs que fossem suas filhas.

O agente Gatto foi o primeiro que a viu e pareceu sussurrar algo para Tito que imediatamente procurou por ela e, ao localizá-la, ele sorriu.

— *Ai... Não faz isso comigo...*

Carla pensou, sorrindo também. O grupo caminhou em sua direção e ela não ficou nervosa com o pai dele presente.

— Que bom poder te ver novamente, Carla — disse Tito ignorando a mão que ela estendeu e beijando-lhe a face.

— É bom ver você também, Tito.

Carla admirou como ele ficava bem de smoking e gostou do dele não ser igual ao dos outros homens. Observou que a barba cresceu um pouco mais.

Tito fazia sua própria inspeção também. Ela continuava linda como se lembrava. Seus olhos gentis o deixavam fascinado. Queria ter a chance de

ficar a sós por um momento com ela. Daria um jeito para que isso acontecesse. Ainda pensava em Gustavo Grael como um possível rival. Não se esqueceu de como passou em claro a noite em que ela dormiu na casa dele. Sabia que ela não era esse tipo fácil e superficial de garota, mas sentir ciúmes de alguém era uma experiência nova para ele. Mas ali Grael não estaria.

— Como vai, Carla? — disse o homem de cabelos grisalhos, os tirando dos pensamentos um no outro.

— Vou muito bem. Agradeço por perguntar. Espero que o senhor também esteja — disse o cumprimentando com um breve gesto com a cabeça, mas ele estendeu a mão a ela. Apesar de hesitar por um instante, ela apoiou a bandeja na barriga e apertou a mão que ele oferecia.

— Eu vou bem, Carla. Queria aproveitar para me... desculpar por meu comportamento no dia em que nos conhecemos. Eu me excedi e espero que possamos recomeçar do zero — disse sem rodeios.

Primeiro Dante Albertine, o presidente da empresa, veio se retratar com ela e agora aquele segundo pedido de desculpas inesperado em tão pouco tempo. Tito e a mãe deviam ter algo a ver com essa mudança. Carla olhou no fundo dos olhos daquele homem e viu arrependimento genuíno ali, então sorriu e disse:

— Eu sou a favor de recomeços, Sr. Noronha. Nós mocinhas temos o coração mole. — Não perderia a chance de alfinetá-lo e o viu sorrir pela primeira vez.

Carla viu uma das irmãs de Tito fazer um sinal, mas ele continuava com os olhos fixos nela. Uma outra irmã fingiu pigarrear a palavra “acorda”.

— Me desculpe, eu não sei onde estou com a cabeça.

— Eu sei.

— Duas.

— Eu também sei.

— O agente Gatto, você já conhece — disse ele ignorando a brincadeira das irmãs e vendo o agente sorrir para Carla amistosamente.

— Agente Gatto, boa noite. Como vai?

— Vou bem, Carla. Obrigado.

— E essas três lindas moças são minhas irmãs: Maria Cecília, Maria Fernanda e Maria Luíza.

— Nossa! Você é tudo que minha mãe disse que era. — Uma das moças que usava um vestido verde em um tom suave se aproximou dela. — Bonita a ponto de conquistar meu irmão e conseguiu extrair um pedido de desculpas do papai. Quero que me ensine sua mágica.

— Ceci! — censurou Tito e o pai em uníssono dessa vez.

— Prazer, Carla. Eu sou a Maria Cecília, mas pode me chamar de Ceci. Das três Marias, eu sou a mais divertida. — Carla sorriu quando a outra moça lhe deu um beijo em cada lado do rosto. Gostou do jeito de moleca dela.

— Desculpe a empolgação da minha irmã. Nós todas queríamos muito saber como você era. Você foi o assunto das nossas refeições nessas últimas semanas. Quero saber tudo a seu respeito. A propósito, eu sou a Maria mais curiosa. Pode me chamar de Nanda.

Ela usava um vestido azul-marinho que se moldava perfeitamente às suas curvas, mas sem ser vulgar e usava tranças longas. Tinha uma beleza delicada, mas seu olhar era de uma mulher determinada. Carla percebeu que ela observava o agente Gatto de um modo bastante objetivo e que só poderia significar uma coisa.

— É um prazer conhecê-la, Nanda. Mas não há muito que eu possa dizer sobre mim.

— Pelo contrário, lá em casa você já é famosa, Carla. Ouvi falar maravilhas de você. É realmente um prazer — disse Maria Fernanda, que era a mais velha das três, e que mantinha seu braço cruzado ao do policial, mas eles não pareciam um casal. Ela, sem cerimônia, pegou a mão de Carla, que por pouco não jogou a bandeja no chão e disse parecendo impressionada:

— Suas unhas estão perfeitas. Como consegue, se trabalha com graxa?

— E com *faxina* também, não esqueça — acrescentou a outra Maria que, por eliminação, deveria ser a Luíza, pensou Carla, percebendo o evidente ar de pouco-caso da moça de corte de cabelo Chanel para ela e, como para corroborar essa impressão, ela disse: — Me chamo Maria Luíza, mas meus amigos me chamam de Malu. Você pode me chamar de Maria Luíza, mesmo.

Os olhares se voltaram para a moça que fingiu ignorar e percorreu com os olhos o ambiente até avistar sua mãe.

Carla preferiu ignorar e disse:

— É um prazer conhecer todas vocês — disse Carla vendo que Maria Luíza foi a única que se mostrou distante. Deve ter puxado o temperamento do pai, pensou ela.

— A Malu é a Maria perversa. O mundo não tem espaço suficiente para o seu mau humor — disse Tito. — Mas todos acreditamos que lá no fundo, bem no fundo mesmo... se você escavar com uma britadeira, um dia acharemos algo muito bom nesse coraçãozinho.

Todos riram, menos Malu que arqueou a sobrancelha para o irmão que se restringiu a encará-la e sustentar seu olhar, antes de dizer que ia procurar algo para beber.

— Champanhe? — Carla ofereceu, pois ainda tinha três taças na bandeja.

— Já deve estar quente pelo tempo que você está parada aqui de papo.

— Volte aqui, Maria Luíza — disse o Sr. Noronha em um tom discreto, mais enérgico que teve seu efeito.

— O que foi agora, pai?

— Desculpe-se com a Carla. Não foi essa educação que eu e sua mãe te demos.

— Senhor, por favor, não é necessário. — Carla tentou evitar aquela saia justa. — Realmente, a bebida já não deve estar mais na temperatura ideal e falando nisso... eu preciso voltar ao trabalho. — Foi quando percebeu Marcela parada de braços cruzados a observá-la.

— Estamos esperando, Maria Luíza.

— Queira me desculpar por meu comportamento, Carla — disse Maria Luíza ironicamente e muito a contragosto.

— Carla, quando puder, podemos conversar um pouco? — perguntou Maria Fernanda, e Maria Cecília mostrando o sorriso lindo endossou:

— Depois podemos marcar um almoço ou jantar lá em casa para você ser apresentada formalmente a...

— Vocês estão sufocando a Carla — interrompeu Tito. — Por favor, tentem me constranger um pouco menos.

Carla sorriu e viu que o agente Gatto também se divertia.

— Vem, gatinho. Dança comigo. Papai cuida do juiz — disse Fernanda puxando o braço do agente.

Jonathan Gatto pareceu relutar em aceitar o convite, mas Tito assentiu sorrindo.

— Divirta-se um pouco, meu amigo.

Pedindo licença, ele foi com a bela moça para a pista de dança. Agora era uma cantora que era acompanhada pelo pianista e Carla reconheceu a balada romântica.

— Eu realmente preciso ir agora. Aproveitem a festa — disse ela se despedindo de todos, mas Tito a reteve gentilmente.

— Quando será o seu intervalo?

— Eu tenho vinte minutos às nove, mas já prometi uma dança a um cavalheiro.

O sorriso dele pareceu esmorecer um pouco.

— Compreendo... Eu...

— Um cavalheiro de sete anos muito determinado — completou ela

e o viu relaxar os ombros de alívio.

— Será que ele me cederia pelo menos cinco minutos desse tempo com você?

— Não posso prometer — disse ela se afastando em direção à cozinha. — Vou tentar convencê-lo.

Carla foi em direção à cozinha já preparada para ouvir a repreensão iminente, mas quando procurou Marcela novamente, ela estava conversando com uma loira deslumbrante e linda e que atraía muitos olhares de admiração, os quais ela parecia nem notar. Só pararam de conversar quando um repórter se aproximou e ela fez um gesto que aguardasse e falou algo para Marcela. Ela saiu e voltou acompanhada de Hélio e de um rapaz moreno que Carla supôs ser seu irmão mais velho. Eles não pareciam animados com a sessão de fotos, mas posaram ao lado da loira. Então, logicamente, aquela mulher, que agora sorria para um batalhão de fotógrafos, era Isadora, mãe de Hélio. Torcia para que, naquela noite, ela desse a atenção que o menino precisava. Se sentia cada vez mais encantada com aquela criança. Pensou no sobrinho, que um dia foi tão carinhoso com ela quanto Hélio.

Lembrou-se dele dizendo que não iria visitar o pai, porque não queria ser revistado mais uma vez. Carla entendia que o processo de revistas nas penitenciárias era rigoroso e ela mesmo se sentia mal de passar por aquele procedimento, mas sabia que era algo necessário até para a segurança dos detentos. Porém quando voltou da visita, Kionã estava usando um smoking e sorria parado na sua frente assim que a viu chegar em casa.

— Tia, olha como estou bonito. Nunca usei um desses antes.

— Está lindo, meu amor. Mas por que está vestido assim?

— Ora, para irmos à festa de inauguração da nova sede do seu emprego.

— Kionã, mas eu não...

— Tia, não tem que se preocupar com nada. A minha madrinha me contou da festa e nós fomos buscar as roupas. Ela trabalha com a irmã do presidente da empresa. A minha dinda escolheu um vestido muito bonito para a senhora e esse smoking para mim. Já mandei várias fotos para os meus amigos da escola e alguns deles estarão lá também e...

— Kionã, eu me comprometi a trabalhar como garçoneiro nesse evento, meu amor. Por isso, eu nem comentei com você. Eu tenho que comprar uns remédios para o papai que são mais caros e o RH ofereceu uma gratificação muito boa para quem quisesse trabalhar e eu aceitei.

A alegria no rosto do menino mudou imediatamente.

— Então, recuse. Nós vamos à festa e como convidados — disse

pegando o telefone e estendendo para Carla. — Ligue para eles e diga que mudou de ideia e que não vai mais trabalhar.

— Meu amor, eu não posso. Não seria justo com meus colegas de trabalho. A quantidade de convidados é...

— E por acaso isso é justo comigo? — vociferou ele. — Por que tem que estragar sempre tudo? Minha dinda é que está certa e...

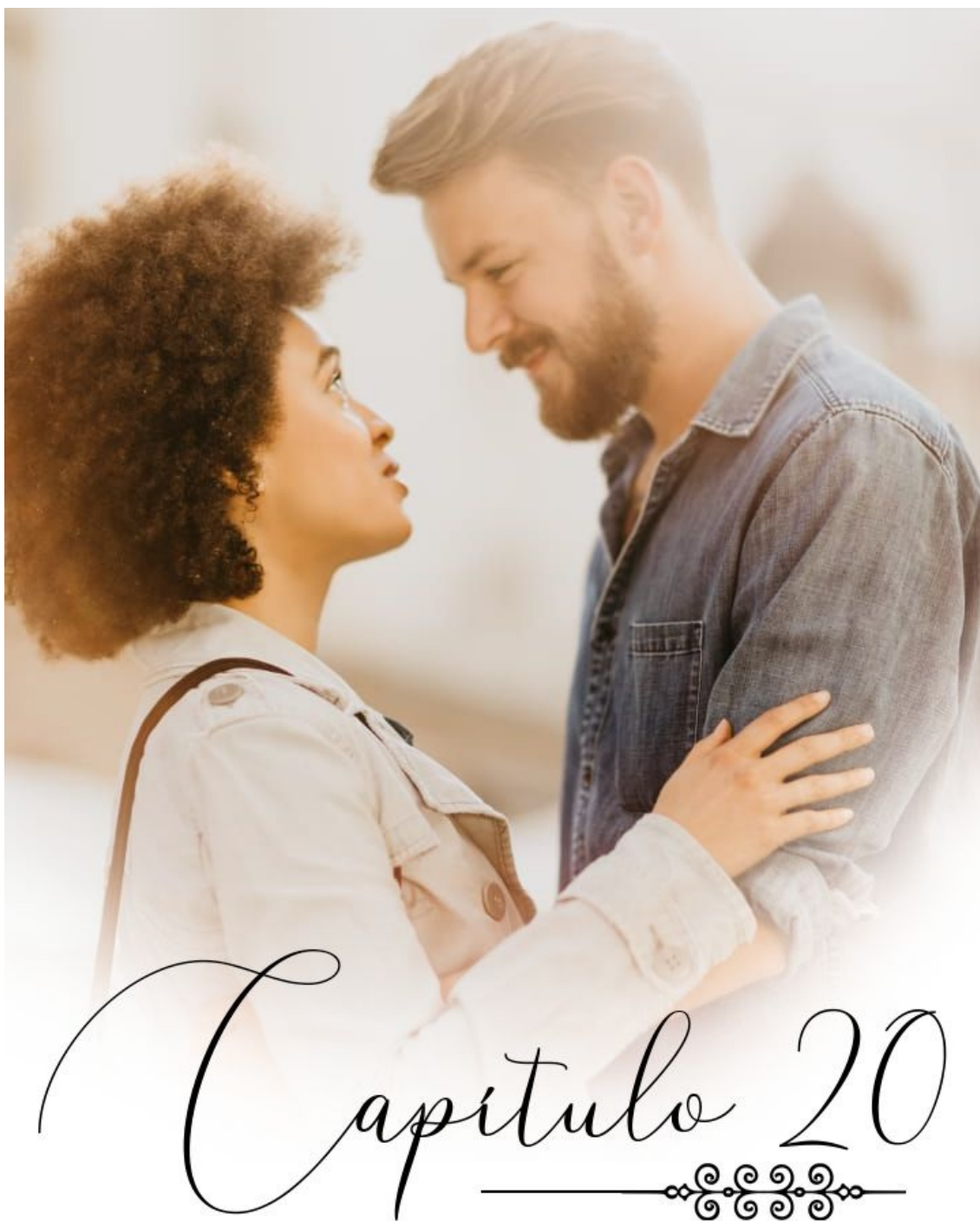
— O quê? O que Olívia disse?

— Nada que eu já não soubesse.

— Kionã, senta para a gente conversar.

— Conversar, o quê? Você já tomou sua decisão. Eu nunca posso fazer nada que eu quero. Nunca fomos a uma festa de gente rica e nem recebendo tudo de graça a senhora não perde esse seu espírito de pobre. E como sempre quem paga o pato sou eu. Eu odeio você! Eu odeio você! — disse batendo a porta do quarto.

Carla estava decidida a ter uma conversa séria com Olívia. Mais uma vez, sem seu consentimento, ela tomava decisões que só cabiam a Carla. Um pensamento chegou a sua mente ao pensar no que o sobrinho disse. Seria possível que, alguma forma, Olívia incentivava Kionã a se revoltar dessa maneira? Esperava sinceramente estar errada.



ME PROCESSE

— Então nos encontramos de novo, Carla. — Carla reconheceu a voz familiar, que ela não ouvia há muitos anos.

O barulho das taças se quebrando ao se chocarem com o chão só não ecoou por todo salão, porque a banda começou a tocar e o som da música

abafou o barulho do cristal e da bandeja de inox que ela equilibrava nas mãos.

Carla simplesmente congelou quando ele a puxou para a varanda com pouca iluminação. Não conseguiu gritar. Não conseguia nem se mover.

— É bom ver que continuo causando emoções fortes em você após tantos anos — sussurrou ele em seu ouvido e Carla, enfim, teve a certeza. Reconheceria a voz daquele homem até o fim de seus dias, pois ainda a assombrava em seus pesadelos. Rocco era seu nome. Nunca se esqueceu desse nome.

Algumas pessoas passavam próximas ao saguão que conectava ao requintado salão de festas, mas Carla não conseguia ver mais ninguém além do homem que ela mais temeu em toda sua vida. Como *flashes*, as memórias voltaram nítidas em sua mente. O dia na piscina do prédio de Olívia. Sua mãe estava feliz naquele dia por poder passar mais tempo com a família, indo agora diariamente dormir em casa. Outros *flashes* de sua blusa sendo rasgada e a parte de cima do seu biquíni sendo arrancada fez sua respiração acelerar. Seu coração batia como se ela tivesse acabado de correr quilômetros.

As lembranças eram tão vivas que, para ela, era como se assistisse a um filme de terror sobre sua própria vida. A lembrança da tentativa de abuso que sofreu e do primeiro tapa que lhe atingiu depois de mordê-lo com muita força. A tonteira que se seguiu ao violento tapa a deixou desnorteada e o medo crescente se transformou em pânico quando ele abaixou a bermuda e subiu em cima dela.

Naquele dia ainda, Carla conseguiu em seu último esforço enfiar as unhas em seu peito e foi aí que tudo ficou escuro. Depois do soco, não viu mais nada, mas agora nem isso conseguia fazer.

— *Sua vadiazinha... Eu ia fazer com calma... A gente só ia se divertir juntos, mas agora você vai ter o que merece...*

— O que acha de terminarmos o que começamos naquela casa de bombas perto da piscina? — E dizendo isso a estreitou em seus braços. O toque dele a fez despertar de seu transe e Carla tentou se libertar. Tentou empurrá-lo. Ele a levou para o canto mais escuro da varanda e, prendendo-a contra a parede, pressionou seu corpo contra o dela ainda mais.

— Me solte, seu miserável! Se não me soltar imediatamente, eu vou chamar a políc...

— Eu não acredito que estou vendo isso depois da lição de moral que essa aí quis me dar mais cedo. — Marcela apareceu e, arqueando as sobancelhas, olhou para os dois com a expressão familiar de desagrado. — Rocco deixe para flertar com as funcionárias fora da empresa. — E virando-se para Carla que continuava sem reação disse: — Trate de limpar logo isso de uma vez, sua destrambelhada. Sabia que era um erro chamar qualquer um para servir

na festa. Valdelice tem ideias tão... — interrompeu-se com a chegada de Dante.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele.

A falta de reação dela e o olhar de pânico o deixou em estado de alerta. Viu as taças quebradas no chão e as mãos de Rocco sobre Carla.

— Solte-a. Agora! — disse já tirando Carla dos braços de Rocco, o empurrando com um safanão e um olhar de alerta.

— Por que se importa, Dante? Eu e Carla somos velhos conhecidos — disse se aproximando sem se intimidar. — Você e Marcela é que estão sobrando aqui.

— Se der mais um passo, eu juro que arrebento a sua cara, seu moleque mimado. — E voltando-se para a moça em seus braços perguntou: — Carla, você está bem? O que ele fez com você? Me diga.

Ela mal tinha forças para ficar de pé. Nem entendia o que estava acontecendo. Apoiou-se nele que sentiu todo o corpo dela tremer.

— O que fez a ela, Rocco? — disse o encarando com olhar ameaçador.

— Isso não é da sua conta. Já disse que eu e Carla somos amigos de longa data. Pergunte a ela. Eu fui especial, não é mesmo? Sempre lembrará de mim.

Carla, buscando apoio em Dante, pediu:

— Me leva daqui... por favor...

Alguém apertou um interruptor e todas as luzes da varanda se acenderam de repente.

E com isso, Dante pode ver que a Carla feliz e sorridente de minutos atrás havia desaparecido. E o que via agora nos olhos dela era o mais autêntico medo.

— Você poderia ao menos pedir exclusividade. Essa daí já passou de mão em mão a noite toda. Só hoje já vi dois potenciais concorrentes da atenção da sua... prostituta.

Viu Isadora se aproximando com toda sua mordacidade.

Máximo Kobayashi e Valdelice apareceram logo em seguida.

Carla sentia o mundo girar e Dante a fez sentar em um dos amplos divãs perto deles, viu-se segurando suas mãos e disse:

— Já venho buscá-la — disse vendo como ela pareceu reticente em deixar que se afastasse. — Está tudo bem, Carla. Eu já retorno. Valdelice cuide dela, por favor.

Dante Albertine entregou o paletó do smoking para Máximo e mal viu Valdelice sentar ao lado de Carla e eles já sabiam o que estava prestes a acontecer.

Mesmo sabendo que isso poderia prejudicá-lo, Dante fez mesmo assim. Foi para cima de Rocco sem que ele tivesse tempo de reação e desferiu três socos que o fizeram cair no chão e disse em alto e bom som:

— Eu não sei que mal fez a ela, seu cretino mimado, mas saiba que qualquer nova tentativa de chegar perto da Carla eu vou te fazer voltar às suas fraldas de tanto que vai apanhar. Você entendeu bem o que eu disse, seu moleque?

Rocco cuspiu sangue e limpou a boca na manga da camisa. Ficou encarando Dante com ódio no olhar, sem precisar dizer que aguardaria a oportunidade de uma revanche.

Rocco se levantou para revidar e recebeu então dois *jabs* de direita no estômago.

— Você vai se arrepender amargamente por ter feito isso. Vai pagar muito caro, Dante. Eu prometo — disse Rocco.

— Pois então me processe. Não. Melhor, me fale uma quantia que eu pago o dobro agora mesmo só para ter o prazer de quebrar a sua cara de novo.

— Quem diria... Dante Albertine de quatro por uma qualquer. Só pode ser uma piada isso — disse Isadora sendo repreendida por Máximo em seguida.

— Em seu lugar, eu seria mais prudente com a escolha de suas palavras, Isadora. Hoje, Dante está disposto a pagar para poder dar uma surra em alguém.

— Será que vocês três não conseguem enxergar o tamanho desse absurdo? Que feitiço essa ninguém colocou em vocês? — Isadora olhou para Carla com tamanho desprezo que pareceu se multiplicar ao ver Valdelice a abraçando. — Pensando bem, Dante sempre teve essa inclinação de se aproximar de pessoas inferiores a nós. Mas ser servido por elas é uma coisa, se relacionar com a criadagem é outra completamente diferente. Chega a me embrulhar o estômago. É repulsivo. Não tem vergonha? Um homem na sua posição social. O pai dos meus filhos se rebaixar por conta de uma...

— Cale-se, Isadora! — Dante disse entredentes a interrompendo. — Repulsa eu só sinto de pessoas com sua mente estreita e preconceituosas como você. Saia da minha vista agora!

— Eu sou acionista e tenho o direito de estar aqui.

— Não imagina como eu estou no meu limite agora. Sai daqui para o seu próprio bem e, Marcela, sugiro que vá com ela sem dizer mais nenhuma palavra se preza seu emprego.

Isadora saiu pisando duro e Dante viu Rocco levantando-se novamente e passar por ele sem dizer uma palavra, mas o seu olhar mostrava o

quanto o seu ego foi ferido.

Tentando manter o pouco de respeito próprio que ainda tinha, Marcela caminhou com a cabeça erguida, mas acabou escorregando nas bebidas derramadas no chão. Quando Máximo ofereceu a mão para ajudá-la a se levantar, ele nem tentou disfarçar o sorriso.

— Que bom que não se cortou. Mancha de champanhe pode até sair desse lindo vestido, mas mancha de sangue o arruinaria, minha cara.

Marcela recusou a mão que ele lhe oferecia e saiu da varanda.

— Dante, eu vou levar Carla para um lugar mais reservado — disse Valdelice.

Ele considerou a situação e julgou que era o melhor a se fazer no momento.

— Carla, vou providenciar para que a levem para casa. Está bem? — disse Dante ajudando-a a ficar de pé e vendo que ela estava mais calma agora.

— Não, Sr. Albertine. Eu peço desculpas por toda essa confusão... eu não tive a intenção de causar todo esse transtorno.

— Você não fez nada errado. Eu vou garantir que Rocco nunca mais faça mal algum a você.

— Eu vou voltar ao trabalho — disse ela se colocando de pé e agradecendo a Valdelice com um sorriso por seu alento.

— Mas, minha filha, você não tem condições de...

— Já estou me sentindo bem melhor agora, D. Valdelice. Vou voltar às minhas obrigações — disse ela pondo-se de pé e pegando a bandeja de metal. — Estou sendo paga para servir e há muito trabalho a ser feito. Pedirei a uma amiga para vir recolher os cacos de vidro.

— Carla, tem certeza?

— Sim, senhor. Eu tenho. Obrigada por sua ajuda — disse estendendo a mão ao ver o sangue em sua manga. — Está ferido?

— O sangue é do Rocco. Não se preocupe.

Aquilo pareceu deixá-la mais aliviada e Carla saiu da varanda, após pedir licença. Precisava voltar ao trabalho.

— Vou conversar com Tito para saber se ele consegue fazê-la mudar de ideia — disse Valdelice tocando com gentileza o braço do patrão. — Você ficará bem, Dante?

Ele assentiu com a cabeça e deu um breve beijo em sua testa.

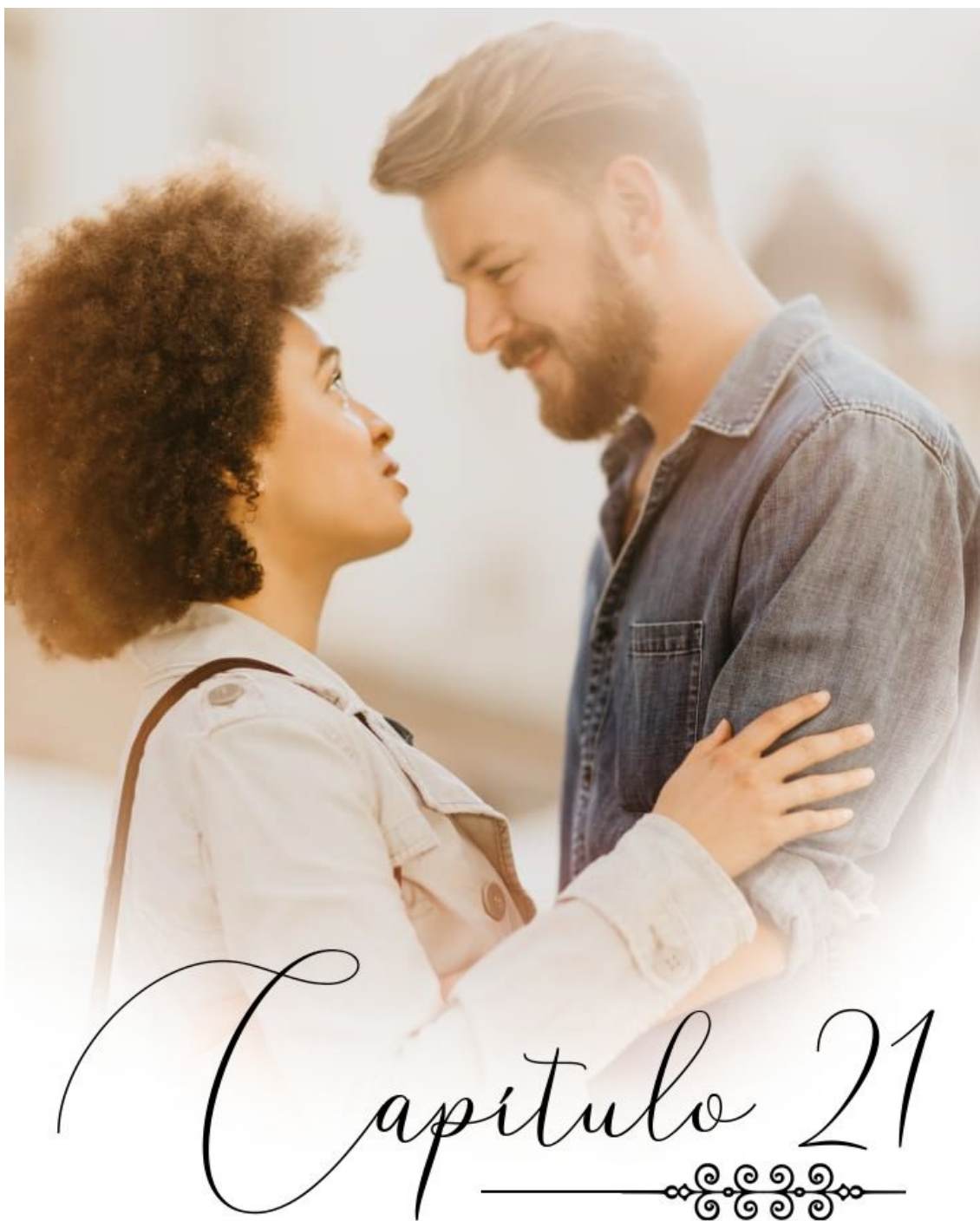
— Máximo, por favor, recepcione os convidados. Não estou com cabeça para atuar como anfitrião no momento. — Máximo lhe devolveu o paletó e deu uma batidinha no ombro do sócio.

Deixaram Dante ali pensativo sobre o que Rocco fez a Carla para

deixá-la naquele estado. As piores possibilidades passaram por sua cabeça. As piores violências. Nunca viu Carla tão indefesa e a vontade que tinha era de arrancar sob pancadas as respostas que precisava do próprio Rocco, mas aquela noite de inauguração da nova sede da construtora não era o local nem a hora mais adequada para isso.

Mas não adiaría muito mais esse confronto. E se o que imaginava se confirmasse, Dante não sabia dizer se seria capaz de parar enquanto Rocco ainda estivesse respirando.

Vestiu o paletó novamente, mas permaneceu mais um pouco ali na ampla sacada, respirando fundo e tentando recobrar seu domínio próprio.



Capítulo 21

CUIDADO COM O QUE DESEJA

— Máximo querido, o homem me disse que teria que trocar o alternador. Eu olhei para ele e pedi que ele me explicasse o que era isso. Sabe o que ele me disse?

Máximo Kobayashi estava sentado em uma mesa com cinco

mulheres elegantemente vestidas. Parecia que todas estavam muito interessadas em lhe dar atenção.

— Eu só preciso que a senhora assine a linha pontilhada autorizando a troca. Não vai adiantar nada explicar.

— Nossa! Que audácia! — disse Máximo em tom brincalhão, enredando um cacho do cabelo da morena entre os dedos.

— É o que se ganha ao tentar dialogar com esse tipo de gente. — Isadora olhou ao redor, notando a presença de Carla e falou alto o suficiente para que a ouvisse. — Eu jamais me presto a esse trabalho. A maioria deles não tem como chegar aonde estamos e tem inveja de nossa situação social. Cobram horrores por um serviço. Eu passei por algo assim quando fui comprar o uniforme da minha empregada. Não suportava mais aquela criatura de jeans e camisa branca andando pela minha casa. Escolhi um modelo discreto e simples. Me cobraram uma verdadeira fortuna.

— Mesmo, Isadora? Pode dizer quanto?

— Mais de trezentos reais.

Os presentes se entreolharam e tentaram disfarçar o riso. Aquele valor ela gastava, sem titubear, fazendo as unhas.

— O pior foi que o valor não batia com o que a empregada disse que seria quando foi tirar as medidas. Eles me disseram que se a empregada comprasse era mais barato. Conseguem ver o engodo? Isso é só para colocarmos mais dinheiro nas mãos das domésticas. Essa classe de gente é assim. Se eles não encontram um problema, inventam um. E se encontram, multiplicam os zeros que querem no cheque. Pensam que somos idiotas e que devemos aceitar a opinião deles. Eu fiz ela mesma pagar o uniforme — disse a mulher que Carla identificou como a mãe de Hélio.

Carla servia mesas próximas e não teve como não ouvir aquelas palavras. Sabia que todos tinham direito de expressar suas opiniões, mas isso não a impediu de se indignar com o que escutou. Recolocou seu melhor sorriso e prosseguiu focada em servir o jantar aos convidados. A mesa seguinte foi de onde veio esse diálogo, por isso, sorrir foi tão custoso para ela.

— Com licença. Boa noite a todos. Preferem peixe ou camarão? — disse sucinta e sem rodeios à mesa cheia de mulheres elegantemente vestidas, onde quase todas se desmanchavam trocando olhares com o vice-diretor da Albertine Construções, exceto Isadora.

— Olha só quem temos aqui — disse Máximo pondo-se de pé e despertando a curiosidade da mesa.

— Boa noite, senhor. Prefere peixe ou camarão? — repetiu Carla.

— Senhoras, vejam que sorte a nossa, estamos diante de uma dama

que entende muito de motores pelo que fiquei sabendo. Talvez ela possa sanar sua dúvida, Jojô, sobre o problema de seu carro — disse ele ignorando a pergunta de Carla.

— Sr. Máximo, me desculpe, mas tenho que atender outros convidados e eu não posso demorar. O senhor, com certeza, entende mais do que eu sobre o assunto. — E voltando sua atenção para as mulheres que a encaravam com curiosidade repetiu pela terceira vez: — As senhoras preferem peixe ou camarão?

— Carlinha, não seja modesta. Ouvi de fonte segura que devia te contratar para trabalhar no segmento de motores que comando. Eu insisto em saber sua opinião sobre um problema que minha amiga Jojô está enfrentando. Ela quer entender a funcionalidade de um alternador para um carro.

— Senhor, eu...

— Responda de uma vez, querida. Senão ele não vai deixá-la fazer seu trabalho. Acredite em mim. Eu sei como ele pode ser incansável quando quer — disse uma mulher com longos cabelos castanhos caindo sobre as costas. Ela sorriu maliciosamente para Máximo que deu uma piscada de olho para ela.

Que homem insuportável. Quem ele pensa que é para vir cheio de intimidades para o meu lado?

Carla vendo que a atenção agora voltava-se para ela, decidiu responder de uma vez. Recolocou o sorriso e disse para a mulher que a encarava insatisfeita de o vice-presidente ter saído de seu lado para dar atenção à Carla.

— Senhora, o alternador integra o sistema elétrico do carro. O mecânico errou em lhe negar esse esclarecimento. É bem fácil de entender sua função. Se o alternador não funciona como deveria, o carro simplesmente não anda; o limpador de para-brisa não funciona, o rádio também não, porque precisam de energia para isso. Então, se o alternador não funciona, a bateria não carrega. Pense nele como um gerador de energia. Quase como um carregador de celular. A diferença é que ele mantém a carga da bateria do veículo sempre completa.

— Mas porque meu carro deu problema se ele é novo em folha? Inclusive mandei instalar vários diferenciais nele. Até aqueles faróis de xénon que estão super na moda.

Carla assentiu e disse:

— Talvez aí esteja o problema, senhora. Itens que não são originais de fábrica podem comprometer a vida útil do alternador e da bateria. Seus faróis de xénon são bonitos, porém consomem mais energia que os originais. O alternador de um carro está preparado para suportar a energia dos componentes para os quais foi projetado. Quando a senhora alterou a configuração original,

colocando peças que precisam de mais energia, o alternador não conseguiu manter a bateria carregada como antes. Em seu lugar, eu substituiria, sim, o alternador e a bateria por uma com capacidade adequada às mudanças que fez no seu carro.

As quatro mulheres ficaram impressionadas com Carla, mas de formas distintas. A maioria achou admirável ela entender tanto de veículos, mas Isadora a via cada vez mais como uma ameaça, vendo que ela sabia despertar o interesse de pessoas de seu círculo de relacionamentos.

— Eu entendi. Entendi tudo o que ela disse. Queria que aquele homem tivesse me explicado como você fez agora... Carla, não é esse seu nome?

Ela assentiu sorrindo ao ver que as outras mulheres na mesa pareceram compreender perfeitamente o que ela explicou.

— Vejo que minha fonte é mesmo extremamente confiável. Apareça na divisão de motores, vou adorar trabalhar com você.

Carla não gostou da forma dúbia que ele falou e respondeu:

— Agradeço, Senhor Máximo, mas eu estou adaptada à minha função.

— Está dispensando uma chance de parar de limpar chão? — A bela loira olhava para Carla com desdém e ela simplesmente respondeu:

— Esse é o meu trabalho, senhora: limpar. — E olhando os demais colocou um sorriso no rosto e perguntou novamente: — Peixe ou camarão, senhores?

— Então é a companhia de Máximo que está dispensando, menina? Quanta falta de ambição.

— Isadora... — censurou o homem de traços orientais. — Não faça isso.

— Fazer o quê, Máximo? Só estamos conversando, não é, *Carlinha*?

— Sim, *Isadora*. Só estamos conversando — disse Carla respondendo na mesma moeda e vendo a loira rir ironicamente.

— Eu quero camarão — disse Jojô querendo desanuviar o clima pesado que se instaurou com as perguntas de Isadora. A mulher morena acabou por simpatizar com Carla e sorriu para ela.

— Eu também — disse Máximo. — Por que não senta e come conosco, Carla? Me dê a chance de convencê-la a ser *minha*... — A pausa proposital fez Carla ter vontade de bater naquele homem. — *Colaboradora*.

— Estou sendo paga para trabalhar, senhor, e já me demorei muito nesta mesa. Boa noite a todos e bom apetite.

Carla terminou de servir e saiu para atender outras mesas. Havia

repórteres circulando livremente, realizando entrevistas e disparando flashes a todo momento. Foi quando Carla avistou Olívia falando com Dante Albertine. Parecia lhe contar alguma coisa. Tentou encontrar uma brecha no seu trabalho para conversar com ela sobre Kionã, mas até agora não tinha conseguido.

Ainda não acreditava no que o sobrinho tinha sido capaz de fazer naquela tarde. Revoltado por não ir à festa, ele decidiu cortar o *smoking* com a tesoura em vários pedaços. Foi a primeira vez que teve vontade de bater nele, mas se controlou. Tomou uma decisão ainda mais drástica e sabia que seu irmão concordaria com ela. Assim, antes de ir trabalhar, informou Kionã que tinha tomado uma decisão definitiva sobre o comportamento dele. Ele seria transferido para a escola do bairro. Não estudaria mais no Santa Tereza. Precisava entender de uma vez por todas que aquela era a vida dele e que a tolerância dela havia chegado ao limite.

Como era de se esperar, ele esbravejou e disse muitas coisas que magoaram Carla. O garoto disse que ela não tinha o direito de tirá-lo da escola e colocá-lo em um pulgueiro. Gritou várias vezes que a odiava mais que qualquer pessoa no mundo. Disse que não tinha culpa por ter nascido em uma família como aquela e que não a chamou para a peça da escola porque sentia muita vergonha dela. Mas quando Kionã concluiu dizendo que nunca mais falaria com ela e que dali para frente fingiria que ela nunca existiu, Carla apenas disse: — *Cuidado com o que deseja. As palavras podem ser benção ou maldição em nossas vidas. Elas têm muito poder.* Carla agora teria que pagar pela reposição do smoking e sabia que desse modo precisaria recorrer ao dinheiro da gratificação daquela noite para pagar pela roupa. Chorou ao jogar fora os pedaços de tecido. Pensou no irmão e pediu forças para Deus. Faria mais horas extras. Tinha saúde. Trabalharia e conseguiria aquele dinheiro.

Ouvindo aquelas pessoas falarem de outras que julgam inferiores de forma tão banal não se enraiveceu. Sentiu pena deles. Nada mais além de pena.

Olhou para Olívia e estranhou quando a viu se aproximar tocando o braço de Dante Albertine para segredar algo em seu ouvido parecendo muito constrangida. Dante saiu imediatamente e Carla viu quando ela, antes de segui-lo, fez um gesto quase imperceptível a um dos repórteres. Aquilo intrigou Carla, pois, pouco tempo depois, o repórter seguiu na mesma direção. Aquilo a preocupou. Algo lhe dizia que ela deveria intervir de alguma forma, mesmo sem saber explicar, mas ainda tinha muitas mesas para servir.

Ela entrou e saiu da cozinha, no mínimo, doze vezes para reabastecer o carrinho que mantinha os alimentos quentes. Quando, enfim, terminou, sentiu as pernas pesarem e aproveitaria para tentar localizar Olívia. Ainda estava preocupada com o que viu, mas quando entrou na cozinha para

guardar o carrinho junto com os outros, após servir a última mesa do quadrante que lhe foi designado, lá estava Hélio em seu *smoking* e com um sorriso lindo no rosto.

— Querido, você não pode entrar na cozinha. É perigoso. Volte lá para a festa e fique com sua mãe e seu irmão.

— Eu falei a mesma coisa para ele, Carla — disse Vanessa não entendendo o que aquele menino fazia ali.

— Eu vim te buscar, Carla. É a hora da nossa dança. Você esqueceu? São nove horas — disse Hélio tirando a mão do bolso do *smoking* e mostrando o relógio do Garfield.

— É verdade — disse confirmando em seu relógio e, pensando no que precisava fazer, tentou convencê-lo a adiar um pouco mais. — Sabe, Helinho... acho que não tem ninguém dançando agora por conta do jantar.

— Eu já comi e a banda também. Eu já tinha combinado com eles. Assim ninguém atrapalha a gente.

— Como assim? O que está aprontando, moço? — disse ela sorrindo tirando o avental escuro do uniforme e o colocando sobre a ilha de aço inox que dividia a cozinha.

— Eles vão tocar qualquer música que *você* quiser — disse ele enfatizando o “você”. — Eles conhecem todas as músicas do mundo.

— Todas? — Carla fez cara de surpresa colocando as mãos nas bochechas.

— A maioria, pelo menos — disse ele rindo de seu próprio exagero e, estendendo o braço para ela, disse: — Me concede essa dança, Srta. Carla?

Carla colocou a mão no coração e seduzida por tanta fofura aceitou o braço do menino. Vanessa e Hanna, que ouviram a conversa, ficaram acompanhando os dois pelas janelas redondas de vidro da porta de vai e vem. Elas sabiam exatamente de quem aquele garotinho era filho e queriam assistir a tal dança.

— Já escolheu a música? — perguntou ele sorridente a conduzindo até o salão. Carla pensou por um instante e depois fez que sim o deixando ali e dizendo para o cantor que já estava preparado para atender ao pedido de música do herdeiro da Albertine Construções.

Ele sorriu para Carla para confirmar que conhecia a letra da canção que ela gostaria que cantasse. Assim, ela foi até o menino que colocou a mão em sua cintura como via fazerem nos filmes, mas Carla fez que não com a cabeça. Quando a música começou, o garoto colocou a mão no rosto e riu da escolha dela.

— Essa é uma das minhas canções favoritas no mundo todo! —

disse o menino. — Como você adivinhou?

— É uma das minhas favoritas também. — Ela admitiu já falando mais alto para ser ouvida. Sorrindo, o fez rodopiar e começaram a dançar a música “*Como um grande homem deve ser*”, tema da animação Tarzan, da Disney. Ele riu ao ponto de sua barriga doer dos passos engraçados que Carla improvisava e decidiu criar os seus próprios passos também.

De repente, outras crianças apareceram, atraídas pela canção. Não precisaram de convite e logo entraram na dança. Para eles, a festa começava agora.

O ritmo alegre pareceu contagiar alguns adultos que se levantaram para assistir a farra dos filhos com Carla. Crianças de idades diferentes dançavam e cantavam, parecendo conhecer bem a letra da canção.

Mas foi quando Carla viu o sorriso de Hélio, que não escondia como estava se divertindo e o brilho nos olhos daquele menino, que seu coração se enterneceu. O contentamento dele com uma simples dança era de uma pureza que tocou o coração dela.

Hélio gargalhou alto quando Carla o pegou no colo apoiando em sua barriga e pernas e o fez decolar voo literalmente. E como um avião, ele flutuou ao redor dela. De olhos fechados, Hélio se deixou levar por aquela sensação que nunca experimentou antes e abriu os braços. Para aquele menino era como se realmente estivesse voando por alguns segundos. E quando aterrissou, segurou a mão dela e continuaram a dançar agora abraçados. Olharam ao redor e viram a mesma alegria nos rostos das outras crianças.

A inocência infantil dava a todos que presenciavam a cena uma lição. Aquelas crianças ensinavam ali como algo tão simples como uma dança podia trazer tanto sentido à vida. Eles, sim, sabiam o que era ser livre. Livres para apreciar momentos como aquele, sem se preocupar em fazer papel de bobo. Sem se importar com o juízo que os outros fariam. Carla se divertia tanto quanto as crianças, ao ponto de se esquecer completamente de onde estava.

Dante Albertine voltava de uma discussão séria com o filho Aquiles que se afastou o máximo do pai quando voltaram ao salão, pretendia conversar com investidores no bar, mas ao ouvir as risadas infantis e a música, decidiu adiar a conversa para ver o que estava acontecendo. Caminhou em direção ao salão principal de onde vinha a música e viu que Tito, Margot e Valdelice mal conseguiam desviar o olhar da pista de dança, mas não tinha ângulo para ver o que os fazia sorrir daquela maneira. Aproximou-se um pouco mais. Foi quando ele viu Carla dançando com muitas crianças ao seu redor. O sorriso dela parecia hipnotizá-los da mesma forma que fazia com ele agora.

Aquiles também assistia à cena vidrado em cada movimento. O

jovem que estava tentando disfarçar o mal que as palavras do pai lhe causaram, sorriu ao ver como o irmão reagia àquela estranha que o segurava em seus braços e o fazia planar voo naquela dança boba, mas engraçada.

Quem é ela?

Nunca viu seu irmão caçula sorrir tão espontaneamente. Nenhuma sombra da tristeza que parecia perene em seus olhos. Ele dançava com mais de dez crianças que já estavam na pista de dança e todas cantavam a plenos pulmões a letra daquela música bonita e animada:

*A busca do saber
Vai mostrar a direção
Mas sempre ouvindo a voz do coração
Ah, e todos os seus sonhos
O que mais desejou
Vai virar realidade
Você já conquistou
Só você vai encontrar
Liberdade para viver
E um dia então será
Como um grande homem deve ser
Vai saber*

E assim, a música chegou ao fim e Margot, que já estava emocionada por conta de uma conversa reveladora que teve com Demétrius, puxou as palmas com os olhos marejados. Ela também nunca viu o sobrinho tão feliz, muitas pessoas aplaudiram e Carla então percebeu o que tinha acabado de fazer. Estava em seu intervalo, mas fez exatamente o que Marcela ordenou que não fizessem, ou seja, chamar à atenção.

— Foi muito divertido, Carla.

— Eu também achei, querido. Agora aproveite o restante da festa.

Ela abraçou Hélio bem apertado e beijou suas bochechas. Se despediu o deixando entre os amigos de sua idade. Procurou por Tito, mas o viu ocupado conversando com a mãe que o apresentava a uma bela moça que usava um lindo vestido perolado. Carla disfarçou seu embaraço e achou melhor voltar ao trabalho.

No caminho para a cozinha, recolheu uma bandeja vazia e, quando passava por um corredor de acesso a um jardim de inverno, alguém reteve sua mão. Pensou ser Tito, mas não era.

— Carla, podemos conversar?

— Dante, eu estava a caminho da...

— *Cosa intendi, Dante? Ora, qualche servitore ti chiama per*

nome?(Como assim, Dante? Agora permite que qualquer serviçal te chame pelo primeiro nome?)

Ambos se viraram e depararam-se com uma senhora sexagenária, com a expressão fechada, mas muito elegante parada logo atrás deles.

— Margarida, estou ocupado no momento. Podemos conversar um pouco mais tarde?

Carla percebeu que a senhora falava italiano, mas não compreendeu praticamente nada do que ela dizia.

— *Dare attenzione a una cameriera ora è più essenziale che parlare a sua madre, Dante?*(Dar atenção a uma criada agora é mais imprescindível do que conversar com sua mãe, Dante?) — disse a mulher olhando Carla de cima a baixo e vendo que o filho segurava a mão da moça. Carla puxou discretamente a mão, por não querer que a mãe dele tirasse conclusões equivocadas. Ela não parecia uma pessoa das mais agradáveis e dessa vez ela compreendeu bem o que a mulher disse.

A senhora não deve interferir em meus assuntos privados. Nos dê licença, mamãe.

— É assim que trata sua mãe depois de tudo que me fez passar? — Essas palavras foram ditas em português com sotaque característico e fizeram Dante parar. — Ainda não consegue ir à praia, não é mesmo?

Dante pensou em quanto tempo não ia até aquela praia. Anos. Muitos anos. Passava por lá indo e voltando de seu trabalho e outros compromissos, mas há mais de uma década não sentia a textura da areia sob seus pés e menos ainda a sensação de mergulhar e sentir a água salgada envolver sua pele. Afastou as lembranças da última vez que se divertiu fazendo isso, pois também foi o dia mais trágico de sua vida. Pesadelos com o acidente eram cada vez mais raros, a ponto de se esquecer da culpa que carregava durante o sono. Mas, todo dia precisava passar pela orla para ir trabalhar. Então, diariamente, a recordação o visitava. Ele não a evitava. Não fugia dela, mas confrontá-la estava além de sua capacidade. Um sinal de fraqueza como sua mãe diria.

— Mãe, isso não é hora nem lugar para voltarmos a falar desse assunto.

— Quero saber o que há entre você e essa... mulher?

— Minha vida pessoal não lhe diz respeito.

— Está com vergonha de assumir que está tendo um caso com essa empregadinha.

Foi a gota d'água para ele.

— Pois bem, mãe. Por que sente prazer em deliberadamente ofender alguém? A senhora é minha mãe e eu a respeito, mas exijo que refreie sua língua

quando se referir a Carla.

— Está para nascer o dia em que um filho vai me dizer o que fazer. Não tem vergonha de andar por aí para cima e para baixo com essa mulher de cor? O que as pessoas vão falar?

— Com licença — disse Carla. — Acho melhor ir para a cozinha e terminar o meu trabalho.

— Carla, não vá ainda, por favor. Preciso conversar com você.

— Deixe-a ir lavar os pratos. Parece que até ela conhece melhor o lugar dela que você.

Dante encarou a mãe com evidente fúria no olhar e enxergou o desprezo nos olhos escuros dela. Não se lembrava de ver amor ali alguma vez e nem sabia se seria capaz de amá-la também. Pensou em quem realmente importava para ele naquele momento. Dante Albertine decidiu abrir mão das amarras que o prendiam há muitos anos e fez algo que queria fazer há muito tempo. Foi até Carla que parecia revoltada por essa nova ofensa gratuita e que nem poderia rebater por ser a mãe de quem era. Correu o dedo pelo rosto dela e disse:

— Ela é vazia, Carla. Não sente nada além de mágoa. É diferente de você. Eu queria te dizer isso em outras circunstâncias, mas não consigo tirar você da minha cabeça.

— Que insanidade é essa agora? Desde quando você e... ela está grávida? Você foi estúpido o bastante para engravidar uma faxineira e logo uma escura? — A mãe de Dante falava, mas eles a ignoravam por completo. Olhavam no fundo dos olhos um do outro.

— Preciso saber como é a sensação de beijar você.

Carla ouviu aquelas palavras e não soube o que dizer e nem como reagir quando Dante gentilmente colou o rosto no dela. Desceu as mãos dos ombros até a curva da cintura de Carla e a trouxe para mais perto dele, sem desviar o olhar de sua boca para, sem pressa, colar os lábios nos dela e a envolver em seus braços.

Ela sentiu a textura doce do sabor de sua língua, mas não retribuiu o beijo. A princípio, aguardou para ver como se sentiria, mas nem seu coração nem seu corpo manifestaram nenhuma emoção ao ser beijada por Dante. Já sua mente estava confusa por não saber por que ela agiu dessa maneira. Suavemente como o beijo começou, ele interrompeu o contato de suas bocas e encostou a testa na dela. Seus lábios se curvaram em um sorriso triste. Afastou um pouco o rosto, antes de ter coragem de encará-la. Mas ele buscou em seus olhos algum sinal que lhe desse esperança e não encontrou. Carla viu um pedido de desculpas que não precisava de palavras e um misto de ego ferido e humilhação naqueles olhos.

Imaginou a amargura que ele deveria estar sentindo por ter se arriscado a fazer algo tão fora de seus padrões de comportamento e não ser correspondido e com o agravante de ter como plateia a mãe que era um ser humano desprezível pelo pouco que Carla conheceu. Refletir sobre isso a fez tomar uma atitude. Se agarrou à lapela do smoking de Dante, ficando na ponta dos pés e enlaçou o pescoço dele.

— Vamos fazer direito dessa vez — disse antes de tomar os lábios dele contra os seus e aprofundar o beijo sem pensar nas consequências. Entregou-se por completo. Imaginou que beijava alguém cheio de amor por ela e que ela também amava de todo seu coração. Supunha que no fundo o beijo que ele lhe deu não passava de uma retaliação contra aquela senhora racista e perversa de coração e alma, mas outras duas pessoas presenciaram aquele beijo.

Tito chegava naquele momento e assistiu à cena sem acreditar no que seus olhos viam. Quando a mãe de Dante esbarrou nele, sem se desculpar, ele nem percebeu quem era. Permaneceu ali no pórtico do saguão vendo como ela passeava os dedos pelos cabelos de Dante e como ele enlaçava a cintura dela a trazendo para si. Tito sentiu uma mágoa crescer em seu peito e saiu sem ser visto. A desilusão que levava consigo o atingiu como um golpe inesperado.

Nenhum dos quatro envolvidos notou a repórter que tirava fotos em seu celular e depois de fazer um pequeno vídeo enviou tudo para seu editor com a seguinte manchete:

A CINDERELA E O MILIONÁRIO: EM BREVE UM CASAMENTO DE CONTOS DE FADAS?

— Está se divertindo muito, Carla?

Carla acabava de entrar na cozinha com outra bandeja vazia. O jantar estava sendo servido e muitas pessoas foram para suas respectivas mesas.

— Eu não entendi o que q...

Marcela levantou a mão e a interrompeu dizendo:

— Levando em conta o tempo que passa conversando com os convidados e até mesmo com parte do conselho diretor, acredito que se julgue especial demais para obedecer minhas ordens como os outros empregados.

— D. Marcela, eu só quero fazer o meu trabalho. Só isso. Não me considero nem melhor, nem pior do que nenhum dos meus colegas e nenhum dos convidados. Se me dá licença — disse pegando mais uma bandeja e sorrindo para uma das moças da equipe de buffet.

— Chegamos ao ponto, não é mesmo? — Carla precisou retornar para não a deixar falando sozinha.

— Não entendo o que quer dizer. Do que se trata, afinal? — disse ela depositando a bandeja novamente na ilha de aço reluzente.

— Você se sente muito à vontade no meio de todo esse requinte e percebeu que esta noite seria a oportunidade perfeita de encontrar alguém que possa te proporcionar algo semelhante ao que viu aqui: roupas de grife, joias, uma vida sem preocupação com dinheiro ou contas no fim do mês.

Carla continuava impassível, pois entendeu qual era a questão ali.

— Estamos falando de mim ou da *senhora*? Talvez esteja me medindo pelos seus parâmetros e objetivos de vida. — Pela forma como Marcela franziu o cenho e parou na frente de Carla, ficou claro que ela estava certa. — Se tem algo a reclamar do meu trabalho, estou disposta a ouvir, mas dispenso qualquer comentário que não seja de ordem profissional.

— Como ousa me desrespeitar?

— Respeito? Como a senhora me diz algo assim e quer exigir respeito? Não tem o direito de levantar boatos ou fazer insinuações levianas sobre a vida dos outros.

— Levianas? Mas você não estava nos braços de dois homens diferentes até minutos atrás. Agora sabemos porque você é a queridinha da vez das contas bancárias milionárias presentes neste prédio. Você tem muitos protetores pelo visto. Tem as costas quentes, mas em troca tem deixado as camas dos homens certos bem aquecidas também, não é mesmo? Talvez nem se deem ao trabalho de procurar uma cama. Qualquer beco escuro ou estacionamento já está de bom tamanho. Já passou pelas mãos de quantos homens só hoje, Carla? Eu tenho observado: você flertou com aquele juiz; depois Rocco; Dante; Máximo. Que você escolhe seus potenciais candidatos pela conta bancária eu já percebi, mas eles não se incomodam em dividir?

Carla ouviu todas aquelas acusações sem se alterar. E quando Marcela sorriu vitoriosa de seu ataque gratuito, Carla respondeu:

— Não passei pelas mãos de ninguém e mesmo se tivesse passado isso não seria de sua conta. Eu cumprimentei algumas pessoas que vieram falar comigo. Eu não podia simplesmente dar as costas, como disse, somos a imagem da companhia. Com licença, *senhora* — disse pegando mais uma bandeja e já passando por Marcela.

Funcionários do buffet e garçons chegavam, mas ao se depararem com as duas mulheres, paravam ali mesmo perto da porta vai e vem. Em absoluto silêncio.

— A verdade a ofende, Carla? É por isso que está fugindo? —

Agora, diante de uma plateia, Marcela se sentiu ainda mais confiante.

— Fugindo? De quem eu fugiria? De uma mulher insegura e enciumada que se expõe ao ridículo aceitando migalhas de atenção de um homem que nunca vai assumir um compromisso com ninguém além dele mesmo? Aceite o meu conselho, porque ele é de graça: ao invés de perder seu tempo e energia comigo ou atacando pessoas humildes que dão duro para garantir o sustento, aprenda a se dar valor. Se respeite, *senhora*. Tente viver no mundo real. Está tão acostumada a esse mundo de aparências e tão presa a esses joguinhos de vaidade que se vê perdida quando todos esses subterfúgios e manobras não dão em nada. Mas levantar calúnias e expor alguém que não conhece apenas para desviar a atenção da situação vergonhosa em que se colocou, isso sim é fugir dos seus problemas. — Pegando mais uma vez a bandeja, Carla disse por fim:

— E só para que não haja dúvidas, não me importo com sua opinião ou com a opinião de outras pessoas obtusas como a senhora, porque eu sei quem sou. Eu sei o meu valor, como também sei que nessa vida só podemos dar o que temos. Se a senhora não tem respeito próprio como posso desejar que me respeite? Vou voltar ao trabalho. Não estou fugindo. Estou lhe deixando aqui sozinha com sua imaturidade, porque simplesmente não tenho mais nada a dizer.

— Carla, volte aqui — disse Marcela se contendo para não dar um vexame na frente dos demais funcionários.

Carla respirou fundo e retornou.

— Pois não? — disse pacientemente.

— Preciso que verifique no almoxarifado se temos um extintor extra. Verifique os agentes extintores na especificação. Precisamos de um de Água (H₂O), um de Gás Carbônico (CO₂) e outro de Pó Químico B/C. Fui clara?

— Mas a Brigada de Incêndio pode providenciar esse material. São extintores pesados para eu carregar sozinha e...

— A Brigada está quase que exclusivamente aproveitando a festa — cortou secamente Marcela. — Mas posso pedir que tirem seus trajes de gala e providenciem o que eu pedi.

— Não, não. Pode deixar. Eu vou buscar os extintores.

— Eu ajudo você, Carla.

— Ela é capaz de fazer sozinha. Sei que encontrará um jeito. Colocar em um carrinho, trazer a carroça do pai dela para cá.... Que seja. É uma moça tão... inventiva. Quero os extintores aqui em trinta minutos ou toda a equipe ficará sem a gratificação.

— Mas, D. Marcela... eu posso ir e a Carla fica trabalhando no

andar, senhora — disse Seu Nonato.

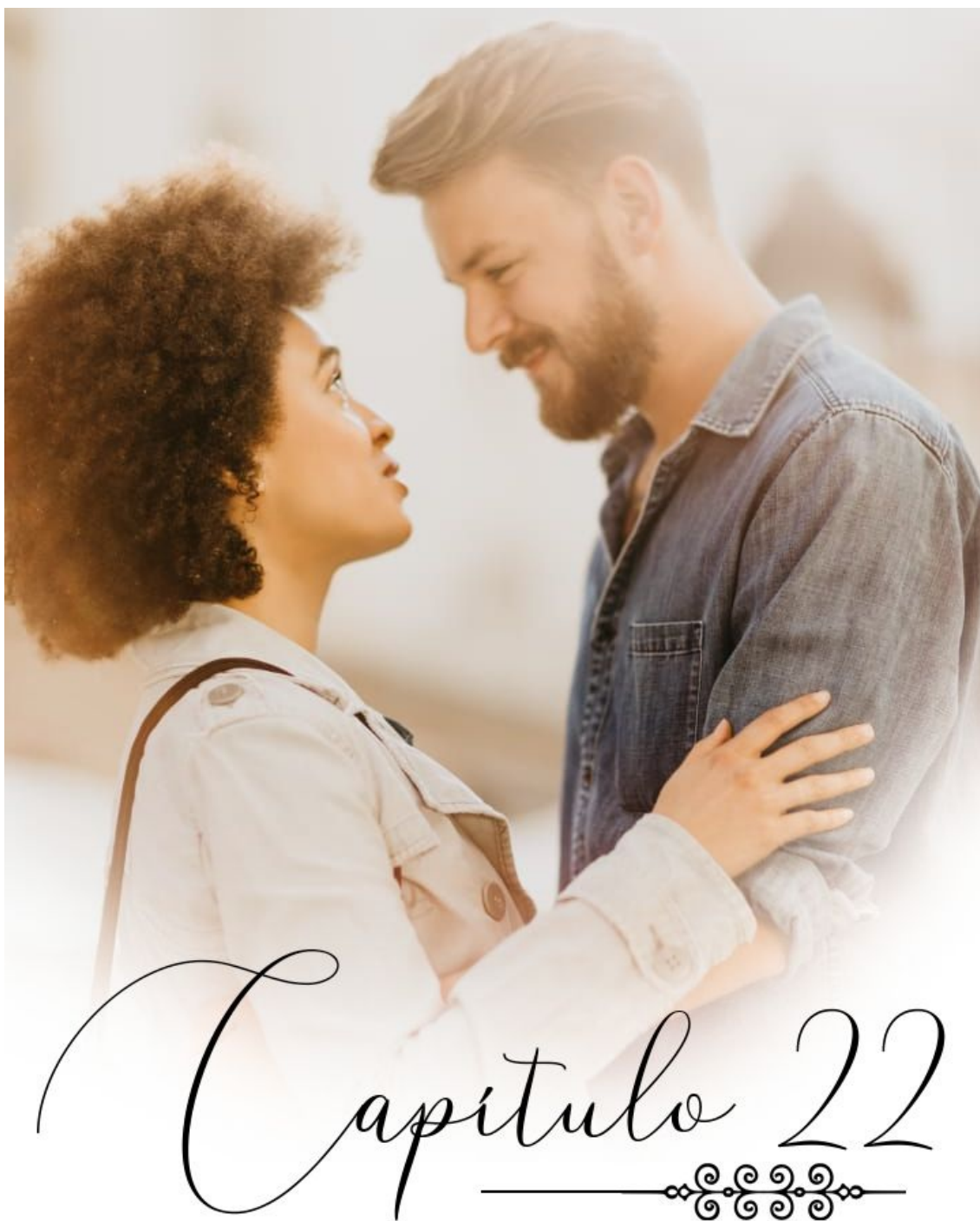
Marcela deu as costas e saiu andando. Sem olhar para trás.

— Isso está errado, Carla. Eu sou homem e posso carregar... Eu vou.

— Não, Seu Nonato. Eu vou.

Ele pensou por um instante e disse: — Não tente trazê-los pelo elevador de serviço. Coloque no elevador de despacho de comida. Ele fica bem próximo do almoxarifado, use um dos elevadores de comida e traz cá para cima mais rápido do que ela espera.

Em exatos vinte minutos depois, a estrutura do prédio começou a ruir e Carla logo descobriria que se não tivesse ouvido a sugestão de Seu Nonato, uma carga explosiva responsável pelo primeiro abalo na estrutura da nova sede teria ceifado sua vida em segundos.



Capítulo 22

QUANDO O MUNDO INTEIRO VEIO ABAIXO

Dante sentiu a fuligem entrar em seus pulmões. Tossiu. Não enxergava praticamente nada. Ouvia um barulho distante, mas não conseguiu discernir o que era. Um zumbido forte nos ouvidos o desnor-teava. Seus pensamentos estavam desordenados. Seus sentidos confusos. Sua percepção o

traía, pois não conseguia discernir onde estava. Mas não ao ponto de não perceber que abraçava alguém. Afastou-se devagar do calor daquele corpo e procurou entender o que estava acontecendo antes de tentar despertar quem quer que fosse que estivesse ali como um companheiro de infortúnio. Sabia que estava vivo, pois conseguia ouvir sua respiração compassada. A pessoa permanecia imóvel e inconsciente.

Seus movimentos eram muito limitados. Tentou abrir os braços, mas eles tocaram, sem abrir toda a envergadura, o que lhe pareceu um pilar do lado direito e um conglomerado de escombros que se afunilavam. Conseguiu identificar pedaços de concreto, um extintor de incêndio deformado e, bem próximo de seu rosto, algo pontiagudo.

— *Estamos soterrados.* — Admitiu para si mesmo sem enxergar quase nada ao seu redor. Tentou ficar de pé, mas suas costas e sua cabeça se chocaram contra o teto de escombros. Mas o pior foi a dor que veio de sua perna. Não conseguiu nem ficar sentado. Sua perna direita estava presa e o movimento o fez ser atingido por uma onda lancinante de dor. Dante voltou a deitar-se, procurando uma posição que não forcesse a perna e apoiou-se no cotovelo para tentar elevar um pouco o corpo. Logo foi descobrindo que a dor ao invés de abrandar pareceu se espalhar e sentiu ela se propagar por cada fibra do seu corpo. Tomou fôlego.

— *Algo estava errado* — pensou ele. — *Muito errado.*

Não sabia o que prendia sua perna, contudo a dor que sua tentativa de se mover provocou pareceu refletir até em sua coluna. Estava limitado a menos de dois metros quadrados de espaço. Pânico não ajudaria em nada.

Dante sempre foi um homem prático e considerou o que poderia fazer. Sabia que estava confinado, contudo não sabia dizer quanto tempo ficou inconsciente. Mas o que importava era que estava acordado agora.

Sua natureza o fez confrontar aquele sofrimento e reagir. Queria saber se seria capaz de mover o peso de cima de sua perna. Com esforço, esticou os braços até tocar algo sólido e percebeu que, na verdade, sua perna estava presa entre dois blocos de concreto. Com a perna livre, forçou um dos blocos. Tentou afastá-lo com toda a força que tinha, mas alerta para evitar um novo abalo naquela frágil estrutura. Tossiu muito e deitou-se novamente. A poeira ainda pairava no ar e dessa maneira era mais difícil respirar. Retirou a gravata borboleta do *smoking*.

Sabia que ter sua perna presa daquela maneira limitava suas chances de ser resgatado com vida.

O que experimentava naquele momento só podia ser descrito como caos. Era como a sensação de acabar de despertar após um pesadelo associada a

levar uma surra ao mesmo tempo. O caos quando misturado com a dor se tornava muito pior, refletiu Dante deitado de lado. Novamente aquele mesmo barulho distante, mas agora Dante conseguiu identificar, era seu aparelho de rádio. Sempre preferia rádio a celular, pois a conexão do sinal era muito mais eficiente e agora isso parecia se comprovar. Contudo, o aparelho não estava em seu bolso. Estava próximo, mas não via a luminosidade da tela.

— *Quantas pessoas poderiam estar na mesma situação? Aquiles e Hélio... sua irmã. Sua mãe... todos que significavam algo para ele estavam no prédio durante a inauguração daquele arranha-céu que seria a nova sede de sua empresa. Teriam sobrevivido? Teriam conseguido sair do prédio ou estariam todos...*

Dante afastou aquele pensamento sacudindo a cabeça. Os planos de contingência da Albertine Construções para possíveis situações extremas como aquela eram muito eficientes e a brigada de incêndio estava presente. Todos os funcionários foram convidados para a inauguração e ele cumprimentou vários dos que faziam parte da brigada. Em sua empresa, um a cada três funcionários recebia o treinamento adequado. A segurança de quem dependia dele era uma prioridade na qual Dante nunca economizava. Lembrou-se das últimas palavras que trocou com o filho mais velho.

— *Não me envergonhe. Não envergonhe o sobrenome que você carrega.* — Respirou fundo ao lembrar a expressão no olhar de Aquiles. Seu filho mais velho podia não concordar com ele, mas jamais o confrontava de forma desrespeitosa. Ele só queria aproveitar a festa ao lado daquela moça, mas se exibir daquela maneira não era típico de Aquiles. Dante, por vezes, se esquecia de que já foi um jovem que se encantou por uma bela garota. Agora, tudo parecia ter acontecido em outra vida, mas não conseguia lembrar daquele jovem Dante. Nem vagamente, apenas em seus pesadelos. Era como se ele nunca tivesse existido, pois com a morte de seu irmão Benício e de seu pai, Pompeu Albertine, seguidas das acusações de sua mãe, aquele jovem Dante pareceu apenas uma recordação nublada em sua mente.

Sua visão ainda turva não lhe permitia dimensionar quanto espaço tinha ao seu redor e, instintivamente, Dante permitiu que suas mãos o guiassem naquela escuridão, notou um único ponto de luz. Era uma pequena abertura próxima ao seu pé. Ele sabia a importância daquela brecha, pois caso aquela abertura fosse obstruída, sua única fonte de renovação de oxigênio seria eliminada. E tanto Dante quanto quem estava ali compartilhando o mesmo ar que ele, morreriam em uma questão de minutos.

Foi quando a imagem dos filhos veio nítida diante de Dante como se eles estivessem ali. Pensou em Aquiles e Hélio sendo criados por uma mãe

sempre ausente e que nem se dava ao trabalho de aparentar que eles eram importantes em sua vida. Isadora era assim. Lembrava das palavras de sua mãe quando soube que se casariam: *“Escolheu um sepulcro caído como esposa, Dante. Bela por fora, mas por dentro apenas podridão, mas a decisão cabe a você.”*

Apesar de não ser a mais carinhosa das mães, Margarida Albertine estava certa, afinal. Naquela festa de inauguração da nova sede da Albertine Construções, Isadora estava radiante em toda sua exuberância. Linda como de costume. Isso era inquestionável. Mas Dante há muito tempo se libertou do feitiço que a beleza da ex-mulher exercia sobre a maioria dos homens. A enxergava como ela era: uma mulher fria e desprovida de sentimentos por quem quer que fosse, até mesmo pelos filhos. Não a viu trocar mais do que um breve aceno de cabeça e um sorriso com Hélio. Para Aquiles, nem isso. A atenção dela voltava-se para a mídia que cobria o evento a convite de Marcela, de quem Isadora sempre foi próxima. Elas dividiam a atenção dos repórteres com outras mulheres elegantes presentes ali que ostentavam joias chamativas.

Dante se aborreceu ao perceber o desprezo de Isadora e do grupo de mulheres reunidas em círculo ao olharem seus funcionários vestidos de forma muito mais modesta, mas que eram convidados, na visão de Dante, muito mais bem-vindos ali do que elas, porque colaboraram muito para as conquistas da sua empresa. Ao contrário de Isadora e todas aquelas outras mulheres em seus vestidos de grife que apenas buscavam sair em destaque nas manchetes das colunas sociais. Não se dignavam a cumprimentar seus funcionários. Se comportavam como se pertencessem a uma casta superior e não concediam um segundo olhar a quem não julgassem merecedor.

Não podia morrer ali. Não podia deixar seus filhos à mercê de uma mulher vazia como Isadora. Eles eram bons meninos.

— *Meus meninos...* — Dante censurava-se por não ter agido diferente da maioria, que valoriza o que tem apenas quando está ameaçado de perder. — *Será que eu mesmo não me julguei superior também? Como se cometer esse tipo de erro não se aplicasse a mim.*

Aquiles e Hélio mereciam mais. Mereciam alguém que se preocupasse com eles e que demonstrasse que eram amados. Foi então que Dante caiu em si e pensou nele mesmo.

— *Eu demonstrei? Alguma vez, eu demonstrei que eles são importantes na minha vida?* — Aquela constatação o atingiu como um soco. Dante perdeu sua habitual calma naquele exato momento. Ele simplesmente não podia se entregar e morrer ali. Não podia deixar que seus filhos pensassem que não os amava. Eles precisavam saber que significavam tudo na vida dele. Pois

era assim que sempre se sentiu. Pensou na conversa que teve com Aquiles e de como foi duro com ele.

“Não me envergonhe.”

Precisava sair dali. Não podia permitir que aquela fosse a última recordação que seu filho teria dele. Seus filhos eram a melhor parte de sua existência. Por mais que não conseguisse ser um pai afetuoso, os amava mais que tudo na vida.

— *Eu me orgulho de você, meu filho. Me orgulho muito de vocês dois* — disse Dante desejando em uma prece poder dizer isso pessoalmente aos seus filhos. Tinha algo que precisava muito fazer. Algo que chegou a acreditar que seria um sinal de fraqueza, mas que aprendeu naquela noite que era apenas o ato mais completo de demonstração de sentimento.

Precisava alcançar seu rádio. Ele estava por perto. Reconhecia agora o barulho que ouviu quando despertou. Era o sinal do aparelho. Dante então se esforçou mais para libertar sua perna dali. Chutou com força o bloco de concreto ignorando a cautela dessa vez. Mas a dor lancinante que sentiu quando os blocos se movimentaram o fez gritar de dor.

— Argh! DEUS!!! — Foi possível ouvir o barulho do osso sendo quebrado. Dante tomou fôlego várias e várias vezes. Sentiu a vertigem de um iminente desmaio. Era apenas um gatilho de seu corpo para a dor que o tomava e sabia disso, mas não podia ficar inconsciente novamente. Tinha que ficar atento caso alguma equipe de resgate se aproximasse de onde estava.

Dante se sentiu um fraco por ser incapaz de reverter aquela situação. Seu destino não estava mais em suas mãos. Se sentiu vulnerável e essa sensação era algo que não experimentava há muitos anos.

— *Fique acordado, Albertine. Não durma... Já quebrou um osso antes* — disse para si mesmo.

Para Dante, era quase inconcebível não estar no controle da sua vida. Ele se sentia refém daquela situação e era algo que ele nunca havia vivenciado antes. Lutava contra a dor que pareceu se espalhar rapidamente por toda a extensão de sua perna e fragmentos de lembranças daquela tão esperada noite de inauguração da nova sede da Albertine Construções bombardearam sua mente. Aos poucos, as recordações foram se multiplicando. Primeiro, lembranças isoladas que se misturavam, vindo como *flashes* e se apresentavam de forma confusa. Dante lembrou o olhar vazio de sua mãe para ele; a discussão que teve com Rocco e Marcela; lembrou-se de Máximo fazendo o brinde; os sorrisos; a dança com sua irmã Margot; o primeiro abalo que foi sentido e fez a música parar; a brigada de incêndio assumindo postos e ele quebrando o vidro do alerta de emergência que acionaria o Corpo de Bombeiros rapidamente.

Esse primeiro tremor na estrutura da nova sede, foi seguido por um abalo ainda mais forte, que fez com que dois lustres do requintado salão de festa se desprendessem e se espatifassem no chão, fazendo assim com que o pânico rapidamente se instaurasse. Muitos gritos e desespero. Os olhos de Dante procuraram imediatamente seus filhos, viu Hélio com expressão de medo agarrado à Margot que tentava acamá-lo. Aproximou-se deles já lutando contra a multidão que corria em direção à saída mais próxima.

Bastou uma troca de olhares entre ele e a irmã para que ela compreendesse o que deveria fazer. Mas Dante não avistou Aquiles. Ele não estava ali no andar térreo. Soube que ele tinha descido ao estacionamento atrás de uma garota e então confiou a Máximo e a Demétrius seu filho caçula, sua mãe e irmã e foi buscar seu outro filho. Telefonou para o celular de Aquiles, mas caiu na caixa postal.

Nunca sentiu tanto medo em toda a sua vida. Os dois andares subterrâneos onde ficava o estacionamento era o pior lugar para se estar em caso de desmoronamento.

Optou pelas escadas, pois em circunstâncias como aquela jamais poderia fazer uso dos elevadores. Dois andares abaixo do nível térreo era onde ficava o estacionamento e começou a gritar o nome do filho. Facilmente chegou ao seu carro, mas Aquiles não estava dentro dele. Gritou com toda força de seus pulmões e correu entre os carros tentando ver algum movimento dentro deles. Não sabia mais o que fazer. Não iria embora até encontrar Aquiles. Desceu até o último andar do subsolo e novamente chamou por seu filho.

— *Meu Deus, me ajude. Meu filho... por favor... Proteja o meu filho.*

Ouviu passos apressados. Alguém correndo. Viu uma moça usando roupa de garçoneiro e tentou identificar quem era de longe, mas foi quando, em efeito cascata, as luzes começaram a se apagar e o teto começou a ceder. Correu e se jogou sobre ela. Mal teve tempo de impedir que uma das colunas de sustentação, de quase meia tonelada, caísse em cima da moça. Ele a reconheceu facilmente neste momento: era Carla. Um pouco antes, ela estava em seus braços. O que ela fazia ali? Mas em segundos tudo escureceu.

Lembrava agora quem era a pessoa ao seu lado. Apoiou-se em seu cotovelo, a sua cabeça estava a poucos centímetros de bater no teto daquele instável refúgio de concreto e foi com dificuldade que virou o corpo um pouco mais em direção a Carla.

— Carla, consegue me ouvir? — perguntou ele gentilmente, ao mesmo tempo em que tentava alcançar a face de Carla que permanecia desacordada ao seu lado. — Carla, acorde. Fale comigo. — Por um instante, Dante pensou se não havia agido com negligência ao deixar de averiguar se ela

não tinha sofrido nenhum tipo de trauma interno. Sua razão o orientou a analisar todas as circunstâncias antes de acordá-la, pois sabia que pânico era o que não precisava naquele momento.

Com cuidado tocou o corpo ao seu lado. Percorreu as costas e viu que estava de bruços. Lembrou-se do beijo que trocaram e de como foi bom beijar Carla. Foi tão bom que ele a beijou novamente, embora não entendesse o que era aquela força que o impelia a não querer sair de perto dela. Ela ocupava seus pensamentos há dias e tudo que aconteceu entre os dois naquela noite foi muito surpreendente para ele. Foi então que Rocco e Marcela apareceram.

Sentia-se mesquinho e egoísta por desejar, ao mesmo tempo, que ela estivesse a salvo, e sentir esse alento por ter Carla por perto. O ideal seria que mais ninguém passasse por aquele infortúnio, porém sentiu seu ânimo se revigorar e sabia que se sentia assim por causa dela.

— Carla, está me ouvindo. — Dante temeu que ela tivesse batido com a cabeça forte demais quando se jogou sobre ela. Milhares de possibilidades passaram por sua cabeça.

E se, por conta disso, ela não resistiu?

Aquele pensamento fez Dante ignorar todos os protocolos e esticando-se tocou-lhe a lateral do rosto. Tocou-lhe os cabelos como fez horas atrás, não para ter certeza que era mesmo Carla Faustino que dividia aquele cubículo com ele, mas para tentar despertá-la de qualquer maneira. Ela tinha um corpo pequeno e até delicado. Sentiu que conseguiria virá-la e fez isso bem devagar. Contudo, precisou empregar muita força para evitar movimentar a perna machucada. Mas foi em vão, pois o esforço que fez teve reflexos em sua perna direita e foi entre gemidos de muita dor contida que Dante terminou a tarefa. Temia que sua perna fosse esmagada pelo peso do concreto a qualquer momento. Não sabia se se sentia grato por não estar ali sozinho ou se sentia pena da mulher que ainda não tinha consciência do tamanho da tragédia para qual foi tragada. Culpa dele.

— Carla. Acorde... — O pedido dele soou quase como uma súplica e, como se atendendo ao seu pedido, ela respondeu.

— Senhor Albertine... é o senhor? — A voz dela soou baixa e fraca.

— Sim, Carla. Sou eu. — Ela acordar e ainda reconhecer a sua voz fez com que as esperanças de Dante se avivassem.

— Foi verdade, então? Tudo... desmoronou mesmo? — A tosse abafada que se seguiu fez o corpo dela sacudir e ele a amparou. Havia muita poeira no ar, o que fazia com que respirar fosse uma tarefa difícil.

— Carla, você está bem? Sente alguma dor? Venha. Eu te ajudo — disse ele apoiando a cabeça dela em seu ombro.

— Estou bem. Eu acho... Só sinto um zumbido irritante no ouvido.

— Precisamos manter a calma. Logo você estará segura. As equipes de resgate já devem estar à procura dos desaparecidos...

O silêncio se abateu sobre eles. Pensavam a mesma coisa. Quantas outras pessoas estavam na mesma situação que eles? Ou pior.

Carla levou algum tempo para refletir sobre a magnitude do que aconteceu a eles. Sentiu-se grata por ter deixado Kionã de castigo. Ele queria muito ir àquela festa. Tocou o broche de sua mãe sobre o avental e, por algum tempo, ficou em completo silêncio como o seu chefe. Não havia muito o que fazer.

— Não se culpe, Sr. Albertine... não foi culpa sua — disse como se lesse sua mente.

— Isso não é algo discutível, Carla. A segurança dessa estrutura era *minha* responsabilidade. E eu falhei. E muitas vidas podem ter se perdido por minha causa... — Carla notou o tom de pesar na voz daquele homem e sentou-se com as pernas cruzadas, saindo de seu abraço protetor.

— Cuidado. Há um vergalhão à nossa esquerda. Pontiagudo. O espaço é ínfimo e...

— Sr. Albertine, não estou dizendo isso para que se sinta melhor. Estou dizendo porque eu sei. Eu vi a primeira explosão.

— Explosão? Do que está falando? — Dante Albertine se movimentou e com a dor grande que sentiu não foi possível sufocar o gemido.

— Está ferido? O que o senhor está sentindo?

— Minha perna... está presa e acho que quebrei tentando me soltar.

A adrenalina que já corria rapidamente nas veias de Carla a deixaram ainda mais alerta ao ouvir aquelas palavras.

— O senhor trouxe seu celular? — Só agora a ideia passou pela cabeça dela. Os funcionários do buffet não podiam fazer uso do aparelho, por isso o dela ficou em um armário como os dos demais trabalhadores da Albertine que aceitaram o convite para atuar com a equipe de buffet em troca de um pagamento extra. Carla nem pensou duas vezes.

— Meu rádio deve ter caído quando...

— Quando me salvou. — Completou ela sorrindo, pois se estava viva, sabia que devia isso a ele.

— Carla, tente evitar movimentos bruscos — disse ele percebendo que ela começava a procurar pelo rádio. — Essa estrutura é muito instável e pelo que percebi ela tem pouco mais de um metro de altura e de comprimento menos de dois metros. É quase um...

— Por favor, não diga essa palavra. — Sabia que parecia que

estavam enterrados vivos, mas não queria ouvi-lo dizer isso. Não aceitaria essa sentença de morte, enquanto tivesse vida dentro de si. — Vou procurar seu rádio. Preciso de luz para tentar soltar sua perna.

— Eu já tentei — disse ele. — E foi assim que eu a quebrei. Tente encontrar para alertarmos os bombeiros de onde estamos. Podemos ajudá-los a nos encontrar. Eu sei que ele está perto porque consegui ouvir ruídos dele, mas não consegui discernir de que direção vinha o som.

— Tomara que ainda tenha bateria — disse ela. — A equipe de limpeza não pode usar celular e D. Marcela disse o mesmo para os funcionários que atuavam na equipe do buffet... De qualquer forma, ele está com a tela quebrada, tem números no visor que não funcionam e o número 1 é um deles. Não poderíamos ligar para os bombeiros de qualquer jeito.

— A bateria do meu rádio dura dias sem precisar recarregar. Se ainda estiver funcionando, podemos informar à equipe de resgate sobre nossa localização.

— *Quem tem dinheiro é outra coisa...* — sussurrou ela mais para si.

— O que disse? — Dante fingiu não ter ouvido. Ela era divertida, mesmo em uma situação como aquela.

— Nada. Só pensando alto.

Carla engatinhava procurando primeiro do lado onde estava. Levantava qualquer pedaço de bloco ou de entulho em busca do aparelho. A vida deles podia depender daquele rádio e, por mais que tentassem não transparecer, ambos sabiam que havia uma grande chance de não sobreviverem àquela tragédia. Virou bem devagar e procurou perto de onde estavam seus pés também, mas não encontrou o aparelho.

— Vou precisar passar a minha perna e...

— Eu sei... tudo bem — disse Dante vendo o constrangimento em sua voz e tentando parecer o mais neutro possível.

Carla passou uma das pernas por cima dele e começou a procurar o aparelho daquele lado.

Dante sentia a respiração dela e o calor do corpo delicado em cima do seu. Aquilo quase o fez esquecer a dor da perna quebrada.

— Estou incomodando muito, senhor?

— Sim.

— Eu vou tentar passar a outra perna então e...

— Me incomoda que me chame de senhor depois de eu ter pedido para não fazer isso. E principalmente depois de eu ter beijado você. Duas vezes.

Eles ficaram em silêncio e Dante pensou que a moça tivesse ficado constrangida e se arrependeu por ter dito o que disse.

— *Por que perto dela ajo como um adolescente falando tudo que vem à minha cabeça?* — Ajuizou Dante. Assim, Carla pensaria que estava flertando com ela. E estava? Não sabia dizer e por isso se desculpou:

— Me desculpe, Carla. Eu não sou como o Máximo e...

— Não se desculpe, *Dante* — disse ela o chamando pelo nome pela primeira vez. — Somos adultos e entendi por que me beijou. Está tudo bem.

— Entendeu?

— Sim. Depois do que a D. Marcela e o Rocco disseram e fizeram e, então, sua mãe... Eu entendi. Quis me proteger. Como agora.

— Na verdade, eu... — Se interrompeu depois de refletir sobre o que ia dizer. — Você não se sente intimidada quando está perto de mim? — Quando Dante percebeu, a pergunta já havia saído de sua boca.

— *Intimidada?* Com você? Por que eu deveria? — perguntou ela de forma tão inocente que ele respondeu do modo mais franco possível.

— Não deveria, mas a maioria das pessoas reage de forma diferente quando eu estou por perto e você está literalmente montada em mim e age com tanta naturalidade.

— Ah! Isso é verdade. Tem algumas meninas da limpeza que quando veem o senho... quando veem você, se puderem dão meia volta. Acho que você inspira um pouco de medo nelas.

— E você não sente... medo de mim?

— Não. Nunca senti medo de você. Mas fiquei apavorada quando me demitiu. Esse emprego é muito importante para mim e para minha família... entende? — Ela não podia ver quase nada do perfil dele, por conta da escuridão lá dentro. — Mas não tenho medo de você. Eu respeito quem trabalha duro e o senhor... você quase não tem dormido esses dias revendo todas aquelas plantas. Fica tão envolvido que esquece de que precisa descansar. — Carla prosseguia com sua busca e suas palavras faziam Dante esquecer onde estavam.

— E como sabe disso? — perguntou ele curioso notando que ela tentava manter a calma como ele mesmo fazia.

— Eu tenho feito horas extras nessa última semana e sempre te vejo trabalhando sozinho naquela sala de reunião que é toda de vidro. Teve um dia que até adormeceu e... — Nesse momento Carla se interrompeu.

— Então foi você que entrou lá enquanto eu dormia e me cobriu com o casaco? — questionou Dante, fazendo-a parar de levantar uma pilha de pedaços de blocos com cuidado para não afetar a estrutura principal.

— Eu apenas cobri porque o ar-condicionado central é muito forte e o senhor poderia amanhecer gripado. Eu não mexi em nada. Eu não faria...

— Não sumiu nada, Carla. Você não está sendo acusada de nada.

Eu... agradeço por ter feito isso. Pensei que tinha sido a Valdelice. Ela é meio mãe de todo mundo.

— Eu gosto muito dela e a D. Valdelice também não tem medo de você. — Pelo tom de voz, ele percebeu que Carla sorria.

— Ela não tem medo de ninguém. É uma das qualidades que admiro nela.

Nesse momento, Carla se debruçou para tentar procurar acima da cabeça de Dante e o movimento ritmado de seu corpo começou a despertar nele algo muito inapropriado para aquele momento. Então, ele procurou um assunto no qual pudesse se concentrar.

— Carla, você e o... Gustavo Grael se tornaram... amigos, não é mesmo?

— Você quer saber se o que a D. Marcela disse na festa é verdade? Quer saber se me prostitui? Pode perguntar diretamente, Sr. Albertine. Eu já ouvi essa pergunta algumas vezes aqui na empresa.

— Eu nunca pensaria algo assim a seu respeito e quem tem feito essa pergunta além de...

— Eu gosto muito do Gustavo. — Cortou ela. — Ele é uma boa pessoa. E tem se mostrado um bom amigo. O meu melhor amigo é homem, também. Se chama Xandinho. Eu tenho amigos homens e não entendo porque sempre isso é visto de forma maldosa. E eu não tenho interesse nenhum no Gustavo e ele também me vê apenas com uma amiga.

— Você é uma moça ingênua. Eu conheço o Grael há muitos anos e ele...

— *Eu sei.*

— Sabe? O que você acha que sabe, Carla?

— Gustavo me contou porque você o odeia tanto.

— Com certeza, Grael deve ter dado a perspectiva dele para você encarar isso com tanta naturalidade.

— Dante, ele não maquiou a situação. Ele acha que o que fez não tem perdão. E realmente o que Gustavo fez foi... terrível. Eu não consigo imaginar o sofrimento dela... o seu e de sua família, mas acho que todas as pessoas que se arrependem podem ter uma segunda chance de retomar suas vidas.

— Faz parecer tão fácil. Você não sabe nada da vida, Carla — disse Dante duramente, mas logo se arrependendo, pois de forma recorrente se esquecia de que ela já havia passado por provas severas, apesar de ser tão jovem.

Carla com gentileza tocou o rosto de Dante com ambas as mãos e sua voz soou tranquila quando disse:

— Posso não ter sua experiência de vida, mas eu sei o que significa ser obrigada a se submeter à vontade de alguém. Entendo bem o que ela passou. Como também sei que dói muito ver alguém que amamos sofrer sem que possamos fazer nada. Saber que quem amamos ainda terá que carregar um estigma pelo resto da vida é muito mais que frustrante. Eu sei que ele errou muito.

— Eu não quis ser rude, Carla, mas o que aconteceu entre mim e Graael não é algo que eu queira discutir com ninguém. Agradeço se não tentar defendê-lo. Gosto de sua companhia, mas admito que sua amizade com ele me preocupa.

Ela apoiou os braços em seu peito e disse espontaneamente:

— Também gosto de sua companhia, Dante. Vamos sair daqui e acho que poderemos ser amigos, embora você seja o meu chefe — disse em tom de brincadeira. — Minha mãe sempre me disse que amigos nunca são demais e como não há risco de acontecer nada entre nós, acho que poderíamos, sim, nos tornar bons amigos.

Não passou despercebido para Dante o que ela disse a respeito de saber o que é ter que se submeter à vontade de alguém. Quis perguntar se alguém a havia assediado de forma invasiva e hostil, mas não julgou apropriado. Ainda. Contudo, se viu impelido a perguntar:

— Quando diz que não há risco de haver algo entre nós, logicamente se refere à nossa diferença de idade? — perguntou quando ela se levantou de cima dele e se sentou ao seu lado para procurar, do outro lado, o rádio.

— Não. Idade não seria um problema, Dante. Eu só não sinto nada por você — disse ela em sua forma tão franca e inocente de sempre que nem percebeu que afetava o brio masculino de Dante.

— *Nada?* — repetiu ele, lembrando que ela não correspondeu aos seus beijos com tanto entusiasmo realmente.

— Quer dizer... nenhum interesse romântico, por isso acho que poderemos ser amigos, como eu sou amiga do Gustavo.

— Ah! Compreendo... eu percebi como você e o juiz Tito...

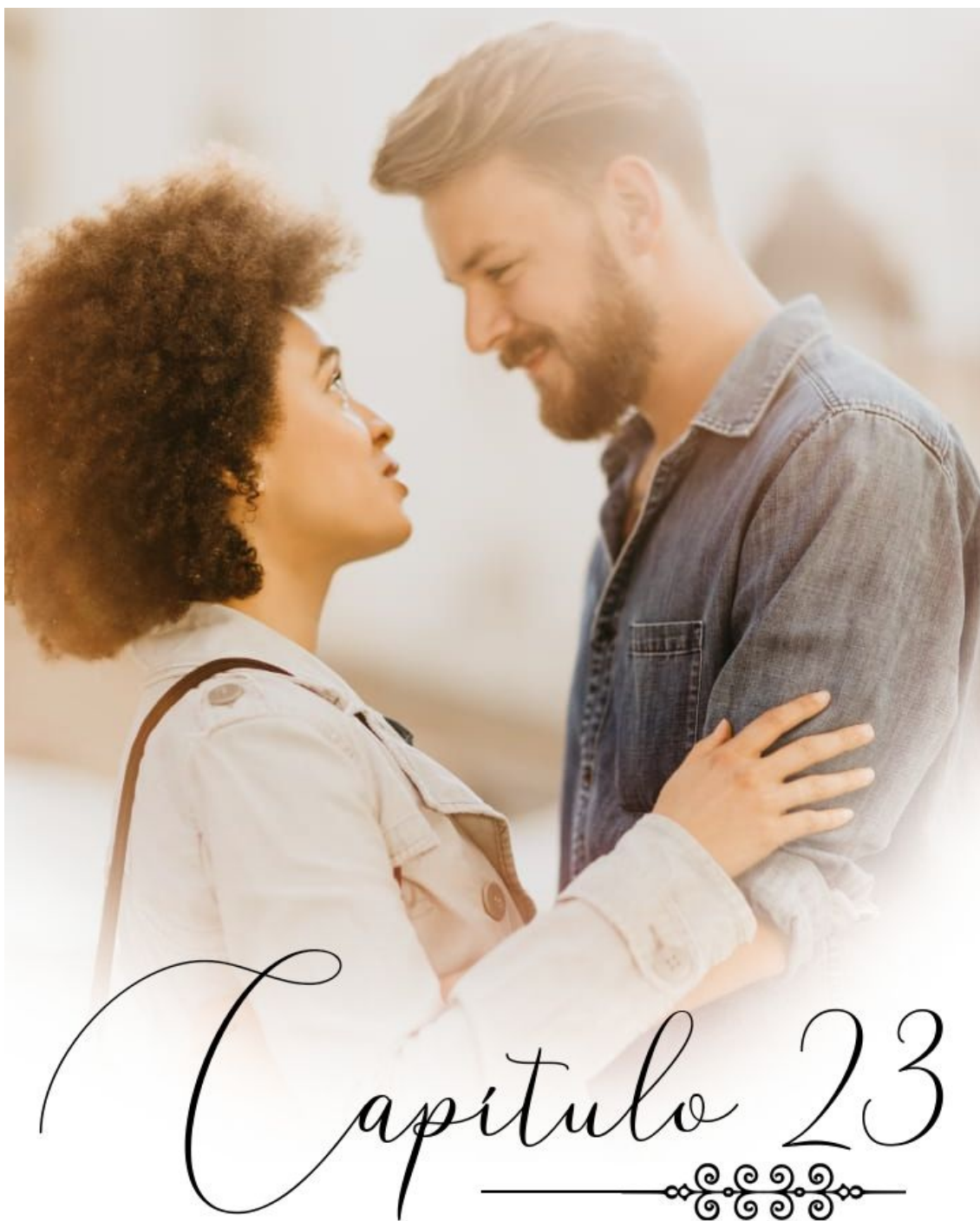
— Achei! — Ela deu um grito de contentamento ao acender a tela do aparelho.

O tamanho da emoção que Dante Albertine experimentou naquele momento, quando ela discou 193 e a tela iluminou seu rosto, não pôde ser definido em palavras. Ele sorriu. Mesmo que ela não pudesse ver. O homem que nunca sorria estava sorrindo por ela o fazer se sentir vivo e por parecer tão otimista em uma circunstância tão desfavorável. Dante sorria, especialmente, por

não estar sozinho, mesmo que ela não sentisse nenhum interesse romântico por ele. O que era justamente o contrário de como Dante se sentia.

Aquela moça o intrigava de um modo que não sabia explicar. Ela era diferente de todas as mulheres que já conheceu. Dante pensou em como a vida era imprevisível. Pensou nas circunstâncias que levaram aquela moça simples a ganhar espaço na vida dele de uma maneira tão inesperada. Ela não fazia jogos. Dizia abertamente o que pensava até quando era hostilizada como aconteceu horas antes.

Dante observou o sorriso de ânimo no rosto de Carla, enquanto ela aguardava a chamada ser atendida pelo Corpo de Bombeiros. Dante então se pôs a recordar de como aquela noite fatídica começou.



Capítulo 23

A VIDA POR UM FIO

O olhar analítico do primeiro-tenente Inácio Valentim varreu a área da tragédia diante de seus olhos quando ele se identificou aos policiais que mantinham o perímetro isolado. Levou alguns segundos para capitalizar a dimensão daquela catástrofe. Ainda usava suas roupas civis, mas tirou do carro o

fardamento reserva que sempre carregava onde quer que fosse. Não era a primeira vez que uma emergência alterava seus planos. Vestiu-se rapidamente, pois precisava agir mais uma vez. Não foi necessário se aproximar mais do que duzentos metros do local para ser atingido pelo cheiro ocre de sangue que era transportado pela enorme nuvem de poeira que ainda pairava como um espectro naquele local.

Mas, apesar disso, um número considerável de curiosos se acotovelava para ter uma melhor visão do desmoronamento e dividiam espaço com os repórteres que já faziam a cobertura do ocorrido. Aquele oficial do Corpo de Bombeiros ainda se surpreendia com a aptidão do ser humano de transformar a tragédia alheia em espetáculo. Observou os cordões de isolamento que delimitava o avanço e o apoio da polícia que inibia a aproximação de pessoal não autorizado.

Ouviu a notícia do desabamento em uma das televisões do restaurante onde estava e em segundos seu telefone tocou. Não titubeou. Mal se despediu da moça que foi conhecer naquele encontro, quando soube qual prédio desabou no Flamengo. Por telefone, ele deu ordens claras de que fosse dobrado o raio da área de segurança e de que bombeiros de todas as brigadas da Zona Sul fossem convocados imediatamente. E assim foi feito. A carreira de bombeiro militar requeria muito sangue frio para analisar situações de caos como essa, mas ver aquela enorme quantidade de pessoas feridas e sendo tratadas pelos paramédicos ali mesmo e aquele número infinito de ambulâncias refletia a gravidade daquela tragédia.

Olhou ao redor e teve a impressão de ver um cenário de guerra pela quantidade aterradora de feridos que eram atendidos naquele momento. Viu marcas de sangue no asfalto misturado à fuligem dos escombros. O tenente pensou na fragilidade da vida. Uma grande comemoração se transformava em caos e desespero. Sabia que passar por uma situação trágica como aquela fazia as pessoas refletirem sobre suas vidas e prioridades. Ele mesmo passou por algo assim. Quando a vida está por um fio, tudo muda.

— Tenente, eu precisei chamar o senhor. O major está fora da cidade e o senhor é o segundo no comando — disse um bombeiro se aproximando e o tirando de sua reflexão. — Nós... eu... em quase vinte anos na corporação, nunca tinha... — A voz do sargento saiu abafada pela máscara que usava e o homem a retirou parando diante de seu superior. Eles se entreolharam e depois se voltaram para as vítimas e viram as feições de desespero dos sobreviventes que foram resgatados e recebiam atendimento. Muitos em macas improvisadas pelo chão e outros já sendo levados pelas dezenas de ambulância que não paravam de chegar e partir distribuindo os feridos pelos hospitais da

cidade e região metropolitana do Rio de Janeiro. O nervosismo do experiente sargento era notório e a desorientação estava nítida em sua expressão. Inácio, mesmo sendo o oficial a comandar o resgate, não escondeu o impacto que aquela visão lhe causou.

— Está tudo bem, Brites, mas agora é hora de termos foco. Preciso que esteja cem por cento aqui comigo — disse o tenente Inácio colocando a mão no ombro do sargento compreensivo. Terminou de vestir o casaco do fardamento, colocou o capacete e a máscara fornecida pelo subordinado. — Vejo que as equipes extras já chegaram e que todos estão seguindo minhas instruções, mas me atualize sobre a situação.

Inácio precisava reunir o maior número de informações para só então decidir por um plano de ação.

— Há mais de quinze anos não enfrentamos um desabamento nessa magnitude, tenente. Esta seria a noite do evento inaugural do edifício, senhor. O que torna tudo mais delicado. Por ser um fim de semana, o trânsito colaborou para que as equipes chegassem e se organizassem rapidamente, mas como o número de convidados e equipe de trabalho ultrapassam trezentas pessoas, ainda não conseguimos descobrir o número exato de desaparecidos, mas já sabemos que há pessoas soterradas.

— É justamente disso que eu preciso, Brites. O número exato de pessoas que estavam no prédio. Nome e idade de todos.

— Já providenciei, senhor. Havia crianças no local na hora do desabamento, mas a princípio a lista de convidados nos revelou que todos os menores foram resgatados — disse Brites entregando um *Ipad* a Inácio. Já conhecia bem o procedimento a ser adotado em uma emergência como aquela, além de já ser capaz de antecipar as ordens do tenente Valentim, conhecia bem a rotina de trabalho de seu superior, pois já trabalhava com ele há cinco anos, desde sua chegada ao 42ª CBM.

O tenente analisava os dados, mas não lhe escapou que o *Ipad* branco estava com uma mancha de sangue na base.

— Esse aparelho é de uma das vítimas? — Inácio viu o sargento assentir.

— É meu — Um homem moreno com barba e manchas de sangue se aproximou. Tinha um grande curativo na testa, o que explicava o sangue na barba e na camisa branca. — Me chamo Demétrius e sou assistente de Margot Albertine, irmã do dono da construtora. Eu fazia o controle de convidados e coordenava com ela as equipes contratadas. Quero ajudar nas buscas. Tenho informações que podem ajudar vocês a trabalharem com mais eficiência.

— O senhor deveria estar recebendo atenção médica no momento

— disse o tenente analisando a aparência de Demétrius, vendo que ele também tinha a mão e parte do braço enfaixado e o sangue já se mostrava nas ataduras. Provavelmente, o ferimento foi causado por um corte profundo pela extensão da área enfaixada, presumiu Inácio. — Não está em condições de permanecer aqui, mas agradecemos por sua cooperação e...

— Eu não vou a lugar algum até a Margot ser encontrada. Vou encontrá-la. Custe o que custar. Com ou sem a ajuda de vocês — interrompeu franzindo o cenho e já dando sinais de impaciência, demonstrando que não estava aberto a negociar a respeito. Não conseguia parar de pensar em Margot. — Já disse que estou bem. Vou contar tudo que sei.

— Tem certeza que ela está entre os desaparecidos? — questionou o tenente Inácio e viu o outro homem confirmar com um gesto de cabeça.

— Ela ainda está lá — falou Demétrius encarando a montanha de escombros do que poucas horas antes era uma construção admirável, mas só Margot importava. Não saber como ela estava o deixava com uma sensação de impotência que o fazia beirar a loucura. Ele suspirou profundamente e prosseguiu dizendo: — Eu não consegui ajudá-la. Estávamos juntos quando tudo começou a desmoronar. Algo a distraiu. Margot se afastou de mim. Foi então que o teto cedeu e uma parede de escombros nos separou. Tudo aconteceu tão rápido. Eu gritei seu nome e ela me respondeu dizendo que estava bem. Eu não consegui tirá-la de lá. Ela me pediu que levasse os sobrinhos. Que garantisse a segurança deles. Ela implorou que a deixasse e essa foi a decisão mais difícil da minha vida.

Demétrius jamais se perdoaria se algo acontecesse à Margot. Os seis últimos anos de sua vida não foram dedicados ao trabalho como todos pensavam, foram dedicados àquela mulher, que se tornou o centro de sua vida. A relação deles evoluiu rapidamente e logo eram mais que patroa e assistente. Tornaram-se amigos. Parceiros em tudo que dizia respeito à *Maison*. Ela respeitava a opinião dele e o consultava antes de tomar qualquer decisão importante. Demétrius admirava a mulher talentosa e quase autossuficiente que Margot Albertine era. Sua vida girava em torno do que ela precisava. Ela era muito mais que sua chefe. Margot Albertine era o amor da sua vida, mesmo que nem suspeitasse disso. Sabia que ela tinha alguém, mas também sabia que esse homem não a merecia. Bastava olhar como ela parecia fragilizada no dia seguinte das saídas às pressas. Tudo estava bem. Ela era senhora de si até aquele telefone branco tocar e ela abandonar tudo para ir ao encontro dele. Há dois anos ela levava a vida assim e ele quis mostrar a ela que não precisava ser dessa forma. Ela era amada e por alguém que jamais a faria se sentir rebaixada por não a assumir publicamente.

— *Por que logo hoje decidi me declarar para ela?* — pensava Demétrius perdido em suas lembranças.

A resposta chegou facilmente. Ela estava ainda mais linda do que de costume naquele vestido e desceu até o saguão para levar algo para ele comer. Ele a convidou para dançar ali mesmo, ela sorriu e aceitou. Não foi a primeira vez que estiveram com seus corpos próximos um do outro, mas foi a primeira vez que dançou com a mulher que amava.

— Você dizia que os sobrinhos de Margot Albertine estão fora de perigo — disse o tenente o tirando de seus devaneios.

— Sim... Sim... O Sr. Albertine foi em busca do filho mais velho, mas acabaram se desencontrando. Eu e Máximo Kobayashi tiramos os filhos dele do prédio — continuou Demétrius tentando focar no relato. — Quando vi que estavam seguros, eu voltei para lá. Foi difícil chegar até o saguão. Tudo fora de lugar, exceto os balcões e roletas de acesso. Além de muita poeira, havia vários focos de incêndio. Pequenos, mas que eu sabia que poderiam piorar ainda mais tudo aquilo. A fumaça me impediu que eu visse claramente e acabei me cortando. Tinha muito vidro quebrado por toda parte. Para chegar até o corredor que dava acesso ao salão de festas, precisei passar por meio de entulhos para transpor esses obstáculos. Estava tudo um caos e eu sabia que a estrutura poderia não resistir por muito tempo. Foi quando algo me atingiu. Não me lembro de mais nada depois disso. Só de acordar em uma maca, com um paramédico me fazendo perguntas. Assim que consegui ficar de pé, comecei a procurar por ela. Encontrei os meninos e estão relativamente bem. Eles foram levados ao hospital com Máximo Kobayashi. Reconheci várias pessoas e foi quando fiz esse levantamento de quem conseguiu sair do prédio.

— Como pode ter tanta certeza? São muitas pessoas. — Inácio se mostrava cada vez mais interessado no que o homem dizia.

— As ambulâncias só começaram a sair meia hora depois que eu acordei e eu estava procurando por ela. Não encontrei a Margot, mas sinalizei nesse aparelho todos que saíram. Eu sou excelente fisionomista. Sei os nomes de todos que compareceram à festa. A minha função era supervisionar o evento e fiquei com a equipe de segurança no acesso ao edifício. Também sei quem saiu antes do desmoronamento, porque eu fiquei o tempo todo no saguão de acesso.

Inácio assentiu com a cabeça e, trocando um olhar com o sargento Brites, demonstrou que a presença de Demétrius poderia mesmo ser de grande ajuda.

— Tem certeza que está em condições de... — começou o sargento olhando para Demétrius ainda incrédulo, pois sabia que havia fraturado a mão.

— Absoluta — respondeu firme.

— Demétrius, precisamos que mantenha a calma e que esteja preparado para o que poderemos encontrar debaixo dos escombros.

Demétrius compreendeu o que o bombeiro quis dizer, mas se recusava a pensar na possibilidade de Margot não ter sobrevivido. Encarou os dois homens e disse com convicção:

— Ela está viva e *eu* vou encontrá-la — reafirmou ele.

— Toda ajuda será bem-vinda, Demétrius. Nos veja como aliados com um objetivo em comum: salvar todas as pessoas vitimadas nessa tragédia. Eu estou no comando dessa operação. Sou o tenente Inácio Valentim e o sargento Brites é um membro de valor da nossa corporação e tem mais de vinte anos de experiência em resgates de sobreviventes. Então, compreenda que temos que ser racionais nesse momento. Você acha que pode fazer isso?

Demétrius fez um gesto positivo com a cabeça. Concordava com Inácio. Precisava manter o domínio próprio. Faria isso por Margot. Não descansaria até encontrá-la.

— Nos conte tudo o que sabe — disse o tenente e Demétrius, abandonando a postura defensiva, começou:

— Duzentos e cinquenta convidados compareceram à inauguração da nova sede, como já deve ter visto — disse apontando para seu *Ipad*. — Os nomes em vermelho na lista são dos convidados ausentes. Além deles, nas instalações havia trinta e três membros da equipe de buffet; doze seguranças e dez pessoas faziam a cobertura do evento para a imprensa.

— Os dados não batem com o seu registro. Aqui constam trinta e cinco funcionários do buffet — disse o tenente analisando a tabela de funcionários.

— Pouco após o início da festa, uma funcionária teve uma indisposição e um colega a acompanhou no carro da empresa até o pronto-socorro — esclareceu Demétrius justificando o porquê de o número total ser superior ao mencionado e prosseguiu: — O Sr. Albertine fez questão que todos os funcionários da construtora fossem convidados, mas foi solicitado a confirmação de presença para que se estimasse para quantas pessoas o evento seria organizado. Assim, de acordo com a lista original duzentos e setenta convidados eram esperados, mas vinte pessoas não compareceram.

— E quem são os outros desaparecidos?

— Uma assistente da *Maison Margot*, chamada Olívia, e Rocco Torres, sócio da construtora.

— Você disse de três a cinco. Quais seriam os dois outros possíveis desaparecidos.

A apreensão ficou evidente no olhar de Demétrius e ele respondeu:

— Uma garçonete do buffet e... o Sr. Dante Albertine.

— O dono da construtora? — perguntou o sargento nitidamente compartilhando o mesmo pensamento que seu superior. Já estava sendo difícil para a polícia controlar a imprensa e com essa nova informação seria ainda mais difícil.

— Sim. Creio que ambos foram para o subsolo. Dante estava procurando pelo filho mais velho — respondeu Demétrius.

Inácio foi seguido pelos dois homens e viu que quase todas as vítimas já haviam sido removidas pelas ambulâncias e deixado o local. A diligência das equipes cooperando conjuntamente o deixou parcialmente satisfeito com o resultado da operação. Foi dado a Demétrius um uniforme e capacete para que ele pudesse transitar com o mínimo de segurança naquela área. Mais duas retroescavadeiras chegaram ao local e o tenente Inácio comandou seus homens por três horas seguidas tentando chegar às possíveis localizações de Margot e Dante Albertine de acordo com os relatos de Demétrius, mas o trabalho, mesmo com o apoio de escavadeiras e tratores, era lento, pois precisavam evitar novos abalos que afetassem a estrutura instável dos escombros. Já passava de duas da manhã e nenhuma das vítimas soterradas havia sido localizada.

Inácio não estranhou quando recebeu ordem vinda diretamente do prefeito da cidade de que um pronunciamento formal à sociedade seria necessário e que exigia a presença dele na coletiva de imprensa. Odiava essa exposição, mas na ausência do Major Trigueiro, ele deveria assumir essa função. Sabia que estava sendo sondado para uma promoção a capitão e que, dentre outras atribuições, ocasionalmente seria de sua competência fazer declarações públicas à mídia, atuar como porta-voz da corporação. Quando foi convocado naquela noite, ele não titubeou ao ser alertado da gravidade do desabamento daquele arranha-céu. Morar no Rio de Janeiro e nunca ter ouvido falar do sobrenome Albertine era praticamente impossível. Dante Albertine e antes dele seu pai e seu irmão fizeram com que o país conhecesse o poderio da companhia de construção civil. Um desabamento por falha no planejamento como estava sendo apontado, e daquelas proporções, era algo que ele dificilmente associaria a uma obra orquestrada pela Albertine Construções, por ser uma companhia que alicerçou sua reputação no respeito aos prazos dados a seus clientes, pois em seu histórico não havia nenhum atraso que a maculasse, mas, acima de tudo, se tratava de uma empresa conhecida pelo comprometimento com as normas rigorosíssimas de segurança.

Então, ser convocado no meio de sua primeira folga em três semanas para assumir o comando de uma operação de resgate significava que se

tratava de algo realmente sério, como já tinha visto na TV. A escala de folgas era algo muito respeitada na corporação do Corpo de Bombeiros, uma vez que o exercício da profissão de bombeiro militar era uma das mais estressantes atualmente. Não era de se estranhar o número de colegas afastados para tratamento psicológico por não conseguirem dormir ou pensar logicamente após tantas situações de perigo em que se colocaram ou, pior, quando as circunstâncias desfavoráveis os impediam de cumprir a missão da corporação que era de salvar vidas.

— Boa noite a todos. Sou o tenente Inácio Valentim. Serei breve, mas responderei algumas perguntas. — Vários jornalistas levantaram as mãos e Inácio apontou para um bem à sua frente.

— Já se sabe das causas que levaram ao desmoronamento do prédio? Há boatos de que a Defesa Civil quase embargou a obra. O senhor pode confirmar essa informação? — O tenente reconheceu o repórter de um jornal sensacionalista.

— Apontar falhas na estrutura não é nossa prioridade. Nossos esforços se concentram em encontrar sobreviventes. Estamos empenhados em salvar vidas. Nenhum laudo pericial foi feito, pois garantiremos que todas as pessoas envolvidas no desabamento sejam localizadas. Só depois disso, a equipe de perícia começará a analisar as possíveis causas da tragédia.

— Tenente, há confirmação de mortos entre as vítimas? — Uma moça de cabelos vermelhos levantou o braço e fez a pergunta que todos se silenciaram para ouvir a resposta.

— Sabemos muito pouco até agora, mas podemos afirmar que não há confirmação de mortos, como também de ninguém ferido gravemente. Estimamos um número máximo de cinco pessoas desaparecidas.

— Quem são os desaparecidos?

— Caberá à polícia revelar a identidade dessas vítimas. — Se esquivou ele.

— Tenente, uma fonte segura nos deu uma informação muito alarmante. O senhor pode, ao menos, confirmar se Dante Albertine, presidente da companhia, está entre os desaparecidos? — A mesma jornalista fez a pergunta e Inácio Valentim quis saber como aquela notícia chegou até eles tão rapidamente. O tenente julgava que apenas ele, o sargento Brites e Demétrius detinham aquela informação. Máximo Kobayashi estava no hospital e nenhuma entrevista foi concedida pelo que sabia. Assim, Inácio se limitou a dizer:

— Existe, sim, essa possibilidade porque o Sr. Albertine ainda não foi localizado.

Um grande burburinho se instalou entre os repórteres.

— O que o senhor tem a dizer às famílias de todas as vítimas dessa tragédia, tenente Valentim? — Um jovem repórter, de óculos desproporcionais ao seu rosto, perguntou.

— Aos familiares afirmo que todo o contingente do Corpo de Bombeiros Militar do Rio de Janeiro disponível está trabalhando para que as vítimas recebam assistência médica adequada o mais rápido possível. Todos os hospitais da cidade estão em alerta para receberem as pessoas adequadamente. Felizmente não há casos de feridos graves até o momento. Quanto aos desaparecidos, suas famílias já foram formalmente comunicadas e estão sendo informadas de todos os avanços na remoção dos escombros. Por ora, isso é tudo que temos a relatar. Passo a palavra ao prefeito — disse Valentim o cumprimentando com um gesto de cabeça e se afastando dos repórteres, mas foi interceptado por Brites

— Tenente, temos uma boa notícia.

Inácio afastou-se mais ainda com seu subordinado e perguntou quando viu que não corriam o risco de serem ouvidos.

— O que houve? Diga.

— Conseguimos contato por rádio com uma das vítimas — disse entregando o aparelho ao seu superior que rapidamente pegou o telefone.

— *Aqui é o tenente Inácio Valentim. Estou ouvindo.*

— *Eu me chamo Carla Faustino. Houve um soterramento na nova sede da Albertine Construções...*

— *Carla, fazemos parte da equipe de resgate. Há um grande número de profissionais empenhados em tirar você daí. Está sozinha?*

— *Não. O Sr. Albertine está comigo. Ele está ferido. A perna está presa e acredito que está quebrada.*

— *Dante Albertine está com você? Ele está consciente?* — perguntou o oficial feliz por saber a localização de outra vítima.

— *Estou consciente e lúcido.* — Soou a voz grave de Dante Albertine. — *Meus filhos...eles estão a salvo?* — Foi a primeira pergunta que lhe veio à mente.

— *Sim. São e salvos. Demétrius está aqui conosco e garantiu que os seus filhos fossem retirados com segurança. Máximo Kobayashi os levou para atendimento de rotina no hospital mais próximo. O senhor pode ficar tranquilo a respeito.*

Um longo suspiro foi ouvido do outro lado da linha.

— *Há mais alguém aí com vocês? Onde vocês estão?* — disse o tenente Inácio.

— *Não. Só nós dois. Estamos no subsolo. Onde era o Piso G2 do*

estacionamento.

— *Preciso que mantenham a calma* — disse o tenente. — *Todos os nossos esforços estão voltados para tirar vocês daí.*

— *Quantas pessoas estão desaparecidas?* — perguntou Dante que ouvia tudo pelo rádio.

— *Acreditamos que além de vocês, mais três.*

— *Quais os nomes?* — Ele quis saber.

— *Eu falo com ele* — pediu Demétrius e o oficial repassou o rádio.

— *Dante, aqui é o Demétrius.*

— *Obrigado pelo que fez pelos meus filhos. Terei uma dívida eterna com você...*

— *Não pense nisso. Há algo que precisa saber... A sua irmã está entre os desaparecidos.*

Silêncio.

— *Mas ela não estava com os meninos... eu não entendo. A Margot...* — Dante Albertine sentiu o sangue gelar em suas veias.

— *Estávamos todos juntos. Infelizmente, o teto cedeu e bloqueou a saída dela. Estamos tentando localizar o ponto exato onde a vi pela última vez. Eu lhe dou a minha palavra que não vou descansar até encontrá-la.*

— *E quem mais, além dela, não foi encontrado?* — perguntou Dante tentando raciocinar com clareza.

— *Seu sócio Rocco e Olívia Guedes, a estagiária da Maison.*

Nesse momento, a voz de Carla foi ouvida.

— *Mas eles saíram do prédio. Eu vi quando ele abriu a mala de uma Mercedes preta e depois saíram em outro carro bem mais popular.*

— *Tem certeza do que está dizendo, Carla?* — Demétrius e os bombeiros quiseram fazer a mesma pergunta que Dante antecipou.

— *Certeza absoluta. Eles saíram juntos. Foi a primeira que vi pessoalmente na vida uma SLR McLaren, por isso me chamou atenção.*

— *Esse é o modelo do carro do Rocco, Demétrius. Ele sempre gostou de ostentar, por isso não entendi porque sairia dirigindo um outro veículo.*

— *Ele não dirigiu, Sr. Albertine. Ele e Olívia... se beijaram e sentaram-se no banco traseiro. Outra pessoa dirigia o carro.*

— *Conseguiu ver quem era?* — A voz do tenente se fez ouvir no rádio.

— *Não, senhor. O vidro era muito escuro. Mas lembro do modelo e da placa do carro.*

O silêncio dessa vez foi motivado pela incredulidade.

— *Eu também sou mecânica. Sei o que estou dizendo. Além disso, tenho ótima memória* — disse isso para justificar a informação anterior. — *Era um Chevrolet Ônix. Placa JBM4012.*

— *Demétrius, por favor, faça com que a família de Carla Faustino tenha toda a assistência e atenção necessárias. Se possível, providencie para que fiquem instalados em minha casa junto com meus filhos. Assim, será mais fácil comunicar nossas famílias do progresso do resgate.*

Carla segurou sua mão em agradecimento e Dante repassou o rádio para ela.

— *Tomarei providências, Dante. Pode deixar.*

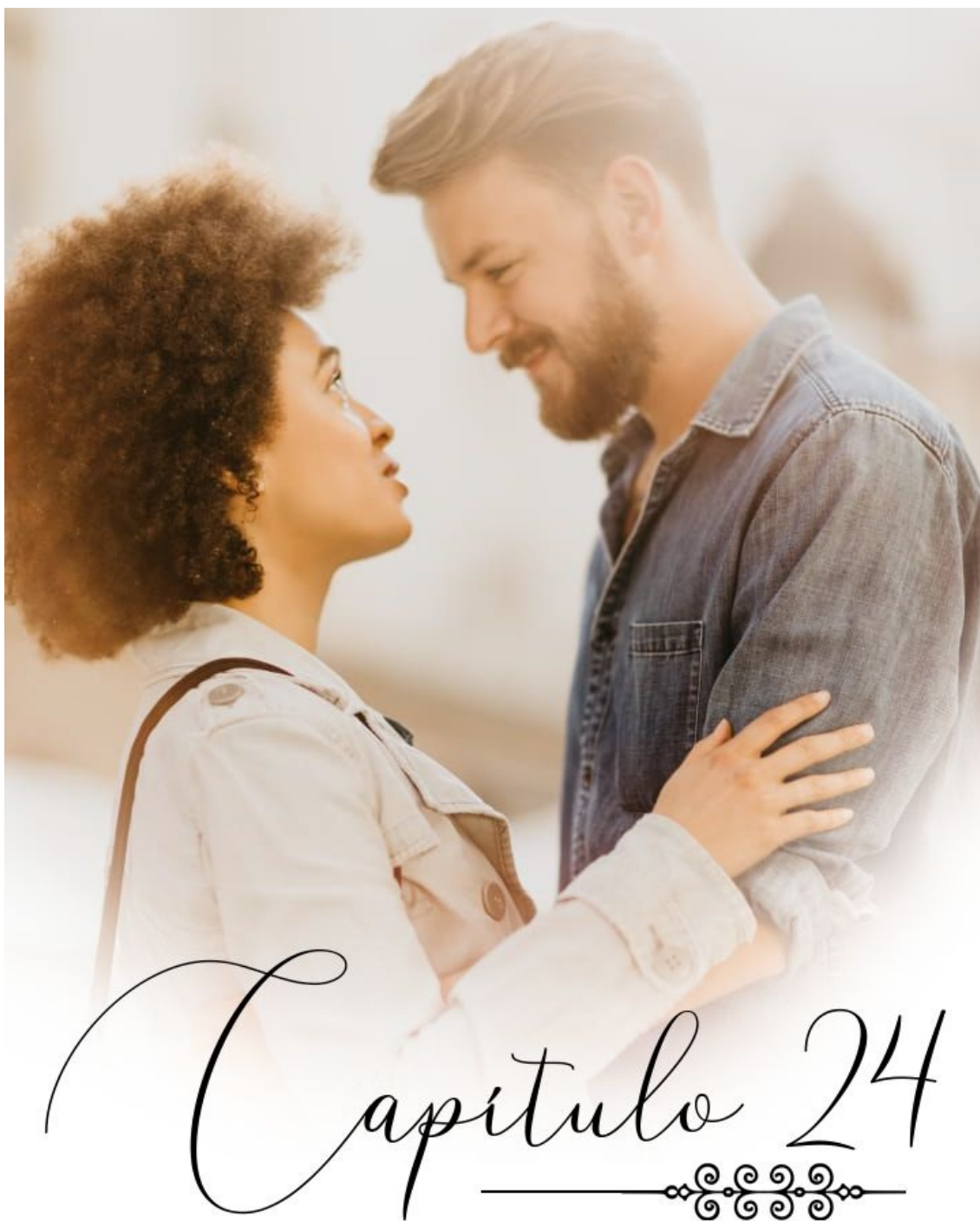
— *Por favor, avisem que estamos bem e que nós amamos muito cada um deles. Diga que logo estaremos juntos. Que tenham fé* — disse segurando firme o broche de sua mãe sobre a camisa.

Dante refletiu e pensou em seus filhos. Imaginava que não acreditariam que essas foram suas palavras, pois não tinha o hábito de demonstrar ou falar de suas emoções, mas não disse isso a Carla. Continuou apenas a segurar sua mão como se assim a esperança que ela sentia fosse transmitida para ele.

— *Logo tiramos vocês daí. Mantenham a fé vocês também. Não percam as esperanças* — disse o sargento Brites.

Antes de encerrarem a chamada, Dante forneceu a exata localização de onde deveriam procurá-los. A proximidade do pilar ajudou o tenente e a equipe a começarem a escavar a treze metros de onde estavam.

Com a informação nova dada por Carla, sabiam agora que apenas Carla, Margot e Dante estavam sob os escombros. Mas essa nova informação não poderia ser omitida da polícia. O tenente Inácio, o sargento Brites e até Demétrius não precisaram verbalizar o que se passava em sua mente. Carla mencionou explosões e o fato, no mínimo, intrigante de um acionista que possuía um carro avaliado em milhões de reais sair da festa em um modelo nacional que não custa nem dez por cento do valor.



Capítulo 24

O QUE NOS MANTÊM VIVOS

— Quantos?
— É sério isso?
— Sim. Não quero ser infeliz em meu casamento, Bel. Me diga, por favor. — Isabel pensou no noivo que estava dentro do consultório médico e ficou

triste ao pensar que a felicidade dele podia depender de algo tão frágil quanto aquela informação. Ela acreditava que um matrimônio deveria ser fundamentado em cumplicidade acima de tudo.

— Quer dizer que se ele tiver um pênis pequeno, você não vai casar com ele?

— Eu não disse isso, mas... — A jovem morena pareceu relutar e perguntou: — Quer dizer que o dele é... pequeno?

— Por que não pergunta diretamente para o seu noivo, Bia? Olha a situação delicada em que você me coloca. Além de não ser ético da minha parte responder essa pergunta, eu não quero ser o pivô do fim do seu casamento. Se coloque no meu lugar e compreenda que não seria correto falar de um paciente dessa maneira.

— Isabel, você devia me entender. Somos da mesma congregação, temos a mesma orientação cristã. Nossa fé nos diz para nos guardarmos até o casamento e é o que eu acho certo a se fazer. Gabriel também pensa assim. E eu amo o Gabriel. Amo muito mesmo, mas eu preciso saber disso antes de me casar. Tenho que estar preparada para uma possível...

— Decepção? — completou Isabel.

— Não. Eu ia usar outro termo, mas, enfim. Minha felicidade conjugal também vai passar pelo quarto e eu quero ser plenamente feliz.

— Beatriz, acredite que não é apenas...

— De qual outra forma eu poderia saber, Isabel? Sabia que eu não tenho dormido nessa última semana? — Interrompeu a moça e Isabel notou os sinais de ansiedade pela forma como apertava as mãos e a ouviu prosseguir: — E se ele não me fizer feliz... você sabe... na cama? Isso pode refletir no nosso casamento. Eu ouvi uma tia minha dizer que nunca teve um orgasmo e eu quero saber o que é isso. Eu assisto aos filmes. Não sou nenhuma idiota. Sei que deve ser muito bom. E eu quero isso no meu casamento, já que escolhi ser só de um homem para o resto da minha vida.

Isabel já ia argumentar quando a moça de longos cabelos escuros a impediu novamente:

— Então, não me venha com aquela bobagem que tamanho não é documento, porque você, assim como eu, é...inexperiente. Não tem como saber. E eu imagino que seja melhor ter um marido com esse...atributo do que carente dele.

Isabel refletiu a respeito. Realmente, não era a pessoa mais indicada para dar conselhos sexuais e também entendia a apreensão de Beatriz quanto a esse aspecto do relacionamento conjugal, mas pensou no noivo da jovem e em como o amor que tinha por ela era perceptível só de olhar em seu semblante.

Isabel tinha esse hábito de observar os casais que conhecia e tentar ler os sentimentos nos pequenos gestos, nas pequenas demonstrações de afeto, como retirar um fiapo do vestido dela ou limpar o batom dos lábios dele depois de um beijo. Uma saudade a atingiu e ela não soube afastá-la. Pensou em como sentia falta de Bernardo. Falta de ouvir sua voz. Falta de seu abraço e da forma como ele acariciava seus cabelos.

— É isso, Bel? Ele não é bem-dotado? — A pergunta dita sem rodeios dessa forma trouxe Isabel de volta à realidade.

— Sinceramente, eu nunca imaginei a filha do presbítero Paulo falando algo assim, Bia...

— Você está receosa de me contar, né, Isabel? — Mas uma vez a jovem não deixou Isabel concluir seu raciocínio. A expressão frustrada no rosto da moça, que dentro de um mês se casaria, fez Isabel decidir revelar.

— Beatriz, o Gabriel é um rapaz sensível e tímido. O mais tímido que já conheci em toda a minha vida. Ficar nu na minha frente e da Dr^a Brígida exigiu muito dele e eu até mantive os olhos na prancheta para que ele ficasse menos constrangido. Nunca vi alguém ficar tão vermelho antes. Amiga, você não pode sabotar o que vocês têm dessa maneira. Seu noivo, além de servo de Deus, é um rapaz que sempre foi dedicado aos estudos. Ele nunca se envolveu com más companhias e, no Muquiço, você sabe que isso pode acontecer muito facilmente. Quantos casos a gente não conhece de meninos que cresceram com a gente e que estão presos ou se envolveram com coisas erradas ou que até já foram mortos em confrontos com a polícia? Gabriel se formou como farmacêutico e, em menos de um ano, já tem um emprego estável que permitiu que agora vocês se casem. — A moça abaixou a cabeça, pois sabia que Isabel estava certa. — Você não deveria permitir que nenhuma dúvida pesasse mais do que a certeza de que dentro desse consultório está um homem que te ama com todo seu coração. Eu vejo isso nos olhos dele quando você está por perto. Todo mundo percebe como ele não vê mais ninguém quando você está no coral da nossa igreja cantando. É isso que eu mais admiro nele. Vocês namoram há quase seis anos e isso deveria ser suficiente para você saber que ele vai dedicar a vida para te fazer a mulher mais feliz e realizada desse mundo. Valorize isso. Valorize quem te ama dessa forma. Isso é raro.

A moça apenas assentiu cabisbaixa. Isabel pensou se não tinha sido muito dura com ela. Ela sabia que Beatriz amava o noivo tão profundamente quanto ele e que era realmente uma mulher privilegiada por ser tão amada pelo noivo que em breve seria seu marido, mas às vezes só saber não é suficiente. Às vezes, uma pessoa amiga precisa nos lembrar que somos afortunados por ter quem amamos ao nosso lado. E Beatriz deveria se sentir grata por ter alguém

como ele em sua vida. No corredor, alheias à conversa que elas tinham ali, passavam outras profissionais vestidas em seu uniforme rosa bebê, como o que Isabel usava e as cumprimentaram com um sorriso.

Beatriz sentiu-se envergonhada por ter convencido o noivo a fazer exames pré-nupciais e não foi por acaso que escolheu justamente a clínica no Catete onde Isabel trabalhava como acadêmica de medicina. Queria ter alguém de confiança para perguntar sobre suas dúvidas e ela e Isabel se conheciam desde meninas, da congregação que frequentavam.

Sem conseguir esconder seu embaraço diante de Isabel, Beatriz já ia entrando no consultório para encontrar o noivo quando esta disse:

— A propósito... cuidado agora com a concorrência... tem muita periguetete que basta um homem colocar uma aliança no dedo para se tornar o cara mais interessante do pedaço. E eu não tinha régua comigo, mas, pelo menos, uns vinte centímetros de talento seu noivo tem. Então, guarde esse segredo. Homens com predicados desse... tamanho estão cada vez mais difíceis de se encontrar.

O sorriso que irradiou o rosto da jovem morena fez com que a própria Isabel sorrisse quando ela se jogou em seus braços pulando efusivamente

— Minha madrinha... você será a minha madrinha, Isabel. Não aceito recusas. Obrigada! — disse isso pulando mais ainda e Isabel percebeu que atraíram a atenção de um grupo de médicos que passava pelo corredor e riu do entusiasmo da moça.

— Doutores — cumprimentou Isabel que conhecia todos eles e já havia assessorado alguns em cirurgias. O grupo sorriu para ela que arregalou os olhos para que Beatriz não esquecesse que estavam em um ambiente hospitalar e seu lugar de trabalho.

— Desculpe, amiga. Me empolguei um pouco.

— Imagino, mas guarde um pouco dessa empolgação para o Gabriel em sua noite de núpcias. Está bem?

A moça novamente a abraçou apertado e perguntou:

— Você vai aceitar, não vai? Eu te deixo escolher quem vai ser seu par.

Aquela afirmação fez Isabel refletir.

— Bem... se é assim... Eu aceito. Mas você sabe que seu noivo vai ficar vermelho sempre que me encontrar na igreja de hoje em diante, não sabe?

— Ele supera isso, Bel. Você só fez seu trabalho. Eu mesma não me incomodo de você ter dado um confere antes de mim.

— BIA!!! — Dessa vez foi Isabel quem levantou o tom de voz.

— Brincadeira, amiga. Então, você aceita mesmo ser minha

madrinha, né?

Isabel abriu um lindo sorriso. Adorava casamentos e já sonhava há muito tempo com o seu próprio. — Aceito. Mas com a condição do Bernardo ser meu par. Afinal, ele e Gabriel sempre se deram muito bem. Quando ele voltar desse treinamento militar, nós vamos casar e, assim, ele já pode ir treinando me conduzir até o altar.

O sorriso no rosto da moça se esvaneceu aos poucos.

— Isabel, o Bernardo não...

— Ele consegue dispensa da corporação para um acontecimento como esse. Eu garanto, Bia — disse ela sorrindo e já pensando que teria a chance de rever seu noivo. Já não se viam há quase onze meses.

A outra moça franziu a testa, mas disfarçou sua apreensão e sorriu dizendo:

— Vou falar com o Gabriel a respeito do... Bernardo — disse se voltando para ela e segurando as mãos de Isabel com carinho. Isabel aceitou mais um abraço apertado que a moça lhe deu, mas esse durou muito mais que os outros.

— Vai lá falar com seu noivo e seja feliz, moça — sussurrou ela no ouvido da amiga de infância. — Faça ele muito feliz também. Daqui a um mês você poderá fazer o *test drive* do talento do Gabriel.

Isabel estranhou quando Beatriz segurou com gentileza seu rosto entre as mãos e com lágrimas nos olhos disse:

— Você merece toda a felicidade desse mundo, Isabel. — E dizendo isso entrou apressadamente no consultório para que Isabel não visse as lágrimas caindo.

Isabel pensou em seu noivo quando voltou para seus afazeres e foi verificar como estava o paciente agendado para a cirurgia do início da tarde com a Dr^a Brígida. Fazia quase um ano que não via o Bernardo. Aquele foi o maior período que ficaram sem se ver. Ela sabia que essa seria a sua vida quando se casasse com um oficial da Marinha Mercante. Geralmente, se comunicavam por carta. Celulares em alto-mar não adiantavam de muita coisa. Sentia falta dos telefonemas quando ele atracava, mas Bernardo disse que seria muito mais difícil para ele ouvir sua voz e não poder estar com ela. Assim combinaram que trocariam cartas e ela escrevia para ele toda semana. Xandinho fazia faculdade perto de uma agência dos Correios e, assim, toda quinta-feira ele enviava uma carta dela para o noivo. Pensou em Bernardo usando o uniforme de gala no casamento de Beatriz e sorriu. Isabel o amava muito e sabia que era correspondida. Planejavam se casar assim que ele conseguisse um posto administrativo que o permitisse ficar menos tempo embarcado. Torcia para que

não demorasse muito para acontecer e tentava ser paciente.

Sorriu ao decidir alugar um vestido muito bonito para a cerimônia de Gabriel e Beatriz, embora fosse precisar fazer uns plantões extras para pagar a despesa e ainda tinha que comprar um presente para os noivos que fosse útil aos dois. Felizmente, contava com os aluguéis dos quartos da sua casa que se tornou uma pensão familiar desde que seu pai a abandonou e aos irmãos quando eram crianças. Todos os quatro quartos estavam alugados e essa fonte de renda pagava as contas principais e as despesas básicas com alimentação. Ser acadêmica de Medicina naquela clínica lhe permitia trabalhar com o que mais amava e lhe permitia guardar dinheiro para pagar a festa de formatura no fim do ano. Isabel levou dois anos a mais do que o previsto para se formar, pois houve um momento de sua vida que passou por um período de depressão e precisou de tempo para se refazer e se reencontrar. Foi nesse período que começou a trabalhar como massoterapeuta de idosos e depois conseguiu um segundo emprego em um espaço pouco convencional que apenas seus amigos tinham conhecimento.

Aos quinze anos, quando decidiu que seria pneumologista, decidiu que precisava guardar o máximo de dinheiro para as despesas do curso e foi o que fez. Aprendeu a fazer bolos que vendia na escola.

Entrou no quarto e viu o pequeno paciente dormindo e o olhar preocupado de seu pai sentado ao lado de seu leito. Ela sorriu para ele e conferiu a prancheta ao lado da cama.

— Como o Mateus amanheceu hoje, pai? — perguntou Isabel com um sorriso encorajador para o homem alto parado ao lado do filho.

— Ele não se queixou de dor, mas está muito sonolento.

— Fique tranquilo que a medicação tem esse efeito colateral e, para ele, dormir nesse momento faz bem. Estabiliza a pressão arterial e favorece para que tudo corra bem durante a cirurgia.

Ouvir aquelas palavras fez o homem alto dar um breve sorriso ao dirigir um olhar terno ao filho.

— Ele é tudo que eu tenho. Somos só nós dois desde que a mãe do Mateus morreu. Ele é tudo que me resta. E... eu não posso imaginar...

— Então, não imagine. Apenas tenha fé e sempre que puder diga que o ama. A Fibrose Cística, infelizmente, ainda não tem cura, mas é possível aos portadores terem qualidade de vida. Eu já conheço um pouco o Mateus e ele é um menino forte, mas sabe de onde vem a força dele? — perguntou vendo que

o olhar daquele homem com a barba por fazer se voltava de novo para ela. — A força do Mateus vem da pessoa que ele mais ama no mundo: o senhor — disse ela sorrindo. — Ele quer ser forte por sua causa. Ele se mantém firme porque o pai acredita que ele vai conseguir superar mais esse obstáculo. Então, continue confiante. Continue acreditando. Por ele. Está bem?

Viu o homem assentir, após um breve suspiro, e voltar a sorrir.

Isabel voltou-se então para o paciente, aferiu sua temperatura e pôs-se a explicar ao pai como seria o procedimento cirúrgico. Por mais que a dor não estivesse controlada, o procedimento cirúrgico não podia ser adiado. Mateus tinha íleo meconial, um tipo de massa que se aloja no fim do intestino. O pai disse que, desde o diagnóstico com o teste do pezinho, ele e a esposa mantiveram o foco em tratar os pulmões do filho e, por falta de conhecimento, não perceberam que a Fibrose Cística também afetava gravemente o trato digestivo.

Para Isabel, cuidar daquele menino era como reviver uma história. A familiaridade daquele caso com o de seu amigo Xandinho a fez ter um cuidado especial com o lindo menino loiro que dormia naquele leito. Aquela criança poderia não resistir à cirurgia. Ela sabia disso, mas pedia a Deus por ele desde que o conheceu. Os maiores inimigos de quem sofre de Fibrose Cística estão por toda parte: bactérias. E aquela unidade era referência por sua política de prevenção a infecções hospitalares que era muito rígida.

Isabel se lembrou de seu amigo Xandinho que passou pela mesma intervenção um pouco mais velho que o Mateus. Foi por causa de Xandinho que decidiu trabalhar cuidando da saúde dos outros. Esse se tornou o seu maior sonho e muitos quase a fizeram desistir, já que não tinha o apoio dos pais e era um curso que exigia dedicação integral, e, conseqüentemente, um grande investimento financeiro. Morar em uma comunidade limitava o sonho de muitas pessoas do Muquiço, mas ela tinha amigos que também tinham sonhos que pareciam inalcançáveis e um acreditava no sonho dos outros e impulsionavam uns aos outros para seguirem batalhando por seus objetivos.

Como Isabel queria ser médica, Carla queria ser assistente social e Mônica tinha sonhos que não compartilhava com ninguém, nem com eles, mas que a motivavam a guardar cada centavo que ganhava. O sonho de Xandinho podia parecer o mais difícil de todos de se realizar: o sonho dele era ser um astro. Se tornar um cantor reconhecido pelo seu talento. E ele cantava como um e não havia quem não se impressionasse com o dom de seu amigo que também compunha canções incríveis. Ela, Carla e Mônica acompanharam a batalha pela vida que o amigo travava desde a infância e a música o estimulou a querer viver plenamente. Sem ser refém da doença. Xandinho nunca se conformou com sua

condição de saúde e com o fato de não saber quanto tempo mais teria de vida. O amor dele pela vida sempre fascinou suas três melhores amigas, seu fã-clube como ele as chamava.

Foi por causa de Xandinho que descobriu que sua vocação era cuidar da vida. Quando ouviu falar pela primeira vez sobre a Doença do Beijo Salgado tinha cerca de treze anos. No caso do Xandinho, a Fibrose Cística não foi diagnosticada no teste do pezinho, o que poderia permitir que seu tratamento fosse menos agressivo, por ser uma doença muito severa quanto ao tratamento. Lembrou que passou a acompanhar Xandinho a todas as consultas até descobrirem o que realmente ele tinha. Foi o pneumologista, Dr. Renato, que diagnosticou a doença.

— *Seu filho tem Fibrose Cística* — disse ele para seu Amauri e D. Juliana que, como Isabel e as outras duas meninas que foram àquela consulta, não faziam ideia do que o médico estava falando. — *Trata-se de uma doença genética muito severa e grave, se ele não começar o quanto antes o tratamento, Alexandre vai morrer antes de chegar à puberdade.* Ele precisará ter acompanhamento com uma equipe multidisciplinar e vamos tratá-lo com antibioticoterapia, nutrição e fisioterapia respiratória. Esse tripé será essencial para a sobrevivência dele.

Aquelas palavras ficaram gravadas na mente de Isabel. Seu amigo era só uma criança. Uma criança que adorava cantar e ele não podia morrer. Não permitiria que isso acontecesse. Xandinho passou a receber toda a atenção dela, de Carla e Mônica. Apesar da pouca idade, as três decidiram fazer tudo que fosse possível para ajudar o amigo. D. Miriam e seu Vicente apoiavam muito a amizade das crianças. O pai de Mônica nunca se importou com mais ninguém além dele mesmo desde a morte de sua esposa, mas isso não a incentivava e o pai de Isabel não fazia mais parte de sua vida, então não houve nenhum empecilho para elas se revezarem para apoiar Xandinho.

Assim, Carla se encarregou de acompanhá-lo às sessões de fisioterapia e o ajudava a fazer os exercícios; Mônica o ajudava com o dever da escola, pois ele faltava muito às aulas por conta do tratamento e Isabel ajudava D. Juliana com a nutrição de Xandinho, além de ir a todas as suas consultas no Instituto Fernandes Figueira e na Associação Carioca de Assistência a Mucoviscidose. Levou meses só para aprender a falar a palavra, mas, como as duas amigas, aprendeu tudo que podia sobre aquele mal que acometia seu amigo. O maior percentual de mortes entre portadores é por complicações no aparelho respiratório. Mas Xandinho sempre foi muito ativo e sempre praticou esportes: skate, surfe, capoeira. Esse foi o grande diferencial em seu tratamento e colaborou para que ele contradissesse as previsões dos médicos sobre sua

expectativa de vida.

Tudo na vida de Xandinho tomava uma dimensão maior que para outra pessoa. Uma gripe era motivo de alerta, pois poderia facilmente evoluir para uma pneumonia, uma vez que o sistema imunológico dele era muito fragilizado. Perderam as contas das internações do amigo. Sorriu ao se lembrar de quando Carla invadiu um hospital montada em um cavalo e foi parar no noticiário. Mas foi quando ele teve catapora, uma doença de infância, que toda criança sofre sem maiores complicações, que Xandinho ficou entre a vida e a morte, o que resultou na sua primeira internação em um CTI. Foi o sexto sentido materno de D. Juliana que a fez levar o filho às pressas para o hospital e o médico no corredor já o mandou para a internação na unidade de tratamento intensivo. Carla não dormia, ela não dormia e Mônica muito menos. Não permitiam que crianças visitassem os pacientes no CTI e aquelas três semanas foram desesperadoras, mas Xandinho queria viver e se agarrava à vida de forma admirável. Ele, depois disso, nunca mais precisou ser internado e o tratamento seguiu.

Pensou em como cada um deles tinha um temperamento diferente do outro, mas, ainda assim, se entendiam tão perfeitamente. Eles se combinavam. Se completavam. Eles eram inseparáveis porque aquele sentimento que os unia era algo tão mais forte que suas diferenças. Eles eram amigos.

A cirurgia de Mateus não correu como esperado. Ele teve duas paradas respiratórias durante o procedimento e precisou ser entubado. Ficaria assim até conseguir respirar sozinho. Isabel quis ficar com ele, mas a Dr^a Brígida a obrigou a ir para casa descansar, pois já estava há mais de 36h sem dormir. Foi até o pai dele junto com a Dr^a Brígida e o Dr. Leão, o pneumologista do plantão, e ficou ouvindo que as próximas 48h seriam decisivas. Isabel apertou a mão do pai do menino e o olhar que trocaram foi bem significativo, pois viu muita esperança e força naquele olhar e, dessa vez, ela sentiu conforto e sorriu para ele confiante.

Com o fim do plantão, Isabel ficou na frente da clínica aguardando sua carona, como de costume. Evitou pensar nas poucas chances de sobrevivência de Mateus. Preferiu pensar que existiam chances. Foi quando avistou o Uber se aproximando e, atrás do volante daquele veículo prateado, reconheceu sua amiga Mônica e entrou no carro.

Abraçou a amiga e disse:

— Estou sem ânimo para a maratona de filmes hoje, Moni — disse a chamando pelo apelido. Vou só deitar e dormir naquela cama confortável do Xandinho. Vocês ficam nos colchonetes dessa vez.

— Amiga... eu tenho algo para te contar. Tentei te ligar várias vezes,

mas o sinal dentro da clínica é horrível.

O tom sério na voz de Mônica fez com que Isabel se preparasse para uma notícia ruim.

— Qual deles? — perguntou Isabel tentando não antecipar o pânico, mas já sentindo o coração disparar. — Xandinho? Ele...

Mônica fez que não com a cabeça e Isabel viu a primeira lágrima escorrer do rosto da amiga. A última vez que se lembrava de ver Mônica chorando foi quando sua mãe morreu há mais de dez anos.

— Isa... aconteceu uma coisa muito ruim com a Carla — disse Mônica.

Isabel apenas tocou o braço da amiga. Não podia confortá-la como queria, pois sabia que Mônica não gostava de abraços porque lhe traziam lembranças ruins. Muito ruins.

— Me fala logo, Mônica!

— Lembra que hoje era o dia da inauguração do novo prédio da empresa onde a Carla trabalha...

Mônica chorou agarrada ao volante do carro e Isabel se preparou para o pior. Mas como se preparar para receber a notícia da morte de uma das pessoas que você mais ama no mundo?

— Fala de uma vez, eu já estou entrando em parafuso! Por favor, me diz... Ela morreu?

— Não sabemos. Está tudo ainda muito confuso. Só sabemos o que o noticiário diz... Meu Deus... a Carla... — respirou fundo e disse: — O edifício desabou, Isabel. Ninguém sabe o que houve ao certo, mas a Carla está na lista dos desaparecidos.

— Ouvir aquilo depois do dia difícil com o pequeno Mateus no CTI fez com que Isabel sentisse uma vertigem. Tentou pensar racionalmente e perguntou:

— Xandinho... Ele já sabe, Mônica?

— Sabe e está deixando todos malucos. Ele não pode ir para lá. Na condição dele... toda aquela poeira. Você sabe... vou te contando o que eu sei no caminho... — disse já saindo com o carro.

— Caminho para onde?

— Foi seu Amauri e D. Juliana que contaram para o seu Vicente e para o Kionã. Ninguém pode ir até o local. Interditaram tudo em um raio de três quadras. Nem os familiares podem acompanhar pessoalmente. Muitas ambulâncias estão no local e as viaturas da polícia e do Corpo de Bombeiros são as únicas que têm acesso, mas a construtora está dando assistência às famílias das vítimas. Eu disse a eles que iríamos pegar o seu Vicente e iríamos para lá. Eu

tenho o endereço.

— Pedi para ela passar o dia na minha casa. Ela estava de folga e eu não tinha aula hoje. A convidei para começarmos a maratona de filmes mais cedo na casa do Xandinho, mas ela disse que aceitou uma oferta para trabalhar como garçõete nessa festa. Ela queria ajudar a pagar o advogado para ver o processo do Miguel. Eu insisti que ela ficasse com a gente, mas Carla disse que precisava muito desse dinheiro e que trabalhar a ajudaria a manter a mente ocupada hoje.

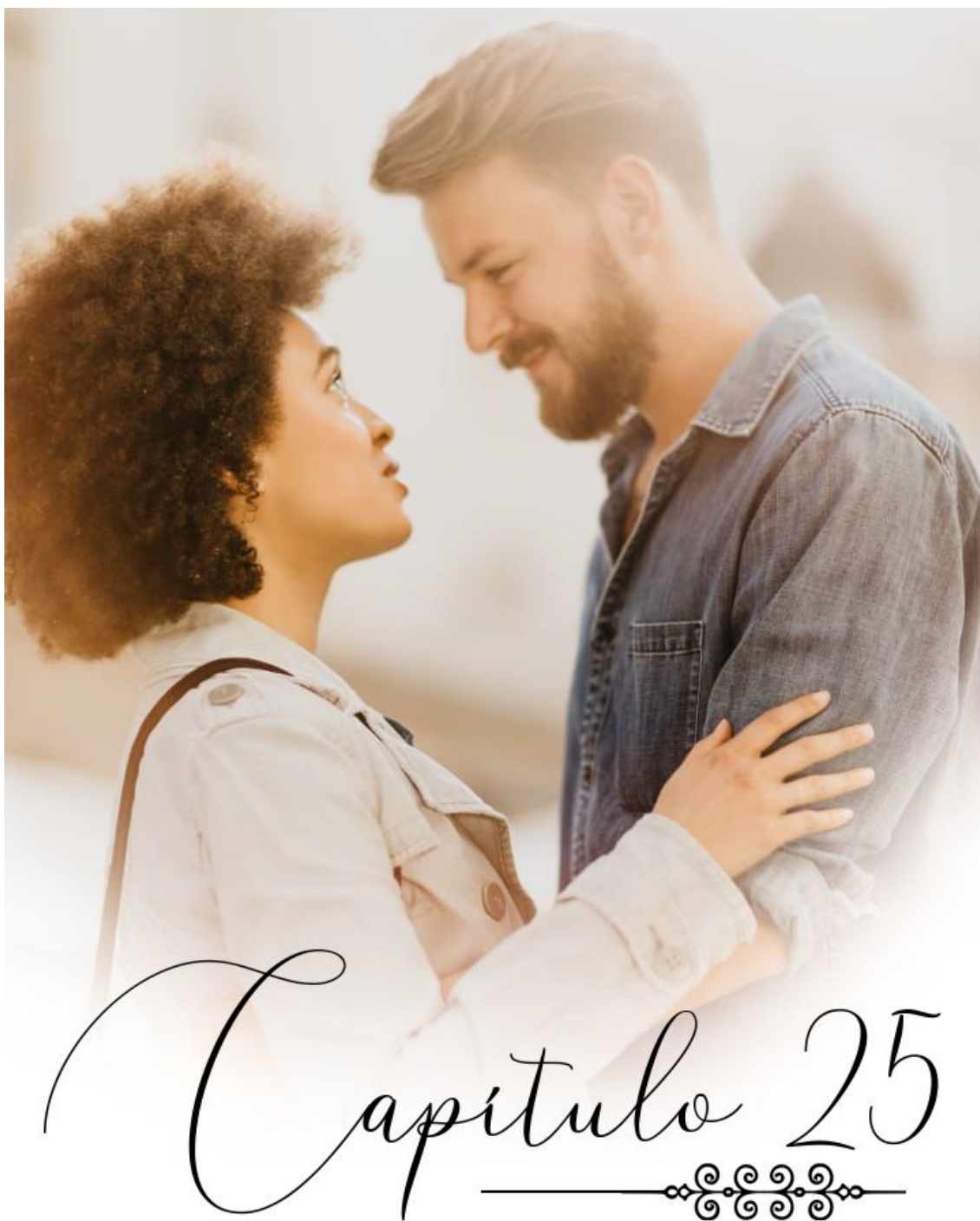
— Falei com ela cedo por telefone e ela tentou dar uma de durona e desconversou. Até falou de um tal de Tito que a tinha convidado para sair. Disse para ela aceitar e ela disse que o veria hoje nessa festa.

— Você lembra que dia é hoje? — perguntou Mônica já acessando uma via expressa no sentido Zona Sul do Rio.

Mônica pensou que talvez Isabel não tivesse ouvido a pergunta, mas ela respondeu depois de algum tempo.

— Sei, Mônica. Não tem como esquecer. Acho que ela é a única pessoa que odeia é próprio aniversário.

Elas jamais esqueceriam o motivo de Carla evitar qualquer menção ao aniversário. Para ela, era um dia de lembranças muito dolorosas, o dia da morte de D. Miriam, sua mãe.



Capítulo 25

VIDA

— Carla, você se incomoda de me contar um pouco sobre sua família? — Dante Albertine queria deixar de ser o foco da conversa, mas seu interesse em saber mais sobre ela era genuíno.

— Claro que não. — Sua voz soou animada. — O que você quer

saber? Pergunte que eu respondo.

— Você falou muito de seu sobrinho. Falou de seu pai. Me contou sobre a situação de seu irmão, mas evitou falar de sua mãe — disse ele tentando ter tato ao abordar o assunto. — Eu sei que ela faleceu, mas como era a relação de vocês. Ela era parecida com você?

Dante realmente estava interessado em saber mais sobre ela. E enquanto ouvia a voz dela, era mais fácil ignorar a dor que sentia.

Carla sabia que ele tentava disfarçar a dor, mas viu o estado da perna de Dante e evitava pensar em como ela estava roxa por falta de circulação. Já havia tentado libertar o pé de Dante, pois estava preocupada que algo mais grave acontecesse com ele.

Carla ficou em silêncio por um instante e Dante receou ter tocado em um assunto difícil para a moça.

— Se estiver cansada, tente dormir. Eu ficarei acordado. Dante sentiu ela tremer, retirou seu paletó e a cobriu.

— Mas e você? — Quis saber Carla.

— Eu ficarei bem. Minha camisa tem mangas compridas de qualquer forma.

— Mas esfriou muito agora de madrugada. Vem para cá. Vamos ficar juntinhos, assim um aquece o outro. Posso te abraçar, Dante?

Ele sorriu e disse:

— Claro.

Ela se agarrou a ele e apoiou a cabeça em seu pescoço. Depois começou a falar, enquanto brincava com os dedos das mãos de Dante:

— Eu queria me parecer com a mamãe. Ela era linda! Perto dela nada parecia impossível. Meu pai e minha mãe se amavam muito e dedicavam todo o tempo livre deles à família. Ela trabalhava como babá de uma família que morava na Barra da Tijuca e só voltava para casa às sextas-feiras, à noite. Muita gente tem a imagem errada de que em uma comunidade só vive bandido, mas não é assim. Muita gente honesta e trabalhadora e que dá duro para garantir o sustento de suas famílias mora no Muquiço. Eu contava os dias para que chegasse logo o fim de semana, porque era quando toda a minha família estava reunida outra vez. Quando a minha mãe chegava em casa, ela sempre trazia os exemplares do jornal da casa dos patrões daquela semana e pedia ao meu pai para que lesse para nós e ele fazia isso todos os dias depois do jantar. Ela não queria que ficássemos alienados sobre o que acontecia no mundo, mas queria filtrar à sua maneira o que achava adequado para os filhos saberem. Quando eu e Miguel aprendemos a ler, nós passamos a ler com ele as notícias, porque nunca tivemos televisão em casa.

— Por falta de recursos? — Dante pareceu curioso e ela fez que não com a cabeça.

— Não era por isso, não, Dante. Meus pais podiam comprar uma televisão. Eles tinham crédito na praça, como meu pai costumava dizer. Estavam sempre com o nome limpo e podiam parcelar uma TV como parcelaram e pagavam todas as nossas coisas, mas foi uma decisão da minha mãe. Ela nos dizia que o tempo desperdiçado parados em frente a uma TV podia ser mais bem aproveitado se conversássemos uns com os outros. Mas toda a regra tem exceção e a da nossa casa era dia de jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo. Eu me lembro de fazermos bandeirinhas para enfeitar a nossa rua. O seu Amauri, dono da oficina mecânica onde eu trabalhava, colocava uma televisão na rua, porque algumas famílias mais humildes não tinham, às vezes, o básico dentro de casa, então comprar uma televisão era um luxo que não podiam se dar, sabe?

— Eles não tinham o direito da escolha.

— Exatamente — confirmou Carla e prosseguiu brincando com os dedos de sua mão. — Então, a Copa era um evento muito aguardado lá onde eu moro. Acho que talvez até mais que o carnaval. Todos os vizinhos da nossa rua levavam cadeiras e bancos de suas casas e se reuniam nas ruas enfeitadas e com o chão todo pintado de verde e amarelo. Até quem tinha televisão em casa preferia assistir os jogos na rua, porque era muito mais divertido assim e todos sabiam disso. Não tardava e logo começava um churrasco. Cada um dava o que podia. Os que tinham mais davam mais. Os que tinham menos contribuíam com o que podiam, mas quem não tinha nada para dar também era bem-vindo. Os adultos até compravam cornetas para as crianças e era uma barulheira só, quando o Brasil fazia um gol. Logo também um pandeiro aparecia e tudo virava uma festa.

Dante apenas ouvia o relato daquela realidade tão distinta do seu mundo. Ele era ciente das desigualdades sociais do nosso país, mas conhecia aquelas disparidades de ouvir falar. Não afetavam seu estilo de vida, embora fosse colaborador de instituições filantrópicas, só se restringia a assinar os cheques, pois sabia que seriam bem empregados, mas nunca encontrou tempo ou interesse em ver como seu dinheiro era empregado ou quis conhecer as pessoas beneficiadas por suas doações.

— Dante, imagina alguém que todos querem ter por perto. A minha mãe era essa pessoa. Ela sempre se deu muito bem com os vizinhos. Ela tinha esse dom natural de cativar as pessoas. — Quando Carla disse isso, ele só conseguiu pensar nela, mas não disse nada. O fato dela o chamar pelo primeiro nome, sem melindres ou formalidades, o fez perceber que ela não conversava com o patrão, mas sim com um amigo e era isso que ele desejava: diminuir a

distância entre eles e ser alguém em que ela sentisse que podia confiar.

— Você a admirava muito, não é mesmo? — disse ele pensando na relação distante que sempre teve com sua mãe.

— Ela era uma mulher admirável, Dante. A D. Miriam até era chamada para apaziguar os conflitos nas casas dos nossos vizinhos — prosseguiu Carla rememorando as recordações sem esconder seu orgulho. — Eu perdi as contas de quantas vezes bateram no portão do nosso ferro-velho para que ela interviesse, porque um pai descobriu que sua filha adolescente ficou grávida ou porque um filho irresponsável engravidou a filha de alguém. Mas as situações mais comuns eram os pirralhos travessos que aprontavam das suas e depois corriam para pedir ajuda para minha mãe. E lá ia ela conversar com os pais das crianças com aquele seu jeito mediador tentar ser a voz da razão. Lembro que ela repetia com frequência que a criança aprende pelo exemplo e, se os pais sempre recorressem à violência para “educá-los”, os filhos cresceriam e reproduziriam aquele tipo de comportamento. Quando se tornassem adultos, a violência seria a única solução para resolver seus problemas, pois iriam se espelhar no exemplo que tinham dentro de casa.

Ela dizia: — *Converse primeiro. Ouça o que a criança tem a dizer. Depois oriente e diga por que o que ela fez estava errado. Fez novamente, ponha de castigo e seja bem claro sobre por que está pondo seu filho de castigo.* A escolha do castigo era ótima! — disse Carla ao se lembrar e a risada feliz fez com que Dante apreciasse ainda mais ouvi-la. Ele permanecia calado muito atento ao som de sua voz. Como era possível em uma situação de desesperança para qualquer pessoa naquelas circunstâncias, ele se sentir bem? Como ela despertava tão naturalmente sentimentos há tanto tempo adormecidos em seu íntimo? Ele mesmo não sabia explicar, mas era assim que se sentia perto de Carla Faustino. E só ela o fazia se sentir dessa maneira.

— Mamãe dizia: “— pense no que a criança mais gosta de fazer e tire isso dela por algumas semanas, ou até mesmo um mês dependendo da gravidade do erro”. Mas se depois de conversar e colocar de castigo, a criança não tomasse jeito, aí sim era hora de corrigir com umas boas palmadas, porque até a mamãe concordava que era muito melhor ser corrigido por quem te amava do que deixar que a polícia fizesse isso no futuro. Umas boas palmadas na hora e, na medida certa, sem excesso, ela dizia, também educam e tem seu valor. A dor física vai ser superada, mas a lição será aprendida — concluiu Carla sorrindo e tocando o broche com carinho. Ela alcançou o rádio de Dante e apertou um botão qualquer acendendo a luz. A claridade repentina fez os olhos dele arderem, mas Dante não se queixou, porque sentir no escuro a respiração dela e saber que estavam tão próximos fisicamente era uma coisa, mas poder ver o rosto de Carla

a centímetros do seu era inebriante para ele.

— É rapidinho, eu prometo — disse ela sorrindo por saber que ele queria que poupassem a bateria o máximo possível. Ele apenas assentiu hipnotizado por cada traço da feição dela. Viu Carla tirar um cordão de fitas de couro da blusa e revelar um broche azul preso como um pingente nele.

— Dante... antes de morrer, a minha mãe me deu esse broche. É apenas a metade da joia. Miguel tem a outra. Eu só tiro para tomar banho. Ele está sempre comigo e é como se ela também estivesse. Uso todos os dias. O que pouca gente sabe é que essa pedra é uma safira de verdade. Foi um presente de casamento dos pais da minha mãe e eu sei que vem sendo repassado há muitas gerações na minha família. No dia do meu aniversário de catorze anos, minha mãe partiu para sempre. Me lembro que ela desmaiou enquanto cantavam parabéns para mim. Chamaram uma ambulância e meu pai a levou nos braços e a deitou na cama. Quase consigo ouvir a voz dela já fraca chamando por mim e por meu irmão. Lembro nitidamente das últimas palavras que ouvi minha mãe dizer:

“— Sentem-se perto de mim.”

Nós atendemos, mas eu não entendi o que estava acontecendo. Ela estendeu as mãos para nós e eu senti como ela estava fria.

“— Quero dar um presente a vocês. Aos dois. — Ela disse.— Eu guardei este broche para dá-lo a vocês, meus filhos. Essas duas metades se completam e eu quero que vocês dois também sejam assim. Um a extensão do outro. Continuem unidos. Se amando e cuidando um do outro. Prometam isso para a mamãe.”

Eu perguntei para ela por que estava falando assim como se estivesse se despedindo e ela disse:

“— Eu estou, minha filha. Mamãe está muito doente e eu estou partindo.”

Ouvir aquilo me deixou sem chão. Olhei para Miguel que também chorava e o ouvi dizer:

“— Prometa, Carla.”

“— Mas, Miguel, a mamãe está dizendo que vai...”

“— Prometa. — Ele disse firme.”

Foi quando eu entendi que ele já sabia. Meu pai e minha mãe também. Foi decisão da minha mãe não me contar. Eles queriam me poupar o máximo que podiam. Minha mãe se empenhou muito para fazer a minha festa de catorze anos porque sabia que quando eu fizesse quinze, ela não estaria mais ao meu lado.

“— Prometam para mim, meus filhos. Por favor... Eu preciso

ouvir.”

— Nós prometemos, mas eu só chorava e pedia para ela ser forte. Para ela não me deixar. Segurava a mão dela assim contra o meu peito. — E fez o mesmo com a mão de Dante. — Assim... tinha a sensação de que se apertasse firme a mão da minha mãe, a vida fosse permanecer nela. Eu me lembro de chorar e pedir várias e várias vezes: — *Mãe, segure a minha mão. Segura, mãe. Por favor... A ambulância está chegando. A senhora vai ficar boa. Segura a minha mão firme. Eu estou aqui com a senhora. Eu não quero que vá embora, mamãe. Por favor... fica com a gente. Segure a minha mão... Segure a minha mão e não solte... Não me deixe.*

“— *Eu amo vocês, meus filhos, mais que tudo na vida e eu... sempre estarei com vocês.*”

— Senti alguém me tirar de perto dela e eu esperneeii, gritei e até arranhei o enfermeiro que chegou com a ambulância. Eu tinha que segurar a mão dela. Eu precisava... Para mim, era o que a mantinha viva. Meus amigos ainda estavam lá. Xandinho, Isabel e Mônica. Todos foram embora. Menos eles. Ficaram ali comigo. Eu ouvi o choro de desespero do meu pai e lembro de Miguel abrir a porta do quarto e me abraçar soluçando. Eu nunca o tinha visto chorar antes e eu soube, Dante... Eu soube ali... Minha mãe tinha ido embora para sempre e eu nunca mais a veria.

Carla chorava ao relembrar o pior dia de sua vida e como tudo mudou depois disso. Dante a abraçou firme em seus braços e a deixou chorar. A intensidade dos espasmos em seu corpo delicado fez com que ele entendesse que ela adiou por muito tempo se permitir chorar e viver o luto. Ele a deixou chorar até que as lágrimas se esgotassem.

Queria poder afastar aquele sofrimento dela e que aquela dor não a afligisse mais daquela maneira. Queria que no lugar de tanto sofrimento pela perda precoce que ela sofreu, só restasse a saudade e as lembranças das doces recordações que a mãe deixou. Porém, tudo que Dante pôde fazer foi abraçá-la e mostrar que estava ali com ela. Que não estava sozinha.

— Estou aqui com você, Vida. Chore. Vai lhe fazer bem. Não reprima. — Ela agarrava-se à sua camisa e afundava o rosto contra seu peito, enquanto ele lhe acariciava as costas.

Não souberam quanto tempo se passou, mas ela permaneceu ali no calor dos braços de Dante. Se sentia segura em seus braços e, quando já não tinha mais lágrimas, sussurrou:

— Agora você sabe o valor desse broche para mim, Dante — disse e sentiu as mãos dele secarem seu rosto gentilmente.

— Ele não tem preço, Carla — disse ele se referindo não ao valor

comercial da joia, mas ao que representava para ela. — Eu entendo...

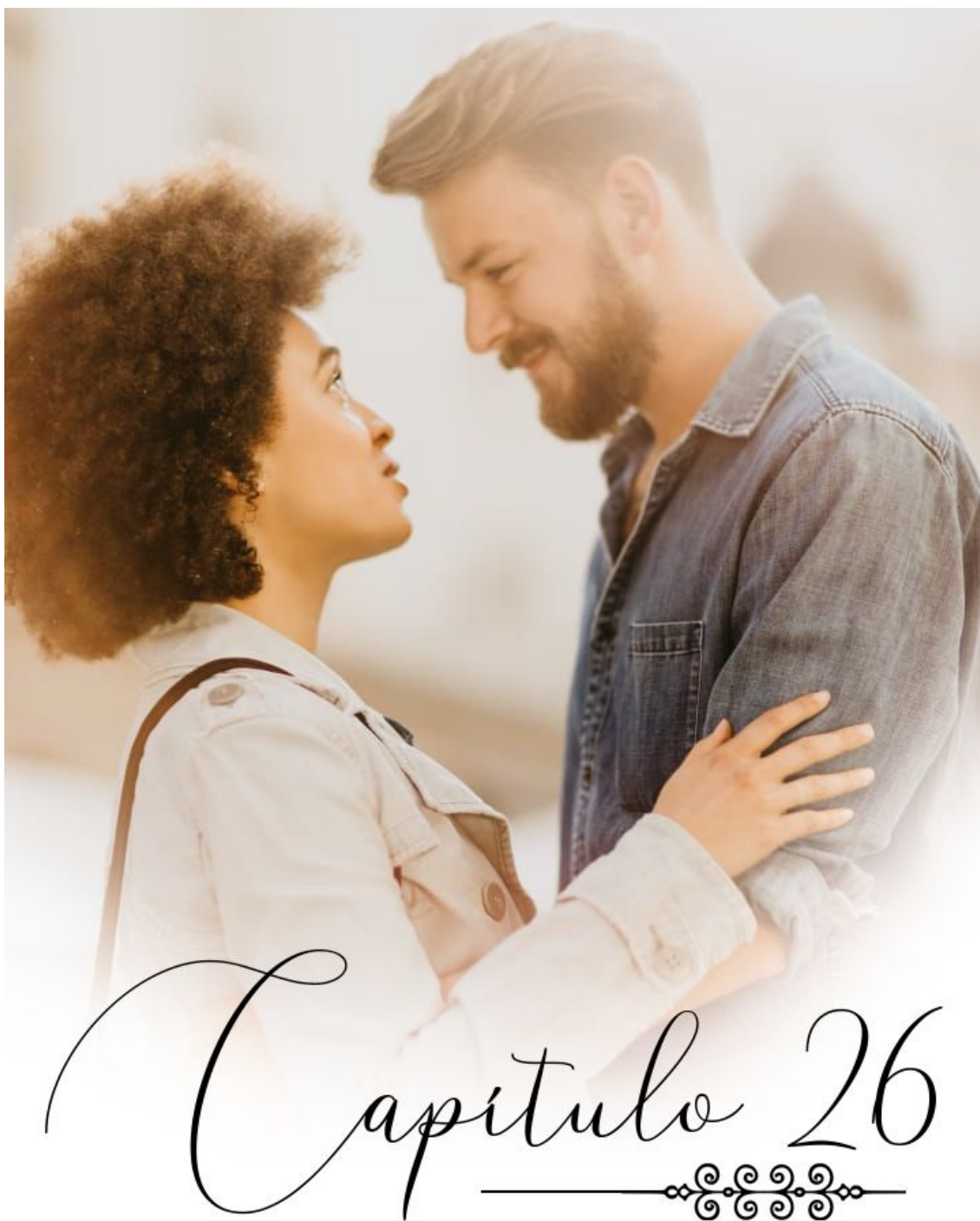
— Por maior que fosse a necessidade que a minha família enfrentasse, nunca me desfiz desse presente — disse quase dormindo de tão exausta que estava. Física e emocionalmente. Ela o abraçou para se aquecerem mutuamente. — Todos esses anos, eu trago ele comigo. É minha herança.

— Apenas parte dela, Vida — corrigiu Dante e Carla se virou para ele.

— Como assim?

— Sua mãe te deu algo ainda mais valioso: valores, como bondade que transborda do seu coração e seu incomum senso de justiça, que fazem de você uma joia rara. Eu admiro a D. Miriam, mesmo sem ter tido a oportunidade de conhecê-la e apenas pelo pouco que me contou sobre ela, porque eu vejo muito dela em você. A D. Miriam foi uma mulher muito sábia, Carla, e você é o reflexo dela. A criação que ela e seu pai te deram fez com que você se tornasse a pessoa mais surpreendentemente inspiradora que eu já tive o prazer de conhecer, Vida. Eles realmente fizeram um ótimo trabalho.

Aquelas palavras tão belas e gentis vindas de Dante Albertine, um homem que até poucos dias atrás julgava insensível e possuidor do coração mais duro que já se defrontou, trouxeram mais lágrimas aos olhos de Carla e ela chorou nos braços dele sem se envergonhar de se expor daquela maneira. Mas, dessa vez, ela chorava de alegria, apesar das circunstâncias, ela se sentia esperançosa em mudanças e reviravoltas da vida, porque encontrou um porto seguro nos braços de quem jamais imaginou chamar de amigo.



Capítulo 26

GUSTAVO, DEMÉTRIUS E INÁCIO

— Senhor, por favor, mantenha-se do outro lado do cordão de isolamento... — Em vão, o cabo dos bombeiros tentava impedir o avanço do homem de quase dois metros de altura. — Senhor, só é permitido o acesso de pessoal autorizado. Não pode...

— Estou aqui para colaborar com o resgate. — O tom firme pareceu intimidar o jovem cabo do corpo de bombeiros que hesitou por um instante, mas conseguiu concluir a frase. O homem seguia em frente e parecia alheio ao militar que se esforçava para ser ouvido.

— Mas, senhor... eu tenho ordens... Serei obrigado a chamar um policial para conduzi-lo...

— Não será necessário, cabo. Deixe-o passar. Este é um dos melhores engenheiros civis do nosso país e veio para nos ajudar — disse uma voz atrás dele e o bombeiro ao virar-se se deparou com o prefeito da cidade do Rio de Janeiro há menos de dois metros de distância deles.

— S-Sim, senhor... quer dizer, Excelência. — E rapidamente saiu do caminho do gigante loiro.

— Olá, Casagrande — disse o recém-chegado estendendo a mão.

— Olá, Gustavo. Eu admito que me surpreendi com sua ligação, mas que bom que se dispôs a contribuir com...

— Já sabem a localização aproximada deles, Casagrande? — interrompeu as formalidades querendo saber o que realmente importava para ele.

— Sim. Felizmente, o casal está com um rádio e...

— Eles não são um casal — cortou o comentário e prosseguiu. — Quem está coordenando o resgate?

— Vou te colocar em contato com o chefe da equipe dos bombeiros, o tenente Valentim vai te deixar a par da difícil situação do casal, digo, do Sr. Albertine e dessa jovem. Ah! Lá está ele.

Gustavo Grael analisava todo o terreno e sua mente pensava nas opções que tinha para tentar localizar Dante, Carla e Margot no menor espaço de tempo e garantir que saíssem vivos dali. Após ver a enorme pilha de escombros, resultado do desabamento dos dez andares do prédio da nova sede da Albertine Construções, precisava manter o foco e não permitir que sua mente o impedisse de ajudá-los.

O prefeito, de pernas curtas, tentava acompanhar os passos de Gustavo Grael lhe relatando que possivelmente as ações da Construtora despencariam na bolsa de valores no dia seguinte, contudo, Gustavo, como engenheiro civil experiente que era, observava cada detalhe ao seu redor. Viu que improvisaram algumas plataformas em madeira que ficavam suspensas sobre parte dos destroços. Notou a escavadeira parada a cerca de quatro metros de onde estava e que os bombeiros estavam empenhados na escavação de um terreno lateral ao de onde ficava o prédio. Ficou satisfeito de ver isso. Em sua breve análise, considerando todos os andares que vieram ao chão, seria muito mais lógico escavar um acesso lateral e a partir dele construir um túnel até o

local mais provável da localização deles. Perfurar dez lajes de concreto em um terreno estruturalmente instável seria o mesmo que sentenciar aquelas três pessoas à morte.

— Tenente Inácio, este é o engenheiro Gustavo Grael que se voluntariou a nos ajudar nas buscas.

— Prefeito Casagrande, eu já conto com uma equipe preparada e treinada em resgates dessa natureza. Agradecemos a colaboração do Sr. Grael, mas minha equipe está empenhada em resgatar as vítimas com vida e acredito que conseguiremos.

— Tenente, tome isso com um favor pessoal, o senhor Gustavo é um profissional extremamente reconhecido na área e está à frente de uma das mais conceituadas empresas de construção civil do nosso...

— Com o devido respeito, prefeito — cortou o oficial. — Dante Albertine tinha as mesmas qualificações e currículo e isso não impediu que a sede de sua própria empresa viesse abaixo.

Era evidente que Inácio Valentim não ficou muito satisfeito com o fato de o prefeito impor arbitrariamente a presença de alguém que não fizesse parte da equipe. Gustavo percebeu que o bombeiro não parecia disposto a facilitar sua participação nas buscas e julgou que era compreensível. Talvez em seu lugar também preferiria estar cercado por pessoas que confiava ou, no mínimo, que conheciam o trabalho. Mas uma sensação estranha de familiaridade o alcançou. Aquele tenente dos bombeiros lhe lembrava alguém. Não sabia dizer se era a postura ou o timbre de voz, mas algo nele lhe pareceu familiar. Gustavo não sabia dizer exatamente o quê. Devia ser apenas impressão, pensou.

— Tenente, eu *espero* que possa considerar as opiniões técnicas do Sr. Grael, pois estamos reunindo esforços em nome de um objetivo comum — disse o prefeito sem dar margem para ser contrariado.

Para o chefe daquele grupamento dos bombeiros, quando o prefeito disse “*espero que considere*” na verdade, quis dizer, *é uma ordem, me obedeça*.

— Bem, senhores, bom trabalho. Que Deus abençoe cada homem empenhado nessa empreitada e proteja essas pessoas. Vou acompanhar as buscas do meu gabinete, pois aqui eu não serei de grande ajuda. Boa noite.

O prefeito, seguido por seus seguranças, logo sumiu da vista de todos. Acompanharia as buscas de seu gabinete, depois de uma boa noite de sono em sua cama quente e confortável.

— Tenente Valentim, eu não pretendo usurpar sua autoridade. Eu não costumo usar meu nome ou de minha empresa ou minha posição social para receber nenhum tipo de vantagem. — Ele olhava diretamente nos olhos de Inácio e fez uma pausa antes de prosseguir. — Eu estou aqui porque essas três

pessoas que estão soterradas... Todas elas são muito importantes para mim. Eu... estou pedindo, por favor, que aceite minha ajuda...

Inácio olhou para a figura do homem à sua frente e, por um momento, os dois apenas se mediram. Não esperava esse comportamento humilde vindo de alguém com tanto dinheiro como Gustavo Grael, pois só de olhar para ele, Inácio já sabia que se tratava de um homem que estava acostumado a comandar e ter suas ordens obedecidas. Claro que sabia de quem se tratava. Os sobrenomes Albertine e Grael eram muito conhecidos não só no Rio de Janeiro, mas em todo país.

— Tome — disse estendendo um outro capacete que tirou da viatura parada ao seu lado. — Vai precisar disso. Sugiro que vista um macacão por cima da sua roupa — disse analisando que ele até que fez boas escolhas quanto ao vestuário: camisa xadrez de mangas compridas, calça jeans e botas apropriadas. Mas era de se esperar de um homem que passava tanto tempo em canteiros de obras.

— Obrigado. Farei isso.

Gustavo vestiu-se ali mesmo. Apressadamente, concluiu a tarefa em poucos minutos. Seguiu Inácio até a área mais crítica e participou de tudo que sabiam até o momento sobre a posição de Dante e Carla.

— E quanto... a Margot Albertine? Alguma notícia sobre ela?

— Nada ainda, mas o assistente pessoal dela, Demétrius, está nesse momento tentando identificar o último local onde se viram. Ele foi a última pessoa a vê-la viva.

— Ela ainda está viva, tenente. Vamos encontrá-la viva. Tenho certeza absoluta disso. Ela é uma mulher surpreendentemente forte... — disse Gustavo com convicção.

— É o que Demétrius disse. Torço para que estejam certos.

— É difícil de acreditar que este prédio foi construído sem considerar medidas preventivas. Conheço Dante e todos os projetos da construtora Albertine sempre contemplam muros de arrimo, cortinas de estaca e algo assim acontecer é quase impossível. Apenas um erro estrutural primário pode ter sido a causa de uma tragédia como essa. O que não faz sentido algum porque Dante Albertine nunca erra nos cálculos de seus projetos. Revisa várias e várias vezes o próprio trabalho e o dos outros também. Segurança nunca é demais para ele. Seria mais fácil acreditar que se trata de um atentado criminoso.

Nesse momento, o oficial, retirando o capacete que usava e colocando embaixo do braço, encarou Gustavo com seriedade e assentiu com um gesto de cabeça. Novamente, a sensação de que ele lhe lembrava alguém fez com que Gustavo estreitasse os olhos para forçar sua memória.

— Estão suspeitando de que foi tudo premeditado?

— A polícia também está considerando essa linha de investigação. Estão levando em conta essas novas informações que Carla Faustino forneceu por rádio.

— O que ele faz aqui? — A voz de Demétrius fez com que eles se virassem. Ele estava com o rosto sujo como todos os outros que trabalhavam escavando o túnel.

— Demétrius, o Sr. Grael veio colaborar conosco. Ordem direta do prefeito, mas acho que um engenheiro civil será de muita valia à equipe.

— Talvez o senhor não saiba, tenente Inácio, mas o relacionamento entre a família Grael e a Albertine não é amigável. Eu não diria que são inimigos, mas amigos com certeza, não são há muito tempo. Eu não sei se Dante ou mesmo Margot gostariam de saber que alguém que não os estima está participando do resgate. Seria no mínimo contraproducente tê-lo aqui.

— Alguém que não os estima? Eu daria a minha vida por ela! — disse Gustavo perdendo a calma, mas logo tentando se controlar novamente. — Eu não vou me justificar. Eu nunca prejudicaria o resgate. Carla Faustino é minha amiga. Dante e Margot já... foram meus amigos. Eles são...

— São o quê?

— Eu... cometi erros no passado quanto a Dante e... Margot também, mas não duvide que farei tudo ao meu alcance para resgatá-los. Essas pessoas significam muito para mim. Eu devo minha vida a Dante Albertine. Ele salvou minha vida quando éramos jovens. Espero que consiga aceitar minha presença, pois não irei a lugar algum — disse firme Gustavo.

— E-Eu não sabia disso...

— Foi há muitos anos... nós estávamos na praia. Dante, eu e Benício, irmão mais velho dele. Eles eram ótimos surfistas e eu já estava mais confiante após um mês pegando onda. Nós surfávamos. Nos afastamos muito e eu nunca fui o melhor dos nadadores, mas a juventude nunca foi sinônimo de prudência. Uma tempestade nos atingiu... foi tudo muito rápido. A maré começou a nos puxar em direção a umas rochas e eu entrei em pânico quando minha prancha quebrou e perdi o equilíbrio. Me lembro de Dante implorar ao irmão para que me levasse na prancha dele em segurança até a praia. Benício sabia que Dante sentia câimbras, mas, mesmo assim, ele e Dante pensaram primeiro na minha segurança. Acho que devo ter batido a cabeça em algo, porque a última coisa que eu lembro foi de acordar no hospital. Ele voltou para buscar o Dante, mas não o encontrou. Dante foi encontrado por um barco e correu da marina até a praia para encontrar comigo e com o irmão, mas Benício não voltou. Me disseram que Dante quis ir atrás dele, mas os salva-vidas não

permitiram. Infelizmente... o Benício, irmão do Dante, se afogou. Dante se culpou porque o irmão voltou e sabia que devia ter nadado até não ter mais forças procurando por ele. Dante nunca me culpou pelo que aconteceu com Benício. Sempre culpou a si mesmo, mas se eu tivesse sido mais prudente e tivesse ficado mais próximo da praia... eu não quis ficar para trás. Quis me mostrar tão bom quanto eles... fui prepotente e pessoas que eu amava pagaram o preço pelo meu erro. E é por isso que eu devo... eu preciso estar aqui. E eu só sairei daqui quando ele, Margot e Carla estiverem em segurança.

Demétrius não sabia o que dizer. O que afinal poderia dizer ao saber disso? Mas conseguiu ver em seus olhos que toda a dor e o peso da culpa que aquele homem carregava parecia enorme. Era a primeira vez que conversava com Gustavo Grael. Sabia do afogamento do irmão mais velho de Margot, porém ela nunca revelou que Gustavo estava presente quando tudo aconteceu. Margot, na verdade, jamais tocava no nome de Gustavo Grael e as palavras dele ficaram registradas na memória de Demétrius. Uma suspeita começou a se instalar em sua mente. *“Eu daria a minha vida por ela”*.

Tentando ser racional, o homem moreno disse:

— Eu vou te mostrar onde vi Margot pela última vez. — Demétrius deu passagem e viu Gustavo parecer um pouco embaraçado por se abrir dessa forma para desconhecidos, mas ele seguiu na direção que o outro apontou.

Assim, os três homens passaram a trabalhar juntos. Demétrius explicou a Gustavo que a retroescavadeira foi descartada da tarefa em menos de dez minutos de escavação, por ter afetado a estrutura e um abalo ter sido sentido. Mas conversaram com Carla e Dante depois disso e, a princípio, não os afetou. Gustavo preferiu que não mencionassem sua presença ali. Ele elogiou a estrutura de contenção nas paredes do túnel. Inácio lhe disse que foi o sargento Brites o responsável pelo ótimo trabalho, por ser o bombeiro mais experiente ali. O túnel já havia avançado seis metros de profundidade e três de comprimento. Estava sendo um trabalho vagaroso, pois precisava ser feito com extrema cautela, apesar de o relógio estar contra eles. Demétrius perguntou ao tenente Inácio quanto tempo alguém sobreviveria sem comida e água e Gustavo, que estava perto, ouviu a resposta. Inácio disse que havia registro de vários casos que pessoas resistiram mais de 50 dias sem comida, mas com um pequeno suplemento de água pelo menos, pois era fundamental para que o organismo funcionasse. Evitava que enfrentassem um sério quadro de desidratação, mantendo a temperatura corporal. O oficial disse que a ingestão de líquidos era essencial para a vida e em poucos dias a total falta poderia ser fatal.

Gustavo pensou na estrutura de prédios adjacentes e providenciou que viessem sacos de ráfia com mistura de cimento e terra para impedir que os

destroços afetassem a estrutura dos prédios vizinhos, caso um novo deslizamento acontecesse e escombros deslizassem forçando as paredes das outras construções. A polícia garantiu a escolta dos oito caminhões com o logo da Grael Construtora que cruzaram o centro da cidade até o Flamengo, localizado na Zona Sul, em tempo recorde em plena hora do rush.

Foi de Gustavo a ideia de usar uma estratégia ousada para tentar resgatar Margot. Considerando a localização fornecida por Demétrius, começaram a buscar acesso por um duto de refrigeração. Acharam dois, mas, infelizmente, um deles não permitia o acesso. Estava totalmente obstruído. O próprio Gustavo percorreu alguns metros dele com um capacete com iluminação e câmera. Precisou retirar o macacão e as botas. O calor dentro da tubulação incomodava bastante, mas era suportável. Valeria a pena.

Encontrariam Margot e ela estaria de novo em segurança. Lia nos rostos de alguns bombeiros que seria o resgate de um corpo, mas o empenho de todos não era menor por essa razão.

Ele, Demétrius e o tenente Inácio estavam reforçando a estrutura do outro duto para que fizessem uma nova tentativa. Já haviam avançado mais de oito metros. As plantas do prédio ajudaram Gustavo a situar onde provavelmente Margot poderia estar. Gustavo reconheceu em Demétrius a mesma força que via nele mesmo. Aprendeu a admirar Demétrius, como admirava o tenente Inácio. Mas a força que o impulsionava era o amor por Margot Albertine e um homem apaixonado reconhece outro. Sabia que Demétrius a amava. O invejou por estar tão perto dela diariamente nos últimos anos. Ele a via de longe. E os poucos eventos públicos que frequentava eram aqueles que sabia que ela estaria presente. Sufocou esse sentimento por tantos anos, mas ele nunca diminuiu, nunca deixou de ocupar seu coração. Nunca. A amava e sentia profundamente em seu íntimo que a amaria enquanto estivesse vivo. Mas o mal que fez a ela nunca poderia ser remediado e ela nunca o perdoaria. Demétrius era o tipo de homem que merecia ser feliz ao lado de alguém como Margot, pensou ele.

Eram quatro horas da tarde e Gustavo sentava-se para comer um sanduíche ao lado de alguns bombeiros que passaram a vê-lo como um companheiro naquela empreitada e todos sabiam que era um homem rico, mas seu comportamento era de um homem de valores e isso os aproximou. Ele via como os bombeiros dedicavam suas vidas para salvar a vida de três desconhecidos, movidos pelo dever e pela esperança de reuni-los com seus familiares. Gustavo se impressionava com tamanho empenho daqueles profissionais que estavam há quase vinte e seis horas trabalhando sem descanso e sem ver suas famílias. Ele quis entrar nos rodízios e entrou nos turnos de trinta minutos de escavações do túnel com pá para encontrar Dante e Carla. Esses

turnos eram feitos em dupla. E Gustavo já havia participado seis vezes. A primeira com o sargento Brites, uma ao lado de Demétrius, depois com outros três soldados diferentes e agora concluía um turno com o cabo que o recebeu quando chegou ali. Ele sempre valorizou o trabalho dos bombeiros e, vendo de perto tudo que faziam, sentiu um respeito e uma admiração ainda maior. Lembrou de Benício que sonhava em ser bombeiro e essa escolha desagradou muito sua mãe na ocasião. Viu um bombeiro sair de dentro do túnel completamente sujo de terra após terminar seu turno.

O tenente Inácio Valentim parecia cansado, mas sorria e parabenizava a equipe por terem avançado mais alguns metros. Era jovem e apesar de se mostrar seguro de suas decisões, consultava os bombeiros mais experientes, como o sargento Brites, demonstrando que valorizava suas opiniões. Inácio sabia reconhecer o esforço e incentivar seus subordinados. Um líder.

Pelos cálculos de todos, estavam a cerca de dez a quinze metros da posição de Dante e Carla. Foi nesse momento que Gustavo soube exatamente quem o bombeiro lhe lembrava.

— Ele é a cara do Benício. Como eu não percebi isso antes? — pensou Gustavo levantando-se e caminhando em direção ao tenente dos bombeiros que lavava o rosto em uma pia improvisada.

— Tenente Inácio, eu posso conversar com você por um momento?

— Claro, Gustavo. E me chame de Inácio. Não vejo por que mantermos essa formalidade.

Ele sorriu e prosseguiu:

— Inácio, na verdade, eu gostaria de te fazer uma pergunta que pode soar estranha.

— Faça — disse ele. — Vamos ver o quanto estranha será essa pergunta.

— Eu tive uma sensação de já te conhecer e eu pensei que poderia ter conhecido o seu pai. Como ele se chama, Inácio?

Inácio abaixou a cabeça, ficou em silêncio por um tempo e sentou-se aceitando um sanduíche que um subordinado lhe entregou com um copo de suco.

Gustavo pensou que ele não responderia, mas, enfim, o ouviu dizer:

— É difícil falar de alguém que eu nunca conheci, sabe, Gustavo... Meu pai morreu há anos. A minha mãe precisou ir embora do Rio por um tempo porque a família dele não queria que ficassem juntos. Eu sempre quis conhecê-lo, mas minha mãe tinha medo. Algo a aterrorizava sempre que tocava no assunto. Mas quando eu fiz quinze anos, ela me contou que meu pai morreu. Eu nunca o conheci, mas não culpo minha mãe. Ela era boa e se empenhou muito

para me criar. Eu não tenho nem uma foto dele para poder te responder se pareço com meu pai ou não. Eu não tenho o nome dele na minha certidão de nascimento porque a família dele não queria nenhuma proximidade comigo ou com minha mãe. E ele nunca me procurou. Em todos aqueles anos. Ele tinha como nos achar. Tinha dinheiro e se realmente quisesse teria nos encontrado... Enfim, isso é passado.

— Qual era o nome dele, Inácio?

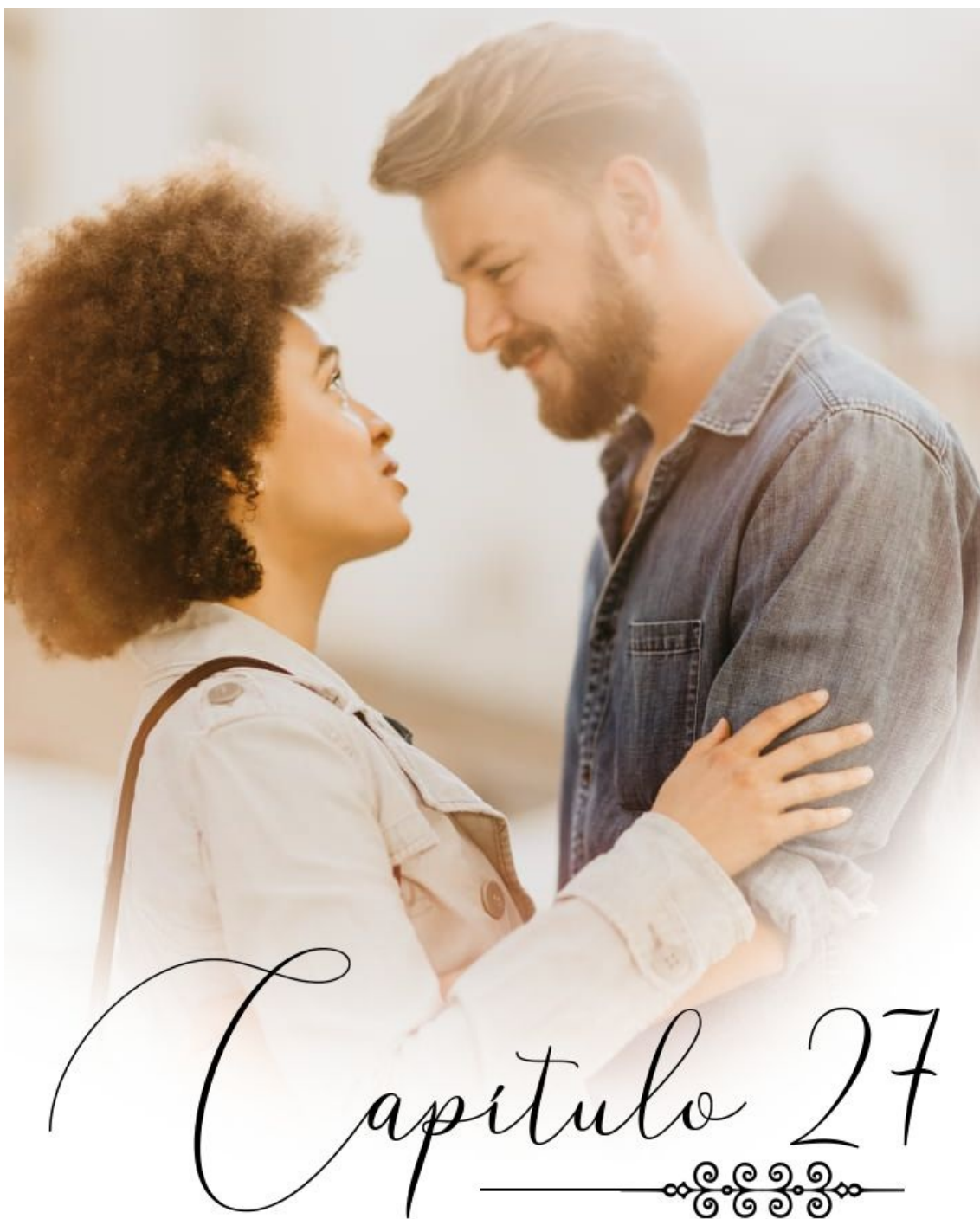
— Outro mistério para mim. Minha mãe nunca me disse como ele se chamava e eu, com o passar dos anos, parei de insistir. De que adiantaria, afinal? Lembro que ela sempre se referia a ele por um apelido.

— Apelido?

— Sim. Algo bobo. Nunca me disse a razão, mas o chamavam de Marquês.

Gustavo não acreditou no que ouviu. Seria coincidência demais. Como seria possível?

Marquês era o apelido de Benício Albertine, irmão mais velho de Dante e Margot. O homem que salvou a sua vida.



Capítulo 27

COMO SERIA POSSÍVEL TE CONHECER E NÃO TE
AMAR?

Anos atrás

— Margot rolha de poço, come até o osso! Margot rolha de poço, come até o osso! — O grupo de estudantes cercaram a menina que agarrava sua

mochila como uma tentativa vã de se proteger das colegas que a empurravam de um lado para o outro no círculo.

— *Me deixem em paz!*

Margot rolha de poço, come até o osso! Margot rolha de poço, come até o osso!

— *Por que estão fazendo isso? Por favor, parem! Eu não fiz nada. Me deixem ir.*

Não adiantava a menina pedir, pois o grupo parecia ganhar mais força diante de seus protestos e choro. Ela olhou ao redor e não viu nenhum dos inspetores ali naquele momento. Era uma escola muito grande e aquele era um dos pátios menos movimentados no horário do intervalo.

Um empurrão mais violento fez a menina cair no chão do pátio da escola. Ela ficou feliz por não ter sido nos corredores que dão acesso ao jardim como da última vez porque ainda tinha as escoriações no joelho que não cicatrizavam. Ali o porcelanato do piso era enrugado, mas não deixaria nela mais do que alguns hematomas roxos. Era ali que estava sendo o espetáculo daquela vez. Margot aprendeu a evitar passar por vários lugares daquela escola que recebia os filhos das mais proeminentes figuras públicas do Rio de Janeiro, o majestoso Colégio Santa Tereza. Aprendeu que deveria cair de joelhos ou cair sentada.

Até técnicas de queda ela passou a escolher. Dessa vez, caiu sentada para não agravar os ferimentos do joelho. Seria melhor assim porque sua mãe já a havia repreendido severamente, a chamando de estabanada quando foi buscá-la na casa dos Grael. Gustavo a levou para lá e ajudou Julieta a fazer os curativos. E ela só escolheu aquele caminho naquele dia porque se atrasou explicando a matéria da prova para Elines, uma das meninas que agora fazia coro a chamando de rolha de poço.

— Sua baleia, não tem vergonha de sair de casa?

— Vergonha ela devia ter era de ter nascido. Eu me mataria se tivesse que me olhar no espelho e me deparasse com isso — disse Elines rindo da tentativa de Margot se levantar e sendo empurrada novamente.

— Por que tenta se levantar, sua orca? O oceano está muito distante daqui. Você não vai conseguir chegar até lá.

— Isso mesmo. Daqui a pouco o cheiro de peixe podre vai se espalhar por toda a escola. Mas eu tenho algo aqui que pode ajudar a salvar a vida da baleia. Afinal, peixe não sobrevive longe da água...

Elines havia orquestrado tudo, logo as garrafas com água foram tiradas da mochila rosa e começaram a jogar o líquido sobre a menina. Margot pediu tanto a mãe que lhe comprasse sutiãs. Por mais que seu busto fosse

pequeno, ela sentia as mudanças em seu corpo.

Começaram a jogar todo o líquido de uma das garrafas nela. Margot, sentada onde estava, cobriu com as mãos a frente da blusa do uniforme escolar que ficou colada ao seu corpo e totalmente transparente.

— Eu só não arrebento cada uma de vocês agora mesmo porque são garotas. — A voz grave de Gustavo Grael fez com que todas se virassem e se afastassem com medo. Ele usava o uniforme azul-escuro do time de basquete e entrou no círculo empurrando quem estava na sua frente.

— Saiam daqui! — disse firme e logo o grupo se dispersou para bem longe do gigante loiro, exceto Elines que observou de perto Gustavo se abaixar e, com as duas mãos, segurar o rosto de Margot a fazendo olhar para ele.

— Eu estou aqui, Margot. Me perdoe por ter demorado.

Margot não queria que Gustavo a visse naquele estado e continuou de cabeça baixa.

— Você devia estar jogando, Gustavo — disse se esforçando para não chorar mais.

— Como eu poderia, se meu amuleto da sorte não estava na arquibancada torcendo por mim?

— Eu tentei chegar... não consegui. Me desculpe atrapalhar a partida.

— Não. Você não fez nada de errado. — Tirou a camisa do time e disse: — Vista isso aqui. Eu te levo para casa.

— Mas e o torneio? — disse abaixando novamente a cabeça agora que Gustavo estava sem camisa na sua frente.

— Não importa, Margot. É só um jogo. Só você importa agora — disse sorrindo e vendo-a sorrir de volta.

O coração de Gustavo se enchia de um sentimento quente e feliz sempre que ela sorria para ele. Margot aceitou a camisa, pois seus seios apareciam através do tecido molhado.

— Você precisa jogar.

— Não. Eu preciso cuidar de você agora. Vamos. Eu te levo para casa.

— Não, Gustavo! O jogo é importante. É a semifinal.

— Margot, você não me ouviu? É só um jogo. A minha melhor amiga é muito mais importante que um jogo para mim.

Ele viu a testa dela franzida e sabia que haveria consequências quanto ao time, mas não se importava. Ela precisava dele e nada mais importava.

— Eu não entendo você, Gustavo. É um dos garotos mais populares do colégio e perde tempo com essa gorda? — Elines voltou a atacar.

Gustavo nem se dignou a responder. Estava ajudando Margot a ficar de pé, depois a vestiu com sua blusa azul por cima do uniforme.

Sem soltar a mão dela, pegou a mochila de Margot que estava no chão e colocou nas costas.

— Vou te levar para casa, minha linda.

— Linda? Essa foi boa! — disse Elines gargalhando. — Há pessoas que importam e outras, não. Por que perde seu tempo sendo babá dessa aí, Thor? Virou guarda-costas oficial da orca? Era só o que faltava... eu posso saber por que você não apareceu na minha festa no sábado?

Gustavo odiava esse apelido que deram para ele desde que entrou para o time, mas aprendeu a ignorar e nem respondia quando o chamavam assim, porém aquela última pergunta ele fez questão de responder:

— Vou satisfazer a sua curiosidade já que quer tanto saber onde eu estava no sábado à noite, Elines. Eu fui ao cinema e muito bem acompanhado. Com certeza me diverti muito mais do que todos que estava no seu baile de quinze anos entediante.

— Eu não acredito que preferiu ver uma matinê de um filme bobo do que ir à minha festa. Faz ideia de com que cara eu fiquei? — Nesse momento, sua voz saiu esganiçada, como sempre acontecia quando ela estava à beira de perder o controle. — Falei para o colégio inteiro que tinha te convidado para ser meu príncipe. Você tinha um compromisso firmado comigo.

— Eu não me lembro de ter aceitado o seu convite.

— Mas também não disse que não.

— Elines, eu não gosto de você. Até o perfume que você usa me enjoa. Eu sempre ignorei suas investidas. Se usasse sua cabeça para pensar, ao invés de ser só um peso para o pescoço, você perceberia que eu não te suporto.

A morena passou a mão pelos longos cabelos como se precisasse pensar no que argumentaria a seguir.

— Não tem lógica o que está dizendo. Eu...

— Lógica? Logo você falando de lógica, Elines? Sabe ao menos o que significa essa palavra? Tá, vou tentar responder de outra forma, já que parece que você não entendeu ainda. Você fez questão de me fazer esse convite na frente de todo o time de basquete no final do último jogo. Seria indelicado da minha parte te expor ao ridículo e dizer que ser seu par nessa festa de 15 anos, e ainda ter que dançar com um ser humano tão desprezível quanto você, seria uma tortura que eu jamais me infligiria. Minha doce Julieta sempre me ensinou que quem tem vergonha na cara não envergonha os outros — disse se referindo à governanta de sua família.

— Ser meu príncipe seria uma tortura? Você enlouqueceu, Gustavo?

Eu sou a garota mais bonita do Santa Tereza. Quem saiu perdendo foi você, seu... seu idiota!

— Margot, vamos indo — disse Gustavo voltando a dar atenção para quem, na opinião dele, importava. O rapaz loiro sorriu e cruzando seus dedos aos de Margot começou a se afastar da morena. — Vamos para minha casa, a Julieta fez aquele *naked cake* de chocolate e maracujá que você adora para comemorarmos depois do jogo.

— Mas e os meus irmãos, Guto?

— Eles estão jogando. Eu estava no banco por causa das faltas no último jogo, mas quando eu não te vi na torcida, suspeitei que algo estava errado. Comecei a te procurar feito um louco, mas sabia que te encontraria.

— Obrigada, Guto. Não precisava sair do jogo... eu ficaria bem. — Foi tudo que ela conseguiu dizer porque sem querer olhou para o peito desnudo de Gustavo e sabia que seu rosto tinha ficado vermelho como um tomate.

— Eu posso saber com quem estava pelo menos? — Elines, vindo atrás deles, novamente interrompeu os dois.

— Você ainda está aí? Nossa! Quanta falta de amor-próprio. — Ironizou Gustavo — Nunca ouviu falar que dois é bom, três é demais?

— Gustavo, faça-me o favor... me comparar com Margot Albertine? Essa daí e nada para mim é a mesma coisa. Você a protege porque é a irmã caçula dos seus amigos, mas todo mundo sabe que só age assim por pena — disse Elines jogando um olhar desdenhoso na direção da outra moça que fez Margot se encolher.

— Olhe aqui, sua...

— Não, Gustavo. Deixa para lá, por favor. Eu só quero ir embora — disse segurando seu braço, pois ele estava prestes a confrontar Elines e podia perder a cabeça e cometer algum ato impensado. — Não vale a pena, Guto. São só palavras...

Gustavo beijou o topo de sua cabeça e a envolveu em um abraço protetor. Respirou fundo para não fazer nada que se arrependesse depois. Margot estava certa como sempre, pensou ele, mas respondeu com Margot aninhada em seus braços:

— Pena eu sinto de você que é uma garota patética, irritante e esnobe. Nunca compararia você com a Margot, porque não se compara uma poça de lama com um oceano. E já que quer mesmo saber com quem eu fui ao cinema, vou satisfazer sua curiosidade. Eu estava com a garota mais inteligente, mais divertida e mais bonita que eu conheço. Conversar com ela... olhar para ela já é o melhor programa de todos para mim, porque só de estar perto dessa garota incrível eu já me sinto o cara mais feliz do mundo. E mesmo sem ser tão

inteligente quanto ela, sua força me contagia e me sinto capaz de conquistar o que eu quiser, de ser o que eu quiser. — E voltando sua atenção para a moça bem à sua frente, com carinho, Gustavo aprisionou o rosto de Margot entre suas mãos e disse sorrindo ao olhar para ela: — Margot, você é a única pessoa no mundo inteiro que me faz sentir assim. Você é a garota mais inspiradora que eu já conheci em toda a minha vida.

Por um instante, o coração de Margot parou de bater. Ele falava de uma forma tão romântica que Margot sentiu suas pernas amolecerem. Ela sempre soube que a afeição que sentia por ele desde que era criança, com o tempo, evoluiu para um outro nível de sentimento, mas ouvi-lo dizer palavras tão bonitas sobre ela e defendê-la com tanta firmeza de espírito fez seu coração querer acreditar no que sua razão dizia ser impossível.

Ela lembrou de quando Gustavo a convidou para ver esse filme e ela aceitou na mesma hora. Seus irmãos entenderam que o convite se estendia a eles, mas quando Margot quis assistir a estreia do filme *Top Gun*, Dante e Benício preferiram ver *Rock IV* que também estava em cartaz.

Margot e Gustavo eram muito próximos. Ele sempre foi extremamente cuidadoso com ela e brigava até com Dante e Benício quando achava que eles chamavam sua atenção ou por serem superprotetores com a irmã ao ponto de sufocá-la, às vezes.

Margot adorou poder ficar no escuro com Gustavo dividindo a pipoca. Sempre que seus dedos se tocavam ela sentia uma corrente elétrica percorrer seu corpo. Ele achou que ela estava com frio e deu a Margot sua jaqueta jeans. Quando *Take my breath away* começou a tocar e a cena de amor entre Tom Cruise e Kelly McGillis se descortinou na frente deles, Margot sentiu suas bochechas queimarem de tão vermelhas e que seu coração ia sair pela boca, pois Gustavo segurou sua mão e beijou cada um de seus dedos. Depois ele a puxou para mais junto dele, passando o braço ao redor de seu pescoço. Margot poderia jurar que a respiração dele estava um tanto mais acelerada, como a sua também estava. Mas só conseguia se concentrar naquele abraço que adorava. Para ela, ali era o melhor lugar do mundo: o abraço de Gustavo. Não importava se seus irmãos estivessem junto ou estivessem sozinhos como agora, ele sempre a abraçava.

— Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Você está a fim da Margot?

— Se acredita ou não, tanto faz para mim. — E dizendo isso, saiu levando Margot com ele. Não aguentava mais nem ouvir o som da voz da morena.

Margot se deixou conduzir até o estacionamento da escola e logo

avistaram o motorista da família Graef que abriu a porta para que entrassem. Sua cabeça estava rodando. Pensava nas palavras de Gustavo e nas possíveis razões para que ele a descrevesse daquela maneira. Ela logo faria quinze anos e ele tinha dezessete, a mesma idade de seu irmão Dante. Ele estava no segundo ano de Ensino Médio e ela terminava a 8ª série. Pensou que ele agiu assim apenas para tripudiar de Elines, que não convidou Margot para seu baile, o que deixou Margot até feliz, pois quando seus pais não estavam por perto, Elines, sempre que podia, a tratava como uma aberração da escola. Sua mãe sempre a comparava com a linda moça morena, filha de sua amiga do clube do livro e foi ideia de sua mãe obrigá-la a ajudar Elines a estudar trigonometria depois dela tirar zero na última prova.

No caminho para a mansão Graef, Margot sentou-se encostada na janela e ficou em silêncio a viagem inteira. Estava se sentindo muito confusa e insegura. Olhou uma única vez para Gustavo e o viu sorrindo para ela. Ela abaixou a cabeça, mas antes de descenderem do carro, ele segurou sua mão e disse:

— Eu sei que o que eu disse te assustou, Margot. Mas tudo que eu falei é verdade. É de você que eu gosto. Só de você.

— Guto, eu preciso trocar de roupa — disse saindo do carro quase tropeçando nas próprias pernas e entrando na casa como um foguete. Sempre deixava roupas suas no quarto de Vivian. A forma como Gustavo e Margot se compreendiam, às vezes, deixava até a irmã dele enciumada, mas Vivian e Margot também eram amigas, então logo passava. Vivian estudava em um internato de freiras no interior do estado e só vinha para casa nas férias.

Depois de um banho e de se trocar, foi encontrar com Gustavo na cozinha. Ele enchia D. Julieta de beijos. Ela era como uma mãe para Gustavo, e Margot sabia que ele quando criança até dormia na casa dela em suas folgas. Era uma cena bonita de se ver e Margot ficou admirando o amor que havia entre os dois.

Lembrou-se de Gustavo a levar para a escola na homenagem do dia das mães uma vez e Elines dizer que não entendia como ele não tinha vergonha de levar uma empregada e ainda negra para a cerimônia. Margot pensou que realmente Elines era digna de pena. Foi D. Julieta quem criou Gustavo depois da morte da mãe no parto de Vivian. Ele lhe disse que se lembrava muito pouco de sua mãe, mas que ela era muito amiga de Julieta e, por isso, cuidou de Gustavo e Vivian como se fossem seus filhos caçulas, pois ela mesmo tinha quatro adotados.

— Menina Margot, dê um jeito no Gustavo — disse Julieta rindo e tentando escapar do abraço de Gustavo para servir o almoço. — Ele está demais hoje. O que aconteceu na escola? Ganhou o jogo?

— Não, Julieta. Eu finalmente me declarei para a garota que eu amo.

— Ah! — disse ela também sorrindo e olhando diretamente para Margot que abaixou o olhar. Gustavo sorriu para ela cúmplice e a deixou ir. — Vou ver se a sobremesa ficou pronta.

Margot olhava para todas as direções, menos para Gustavo quando disse:

— E-Eu vim me despedir. Já liguei para minha casa e meu pai está vindo me buscar.

— Mas, Margot, eu pensei que nós dois íamos poder conversar um pouco. Pode almoçar aqui e mais tarde eu te levo para casa — disse ele se aproximando dela e segurando sua mão. — Não há nada que queira me dizer?

Margot olhou bem no fundo dos olhos dele, como se procurasse algum traço de divertimento ou ironia naquelas palavras. Não encontrou. Gustavo jamais faria algo assim.

Julieta discretamente saiu da cozinha e os deixou a sós.

— Gustavo, eu entendo que disse tudo aquilo para me defender da Elines, mas eu ficarei bem. Não se preocupe.

— Eu estou pouco me lixando para Elines. Mas admito que em uma coisa ela estava certa.

— O quê?

— Que existem pessoas que importam e outras, não. Eu não me importo com o que Elines diz ou pensa, mas você importa muito para mim. Eu amo você, Margot — disse segurando firme as mãos dela e percebendo o quanto estavam geladas. — Sei que deve estar assustada. Eu não sei explicar como o que eu sinto por você mudou. Eu sempre quis te proteger e ser seu amigo porque quem conhece você, como eu conheço, quer estar perto de você. Da sua luz. Na verdade, nem sei se o que eu sinto mudou, acho que, mesmo sem que eu percebesse, você sempre teve a chave do meu coração.

— Eu não entendo, Gustavo. Você é um dos garotos mais populares e bonitos do colégio. Você e meus irmãos têm até um fã-clubes...

— Isso tudo é bobagem, Margot. Não é o que nós somos. Não é o que eu sou. Nunca incentivei esse tipo de coisa. Só gosto de jogar basquete, mas nem me importo com títulos. Jogo porque é divertido, quando deixar de ser, eu não jogarei mais. Você conhece nós três como ninguém. Sabe que o entusiasmo daquelas garotas não nos afeta. Sabe disso, não sabe? Mas não quero falar dos outros. Quero conversar sobre nós dois.

— Nós dois?

— Sim. Eu e você. Quero que quando te vejam no colégio digam:

Lá está a Margot do Gustavo e que me vejam como o seu Guto. Já que só você me chama assim — disse se aproximando mais um pouco e colocando as mãos em seus ombros.

— Você gosta de outro cara?

— Não é isso... Gustavo, eu estou com medo...

— Medo de mim? Eu sei que sou mais velho que você e que sou amigo dos seus irmãos, mas eu converso com eles. Sei que vão entender quando eu explicar que o que eu sinto por você é...

— Não, Gustavo. Não tenho medo de você, mas de tudo o que está dizendo para mim. Não diga nada aos meus irmãos... por favor.

— Eu não sou o tipo de cara por quem se interessaria? Se envergonha de mim? — perguntou tirando as mãos dos ombros dela.

Margot olhou incrédula para a expressão triste no rosto de Gustavo. Não sabia nem o que pensar.

Meu Deus, o mundo virou de cabeça para baixo? Será que ele não vê que é justamente o contrário?

— Eu não quero que a amizade de vocês acabe por minha causa.

— É isso, então? — Gustavo voltou a sorrir. — Isso não vai acontecer, Margot. Eles vão entender... mas a questão aqui é se você gosta de mim.

Margot ficou em silêncio. Tudo que sempre sonhou ouvir da boca de Gustavo estava ouvindo agora, mas não se sentia confiante para revelar que o amava.

— Tudo bem se não me ama ainda. A Julieta me disse que quando conheceu o marido dela, não gostava dele da mesma forma, mas deu espaço a ele em seu coração e com o tempo se apaixonou por ele.

Margot ouvia aquelas palavras e sentia mergulhar nos olhos azuis de Gustavo e, quando ele a abraçou, ela não fugiu. E quando ele gentilmente lhe deu seu primeiro beijo, Margot não resistiu mais e se permitiu ser o centro do mundo de alguém, como ele já era o seu mundo há muito tempo. Foi um beijo de descoberta. Um beijo suave que despertou todos os sentidos de Margot. Nem nos seus sonhos, ela podia imaginar que seu primeiro beijo seria tão maravilhosamente perfeito.

O som de uma buzina despertou ambos do encantamento daquele beijo.

— É o meu pai... E-Eu preciso ir agora.

— Margot, calma. Seu Pompeu vai ter que esperar um pouco — disse ele prendendo sua mão, a impedindo de sair. — Me dá uma chance? Namora comigo?

— Gustavo, eu não sei se isso daria certo... Eu sou...

— Eu te amo, Margot. Se não ouviu da primeira vez, repito agora.

— Como assim me ama? — Parecia que Margot o ouviu dizer que havia dois tigres na sala.

— Como seria possível te conhecer e não te amar? Eu posso tentar conquistar seu amor? Se me der uma chance, eu sei que posso te fazer feliz. Eu só não consigo mais esconder o que eu sinto quando você está por perto ou quando está longe e não consigo tirar esse seu sorriso lindo da minha cabeça. Acho que até a Vivian já descobriu. — Ele acariciou o rosto dela e beijou-lhe a cabeça como sempre fez. — Prometa que vai ao menos pensar, Margot.

Outra buzina.

— E-Eu preciso mesmo ir. O *papa* não gosta de esperar, Guto.

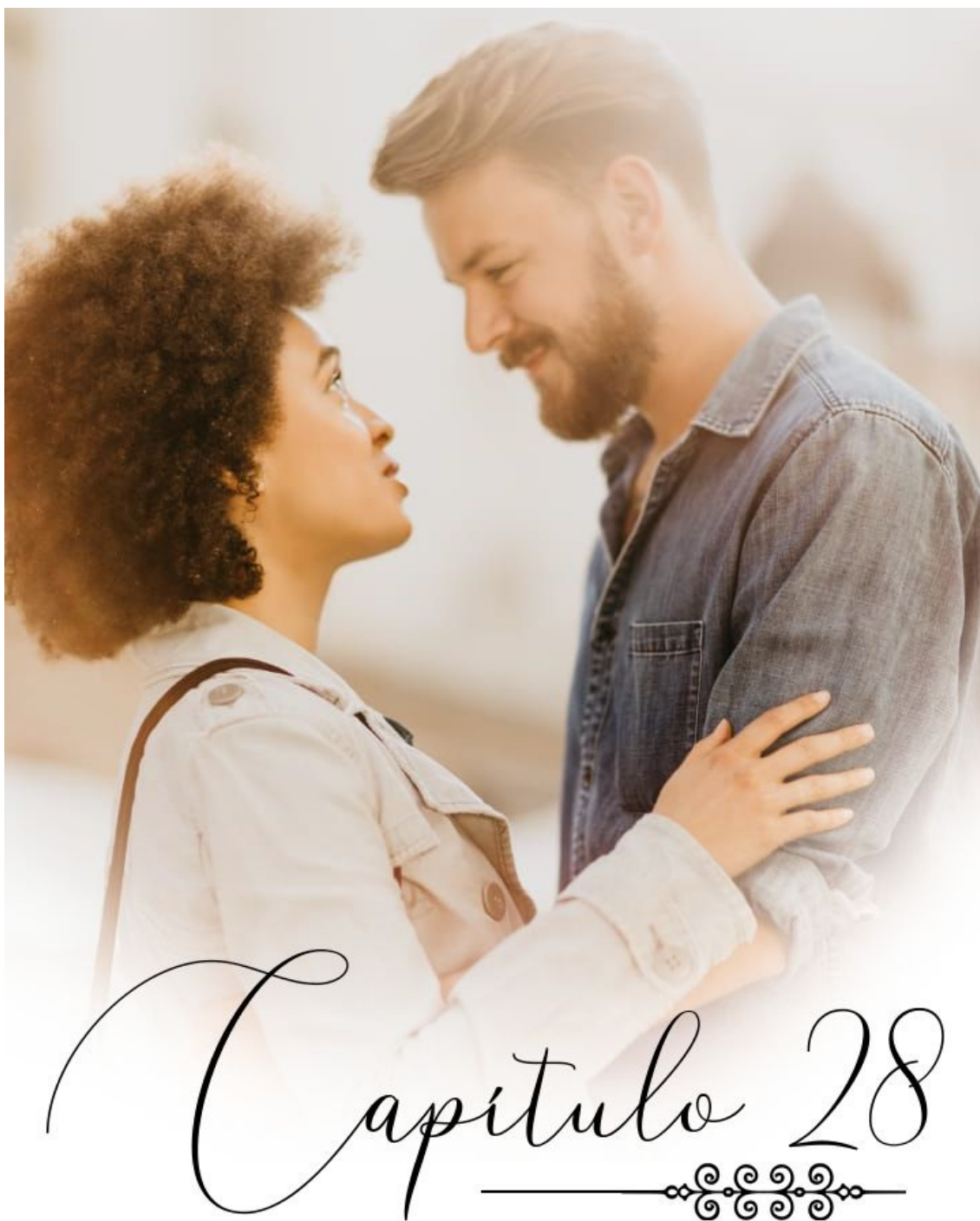
— Só me prometa então que vai pensar — pediu ele segurando as mãos de Margot entre as suas e beijando cada uma delas. — Promete para mim.

— E-Eu prometo. Prometo que vou pensar.

Aquelas palavras trouxeram um sorriso ao rosto dele expondo todos os dentes perfeitos e Margot não impediu quando ele deu vários selinhos rápidos em seus lábios.

— Leve um pedaço do bolo para comer mais tarde, menina Margot. O seu pai já está lá na sala te esperando.

Margot cumprimentou o pai e inventou uma desculpa qualquer para ter ido à casa dos Grael depois da aula. Ele pareceu ficar desconfiado, mas não disse nada. Gustavo cumprimentou Pompeu Albertine que apertou firme a mão do jovem e perguntou sobre o jogo. Gustavo inventou outra desculpa também. Quando o carro já deixava a propriedade, Margot olhou pelo retrovisor e viu aquele rapaz lindo parado na escadaria da mansão. Gustavo abraçava carinhosamente D. Julieta, mas olhava para ela. Margot colocou a mão para fora e acenou para ele e viu Gustavo abrir um grande sorriso e acenar de volta.



Capítulo 28

MINHA NAMORADA

Anos atrás

—*Figurati!* (Imagina!) Sutiã para duas azeitonas? É jogar dinheiro no lixo. Se ainda tivesse o corpo da Vivian Grael ou da Elines de Albuquerque, mas você não tem peito, Margot. O que excede em gordura falta em formosura,

minha filha. Conforme-se! Não perderei meu tempo indo à butique para nada. — Foram as palavras de sua mãe que amava ir à butique tanto quanto ir à joalheria, mas quando o objetivo era enaltecer sua própria beleza e vaidade.

— Eu entendo que não possa ir comigo, *mama*, mas eu tenho dinheiro da minha mesada. Só preciso de sua autorização para ir à loja. O Sr. Giuseppe disse que me leva depois que a *signora* voltar do seu carteadado.

— Falou com o motorista antes de me consultar, *bambina*?

— Não. Fui eu que falei com ele. — Dante entrou na sala de visitas de sua mãe e parou ao lado da irmã. — Eu acho apropriado minha irmã se preservar mais. O tecido do uniforme é fino e não quero que revele mais do que deve.

— *Avrei dovuto sapere che ora hai chiamato tuo fratello avvocato* (Eu já devia saber que chamou seu irmão advogado). Isso não é assunto para um *ragazzo*. Saia, Dante — respondeu sua mãe sem nem levantar o olhar para ele. Estava entretida observando o trabalho que a manicure terminava.

— *Mama*, Margot já é uma moça. Por que não atende seu pedido? — Dante argumentou a favor da irmã como sempre.

— *Non sono affari tuoi, Dante Albertine! Questo è il tema di madre e figlia* (Não é da sua conta, Dante Albertine. Isso é assunto de mãe e filha.) Já disse que isso não é conversa para *ragazzos*.

— *Mama*, minha irmã já sofre vários ataques na escola, por que precisa ser tão dura com ela? Parece não se importar com os sentimentos da Margot.

— Dante, eu estou bem. Não precisa se preocupar comigo, porque...

— Não, Margot. Você não está bem. A *mama* precisa ouvir o que tenho a dizer... somos uma família e família cuida, protege e ama. É o certo. Ontem, a senhora a esqueceu na escola. Eu e Benício tínhamos aula e fomos para o haras, o papa estava viajando e a senhora ficou de ir buscá-la. Esqueceu Margot no colégio. Como uma mãe esquece um filho? Olhe o que aconteceu com ela. Olhe os joelhos da minha irmã. Se não fosse Gustavo, não sei o que teriam feito com ela...

— Dante, abaixe seu tom para *parlare com su madre*!

— *Buon pomeriggio, famiglia!* (Boa tarde, família!) — disse Benício Albertine, o irmão mais velho, entrando ao mesmo tempo que a manicure saía percebendo a tensão que se formava de imediato. — Posso saber qual é o motivo dessas caras fechadas?

— Nada importante, Marquês. Mas, como sempre, nem o que não é importante pode ser oferecido a nossa *sorellina* (irmãzinha).

— Margot, o que foi que houve, *sorella del mio cuore*? (irmã do

meu coração) — Benício, de braços abertos, abraçou ao mesmo tempo Dante e Margot. — Me peça o que quiser que irei buscar para a *princesa* dessa casa, desde que não seja um namorado. Fale que seu Marquês é seu súdito fiel.

Margot riu do irmão. Sempre ficava impressionada com o quanto ele se parecia cada vez mais com Elvis Presley a medida que ficava mais velho. As poucas vezes que as garotas do colégio se aproximavam dela, sem ser para jogar piada ou coisa pior, era para perguntar de seus irmãos.

— *Dante, está namorando alguém, Margot?* — *perguntou a Michele Matos, aluna da sua turma suspirando.* — *Eu acho aquele jeito sério dele tão charmoso...*

— *E o Marquês? Ele ainda está saindo com a Pâmela Souza ou ele voltou com a Mariana Nicoletti?* — *perguntava Elines.*

— *A Cristiana Marques do 2º ano me disse que o viu beijando na mesma festa Rachel Nepomucena e a Daniele Vitoriano* — *disse Claudia Calderan, outra garota que andava para cima e para baixo com Elines.*

Margot nunca revelava nada para elas, pois só deixava de ser invisível nessas ocasiões e gostava de poder ter ao menos essa vantagem contra elas... Afinal, eram seus irmãos e, como eles eram protetores, ela também sabia ser. Não queria que namorassem garotas tão arrogantes e egoístas quanto Elines. Dante sempre foi muito reservado e ela só o viu poucas vezes demonstrando interesse por uma garota na escola, mas nada sério.

Contudo, ela sabia que Marquês não tinha só a fama de ser conquistador, seu irmão era um verdadeiro *Don Juan*. Já tinha visto Benício aos beijos no carro da família com tantas meninas que nem se assustava mais quando abria a porta do veículo para voltar da escola e se deparava com ele se agarrando lá dentro. Mas de uns tempos para cá, ele estava diferente e Margot achava que ele gostava de alguém. Dante também percebeu essa mudança, mas também não sabia quem era sua escolhida.

Presa ali no abraço dos irmãos ela se sentiu um pouco melhor. Dante e Marquês tinham temperamentos opostos, mas o bom humor de Benício associado à postura séria de Dante, de certa forma, ofereciam a ela um equilíbrio. Seus irmãos a amavam. Às vezes, até demais, pois, para protegê-la, muitas vezes entraram em brigas. Perdeu as contas de quantas vezes isso aconteceu. Os dois, junto com Gustavo, pareciam querer colocá-la em uma redoma de vidro. Sabia que seus irmãos também seguiam as ordens de seu pai. Mas já estava cansada de vê-los envolvidos em tantas brigas, como a que Gustavo se envolveu na véspera quando dois rapazes testavam a teoria “será que Margot cairia sentada ou sairia rolando escada abaixo”. Nem um dos dois acertou. Ela caiu de joelhos e agora usava um curativo branco enorme em cada

um deles.

No dia anterior, Gustavo estava indo buscá-la depois da aula. Os irmãos de Margot não ficaram de dependência como eles e tinham ido ao haras. Pediram que cuidasse dela. Como se fosse necessário pedir isso a ele. E quando Gustavo viu os joelhos de Margot manchados de sangue e ela no chão chorando e amedrontada com o que os garotos covardes diziam que iam fazer com ela, era de se imaginar o que aconteceria em seguida. Uma fúria que ela jamais tinha visto antes em seus olhos se apossou de Gustavo, que realmente parecia um deus nórdico perto dos dois outros garotos de 1º ano. Ele deixou um deles com os dois olhos roxos, mas depois ficou fora de controle quando Glaucius Albuquerque lhe disse algo. Gustavo acabou quebrando o braço do irmão de Elines, e só parou de bater no garoto, depois que ouviu Margot chorando pedindo que parasse.

Ele a levou para a enfermaria e não saiu de perto dela. Margot riu por Gustavo reclamar quando a enfermeira pegou o mertiolate ao invés de outro antisséptico que não lhe causaria dor.

— Gustavo, não dói tanto assim. A *mama* sempre usa lá em casa. Eu já me acostumei — disse Margot.

— Tem outras opções, enfermeira Zhelda? — perguntou ele parado entre a profissional e Margot.

— Era o que me faltava um aluno querer me ensinar o meu trabalho — disse a senhora sexagenária em seu impecável uniforme branco.

— Não é o que estou fazendo. Estou lhe mostrando que pode fazer o seu trabalho sem causar mais dor à minha namorada.

Naquele momento, Margot nem se importaria se a enfermeira passasse ácido sulfúrico nos seus joelhos. Esqueceu completamente da dor. Ele assumiu publicamente que se importava com ela e que tinham um relacionamento.

— Gustavo, deixe a D. Zhelda fazer o trabalho dela. Eu sou mais forte do que pareço.

— Eu sei disso, Margot, mas seus joelhos...

— Eu estou bem. De verdade. Só segurar a minha mão já vai ser de grande ajuda.

Ele fez isso e a surpreendeu quando se abaixou ao lado da maca onde estava sentada e assoprou cada joelho após a aplicação do remédio.

— Melhor agora, Margot? — perguntou franzindo a testa preocupado. O coração de Margot se enterneceu com tanto cuidado. Foi naquele momento que ela teve certeza que o amava e, pela primeira vez, teve a certeza que Gustavo a amava de verdade.

— Muito melhor. — Sorriu para ele.

— Me perdoe, meu amor.

— Por que, Gustavo?

— Se eu tivesse chegado antes, nada disso teria acontecido. Tenho a impressão que sempre chego atrasado quando precisa de mim. Eu não sou capaz de proteger você e me sinto um...

— Ei! — interrompeu Margot colocando os dedos sobre a boca do rapaz loiro. — Gustavo, você não pode se culpar por isso. Não pode me proteger o tempo todo. Ninguém pode. Nem você, nem meus irmãos. Eu preciso aprender a me defender e vou conseguir um dia e não precisarei mais que vocês três se metam em brigas por minha causa. Mas o que importa para mim é que você chegou. Você sempre vem quando eu preciso. Está aqui comigo. Você é e sempre será meu melhor amigo.

Ela viu o sorriso morrer nos lábios de Gustavo e o viu abaixar a cabeça.

— E também — completou ela — é o melhor namorado que uma garota poderia desejar.

Ela não sabia como ele poderia parecer ainda mais bonito, mas foi só ele sorrir que o ar escapou de seus pulmões. Gustavo levantou-se e segurou o rosto de Margot com as mãos. Adorava tocá-la assim e vê-la fechar os olhos e respirar fundo, para, em seguida, voltar a olhar para ele. Conhecia todos os olhares de Margot. E amava cada um deles. Sabia identificar pelo olhar quando ela estava empolgada, decepcionada, triste e até com fome, mas aquele olhar que ela lhe direcionava agora era o seu preferido. Aquele olhar era só para ele e o fazia se sentir a pessoa mais importante do mundo.

— Está dizendo que... me aceita? Quer mesmo ser minha namorada? Se está dizendo isso pelo que eu disse agora há pouco, não precisa...

— Eu estou dizendo isso porque mesmo que você não tenha superpoderes e saiba quando vão me fazer mal, é você quem me levanta do chão e assopra meus joelhos ralados.

Ele afundou as mãos em seus cabelos e sorrindo observou o rosto responsável por sua felicidade.

— Você é tão linda, Margot. Eu tenho tanta sorte... obrigado por me escolher.

Ela sorriu e impulsionada pela coragem que só o amor dá, beijou seu namorado. E se sentiu flutuar. Se sentiu livre de todas as amarras que outras pessoas imputaram em sua vida. Se viu livre da mágoa que as ofensas dos colegas enraizaram em seu coração. Se sentiu forte, porque se sentiu amada.

Um pigarro alto os fez voltar à realidade.

— Eu só peço que os pombinhos me avisem quando eu poderei

terminar meu trabalho — disse a enfermeira Zhelda com um olhar de censura evidente. Eles riram, mas Gustavo deu espaço a ela.

E assim ele ficou segurando as mãos de sua namorada, enquanto os curativos eram feitos.

“*Minha namorada*” foram as palavras que se repetiam em sua cabeça.

Margot só gostaria de não precisar ser socorrida. Queria ser capaz de se defender sozinha e deixar de ser tão dependente de todos.

— De novo, ela está no mundo da lua. — A voz de sua mãe trouxe Margot de volta de seus devaneios. — Estamos falando de você, Margot, ao menos poderia se concentrar na conversa.

— *Signora Margarida Albertine...* — censurou Benício.

— É melhor deixar isso para lá. Não quero aborrecer mais a *mama*. Vou para o meu quarto.

— Se fazendo de donzela indefesa, Margot?

— *Mama*, ela só quer que a mãe vá com ela comprar algo que é importante para toda garota, mas como não quer ir à loja, pode deixar que eu peço à D. Julieta. Sei que ela terá prazer em acompanhar a minha irmã para comprar o seu... — Dante ficou meio sem graça de dizer a palavra.

— Comprar o quê, Dante? — Quis saber Benício.

— São coisas de mulher, Benício.

— Um sutiã. Sua irmã acha que precisa usar um sutiã. Já falei para ela colocar uma blusa por baixo do uniforme que não fará diferença nenhuma já que ela não tem peito para ser sustentado.

— E-Eu não tinha pensado nisso. A *mama* está certa. Assunto resolvido — disse Margot por ter que falar de um assunto tão íntimo para ela na frente dos irmãos. — *Con licenza, mama*. E-Eu vou para o meu quarto estudar.

— Não, Margot. Espere. Você precisa disso. Não entendo qual é o problema. Dinheiro com certeza não é — disse Benício olhando da irmã para a mãe.

— O problema é o mesmo de sempre, Benício... — disse Dante encarando a mãe, mas ao ver o embaraço da irmã, segurou sua mão e deu-lhe um beijo na testa.

— Ela sempre faz esses joguinhos de donzela presa na torre e consegue ter todos vocês na palma da mão.

Margot olhou para os olhos da mãe por alguns segundos, mas não conseguiu sustentar o olhar. Não havia amor para ela naqueles olhos e nem naquele coração.

— *Mama*, Dante está certo. Minha *sorella* Margot é frágil e

delicada. Precisa ser tratada com gentileza e sentir que nos importamos com ela. — Benício apoiou a irmã. Só de vê-lo, a expressão de Dona Margarida já mudava. Um amplo sorriso iluminava seu rosto e ela sempre abria os braços para recebê-lo em um abraço.

— *Oh, amore mio... fragile e delicata? Margot è tutto tranne. Pensi di proteggere Margot?* (Oh, meu amor... frágil e delicada? A Margot é tudo menos isso. Vocês acham que estão protegendo a Margot?).

— *Sei grasso, Margot. Non sarà un reggiseno che ti darà bellezza* (Você é gorda, Margot. Não vai ser um sutiã que vai te dar formosura).

— *Mama*, não diga isso! Minha irmã é linda do jeito que é! — censurou Dante.

— Isso mesmo! — disse Pompeu Albertine entrando na sala e indo ao encontro da filha. — Venha cá, minha *principessa*! O que esses brutos fizeram com você dessa vez?

— Está tudo bem, *papa*. Eu não me machuquei muito.

— Quem te ligou dessa vez e fez interromper uma viagem de negócios por uma *sciocchezza* (bobagem) como essa? — Virou-se para Dante e o viu confirmar com a cabeça que havia sido ele.

— Bobagem, Margarida? Eu não admito que esses tratantes encostem um dedo em minha filha. Fui do aeroporto direto para a escola e dei um ultimato. Acreditam que os filhos daquela... mulher disseram que foram as vítimas? Gustavo Graef foi suspenso junto com eles. Esse rapaz defende a honra da minha Margot e é punido?

— Ele quebrou o braço de um dos filhos da família Albuquerque. Claro que tinha que ser punido.

— Margarida, ele devia ter quebrado os dois braços. Ninguém encosta um dedo na minha *bambina*. Ninguém. Eu fui claro com a direção da escola, se algo assim tornar a acontecer, eu gastarei até meu último centavo, mas o Colégio Santa Tereza fechará as portas. Não te compreendo, Margarida. Como pode ficar do lado deles ao invés de se preocupar com o que fizeram com nossa *bambina*?

— Ela está bem. Não há tombo que machuque Margot. As banhas sempre amortecem o impacto da queda.

— *Basta! Caspita!* (Chega! Céus!) — Pompeu Albertine deu um soco na mesa, nitidamente exasperado com o que ouviu. — Eu não vou permitir que fale assim com minha menina.

— Ela sempre foi sua protegida. Vê o que está fazendo, Margot? Ainda vai ser responsável por arruinar o casamento dos seus pais.

— *Mama*, a senhora devia se envergonhar. Não percebe o quanto

magoa a Margot agindo assim? Por que sempre quer mantê-la afastada? Ela é tanto sua filha como o Benício — disse Dante excluindo a si mesmo, pois sabia que a mãe só tinha olhos para o irmão mais velho e o pai para sua irmã caçula, mas isso nunca o incomodou. Ou pelo menos, ele gostava de acreditar que não.

— Como ousa falar assim comigo, Dante?

— Dante está dizendo o que é certo, Margarida. Qualquer um vê isso. Para o Benício, você sempre foi uma mãe amorosa e devotada. Por que com Margot é diferente? Eu simplesmente não aceito essa distinção. Você trata a filha dos Albuquerque com tanta atenção e até lhe compra presentes. Quanto a Margot, que é sua filha, você rejeita?

— Você está me desautorizando na frente dos nossos filhos, Pompeu. Já é o início do fim de nosso matrimônio. — Margarida Albertine afastou-se de Benício e virou-se de costas, parando diante da grande janela de vidro olhando para o jardim da propriedade.

— Não é o que estou fazendo, Margarida. Apenas quero te trazer à razão — disse Pompeu mantendo a filha junto dele. — Já passou da hora de você enxergar a Margot. Ela está desabrochando para a vida e você, por vontade própria, construiu um muro que te separa dela.

Benício, segurando as mãos de sua mãe com gentileza, fez com que se virasse para encará-lo.

— Por favor, *mama...* minha irmã precisa da senhora. Está crescendo e passando por mudanças. Fará quinze anos em alguns dias. O baile de debutante está sendo organizado pelo *papa*. Gostaria tanto que a senhora se envolvesse mais. *Sappiamo tutti che nessun altro dà una festa come la meravigliosa signora Margarida Albertine.* (Todos nós sabemos que mais ninguém dá uma festa como a maravilhosa senhora Margarida Albertine).

— Benício, gastar essa verdadeira fortuna para oferecer um baile de debutante para Margot será jogar dinheiro no ralo. Nenhum *ragazzo* quis ser o príncipe dela. Será vergonhoso para ela, *amore mio*, que um dos irmãos seja o príncipe. Mostrará que ela se tornou um pária da sociedade.

— *Mama*, são outros tempos... E aqui, no Brasil, é diferente da Itália, na época em que era menina. Além disso, a festa é para Margot — disse olhando para a irmã e sorrindo. — Para celebrar a vida e a passagem para uma fase mais madura da vida dela. Me prometa que vai se envolver com a organização do baile?

Não havia nada que Benício lhe pedisse que não amolecesse o coração de sua mãe.

— *Va bene... va bene, figlio mio.* Se é tão importante para você, eu farei isso.

— Eu não quero baile nenhum! — Manifestou-se Margot com o rosto vermelho depois de tanto chorar. — Ninguém virá à minha festa. Eu não tenho amigos na escola. Não precisam gastar tanto dinheiro comigo para nada.

— Viram só o que eu disse? — endossou Margarida Albertine. — Será uma vergonha pública.

— Minha *principessa*, eu mandei os convites e muitas famílias já confirmaram. Não se preocupe com isso. Haverá muitos jovens aqui nesse dia para te verem brilhar.

— *Papa*, eu não quero. *Mama* está certa. Eu não quero ser motivo de chacota. É o que vai acontecer. Eles vão rir de mim. Virão porque são obrigados pelos pais, não porque gostam de mim.

Pompeu Albertine se ajoelhou diante da filha e a abraçou ternamente, depois fez com que olhasse para ele.

— Vai dar tudo certo. Confie no seu *papa*. Vai ser um dia que você jamais vai esquecer. Vai se lembrar dele para sempre.

— A cidade do Rio de Janeiro sempre se lembrará do baile de 15 anos da minha *principessa*. Agora saiam, que eu preciso ter uma conversa com a *mama* de vocês.

— Acho que deveríamos respeitar a vontade da Margot. Nenhum dos dois a está ouvindo — disse Dante levando sua irmã dali junto com Benício.

— Dante, não seja petulante. Me obedeça! — disse o pai o encarando com seu habitual modo autoritário. — Se vocês cuidassem melhor da irmã de vocês ao invés de perder tempo com basquete e praia, isso não teria acontecido.

Margot ainda ouviu a voz da mãe dizendo:

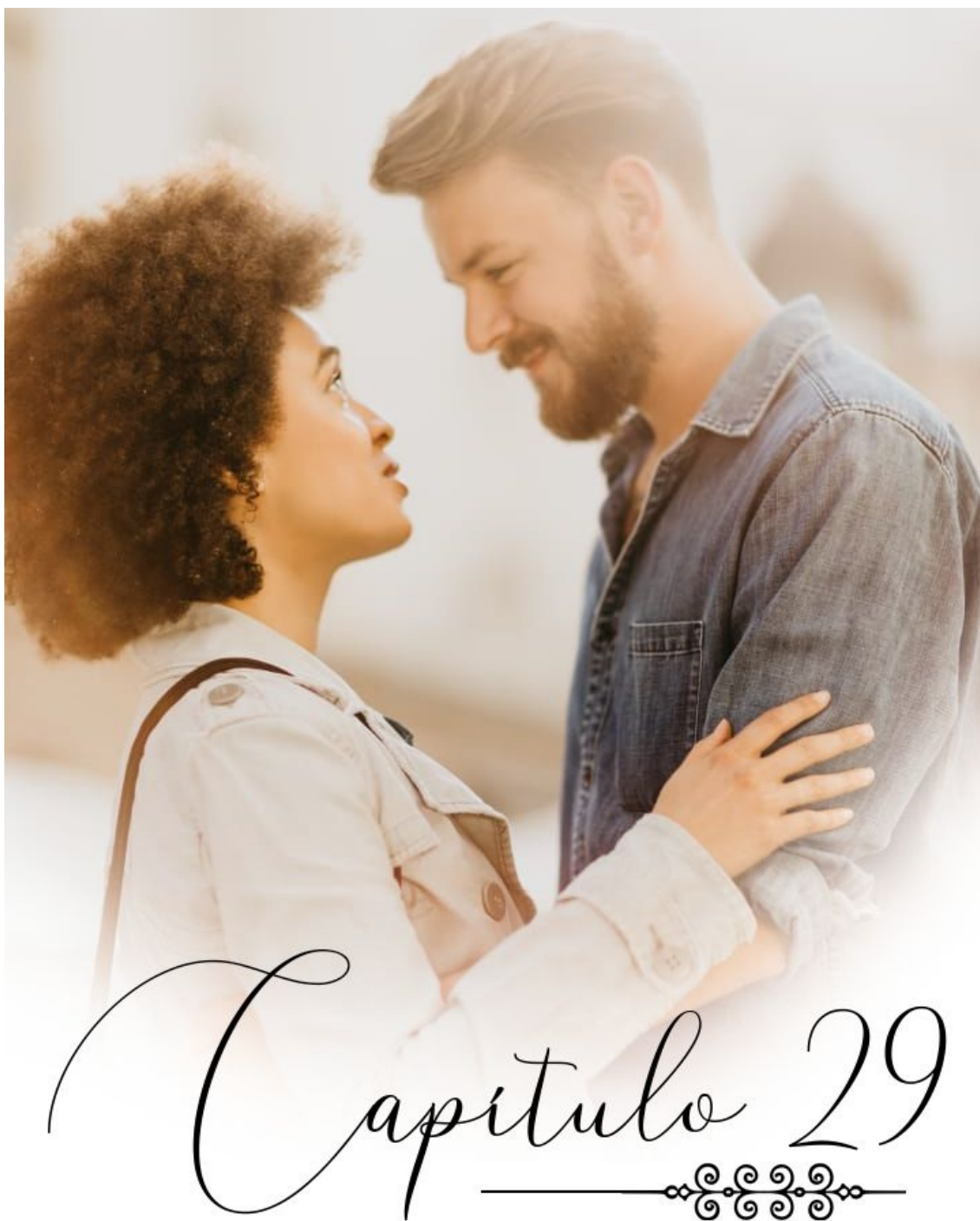
— Uma debutante sem príncipe? *Che cosa ho fatto per meritare un'orribile figlia come?* (O que eu fiz para merecer ter uma filha horrorosa como essa?) Devia ter parado no Benício, mas você me obrigou a ter mais filhos porque queria ter uma *bambina*. Então veio Dante que só sabe me desafiar e depois essa...

Não ouviram mais, porque a porta foi fechada com um estrondo.

Seus irmãos ouviram tudo e sabiam que ela também tinha ouvido, mas Margot ficou em silêncio. Fingiu não ter escutado. Não era o momento de dizer para sua mãe que poderia ter o príncipe mais lindo da escola no baile, porque Gustavo havia declarado seu amor por ela e na véspera aceitou ser sua namorada. Pretendia dar um passo adiante e dizer que também o amava. Já que não havia como remediar essa ideia de baile, ela revelaria seu amor a ele no dia da festa. Pediu a ele que não contasse nada a ninguém ainda e, apesar de não lhe agradar a ideia de namorar escondido, ele aceitou quando ela disse que seria por

pouco tempo, pois queria encontrar a oportunidade ideal para dar a notícia, principalmente a seus irmãos. Não queria de modo algum comprometer a amizade de Gustavo com Dante e Marquês.

Alguns dias depois, chegou o dia do baile de quinze anos de Margot Albertine e, como seu pai havia dito, foi um dia que Margot jamais esqueceria enquanto vivesse. Um dia que ela preferiria nunca ter vivido.



CANTA PARA MIM?

- Dante, como se sente?
- Estou bem, Carla. Não se preocupe comigo — disse sorrindo, apesar da fome e da sede que sentia.
- Claro que me preocupo com você. É isso que amigos fazem. Se

preocupam uns com outros.

Ele assentiu beijando sua bochecha. Nem se importava com a poeira. Os dois estavam completamente cobertos de pó, mas a aparência deles era o que menos importava naquele momento. Estava satisfeito de Carla o ver como um amigo. Sabia que não poderia esperar nada além disso dela.

— Ei! O que houve? Por que essa cara, Sr. Albertine? No que está pensando?

Dante nem percebeu que franziu a testa e que seu semblante mudou.

— Não gosto quando fica quieto desse jeito — disse Carla apoiando os braços sobre o peito dele e pondo o queixo sobre as mãos. — Tive uma ideia. Vamos cantar?

— O quê?

— Cantar: deixar uma música sair de nossas bocas.

— Eu sei o que é cantar, mas a questão é que eu não canto.

— Todo mundo canta, Dante.

— Eu não canto.

— Nunca? Nem no banheiro?

— Não.

— Mas deve ter uma música que você goste. Me conta qual é?

— Carla, eu não vou cantar. Não adianta.

— Posso te subornar?

— Como assim?

— Posso te oferecer algo em troca, se você cantar para mim.

— Começou a ficar interessante...

— O que você quer? Tem algo que eu possa fazer por você que te convença a cantar para mim?

O silêncio dele, seguido por um sorriso que ela não conseguiu decifrar o motivo, a deixou cheia de curiosidade.

— Sr. Albertine, o que está passando por essa sua cabeça? — perguntou Carla se aproximando muito do rosto dele e arqueando uma sobrancelha de forma inquisitiva e divertida ao mesmo tempo.

— Eu não posso pedir isso novamente para você.

— Se refere ao beijo que trocamos na frente da sua mãe?

— Na verdade, foram dois beijos — ele corrigiu.

— Então era nisso mesmo que estava pensando? — Ela perguntou rindo e cobrindo o rosto com as mãos. — Dante, esse lance de amigos com benefícios é coisa de gente “moderna”. Eu sou bem careta.

— Eu jamais iria propor algo assim a você, Carla — disse ele seriamente.

— Eu sei... não parece ser seu perfil também. — Então...

Ela inspecionou por algum tempo o rosto dele colocando o polegar sobre a boca.

— Então, o quê? Eu já disse que não vou cantar.

— Já entendi, moço. Se você não canta para mim, eu canto para você.

Carla continuou olhando para Dante.

— E por que está me analisando desse jeito? Posso saber, *moça*?

— Estou tentando descobrir qual música combinaria com você, mas, ao mesmo tempo, levando em conta nossa situação no momento, tenho que escolher a trilha sonora apropriada.

— É mesmo? E já descobriu?

Ela sorriu e disse:

— Acho que vou cantar uma que me faz pensar na época em que você foi um adolescente rebelde sem causa.

— Eu nunca fui assim.

— Ah! Deixa eu pensar no que o meu Dante adolescente imaginário ouvia no seu *walkman*. Posso?

— Ok. Vá em frente — disse Dante se divertindo e quase se esquecendo com isso da dor que sentia.

Veja!

Não diga que a canção

Está perdida

Ele não esperava aquilo e se assustou, mas depois riu quando a voz esganiçada de Carla começou a cantar a música “Tente outra vez”, de Raul Seixas:

Tenha fé em Deus

Tenha fé na vida

Tente outra vez!

Beba! (Beba!)

Pois a água-viva

Ainda tá na fonte

(Tente outra vez!)

Você tem dois pés

Para cruzar a ponte

Nada acabou!

Não! Não! Não! Oh! Oh! Oh! Oh!

*Tente!
Levante sua mão sedenta
E recomece a andar
Não pense
Que a cabeça aguenta
Se você parar
Não! Não! Não!
Não! Não! Não!*

Carla interpretava fazendo caras divertidas, enquanto tentava tirar a poeira e a fuligem do rosto de Dante com a lapela do smoking dele, que ela ainda vestia. Dante se divertia vendo o quanto ela pouco se importava com o fato de não ter talento nenhum para cantar. Ela fazia aquilo para alegrá-lo e isso o encantava ainda mais. Ela sussurrou a última estrofe em seu ouvido. Não cantava mais. Era como se quisesse dizer exatamente aquilo para ele:

*E não diga
Que a vitória está perdida
Se é de batalhas
Que se vive a vida
Tente outra vez!*

— Bravo! Bravo! — disse ele sorrindo, pois não podia aplaudir, já que ela estava sobre ele.

— Obrigada! Obrigada! — disse ela colocando a mão no peito e fazendo uma breve reverência. — Sua vez!

— Eu nunca canto.

Os dois riram tanto que ele acabou fazendo um movimento involuntário que trouxe dor na mesma hora. Carla saiu de cima de seu peito e disse:

— Queria de alguma forma ajudar a soltar seu pé. Mas tenho receio de fazer algo que te traga ainda mais dor.

— Obrigado, Carla.

— Pelo quê? — Ela pareceu não entender.

— Primeiro, pela música. Mesmo sabendo que você passaria fome se vivesse de cantar, foi a melhor interpretação que já ouvi dessa canção até hoje — disse fazendo com que ela cobrisse o rosto com as mãos e depois encostasse o nariz no dele novamente.

— Estou sendo sincero — disse ele hipnotizado como sempre ficava quando ela aproximava o rosto do dele. Agradeço também por sua preocupação,

mas saiba que estou bem. Tenho pensado em como seria a minha vida caso eu precisasse amputar meu pé, Carla.

— Dante, isso não vai acontecer! — disse ela se assustando com a mudança de assunto. — Por favor, não diga isso. Nem pense nisso!

— Carla, calma. Me ouça. Eu conseguiria viver sem um pé. É o que estou tentando dizer... Não estou desistindo ou deixando de acreditar que sairemos daqui com vida. Só quero que saiba que não mudará quem eu sou, se o preço para sair vivo daqui for ter que me adequar a uma outra realidade. Quantos milhões de pessoas convivem com algum tipo de necessidade especial e seguem com suas vidas? Eu seria apenas mais um.

Carla sorriu impressionada com a perspectiva de mundo que Dante lhe dava. No lugar dele, não sabia se aceitaria tão resolutamente a perda de uma parte de seu corpo. Dante era um homem admirável e quis que ele soubesse que pensava isso a seu respeito:

— Sairemos daqui, Dante, e eu vou lembrar de cada uma de nossas conversas, pois quero guardar para sempre como você me deu esperança e o quanto aprendi com você. Quando eu estiver triste, vou me lembrar desse exato momento: soterrada debaixo dos escombros de um prédio, mas ao lado de alguém tão especial quanto você, que me faz compreender que há formas diferentes de se encarar as circunstâncias em que nos encontramos. Um homem que me mostrou que não devemos apenas aceitar o que não pode ser mudado, mas reagir e seguir em frente.

— Eu também vou lembrar de cada minuto que passei ao seu lado, Vida — disse acariciando seu rosto. — Deve estar com fome e com sede. Queria poder fazer alguma coisa quanto a isso.

— Um pouco, agora que não temos mais nada, mas por incrível que pareça, eu estou gostando muito de conhecer mais sobre você. Eu tinha uma ideia bem diferente de quem você era.

— Eu consigo imaginar... Um homem insensível, intransigente e autoritário — disse lembrando das palavras de sua ex-mulher quando assinaram o divórcio. — Quando nos encontramos no haras, não tinha como ter uma impressão diferente sobre mim.

— Bem... não vou negar que você se comportou dessa maneira, mas eu sentia que toda aquela mágoa, toda aquela raiva, não era direcionada a mim. Sei agora que você e o Gustavo têm um passado que os afastou. Mas, Dante, o que eu também senti quando você nos tratou daquela maneira foi mágoa. E mágoa só sentimos de quem representa algo para nós.

— Vida, eu não quero falar sobre Grael...

— Eu sei que não é da minha conta, Dante. Mas quando penso no

Gustavo, a lembrança dele sempre vem carregada de culpa e arrependimento. Gustavo me disse ter cometido o pior erro da vida dele e que precisa conviver com as consequências desse erro. Ele sofre, Dante. Sofre muito mais do que pode imaginar. A vida dele é solitária... E vejo essa mesma solidão nos seus olhos.

— Carla, vejo que vocês conversaram muito naquela noite.

— Sim. E depois por telefone também.

— E ele te contou qual foi esse erro?

— Sim. Eu sei de tudo. Por isso, posso afirmar que ele sofre muito.

Dante ficou em silêncio por um tempo, absorvendo aquela informação.

— Eu sei, Dante, que não tenho o direito de me intrometer nesse assunto, mas quando tive a chance de conhecer um pouco mais sobre o Gustavo, aprender a gostar dele foi algo tão natural... Quase da mesma forma que aprendi a gostar de você.

— O que disse? — Ele a afastou um pouco de seu corpo para poder ver um pouco melhor seu rosto em meio àquela penumbra.

— Quero dizer que você e Gustavo são mais parecidos do que imagina. Ele cometeu um erro terrível, mas já se passaram tantos anos e ele sente sua falta. Falta da sua amizade. Vocês dois têm um temperamento bastante difícil e tiram conclusões precipitadas. Quando o conheci, ele pensou que eu era um...

— Não, Carla. Eu me referia a você dizer que gosta de mim.

— Mas é claro que gosto de você. Você é um homem bom e, agora que nos conhecemos, somos amigos e estamos cuidando um do outro, porque nos importamos um com o outro — disse tão naturalmente que o fez sorrir.

— Apesar de tudo que eu fiz antes, quer mesmo minha amizade?

Ela o abraçou com cuidado para não fazer com que sentisse mais dor no pé e disse:

— Bem, você é minha única fonte de calor nessa noite fria... É lógico que há um interesse escuso da minha parte em nossa relação: você tem me mantido quentinha e qual mulher não gostaria de estar no meu lugar agarrando um milionário bonito e poderoso como “*o homem que nunca sorri*”?

Dante não resistiu e riu alto. Ela não esperava por isso, pois nunca o viu agir tão descontraidamente. O som da risada de Dante fez com que sentisse algo diferente e isso a fez rir também.

— Você sabe que te chamam assim no trabalho, não sabe?

— Já chegou aos meus ouvidos.

— Então por que achou graça?

— Gostei dos elogios. Não costumo receber muitos.

— Só se você for cego e surdo.

— Como assim?

— Ah! Dante, faça-me o favor... você não percebe como as mulheres te olham na sua própria empresa? Na verdade, eu acho que as mulheres devem te olhar assim em qualquer lugar quando você chega. Sério que não percebe? — perguntou incrédula.

— Não tenho prestado atenção, mas gostaria de saber.

— Ok. Eu sou invisível, mas como já disse, tenho ótima memória e um bom par de olhos e ouvidos. Eu já limpei vários andares diferentes na outra sede e, com certeza, você sabe que independentemente do cargo que ocupam, mulheres compartilham com suas amigas seus segredos e é lógico que você sabe que o lugar onde todos os segredos são revelados é o...

— Não faço ideia...

— O banheiro, Dante. Poxa! Já viu uma mulher ir sozinha ao banheiro em uma festa, por exemplo? No trabalho é a mesma coisa. E eu já ouvi cada confidência envolvendo você, senhor presidente...

Ele aguardou, esperando ela continuar, mas Carla ficou em silêncio de propósito. Estava com frio de verdade e, percebendo isso, ele a abraçou, enlaçando a cintura dela e fazendo com que se aninhasse ainda mais em seu peito. Naquelas circunstâncias, ele poderia fazer aquilo sem ser mal interpretado.

— Seria antiético me contar alguma? — perguntou quando ela não se manifestou mais.

— Ficou curioso... — disse brincando e, mudando de posição, debruçou-se sobre o peito dele apoiando o queixo sobre as mãos. — Que bom, eu estava louca para contar de qualquer forma, porque não sei o nome da maioria delas, então não vou comprometer ninguém, mas me diga qual o nível de revelação que quer que eu faça: fofa, romântica ou de arregalar os olhos?

Dante riu de novo. Estava adorando conhecer o senso de humor dela. Fazia muito tempo que não ria assim e, considerando o que enfrentavam, jamais pensou que se divertiria soterrado debaixo de tantos escombros. Mas era Carla que estava com ele. Ela o fazia ver o mundo de uma forma diferente. Dante sabia que não havia nenhuma tensão sexual ali, mas não conseguiu evitar de pensar que gostaria que ela o visse de uma forma diferente da que via Grael. Que tivesse “interesse romântico” por ele, pensou recordando-se de suas palavras. Havia pouca luminosidade ali, mas ele conseguia distinguir bem os traços delicados do rosto dela. Carla mantinha as palmas das mãos e parte de seus braços sobre seu peito e falava com ele sem nenhum melindre. A proximidade física acabou resultando numa proximidade emocional e ela parecia muito à vontade com ele.

— Deixo você escolher. Me conte a que achou mais divertida — disse beijando de leve a testa de Carla.

Ela, por um breve instante, pensou em Xandinho que sempre era carinhoso assim com ela. Seus amigos deveriam estar muito preocupados. Espantou aquele pensamento e voltou a se concentrar em Dante.

— Ok. Bem deixe-me ver... Ah, já sei. Duas mulheres conversavam e diziam que precisaram refazer algum trabalho, mas que você pareceu ficar satisfeito com o resultado que apresentaram, então tinha valido a pena. Até aí tudo bem. Mas quando a outra disse que errou nas projeções de propósito para que você brigasse com ela, a outra disse que não entendia por que ela faria uma idiotice dessas. — *Para ter Dante Albertine na minha cama toda noite.* — Ela respondeu. — *Do que você está falando?* — A outra perguntou pasma e sem entender nada igual a mim naquela hora que fiquei quietinha onde estava, limpando um sanitário. — *Eu gravo todas as conversas que tenho com “o gostoso que nunca sorri”.* A outra mulher perguntou por que? Se pretendia te processar por algo que você disse quando criticou um erro tão primário que ela cometeu. A sua fã respondeu que não. Que jamais faria isso. Ela disse que gravava sua voz, simplesmente, porque gostava de dormir ouvindo você dando ordens no ouvido dela. Ela disse que sabia que só nos sonhos vocês estariam juntos e foi a forma que encontrou para sonhar contigo toda noite, Dante. A outra perguntou: — *E funciona?* — E ela respondeu: — *Está vendo essa mancha roxa no meu cotovelo?* — A outra disse que sim. — *Eu caí da cama depois de ter feito amor com Dante Albertine a noite toda.*

Depois de alguns minutos sem acreditar, Dante disse:

— Eu não sei se me preocupo por ter alguém com esse perfil psicológico trabalhando para mim ou se me sinto lisonjeado por ser objeto do desejo dela.

— Ah! A opção nº 2. Com certeza! E te garanto que a outra deve ter passado a imitá-la porque a vi na semana passada com os joelhos roxos também.

Dante e Carla riram.

Por algum tempo, permaneceram apenas ouvindo a respiração um do outro. Isso os acalmava e eles sabiam disso. Acabaram caindo no sono. A noção de tempo debaixo daquela montanha de escombros era diferente. Confundiam minutos com horas. A exaustão física, juntava-se à fome e à sede, mas eles tentavam não falar de nada disso um para o outro. Carla tentava ser forte por ele. Dante queria ser forte por ela.

Repentinamente, Carla acordou assustada. Um grito de dor a acordou. Se sentiu desorientada, mas logo lembrou de onde estava.

— Dante!

— Carla, a estrutura está cedendo.

— Seu pé.

Carla viu que ele sangrava. Não havia tanto sangue antes e a respiração de Dante estava fraca. Ela tirou o paletó que Dante lhe deu para se aquecer e enrolou firme no tornozelo dele. Ouviu ele gritar de dor e respirar fundo várias vezes.

— Está suportável e se eu estou sentindo dor significa que ainda tenho um pé — disse Dante tentando trazer um pouco de humor.

— E vai continuar com ele, moço. — Carla sorriu para ele. Mesmo fragilizado, Dante tentava manter o ânimo. Eles perderam a noção de quanto tempo estavam ali, mas sabia que era dia, pois a luz chegava por uma fresta nos escombros. Estavam com sede e com fome, mas não falavam disso. Porém, a perda de sangue era o que mais a preocupava.

Outro tremor fez com o ar ficasse ainda mais sufocante. Foi mais forte dessa vez e Carla estremeceu. Dante sentiu os reflexos em seu pé e fechou os olhos, cobrindo o rosto com as duas mãos como se para esquecer-se da dor que sentia.

Ela procurou por algo perto de sua cabeça e logo encontrou o rádio.

— Eles estão perto de nós, eu sinto isso. Eu sei disso. Vou falar com o tenente Inácio.

Havia mais estática do que nas ligações anteriores e ela demorou a conseguir completar a chamada.

— Alô? Tenente Inácio, consegue me ouvir?

— Estou na escuta, Carla. Pode falar — disse o bombeiro.

— O Dante está sangrando muito. O que estiverem fazendo aí em cima, façam mais rápido. A estrutura está cada vez mais instável e o pé do Dante está sendo pressionado demais. Ele precisa sair daqui inteiro. Me ouviu?

— Carla... Nós sentimos os abalos daqui de cima. Estamos com vocês, mas estamos fazendo tudo...

— Inácio, eu sei que vocês devem estar tão exaustos quanto nós, mas vocês precisam fazer mais do que já estão fazendo — disse Carla sem dar chance a uma resposta negativa. — Ele tem dois filhos que estão esperando por ele aí fora. Você conheceu eles?

— Sim, Carla. Eu os vi.

— Eles precisam do pai e o pai precisa deles. Me entende?

— Quer que eu os chame?

— Sim. Por favor... chame nossas famílias. A bateria do rádio está perto de...

— Farei isso agora mesmo. Providenciarei um comboio para que

cheguem rápido. Tenho uma boa notícia. Margot Albertine acaba de ser encontrada. Diga isso ao Sr. Albertine.

— Ele está ouvindo, Inácio. Ele está ouvindo tudo.

— Minha irmã está bem? — disse Dante recebendo o rádio das mãos de Carla, tentando achar uma posição mais confortável e ela fez com que apoiasse a cabeça em seu colo.

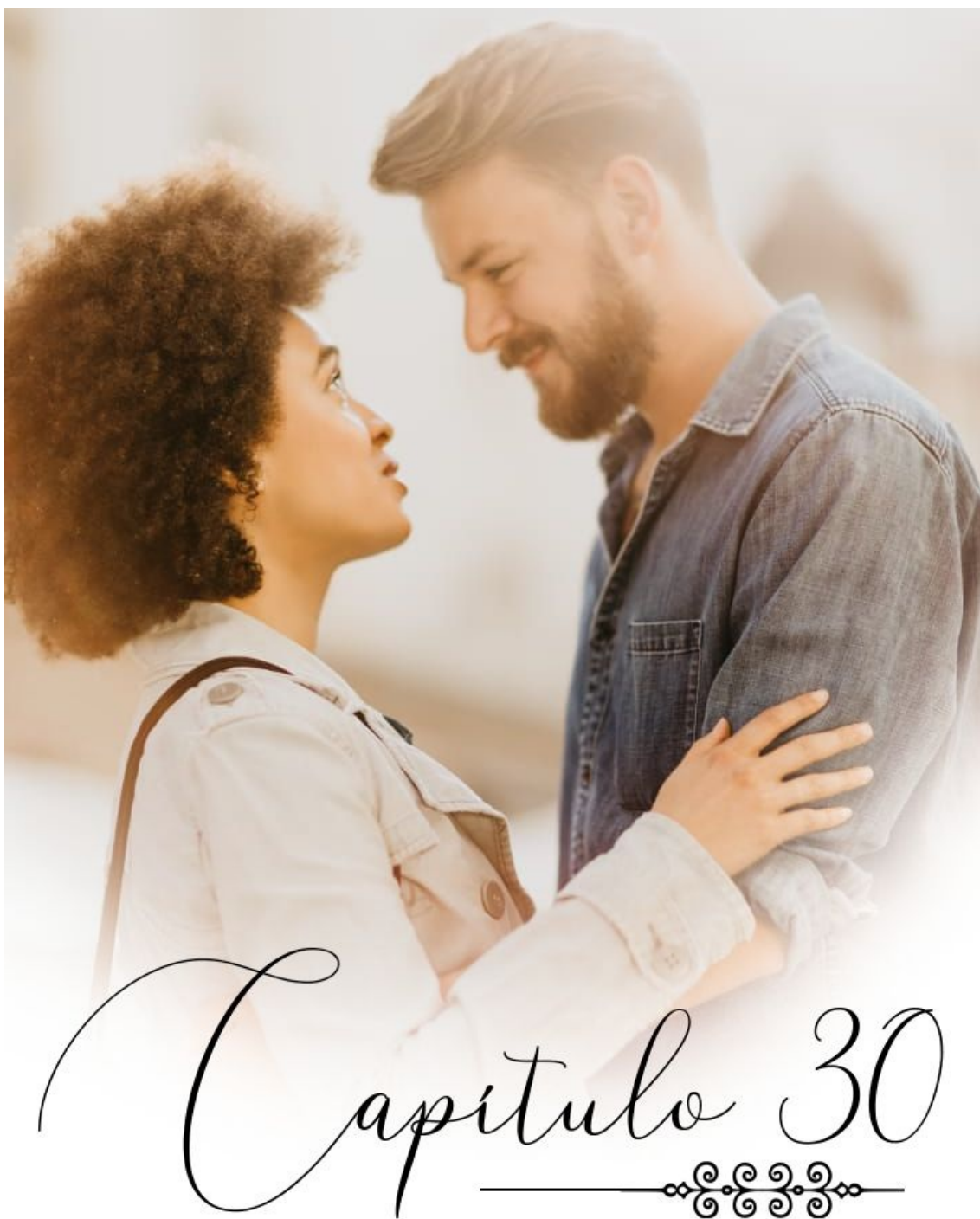
— Ela está inconsciente, mas viva. Ainda é cedo para dizer, mas os paramédicos acreditam que não houve lesões internas e, exceto por uma possível concussão, não há indícios de nada que a impeça de se recuperar logo. O Demétrius a acompanhou na ambulância até o hospital.

Dante sorriu e fechou os olhos agradecendo a Deus por sua irmã ter sido encontrada. Ela sempre esteve do seu lado. Aproximaram-se ainda mais depois da morte de Benício. Não poderia perder ela também. Se algo lhe acontecesse, Dante sabia que ela cuidaria de seus filhos.

— Obrigado, tenente Inácio... Muito obrigado. Terei uma dívida eterna com todos vocês. — Dante conseguiu dizer. Sentia suas forças se esvaírem cada vez mais.

— Sr. Albertine, só estamos fazendo o nosso dever. Continue firme. Logo traremos seus filhos e a família da Carla — disse Inácio desligando e entrando em contato com os policiais que estavam dando apoio aos parentes das vítimas, impedindo a imprensa que cercava a mansão Albertine.

Inácio pensou que, de acordo os cálculos de Gustavo Grael, estavam a poucos metros da suposta localização de Carla e Dante, mas a estrutura se tornou um risco para todos os homens que estavam envolvidos no resgate e ele teve que dar a difícil ordem de que todos deixassem o túnel de escavação. Não contou isso a Carla. Também omitiu que Gustavo se recusou a sair do túnel com os outros quando os abalos foram sentidos e era o único lá embaixo nesse momento. Não foi capaz de dissuadi-lo. Temia pelo pior e sabia que havia uma grande chance de serem encontrados três corpos naquele ponto ao invés de dois.



Capítulo 30

A CERTEZA MAIS VALIOSA

De pijama, Hélio Albertine estava sentado no sofá da ampla e requintada sala de estar da mansão de sua família, mas observava as luzes intermitentes da viatura policial que os levou até em casa pela vidraça da janela. Sabia que o sócio de seu pai, Máximo Kobayashi, conversava com a polícia lá

fora para que não ouvissem o que era falado. A iluminação era tênue e vinha indiretamente de alguns spots embutidos no teto da sala.

— Tem certeza que não quer comer nada, Helinho? — perguntou seu irmão Aquiles trazendo um copo de leite morno e entregando ao irmão.

— Só o leite está bom, Aquiles. Obrigado. Você também não comeu nada — disse olhando para o irmão que se sentou ao seu lado. *Hélio sempre foi muito observador*, Aquiles pensou enquanto viu o menino beber apenas metade do copo e depois colocá-lo sobre a mesa de centro.

— Estou realmente sem fome — disse Aquiles passando o braço pelo pescoço do irmão e o abraçando.

— Posso ficar acordado essa noite? Eu não sinto sono.

— Amigão, você precisa descansar um pouco. — Aquiles já tinha tomado banho e trocado de roupa, mas também não conseguia dormir.

— Por favor... Só dessa vez?

— Tá. Vamos ficar aqui um pouco. Depois a gente pode ir para o quarto do papai e dormir na cama dele.

— Acho que ele não vai gostar muito disso.

— Ele não vai se importar. Tenho certeza. E eu também não vou contar para ele. Você vai?

Hélio deu um sorriso tímido e fez que não.

— Aquiles, eu não quero dormir, mas se eu dormir, você promete que não vai me esconder nada. A tia Valdelice e o tio Máximo não me contam muita coisa sobre o que está acontecendo... Você promete que não vai me esconder nada? Se o papai... se acontecer dele não...

— Quando o papai e a tia Margot forem resgatados — interrompeu o curso dos pensamentos do irmão —, eu te acordo se estiver dormindo.

Uma nuvem turvou os olhos do menino que se aproximou do irmão e o abraçou forte.

— Ei! O que foi? Vai dar tudo certo, Helinho.

— Como pode ter certeza, Aquiles? — A voz do menino já saiu embargada pelo choro. — Eu quero acreditar que eles vão se salvar, mas... nós vimos tudo. O prédio desabou. Papai está embaixo daquela montanha de concreto. Eu só consigo pensar que tudo vai mudar agora. Não consigo evitar de pensar que... sem o papai, sem a tia Margot... não teremos mais ninguém que goste de nós de verdade — disse o menino.

— Não diga isso, Hélio. O pai está vivo. A tia Margot e sua amiga Carla também. Os bombeiros vão conseguir salvá-los. Precisamos acreditar que tudo vai dar certo. Papai é um homem muito forte e há muitos bombeiros trabalhando sem parar, empenhados em tirá-los daqueles escombros.

Aquiles deitou no sofá e puxou o irmão para o seu peito. Ficou algum tempo só acariciando os fios dourados de Hélio. Ele tentava ser forte pelo irmão. Hélio precisaria dele mais do que nunca agora e não poderia fraquejar. Era o homem da casa até que seu pai voltasse e cuidaria do irmão, não porque era o seu dever, mas porque Hélio era seu pequeno sol. Sempre foi. Amava demais seu irmão caçula. Foi com Hélio que aprendeu o significado de amor. O viu crescer e tinha muito orgulho do coração nobre que seu irmão tinha. Um passou a ser o apoio do outro. Aquiles, antes de Hélio nascer, nunca tinha tido tanta certeza de que alguém poderia ser tão essencial em sua vida ao ponto de ser capaz de qualquer coisa para protegê-lo. Aquiles sabia que para Hélio ele também era essencial.

— Mas eu ouvi o tio Máximo conversando com os policiais depois que deram alta para a gente no hospital... Aquiles, o papai está ferido... Ele está perdendo sangue e parece que quebrou o pé.

— Ele não está sozinho lá. Sua amiga Carla está com ele. Ela me parece ser uma boa pessoa, não é mesmo?

Hélio assentiu com a cabeça.

— Então, não acha que ela vai ajudar nosso pai? — perguntou e viu o irmão assentir novamente.

— A Carla é minha amiga.

— Percebi ontem pela forma como dançavam.

— Eu gosto dela, Aquiles. Ela me abraça como você e a tia Valdelice me abraçam. Um abraço demorado que dá até para ouvir o coração. É diferente de como a mamãe e a *nona* abraçam a gente. Não precisa ter ninguém por perto vendo, nem fotografos, nem câmeras...

Aquiles sabia exatamente como o irmão se sentia. Demonstrações de afeto aconteciam em raras ocasiões naquela casa e quando sua mãe se aproximava deles era para estampar os filhos perfeitos que tinha nas manchetes de jornal e revistas onde sempre era destaque nas colunas sociais.

— Que bom que o pai tem alguém assim com ele nesse momento, Helinho — disse voltando a se concentrar no irmão. — Eu nem conheço essa moça e já gosto dela só pelo que me contou da festa do dia das mães.

— Ela está cuidando do papai agora. Sei disso, porque ela é assim. A Carla cuida das pessoas. Mas o que eu não entendo é porque não podemos falar com eles, Aquiles. Não entendo porque o papai não pediu para falar com a gente.

— Hélio, eles só estão poupando a bateria do rádio, amigão. É a única forma de se comunicarem com os bombeiros, mas o papai mandou aquela mensagem para a gente. Lembra?

— Eu sei. Mas quando o tio Demétrius contou, eu meio que... é difícil de imaginar o pai dizendo algo assim. Acho que foi a Carla que falou aquilo. O papai nunca disse antes que ama a gente.

— Ele não tem o hábito de falar, mas não significa que não se sinta assim, Hélio. Já conversamos sobre isso antes. Algumas pessoas apenas têm dificuldade de expressar emoções. Eu acho que o pai é assim por conta da *nona* Margarida. Ela nunca foi o que se espera de uma avó para gente e imagino que não tenha sido a mãe mais carinhosa para o papai também. Eu só a vejo sorrindo quando ela fala do tio Benício...

— Pode ser... — disse o menino se aconchegando ao irmão ainda mais. — Mas eu só queria ouvir a voz do papai e conversar com ele como você faz comigo quando estou com medo. Ele deve estar com muito medo, Aquiles. No escuro, com frio, com fome, sofrendo... — O menino chorava abraçando-se ao irmão mais velho. — Eu não quero que ele morra. Eu quero meu pai, Aquiles. O que vai ser da gente? Ele não gosta de ficar muito tempo comigo, mas eu prometo que se o papai voltar para a gente, eu vou me esforçar para ser mais parecido com você e com ele. Assim ele vai sentir orgulho de mim também e vai conseguir me amar.

— Hélio, o papai te ama. Ele só não fala sobre suas emoções, mas eu tenho certeza disso. Ele ama você mais que tudo na vida. E ele vai voltar para a gente, amigão. Você conhece o pai. Ele é diferente das outras pessoas. A mente do papai é muito coerente. Eu tenho certeza que mesmo soterrado, ele já pensou em várias formas de se manter vivo. O papai vai sair dessa. Se tem alguém nesse mundo capaz de sobreviver a uma tragédia como essa é o nosso pai e eu te prometo que nós o veremos outra vez. Ele logo estará atualizando o seu quadro de tarefas — disse Aquiles rindo para tranquilizar o irmão e tentando acreditar em suas próprias palavras. — Logo ele estará conosco. Vivo e rabugento como ele sempre foi.

O irmão caçula levantou a cabeça para ver a expressão do irmão e disse meio rindo, meio chorando:

— O papai não é rabugento. Ele é... como é mesmo a palavra que a tia Valdelice usa? Austero! O papai é austero.

— Ah! É uma boa palavra para definir o Sr. Albertine. Consegue pensar em outra?

— Perspicaz — disse Máximo entrando na sala e sentando-se no sofá perto dos meninos. Percebeu facilmente a estratégia de Aquiles para distrair o irmão mais novo.

— Boa — disse Aquiles para Máximo que pegou o copo de leite que Hélio deixou na mesa e tomou o restante do líquido. — Sabe o que significa,

Hélio?

— Alguém inteligente, né?

— Também, mas ser perspicaz vai um pouco além disso. É quando alguém é capaz de observar e enxergar coisas que outros não notariam. Então, uma pessoa perspicaz tem essa habilidade de perceber rapidamente o que acontece ao seu redor e, por exemplo, encontrar uma solução prática para um problema que para as outras pessoas não estava tão evidente.

— Então, o papai é muito perspicaz, né, Aquiles? — disse o mais novo bocejando e vendo o irmão confirmar com a cabeça.

— O pai de vocês é um dos homens mais brilhantes que eu conheço — disse Máximo Kobayashi sorrindo para os dois. — Quando eu penso no Dante, sabe quais palavra vem à minha cabeça?

Os meninos fizeram que não, mas antes que Max respondesse, outra voz respondeu:

— Insensível. Intransigente. Impiedoso.

Os meninos se levantaram e viram a bela loira parada ao lado da porta.

— O que faz aqui, Isadora? — disse Aquiles ficando na frente do irmão.

— Onde mais eu poderia estar? Vim cuidar dos meus filhos.

— Está um pouco atrasada para isso, não é mesmo? Alguns anos de atraso. Estamos bem. Pode voltar por onde entrou.

— Aquiles, devo lembrá-lo com quem está falando? Exijo que me respeite.

— Vamos subir, Hélio. Está tarde. Vem. Eu vou te colocar na cama.

— Não! Eu faço isso — disse sua mãe dando a volta e pegando a mão de Hélio.

— Isadora, pense bem no que vai dizer para o meu irmão. Eu não permitirei que ninguém, nem mesmo você...

— Você deveria começar a aceitar o inevitável, Aquiles.

— O que quer dizer com isso?

— Sabemos que nem mesmo seu pai e sua querida tia vão sobreviver àquele desabamento.

— Como é capaz de dizer uma coisa dessas para os seus filhos, Isadora? — Max se levantou e encarou a loira que pareceu impassível e não fez menção de se mostrar arrependida.

— Eu sou a única aqui que está tentando preparar o Hélio para o luto. Precisamos todos começar a reestruturar nossas vidas sem o Dante ao nosso lado e eu...

— Você o quê, Isadora? Me diz? Você o quê? Nunca foi maternal. Não pensou duas vezes em nos deixar para viver sua vida sem amarras e agora quer que eu acredite que se preocupa com nosso bem-estar?

— Aquiles, abaixe esse tom para falar comigo. Eu sou sua mãe e você me deve respeito.

— Respeito? Essa é boa. Você nem faz ideia do que essa palavra significa. Saia dessa casa agora mesmo!

— Aquiles, por favor, não brigue... — Hélio soltou-se da mão de Isadora e abraçou a cintura do irmão.

— Está tudo bem, Hélio. É melhor subirmos logo. E eu tenho certeza absoluta que o papai vai sobreviver e nossa vida voltará a ser como era antes: apenas nossa família sob esse teto. Apenas nós três. Você não é bem-vinda aqui, Isadora.

— Essa casa é minha. Parece que se esqueceu disso.

— Não. Essa casa deixou de ser sua quando nos abandonou e exigiu que o meu pai comprasse aquela cobertura para você em Ipanema. É lá que é sua casa. Lá onde você recebe seus amigos e faz suas festas. Venha, Hélio. Vou te colocar para dormir. Garanto que Isadora nem lembra onde fica seu quarto.

— Seu moleque atrevido... eu devia...

— Dê boa noite para sua mãe, Hélio — disse Aquiles firme a encarando.

O menino foi até a mãe e deu-lhe um beijo na face quando ela se abaixou um pouco. Hélio esperou que a mãe retribuísse o beijo ou o acalentasse, mas ela apenas meneou a cabeça e deu um breve sorriso.

— Com licença. Boa noite a todos.

Os quatro viraram-se para o senhor de idade usando roupas simples e o garotinho de tranças na cabeça que segurava sua mão, parados ao lado de Domenico, o motorista da família.

— Quem são essas... pessoas? — Isadora os observava com evidente desagrado. — Quem os deixou entrar nessa casa? Domenico, quem autorizou a entrada dessa gente aqui? Responda.

O motorista, com expressão impassível, deu alguns passos à frente e disse:

— Boa noite, senhora. Estou seguindo ordens diretas do meu patrão. Esta é a família da funcionária que está soterrada junto com o Sr. Albertine.

— O quê? Mas que história é essa?

— Senhora, eu me chamo Vicente Faustino. Sou o pai de Carla Faustino e este é meu neto Kionã. Nós viemos aqui porque...

— Carla Faustino? Aquela faxineira da construtora? — perguntou

aproximando-se dele e revezando seu olhar entre o pai de Carla e o menino que pareceu se intimidar pela forma como a mulher olhava diretamente para eles. — O que significa isso? Exijo que me digam o que fazem aqui.

— O patrão da minha filha, o Sr. Albertine, nos convidou para virmos para cá para termos informações mais atualizadas sobre as buscas, mas não queremos causar nenhum incômodo. Iremos embora se não somos bem-vindos.

— Peço desculpas por essa recepção grosseira, Sr. Vicente. O senhor e seu neto são muito bem-vindos aqui. Sou Máximo Kobayashi, sócio de Dante na construtora. Muito prazer, Sr. Vicente. Eu só lamento nos conhecermos nessas circunstâncias.

— Muito prazer, Sr. Máximo. Eu não quero causar nenhum incômodo.

— Isso não faz sentido algum... essa mulher também está soterrada e como Dante entrou em contato? Máximo, você sabia disso?

— Não só sabia, como atendi à vontade de Dante e pedi a Domenico para ir buscá-los.

— Incômodo algum. Foi o dono da casa que pediu que ficassem aqui. — Valdelice entrava após desligar a ligação comunicando Demétrius que os parentes de Carla já estavam na mansão.

— E posso saber o motivo dessa gente ter que ficar sob o mesmo teto que os meus filhos?

— Como eu disse, o dono da casa julgou ser o mais lógico.

— Não entendi.

— Considerando que Dante e Carla estão soterrados juntos, não havia por que das famílias não serem comunicadas simultaneamente do avanço do resgate. — E dando as costas para a Isadora perguntou: — Hélio, Aquiles, eu trouxe minha famosa lasanha para vocês jantarem. Seu Vicente e Kionã, vamos jantar?

— Ei! E eu? — perguntou Máximo.

— Você, Max. Também está convidado — disse enfatizando que o convite não se estendia a Isadora.

Ela deu as costas e saiu sem dar um segundo olhar para os filhos.

— Eu sou Aquiles e esse é meu irmão caçula Hélio. Sintam-se em casa — disse apertando a mão de Seu Vicente que retribuiu o cumprimento e sentiu-se menos desconfortável, após a saída de Isadora.

— Muito prazer, rapazes — disse Seu Vicente e logo Valdelice e Máximo o conduziam à sala de jantar e os inteiraram sobre o que sabiam.

— Vocês vão ficar bem, meninos? — perguntou Aquiles antes de se

juntar a eles.

Os dois fizeram que sim com a cabeça.

Kionã caminhou sobre o tapete macio, olhando ao seu redor tentando disfarçar que estava impressionado com o tamanho daquela sala que era muito maior que a casa onde moravam.

— *Então é assim que os ricos vivem...* pensou consigo mesmo.

— Oi, Kionã. Lembra de mim? — perguntou Hélio se aproximando do outro menino. — Eu também estudo no Santa Tereza.

— Ah, sim... lembro. Você tocou violino na apresentação comigo lá na escola. Eu não sabia que seu pai era o chefe da minha tia.

— E ela é minha amiga. Conheci a Carla naquele dia na festa do dia das mães.

— Vi que deu a rosa para ela, mas não entendi como se conheceram. Você é rico e ela é só uma faxineira que trabalha na empresa do seu pai.

Hélio não entendeu porque o menino se referia à tia daquela maneira, mas esclareceu.

— Ela me ajudou naquele dia. Conversamos muito. Nos tornamos amigos. Nós dois poderíamos ser amigos também...

— Amigos? Sei... diz isso agora porque o acaso trouxe o garoto pobre para dentro da sua mansão. Quando tudo isso terminar, eu voltarei para o meu mundo e você continuará aqui.

— Não precisa ser assim. Eu e a Carla somos amigos. Na festa da inauguração da construtora, ela até dançou comigo e foi muito divertido. Tinha várias crianças e...

— Mas ela me disse que eu não podia ir porque estava indo para a festa apenas para trabalhar. Me disse que não poderia tomar conta de mim porque não estava indo para se divertir. Então, ela mentiu para mim... — A revolta na voz de Kionã fez Hélio franzir a testa.

— Ela não mentiu. Estava trabalhando como garçonzete, sim, mas no intervalo dela eu a convidei para dançar e ela aceitou. Dançou comigo e com outras crianças apenas uma música.

— Ah, tanto faz... Se mentiu, o castigo chegou rápido pra ela.

— Como pode dizer algo assim? A Carla é sua tia e...

— Você não sabe de nada da minha vida, seu fedelho metido a besta — interrompeu Kionã agressivamente. — Vive aqui nesse palácio e nunca te faltou nada. Eu vivo num ferro-velho. Num ferro-velho, dentro de uma favela.

— Kionã, por que está falando assim? Se está com medo, eu também estou. Meu pai está...

— Medo? Eu não tenho medo de nada. Não preciso da sua pena. Eu

me viro sozinho. Sempre me virei sozinho. Não tenho pai, nem mãe.

— Você tem seu avô e a Carla. Ela me disse que te ama muito.

— Nossa, a família que toda criança quer ter... — disse ironicamente.

— Eu queria ter alguém como a Carla na minha família. Você tem sorte.

— Sorte? Sorte é nascer branco, ter dinheiro e morar numa casa como essa. Isso sim é sorte. Você ganhou na loteria da vida. Já quanto a mim... — riu desgostoso. — A minha vida é o contrário da sua. Agora a minha tia Carla vai morrer e eu vou ter que sair do meu colégio porque não vou ter como pagar a passagem nem comprar os livros ou o uniforme. Terei que viver naquele buraco com um avô quase aleijado que nem pode mais trabalhar para me sustentar. E sabe com o que ele trabalha? Ele é carroceiro. Eu vou acabar parando numa casa de custódia porque meu pai... ah... o meu pai é um ladrão e está atrás das grades há anos. Eu preciso mais do que nunca encontrar a minha mãe. Só ela pode me tirar dessa vida miserável. A minha mãe é minha última esperança de ter a vida que eu mereço. Não há nada pior na vida do que ser pobre. Então, não fale comigo como se fôssemos amigos porque não somos.

Hélio ficou sem ação por alguns instantes. Não esperava ver tanta amargura em uma criança poucos anos mais velha que ele.

— Nascer branco, ter dinheiro e morar numa casa como essa... eu trocaria tudo isso para acordar todo dia e saber que tenho a Carla na minha família. Eu tenho um irmão e sei que por mim ele faria qualquer coisa. Sei que se morássemos em um ferro-velho, em uma favela, ele continuaria me amando, porque não é o dinheiro que nossa família tem que fez ele cuidar de mim e me proteger a minha vida toda. Quando algo de ruim me aconteceu ou quando eu precisei de ajuda, ele sempre esteve ao meu lado. E eu sempre tive a certeza de que meu irmão Aquiles faria de tudo para me ajudar. Sabe, Kionã... essa certeza é algo muito mais valioso, simplesmente, porque não pode ser comprada nem com todo dinheiro do mundo. O meu irmão é meu melhor amigo e me ama muito. Como a sua tia te ama, Kionã. Espero que quando a reencontrar diga a ela que a ama também, porque quando algo de ruim te aconteceu, quem você chamou? Quem você tinha certeza que faria de tudo para te ajudar? É essa a pessoa que mais te ama no mundo inteiro.

Hélio não quis mais ficar ali. Caminhou em direção à sala de jantar para ficar perto de seu irmão, mas antes de sair da sala, se virou e viu que o outro menino olhava para ele:

— Você é rico e nem sabe disso, Kionã.

Por algum tempo, o sobrinho de Carla ficou ali parado na mesma

posição, pensando no que Hélio lhe disse:

“— Quando algo de ruim te aconteceu, quem você chamou? Quem você tinha certeza que faria de tudo para te ajudar? É essa a pessoa que mais te ama no mundo inteiro.”

Mas o menino teve os pensamentos interrompidos quando policiais entraram na mansão, o que chamou a atenção de todos que estavam na sala de jantar também.

— Policiais, o que houve? — perguntou Máximo Kobayashi.

— Recebemos da equipe de regate, atualizações. A Sra. Margot Albertine já foi resgatada e está a caminho do hospital. A princípio, seu quadro inspira cuidados, mas ela vai se recuperar. Ela foi levada para o mesmo hospital onde vocês receberam assistência.

Gritos de felicidade foram ouvidos de Hélio que correu e pulou no colo do irmão. Valdelice abraçou os meninos e Máximo Kobayashi ao mesmo tempo. Este abriu um amplo sorriso.

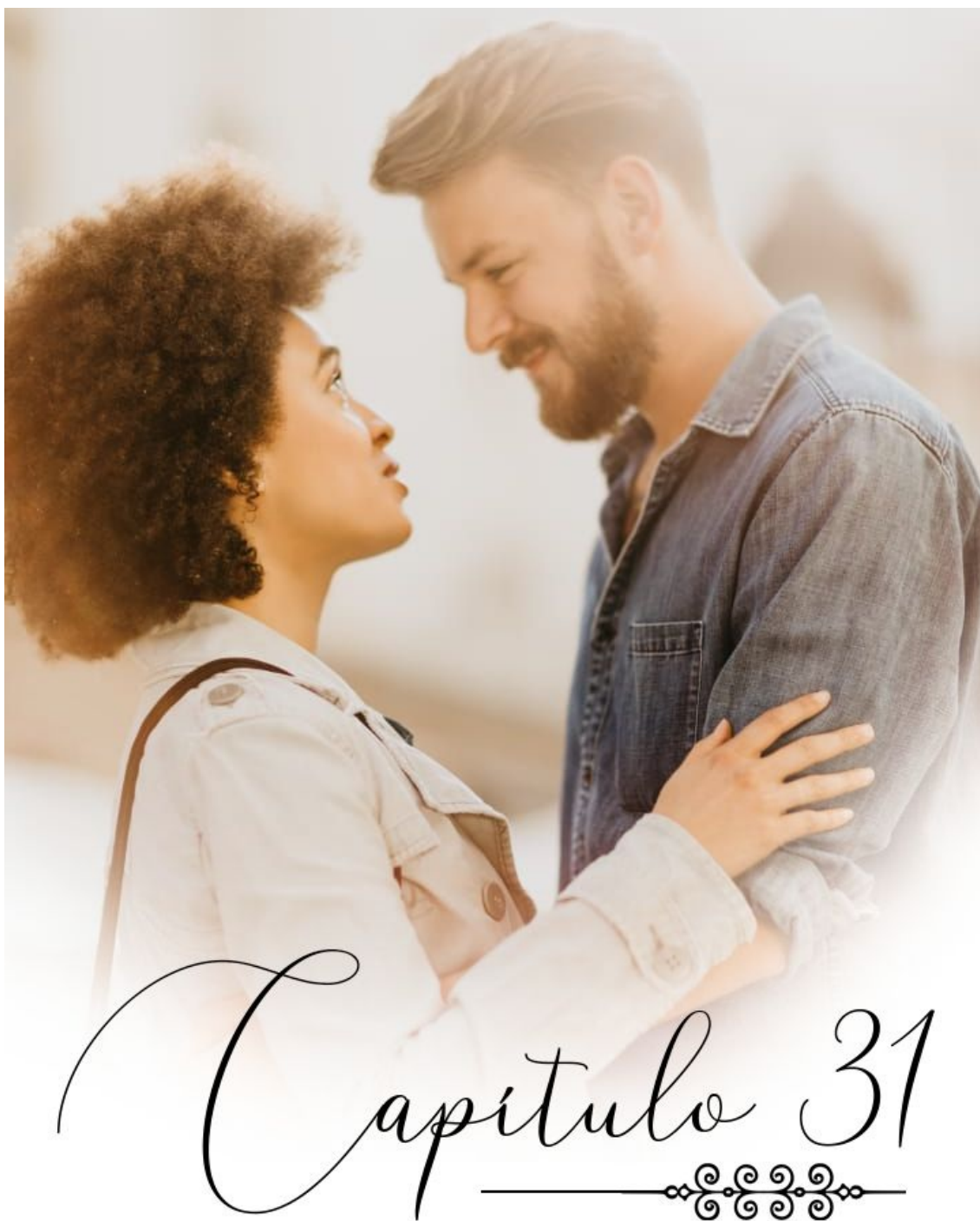
— E a minha filha? — perguntou Seu Vicente aproximando-se do policial.

— E o meu pai? — perguntou Aquiles também.

— O tenente Valentim, do Corpo de Bombeiros, me pediu escolta policial para levar os familiares do Sr. Albertine e de Carla Faustino para o local do desabamento o mais rápido possível. Foram eles que fizeram esse pedido pelo que compreendi.

— Aconteceu alguma coisa mais grave, senhor policial? — perguntou Aquiles juntando-se ao Seu Vicente.

— É tudo que eu fui informado. Vamos agora. Imediatamente!



A FELICIDADE NUNCA PODE SER MEDIDA

Carla e Dante conversaram sobre várias coisas. Era tudo que podiam fazer ali. Conversar e esperar. E esperar e esperar mais ainda. Falavam de suas famílias e uma ideia se formou na mente de Dante quando soube que o irmão de Carla já deveria ter sido libertado por ter cumprido sua pena. Ela falava do irmão

como se fosse um herói para ela. Dante lembrou que era assim que via Benício.

Quando Carla quis saber como Dante foi criado e como era sua família, ele abriu seu coração sobre seus pais e seus irmãos. Conversar com ela era tão fácil. Tão natural e ela sabia ouvir. Carla demonstrava que estava realmente interessada em ouvi-lo. Contou-lhe sobre seu irmão Benício e como eles eram próximos. Como tentavam proteger a irmã que sofria maus tratos constantes na escola. Sobre seu pai, Dante revelou que, com ele e Benício, o Sr. Pompeu Albertine era um homem disciplinador e indiferente, mas sua irmã era capaz de quebrar toda rigidez de sua armadura e era quando Dante via um lado amoroso do pai.

Carla percebeu que os irmãos foram a âncora de Dante naquela família. Ele se habituou a contar com a afeição deles. A morte de Benício afetou a todos naturalmente, mas a mãe de Dante simplesmente se fechou para o mundo e se tornou ainda mais amarga. Carla percebeu que a mãe dele sempre foi uma mulher vazia. Rejeitar a própria filha dessa maneira, por ela não se enquadrar em seus padrões questionáveis de beleza, revelavam muito do caráter de Margarida Albertine. Apenas Benício a fazia demonstrar amor e nem sombra disso Dante viu mais com a morte dele. Ela preferiu se esquecer que tinha outros dois filhos.

Dante se concentrou, então, em apoiar e cuidar da irmã. Ela passou a ser sua principal preocupação. Passou a deixar de ir a festas e de viajar para estar por perto, mas outro duro golpe aconteceu quando ele descobriu o que Gustavo fez, quem julgava ser seu melhor amigo fez algo que destruiu uma amizade de uma vida inteira. Tudo mudou depois disso.

Dante mal tinha terminado a faculdade de Engenharia quando seu pai faleceu e ele precisou assumir a presidência da empresa e, mesmo tão jovem, conseguiu se destacar no mercado e a empresa da família Albertine alcançou reconhecimento e assumiu em quinze anos o lugar mais alto no segmento da construção civil no Brasil.

— Você deve ter muitos amigos, Carla. — Ele disse de repente e ela entendeu que Dante queria mudar de assunto, pois aquelas lembranças ainda doíam.

— Não diria muitos, mas os que tenho são preciosos para mim. Além do Gustavo e de você, eu tenho outros três bons amigos. Nos conhecemos desde criança. — O rosto de cada um deles veio à sua mente. — Amigos de verdade, sabe. Aqueles que posso contar para qualquer coisa. O Xandinho é meu melhor amigo desde o terceiro ano fundamental. Ele é cantor e está correndo atrás dos sonhos dele. A voz dele é poderosa. Eu tenho certeza que um dia ele fará muito sucesso. Ele só precisa de uma chance real para mostrar seu talento. Depois disso, ninguém segura mais esse garoto. Ele nasceu com uma doença

congenita crônica... não tem cura...

— Eu sinto muito, Carla.

Ela sorriu e acariciou a barba dele.

— Tá tudo bem, Dante. Agora ele está estável... sabe... crescer sabendo que seu melhor amigo pode morrer de uma hora para outra não foi fácil, mas Xandinho sempre foi um guerreiro. Ele ama viver! Ele transborda vida. Nossa! Você precisa conhecê-lo, Dante. Precisa ouvi-lo cantar.

— E a família dele?

— São pessoas de bem. É uma família unida. O pai do Xandinho é o dono da oficina onde eu trabalho. Ele e D. Juliana fizeram de tudo pelo Xandinho. São o tipo de pais que colocam os filhos em primeiro lugar. Nisso se parecem muito com os meus — disse Carla.

Dante não teve como não pensar nos seus pais e também avaliar que tipo de pais ele e Isadora foram até aquele momento para Aquiles e Hélio. Um pensamento o afligiu quando pensou que se algo lhe acontecesse, Margot seria a guardiã legal deles, mas sabia que Isadora buscaria na justiça meios de controlar a herança dos filhos. Ela abriu mão da guarda, por não querer os filhos atrapalhando suas inúmeras viagens e festas. Desde que sua pomposa pensão fosse depositada em dia. Ela assinou o documento abdicando da guarda no divórcio, tendo como única condição receber seus trinta mil mensais.

— Tenho também a Isabel, que é a mandona do grupo. Adora dar ordens e sempre acha que tem razão. Na maioria das vezes, tem mesmo, mas gostamos de tirá-la do sério, sabe... O pai abandonou a Isabel e os irmãos, mas eles seguiram em frente. Transformaram a casa onde cresceram em uma pensão e passaram a alugar os quartos e viveram disso e das quentinhas que a Isabel fazia e os irmãos entregavam de bicicleta pelos bairros próximos como Marechal e Bento Ribeiro. Agora a minha amiga está para se formar em Medicina. Faz residência médica em uma clínica de prestígio na Zona Sul. Um de seus professores que a indicou para o emprego.

— Você tem muito orgulho deles, não é mesmo, Carla?

— Muuuuuito! Eles são minha família também. E a Mônica que é a caçula da turma é o oposto da Isabel. Quase não fala. Ela mora com o pai e a irmã, mas é ela quem sustenta a casa. O pai é alcoólatra e a irmã... deixa para lá... se lembra da amiga que eu ia chamar para me buscar no haras naquela noite de chuva? — Dante assentiu com a cabeça. — Pois era a Mônica. Ela dirige Uber. Ama dirigir. Me lembro que parecia ter ganhado na loteria quando recebeu a habilitação. Ficou tão feliz! Mas ela faz outros bicos para pagar as contas, todos nós só batalhamos por dinheiro honesto. Não nos importamos com o que temos que fazer, desde que não prejudique ninguém e seja um dinheiro limpo e...

Um barulho de ferro e concreto estalando a interrompeu. De repente, pedaços de escombros caíram sobre eles.

Dante puxou Carla para protegê-la com seu corpo e sentiu a dor irradiar de seu pé para todo seu sistema nervoso.

— Não, Dante! Fique parado! — Carla se soltou de seu abraço e tentou proteger o rosto dele com seu corpo, subindo em cima dele com seus joelhos apoiados de cada lado do corpo de Dante.

— Carla, não faça isso. — A voz dele soou contida e fraca. — Por favor... não faça isso...

Ele arfava e ela percebeu que algo errado estava acontecendo com ele. Lembrou da poça de sangue. Sabia que não era um simples corte. Era uma hemorragia. O sangue não coagulava rápido o suficiente. Ficaram olhando um para o outro. Sabiam o que poderia acontecer. Ela tocou-lhe o rosto com carinho e sorriu para ele. Ouviam vários estalos vindos de diferentes pontos da montanha de concreto acima deles.

— Estamos juntos. Eu estou aqui com você.

— E eu com você — disse Dante acariciando o rosto dela também e Carla sentiu como os dedos dele estavam frios.

— Prometa que não vai desistir, Dante. Aconteça o que acontecer. Me prometa que vai viver plenamente a sua vida. Vai construir novas lembranças ao lado de seus filhos e vai ser muito feliz!

Por um instante, ele fechou os olhos e os rostos de Aquiles e Hélio surgiram em sua mente. Nunca os fez sorrir espontaneamente e a culpa o atingiu junto com as lembranças de seus filhos e de muitas ocasiões em que foi duro com eles. Acreditava realmente que educá-los com disciplina era a forma certa de criá-los. Afinal, era a única maneira que conhecia. Quando abriu os olhos novamente, respondeu tocando os cabelos dela afetuosamente:

— Não sei se posso prometer algo assim, Carla... Eu nem sei como me aproximar deles, por mais que eu queira. Acho que levantei um muro que me afastou dos meus filhos todos esses anos, da mesma forma como minha mãe fez. No fim das contas, não sou tão diferente de Isadora...

— Não diga isso. Você ama seus filhos. E se você construiu esse muro cabe a você mesmo derrubá-lo. Eu te ajudo, se precisar — disse brincando com sua barba suja de poeira e, insistindo, repetiu: — Então, promete para mim logo de uma vez, Dante.

— Eu prometo que vou *tentar*, Carla. — Dante foi sincero e queria realmente ser capaz de fazer isso. Aquela jovem mulher em cima dele era sua inspiração e dela vinha a força para acreditar no que sua razão lhe dizia ser impossível de acontecer, simplesmente por já ser muito tarde para consertar toda

uma vida de erros com seus próprios filhos. — Eu só... estou com medo... Medo de não poder dar aos meus filhos lembranças boas sobre o pai deles.

Ver Dante Albertine demonstrar fragilidade foi algo que ela não esperava presenciar, mas sorrindo para ele, disse:

— Sentir medo não é algo que deva se envergonhar, Dante. Você não precisa ser forte o tempo todo. Sairemos vivos daqui. Nós dois. Fale com seus filhos, mas não se despeça, ouviu bem? Sua irmã já foi encontrada. Também vamos conseguir e tudo vai acabar bem.

Ele sorriu para ela e acariciou de leve o rosto da mulher que amava. A vontade de beijá-la naquele momento era imensa.

O som do rádio chamou a atenção deles. — Fale com seus filhos primeiro, Dante, mas não se despeça.

Ela passou o rádio e ele pegou o aparelho e ficou olhando para o visor. A bateria indicava apenas um ponto. Logo não teriam contato nenhum com o mundo exterior. Dante olhava para o rádio, mas não realizou a chamada.

— Não sei o que dizer a eles.

— Diga como se sente. Diga o que eles significam na sua vida. Eles precisam saber. Sairemos daqui e você verá seus meninos outra vez e ainda vai me ensinar a nadar.

Dante sorriu. Compreendeu o que ela queria dizer. Se despedir seria o mesmo que se resignar que morreriam ali e ela jamais faria isso. Precisava ser forte por seus filhos. Por ela. A dor era grande demais e tentou transparecer o mínimo de seu sofrimento quando discou o número.

— Inácio, quero falar com meus filhos.

— Claro, Sr. Albertine.

Alguns segundos depois, Dante ouviu a voz de seu filho caçula.

— Papai... é o Hélio.

— Como você está, meu filho?

— Eu estou com medo, papai.

— Vai ficar tudo bem, meu filho. Independentemente do que acontecer, você e seu irmão sempre terão um ao outro. Só há uma pessoa no mundo que te ama tanto quanto eu e essa pessoa é seu irmão Aquiles.

— Papai, o senhor me ama?

A dúvida naquela pergunta fez Dante Albertine sentir uma dor tão grande contrair seu peito quanto a dor física que vinha do seu pé. Tão forte que o corpo precisou extravasar e, pela primeira vez, desde a morte de seu irmão Benício, Dante Albertine sentiu lágrimas escorrerem por seu rosto.

— Hélio, eu amo você e seu irmão mais que tudo na minha vida, meu filho. Perdoe seu pai por não ter deixado isso claro para você. Perdoe seu

pai por não ser o pai que você precisava. Eu tenho sorte de ter vocês dois na minha vida. Eu tenho orgulho de ser o pai de dois meninos formidáveis e inteligentes como vocês. Se existisse um curso de como ser um bom pai, eu faria, porque sei que tenho muito a aprender. Para algumas pessoas, como seu pai, demonstrar amor é mais fácil por ações do que por palavras. Entende? Eu trabalho para garantir que o futuro de vocês será o melhor que eu puder oferecer. Eu só tenho...

—...dificuldades para expressar emoções. Eu sei, papai. O Aquiles me disse isso.

Dante sorriu ao pensar no quanto tinha a aprender com seus filhos.

— Pai, o senhor está sentindo muita dor?

— Não muita, meu filho — disse Dante tentando não preocupar ainda mais o menino.

— Eu vou te ver outra vez?

Dante não sabia o que responder. Não queria fazer uma promessa que não estava nas suas mãos poder cumpri-la.

— Hélio, o que realmente importa é que eu sempre estarei com você.

— Mas papai... — A voz de choro do menino o interrompeu.

— Me ouça, filho... deixa o seu pai falar. Coloque a mão em seu coração. Pode fazer isso por mim?

— Posso. — E dizendo isso o menino colocou a mão direita sobre o peito. — Pronto, pai.

— Sente seu coração batendo, não é mesmo?

— Sim.

— Uma parte de mim está nele. Uma parte de todas as pessoas que te amam e são importantes para você sempre estarão com você.

— Como o senhor sabe disso?

— Eu sei, porque seu tio Benício me disse isso quando nossos avós se foram. Eu tinha a sua idade mais ou menos, na época. Ele me disse que quem nós amamos levamos com a gente dentro do coração para sempre. Assim nunca estaremos sozinhos. Sabe qual foi o dia mais triste de toda a minha vida?

— Quando o tio Benício foi para o céu. A tia Margot me disse que o senhor chorou. Ela nunca tinha visto o senhor chorar antes.

Um novo abalo foi sentido na estrutura em que estavam e Carla começou suas orações. A vida deles estava nas mãos de Deus agora.

— Sim. Foi muito difícil perder o meu irmão, mas eu nunca esqueci dele e do que vivemos juntos. Ele sempre esteve comigo. No meu coração. Como você e Aquiles estão no meu coração e sempre estarão comigo, onde quer

que eu esteja.

— Eu te amo, papai.

— Eu também te amo muito, meu filho. Amo você e seu irmão Aquiles.

— Eu queria... eu queria tanto, pai...

— O quê, meu filho? O que você quer?

A voz embargada o impedia de concluir a frase. Hélio se abraçou ao irmão que estava ao seu lado e seu corpo infantil tremia com a incerteza de saber se sua família se reuniria novamente.

— Respira fundo, Hélio. O pai precisa que sejamos fortes agora. Ele vai voltar para a gente. — Dante conseguiu ouvir a voz de Aquiles tentando acalmar o irmão. O menino chorava copiosamente.

Dante sentiu Carla apoiar a cabeça em seu ombro e segurar sua mão livre com carinho. Ela sabia que ele precisava de força também.

— Pai...

— Fala, filho.

— Eu queria mais do que tudo na vida... eu queria te dar um abraço. Um abraço apertado como os da Carla. Queria saber como seria... — disse Hélio do outro lado da linha.

— Eu daria tudo que tenho para poder abraçar você e seu irmão, Hélio.

— De verdade?

— Tudo. Você e seu irmão... não há nada mais valioso para mim que vocês. Nunca houve. Eu dediquei muito do meu tempo ao trabalho e ofereci muito pouco de mim a vocês. Me arrependo muito disso.

— Quando o senhor sair vai ser diferente, pai. — Dante reconheceu a voz de Aquiles.

— Aquiles, eu não sei se...

— Quando o senhor sair vai ser diferente, pai. — A voz do filho mais velho fraquejou.

Dante entendeu que o filho mais velho precisava ouvir isso. Saber que teria um pai ao seu lado.

— Sim, meu filho. Será diferente. Vamos jogar basquete.

— Eu tenho umas jogadas para te ensinar.

— É mesmo? Eu acho que mesmo com o dobro da sua idade, seu velho pai ainda pode te ensinar uma coisa ou outra na quadra. Vou te levar alguns dias para trabalhar comigo. Afinal, será o próximo presidente da empresa da família e fiquei muito orgulhoso de saber que passou para Engenharia.

— C-Como o senhor soube? Eu não contei para ninguém... —

Aquiles guardou aquele segredo até de sua tia Margot a quem contava tudo de sua vida e planos.

— Como eu descobri não importa. Foi por acaso. Mas eu sempre soube que você teria sucesso em tudo que fizesse, Aquiles. Você é determinado, tem foco e é uma das pessoas mais brilhantes que eu conheço. Não há nada que você não possa fazer. E eu mesmo contei para sua tia Margot. Ela me disse que nunca duvidou que você seria o melhor entre os melhores. E estava certa. Temos tanto orgulho do homem que se tornou, meu filho.

— Pai... — A voz de Aquiles já não continha mais a emoção. — Eu só quis ser igual ao senhor. Foi o que eu sempre quis. A minha vida inteira. Eu só quis ser como o meu pai... Não há ninguém no mundo que eu admire mais que o senhor.

— Você é um homem muito melhor que seu pai, Aquiles. Eu admiro você. Queria saber amar e demonstrar isso como você faz.

— Quando sair daí e nossa família estiver reunida novamente...

— Você me ensina? — Ouvir aquilo do pai fez o coração de Aquiles experimentar um misto de felicidade e incredulidade. Nunca antes se sentiu tão próximo de seu pai.

— Vamos aprender fazendo coisas que pais e filhos costumam fazer juntos — respondeu e seu pai sorriu com a sabedoria e maturidade do filho.

— Como ir à praia — disse Dante.

— Mesmo? O senhor faria isso? — Aquiles sabia o quanto era difícil para o pai ver o mar diariamente e lembrar de como perdeu seu irmão.

— Temos que construir novas lembranças. Aprendi isso com alguém muito especial para mim.

— A Carla — disse Hélio que se mantinha ainda agarrado ao irmão.

— Sim. Ela mesma.

— Que bom que fez uma nova amiga, pai.

— Também acho, meu filho. — Dante abraçou Carla ainda mais apertado com o braço livre. Ela se aconchegou em seu peito para ouvir a conversa. Já havia se habituado ao contato constante com o calor do corpo dele.

— Eu e meu irmão estamos esperando o senhor aqui. Volta logo para nós. Está bem?

— Farei tudo que eu puder, meu filho.

— Eu... te amo muito, Sr. Albertine. Sempre te amei, pai.

— Eu...

Nesse momento, a bateria do rádio descarregou. Dante não pôde terminar a frase.

— Sinto muito. Acabei impedindo que falasse com sua família —

disse enquanto tentava disfarçar a voz embargada por não ter conseguido dizer que amava seu filho.

— Está tudo bem, Dante. Eles sabem o quanto os amo e direi novamente quando reencontrá-los. Você também vai dizer isso ao Hélios e ao Aquiles quando reencontrá-los, moço.

A forma como Carla falava, soava para Dante como se ela estivesse convicta de suas palavras e ele se viu querendo acreditar com tanta certeza quanto ela.

— Sabia que até coberta de poeira você é linda, Vida?

— Sempre acho tão engraçado você me chamar assim, mas obrigada pelo elogio. — Ela brincou rindo e encostando seu nariz no dele como um beijo de esquimó, mas sentiu uma breve vertigem por causa da fome.

Como os barulhos pararam, ela saiu de cima dele e se deitou ao seu lado para apoiar a cabeça em seu ombro.

— Você também não é de se jogar fora. Em outras circunstâncias...

— Em outras circunstâncias, talvez, eu não tivesse coragem para dizer o que estou prestes a dizer agora.

A voz dele adotou um tom mais grave e Carla percebeu isso de imediato.

— O quê, Dante? — Ela virou-se para ele novamente e esperou.

— Carla, eu preciso te dizer que eu...

Um novo abalo mais forte e repentino os atingiu e Carla sentiu o peso de algo chocar-se com sua cabeça. Depois disso, ela não viu mais nada.

— Não! Carla... acorde! Carla! Não!

O desespero de Dante não era porque tinha medo de morrer. Ele não queria imaginar ver Carla morrer diante de seus olhos e não poder fazer nada para ajudar a mulher que amava.

Ela não respondia e ele mal conseguia sentir sua respiração. Quando passou a mão por sua cabeça, sentiu o líquido quente molhar seus dedos. Sangue.

Dante tirou a camisa e pressionou o ferimento, enquanto continuava a chamar por ela:

— Carla, responde. Abre os olhos, Vida... Você não pode partir. Você, não!

Um novo abalo fez com que ele a trouxesse ainda mais para perto e ele ignorou a lacerante dor que sentiu no pé pelo esforço. Queria mantê-la ali junto dele. Sentir o coração dela bater. Sentir a respiração dela em sua pele. Não foi capaz de protegê-la.

— Por favor, meu Deus... Por favor...

“Prometa que não vai desistir, Dante. Aconteça o que acontecer. Me

prometa que vai viver plenamente a sua vida. Vai construir novas lembranças ao lado de seus filhos e vai ser muito feliz.”

As palavras ditas por Carla minutos atrás o alcançaram e ele pensou no que ela fazia para se sentir melhor. A lembrança da música que seu irmão Benício cantou para Margot no baile de debutantes dela surgiu de repente. Ele abraçou Carla com carinho, ainda pressionando o ferimento em sua cabeça, e cantarolou alguns trechos que se lembrava da melodia:

*Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor, eu nada seria
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece*

— Meu Deus! O que eu faço? Me ajuda... Volta para mim, meu amor. Volta para mim, Carla. Você disse que iríamos conseguir. Fique comigo. Falta pouco.

— Dante! É você? Está me ouvindo?

Dante Albertine mal acreditou na voz que escutava. Vinha abafada, mas ele sentia que estava bem próxima dele. Devia estar começando a ter alucinações por conta da perda de sangue. Estava ouvindo vozes. Na verdade, estava ouvindo a voz da última pessoa que pensou que escutaria naquele momento.

— Consegue me ouvir, Dante? Por favor, me responde? Carla, está bem? Vocês estão bem?

— Grael? É você? — Dante ainda estava incrédulo, mas começando a ter esperanças de que Carla seria salva.

— Sou eu, Dante... Graças a Deus! — O coração de Gustavo batia descompassado e mal acreditava que tinha encontrado os dois. — Eu... vou tirar vocês daí. Eu prometo. Eu prometo para você, Dante.

Em trinta e sete minutos, o tenente Valentim, que se juntou a Gustavo, com o máximo cuidado, retirou os últimos escombros que os separavam das vítimas.

A iluminação das lâmpadas do túnel improvisado feriu a visão de Dante.

— Carla, primeiro, por favor... Cuidem dela. Ela está com um ferimento na cabeça.

Assim, Carla foi a primeira a ser resgatada naquele início de noite.

— Sua vez, Dante — disse Gustavo.

— Meu pé está preso...

— Sei disso. Farei uma alavanca.

— Mas para isso...

— Exatamente. Vou entrar aí com você. — E foi o que ele fez.

Gustavo se impressionou em como aquela viga de sustentação acabou se tornando um abrigo acidental para Carla e Dante. Sem aquele pilar exatamente ali, toda a estrutura teria cedido sobre eles.

— Não precisa fazer isso. É muito risco... — Dante disse olhando para Grael com sua visão já turva.

— Preciso, sim. Ou saímos nós dois juntos daqui ou ninguém sai.

Aquelas palavras deixaram Dante Albertine sem saber o que dizer.

— Preciso que me ajude, está bem? Sei que está fraco, mas preciso que você puxe sua perna quando eu mandar. Usarei essa tora de madeira como ponto de apoio e vou colocar este extintor amassado no lugar do seu pé. Depois disso, precisaremos sair rápido daqui.

Dante assentiu. Entendeu o plano.

— Está pronto? Vou contar até três.

— Pare!

— O que foi, Dante? Pode falar? Quer que eu repita o que vamos fazer?

Dante negou com a cabeça e depois de alguns segundos olhando para o rosto sujo de terra de Gustavo Grael, ele disse:

— Obrigado. Por vir... por salvar nossas vidas... E por me ajudar... a ver meus filhos outra vez... — disse Dante estendendo a mão para Gustavo.

Gustavo apertou firme os dedos gelados de Dante e foi naquele momento, com aquele gesto, que Gustavo soube que o homem que considerou seu melhor amigo quase a vida inteira lhe perdoava.

Minutos depois, Dante Albertine era levado para fora da pilha de escombros e respirava ar puro depois de quase três dias soterrado.

— Carla está bem?

— Sim, Sr. Albertine. Ela já foi para o hospital e seu quadro é estável.

— Meus filhos... Eu preciso ver os meus filhos — disse Dante tentando se levantar, enquanto começavam a colocar o colar cervical nele e tentavam prendê-lo à maca de madeira para remoção até o hospital.

— Senhor, se acalme. Logo verá seus filhos... — disse um paramédico que cuidava de seu pé.

— Não! Agora! — Olhou para os lados e sua visão não permitiu

discernir quem estava perto. Via apenas as luzes intermitentes da ambulância.

Começou a gritar a plenos pulmões:

— AQUILES! HÉLIO! Onde vocês estão? Eu quero ver meus filhos! AQUILES! HÉLIO!

— Eles estão aqui, Sr. Albertine — Dante reconheceu a voz do tenente Inácio Valentim. — Sua família está aqui com o senhor.

—Pai... — Ouvir toda a emoção contida na voz de Hélio fez com que Dante se virasse e forçasse a vista para ver que a menos de um metro estavam parados seus dois filhos.

Eles esperavam. Não sabiam como reagir e Dante quis mostrar que tudo que disse era o que sentia:

— Hélio, sabe o que eu quero mais que tudo na vida?

— O quê, papai?

— Eu quero um abraço dos meus filhos.

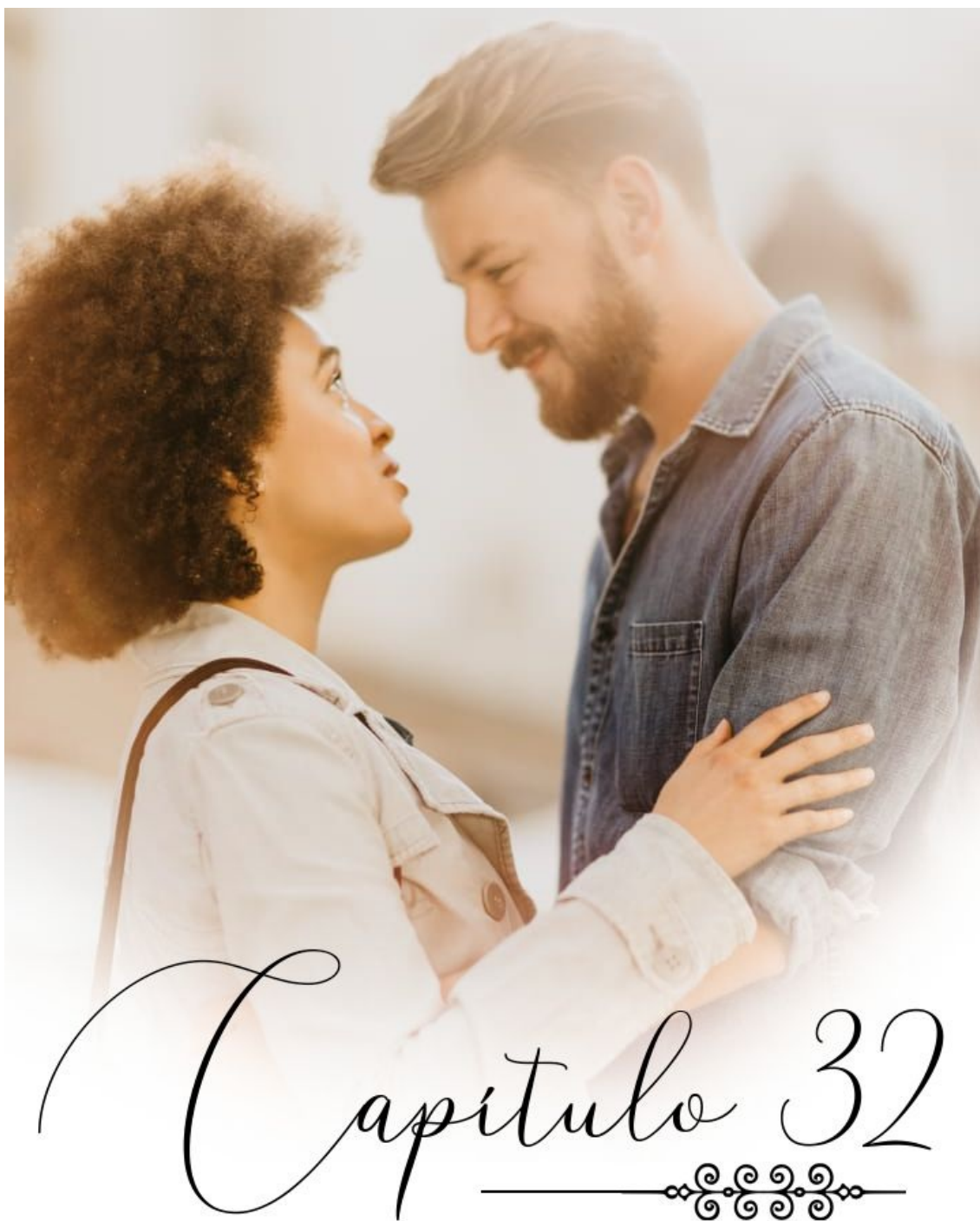
Sem esperar mais, os dois se jogaram nos braços do pai e ouviram algo que esperaram uma vida inteira para ouvir ele dizer:

— Seremos a família que vocês merecem. Eu serei o pai que filhos maravilhosos como vocês merecem ter. Eu tenho muito orgulho de cada um de vocês. Eu amo vocês dois mais que a mim mesmo! Me perdoem por não ter dito isso antes.

— Pai, nós também te amamos.

— Muito! — completou Aquiles sorrindo nos braços do pai. — A gente te ama muito, Sr. Albertine, e temos muito orgulho de sermos seus filhos.

A felicidade nunca pode ser medida, só sentida. Aquele era um reencontro feliz de um pai com seus filhos que aconteceu após circunstâncias tão arrasadoras, pensava Gustavo Grael que, de longe, assistia à cena. Ele mesmo sentia que só uma vez foi tão feliz como naquele momento. A responsável por sua alegria do passado já estava segura também e tinha um bom homem cuidando dela. Gustavo podia voltar para sua vida agora e foi com um grande sorriso no rosto que acenou para Inácio antes de desaparecer no meio dos repórteres e da grande multidão que se acotovelava do outro lado do cordão de isolamento. Logo, ele faria com que Inácio soubesse mais sobre quem era seu pai.



SENTIR FALTA DO QUE SE TORNOU ESSENCIAL

Há quatro dias, Dante e Carla haviam sido resgatados e uma meticulosa operação foi gerenciada por Valdelice e Máximo para preservar a privacidade do presidente da Albertine Construções, de Carla e de suas famílias. Dante mal conseguiu dormir sabendo que Carla ainda estava inconsciente. Ao

reencontrar sua irmã, quando ela foi visitá-lo em seu quarto, eles não falaram nada. Ela se aproximou do leito do irmão e o abraçou e chorou. Dante a consolou e agradeceu a Deus por sua irmã estar bem. Já tinha perdido Benício, não poderia perder Margot também.

Seus filhos passaram a primeira noite após a cirurgia com ele no hospital, depois que Máximo convenceu a enfermeira-chefe que seria só por uma noite e que os filhos de Dante estavam muito fragilizados para se separarem do pai com tudo que passaram. Naquela tarde, após a escola, Hélio e Aquiles também foram visitar o pai e sua tia Margot. Margarida Albertine foi visitar os filhos, mas mal trocou poucas palavras com eles e foi embora alegando não suportar hospitais.

Margot estava recebendo alta naquela tarde e eles a levaram para a mansão Albertine onde disseram que cuidariam da tia. A mãe passou por lá brevemente, mas não se demorou mais de quinze minutos antes de ir embora.

A cirurgia no pé direito de Dante surpreendeu até a equipe de ortopedistas. Considerando que a tíbia da perna direita sofreu uma pressão contínua por dias, não se descartava a possibilidade de amputação de seu pé logo acima do tornozelo. A equipe médica especulava que a gravidade da fratura talvez exigisse a colocação de fixadores externos, mas o raio-X indicou que houve uma única fratura e que, após cirurgia e sessões de fisioterapia, o paciente retomaria sua vida sem sequelas.

Máximo abraçou seu amigo após a cirurgia e o chamou de fura-olho, jogando em cima de Dante o jornal de dias atrás com a foto dele beijando Carla estampada na manchete. Dante se recriminou intimamente por se deixar levar por seus sentimentos. Imaginou como Carla reagiria quando soubesse que aquele beijo tinha se tornado público. Nunca quis expô-la dessa maneira e pensar em como isso poderia afetar sua vida, o fez franzir o cenho. Sabia que Carla nutria sentimentos por Timóteo e precisava conversar com ele a respeito. Fazia ideia de como ele devia ter interpretado aquela notícia, porque, com certeza, àquela altura o juiz já sabia do beijo. Depois processaria aquele jornal sensacionalista.

Dante visitava Carla fora dos horários de visita, nos quais seu quarto e o de Carla estavam sempre tumultuados com seus parentes e amigos. Isabel sugeriu que ele a visitasse no horário das refeições de Seu Vicente, quando ele poderia sair um pouco do quarto e ir comer no restaurante do hospital. Assim, Dante chegava em sua cadeira de rodas pontualmente às 11h30 e às 18h30 para ficar trinta minutos com Carla. Trinta minutos que eram só seus. Ele acabou se habituando ao som do monitor cardíaco. Aquele som lhe dizia que ela estava bem. Que estava viva. No terceiro dia de coma, Dante levou sua cadeira de rodas

para o lado da cama de Carla como sempre fazia e segurou a mão dela com cuidado. Viu as marcas das agulhas. Ela havia emagrecido nutrindo-se apenas com alimentação intravenosa, mas continuava linda para ele. Começou a conversar com ela, como se tornou seu costume, mesmo que ela não lhe respondesse. Acreditava que conseguia ouvi-lo. Sentia falta de ouvir a voz dela. Sentia falta de tê-la dormindo sobre seu peito ou simplesmente da forma como ela fazia seu braço de travesseiro. Sentia falta do que se tornou essencial em sua vida. A mulher que amava.

— Estamos esperando você acordar, Vida. Volta para sua família... Volta para mim... nós conseguimos. Estamos vivos. Nossa família está bem e o seu sobrinho veio aqui hoje te ver. Ele e seu pai estão passando alguns dias na minha casa. O Kionã estuda na mesma escola que o Hélió e achei que seria bom eles se aproximarem. Ele é um menino muito esperto. Logo sua família estará reunida de novo. Acorde logo, Vida, porque seu pai está muito preocupado com você. Ele e Gustavo conversaram bastante sobre o Nikki Lauda e Gustavo o levou até o haras para que ele pudesse ver como seu cavalo está praticamente recuperado.

Eu e Gustavo conversamos sobre você. Ainda não posso dizer que voltamos a ser amigos, mas a presença dele aqui não é só por sua causa. Sabe disso... eu conversei com Margot a respeito e ela ainda não está pronta para falar com ele novamente. Tudo foi muito difícil para ela. Ela precisou... enfim, eu respeito as escolhas e decisões da minha irmã. Ela pagou um preço muito alto e foi quem mais sofreu nessa história toda. Mas hoje me preocupo com a vida que o Gustavo levou todos esses anos. Acho que talvez ele já tenha sofrido demais. Todos sofremos. Ele trabalha durante o dia e depois à noite vem e fica pelos corredores. A impressão que eu tenho é que Gustavo não tem para quem voltar. Prefere ficar no hospital durante a madrugada. Ontem eu o convidei para ver um jogo de basquete na televisão. Quando não falamos de você ou das investigações sobre as explosões, nós ficamos em silêncio no quarto apenas vendo jogo, mas não é mais um silêncio ruim. Jogávamos basquete na escola e sempre nos divertíamos. Parece que isso foi em outra vida. Já faz tantos anos... Depois do jogo ele saiu, dizendo que me deixaria descansar. O convidei para assistirmos outro jogo hoje à noite.

Dante a cobriu melhor, pois o ar-condicionado do hospital era mantido abaixo de vinte graus. Depois prosseguiu dizendo empolgado:

— Hélió me disse que sonhou com você na praia. Disse que estávamos nós cinco: eu, você, meus filhos e seu sobrinho na praia e que nos divertíamos muito. Perguntou se poderia te convidar para ir à praia quando você acordar. Eu respondi que seria uma ótima ideia, mesmo que o mar sempre me

lembre o Benício. Nós combinamos que eu construiria novas lembranças com eles, lembra? Então, o convite está feito. Será um dia bom com você e eles juntos. Eu vou te ensinar a nadar, como eu prometi. Estou aqui te esperando. Sempre estarei à sua espera, meu amor.

Nesses momentos, Dante não precisava dividi-la com mais ninguém. Conversava com Carla, mesmo sabendo que ela estava em coma. Segurava sua mão e sentia o calor que vinha dela. Tito vinha diariamente visitar Carla. Dante via amor nos olhos dele. Sabia que o jovem juiz estava apaixonado por ela e um dia decidiu esclarecer a notícia divulgada naquele jornal. Tito deixou Dante falar sem interrompê-lo. Ouviu cada palavra da explicação sobre a notícia que acompanhava a foto do beijo dos dois no jornal.

— Foi apenas isso que aconteceu — disse Dante ao concluir, sem desviar o olhar de Tito.

O juiz ficou algum tempo em silêncio assimilando a versão dos fatos que Dante lhe apresentava, mas havia algo que ele precisava saber. — Então, você a ama, Dante? — A pergunta direta de Tito exigia uma resposta igualmente objetiva.

— Eu a amo, Timóteo. Não há por que negar isso. Eu amo a Carla, mas ela não sente o mesmo por mim.

— Aquele beijo me faz pensar justamente o contrário. Eu estava lá. Vi tudo, Dante. Não apenas considereei a foto no jornal... ela tomou a iniciativa de beijar você.

— Acredite, Tito. Carla gosta de você. Eu queria que aquele beijo tivesse um significado mais profundo, mas não teve. Quando ela acordar, você poderá esclarecer isso com ela.

— Dante — chamou Tito quando ele saía do quarto para que o juiz pudesse ficar à vontade com Carla.

— Sim?

— Obrigado por me contar isso e por ser franco comigo.

Dante apenas acenou com a cabeça antes de sair do quarto. Ele queria Carla. A amava de uma forma que nunca tinha experimentado em sua vida. Mas ela não se sentia da mesma forma. Para Carla, ele era um amigo e isso deveria bastar para ele. O amor que sentia o fazia desejar apenas a felicidade dela. Se ela fosse feliz, ele ficaria bem. Carla era tudo que importava. Talvez precisasse se afastar dela quando suas vidas voltassem à normalidade. Tito poderia se sentir desconfortável com a presença constante dele perto de Carla. Não queria prejudicar a relação dos dois.

Dante acabou se aproximando de Seu Vicente. Eles conversavam muito sobre ela e sobre tudo que Carla fez pela família. Ele já sabia que Carla

era fruto de uma criação vinda de pais íntegros e admiráveis e só confirmou isso em suas conversas com Seu Vicente. Foi assim que soube mais sobre a infância de Carla e que conheceu Isabel, a amiga de Carla que era residente de medicina naquele mesmo hospital, coincidentemente.

Valdelice e Isabel conversaram durante todo horário de visitas. Uma afinidade instantânea. Ela tentava incluir Dante na conversa e o fez rir algumas vezes contando como Máximo não desgrudava de Margot, o que estava deixando Demétrius aborrecido. Dante se sentia bem ali perto de pessoas amigas e confiáveis, mesmo observando Tito segurar a mão de Carla com tanto carinho. Aquele sentimento que ele nutria por ela era genuíno e precisaria habituar-se a vê-los juntos.

— Eu preciso ficar neste hospital por mais algum tempo. Não posso ir embora ainda — respondeu Dante quando a Dr^a Brígida veio lhe dar a notícia que teria alta no dia seguinte.

— Sr. Albertine, sente alguma dor ou algo que julgue incomum no que se refere à cirurgia a qual foi submetido?

— Não. Eu estou bem, doutora. Só não posso deixar a Carla aqui... Não posso deixá-la sem ter a certeza de que *ela* ficará bem.

— Compreendo que se preocupe com a recuperação de sua funcionária, mas...

— Para mim, ela é muito mais do que minha funcionária — interrompeu Dante.

— Compreendo... — disse a médica, que por um instante não soube o que dizer, pois, na verdade, não estava compreendendo nada. Sabia que Carla trabalhava na limpeza da Albertine Construções, mas a preocupação dele a fez começar a acreditar no que a mídia especulava sobre os dois. Os jornais não falavam de outra coisa e, além disso, a médica tinha sua própria fonte de informações. — Bem... O senhor é o primeiro paciente que não fica satisfeito em ter alta e poder voltar para casa.

— Sabe que pode visitá-la quando quiser, Sr. Albertine. Não sabe? — A pergunta veio de Isabel, amiga de Carla que acompanhava a Dr^a Brígida, chefe da equipe médica naquele plantão.

— Eu preciso ficar aqui. Ir embora e deixar Carla aqui seria como traí-la...Pior, seria como abandoná-la. Eu não posso fazer isso.

— Sr. Albertine, fique tranquilo quanto a isso. Bastará um telefonema que seja o atualizando sobre o progresso do caso clínico de Carla Faustino — disse a médica compreendendo melhor o receio de seu paciente de deixar o hospital. — Precisa pensar em sua saúde também. Hospitais são espaços propensos a inúmeras infecções. Seu tratamento é minha responsabilidade. O seu

prognóstico é dos mais favoráveis possível. Pacientes com o tipo sanguíneo O negativo sempre nos trazem uma preocupação maior e o senhor precisou fazer duas transfusões. Felizmente, um doador compatível se apresentou. Nossos estoques estavam baixos. Quando tomamos conhecimento do que lhe aconteceu, a equipe de ortopedistas se preparou para receber um paciente que perdeu uma quantidade de sangue que poderia tornar inviável até um procedimento cirúrgico e com um possível quadro de multifraturas. Tivemos a felicidade de saber que estávamos errados. Estimo que em menos de dois meses o senhor já terá recuperado os movimentos do pé. Em algumas semanas, já poderá iniciar as sessões de fisioterapia para...

— Eu sei de tudo isso, Dr^a Brígida, mas eu *preciso* ficar — cortou Dante sem querer ouvir mais os argumentos da médica. Não o afastariam de Carla. — Eu não terei paz de espírito se sair daqui. Eu assino um termo isentando o hospital de qualquer responsabilidade em caso de contágio...

— Sr. Albertine, eu não posso concordar com sua proposta. Minha conduta como médica seria questionada, caso eu problematizasse a liberação de um paciente que está de alta. Ainda mais um paciente que é assunto em todos os noticiários.

Dante olhou de uma médica para a outra e pareceu precisar se esforçar para dizer as próximas palavras. Se expor nunca foi fácil para ele, mas talvez fosse sua única opção naquele momento. Então, ele disse:

— Uma vez, há muito tempo, me disseram que todas as vidas são importantes, mas existem pessoas que são tão raras, por terem um espírito tão nobre e a alma de uma natureza tão pura e generosa que acontece um desequilíbrio no mundo quando elas partem. A Carla é uma dessas pessoas. Ela salvou a minha vida. Na verdade, ela me salvou de tantas formas... O que passamos naqueles dias soterrados foi... Ela devolveu a chance de eu ver meus filhos novamente. Houve momentos em que a dor era tão insuportável que eu pensei em apenas sucumbir e me entregar a ela. Pensei em me resignar e aceitar que aquele era o meu destino e que a possibilidade de escaparmos dali vivos era quase impossível, mas a Carla... — Sorriu ao lembrar-se dela cantando para ele.

Aquele momento ficaria gravado para sempre em sua memória.

— A Carla nunca me deixou desistir. Eu passei a me agarrar a qualquer esperança, por menor que fosse, de sermos encontrados, mas eu já nem pensava em mim. Sabia que todos seguiriam suas vidas sem mim. Meus filhos teriam a minha irmã, minha empresa teria meu sócio Máximo... Carla, ao contrário de mim, precisava continuar viva. O mundo precisa de pessoas como ela. Se eu for embora deste hospital antes de saber que ela ficará bem, me sentirei como se estivesse a abandonando quando ela mais precisou de mim.

Como se a estivesse traindo. A Carla para mim é...

Dante interrompeu-se por já ter revelado demais de como se sentia. Algo que não tinha o hábito de fazer. Voltando a olhar para as mulheres de jaleco branco à sua frente, ele prosseguiu:

— Eu estou pedindo que me deixem ficar aqui por mais algum tempo. Pelo menos até ela estar consciente de novo. Eu simplesmente não posso deixá-la aqui sem ter a certeza que ela terá sua vida de volta, porque foi ela que me devolveu a minha.

A médica leu a expressão dele e imaginou o quanto lhe custou dizer algo assim para pessoas estranhas.

O olhar quase suplicante de um homem poderoso como Dante Albertine não fez com que a profissional mudasse de opinião, mas a comoveu como mulher.

— Quarenta e oito horas. É o máximo que poderei mantê-lo aqui, Sr. Albertine. Dr^a Isabel, vou prescrever que seja refeita a bateria de exames cardiológicos, pois vou apresentar imediatamente um relatório aos meus superiores sobre essa decisão de postergar a alta do paciente.

— Perdão, Dr^a Brígida, mas não há nada de errado com o coração do Sr. Albertine. Os exames feitos pelo cardiologista comprovam isso e...

— Dr^a Isabel, o coração deste homem está profundamente comprometido. Não consegue perceber isso? — disse a médica olhando para Dante de soslaio e tentando disfarçar um sorriso. — E vou usar esse mesmo coração como meu principal argumento para justificar a permanência do Sr. Albertine. Tenho certeza que a direção do hospital vai endossar minha dúvida e preferir refazer os exames antes de dar alta a um paciente de tamanho prestígio. Discorda da minha decisão? — perguntou voltando-se para Isabel.

— De modo algum. Eu mesma deveria ter atentado para essa condição clínica do paciente — disse Isabel à Dr^a Brígida. Sua pupila sabia que a chefe de equipe era uma romântica incurável. Suas filhas se chamavam Sabrina, Bianca e Júlia, porque ela simplesmente devorava todos esses romances açucarados, sempre que uma nova edição chegava às bancas. — Para me redimir, Dr^a Brígida, eu mesma vou levá-lo para refazer os exames, mas, na volta, talvez precise parar uns cinco minutos no quarto ao lado para visitar minha amiga.

— Faça isso — disse a Dr^a Brígida terminando a prescrição na prancheta presa à cama de Dante e saindo depois de ouvir o agradecimento dele.

O coração de Dante estava bem e eles sabiam que o resultado ratificaria isso. Voltando do exame, ele encontrou Valdelice e Tito reunidos em frente ao quarto de Carla. Conversavam com Seu Vicente, pai dela.

— Boa noite a todos — disse Dante chegando na cadeira de rodas com Isabel, mas fazendo questão de ele mesmo conduzir a cadeira, o que fez Isabel rir algumas vezes de sua falta de prática, mas logo ele pegou o jeito.

— Dante, querido, vejo que está indo muito bem. Já estava indo te visitar — disse Valdelice se abaixando para abraçá-lo e recebendo um beijo seu. Ele viu nos olhos dela a satisfação e contentamento genuínos de ver que ele estava recuperado.

Valdelice, voltando-se para Isabel, que acompanhava de perto o paciente, falou: — Ele é independente e teimoso demais. Vai ficar com calos de sangue nas mãos antes de deixar você empurrar essa cadeira, doutora.

— Estou acostumada a pacientes difíceis, senhora. Eles ficam muito dóceis na hora de trocar os curativos. Para que uma sessão de tortura se eles podem simplesmente me obedecer, não é mesmo?

Dante olhou para Isabel e franziu a testa.

— Olhem só, uma moça de atitude. Dante está em boas mãos pelo que vejo. Você é das minhas.

— A Dr^a Isabel é médica residente neste hospital e, coincidentemente, também é uma grande amiga de Carla.

Isabel cumprimentou Valdelice e o Tito com um sorriso.

— É um prazer conhecer vocês. Antes de tudo isso acontecer, a Carla já tinha me falado da senhora, D. Valdelice e do senhor, juiz.

— Por favor, apenas Tito. É muito bom saber que a Carla pode contar com alguém que além de qualificada está intimamente preocupada com seu bem-estar. Traz um pouco mais de conforto para todos nós — disse ele com um sorriso amistoso.

— Somos amigas de infância. Eu, Carla e nossos outros amigos Alexandre e Mônica praticamente crescemos juntos e somos como irmãos. Eles vieram visitá-la mais cedo.

— Alguma novidade no estado da Carla? — Dante não esperou mais para perguntar.

— Nada, ainda — disse o pai de Carla visivelmente cansado. — O Timóteo e a D. Valdelice estão vindo desde o primeiro dia de internação visitá-la. Os médicos dizem que ela está bem, mas eu não entendo por que ela não acorda. Eles disseram que o trauma na cabeça resultou em uma leve concussão, mas que a mente dela estava cansada. Dizem que ela pode despertar a qualquer momento. Eu só quero estar perto dela quando isso acontecer.

— Mas precisa descansar, Vicente. Ontem sua pressão estava oscilando. Sua coluna também não pode ser tão sacrificada. Por que não dorme em casa esta noite e volta amanhã? A Carla está cercada por excelentes

profissionais. Qualquer novidade, eu mesmo telefono para você — disse Dante usando o argumento que agora há pouco usaram com ele para persuadi-lo a aceitar sua alta. Viu Isabel arquear uma sobrancelha incrédula.

— Também acho que o senhor precisa descansar — disse Valdelice. — Já passou duas noites mal dormidas aqui no hospital. Imagine quando a Carla voltar para casa. Vai precisar muito do senhor. Tem que estar bem de saúde para recebê-la.

Aquele argumento pareceu convencer o pai de Carla.

— Acho que estão certos. É o mais prudente a se fazer no momento — disse ele encarando resolutamente que sua saúde também inspirava cuidados. — Não posso cometer excessos, senão serão dois no hospital e tenho que cuidar do meu neto também. Ele deve estar dando trabalho na sua casa.

— Minha proposta de que fiquem em minha casa continua de pé. São bem-vindos pelo tempo que desejarem ficar. O Kionã estuda na mesma escola que o meu filho Hélio e minha casa é mais próxima para que eles venham nos visitar.

— Sr. Albertine...

— Dante — corrigiu ele. — Já pedi que me chamasse de Dante.

— Certo... preciso mesmo ir à minha casa e ver como estão as coisas por lá. Peço apenas que não me escondam nada para me poupar. É um pedido que faço de um pai para outro — disse Seu Vicente olhando diretamente nos olhos de Dante. — Posso confiar que fará isso, Dante? — perguntou estendendo a mão para ele.

Dante retribuiu o aperto de mão firme e disse:

— Tem a minha palavra, Vicente. O Domenico está à disposição para levá-lo aonde desejar.

— Obrigado, Dante. Kionã tem adorado andar em um carro daqueles nesses últimos dias. O Domenico responde com paciência todas as milhares de perguntas dele sobre o carro. — Vou indo então...

Após entrar no quarto para conferir se a filha estava coberta e aquecida, ele se despediu de todos e foi para casa.

— E você, Dante? Como está se sentindo? — perguntou Tito com os braços ao redor dos ombros da mãe.

— Precisarei ficar mais alguns dias para refazer exames, mas estou me sentindo bem.

— Eu não consigo imaginar tudo que vocês passaram... Estou feliz por estarem bem. Permitiram que eu entrasse por quinze minutos. E ver a Carla ligada àqueles aparelhos foi difícil, mas eu sei que ela vai acordar em breve.

— É o que eu mais quero agora — disse Dante a Tito e viram um no

outro o olhar de um homem apaixonado. Ambos pela mesma mulher.

— Timóteo, eu gostaria de falar com você em particular. Será bem rápido. É possível?

— Dr^a Isabel pode fazer companhia a Valdelice por alguns minutos, por favor?

— Claro, será um prazer. Tem muita coisa que quero saber sobre a família dela — disse brincando.

Dante empurrou ele mesmo a cadeira e entrou em seu quarto. Permaneceram exatos dezesseis minutos ali. Depois da conversa, se despediram apenas com um aceno de cabeça. Tito saiu daquele quarto de hospital com um propósito em mente definido.

Uma hora após todos irem embora, Dante ouviu vozes um pouco exaltadas no corredor.

— Eu vim ficar com a Carla Faustino essa noite — dizia Gustavo à Isabel que bloqueava o acesso ao quarto de Carla.

— Entenda bem: o senhor não pode ficar, simplesmente, porque não é parente e não tem relação alguma com a paciente. Não entendo qual é sua motivação. Percebi que, nesses quatro dias, o senhor tem vagado por esses corredores. Repórter sei que não é. Além do mais...

— O pai dela me conhece e concordou. Pode confirmar o que estou dizendo.

— Senhor, como disse que se chamava?

— Eu não disse — cortou ele. — Mas meu nome é Gustavo Grael.

Isabel respirou fundo e respondeu da forma mais calma que pôde:

— Não houve nenhuma alteração no quadro da minha... da paciente Carla Faustino.

— Dr^a Isabel, não é isso? — Leu o nome no crachá preso ao jaleco branco. — Não vim apenas para saber como ela está. Vim para estar com ela. Eu e Carla somos amigos.

— Impossível!

— Por quê? Posso saber porquê? — Gustavo já estava perdendo a paciência. — Dante Albertine e o pai dela podem confirmar isso.

— Carla nunca falou de você para mim. Não temos segredos uma com a outra. Tenho certeza que ela ficaria mais confortável sendo cuidada pela equipe de enfermeiras e por mim do que por um quase desconhecido. Peço que vá embora ou eu terei que chamar a segurança.

— Então, conhece a Carla? Como eu já disse, há pessoas que podem confirmar que...

— Não importa. Não permitirei que passe a noite sozinho no quarto

com ela.

— Isabel, é verdade o que ele está dizendo. — A voz de Dante Albertine atrás deles fez com que se virassem. — O Gustavo Grael e a Carla se tornaram amigos há pouco tempo, mas são próximos realmente. E além disso, seu plantão está acabando, não é mesmo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então, seria bom que ela tivesse alguém no quarto com ela quando acordasse e pode ser a qualquer momento. Eu mesmo ficaria se me permitissem, mas a Dr^a Brígida já tinha descartado essa opção. Eu asseguro que pode confiar nele. — Dante disse aquelas palavras para Isabel, mas sem desviar o olhar de Gustavo. Este jamais imaginou que ouvir uma afirmação como aquela sair da boca de Dante o deixaria tão feliz. Dante, por sua vez, pensou que dias atrás acharia inconcebível dizer algo assim em defesa de Gustavo, mas ter uma segunda chance na vida o fez refletir e reconsiderar várias de suas perspectivas. Ele tinha muito pouco a fazer naquele hospital, além de pensar. E tinha pensado muito nesses dois últimos dias após acordar da cirurgia. Talvez fosse o momento de deixar o passado no lugar dele. Pelo menos, até certo ponto.

— Ele projetou o túnel para tirar a mim e a Carla dos escombros, Isabel.

Aquela informação fez com que Isabel refletisse a respeito.

— Mesmo que tenha participado do resgate dela, eu não acho certo...

— Eu estou na lista dos acompanhantes — cortou Gustavo.

— Como assim?

— O pai da Carla me colocou na lista. Ele sabe de tudo isso que Dante acaba de te contar. Eu ficarei essa noite com ela. Está decidido. Você pode me dar licença, por favor? — disse Gustavo entrando no quarto e passando por ela sem dar tempo de Isabel falar mais nada. O que ela interpretou como uma grande grosseira era o início de uma crise que ele tentava sufocar, mas precisava de privacidade.

Isabel conferiu na recepção que Gustavo Grael era um dos nomes dos acompanhantes que foram autorizados pela família de Carla a pernoitarem no quarto. Viu seu nome e de Xandinho e Mônica também.

— Mas de onde esse engomadinho saiu? Era só o que me faltava. Vou dobrar meu plantão, mas não vou deixar esse cara sozinho com minha amiga. — E assim, ela entrou no quarto já sem seu uniforme de residente e, ligando a televisão, sentou-se na poltrona de acompanhante enquanto ouvia o barulho da água vindo do banheiro.

— Posso saber o que faz aqui?

— Eu faço parte da equipe médica.
— Seu plantão já terminou, doutora.
— Sim, mas também sou acompanhante autorizada pela família e decidi ficar para zelar por minha amiga.

— Zelar? Então acha mesmo que eu me aproveitaria de alguma forma da Carla?

— Não te conheço. Tudo que sei sobre você é que fica rondando a porta do quarto da minha amiga há quatro dias.

— Eu compreendo que não confie no que eu disse, mas suspeitar que o pai de Carla iria expô-la a um risco desnecessário, não acha que já é exagero da sua parte, doutora?

— Como eu disse, eu vou ficar. Pode ir embora agora, se quiser — disse ela sem nem olhar para Gustavo, fingindo que prestava atenção ao filme que passava.

— Não irei a lugar nenhum. Espero que não ronque e que aprecie a poltrona — disse Gustavo deitando no sofá-cama destinado aos acompanhantes.

— Que cavalheiro...

— Nunca disse que era um... se preferir, me ignore. Farei o mesmo — disse ele retirando um livreto de palavras-cruzadas do bolso interno de seu casaco.

Ela sacudiu a cabeça em desaprovação às palavras-cruzadas, porque pensou em milhares de aplicativos mais interessantes com a mesma função.

Isabel considerou uma afronta o fato dele não ceder o sofá para ela descansar. Afinal, passou o dia e a noite anterior de plantão naquele hospital, mas não quis admitir que estava errada. Algo naquele homem não estava certo. Por que ele estava ali? Não tinha família? Não tinha um trabalho para ir no dia seguinte, para o qual precisava acordar cedo? Decidiu fazer sua própria investigação. Procurou Gustavo Grael no Facebook. Nada. Procurou no Twitter. Nada, de novo. Procurou no Instagram porque para ela todo ser humano com acesso à internet no mundo tinha Instagram. Pelo jeito, ele era a exceção aos bilhões de pessoas que usavam o aplicativo. Decidiu apelar para o Google e foi quando uma avalanche de informações surgiu bem diante de seus olhos. Palavras como CEO e milionário recluso a deixaram ainda mais intrigada em saber como ele e Carla se tornaram amigos.

No meio da madrugada, Isabel roncava na poltrona e Gustavo, após encher os ouvidos de algodão, acabou dormindo também, mas acordou sobressaltado de repente. Olhou para a cama e viu que Carla já não estava lá. Ele cochilou e, quando acordou, ela não estava mais no quarto.

Ele saiu e procurou por ela nos corredores e, quando não a

encontrou, decidiu acordar a médica residente que o destratou, pois não tinha escapatória.

— O que foi? Qual é o seu problema agora?

— Carla desapareceu.

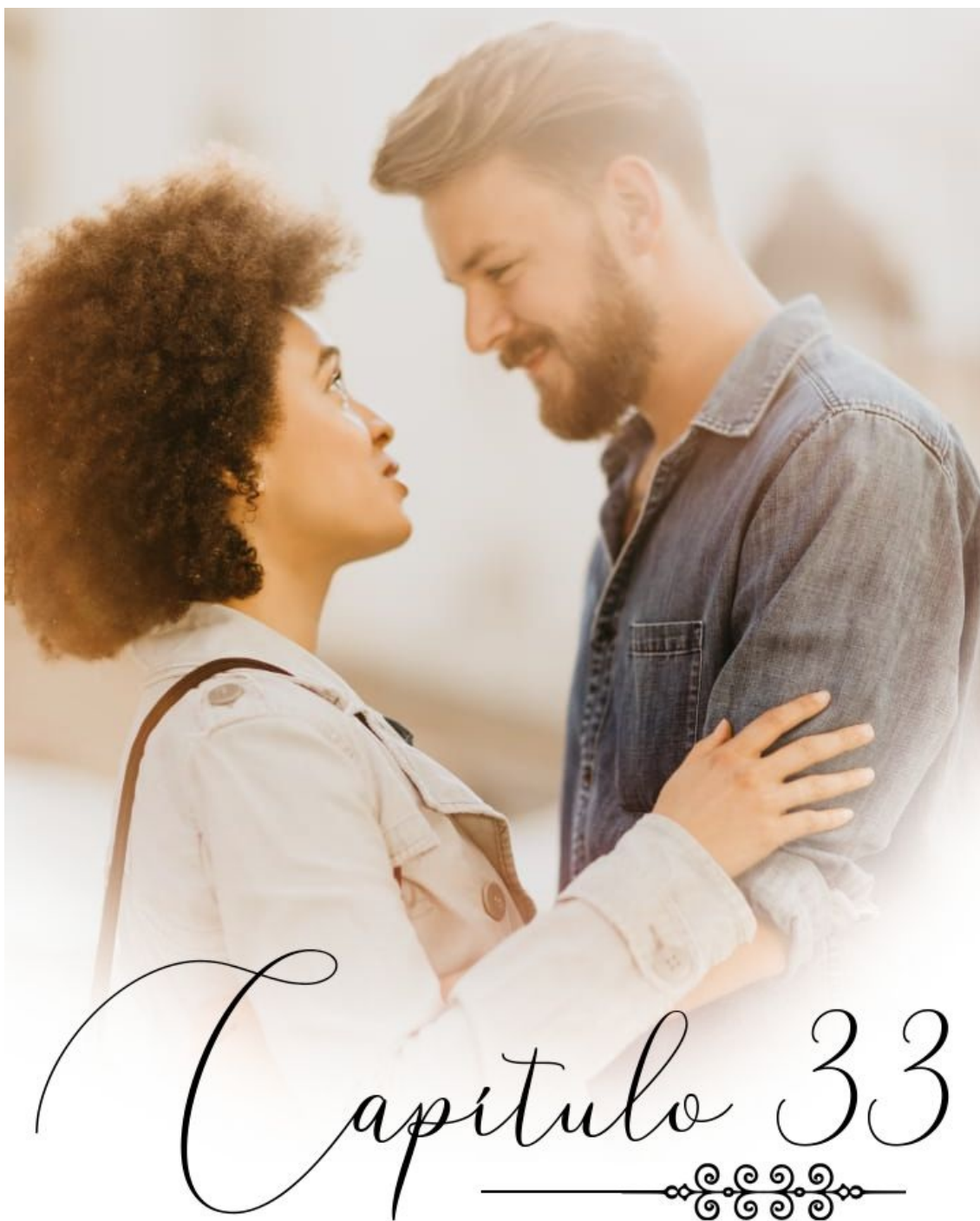
— O quê? Que brincadeira boba é essa, agora? — disse levantando-se nervosa e constatando que ele dizia a verdade.

— Eu nunca brincaria com algo tão sério. Preciso de sua ajuda. Pode acionar a segurança do hospital para fazermos uma busca? Ela não pode ter ido longe. Deve estar desorientada para sair do quarto. Ela retirou o monitor cardíaco e simplesmente saiu.

Isabel viu a preocupação sincera no rosto do homem e disse:

— Siga-me. Vamos falar com a equipe de segurança e com as enfermeiras do plantão.

Dante sentiu um calor inesperado naquele leito de hospital. Alguém se aconchegava a ele. Era um calor tão familiar que ele nem se deu ao trabalho de abrir os olhos. Abraçou o corpo delicado que esquentava o seu. Sentiu que a coberta era puxada para cobrir os dois e voltou a dormir. Sonhava que dormia abraçado a Carla, com ela apoiando a cabeça em seu peito e cruzando os dedos nos dele, tal como fazia quando o mundo se resumia a eles dois.



SEGURE A MINHA MÃO E NÃO SOLTE

Dante acordou e sentiu um peso sobre seu ombro. Sentiu-se feliz e confuso ao mesmo tempo. Carla estava ali. E não estava sonhando. Ela usava uma camisola hospitalar parecida com a que ele mesmo usava. Se ela estava ali era porque acordou e sentiu sua falta. Foi procurar por ele. Mas estavam

sozinhos ali agora. *Como consentiram que ela viesse durante a madrugada? Será que não a viram sair do quarto?*

— Vida, eles devem estar à sua procura.

Ouvir a voz dele a fez despertar.

— Oi.

— Vida, oi... você está se sentindo bem? Quando acordou? Por que não me chamaram? O que faz aqui? Como...

— Vou tentar responder algumas perguntas. Estou me sentindo bem, Dante. Eu não sei dizer que horas acordei. Não te chamaram porque não me viram levantar. Faltou alguma resposta? — perguntou sorrindo e ele segurou seu rosto perplexo. Dante sorriu também e beijou com carinho sua testa, seus cabelos, suas bochechas e a abraçou forte.

— Que bom saber que também sentiu minha falta. Eu dormi por quanto tempo, Dante?

— Fomos resgatados há cinco dias. Tudo começou a ruir e você sofreu um trauma na cabeça. A pancada te deixou em coma todos esses dias. Preciso avisar seu pai. Eu prometi a ele que o manteria informado.

— Cinco dias? Tudo isso? Deixei todos preocupados comigo. Meu pai, meu sobrinho, meus amigos?

— Sim, mas todos ficarão muito felizes quando souberem que você acordou e que está bem. Você é muito querida. Valdelice e meus filhos vieram nos visitar todos os dias. Seus colegas do trabalho mandaram flores para você...

Ela sorriu.

— Mesmo? Vai ser tão bom poder rever todos eles.

— O juiz Timóteo também veio todos os dias ver você. Ele... tem sentimentos por você.

— Eu também gosto dele. É um homem bom e atencioso comigo — disse aninhando-se no peito de Dante. — Senti falta de todos e senti falta do seu cheiro também, sabia?

Aquele comentário fez com que Dante tivesse dúvidas sobre a percepção de realidade da moça.

— Carla, acho que você ainda não está totalmente consciente. Sabe onde estamos, Vida?

— Sim. Estamos em um hospital. Eu acordei de madrugada com a Isabel roncando. Vi o Gustavo dormindo em um sofá. Eles pareciam tão cansados. A Isabel só ronca quando está muito cansada. Pensei em você. Sabia que estava bem. Eu sentia que você estava bem, mas precisava ver para ter certeza. Foi estranho acordar e não ter você do meu lado. Então, me sentei e fiquei um pouco tonta. Tirei o acesso do soro e fui ao banheiro. Tentei não fazer

barulho. Não queria que eles acordassem e não me deixassem vir te ver. Minha boca tinha um gosto estranho. Escovei os dentes e peguei uma maçã que estava numa cesta de frutas. Tinha muitas flores no quarto.

— Mas, Carla, como você sabia onde me encontrar?

— Eu abri algumas portas erradas antes de te encontrar, mas com cuidado para não acordar os outros pacientes.

Dante sorriu e perguntou sem acreditar:

— Há, no mínimo, uns vinte quartos só nesse andar. Foi abrindo todas as portas do corredor à minha procura, é isso que está dizendo? — A puxou para mais perto de si, inconscientemente.

— Todas, não. Eu não precisaria abrir todas. Tinha os dois quartos da frente e os dois que ficavam de cada lado do quarto onde eu estava. Você estaria em um deles. Eu iria querer ficar perto de você, se fosse o contrário. Nos habituamos a cuidar um do outro. E eu sabia que não me deixaria depois de tudo que passamos. Você não ficaria longe de mim.

Ele sorriu pela lógica das palavras dela e por Carla conhecê-lo tão bem.

— Não ficaria mesmo. Não até saber que você ficaria bem e que poderia desfrutar de todas as coisas boas que merece experimentar. — E dizendo isso, a envolveu em um abraço cheio de amor e saudade. — Nada me faria ir para longe de você, Vida.

— Eu sei, Dante. Eu tinha certeza disso, por isso eu vim.

— Senti tanta falta de ouvir sua voz. Não faz ideia... — sussurrou encostando os lábios na testa de Carla e sentindo o cheiro suave que vinha dos cabelos dela.

— Senti falta até de quando eu desafino cantando? — perguntou ela levantando o rosto e acariciando a barba dele que cresceu e estava mais cerrada agora.

— Sim. Até de quando desafina. Eu me acostumei a ouvir você falar e foi difícil quando...

— Quando você conversava comigo e eu não respondia?

Dante estreitou o olhar e fixou os olhos nos dela.

— Vida, você conseguia ouvir...

— Eu não sei explicar, Dante. Eu pensei que as sensações de toque e as vozes faziam parte dos meus sonhos. Mas sua voz sempre estava presente e você ganhava forma e era como se realmente estivesse lá comigo. Conversando. Como se tivéssemos encontros marcados. Nunca me senti sozinha. Você me contava que o Hélio te fez prometer que iria me levar à praia. Falava dos seus meninos e de que estava tentando construir novas lembranças.

— Sim. Eu disse tudo isso, torcia para que estivesse me ouvindo, mas não sabia se, de fato, era possível.

— Por acaso, me disse algo sobre o Benício? Me lembro de alguém dizer que você teria a chance de ver o sorriso do Marquês de novo.

— Acho que isso foi parte de um...

— Delírio de alguém em coma? — brincou ela rindo.

— É possível, Vida — disse ele sorrindo também. — Sua mente estava um pouco embaralhada e acho que deve ser normal que o real se misture ao imaginário. Mas me diga do que mais se recorda? — perguntou Dante interessado em descobrir se ela lembrava do que ele revelou sobre seus sentimentos.

— Deixe-me ver... Você falou do Gustavo levar meu pai para ver o meu Nikki Lauda no haras e que ele fica muito tempo aqui no hospital durante a noite. Disse que assistiram juntos a um jogo de basquete e que te fez lembrar os tempos de escola, quando vocês arrasavam — disse Carla se aconchegando ainda mais.

— Eu não disse isso. Disse que costumávamos jogar e...

— Eu quis dizer que arrasavam os corações das garotas, seu bobo. Lindos do jeito que são, só seria diferente se elas fossem cegas.

Dante sorriu quando ela fez seu braço de travesseiro.

— Acho que temos um problema — disse Carla.

— Do que está falando, Vida?

— O mundo real... Voltamos para ele. Como vai ser agora, Dante? — O tom de voz dela se alterou e ele percebeu isso.

Dante sabia que precisariam ter essa conversa mais cedo ou mais tarde, torcia para que fosse mais tarde. Bem mais tarde. Agora só queria desfrutar da chance de ter ela ali com ele.

— Eu me refiro a nós dois contra o mundo.

— Eu sei, Vida. Entendo o que quer dizer...

— Isso é uma das coisas que precisamos falar. Talvez as pessoas interpretem errado você me chamar assim. Podem pensar que temos mais que uma relação entre patrão e funcionária e...

— Carla, nós temos mais que uma relação de patrão e funcionária. E isso não diz respeito a ninguém, só a nós dois. Dante e Carla.

— Eu sei — disse ela sorrindo e acariciando seu rosto. — Mas só nós dois sabemos tudo o que passamos e como nos tornamos Dante e Carla.

— Eu não pretendo agir de forma diferente. É por isso que estamos tendo essa conversa? Por algum momento cogitou que eu me sentiria embaraçado de ser visto com você? Por favor, olha para mim. — Ela fez como

ele pediu. — Ouça bem o que vou dizer. Eu provavelmente preciso de você mais do que precisa de mim. Não vou abrir mão de você. Não abrirei mão de nós. Sempre seremos Dante e Carla. O que temos... O que vivemos sempre fará parte de quem eu sou hoje.

Ouvir aquilo a fez se sentir tão especial que ela se emocionou e se aconchegou ao peito dele. Chorou, escondendo o rosto em sua camisola.

— O que houve? — Dante não queria vê-la chorando. — Fala comigo, Carla. Você queria que eu me afastasse, Vida? É isso?

— Não. Estava tentando fazer o certo e te deixar ir para o seu mundo, onde eu não me encaixo. Onde eu não existo. No seu mundo, eu sou invisível.

— Para mim, desde o dia que derramou café quente na minha camisa, você se tornou tudo no meu mundo, menos invisível, Vida. Quando segurou meu braço e defendeu o Gustavo no haras e me disse tudo aquilo, eu não consegui parar de pensar nas suas palavras. Eu não consegui nem dormir naquela noite. Não tirava você da cabeça. Nunca conheci ninguém como você, Carla.

Ela sentiu os dedos quentes dele secarem suas lágrimas e beijou com carinho uma das mãos dele, antes de dizer:

— Naquela noite, eu não fazia ideia que estava diante de homens extraordinários que se tornariam tão especiais na minha vida — disse ela sentindo-se tão feliz que nem sabia explicar todas as emoções que experimentava.

— É o contrário, Carla. É você. Sempre foi você. Não percebe? Você faz bem às pessoas — disse segurando o rosto dela com a mão livre e acariciando a maçã de seu rosto. — Foi assim com Gustavo, comigo, com meu filho Hélio... com Timóteo. Lembro de como dançou com Hélio e todas aquelas crianças na festa de inauguração da nova sede. Você estava alheia a tudo ao seu redor. Só queria dançar com meu filho e viver aquele momento ao lado dele e daquelas outras crianças. Você desperta o que há de melhor nas pessoas. Traz alegria, um contentamento que não sei explicar. Você valoriza cada momento e faz as coisas mais simples se tornarem extraordinárias. E faz tudo tão naturalmente que nem percebe. Eu vejo como um dom. Seu dom é o amor, Carla. Esse amor que compartilha com todos faz com que compreendam o quanto é bom estar vivo. O quanto a vida é preciosa. Vida. Por isso, te chamo assim. Mas não quero que chore. Me faz mal te ver chorando.

Carla sentia mais lágrimas descerem por seu rosto. Estava muito emocionada por, enfim, entender o motivo dele a tratar por aquele apelido carinhoso. Foi até difícil para ela falar, pois sua voz estava embargada, mas Carla conseguiu sussurrar:

— Eu acho que, no fundo, eu tinha medo que você dissesse que não poderíamos mais ser Dante e Carla.

— Isso não vai acontecer. O mundo lá fora não pode nos afastar. Só nós dois podemos. E eu não quero isso.

— Eu também não, Dante. Já me acostumei a fazer seu braço de travesseiro — disse sorrindo quando ele beijou sua testa com carinho.

— Ele é todo seu. Use quando quiser, Carla. Mas um dia ou outro, quando eu estiver com insônia, vou te telefonar no meio da madrugada para você cantar para mim.

Carla riu da tentativa dele de animá-la.

— Minha voz te dá sono, é o que está dizendo, Sr. Albertine?

— Não. Sua voz me traz paz. É diferente. — Seus olhares se encontraram e Carla sentiu algo inesperadamente bom e poderoso emergir de dentro de seu coração. Não conseguiu desviar o olhar dos lábios de Dante e ele sorria para ela.

Carla se aproximou um pouco mais e tocou o braço que enlaçava a cintura dela. A pele quente dele sobre seus dedos frios fez com que a respiração dela se acelerasse. Carla não percebeu que a dele também entrou em um ritmo mais rápido. Seus rostos estavam a poucos centímetros de distância e uma força que desconhecia a conduzia a se aproximar ainda mais. De repente, Dante soltou um gemido de dor. Carla se moveu e sem querer bateu com a perna em seu pé imobilizado.

— Ai!

— Dante, me desculpe. Eu...

— Está tudo bem — disse ele se recuperando da dor que sentiu. — Às vezes, esqueço que meu corpo ainda está se recuperando, mas a dor é bem-vinda.

— Como assim?

— Houve um momento que não sentia mais nada. Não conseguia mover meus dedos e pensei que não seria possível salvar meu pé. A dor me faz lembrar que tenho sorte de não ter precisado amputá-lo. Por isso, que eu digo que é bom sentir dor, de vez em quando. — A puxou de novo para perto dele e ela se aproximou com todo cuidado e o abraçou. — Eu estou bem. Não se preocupe. E tenho uma pergunta a fazer.

— Pode me perguntar o que quiser, Dante.

— Bem... considerando que se lembra de boa parte das coisas que eu falava, enquanto estava inconsciente, eu quero saber do que mais você se lembra?

— Eu deveria me lembrar de algo específico que me disse?

— Não, nada específico. É apenas... curiosidade.

— Parte dos meus sonhos são apenas uma mistura de sons e imagens. Sem muita lógica...

— Tudo bem, esqueça isso, então...

— Ah! Pensando bem... tem algo que me lembro. E gostei bastante quando o Dante do meu inconsciente me disse.

— E o que é? — perguntou imaginando saber do que se tratava.

— Eu me lembro de você garantir que sua promessa de me ensinar a nadar continuava de pé.

Ele disfarçou o alívio dela não se lembrar do que ele achava melhor que ela não recordasse.

— Verdade. — Ele sorriu, fazendo carinhos em suas costas com uma das mãos. — Assim que acabar as sessões de fisioterapia, será a minha prioridade. Poderemos praticar na Praia do Leblon, que é perto da minha casa.

— Combinado — disse ela sorrindo e apoiando a cabeça de lado em seu peito e ouvindo as batidas de seu coração.

Ficaram em silêncio. Apenas sentindo um ao outro. Ela cruzou os dedos nos de Dante e trouxe para seus lábios, depositando um beijo suave sobre eles.

— Mas de tudo que me disse o que mais gostei de ouvir foi: “*estou aqui te esperando. Sempre estarei aqui, meu amor*”.

Dante ouviu aquilo e ficou sem reação por um breve momento. Apenas olhava para ela.

— Você disse isso ou foi parte do meu delírio imaginário também?

— Eu preciso te contar algo importante que Timóteo fez por você e... — disse tentando mudar de assunto.

— Dante, você disse isso para mim ou eu imaginei apenas? — Ela o interrompeu e o viu olhar diretamente em seus olhos.

— Foi apenas a minha mente confundindo tudo? — Carla disse aquelas palavras sem lhe dar chance de fugir de sua pergunta.

— Se eu responder, tudo pode mudar entre nós. E não quero que nada mude, Carla. Não quero perder você.

— Aquele beijo que trocamos na festa mudou tudo? Por que palavras mudariam, Dante?

— O que temos mudou desde aquele beijo. É diferente agora.

— Diferente? Dante, sempre fomos sinceros um com o outro. Foi tudo fruto da minha imaginação. É o que quer dizer? Você não falou nada disso para mim, não é mesmo? Eu já entendi. — Ela abaixou a cabeça e não insistiu mais perguntando. — Você contava que Tito fez algo importante e...

— Eu disse que queria que voltasse para mim, Carla. — Dante levantou o queixo dela e a fez olhar para ele. — Eu amo você. E é um amor imenso, que só me faz bem. Eu disse que te esperaria acordar e que sempre estarei aqui quando precisar de mim. E é verdade. Sempre estarei aqui por você. Basta chamar por mim, e eu irei ao seu encontro. Você é a mulher que eu amo, mas fico feliz em poder ser o amigo que precisa que eu seja.

Um amplo sorriso surgiu no rosto dela e Carla disse, inesperadamente:

— Dante, eu vou te dar um beijo.

De tudo que imaginava que Carla poderia dizer, Dante jamais esperava ouvir aquilo.

— Não precisa se sentir na obrigação de retribuir o que eu sinto, Carla. Eu sei que não sou o homem que você gost...

Ela o beijou. Sem reservas. Interrompeu suas palavras e fez o que seu coração a impeliu a fazer. Sem expectativas sobre como se sentiria. Precisava saber o que era tudo aquilo que explodia dentro de seu peito. Deixou que seus sentimentos a guiassem. E assim, o beijo se tornou mais profundo, pois ele se libertou de seu autocontrole e deixou que o amor o guiasse. Carla o sentiu estreitá-la em seus braços e tomar sua boca, a trazendo para cima dele e a fazendo sentir a textura de sua língua, o que a fez soltar um gemido tão erótico que o corpo de Dante reagiu imediatamente. Carla percebeu e foi como se uma descarga de energia os tomasse. Eles se beijavam e se perdiam um no outro. A força da paixão de Dante não a intimidava. Não era o bilionário dono da Albertine Construções que passeava com as mãos por seu corpo. Não havia rótulos. Eram um homem e uma mulher que compartilhavam a intensidade de sentir o que nunca sentiram antes na vida. Quando ouviram vozes nos corredores, Dante se forçou a se separar de Carla.

— O que houve? — perguntou inconformada com o fim do contato.

— Acho que perceberam que você fugiu do seu quarto, meu amor.

— Não quero ir embora... Quero ficar mais um pouco aqui com você. Vamos fingir que estamos dormindo. Logo eles vão embora.

— Vida, isso não vai funcionar.

Ela saiu de cima dele com cuidado e se aninhou de conchinha em seus braços. Dante os cobriu e fez o que ela lhe pediu, ou seja, não fez nada. Ficou imóvel, fingindo que dormia. Se sentindo como um adolescente eufórico que se via apaixonado. Bem a tempo, pois a porta se abriu nesse exato momento.

— Ela está aqui.

Silêncio.

— Acho melhor deixá-los dormir. — Dante e Carla reconheceram a

voz de Gustavo e continuaram ali até ouvirem o barulho da porta sendo fechada novamente e o som dos passos se afastando.

Carla virou-se e seus olhos se encontraram.

Ela procurou a mão de Dante e cruzou os dedos nos dele e disse:

— Isso é real? Nós dois? Estou mesmo segurando a mão do meu Dante?

Ele sorriu e, cobrindo as mãos dela com as suas, disse:

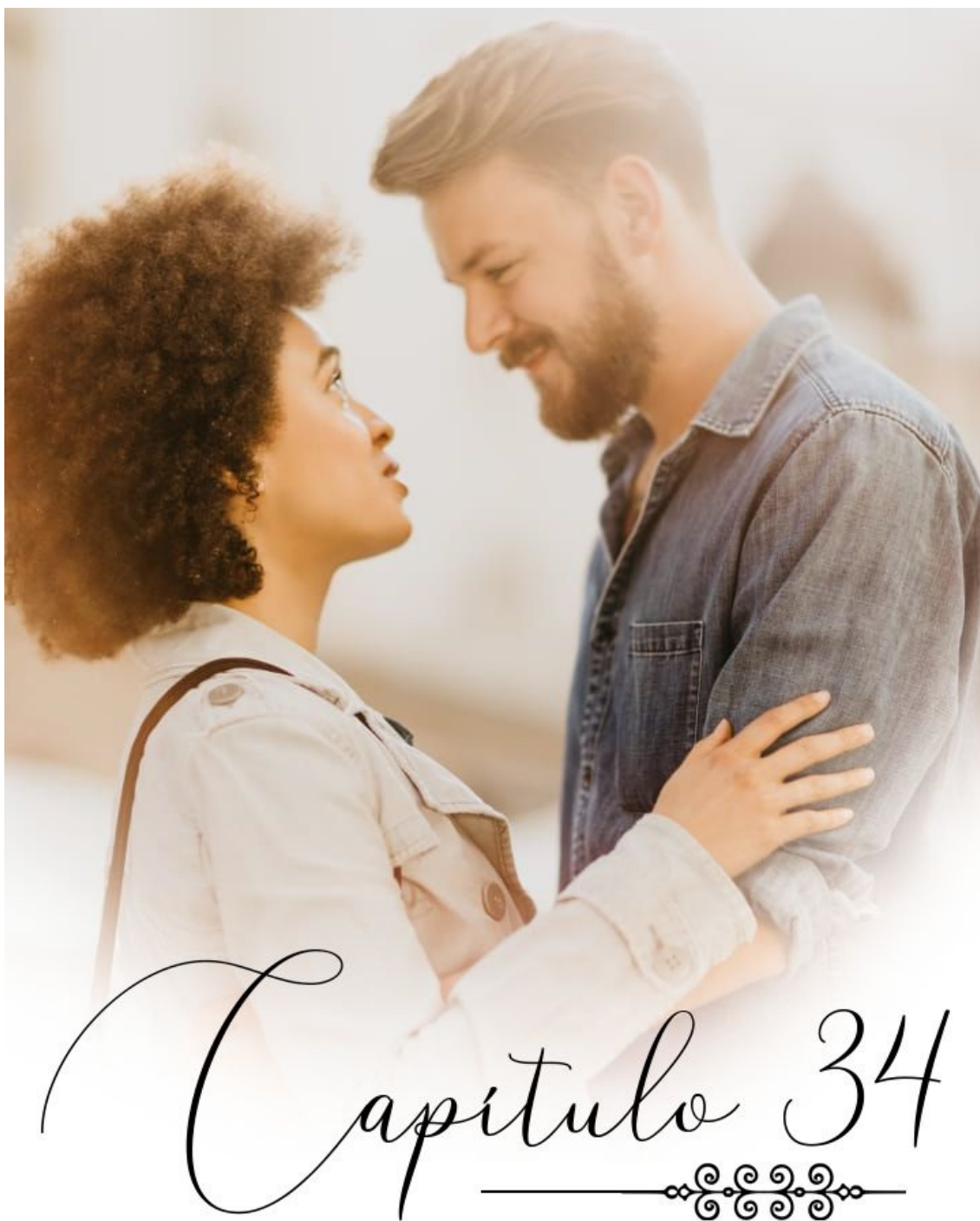
— Só posso responder sua pergunta, se me responder primeiro se estou segurando a mão da minha Carla?

— Sim. Sou a Carla do Dante.

Ele sorriu e respondeu:

— Eu sou o Dante da Carla. Estou segurando a mão da mulher que tem meu coração e não pretendo soltar enquanto ela julgar que eu mereço.

Aquele novo dia amanhecia para anunciar que dois corações que já tinham sofrido muito encontraram muito mais que alento um no outro. O amor que nascia ali se tratava de um encontro de almas.



Capítulo 34

ESTOU ONDE DEVERIA ESTAR

— Já procuramos a paciente em todo o hospital e nada — comunicou um dos homens com uniforme da segurança do hospital se dirigindo a Gustavo que voltava do andar térreo com Isabel e o chefe da segurança. Atrás dele, estavam outros seis homens trajados da mesma maneira.

— A equipe do andar térreo confirmou que nenhum paciente saiu do hospital nessa madrugada — disse Gustavo tentando pensar onde não tinham procurado. — Considerando que ela ainda estava trajando a camisola hospitalar, Carla seria facilmente notada.

— O que nos faz acreditar que a paciente ainda está no hospital — concluiu Vieira, chefe da segurança.

— Vamos comunicar o desaparecimento à polícia — disse Isabel começando a temer que algo de ruim tivesse acontecido com a amiga.

— Isso pode prejudicar a sua equipe de trabalho, Dr^a Isabel, e trazer uma repercussão negativa para a imagem do hospital — disse Gustavo tentando ser racional naquele momento. — Além disso, tomar essa decisão vai dar ainda mais combustível para a mídia continuar invadindo a privacidade de Carla e Dante. Precisamos preservá-los.

Isabel tentou esconder sua surpresa diante do argumento de Gustavo e apenas assentiu com a cabeça. Ele pensava nas consequências de uma notícia como aquela chegar à imprensa, o que afetaria diretamente todos os funcionários que deveriam zelar pela segurança e integridade dos pacientes, e isso incluía ela mesma. Pela primeira vez, a jovem médica reconheceu que Gustavo estava certo e viu que ele realmente se importava com sua amiga e se preocupava em como outras pessoas seriam prejudicadas. Ele era diferente da imagem que tinha de pessoas com dinheiro. Tudo indicava que o tinha julgado mal, afinal de contas.

— Vamos procurar um pouco mais. Há policiais de plantão preservando o perímetro do hospital e três oficiais estão no andar. Falaremos com ele se a situação não mudar — respondeu o homem frente a autoridade de Gustavo. — Carla não pode ter simplesmente desaparecido. Ela acordou desorientada provavelmente. Os sentidos dela estão confusos. E as imagens das câmeras de segurança, Vieira? — questionou Gustavo olhando para o chefe dos guardas.

— Estamos providenciando, Sr. Grael. Assim que nos solicitou pedi que averiguassem — respondeu o homem.

— Ela não saiu do andar. — A voz de um guarda jovem chegou até eles. Ele tomava fôlego com as mãos apoiadas nos joelhos agora, pois veio correndo.

— Como assim, Rodrigues? Nós vasculhamos este andar e ela não foi vista por ninguém e nem está no espaço de convivência — disse o chefe da guarda.

— Vi as imagens de todas as câmeras. Ela não pegou nenhum dos três elevadores e não desceu as escadas. Ela está aqui — disse de uma vez e voltando a tomar ar, respirou fundo.

— Eu sei onde ela está — disse Gustavo tendo um *insight* e, passando a mão pelos cabelos, caminhou até o corredor do quarto de Carla. — Como não pensei nisso antes? — Gustavo se recriminava.

— Como assim? Onde? — Isabel pareceu não compreender, mas o seguiu junto com os outros seguranças até ele parar em frente a uma das portas.

— O lugar mais óbvio foi o único em que não pensamos: Carla saiu à procura de Dante — respondeu Gustavo e sorriu aliviado ao abrir a porta do quarto de Dante Albertine e constatar que estava certo. — Ela está aqui.

Isabel viu aquela cena e não sabia se ficava feliz por sua amiga ter despertado do coma ou se a acordava para brigar com ela pelo susto que deu em todos eles.

— Acho melhor deixá-los dormir. — Gustavo pareceu ler sua mente e Isabel sorriu para ele concordando. A porta foi fechada. Um sorriso de alívio compartilhado. Ela, enfim, parecia disposta a aceitar sua presença ali. Ele gostou de ver a moça sorrindo para ele pela primeira vez. Pensou que Isabel ficava muito bonita quando não estava sendo autoritária e intransigente. Aquele pensamento o fez perceber que também sorria e isso o fez voltar a ter foco.

Logo fechou a porta do quarto e, voltando-se para a equipe de segurança, agradeceu a todos pela ajuda. O Sr. Vieira achou melhor deixar um segurança naquele corredor por motivos óbvios e foi fazer seu relatório sobre os acontecimentos daquela madrugada. O jovem guarda Rodrigues foi escolhido e ficou a uma distância razoável do quarto de Dante.

Isabel e Gustavo sentaram-se em um dos bancos azuis que tinha no corredor e ficaram em silêncio, sentindo-se aliviados por terem encontrado Carla.

— Me desculpe — sussurrou Isabel.

Gustavo virou-se para fitá-la e viu que a moça mantinha a cabeça abaixada.

— Eu entendo que só queria proteger sua amiga.

— Não. Eu fui arrogante com você e pude ver agora que estava errada. Cresci aprendendo que ninguém tem o direito de tratar alguém de uma forma diferente do que gostaria de ser tratado. Como profissional, eu levanto a bandeira de que todas as pessoas, indistintamente, devem receber o melhor atendimento que podemos oferecer. Em toda minha vida, eu sempre exijo que me tratem com respeito e fiz exatamente o contrário com você. Eu quero que saiba que estou arrependida do meu comportamento e espero que me desculpe, Gustavo.

— Eu não tomei como uma afronta pessoal, doutora. Você e eu desejamos o bem-estar da Carla. Agora sabemos que não temos com o que nos

preocupar. Ela está em segurança. Então, está tudo bem — disse ele percebendo que ela parecia ter mudado de opinião a seu respeito e admitia ter se precipitado em julgá-lo tão mal.

— Com isso, quer dizer que me desculpa?

— Ouvir isso é importante para você? — Ele perguntou olhando em seus olhos desta vez.

Ela fez que sim.

— Eu desculpo você, doutora. E até entendo, em certo ponto, seu receio inicial a meu respeito.

— Isabel. Pode me chamar Isabel.

— Acho que preciso de um café antes de ir trabalhar. O guarda Rodrigues vai tomar conta dos dois. Quer me acompanhar, Isabel? — disse Gustavo colocando-se de pé. Ele se esforçava para ser mais sociável, mesmo sem saber como fazer isso.

A jovem médica viu que essa era a forma dele mostrar que aceitava suas desculpas.

— Claro. Um café agora cairia muito bem, mas você vai trabalhar em um sábado? — Ela seguiu quando ele lhe deu passagem.

— Sim. Tenho muito trabalho atrasado por minha ausência da companhia durante as buscas.

— Algo que me intriga é por que você continua passando as noites aqui no hospital? Carla e o Sr. Albertine já estão fora de perigo. Você mesmo deve estar exausto depois de tantos dias sob estresse colaborando com as buscas e após várias noites mal dormidas aqui e...

— Está novamente dizendo que quer que eu vá embora? — perguntou ele sem entender onde ela queria chegar.

— Não é isso. Não me entenda mal, por favor. — Isabel tratou de esclarecer o que disse. Não queria pôr um fim à trégua que alcançaram. — O que estou tentando dizer é que se descansasse adequadamente, até seu trabalho seria mais produtivo... Já pude perceber que sua amizade com a Carla é algo que valoriza muito, mas sua família deve sentir sua falta também.

— Estou onde eu deveria estar. Onde eu sou necessário e onde quero estar, Isabel. — Ela caminhou ao seu lado por um tempo e depois soltou a pergunta no ar:

— Por que eu tenho a sensação de que você fala como se não quisesse voltar para casa?

Ele pensou no que ela disse e não rebateu. Realmente, não queria voltar. Não em um fim de semana quando a casa estaria vazia e sem a presença acolhedora de Julieta. Gustavo continuou caminhando com as mãos nos bolsos

sem dizer nada por um tempo. Pensava em sua irmã. Ela era sua única família e deixou claro que ele deixou de ter importância em sua vida há muito tempo.

Chegaram ao espaço de convivência daquele andar. A sala estava vazia naquele horário. Olhando Isabel que nem esperava mais por uma resposta, Gustavo devolveu a pergunta, parando ao lado da máquina de café:

— Eu poderia dizer o mesmo de você. Não parece estar com pressa para ir para casa. Fez questão de permanecer no hospital após um plantão de vinte e quatro horas, mesmo usando uma aliança de noivado. Jovens apaixonadas, geralmente, contam os minutos para estar ao lado dos noivos.

— Meu noivo é da Marinha Mercante e está embarcado em alto-mar há alguns meses. Quanto à minha família, ela se resume aos meus irmãos e eles já são bem grandinhos e sabem se cuidar sozinhos. Como pode ver, *eu estou onde deveria estar. Onde sou necessária e onde quero estar, Gustavo.*

Ela brincou usando as palavras dele como argumento. E fez Gustavo sorrir, o que estranhamente a fez se sentir bem. Pensou que ele tinha um sorriso lindo e ela não conseguiu evitar querer vê-lo sorrir mais vezes. *Não entendeu como um sorriso podia afetá-la daquela maneira.*

“Misericórdia, esse homem tinha que ser tão bonito assim? Eu já vi outros homens bonitos, mas ele é diferente. Está ficando louca, Isabel? Você é noiva e seu noivo é o homem mais lindo do mundo.”

Ela o viu apertar o botão da máquina e arqueou a sobrancelha quando Gustavo estendeu um copo com o líquido fumegante para ela:

— Nem sabe como eu gosto do meu café.

— Forte e sem açúcar, tenho quase certeza — respondeu ele sorrindo.

— E o que o faz achar isso? O fato de eu ter sido dura e amarga com você? — disse ela colocando-se novamente na defensiva e não aceitando o copo.

— Não. Na verdade, é assim que eu gosto do meu. Como somos parecidos, apenas deduzi, mas posso ter me enganado.

Ela sorriu e aceitou o copo.

— Não. Você está certo. É assim que eu gosto.

Gustavo e Isabel apreciaram o café da sala de convivência em silêncio, mas não era mais um silêncio incômodo. Agora desfrutavam de um silêncio confortável. Ele pensava em Margot que agora estava em casa. Queria ter a chance de vê-la, mas sabia que era algo improvável de acontecer. Isabel, de tempos em tempos, observava aquele homem que mais parecia um gigante e que parecia perdido em seus pensamentos. Ele a intrigava como nenhum outro fez antes. Sentia que era um homem que ocultava muito de si e tinha a impressão de que levava uma vida solitária.

“Mas por quê? Que segredos ele esconde? Ele é um homem rico, é jovem ainda, tem o mundo a seus pés e é tão bonito. Ele tem tudo.”

— Isabel? Por que está me olhando dessa maneira? — perguntou ele, após ela não responder se queria mais um café.

— Por que você é infeliz, Gustavo?

— O que a faz pensar que eu sou infeliz? — A voz dele mostrou-se dura de repente e ela percebeu que o fluxo de seus pensamentos a fizeram ser indiscreta.

— Isso não é algo que se pergunte a um total desconhecido. Sei disso. Às vezes, eu me esqueço de ligar o filtro entre meu cérebro e minha boca. Mas é como se a Carla fosse sua única amiga e me pergunto: como era sua vida antes dela? Eu estava só pensando... quer dizer, não estava pensando em você exatamente... Quer dizer, estava sim, mas não pensava em você como um homem. Espera aí, não estou insinuando que você não é um homem que mereça ser... Esquece. Isso não é da minha conta.

— Acho que está na hora de eu ir, doutora. Tenho muito trabalho à minha espera. Eu voltarei no fim da tarde para conversar com a Carla.

— Ok. — Foi só o que ela disse.

— Você ficará bem?

— Uhum. Vou tomar mais um café e volto para lá.

— Então, até breve, Isabel.

— Até logo, Gustavo.

Ele acenou com a cabeça e seguiu seu caminho. Gustavo sentia que não havia como aquela conversa prosseguir sem que revelasse partes de sua vida que não se sentia pronto para compartilhar. Carla foi a única que não o julgou em nenhum momento, mas ele se envergonhava do que fez com sua vida e não queria ver piedade ou repulsa nos olhos de Isabel. Ele não estava acostumado a ser questionado sobre sua vida privada dessa maneira e muito menos se sentia confortável para falar de si tão abertamente. Além disso, parecia ter desaprendido a se socializar com as pessoas com naturalidade.

Gustavo foi para a academia que ficava há três quadras de sua casa. Pegou o primeiro táxi que passou por ele. O trânsito do fim de semana colaborou e assim Gustavo chegou em menos de vinte minutos ao seu destino. Sua intenção era chegar tão exausto em casa que seu cérebro desligasse por algumas horas e ele conseguisse dormir e deixar de pensar em Margot por um instante. Queria tanto ter notícias dela. Desejava tanto vê-la e ter a certeza que estava realmente bem. Se pudesse lhe fazer uma breve visita e atestar isso, mas sentia que não tinha o direito de aparecer na vida dela depois de tantos anos. Por mais que não tivesse se passado um dia em que ela não estivesse presente em seus

pensamentos, Gustavo aceitava que era o único responsável por Margot ter saído de sua vida.

Antes de se entregar ao trabalho, pretendia expulsar todos os pensamentos que ocupavam sua mente e tentar não pensar nela. Mas foi em vão. Mesmo com os fones de ouvido ligados em um volume ensurdecedor, lá estavam as memórias mais infelizes de sua vida. E ele revisitou mais uma vez aquele dia em que tudo mudou em sua vida, enquanto corria na esteira. Aumentou a velocidade do ciclo de exercícios para focar sua atenção ao ritmo das passadas longas que dava. Tentava se concentrar em seu corpo e esquecer sua mente, mas não tinha como fugir. Nunca conseguiu fugir quando essas lembranças vinham. Era algo inevitável. Como se forçassem passagem para fazê-lo sofrer de tempos em tempos, quando encontrava um pouco de paz e equilíbrio em sua existência. Assim, ele foi transportado no tempo e espaço e se viu aos pés da escada admirando a visão mais bela que teve em toda sua vida.

A lembrança da jovem debutante descendo as escadas em seu lindo vestido em um tom suave de rosa o encantou e trouxe um sorriso aos seus lábios. Gustavo simplesmente ficou sem palavras. Os olhos de anjo de sua Margot pareciam receosos e ela mantinha a cabeça baixa por saber que era o centro das atenções, mas quando seu olhar se encontrou com os de Gustavo tudo a volta deles pareceu desaparecer e ela sorriu quando viu o sorriso do rapaz que tinha seu coração e revelava muito mais que aprovação com sua aparência. Margot se sentiu linda pela primeira vez em sua vida, pois o olhar de Gustavo era de encantamento. Ele parecia completamente absorto às outras pessoas que foram ver a debutante da família Albertine. Gustavo estava fascinado.

Quase 17 anos atrás

O baile de debutante de Margot Albertine

Gustavo viu que a mãe de Margot seguiu seu próprio gosto na decoração da mansão para o baile. O tom rosa se difundia pela propriedade. Um verdadeiro mar em todos os possíveis tons de cor-de-rosa. Nos arranjos de flores, nas toalhas que cobriam as mesas, na iluminação do salão principal. Enfim, em todo lugar, apesar de Margot ter dito que preferia uma decoração em tons dourados. O detalhe era que Margot odiava cor-de-rosa...

Era cedo ainda e a equipe da decoração fazia os últimos ajustes, mas Gustavo caminhou para a escadaria que dava acesso aos quartos. Cumprimentou Dante e Benício, viu o Sr. Pompeu conversando com a esposa sobre o exagero de

flores espalhadas pela casa e ela dizendo que uma repórter de um jornal de prestígio faria a cobertura do evento, por isso não economizaria em nenhum detalhe.

Após cumprimentá-los, Gustavo preferiu ignorar a presença de Elines que, como era de se esperar, fez questão de não desgrudar da mãe de Margot. Gustavo só pensava que ela deveria estar com a filha nesse momento e não se preocupando com a cobertura da mídia. Foi quando avistou Margot no alto da escadaria. Ela parecia insegura com todos os olhares voltados em sua direção. Gustavo sentiu como se o tempo parasse naquele exato momento.

Apesar de não gostar de rosa, o vestido naquele tom a deixou ainda mais linda, foi o que ele pensou. Margot sorriu para Dante, Benício e seu pai que estavam muito elegantes em seus meio-fraques escuros com uma rosa presa à lapela, mas quando chegou ao último degrau, ela estendeu a mão para Gustavo.

Ele segurou seus dedos gelados sobre a luva delicada e beijou sua mão de modo galante. Mas como se uma força invisível o conduzisse, Gustavo não resistiu mais e beijou levemente os lábios de Margot.

— Assim, eu não corro o risco de quebrar o nariz de alguém que tentar se aproximar do meu anjo.

Margarida Albertine assistiu à cena e não acreditou e as três moças elegantemente vestidas ao seu lado ficaram sem palavras. A única coisa que entristeceu Margot um pouco foi o fato de sua mãe não lhe dirigir sequer uma palavra. Não escondeu seu olhar incrédulo, mas não pelo fato da filha estar bem-arrumada e maquiada adequadamente, e sim, por um rapaz como Gustavo Grael ter se encantado por seu tropeço, sua filha gorda e sem graça, como ela sempre descrevia Margot para as amigas.

— Você não deveria ter feito isso — disse Margot para Gustavo, mal conseguindo levantar o olhar na direção dos irmãos e do pai que franziam a testa e cruzavam os braços diante da cena.

— Margot, confie em mim. Já é hora de todos saberem que você é minha namorada. Fiz o que deveria ter feito há muito tempo. Estou onde deveria estar. Ao lado do amor da minha vida e estou muito feliz, meu anjo — disse Gustavo encostando a testa na dela.

Margot olhou para os três homens da família Albertine que cruzaram os braços e arquearam as sobrancelhas diante da cena, olhando uns para os outros sem entender como aquilo aconteceu debaixo de seus narizes.

— Sr. Grael, não pensou nem por um instante em consultar o pai da *ragazza* para pedir a mão dela em namoro? — A voz grave de Pompeu Albertine fez com que Margot apertasse com mais força a mão que Gustavo mantinha cativa. — Siga-me até meu escritório. Venham vocês dois também — disse o

italiano dando as costas e sendo seguido de perto pelos dois filhos mais velhos.

Margot sabia o quanto sua mãe admirava a garota que era responsável por seu inferno astral na escola, mas não se incomodou com a expressão estupefata dela e das três moças esguias que a acompanhavam ou com a saída delas para o hall de entrada da grande mansão da família. Nem sabia quem eram as outras duas moças mais velhas. Os convidados estavam chegando. Sua mãe apenas sorriu para as jovens quando se afastaram.

Gustavo não se intimidou e, quando entraram no escritório, disse olhando os três homens diretamente nos olhos:

— Era o que eu queria fazer há dias, mas Margot pediu que eu aguardasse até o baile, Sr. Pompeu.

— Então, vocês estão aos beijos por aí há quanto tempo? Devo lembrá-lo que ela acaba de fazer quinze anos e o senhor já está na faculdade?

— Eu me declarei para sua filha há menos de uma semana, Sr. Pompeu, mas acho que a amo há muito mais tempo.

— Gustavo, Margot é uma menina — disse Dante em um tom mais exaltado de voz, com cara de poucos amigos. O irmão do meio sempre foi muito protetor com a irmã caçula e aquela declaração era uma grande surpresa, talvez porque para ele Margot nunca cresceria. — Isso não faz sentido algum. Você enganou a mim e ao Benício todo esse tempo. Confiei Margot a você tantas vezes... você nos traiu. Pensei que fôssemos amigos. Mais que isso: pensei que fôssemos como irmãos para você.

— Dante, você fala como se estivéssemos perdendo a Margot — interveio Benício. — Nossa *principessa* não é mais a menina que levávamos para a praia para construir castelos de areia aos sábados. E isso serve para você também, *papa*. Ela cresceu e está se tornando tudo que esperava que se tornasse: uma jovem linda, mas, acima de tudo, inteligente e que sabe fazer suas próprias escolhas. Nós não encontramos o amor. É ele que nos encontra. Não decidimos quem vamos amar. Essa escolha cabe ao nosso coração, *mio fratello*.

— Estamos falando de sua irmã ou de você, Marquês? — repreendeu Pompeu Albertine. — Quando você tiver sua própria filha, pode dar esse conselho para ela, mas enquanto isso, não me venha com seus rompantes românticos, Benício Albertine!

— *Papa...*

— Você fala como se já tivesse amado alguém, Benício. — Dante ironizou ainda sem desviar os olhos de Gustavo que mantinha sua irmã em um abraço protetor. — Logo você, o maior mulherengo que eu conheço. Nunca se apaixonou por ninguém. Só falta me dizer que já sabia que isso estava acontecendo...

— Essa discussão não é sobre mim, pois se fosse sobre mim, não estaríamos tendo essa discussão. Ninguém me impediria de amar quem eu escolhesse. Mas voltando a falar de Margot e Gustavo, não sabia que eles namoravam, mas eu sempre desconfiei que eles mais dia menos dia se descobririam apaixonados. Sempre foi claro como água para mim, embora eles mesmos não percebessem isso.

— Por favor, parem de falar de mim e de Margot como se não estivéssemos presentes. — Gustavo interrompeu mantendo sua namorada firme em seu abraço e virando-se para seu melhor amigo disse: — O que sentimos um pelo outro é... algo que só nos faz sentir bem.

Ele olhou para os três homens da família Albertine que estavam diante dele e respirou fundo, pois compreendia que a preocupação deles era porque Gustavo era quase três anos mais velho que Margot. Ele em breve faria dezoito anos e sabia que aos olhos da sociedade e aos olhos da família da jovem mulher que amava isso era errado, mas virou-se e encontrou os olhos de Margot e viu neles a confirmação do que dizia e ela sorriu. Para Gustavo, nada era mais esplendoroso que o sorriso de Margot. Era toda a motivação que precisava para se sentir encorajado a dizer o que tinha que ser dito:

— Entendo sua preocupação, Sr. Pompeu e a sua, meu amigo, mas não faria nada que trouxesse o menor prejuízo ou sofrimento à Margot. Dante, tudo que precisa saber é que eu amo a Margot e sou abençoado porque ela também me ama. Ela me ensinou tanto. Margot sempre foi desafiadora. Ela me incentivou a mudar de posição nas quadras. Eu ri quando ela sugeriu que eu fizesse o teste para armador principal. Deixar de ser ala para me tornar o cérebro do time. Não seria possível na minha perspectiva. Ela me dizia que é possível ser um bom atleta e um bom estudante. Me disse que eu não precisava escolher entre uma coisa ou outra. E pagou minha inscrição no vestibular na universidade pública mais concorrida do Rio de Janeiro. E eu passei. Assim, é a Margot. Ela me fez ver um lado meu que eu mesmo não conhecia. A certeza mais absoluta que tenho dentro de mim é que quero um dia torná-la minha esposa. Quando eu terminar a faculdade e for capaz de sustentar uma família é o que pretendo fazer. Vou viver ao lado dela e dedicarei cada um dos meus dias a garantir que esse sorriso que ela me dá agora seja contínuo. Viverei para esse propósito se for preciso, pois eu sei que teria uma existência miserável... teria uma sobrevida se o futuro que me aguarda não incluir a Margot. Então, eu deixo claro que não estou pedindo a benção de nenhum de vocês por que a única aceitação que precisava eu já tenho.

O silêncio pairou entre eles. Já era possível ouvir os convidados chegando. Logicamente sendo recepcionados por Margarida Albertine.

— O que tem a dizer sobre isso, *princesa*? — A pergunta veio de Marquês que lhe sorria compreensivo. Margot com gentileza se soltou do abraço de Gustavo e parou em frente aos três homens que participaram de todos os momentos de sua vida até aquele instante.

— Eu amo o Gustavo. É só o que precisam saber — disse sorrindo. — Talvez eu o ame porque vejo nele muitas das qualidades que vejo em vocês três. Meu coração aprendeu a ser criterioso e exigente demais convivendo com os homens da família Albertine. Mas não quero que o vejam como um rival da minha atenção. Ele é o mesmo Gustavo, não é um desconhecido.

Ele sempre foi quase um terceiro irmão para mim e eu o vi assim por muito tempo. Na verdade, na maior parte do tempo Gustavo competia com Dante me protegendo do mundo e se não fosse o Benício, talvez eu nem tivesse aprendido a caminhar sozinha. — Marquês riu do comentário. — Por mais precoce que possa parecer para vocês, hoje esse sentimento que me conectava a Gustavo mudou. Se transformou em algo muito mais profundo. O que estou tentando dizer é que o amor que tenho por cada um de vocês faz parte da minha identidade. Ninguém faria com que diminuísse. Não seria possível. Mas isso não significa que não haja espaço no meu coração para um outro tipo de amor. Eu nunca me vi como uma garota bonita. Gustavo faz com que eu me sinta a mais bela de todas. A mais inteligente de todas. Quando se cresce convivendo com irmãos tão lindos e com uma mãe de beleza tão marcante é difícil não me olhar no espelho e pensar que meus pais deveriam ter parado no segundo filho.

— *Princesa*, não diga isso. Você é linda, minha filha — disse seu pai e seus irmãos concordaram aproximando-se dela.

— Você tem certeza que ama o Gustavo dessa maneira, Margot? — Dante perguntava segurando o rosto da irmã entre suas mãos.

— Eu tenho, meu irmão. Como eu tenho certeza de que ele me ama também.

— Isso basta para mim — disse Dante sorrindo para Margot e olhando para o amigo.

— Para mim também — disse Pompeu Albertine caminhando até Gustavo e apertando firme sua mão. — Ela é o meu bem mais precioso. Se você a magoar, não existe buraco nessa terra onde eu não te encontre, Sr. Grael. Entendeu bem?

Gustavo assentiu com a cabeça.

— Não faça com que me arrependa de concordar com esse namoro — disse olhando de Gustavo para a filha.

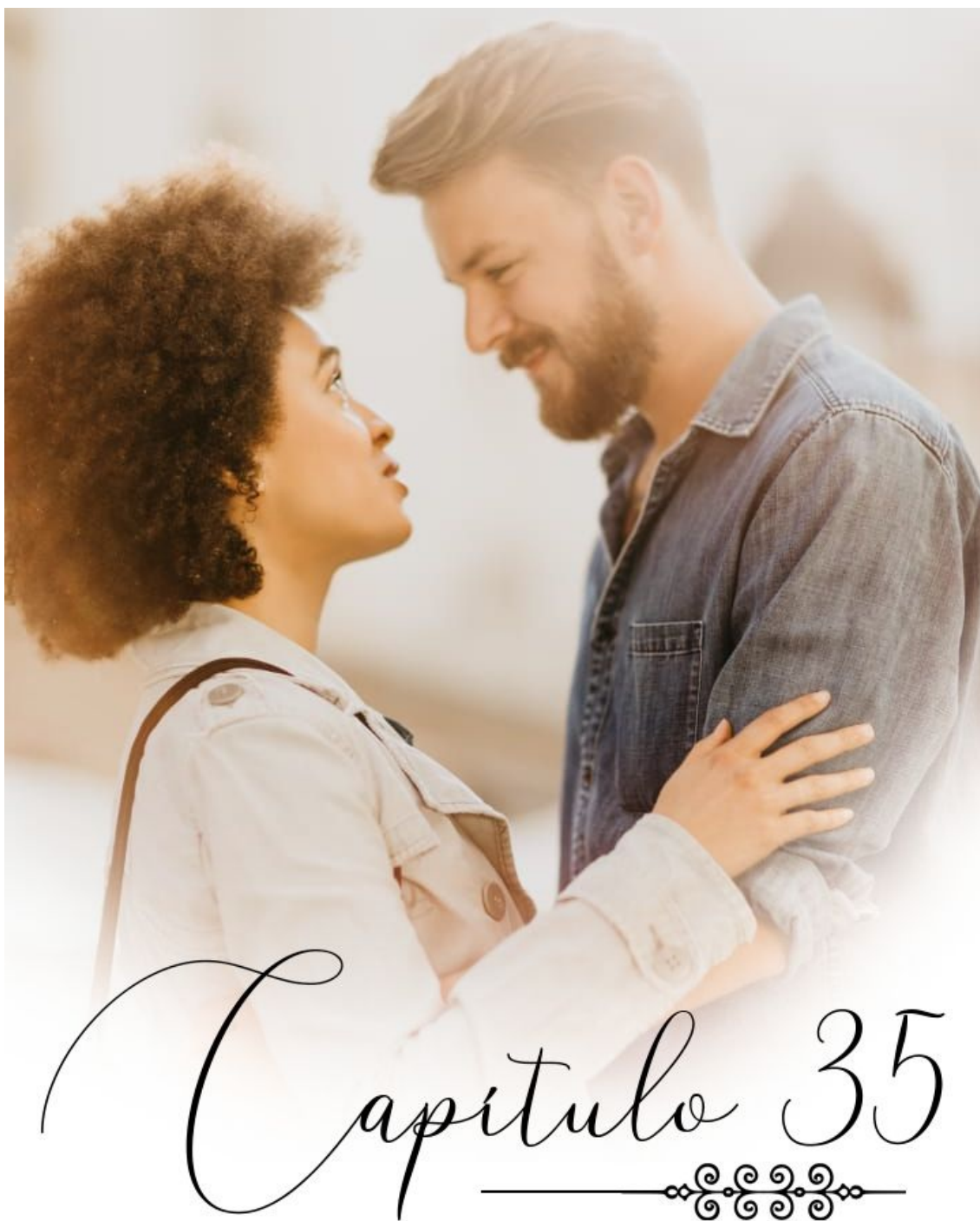
— Tem minha palavra, senhor. É uma promessa.

— Melhor voltarmos para o baile. Daqui a pouco, Margarida fará

sua entrada triunfal reclamando nossa presença. — Pompeu Albertine saiu do escritório, pois ainda não havia se acostumado com a ideia de que sua filha caçula tinha um namorado.

— *Vamos, então, porque a primeira dança com a principessa* será minha — disse Benício levando sua irmã com ele, mas piscando para Gustavo que vinha logo atrás com Dante.

Viu Gustavo buscar seu olhar como Margot buscou o dele e o coração dos dois estava mais leve agora que os homens Albertine não seriam opositores ao amor que sentiam um pelo outro. Margot nunca imaginou que alguém enfrentaria seu pai e seus irmãos daquela maneira por ela, mas também nunca imaginou que a promessa de Gustavo seria quebrada naquela mesma noite.



HÁ ALGO QUE VOCÊ PRECISA SABER

Gustavo colocou os fones de ouvido e os óculos escuros. Levou toda a roupa suada do treino em uma bolsa que mantinha no armário da academia. Ele decidiu voltar caminhando até sua casa. Não levaria mais de quinze minutos. Assim, de blusa e short azul-escuro, seguiu seu caminho rumo à casa onde

passou toda sua vida. Ele nem notava os olhares das mulheres que até paravam o que estavam fazendo para admirá-lo enquanto passava.

Gustavo sentia-se frustrado por não ter conseguido alcançar seu objetivo. Queria estar tão cansado ao ponto de seu corpo sublimar qualquer pensamento que passasse por sua mente. Correu por mais de uma hora na esteira, mas as lembranças que vinham como fantasmas a assombrá-lo o deixavam sem foco. Quando quase caiu da esteira, decidiu esfriar a cabeça na piscina e nadou por mais quarenta minutos. Foi para a sala de musculação e fez várias séries de repetições com halteres, aumentando progressivamente o peso. Ainda sentia seu corpo cheio de adrenalina e viu que não atingiu o resultado que desejava. Desistiu e, após tomar um banho demorado, decidiu que o melhor a fazer seria voltar para casa.

Quando os seguranças do portão de acesso o viram chegar caminhando, não entenderam, mas logo liberaram o acesso cumprimentando o patrão com um bom dia. A mansão de três pavimentos foi construída há mais de quarenta anos imitando o estilo escocês. Sua mãe se encantou com uma casa que viu em um filme e seu pai construiu uma cópia nos mínimos detalhes secretamente. E presenteou sua mãe quando se casaram. Ela adorou a surpresa. Amava aquela propriedade.

Gustavo, ao passar pelo jardim, ligou os sprinklers para regar as plantas. Cruzou o hall de entrada da sala e sorriu ao lembrar-se da cena que presenciou mais cedo. Carla e Dante juntos. O amor não segue regras, ele pensou. Mundos opostos. Vidas opostas. Mas de algum modo a cena não lhe pareceu absurda ou perturbadora. Pelo contrário, experimentou uma sensação de completude. De equilíbrio. Eles seriam um casal controverso, sem sombra de dúvidas, mas os dois eram pessoas admiráveis e que mereciam ter direito à felicidade.

— Como vai, Gustavo? — Aquela voz pareceu sair de um de seus pesadelos e, quando ele se virou, o pesadelo se materializou na figura de uma loira exuberante que permanecia sentada e se restringiu a levantar o olhar e sorrir de forma inescrutável.

— Isadora?

— Eu mesma, querido. Posso ver que os anos lhe fizeram muito bem. Sempre foi um belo rapaz e a maturidade se encarregou de refinar ainda mais sua aparência. Continua sendo o homem mais bonito que eu já tive o prazer de conhecer.

— Isadora, o que faz em minha casa? Como entrou aqui?

— Gustavo, quanta animosidade. Já fomos tão próximos no passado pelo que me recordo.

— Você não é bem-vinda aqui. — A raiva contida nele era perceptível. — Peço que se retire.

— Não entendo porque eu sou alvo de sua ira... Me disseram que você tinha amadurecido e se tornado um homem centrado e racional, mas pelo que vejo todos esses anos não foram suficientes...

—Isadora...

— Ah! Eu te amei tanto, mas você só conseguia ver beleza onde mais ninguém enxergava... — disse ela recordando-se de quando declarou seu amor para Gustavo, mas foi rejeitada por ele, pois, na época, Gustavo já era apaixonado Margot Albertine. Encarou aquilo como um desafio, por se julgar muito melhor em todos os sentidos que sua rival e tentou seduzi-lo de várias maneiras, mas Gustavo não demonstrava nenhum interesse em suas investidas — Fazer o quê? O passado deve permanecer no lugar dele. A vida se encarregou de dar a cada um de nós o destino que merecia.

Abrindo e cerrando os punhos para se controlar, Gustavo repetiu a pergunta:

— Eu perguntei o que veio fazer aqui em minha casa, Isadora?

— Ela é minha convidada, Gustavo.

Vivian entrou sem responder a pergunta que ele fazia à Isadora.

— Vivian, o que você faz com...

— Eu trabalho para a Isadora há alguns meses.

— Trabalha? — Ele pareceu não compreender.

— Exatamente — disse Isadora tomando a frente. — Eu precisava de um novo motorista. A contratação de meus funcionários sempre ficou a cargo do RH da Albertine Construções e, para minha surpresa, sua linda irmã Vivian se candidatou à vaga e foi dispensada, mas veio falar comigo. A princípio, fiquei reticente em tê-la trabalhando para mim. Não por ela ser mulher, mas por ser uma Grael. Dinheiro não seria a motivação para ela querer tanto o emprego, mas sua competência ao volante me persuadiu a dar a ela uma chance. Vivian é muito boa no que faz. Nunca nos atrasamos para nenhum compromisso. Ela conhece todas as rotas e atalhos para chegar onde eu desejo.

— Minha irmã é advogada. Não entendo por que abriria mão de sua carreira para trabalhar como motorista. — E virando-se para a irmã disse em tom veemente: — Vivian, me desagrada muito saber que tem passado tanto do seu tempo em companhia tão mesquinha e sórdida.

— Gustavo... ouça o que ela tem a lhe dizer. — Ele notou o modo cauteloso com que sua irmã se dirigia a ele. Não estava presente o habitual sarcasmo, nem mágoa evidente como das outras vezes.

— Nada do que essa mulher possa me dizer tem valor para mim —

disse dando as costas e caminhando em direção à saída.

— Gustavo, aonde vai? Acabou de chegar. Julieta me disse que mal vê você desde o soterramento. Que só vem em casa para trocar de roupa e mal se alimenta...

— Preocupada comigo, Vivian? Isso é novo para mim. Me deixa ainda mais intrigado.

— Eu acho que deveria ouvir o que a Isadora tem a lhe dizer. É algo muito importante... algo que muda tudo...

— Repito. Nada que essa mulher tenha a me dizer tem importância para mim. Afaste-se dela enquanto há tempo, Vivian. A alma dessa mulher só tem podridão e infortúnio.

— Nossa! Ele ainda fala desse jeito romântico — disse Isadora levantando-se com seu queixo erguido altivamente.

— Voltarei quando o ar desta casa estiver mais respirável. — Gustavo não suportava olhar para Isadora.

— Meu irmão, não vá. — E dizendo isso segurou em seu ombro. — Por favor, ouça o que a Isadora tem a dizer, ela me fez ver que eu estava errada. Todos esses anos, eu estive errada sobre você. Sobretudo, eu... eu me arrependo de nunca ter te escutado. Eu nunca dei a você uma chance de apresentar sua versão dos fatos. No fim de tudo, você foi vítima de circunstâncias infelizes, mas agora existe a possibilidade de você ter parte de sua vida de volta.

Gustavo via o arrependimento nas palavras de sua irmã e como ela era incapaz de encará-lo. O que não fazia sentido algum era se essa mudança de comportamento havia sido provocada por alguma ação de Isadora.

— O que disse à minha irmã, Isadora? — Gustavo colocou-se entre as duas, de modo a afastar sua irmã da presença nociva de Isadora.

— Eu errei muito no passado, mas também paguei um preço muito alto por minhas decisões impensadas e egoístas. Eu tive que aprender a conviver com essas escolhas, que foi o mesmo que viver sem o grande amor da minha vida: você, Gustavo.

— O quê? Que insanidade é essa agora, Isadora?

— Não era a verdade que queria? Pois, essa é a verdade. Eu tinha tudo. Eu sempre tive tudo que desejei. Era natural para mim querer algo e imediatamente aquilo ser meu. Mas o que eu mais desejei em toda a minha vida... O que tinha mais valor para mim, esteve fora do meu alcance.

— Do que está falando, Isadora?

— Amor.

— Por favor, Isadora. Sentimentalismo barato não combina com você. Se fazer de vítima muito menos. Sabemos muito bem que todos os homens

da faculdade eram loucos por você.

— Todos, menos um. Todos, menos você, Gustavo. Eu sempre te amei. Sempre. Nunca houve espaço para mais ninguém no meu coração depois que eu te conheci. Eu fiz de tudo para atrair sua atenção, mas você preferiu me ignorar. Em uma vã tentativa, decidi namorar seu melhor amigo para ver se assim, ao menos, passaria a me notar já que estava sempre junto com Dante, Benício e Margot.

— Você é o tipo de pessoa que só ama a si mesma, Isadora. Não acreditei em você no passado, como não acredito agora — Ele não aceitava aquela explicação que ela lhe dava.

— Sempre foi tão óbvio. Acho que só o Dante não percebia isso. Benício, ao contrário, não levou muito tempo para descobrir e chegou a me confrontar a respeito e eu não neguei na esperança de, enfim, chegar a seus ouvidos, mas logo depois ele se afogou. Quando isso aconteceu, e soubemos que um dos três havia morrido tudo que eu conseguia pensar era que fosse um deles, mas não você. Quando veio a confirmação de que Benício morreu, eu não consegui sentir nada além de alívio por você estar vivo.

— Eu não acredito em uma palavra que sai de sua boca e, mesmo que fosse verdade, nada disso importaria para mim. Você sempre foi fútil e pedante e eu jamais me interessaria por alguém assim, Isadora. Na frente de Dante, você colocava a sua máscara e conseguia esconder a mulher presunçosa que se julgava melhor que todos e conseguiu fazer com que ele se apaixonasse pelo personagem que interpretava. Eu não pude abrir os olhos dele, mas saiba que eu amei apenas uma mulher em minha vida e ela é exatamente tudo que você não é.

— Gustavo, eu teria feito você feliz. Se tivesse nos dado uma chance, mas, depois da festa de quinze anos de Margot, tudo ficou claro para mim. Você jamais seria meu e foi quando eu soube que não teria o único homem que se igualava a mim em todos os sentidos.

— Eu me igualava a você? — Gustavo passou a mão pelos cabelos desalinhando mais ainda os fios claros. — Te asseguro que isso nem de longe soa como um elogio para mim. Você representa tudo que eu desprezo na vida, Isadora.

— Gustavo, você é caucasiano de origem europeia, estrutura óssea perfeita, árvore genealógica sem máculas. Sabemos que no país de tanta miscigenação racial como este, nos distinguimos na multidão. Eu me lembro de como até as professoras prendiam a respiração quando você estava por perto. E você deve se lembrar como os professores faziam o mesmo por mim. Você era adorado por todas as mulheres que te conheciam. Eu por todos os homens. Um

olhar nosso podia mudar a vida de alguém. Tínhamos classe e sobrenomes de prestígio social. Poderíamos ter sido o casal perfeito — disse ela ignorando o que ele acabou de dizer.

Gustavo pensou que era algo que ela era muito boa em fazer. Isadora só ouvia o que queria ouvir, mas fazia questão de fazer com que todos ouvissem o que ela tinha a dizer.

— Nada disso me interessa. Passado, como você disse.

— Você não era apenas rico e inegavelmente perfeito fisicamente. Era um aluno inteligente e isso era raro entre os atletas da faculdade. Nisso, você e Dante se aproximavam. Lindos e inteligentes. Quase geniais. Na faculdade, eram admirados pelos professores e eu era invejada por todas as mulheres por estar sempre com vocês. Quando jogavam basquete, tinham uma aura de charme que deixava todos aos seus pés.

— Por que se casou com Dante? Por que o condenou a uma vida sem amor?

— Ele era o segundo melhor. Já que eu não poderia ter você, o que mais era esperado de mim? Eu torcia para despertar sua atenção, mas você parecia enfeitiçado. Só tinha olhos para o patinho feio da família Albertine. Eu não suportava mais ser ignorada por você. Não suportava mais saber que você preferia a Margot a mim.

— Estava cada vez mais intrigado para saber o porquê dessa conversa ser tão significativa para minha irmã, mas suponho que esta seja só a nova maneira que Vivian encontrou para tentar tornar a minha vida mais miserável. Tenho mais o que fazer — dizendo isso, foi indo para a porta.

— Há algo que você precisa saber, Gustavo.

— Até agora eu só ouvi absurdos. Acho que prefiro trabalhar com a mesma roupa que passei a noite de ontem a ouvir mais do seu lixo neonazista, Isadora.

— E se eu te dissesse que seu filho está vivo, Gustavo.

Aquela frase o impediu de completar a ação de girar a maçaneta. Gustavo ouviu cada palavra, mas nenhuma fez sentido para ele.

— Gustavo, depois de tudo que você passou nestes últimos anos. Depois de tudo que sofreu nestes últimos anos, vim te dizer que a mulher que amou por toda sua vida mentiu para você todo esse tempo. Seu filho nasceu. Eu estava lá quando ele nasceu. Eu o carreguei nos braços.

— Você está louca — sussurrou antes de se virar.

— Eu convivi com ele todos esses anos e...

— Não ouse falar do meu filho... O meu filho nunca chegou a nascer... A gestação não avançou... ela perdeu antes de completar sete meses...

— Gustavo explodiu de uma vez. Seu coração batia descompassadamente e sua visão ficou turva de repente.

— Foi isso que te fizeram acreditar... Todos te enganaram, Gustavo. Margot, Dante e até eu... fizemos com que acreditasse nisso. Para mim, foi uma forma de te punir, por você não ter me escolhido, mas eu não suporto mais isso. E ver como você se sacrificou para salvar a vida de Dante e Margot depois de tudo que eles fizeram com você... Eu sou um monstro desprezível. Você está certo. Nunca fui confiável. Você está certo novamente. Mas eu me importo com você e é por isso que eu te digo: vá até a Margot e pergunte por seu filho. Pergunte se o seu filho não nasceu no domingo de Páscoa do ano seguinte à festa de quinze anos dela. Pergunte se, ano após ano, ela não o viu crescer e fez parte da vida dele, diferentemente do pai que visita um túmulo vazio e coloca flores na lápide duas vezes por ano.

Aquelas palavras ecoavam na cabeça de Gustavo e ele viu Vivian chorando sentada no sofá com o rosto entre as mãos. Olhou para Isadora que também tinha a maquiagem borrada por lágrimas.

— Menino Gustavo... não saia de casa desse jeito. — A voz de Julieta o alcançou como um salva-vidas para alguém que está se afogando.

— Eu pedi que a Julieta estivesse presente. Sabia que você a escutaria, caso fosse preciso — disse Vivian em um fio de voz.

— Julieta, meu filho... ela está dizendo que o meu filho...

— Eu ouvi, meu menino, mas mesmo se for verdade, você não pode sair daqui nesse estado. Ouça a sua Julieta.

— Eu preciso ir até ela.

— Me deixe chamar alguém para te levar. Por favor... menino Gustavo, você não pode dirigir assim.

Gustavo tentou dar ouvidos à mulher que o criou como se fosse seu próprio filho. Abraçou Julieta e fez que sim com a cabeça, antes de se virar para Isadora e dizer:

— Saia da minha casa. Agora. Serei um homem feliz se nunca mais tiver o desprazer de te ver novamente, Isadora.

Gustavo acompanhou Julieta até a cozinha e pouco depois ouviu o barulho do motor se afastando. Julieta era seu porto seguro, sempre foi. E como foi para ele foi para outros. Adotou quatro crianças e os amou como se os tivesse gerado. Julieta telefonou para um de seus filhos e meia hora depois ele chegava. Atendendo ao pedido de sua mãe aflita, Máximo Kobayashi entrava na mansão Grael.

— Gustavo, eu só vim até aqui para conversar com você porque minha mãe pediu.

Gustavo e Máximo brincaram juntos nos jardins daquela propriedade e estudaram nas mesmas escolas de prestígio da capital carioca, porque o pai de Gustavo arcou com a educação de todos os filhos de Julieta.

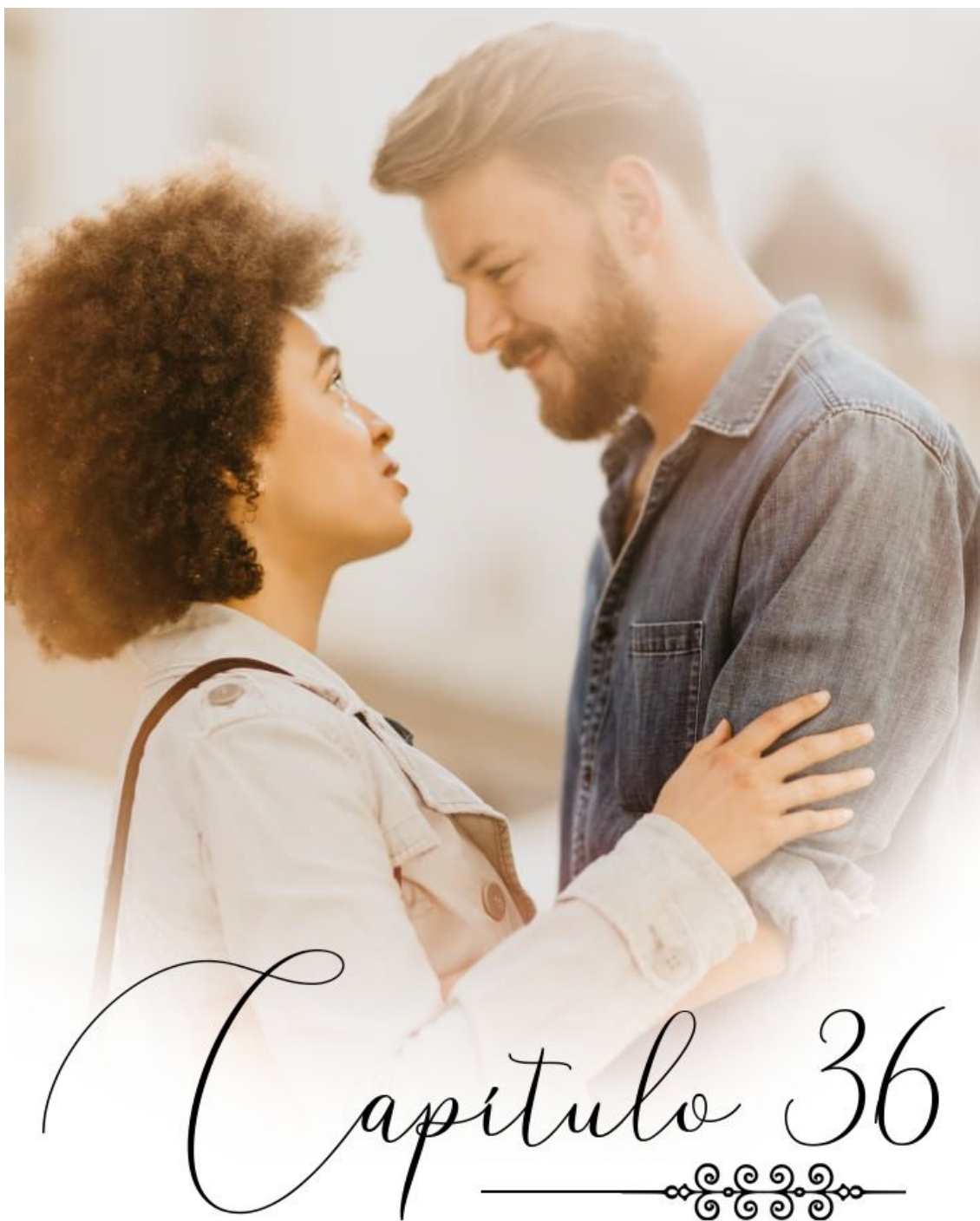
— Você sabia, Máximo? — Foi a pergunta direta que Gustavo lhe fez.

— Pode ser mais específico.

— Isadora veio aqui. Ela me disse que o meu filho nasceu. Ela me disse que... meu filho está vivo. Que Dante e Margot me esconderam isso todos esses anos. Máximo, se você sabe de alguma coisa... me conte de uma vez.

— Gustavo, eu não sei do que você está falando. Não sei de nada disso. Isadora nunca mereceu nossa confiança, Gustavo. Lembra por que paramos de nos falar? Você me virou as costas e nunca mais falou comigo. Passou a viver como se eu não existisse. O que quer de mim?

— Preciso que me leve até a Margot. Preciso que me leve até o meu filho.



O QUE MAIS DESEJAVA OUVIR

Antes de amanhecer, Carla voltou para seu quarto e precisou enfrentar primeiramente a indiferença de Isabel que permaneceu em silêncio enquanto a examinava e depois saiu do quarto para buscar algo para ela se alimentar. Isabel bateu na porta e Carla estranhou a cerimônia com que a tratava.

Quando pediu desculpas por não ter avisado que iria buscar o quarto de Dante, foi como se Carla acendesse o pavio de um barril de pólvora. — Eu nunca imaginei que você seria capaz de ser tão insensível ao ponto de não se importar com os sentimentos de quem sofreu por dias quando soube que você foi praticamente enterrada viva. Depois que você foi resgatada, todos nós ficamos tão aliviados porque você estava bem. Você estava viva e estava voltando para a gente. Mas algo aconteceu e você não acordou e eu não conseguia dormir.

Ninguém que te ama conseguia dormir. Eu não entendia por que você não acordava. Conferi todos os exames mil vezes. Todo o procedimento estava correto. Eu questionei se outros médicos da equipe não tinham deixado de fazer algo que eu não conseguia ver também. Analisei cada exame de novo e de novo e de novo e acompanhei o prognóstico de que a qualquer momento você acordaria. O que eu mais ouvi nesses últimos dias é que era só uma questão de tempo para que você acordasse, mas minha amiga não acordava. E quando, enfim, acordou, você desapareceu de novo.

— Bel, me perdoe. Eu sinto muito que tenha passado por tudo isso. Eu só pensei...

— Eu sei, Carla. Você só pensou nesse cara que era um estranho para você até poucos meses atrás. Só ele passou a importar. Sua família e seus amigos são só sua família e amigos. Não podemos competir com Dante Albertine, não é mesmo? Quem poderia? — Da porta, Isabel encarava Carla.

— Isabel, eu não... — A jovem médica saiu batendo a porta sem dar a Carla a chance de se defender.

Carla ficou parada ao lado da janela observando aquela avenida movimentada e sem som. O revestimento acústico impedia que qualquer ruído externo incomodasse quem estivesse no interior do hospital. Pensava nas palavras de Isabel. A amiga nunca tinha falado com ela daquela maneira e se sentiu mal por ter causado tanta preocupação. De repente, Carla sentiu um toque suave em seu ombro e lá estava Seu Vicente. O pai sorria com os olhos marejados e Carla sentiu uma emoção indescritível quando a tomou nos braços e a abraçou forte.

— Minha filha... minha Carla... você acordou mesmo. Quando o motorista do Dante chegou lá em casa, eu não acreditei.

— Papai. Como eu te amo. — Lágrimas desciam por seu rosto, mas ela sorria ao acariciar e beijar o rosto do pai. — Eu sabia que estaríamos juntos de novo. Eu sabia, pai... eu sentia.

— Minha filha, eu não sei se suportaria te perder... Graças a Deus... eu estou tão feliz! Obrigado, meu Deus por trazer a minha Carla de volta para mim. Obrigado, meu Deus. Muito obrigado. Agora terei meus filhos de novo ao

meu lado.

Carla sorriu e não entendeu bem o que o pai disse.

— Em breve, papai. Logo nossa família estará reunida.

— Não, minha filha. Já está. Veja você mesma — disse o pai apontando para a porta.

Carla virou-se e viu um homem negro alto com *dreads* curtos nos cabelos e uma pequena cicatriz acima da bochecha que ela se lembrava muito bem como ele conseguiu porque estava junto escalando os carros do ferro-velho. Ele sorria para ela e caminhou em sua direção. Os pés de Carla não se moveram. Como se seu cérebro não achasse ser possível que aquilo estivesse acontecendo.

— Carla, eu estou mesmo aqui, minha irmã.

— Miguel? — Ela estendeu a mão e tocou seu rosto com medo de que aquela visão se esvanecesse no ar de repente.

— Será que não mereço um abraço? — Carla viu os olhos marejados do irmão mais velho e, chorando, ela abraçou Miguel. Chorava de alegria por ver que após tantos anos de confinamento, enfim, sua família estava reunida novamente. Miguel segurou o rosto dela delicadamente entre suas mãos e, olhando no fundo de seus olhos, a beijou várias vezes. Ela riu de gargalhar até ele parar e, encostando a cabeça na de Carla, Miguel disse:

— *Verdade.*

Novas lágrimas inundaram os olhos da irmã ao se recordar das palavras que a mãe lhes dizia antes de dar o beijo de boa noite nos filhos e entre soluços Carla respondeu:

— *Dignidade.*

Logo, ambos sentiram o abraço afetuoso do pai a envolvê-los e o puxaram para mais perto de si.

— Minha Miriam com certeza está muito feliz lá do céu agora.

— Eu tenho certeza disso, pai — disse Miguel. — Pena que o Kionã não pôde vir.

— Mas vamos buscá-lo logo. O Sr. Albertine foi muito gentil nos acolhendo, mas não há lugar melhor que nossa própria casa.

— Miguel, quando você foi libertado? Eu não entendo... disseram que poderia demorar meses.

— Seus amigos influentes ajudaram muito, Carla, e não somente com o andamento do meu processo. O juiz Timóteo e a equipe dele conseguiram analisar os casos de vários outros detentos do meu pavilhão e muitos vão voltar para casa também. Ele foi me ver pessoalmente na penitenciária.

— O Tito fez isso? Eu preciso agradecê-lo. O que ele fez foi algo tão maravilhoso!

— Sim. Eu jamais poderei retribuir a altura — disse Miguel sorrindo por poder abraçar duas das três pessoas que mais amava no mundo inteiro. — Voltar a ser um homem livre foi algo que sonhei todos os dias nesses últimos anos, porque somente como um homem livre eu poderia dar a minha família a vida digna que ela merece.

— Miguel, você vai poder voltar para a faculdade de Direito e...

— Eu já me formei, minha irmã. Farei o exame da OAB assim que as inscrições estiverem abertas.

Carla e o pai se olharam sem entender.

— Mas como, meu filho? Você esteve preso.

— Fiz o curso à distância, pai. Pena que precisei cursar tudo novamente desde o início, mas tempo era algo que não me faltava. Os detentos têm a prerrogativa de estudar em muitas penitenciárias e foi o que eu fiz.

— Mas, Miguel, você nunca me disse nada. Por que?

— Eu queria fazer uma surpresa para a minha família quando eu fosse libertado, Carlinha — disse beijando a face da irmã.

— Estou muito feliz por você, meu irmão. Era o seu grande sonho.

— Não. Meu grande sonho era dar uma vida digna à minha família e agora poderei fazer isso. — Virando-se para seu pai disse: — Seu Vicente, a partir de hoje, o senhor não precisará mais trabalhar e Carla você poderá se dedicar aos estudos. Quero que se prepare para retornar à faculdade.

— Ah, Miguel, eu sei que com o diploma de Direito, agora você poderá conseguir um emprego, com uma remuneração melhor, mas pode levar algum tempo, meu irmão. O país está passando por uma recessão tão difícil... — disse Carla sem se soltar do irmão. Queria abraçá-lo o dia inteiro e ainda sentia que não seria suficiente para matar a saudade. — Eu não me importo de continuar trabalhando para ajudar nas despesas de casa. Eu gosto de trabalhar.

— Vamos nos sentar um pouco. Não sei como a Carla está se sentindo — sugeriu o irmão fazendo com que o pai e a irmã se acomodassem no sofá e se sentando no meio deles. — A notícia chegou muito atrasada para mim na prisão. Quando soube o que te aconteceu, eu quase enlouqueci, mas o juiz Timóteo me tranquilizou dizendo que você já tinha sido resgatada e estava fora de perigo.

— Estou bem, Miguel. De verdade.

— É melhor não cometer excessos, minha filha. Ouça seu irmão — endossou Seu Vicente. — Mas a Carla está certa, meu filho. Emprego está muito difícil mesmo. Quem está empregado faz de tudo para se manter empregado. Muitos conhecidos meus com mais de quinze, vinte anos, numa firma foram demitidos e estão há meses desempregados. Por isso, pode levar algum tempo

até você conseguir trabalhar na sua profissão. E, além disso, você não tem experiência e pode levar algum tempo a mais até que consiga um emprego, por ser um...

— Um ex-presidiário — completou Miguel e o pai assentiu com a cabeça.

— É o mundo em que vivemos, meu filho. Por mais que você tenha sido injustiçado, o fato de ter cumprido pena vai te acompanhar por algum tempo.

Seu Vicente não queria magoar o filho, mas esta era a realidade.

— Eu sei disso, pai. Estou preparado para isso, mas já estou empregado na verdade.

— O quê? Mas como? — Carla não compreendia.

— Filho, do que você está falando? Como assim?

— Em breve, vocês saberão. Essa é uma surpresa que terão que esperar um pouco, mas tenho outra surpresa que posso revelar agora mesmo.

— Miguel, para que todo esse suspense? Estamos curiosos. Onde você vai trabalhar?

— Ah! Carla, fique tranquila — disse segurando a mão da irmã e trazendo para os lábios para beijá-la.

— E o que quer dizer com outra surpresa? — perguntou Seu Vicente sem entender nada.

— Pai, Carla, eu preciso revelar algo a vocês. Algo que mudará nossas vidas para sempre. Carla não precisará trabalhar. Poderá voltar a estudar como era o sonho da nossa mãe. O senhor poderá ter sua merecida aposentadoria e eu vou poder dar ao meu filho um futuro cheio de oportunidades.

— Miguel, como assim? Vai dizer que você ganhou na loteria? — Carla brincou, pois não entendia como tudo aquilo seria possível, mas a seriedade na expressão do irmão a fez perceber que ele não estava brincando.

— Eu tenho um fundo de investimentos com cerca de dois milhões e meio de reais, mas eu só poderia mexer no dinheiro depois de sair da prisão.

Aquela afirmação não fez sentido algum para Carla, mas fez seu pai se levantar e dar as costas para os filhos;

— Miguel, se a origem desse dinheiro envolver qualquer coisa ilegal... Eu não aceito que nenhum centavo entre em minha casa. Dinheiro sujo de tráfico de drogas, armas ou o que quer que seja...

— Pai! Do que o senhor está falando? Miguel jamais se envolveria com algo assim. — Carla interveio e segurou firme a mão do irmão.

— Eu compreendo sua preocupação, pai. Mas posso garantir que a fonte desse dinheiro é honesta, porque o senhor e a mãe me criaram para

respeitar a verdade e a dignidade — disse Miguel surpreendendo Carla com a forma equilibrada que respondeu ao pai. No passado, o temperamento explosivo de Miguel foi motivo de muitas divergências com o pai. Miguel realmente estava mudado. Seu Vicente pareceu perceber essa mudança também e isso fez com que se retratasse:

— Filho, me desculpe. É claro que você não faria algo assim. É que... é muito dinheiro...

— Eu te entendo, pai. Vou explicar do que se trata.

Carla esticou o braço e seu pai sentou-se novamente.

— Além de estudar, outra atividade ocupou meu tempo nesses anos em que estive preso. Eu fui designado para ficar na biblioteca do meu pavilhão e lá eu até dei alguns conselhos jurídicos para alguns colegas detentos.

— Eu me lembro de você mencionar isso nas visitas algumas vezes, Miguel — disse Carla.

— Então, no acervo da biblioteca, além de clássicos da literatura como Lima Barreto e Machado de Assis, recebíamos doações de familiares dos presos e entre essas doações eu achei um livro interessante. Que despertou muito a minha atenção. Era um romance policial e falava de um homem que foi incriminado injustamente e lutava por sua liberdade. Não tinha como eu não me identificar.

— Era do Onit Suaf, Miguel? Aquele escritor que você gosta tanto? — perguntou Carla interessada.

— Não era dele, mas posso dizer que foi aquele livro que me apresentou ao Onit Suaf, minha irmã.

— Não entendi — disse Seu Vicente. — Esse tal Onit é famoso, é isso?

— Ele é um escritor *best-seller*, pai. Eu comprei todos os sete livros dele para o Miguel. — O que é estranho é que nas contracapas nunca trazem uma foto do autor. Pelo que eu sei, ninguém sabe se é homem ou mulher.

— Eu sei, Carla — disse Miguel segurando o queixo da irmã. — Eu sou Onit Suaf. É meu pseudônimo. Onit Suaf é Faustino ao contrário.

— Mas...

— A origem do meu dinheiro são as vendas dos meus livros. Um dos amigos que foi libertado na condicional, após eu ajudá-lo com orientação jurídica, tinha contatos que fizeram meu livro ser publicado sob um pseudônimo. Após o primeiro tornar Onit Suaf um autor *best-seller*, a editora quis mais livros, mas a condição era que eu não poderia movimentar o dinheiro por estar preso. Só poderia ter acesso quando fosse libertado. Eu concordei, mesmo querendo um adiantamento para ajudar nas despesas, mas a editora foi inflexível. O estigma de

eu ser um presidiário poderia ser um marketing negativo, foi o que disseram, mas, no fundo, eu sei que elas temiam ter o nome da editora associado a alguém que poderia usar esse dinheiro em contravenções de dentro de uma penitenciária. Precisei aceitar, mas eu só soube do valor quando completei a minha pena, porém a justiça brasileira me impediu de ter a minha liberdade e fiquei mais alguns meses preso. Se não fosse o juiz Timóteo, é provável que eu ainda estivesse lá. Então é isso: não posso dizer que estamos ricos, mas posso oferecer uma vida mais confortável para a minha família e é o que farei.

Carla estava sem fala. Mal acreditava em tudo que acabava de ouvir. Entendia todas as implicações do que o irmão acabava de dizer. O tratamento de saúde de seu pai foi o que a fez sorrir e dizer:

— Estou tão orgulhosa de você, meu irmão. Você merece todas essas conquistas. Deus sempre esteve com você.

— O tempo todo, minha irmã. O tempo todo.

— Eu tenho orgulho dos dois. Estou feliz por saber que Carla vai poder voltar a estudar e um dia se formará como você, Miguel. A mãe de vocês sempre acreditou que esse sonho se tornaria realidade. Mas o que me deixa realmente feliz é ver nossa família reunida outra vez. Dinheiro nenhum no mundo poderia me dar a alegria que estou sentindo agora por ter meus filhos comigo novamente. Venham cá! Deem um abraço no seu velho pai. — E dizendo isso, recebeu o calor do abraço dos filhos.

Naquela manhã, os membros da família Faustino permaneceram abraçados porque simplesmente queriam estar perto uns dos outros. Carla chorava baixinho, mas não como da última vez que estiveram os três juntos. Não chorava de tristeza, chorava por se sentir grata. Era abraçada pelo pai e pelo irmão e, dentro daquele abraço, ela se sentia afortunada e dona da maior riqueza que poderia desejar.

Estavam tão felizes e alheios ao mundo ao redor deles que não perceberam que a porta esteve entreaberta em boa parte da conversa e agora era fechada sem fazer barulho.

Carla precisou fazer novos exames e Domenico se ofereceu para levar Seu Vicente e Miguel para verem Kionã. Eles concordaram garantindo que voltariam mais tarde, quando viram que Mônica, D. Ju e Seu Amauri vieram visitar Carla e foi uma grande alegria quando reviram Miguel. Conversaram por horas e a manhã para Carla transcorreu ao lado de pessoas queridas e especiais em sua vida. Não conseguia evitar pensar em Dante e cada vez que a porta se

abria pensava que era ele.

Logo após as 16h, Carla percebeu que seu pai e seu irmão não queriam deixá-la, mas disse que estava bem e que poderiam ir sem preocupação, pois imaginava a saudade que Miguel tinha do filho.

Assim o horário de visitas chegou ao fim. Gustavo não foi. Carla achou estranho, pois soube o quanto ele se empenhou para que eles fossem resgatados e como ele passava as noites no hospital. Ela sentia falta de dar um abraço em seu amigo. Queria agradecer por tudo que ele fez. Gustavo não mediu esforços. Contudo, havia algo mais. Ela não sabia explicar, mas um sentimento aflitivo encheu seu coração ao pensar em Gustavo. Imaginou que devia ser bobagem e que ele estivesse apenas repousando um pouco naquele sábado, mas era um pressentimento estranho e Carla decidiu telefonar para ele.

Foi quando ouviu batidas na porta e ficou relutante em dizer “pode entrar” depois da última vez em que respondeu isso e levou um sermão de sua amiga Isabel. Respirou fundo e abriu a porta. Lá estava Isabel novamente, mas agora acompanhada de uma médica mais velha e com um doce sorriso no rosto, seguido pelas recomendações da Dr^a Brígida, de quem Carla já gostou imediatamente, pois mesmo sabendo que uma de suas pacientes fugiu na calada da noite para o quarto de outro de seus pacientes, a médica não usou o mesmo tom de censura que sua amiga. Carla até achou que a médica gostou de saber de sua aventura romântica hospitalar na madrugada.

— Quando terei alta, Dr^a Brígida? — Carla perguntou tentando disfarçar sua ansiedade.

— Acredito que em, no máximo, três dias você poderá retornar para a vida que levava antes de tudo isso acontecer, Carla.

— Acho que a vida que me aguarda estará um pouco diferente, doutora.

— É verdade. Agora ela tem um namorado cheio da grana — cortou Isabel. — Namorado este que virou a cabeça de uma moça que sempre foi ajuizada ao ponto de deixar todos no hospital loucos atrás dela.

— Bel, quantas vezes vou precisar pedir desculpas por te preocupar...

— Não foi somente a mim que você preocupou, Carla. Sabe o Gustavo? O seu amigo... Eu não fui com a cara dele no início. Sempre rondando por aí pelos corredores, como se estivesse vigiando tudo e todos, mas quando eu vi como ele ficou completamente... completamente...

— Preocupado? — sugeriu Dr^a Brígida vendo que a médica residente estava tensa de um modo como ela a viu pouquíssimas vezes.

— Não. Muito mais do que isso. O pobre do Gustavo estava em

agonia. Ele estava... angustiado. É essa a palavra. Angustiado. Seu sumiço foi perturbador para todos nós. Mobilizamos a equipe de segurança e eu quase... Eu quase liguei para a polícia. Eu pensei que... pensei que... você não faz ideia do que eu pensei. Não faz a menor ideia do que se passou por minha cabeça.

— Isabel, eu sinto muito mesmo. Você é uma das pessoas que mais me ama nesse mundo e eu também te amo muito.

Carla fechou os olhos e a imagem dele ferido e coberto de poeira veio à sua mente.

— Eu não queria trazer mais sofrimento para as pessoas que se preocupam com meu bem-estar e que se importam comigo, como você, o Gustavo e muito menos atrapalhar o trabalho de tanta gente. Eu não posso argumentar que estava desorientada e por isso saí pelo corredor afora e, por acaso, apenas por acaso encontrei o quarto do Dante e achei que seria uma boa ideia subir na cama dele. Não posso argumentar que não sabia o que estava fazendo, porque seria mentira. Eu sabia exatamente o que estava fazendo. Era o que eu queria fazer: estar com ele. Eu precisava vê-lo. Saber que ele estava bem. Saber que agora nada de ruim tornaria a acontecer com Dante. O que passamos debaixo daquela montanha de escombros, Isabel... foi muito difícil. Foi perturbador. Foi angustiante. E eu só não sucumbi porque eu pensava em todos que me esperavam aqui fora. Todos que eu amava. Mas eu nunca me senti sozinha. Se eu estava naquela situação era porque Deus tinha um propósito para isso. Alguém especial me disse uma vez que Ele, em Sua infinita sabedoria, tem sempre um propósito para tudo em nossas vidas. Mesmo quando não entendemos por que a nossa cruz parece ser tão pesada, lembra? — Isabel fez que sim com a cabeça. Ouvia a amiga atentamente e lembrou-se de suas próprias palavras enquanto consolava Carla no dia de sua festa de aniversário de 14 anos, quando D. Miriam morreu.

— Eu não entendia, mas Dante me fez entender. Ele salvou a minha vida, Isabel. Estávamos no estacionamento, no subsolo daquele prédio enorme, quando um pilar de concreto cedeu e, provavelmente, me esmagaria. Dante se jogou sobre mim para me proteger. Eu não estaria aqui agora falando com você se o Dante não tivesse feito o que fez. Essa atitude só trouxe sofrimento para ele. Dante ficou em agonia por dias a fio, com o tornozelo preso entre blocos de concreto e perdendo sangue. Mas ele nunca reclamava. Ele me deu o paletó do smoking e ainda me abraçava para eu não sentir frio. À noite, a temperatura perto da orla cai bruscamente. Ele fez tudo isso por mim. Por minha causa. Ele quase precisou amputar o pé. Cheio da grana, você disse. O homem que nunca sorri é como o chamam lá no trabalho, mas o Dante é muito mais do que está aparente. O que compartilhamos não afetou apenas nossas perspectivas do que

realmente importa na vida. O que passamos nos aproximou de uma forma que nunca pensei que me sentiria conectada a outra pessoa. Queria tanto que você entendesse como eu me sinto.

Nesse momento a porta se abriu e uma enfermeira disse:

— Olha quem veio visitar você, Carla.

O brilho que iluminou o rosto de Carla se reproduziu nos olhos de Dante que entrava empurrando a cadeira de rodas.

Isabel olhou de um para o outro e pensou em seu noivo e em como viu o mesmo brilho no olhar dele na última vez que se viram.

As duas médicas se levantaram e caminharam em direção à porta, após Dr^a Brígida se despedir de Carla.

— Bel, eu amo você... — disse Carla. O que fez a amiga parar antes de fechar a porta.

— Eu entendo agora, Carla. — Esqueça as bobagens que eu falei... E eu também te amo. Amo muito. — E dizendo isso, voltou e abraçou a amiga bem forte. Antes de sair, ainda bagunçou os cabelos de Dante como se ele fosse uma criança.

— Juízo aí vocês dois.

Carla sorriu.

Dante aproximou-se dela e estendeu a mão. Carla aceitou, sentando-se em seu colo.

— Senti sua falta.

— Eu quis te dar espaço com sua família. Era um reencontro que você esperou tanto. Além disso, meus filhos também vieram me ver.

— Foi isso que você quis dizer mais cedo quando falou do Tito. Eu nunca poderia imaginar que fosse algo tão maravilhoso.

— Ele é um homem admirável.

— Vocês dois são — corrigiu ela.

— Você está feliz, Vida. É tão bom para mim te ver assim.

— Hoje você poderia dormir aqui no meu quarto. O que acha?

— Eu queria muito, meu amor. Mas recebi alta. Vim me despedir de você.

— Alta? — Só agora ela percebeu que ele não usava mais a camisola hospitalar. Vestia uma bermuda de sarja marrom e uma camisa polo azul-claro.

— Sim.

— Isso é bom, Dante! É maravilhoso! Vai poder voltar para casa e passar mais tempo com seus filhos. Eles precisam de você e você deles. — Ela realmente se sentia feliz por ele retomar sua vida, mas não conseguiu esconder a

sombra de tristeza que passou por seus olhos.

— Eu concordo, mas eu queria estar com você também. — Ele beijou cada uma das mãos dela. Carla sorriu ao se sentir despertar com o toque tão gentil e íntimo ao mesmo tempo. Aproximou o rosto do de Dante e passou sua bochecha pela barba dele. Ficou repetindo esse movimento lentamente até não resistir mais e beijá-lo com paixão.

Dante retribuiu e aprofundou o beijo experimentando novamente o sabor adocicado de sua língua. Como o mundo parecia se distanciar quando a beijava. Os braços dela que descansavam em seu peito subiram e desalinham ainda mais os cabelos de Dante.

A maneira como ele parecia conhecer cada detalhe de sua boca a fez desejar explorar a dele cada vez mais. Quando seus lábios se afastaram, eles não afastaram os rostos um do outro. Compartilhavam aquela intimidade de um casal que se conhecia, mas que se surpreendia com as emoções e sensações que despertavam um no outro.

— Como é bom beijar você — disseram os dois ao mesmo tempo e sorriram sem desgrudar suas bocas.

Dante a sentia vulnerável em seu colo, mas, ao mesmo tempo, percebeu que seu desejo por ela o impedia de aliviar a pressão dos braços ao redor de sua cintura. Dante sentia a lateral do corpo delicado contra seu peito. Carla sentiu que quando o beijava sentia-se como um quebra-cabeça que, enfim, estava completo novamente. Passou os braços por trás de seu pescoço, envolvendo-o. Instintivamente tentava encontrar uma posição que permitisse maior contato com o corpo de Dante. Aquele movimento despertou mais ainda o corpo dele e imediatamente arrancou um gemido erótico dos lábios de Carla, o que fez a libido de Dante alcançar a estratosfera. Ela sentiu o toque da mão de Dante abaixo de seu seio e instintivamente ela se encolheu um pouco.

— Me perdoe. — Ele sussurrou afastando a mão e voltando a posicioná-la em sua cintura. A respiração de Carla acelerou mais ainda.

Ele me deseja. Eu o desejo também.

Carla sabia que Dante a ajudaria a se conhecer como mulher. Não tinha medo dele. Era o seu Dante que a acariciava e ele nunca a machucaria. Disso ela sabia. Dante a amava. Com esse pensamento fixo em mente, Carla sentiu-se corajosa quando segurou as duas mãos de Dante e as conduziu para que a tocassem. Seus seios reagiram de imediato sob o algodão da camisola. Ela se permitiu ser conduzida pelo fluxo de novas sensações inebriantes que esse toque a fez experimentar. Se perdeu com a carícia gentil em seus mamilos e como ele traçou a curva de seus seios com os dedos, para depois cobri-los com as mãos grandes e fortes que a fizeram sentir todos os seus poros se arrepiarem e sua

intimidade responder a deixando lânguida.

— Olha para mim, Vida. — Dante decidiu parar, enquanto ainda se sentia no controle. Uma lembrança surgiu de repente: o olhar de medo de Carla quando a encontrou sendo agarrada por Rocco chegou inesperadamente.

Carla abriu os olhos, despertando daquele mergulho em sua própria excitação e viu o fascínio nos olhos daquele homem tão bonito. E era voltado para ela, o que a fez sorrir e desejar avançar e conhecer mais daquelas sensações que ele lhe despertava. Mas as mãos dele agora seguravam as de Carla.

— Me desculpe. Eu me deixei levar, Carla.

— O horário de visitas acabou — sussurrou ficando constrangida por dizer aquilo tão abertamente. — Não seremos... interrompidos.

— Vida, eu não tenho pressa... O que importa, para mim, é ter a certeza que você quer estar comigo, como eu estou certo que você é a mulher que ocupa meus pensamentos e meu coração, Carla. Posso esperar o tempo que for por você. Na verdade... — Ele aprisionou o rosto dela entre suas mãos fortes e disse: — quando nos amarmos, eu nunca terei pressa. Quero conhecer cada detalhe do seu corpo. Quero fechar os olhos e ter decorado cada pedaço seu, como já fiz com suas expressões e seu sorriso.

Carla não escondeu seu embaraço e levantou-se do colo dele com cuidado por conta do pé imobilizado.

Dante aguardou ela organizar seus pensamentos.

— Eu tenho pressa de estar com você... dessa maneira, Dante. — Por fim, ela disse.

— Por que, Carla? Não precisa. Eu sou seu. Está tudo bem agora. Eu vou cuidar de você. Eu prometo.

— Dante, cuidaremos um do outro. Lembra-se?

— Sim. Cuidaremos um do outro. — Ele sorriu ao lembrar-se do que disseram enquanto estavam soterrados e quis beijá-la novamente. — Mas quero que saiba que não precisa fazer nada para me agradar. É você quem eu quero. Você é a mulher que eu amo. A mulher que me ensinou o que é o amor. Eu saberei esperar.

— Dante, eu quero viver plenamente *agora*. Sentir. Experimentar sem medo. *Agora*. Quero tudo isso com você. Quando você me toca, eu me sinto viva. Quando você me olha assim, eu me sinto tão bonita.

— Você é linda, meu amor.

Carla adorava a forma carinhosa que ele a tratava. Não se sentia pronta para dizer que o amava. Embora já tivesse essa certeza em seu coração, não conseguia dizer isso a Dante ainda. Queria ter certeza antes de dizer.

— Estar aqui com você para mim já é viver intensamente — disse

estendendo a mão para ela e a trazendo para junto de si novamente. — Eu não tenho pressa alguma desde que te conheci. Você veio para minha vida e me faz querer desacelerar. E isso é bom. Penso em sexo. Como não pensaria? Ainda mais com você no colo, eu não poderia negar, nem se quisesse. Meu corpo fala por mim. — Ele sorriu e a fez rir também. Adorava ouvir o som fluído de quando ela ria feliz assim. — Desejo você demais, meu amor. Mas desejo também compartilhar experiências com você. Ser seu namorado e poder ser o único que pode te beijar e ter você assim comigo. Pelo tempo que eu quiser. Quero ser seu amante quando se sentir pronta, porque sei que ainda não está. Por isso, eu repito: posso esperar o tempo que for por você.

Carla sabia que tudo que viveu a deixou mais sensível, porém seus olhos já estavam marejados e as primeiras lágrimas rolaram.

Dante beijou sua face e, secando assim suas lágrimas, disse.

— Não chore, Vida. Me sinto mal quando você chora.

— Eu sei. Você me disse. — Ela abraçou seu pescoço novamente e sorriu. — Eu estou feliz, Dante. Você me faz feliz e, às vezes, eu choro porque estou profundamente feliz — disse acariciando sua barba. — Como agora. Beijando o meu namorado.

Ele gostou de ouvir isso, a estreitou em seus braços e beijou seus cabelos.

— Eu também estou muito feliz, Vida. Feliz por completo agora.

Naquela noite, Dante voltou para casa. Foi uma surpresa para seus filhos que jantaram com o pai depois de muitas noites separados. Conversaram sobre tudo, inclusive sobre como Kionã reagiu mal quando reencontrou o pai. Disse que não queria ir embora e que ele não era seu pai.

Dante imaginou como deve ter sido difícil para o irmão de Carla ser rejeitado pelo filho. Ajudaram a levar o pai para o quarto e, antes de dormir, Hélio pediu para telefonar para Carla e eles conversaram sobre os planos para levá-la à praia. Hélio acabou dormindo no quarto com o pai. Aquiles parecia não saber como se comportar. Perguntava a todo momento se o pai precisava de algo. Dante pediu que ele se aproximasse e abraçou o filho.

— Estou de volta, meu filho, e agora eu realmente estou aqui. Para você e seu irmão. Para o que precisarem, estarei aqui.

Aquiles sorriu e abraçou o pai. E repetiu que poderia chamá-lo a hora que fosse.

— Você tem o sono pesado, Aquiles. Sempre teve. Não precisa se preocupar com seu pai.

— Essa noite, acho que vou trazer um saco de dormir, só para o caso de o senhor precisar de mim.

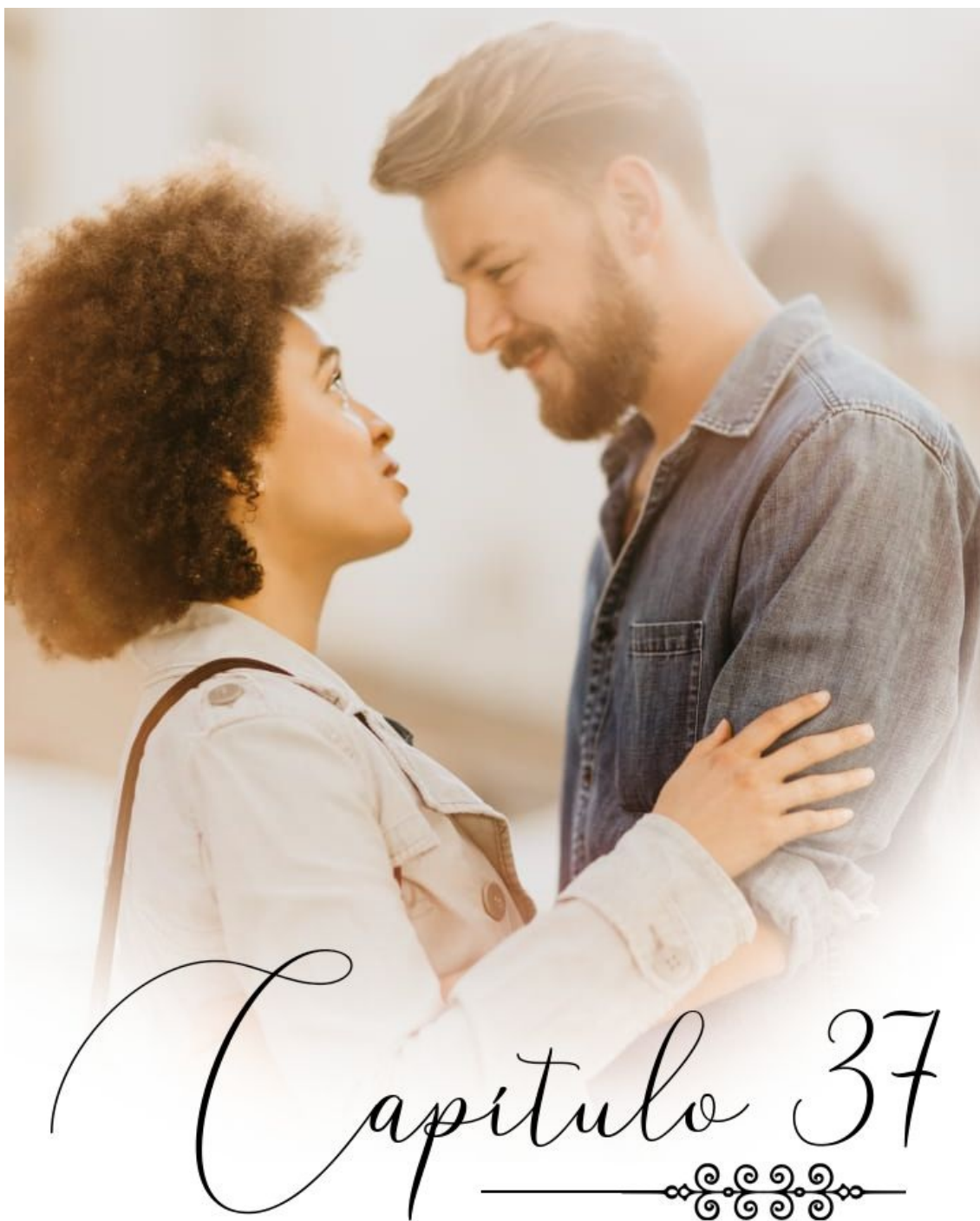
Dante concordou. Queria ter seus filhos por perto.

Assim dormiram os três no mesmo quarto.

Dante se sentia plenamente feliz. Plenamente. Estava conseguindo se aproximar de seus filhos e pretendia recuperar a relação deles. Ele pensou em Carla até dormir. Carla pensou em Dante até conseguir conciliar o sono.

Carla tinha sua família de volta. Dante voltava para a dele.

Em seus sonhos, Carla dizia o que Dante mais desejava ouvir: ela dizia que o amava.



A VIDA E SEUS MISTÉRIOS

Carla ainda ficou por mais dois dias no hospital. Dante lhe telefonava duas vezes por dia. Domenico se tornou parte de sua rotina. Dante pediu que ficasse à disposição da família de Carla. Ele acabou sendo a maior fonte de contrabando de biscoito *Negresco* na história daquele hospital. Assim,

não era incomum, Carla ser surpreendida por Isabel com um pacote escondido embaixo do travesseiro. Ele ficava a maior parte do tempo sentado nos bancos na frente do quarto de Carla. Onde antes era comum encontrar o Gustavo.

Carla sentia falta de Gustavo. Ele não veio mais visitá-la. Carla sabia que algo estava errado. Perguntou a Dante e ele lhe deu respostas evasivas. Gustavo esteve o tempo todo ali no hospital e, sem motivo, simplesmente não entrou mais em contato. Carla não conseguia falar com ele por telefone.

— Domenico, eu gostaria de te pedir um favor.

— Pois não, Srta. Faustino?

— Só Carla, Domenico.

— Como queira, Carla. Em que posso ser útil?

Ela se aproximou da figura austera do motorista que estava sempre em seu impecável terno escuro.

— Poderia ir até a casa do Gustavo Grael, por favor?

O motorista não compreendeu o pedido.

— É só para ver se ele está bem. Eu estou preocupada. Não consigo falar com ele de jeito nenhum. Achei o telefone da Construtora Grael no Google e tentei até ligar para a empresa dele, mas nunca transferem a minha ligação... Eu só preciso ter notícias dele. Saber que está tudo bem. Pode me fazer esse favor, Domenico?

— Pode chamar ele de Nico, Carla — disse Hélio em uma das visitas que foi fazer a Carla. — Os amigos o chamam assim.

— E então, Nico? — Ela repetiu de propósito o apelido.

— Farei isso, Carla.

Ela agradeceu, dando-lhe um abraço. Domenico ficou sem ação e Hélio disse: — Vai se acostumando. Ela é assim.

Os três riram e Domenico saiu para atender a seu pedido.

Carla se afeiçoou tanto a Hélio. Adorava sua companhia. Ele ajudava a superar a saudade que sentia de Kionã que não foi visitá-la uma vez sequer.

Sempre que seu irmão chegava com seu pai, ela via em seus olhos que não tinham mais desculpas para lhe dar. Sentia muita saudade do menino.

Carla recebeu a visita de amigos do trabalho, como Seu Nonato e Valdelice, que foi com a filha mais nova, mas soube que Tito estava em diligência no interior do estado. Ela precisava falar com ele. Agradecer por tudo que fez por sua família e também dizer como se sentia agora a respeito de Dante.

Naquela tarde, Domenico voltou com a notícia que não conseguiu localizar Gustavo Grael. Segundo sua irmã, ele precisou viajar e voltaria em alguns dias. Carla estranhou tudo aquilo. Estava decidida a ir pessoalmente à

procura do amigo, assim que possível.

O quarto estava em uma penumbra incômoda e a primeira coisa que Carla fez foi abrir as cortinas. Quantas vezes ela e os três amigos de infância passaram horas a fio reunidos ali assistindo filmes ou apenas conversando sobre seus planos para o futuro ou simplesmente iam dormir nas casas uns dos outros para estarem juntos e nessas ocasiões sempre se deleitavam ouvindo Xandinho cantar.

Ela teve alta naquela manhã e quis fazer surpresa para sua família, mas antes de ir para o ferro-velho, pediu a Domenico que a levasse até a casa de seu melhor amigo. Dante não escondeu sua alegria ao receber a notícia de que estava voltando para casa. Ele disse que pretendia visitá-la no fim da tarde e Carla adorou a ideia. Seria uma oportunidade dele conhecer seu irmão Miguel.

— Eu não pude ir, Carla. Não pude fazer nada. Que droga de amigo eu sou, né? Não fui capaz de te proteger, muito menos de fazer qualquer coisa para te ajudar quando você podia ter... — Alexandre suspirou, permanecendo de cabeça baixa e Carla sentiu toda dor vinda daquelas palavras. — Me perdoe.

Ele estava sentado no chão com os braços apoiados no joelho e ela viu as olheiras que eram resultado das noites mal dormidas. Carla viu o violão jogado no chão e isso a deixou preocupada. Ele tinha quase uma adoração pelo instrumento.

— Eu mais do que ninguém entendo que você não podia estar comigo, Xandinho. Mas estou aqui agora. Estou bem e não havia muito que qualquer pessoa pudesse fazer, eu fiquei soterrada e depois estive em coma.

— Sabe, acho que eu nunca estive tão consciente da minha condição... Nunca me senti tão incapaz...

— Ei! Xandinho, não diga isso! — Carla caminhou até ele e levantou o queixo do amigo para que ele olhasse diretamente para ela. — Você nunca foi e nunca será um incapaz. Você é portador de Fibrose Cística, mas nunca permitiu que isso limitasse sua vida. Você é uma das pessoas mais destemidas que eu conheço e isso até já te colocou em encrencas várias vezes. Lembra? — disse tentando trazer algum humor ao rosto do amigo.

— Carla, eu não pude nem ir te visitar no hospital...

— Mas pensou em mim a cada minuto em que estivemos separados. Eu tenho certeza disso. Você sempre está comigo, Xandinho. Como eu sempre estou com você. Você sempre fez de tudo para me proteger e eu sei que ninguém no mundo me conhece melhor do que você, meu amigo — disse ela acariciando

seu rosto e percebendo a barba por fazer.

— Ninguém me conhece melhor do que você, Carla.

Um breve sorriso surgiu e rapidamente se apagou em seu rosto. Ver a expressão derrotada no rosto de seu melhor amigo fez o coração de Carla se apertar. A preocupação com sua imunidade sempre esteve presente, mas o abatimento que via agora em suas feições era motivado por ter sido impedido de estar na área do soterramento. Ter sido impedido de visitá-la no hospital. Não conseguia se lembrar de nenhum momento de sua vida em que Alexandre, ou melhor, Xandinho, não estivesse presente. Ele a conhecia melhor que ela mesma. Ela o conhecia melhor que ele mesmo. Eles ficaram se olhando. Apenas vislumbrando o fundo dos olhos um do outro. De repente, Xandinho se levantou e a abraçou com todas as suas forças. Carla adorava abraços e ficou suspensa no chão por algum tempo.

— Eu tive tanto medo de te perder... — Foi tudo que ele disse.

— Tudo ficou para trás, Xandinho. Já passou. Nosso pacto é fazer com que nossos netos sejam tão amigos quanto nós somos, mesmo que tenhamos que obrigá-los. Eu não esqueci.

Ele riu e colocando-a no chão, encostou a testa na dela.

— Se eu não soubesse que são amigos desde sempre diria que isso é uma cena de um casal apaixonado. — Isabel entrava no quarto e se jogava na cama de Xandinho.

— Bel, você foi quem mais ficou com a Carla desde que tudo aconteceu. Deixa eles matarem a saudade — disse Mônica entrando no quarto também, sorrindo ao ver o casal de amigos ainda abraçados e trazendo nas mãos uma bandeja com suco e bolo. — Tia Ju mandou guloseimas para a gente. — Oba! — disse Isabel sentando-se com as pernas cruzadas sobre a cama, muito à vontade. — Venham comer um pouco. Pensa que eu sei que você não tem se alimentado bem, Sr. Alexandre. Quero ver os exames que chegaram ontem.

— Isabel, já te disse que quando estiver aqui no meu quarto, deixe a doutora lá fora conversando com minha mãe.

— Até parece que ela consegue — alfinetou Carla, sentando-se na cama também e já entregando um pedaço enorme de bolo a Xandinho que nem teve chance de recusar.

Isabel deu de ombros e sorriu vendo que ele já parecia um pouco mais bem-humorado. Ela mesma já se sentia assim. Sabia que estava muito rabugenta e inflexível nos últimos dias.

Mônica preferiu sentar-se em um almofadão no chão. Como de costume, ela evitava a proximidade física até com seus amigos mais próximos. — Ah... Carla... posso te perguntar uma coisa?

— E desde quando você pergunta se pode perguntar algo, Mônica?
— brincou Alexandre.

— Não liga para ele, Moni. Pergunte o que quiser. — Carla piscou para a amiga.

— Eu só queria saber se... esse homem lá embaixo vai ser tipo seu guarda-costas agora? — perguntou ela se lembrando que recusou apertar a mão de Domenico quando foi apresentada a ele minutos atrás.

— Ele meio que é os olhos e ouvidos do namorado da Carla — respondeu Isabel com um sorriso nada inocente no rosto. Xandinho levantou as sobrancelhas de novo.

— Isabel está exagerando como sempre. E além disso, agora ele vai retomar seu trabalho na casa do Dante. Ele foi de muita ajuda. E por mais que pareça muito formal por conta do terno e das maneiras polidas, o Nico é gente como a gente.

— Nico? — repetiu Mônica.

— Ah, é só um apelido, amiga.

— Interessada, Moni? — perguntou o único homem do quarteto.

— Para de bobagem, Alexandre. Eu só achei ele meio... intimidador.

— Ele é do bem, amiga. Fica tranquila. — Carla acariciou sua mão.

— Não há com que se preocupar.

Mônica apenas assentiu com a cabeça.

Todos os outros se serviram e começaram a falar sobre como os últimos dias foram cheios de surpresas, mas evitaram falar sobre o soterramento, pois queriam deixar aquele pesadelo para trás.

Falaram da Rosa Maria que era a segunda filha de Seu Amauri e D. Juliana que tinha acabado de fazer cinco meses.

— Ela tem uma garganta que você não faz ideia, Carlinha — disse Isabel. — Chorava dia e noite.

— Ah! Mas a minha irmã adora música.

— Não é bem assim, Xandinho. Ela gosta da sua voz. Só parava de chorar quando Xandinho cantava para ela — corrigiu Mônica.

— Ele começou um show com mais de duas horas de atraso, porque estava ninando a Rosa Maria. Ela só dorme com ele — disse Isabel pegando mais um pedaço de bolo.

— Foi aí que tivemos a ideia de gravar um demo e é só desligar as luzes e deixar a voz do Xandinho cantando qualquer música que ela dorme como um anjo — disse Mônica.

— Ah! Estou louca de saudade dessa princesinha. D. Ju foi levá-la ao posto para tomar vacina, mas amanhã eu volto para visitá-la — disse Carla.

— Agora que estamos todos juntos como tem que ser. — Isabel adquiriu uma postura mais formal e cruzando os braços disse: — Chegou a hora da verdade: Carla tem novos amigos. Não sei se vocês sabem. Eu conheci os três: um juiz e dois engenheiros. Detalhe: todos cheios da grana. Dois deles se apaixonaram por ela e um parece ser meio *stalker*^[2], mas acho que é só um amigo carente mesmo.

Xandinho e Mônica ouviram aquela informação e por um instante não entenderam se o que Isabel dizia era uma brincadeira ou se falava sério, então se voltaram para Carla.

— Eu fiz, sim, novos amigos. E eu já tinha falado sobre o Gustavo Grael para vocês, lembram?

— Já são amigos? Se conhecem há tão pouco tempo — argumentou Xandinho.

— Verdade, mas tudo envolvendo ele, ou melhor, envolvendo os três, foi muito intenso. O Gustavo se tornou um bom amigo. O juiz é o Tito.

— Ah! Aquele que você estava afim — disse Xandinho.

— Eu não disse que estava afim dele.

— Você disse que ele era um dos caras mais bonitos que já viu na vida e que saíam juntos. Então estava afim dele.

— Bem, sim... Ele é muito bonito, mesmo. E eu não posso negar que ele mexeu comigo, mas hoje eu me sinto diferente.

— Diferente como, Carla? — Quis saber Mônica.

— Eu acho que estou apaixonada pelo Dante.

— Que Dante? — Quis saber Xandinho franzindo a testa.

— O Dante Albertine? O cara que ficou soterrado com você e que, só por acaso, é seu chefe? Ou melhor, chefe do chefe do chefe do chefe do chefe do seu chefe. Dono da construtora Albertine, onde você trabalha? — Mônica arregalou os olhos.

— Pois é... A vida e seus mistérios. Flagrei os dois na mesma cama no quarto do ricoço lá no hospital. E dormindo de conchinha. Carla Faustino quem diria... deixou a equipe de segurança e a mim e Gustavo Grael quase loucos.

— Carla, é sério? — Quis saber Mônica.

— Nós só dormimos juntos naquela noite. Não aconteceu nada mais do que isso.

— Como alguém acorda de um coma e é capaz de sair sorrateiramente e ir parar no quarto, digo, na cama de outro paciente? Foi o que eu me perguntei — disse Isabel colocando mais lenha na fogueira e vendo que Carla sorria, não parecendo nem um pouco constrangida.

— Eu e o Dante, nós nos aproximamos muito. Passamos por muita coisa juntos e nos conectamos de uma forma que eu não sei explicar.

— Então, o tal Dante também está apaixonado por você? Vocês vão namorar e ele vai assumir a relação de vocês publicamente? — Quis saber Xandinho que não compreendia como tanta coisa aconteceu em menos de dez dias. — Eu vi a matéria no jornal e admito que fiquei confuso de te ver beijando...

— Matéria no jornal?

— Você não sabia? — perguntou Mônica. — Não se fala de outra coisa aqui no Muquiço, além de como você se tornou a própria Cinderela. É assim que te chamaram no jornal.

Carla pensou em Tito. Não havia voltado de sua diligência ainda. Ele já deveria saber e deve ter ficado magoado com ela. Queria ser a primeira a lhe contar sobre como se sentia agora com relação a Dante. Ouviram a campainha tocar e logo D. Ju estava lá em cima.

— Carla, visita para você. Parecem astros de cinema.

— Mãe! Por favor... — repreendeu Xandinho.

— Mas é a verdade, filho. E não vai comentar com seu pai.

Carla desceu as escadas com pressa. Pensou que podia ser Dante e Gustavo pela descrição de D. Ju.

Viu Domenico se levantar e acompanhá-la até a porta. Lá estava Tito e o agente Gatto. E ela não ficou decepcionada. O policial sorriu e, inclinando-se, beijou-lhe a mão.

— Oi, Jonathan. Como sabiam onde me encontrar?

— Fomos ao hospital e descobrimos que você recebeu alta. É muito bom saber que você está recuperada de tudo que aconteceu.

— É muito bom vê-lo novamente. Ver os dois — disse sorrindo para Tito.

Por um tempo, o jovem juiz apenas olhava para ela. Observava as marcas das leves escoriações em seu rosto e percorreu o restante de seu corpo como para se assegurar que ela estava bem.

— Você está linda — disse o juiz Timóteo sorrindo pela primeira vez. — Não me sinto embaraçado em dizer que não parei de pensar em você nem por um minuto sequer, Carla.

— Acho que vou dar um pouco de... privacidade a vocês. Imagino que tenham muito o que conversar. — Domenico trocou um breve olhar com o agente e também se afastou um pouco.

— Tito, eu tenho tanto a agradecer a você. Tenho muita coisa para lhe dizer e nem sei por onde começar, porque...

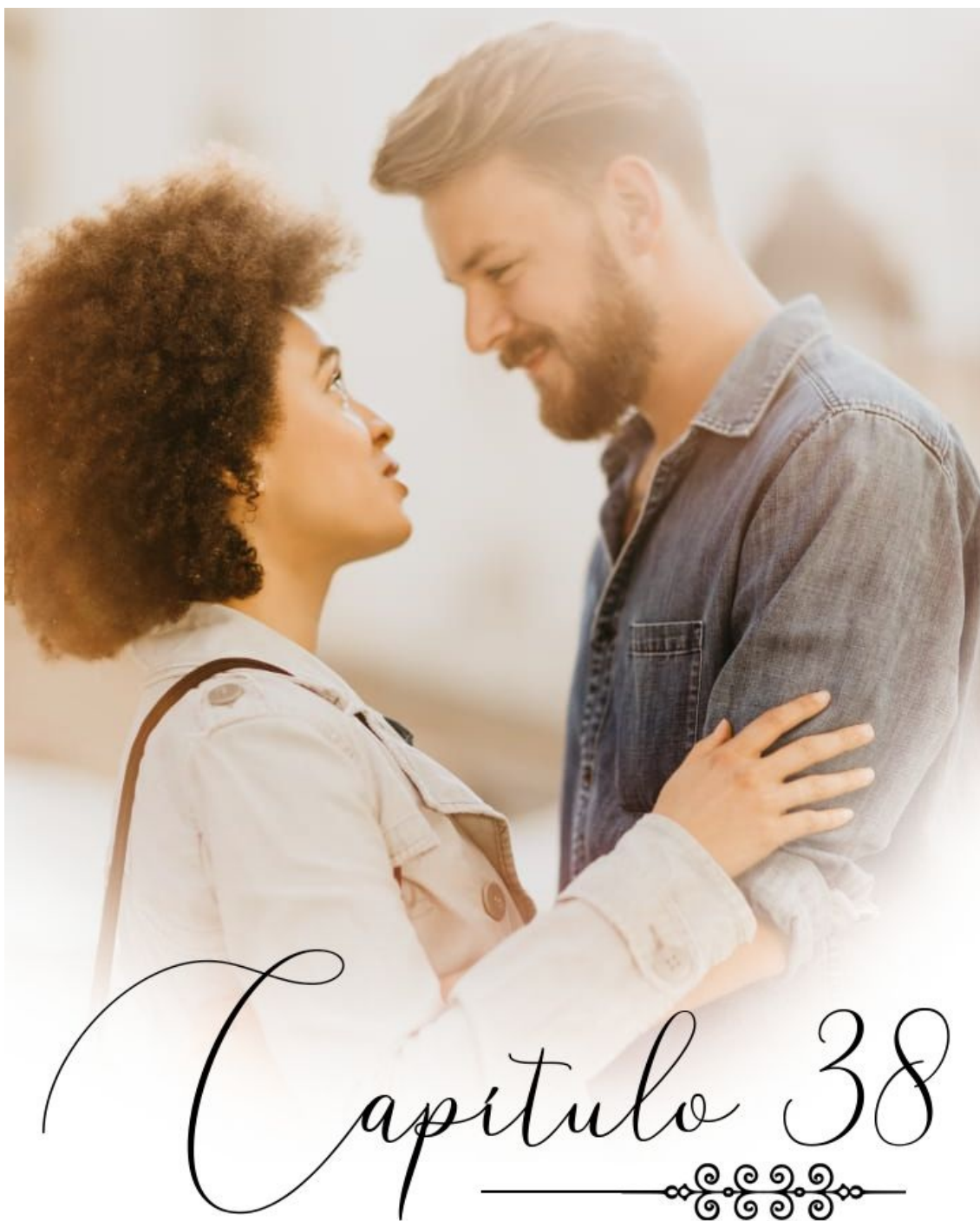
O juiz a silenciou com um beijo. Tito a abraçou com carinho e fez o que queria fazer desde que a viu pela primeira vez naquela mesma comunidade.

De repente, fogos de artifício estouraram assustando Carla. Ela ouviu os gritos do agente Gatto e de Domenico que corriam na direção deles.

Tiros.

Tudo aconteceu muito rápido.

A polícia invadia naquele momento a Comunidade do Muquiço. Carla estava no chão. Tito estava no chão. A mancha de sangue espalhava-se pela calçada.



EU SEMPRE TE AMEI

Gustavo chegou a Teresópolis naquele dia chuvoso e conferiu o endereço fornecido por Máximo. Ele permaneceu no interior do veículo tentando colocar seus pensamentos em ordem. Tudo que acreditou nesses últimos anos poderia ser nada mais que uma mentira. Uma farsa que o condenou a viver num

mundo sem amor, tendo apenas a solidão como companhia em suas crises mais difíceis.

Gustavo sabia quando uma crise estava próxima de eclodir. Começou a sentir alguns tremores e respirou fundo sucessivas vezes.

— Hoje não. Hoje eu ficarei sob controle — disse para si mesmo.

Apoiou a testa no volante, ouvindo sua própria respiração. Ficou em silêncio até ela voltar ao normal. Sua mente divagou para longe dali ao se recordar que foi em uma noite chuvosa, muito similar àquela, que conheceu Carla. Ele sorriu com a lembrança da conversa que tiveram em sua casa e de como ela o fez se sentir seguro. Era uma lembrança que sempre o surpreendia. Ainda não conseguia compreender como uma amizade recente podia lhe transmitir tanta força. Pegou seu celular, que manteve desligado por toda a viagem, e viu as chamadas perdidas.

Muitas eram de Carla. Como se ela soubesse que ele precisava ouvir uma voz amiga. Como se soubesse que precisava dela. Queria poder conversar com Carla, mas não agora, pois não queria preocupá-la. Gustavo pensou em tudo que ela passou e não atrapalharia sua recuperação.

Ficou olhando para o visor de celular e viu chamadas de Dante também. Máximo devia ter contado a ele o que aconteceu. Gustavo decidiu que não retornaria as ligações. Não tinha cabeça para falar com mais ninguém até ter essa conversa definitiva com Margot. As palavras de Isadora se repetiam em seus ouvidos como fantasmas que voltavam para atormentá-lo por seus pecados do passado.

As lembranças felizes daquela noite do baile de debutante de Margot voltaram em *flashes* em sua memória. Ele sempre teve a impressão de que só se recordava de parte daquela noite, o restante mais parecia um borrão turvo quando tentava relembrar.

Gustavo estava completamente fascinado com a beleza de Margot. Para ele, era perfeita. Ela era tão jovem, mas representava tudo que ele mais admirava: era justa, sensível, gentil, inteligente e quando Margot sorria, Gustavo sentia que dentro de seu peito seu coração parecia crescer. Ele inicialmente teve receio de expor suas emoções. Ela era a irmã caçula de seu melhor amigo e por anos a viu como uma irmã também. Não sabia explicar quando se percebeu apaixonado, mas queria que ambos tivessem uma vida longa juntos para apreciar o sorriso dela.

O Sr. Pompeu Albertine tomou a mão da filha e a conduziu para a primeira valsa como era esperado. Gustavo esperou por sua vez. Ele aguardou

que ela dançasse com Benício e depois com Dante que parecia tão desconfortável olhando para os próprios pés. Ele até pareceu ficar aliviado quando Gustavo tocou seu ombro e reivindicou o direito de dançar com sua namorada. Margot estava feliz e nunca a tinha visto tão feliz como naquela noite.

— Por que está com esse sorriso divertido no rosto, Gustavo?

— Estou feliz porque agora não preciso te dividir com mais ninguém essa noite.

— Gustavo, acho que além de meu pai e meus irmãos, mais ninguém se interessaria em dançar comigo.

Gustavo sorriu ao dizer:

— Margot, eu sempre soube, mas agora eles sabem também.

— Do que está falando, Gustavo? — Ela riu sem entender uma palavra do que ele dizia.

— Todos eles sabem que agora você não é mais uma menina — disse olhando ao redor e reconhecendo alguns rostos familiares da alta sociedade carioca, enquanto continuava dançando ao som de Danúbio Azul. Alguns conhecia da escola, outros de eventos sociais que participou com sua família. — Vejo nos olhos dos rapazes o arrependimento por nunca terem notado antes o quanto você é linda, meu amor.

— Gustavo, isso é apenas sua imaginação. O que um vestido caro e maquiagem não são capazes de...

— Você está enganada. O vestido é realmente bonito, apesar da cor não te agradar — disse fazendo com que ela risse. — Mas tanto o vestido quanto a maquiagem apenas realçaram o que já era belo, Margot. Sua beleza é completa. Você é doce e generosa. Isso se irradia em quem você é. Seus olhos são de um verde que eu nunca saberia descrever. Me fascina como a tonalidade de verde muda, algumas vezes. Como agora. Estão com um brilho tão intenso que eu ainda não tinha visto.

— Só você e os homens Albertine me veem assim, Gustavo — disse ela dando pouco crédito ao que ele dizia.

— Eu tive o privilégio de ser seu amigo, antes de ser seu namorado, Margot, e falei sério para o seu pai e para os seus irmãos quando eu disse que um dia pretendo me casar com você.

— Não precisa me dizer isso, Gustavo. Agora você está na faculdade e sei que vai conhecer muitas garotas... não, muitas mulheres bem mais interessantes e bonitas. Não precisa dizer isso. Não quero pensar no que o futuro nos reserva. Você terminará a faculdade e, em breve, seguirá os passos do seu pai na Construtora Graef. Terá o mundo aos seus pés. Poderá ter o que

quiser. Então, não se preocupe em me incluir em seus planos no futuro. Ser sua namorada hoje já me faz muito feliz — disse ela sorrindo resolutamente. — Eu ficarei bem.

Gustavo ouviu aquilo em silêncio e o sorriso deixou seus lábios. Eles continuavam sendo guiados pela música, mas ele analisava a expressão de Margot e via que ela não parecia triste ao se imaginar longe dele. Gustavo, por outro lado, ao imaginar o destino o afastando de Margot, sabia que ficaria... devastado. Por essa razão, quis deixar isso claro.

— Margot, eu tenho certeza dos meus sentimentos. Eu não quero ter o mundo. Mas como você disse que posso ter o que eu quiser, a escolha eu já fiz no meu coração há algum tempo: eu quero você. Você é o meu mundo. É assim que me sinto. Você disse que me ama. O que mais posso desejar? Eu tenho tudo.

— Gustavo, você não precisa mesmo falar o que acha que eu quero ouvir.

Ele a abraçou e dançaram com o rosto dela apoiado em seu peito.

— Margot, eu nunca mentiria sobre algo tão importante. Eu não quero te convencer. Não quero. Só peço que me deixe fazer parte da sua vida como seu namorado. Está ouvindo meu coração? — Ela fez que sim com a cabeça, sem se afastar do calor do seu corpo e sem levantar o olhar para ver Gustavo. — Ele só responde assim a você. Eu só quero você. Quanto às mulheres que mencionou, existem mulheres bonitas na faculdade, aqui mesmo nesse salão de baile e em todos os lugares é possível que eu veja muitas outras mulheres bonitas. Elas não sabem quem eu sou. Não me conhecem. Elas só veem a casca. Algumas acham que eu tenho boa aparência. Outras só veem a fortuna da minha família. Podem até achar que sou algum tipo de príncipe encantado, mas só veem o que querem ver. Talvez algumas delas até se interessem realmente por mim. Pode acontecer... Mas nenhuma delas é você. A minha Margot. A garota que me conhece como ninguém e em quem penso quando estou com os olhos fechados.

— Como assim? — Ela sorriu da descrição. Mal acreditava nas palavras que ouvia. Uma voz interna lhe dizia que não era possível.

— O Benício me disse isso uma vez. A garota em quem pensamos quando fechamos os olhos e quando abrimos, se ela não está ao nosso lado, queremos ir ao encontro, é essa que tem nosso coração.

— Benício disse isso? — Surpreendeu Margot, porque seu irmão mais velho nunca era visto por muito tempo com a mesma garota e realmente estava diferente nos últimos meses.

— Sim. Acho que ele pode estar apaixonado também. E é em você que eu penso quando fecho os olhos — disse voltando a se concentrar nela. —

Você me faz sorrir sem motivo só de lembrar como eu gosto dessas covinhas nas suas bochechas. Então, não aja como se a qualquer momento eu fosse me arrepender da escolha que eu fiz. Você é maravilhosa e parece não enxergar isso. Me deixa cuidar de você, me deixa amar você. E quando diz para não me preocupar em te incluir nos meus planos futuros, isso seria impossível. O que você não entende é que o meu plano é você, Margot. Tudo que eu pretendo conquistar não teria o mesmo significado se você não estivesse ao meu lado. E eu quero estar ao seu lado quando você se tornar uma estilista reconhecida no mundo inteiro.

— Você realmente fala sério?

— Eu tenho certeza que você vai trazer um novo sentido à definição de alta-costura masculina. Você tem muito talento. Já vi seus desenhos e...

— Não, Gustavo. Me refiro a você me ver dessa maneira... A você me ver no seu futuro.

Ele sorriu e, parando de dançar por um instante, a beijou com ternura, embora quisesse tomá-la nos braços e beijá-la por horas, mas imaginava que Pompeu Albertine, Dante e talvez até Benício não ficariam tão à vontade caso fizesse isso ali na frente de centenas de convidados.

— Margot, eu te amo. Ouviu bem? Eu amo você. E quero afastar essa sua insegurança de uma vez por todas. Eu queria que você conseguisse se ver como eu te vejo: o ser humano mais extraordinário que já conheci. Sei que muitas pessoas foram cruéis com você e elas fizeram isso por terem a mente estreita. São pessoas ruins, ignorantes e, na maioria das vezes, são pessoas infelizes. Eu não garanto que nunca vou te entristecer, mas garanto que nunca será proposital. Tenho defeitos, como qualquer outra pessoa e a maioria deles você conhece. Mas eu te peço que me prometa uma coisa.

— O que, Gustavo?

— Se algo que eu fizer ou deixar de fazer for tão grave ao ponto de achar que não me quer mais na sua vida, me prometa que vai ouvir o que eu tenho a dizer antes. Só isso.

— Eu prometo, Gustavo... Eu prometo.

Lembrou de dançarem a valsa e de como não conseguia se afastar dela nem por um instante, mas algo a levou para longe dele. Algo não. Alguém.

Agora, Gustavo estava ali a metros de rever o grande amor de sua vida e a inquietação que o afligia se igualava ao desejo de estar com ela.

— O que direi a ela? Será que Isadora falou mesmo a verdade? De repente, percebeu que estava fazendo as perguntas erradas. O objetivo de ir

procurar Margot deixou de ser ele e o fim trágico da relação dos dois, mas sim o que aconteceu com aquela criança que lhe informaram não ter sobrevivido.

— Preciso saber se meu filho está vivo. Eu preciso saber... — dizendo isso, Gustavo saiu do carro debaixo da chuva que assolava a região serrana e, parando em frente ao grande portão de metal, ele tocou o interfone.

— Pois não? — Facilmente reconheceu a voz de Demétrius.

Era de se esperar que ele estivesse junto de Margot, considerando tudo que fez até que ela fosse resgatada.

— Demétrius, aqui é o Gustavo Grael. Vim...

— Entre, Gustavo. Ela já estava à sua espera. — Um barulho sinalizou que o portão foi destravado. Ele caminhou pelo pequeno caminho de pedras e flores até avistar a construção pintada de um tom suave de amarelo. Sem tardar mais, Gustavo subiu os oito degraus da escada que davam acesso ao chalé de madeira e foi quando a porta se abriu. Demétrius trazia um guarda-chuva preto nas mãos e por um instante observou a aparência de Gustavo.

— Não tem dormido muito bem, não é mesmo?

Ele apenas assentiu com a cabeça e estendeu a mão para cumprimentar o homem que aprendeu a admirar.

— Como ela está, Demétrius?

— Fisicamente, ela está bem. Felizmente, Margot não sofreu mais do que escoriações e pequenos cortes. Ela parecia relaxada e calma desde que sugeri que viéssemos passar alguns dias aqui, Gustavo. Mas após receber uma ligação há dois dias, tudo mudou de repente. Ela está tensa e não quis comer nada hoje. Imagino que a conversa que terão é a responsável por ela se encontrar nesse estado...

— Demétrius, acredite em mim quando eu digo que o que menos desejo é atormentá-la... eu só busco respostas.

— Eu não sei o que houve com vocês no passado, Gustavo, mas de uma coisa eu sei... você se apaixonou pela Margot e ainda a ama.

— Eu sei que não sou digno de estar aqui, mas...

— Não precisa se justificar, Gustavo. Não tenho a intenção de intimidá-lo ou te impedir de falar com ela. Ninguém faz o que você fez por ela se não a amasse. Então... vou dar espaço aos dois. Vocês têm muito o que conversar. Vou até o centro da cidade comprar algumas coisas e assim vocês poderão ter mais privacidade.

— Ela sabe que você vai sair?

— Sim. Eu sugeri e ela concordou que seria o melhor.

— Há mais alguém aqui com vocês? Ela não precisa ficar a sós comigo. Não quero assustá-la.

— Gustavo, Margot não tem medo de você. Ela também não é uma boneca de porcelana. Se essa é a imagem que tem dela, posso dizer que a mulher que está lá dentro é uma das mais corajosas e fortes que conheço. Entra. Acho que vocês esperam por essa conversa há muito tempo. — Deu dois tapinhas no ombro de Gustavo e começou a descer as escadas.

Demétrius não o via como um rival. Os dois amavam a mesma mulher, mas não havia competição entre eles. Eles cooperaram para salvá-la e Demétrius se lembrava de como ele se empenhou para que Margot fosse resgatada. Por isso, seria grato. Sempre.

Para Demétrius, estava claro como água que Margot e Gustavo tinham um passado que trouxe sofrimento aos dois. Desconhecia os detalhes e não queria saber se não fosse por Margot. Ela mantinha em segredo partes de sua vida, mas isso não diminuía o amor e a admiração que tinha por ela. E aqueles dias ao lado dela na casa em que Demétrius cresceu em Teresópolis já significaram tanto para ele.

Em sua cabeça, gostava de fantasiar que estavam morando sob o mesmo teto como uma família. Isso era o que ele desejava. Ateve-se a atender as necessidades dela. Ela era seu mundo e só pelo fato de poder dormir e acordar sabendo que apenas uma parede os separava, já o deixava imensamente feliz.

— Demétrius — disse Gustavo jogando as chaves para o outro homem. — Use o meu carro.

Demétrius apanhou as chaves no ar e assentiu com um breve sorriso, mas antes de se afastar disse:

— Espero que os dois fiquem bem. Ela está na sala. Basta virar à esquerda, depois da escada.

Gustavo nunca se considerou um homem covarde. Mas agora sentia que, após esperar tanto pelo dia que estaria novamente frente a frente com a mulher que amou toda a sua vida, temia cruzar os últimos metros que os separavam.

Passou pela porta e a fechou atrás de si. Seguiu as instruções de Demétrius e lá estava ela.

Gustavo e Margot se olharam pelo que pareceu uma eternidade para os dois. Foi como se mergulhassem novamente no passado e as memórias pareceram mais vivas do que nunca.

— Como vai, Margot?

Ouvir a voz de Gustavo e saber que precisava revelar um segredo que foi forçada a guardar por tantos anos a fizeram se sentir frágil. Margot viu aquele homem alto e bonito a alguns passos de distância e seu coração a traiu desejando que pudesse voltar no tempo e nunca terem se afastado.

“Quanto sofrimento teria sido evitado se ela não me odiasse tanto...” — pensou Margot consigo mesma.

Ela começou a chorar e a primeira reação dele foi de consolá-la. Os pés de Gustavo pareciam ter vontade própria e o guiaram até ela. Sem saber mais o que podia fazer, Gustavo pediu em um sussurro levantando a mão para acariciar o rosto dela:

— Por favor, não... — disse se sentindo o pior dos homens por fazê-la sofrer novamente, mas retraiu a mão antes que a tocasse. — Não, Margot... por favor, não chore. Eu irei embora. Não suportaria causar mais dor a você.

Dando passos para trás, Gustavo caminhou em direção à saída, pensando que havia sido um erro ter ido até lá.

— Fique. — Pediu Margot.

Gustavo paralisou ao ouvir a voz dela após tantos anos e tão perto dele.

— Não quero lhe fazer mal, Margot. Eu só busco respostas...

— Eu sei... eu as darei. E quero agradecer pelo que fez por mim e por meu irmão, Gustavo. Eu não poderia perder o Dante. Já perdi o Benício, depois o meu pai... Sem o Dante, eu não sei se conseguiria... Não sei. — Ela olhou diretamente nos olhos dele pela primeira vez. — Demétrius me contou tudo. Ele disse que você foi um verdadeiro herói.

— Não... longe disso... eu só não conseguiria seguir adiante em um mundo sem você, Margot. Demétrius foi incansável. Ele fez muito. O tenente Inácio e todos os bombeiros.

— Vocês dois fizeram e as equipes de resgate também, é claro — disse sentando-se em um sofá rústico e fazendo um gesto para que ele também se sentasse na poltrona à sua frente. — Pergunte o que veio saber, Gustavo. Eu... contarei tudo.

Ela o viu respirar profundamente e fez o mesmo. Suas vidas estavam prestes a mudar. Prestes a mudar novamente.

Para Gustavo, vê-la era perturbador e maravilhoso ao mesmo tempo. Ela estava mesmo ali diante dele. Se esticasse o braço, conseguiria tocá-la. Queria tomá-la em seus braços e beijá-la e amá-la de todo seu coração. De corpo e alma, como sempre quis. Como ela merecia ser amada.

Ele percebeu que seus pensamentos o levavam para outra direção. Gustavo começou hesitante e, sem conseguir sustentar seu olhar por muito mais tempo, abaixou a cabeça:

— Sei que ódio é tudo que posso esperar de você, mas eu sempre te amei, Margot.

— Eu não te odeio, Gustavo — disse Margot enfaticamente,

preferindo ignorar essa última frase. Todos os seus sentidos estavam voltados para aquele homem que foi o primeiro que a fez se sentir profundamente amada e que lhe dizia que nunca deixou de amá-la. Não repetiria o mesmo erro do passado. Não daria ouvidos. Mas percebeu como parecia angustiado e como sua expressão denotava que não conseguia conciliar o sono. — Olhe para mim, Gustavo. Por favor...

Ele fez como ela pediu e a ouviu dizer:

— Eu não te odeio. Acho que não seria capaz de te odiar mesmo se eu quisesse e acredite, eu tentei por anos, mas não consegui. Sofri muito no passado. Você me trouxe a maior decepção da minha vida — disse, sentindo outra lágrima rolar por seu rosto.

— Margot, eu não...

— Mas você também me deu uma das maiores alegrias da minha vida. — Ela não o deixou terminar secando o rosto e sorrindo, prosseguiu: — Essa é a verdade.

Gustavo sentiu seu coração bater acelerado. Ela começava a se abrir.

— Margot, você se refere ao meu... filho?

— Sim — disse respirando fundo, pois era chegada a hora de revelar o segredo que guardava há tantos anos e que, por vezes, a fizeram se sentir a pessoa mais leviana e desprezível do mundo. — Eu refleti muito enquanto estive debaixo daquela montanha de aço e concreto. Prometi a mim mesma que, se eu sobrevivesse, contaria toda a verdade a você e, depois de saber tudo que fez, eu aguardarei que viesse até mim. Caso não acontecesse, eu iria até você. Serei direta agora, pois é o que você merece. Ele nasceu, Gustavo. Digo ele, porque você é pai de um menino.

Foi naquele instante que o mundo de Gustavo virou de ponta cabeça, ou melhor, o mundo dele reencontrou, depois de muito tempo, seu eixo, depois de ouvir aquelas palavras.

— Aquela tragédia me fez ver que se algo me acontecer e ao Dante também, ele precisará saber que tem alguém que poderá cuidar dele.

Tantos questionamentos se passavam pela cabeça de Gustavo Grael naquele momento. Ele mal conseguia organizar a confusão que se formou em sua mente e se pôs de pé e começou a caminhar pela sala para se acalmar. Gustavo tinha inúmeras perguntas para fazer. Olhou para Margot que parecia aguardar um rompante de raiva e fúria. Estava preparada para o pior pelo que ele percebia. Mas ele não sentia revolta ou ódio por terem escondido o fato de que tinha um filho que podia ter tornado sua existência completamente diferente. Gustavo se sentia grato. Grato por saber que era pai.

— Como ele é? — Foi só essa frase que conseguiu estruturar

naquele momento.

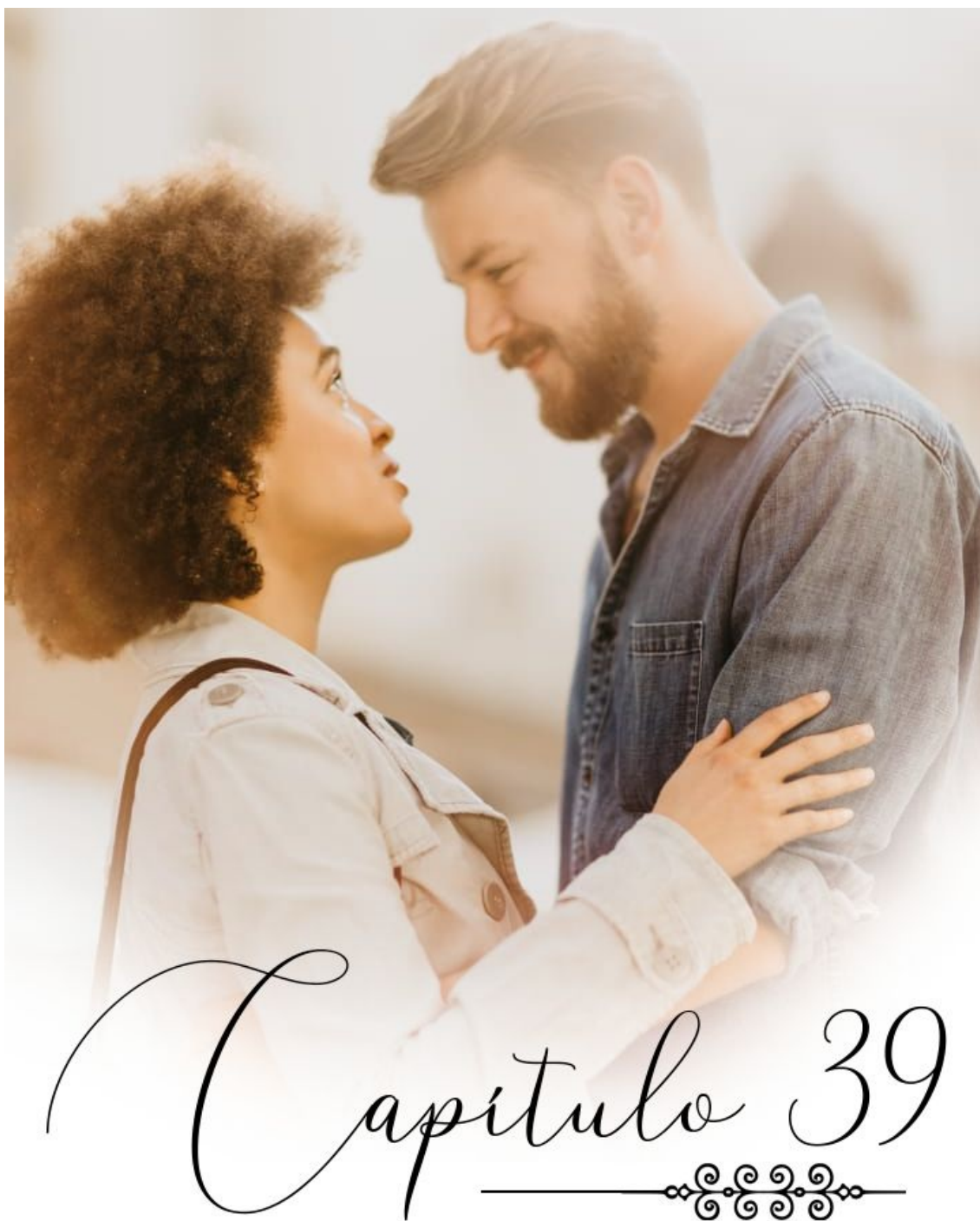
Margot se surpreendeu com a reação dele que se aproximou dela e, ajoelhando-se em sua frente, parecia um menino que havia recuperado o maior presente de Natal de todos os tempos que achava que havia perdido. Gustavo realmente sentiu que recuperava o presente que sempre sonhou em receber. E, de certa forma, recuperava parte de sua alma e de sua vida. Ela pegou um dos retratos que estava sobre a mesa de centro e estendeu para ele.

— Esse é o seu filho. Como pode ver, ele é um rapaz lindo, mas também tem um caráter nobre, é inteligente e gentil. Nessa foto, ele estava dois anos mais jovem. Está bem mais alto agora, mas sua essência é a mesma. Ele é um bom rapaz. Tem um coração do tamanho do mundo.

— Eu o conheço, Margot... — disse Gustavo reconhecendo a imagem que via na fotografia e percebendo que já esteve lado a lado com seu filho, sem saber quem ele era. — Ele é o...

Margot viu a incredulidade nos olhos de Gustavo que parecia enfrentar várias emoções intensas naquele momento.

— Seu filho tem 17 anos, Gustavo, e ele se chama... Aquiles... *Aquiles Benício Albertine.*



MÔNICA E DOMENICO

Tito e Carla estavam no sofá da sala e o agente Gatto dava atenção a um ferimento na testa do juiz que, por sua vez, abraçava Carla que estava em choque ao ver que Domenico foi baleado ao se jogar sobre ela para protegê-la. O agente Gatto fez o mesmo para proteger Tito quando ouviu o barulho dos tiros.

Carla viu Domenico no chão com uma mancha de sangue no pescoço e uma macha vermelha na camisa branca também.

— Carla, já chamamos uma ambulância. Logo ele será levado para o hospital.

— Todo aquele sangue... Ele não devia estar aqui. O Domenico veio por minha causa. Avisem ao Dante, por favor.

— Não se culpe, esse tipo de operação policial é imprevisível. Ele ficará bem. Sua amiga Isabel vai cuidar bem dele.

O perímetro da casa foi cercado pelos agentes de segurança do juiz, mas a troca de tiros entre a polícia e os homens do tráfico ainda eram ouvidos pela comunidade.

— Eu estou bem — disse Domenico para Xandinho que transpassou o braço pelo seu pescoço para lhe dar apoio até deitá-lo na cama de seus pais.

— Não é hora para ser teimoso e muito menos bancar o machão — disse Isabel já retirando, sem nenhum constrangimento, a roupa do motorista. Ela o livrou do paletó, da camisa e da gravata com uma rapidez impressionante. As várias tatuagens dele se tornaram visíveis agora e tomavam seus braços, peito e parte de suas costas. Isabel pareceu não se impressionar e tocou onde ele foi atingido, examinando os dois ferimentos e suspirou, parecendo aliviada.

— Siga o meu dedo com os olhos — ordenou Isabel a Domenico e ele a acompanhou mover o indicador para a esquerda e para direita. — Quando essa barbárie vai parar de acontecer por aqui? — Ela falava mais para si mesma do que para os outros. — Quantas vítimas de bala perdida mais essa cidade precisa para que algo seja feito?

— Moça, eu estou bem... Não preciso de pontos — afirmou Domenico mesmo sabendo que seus reflexos estavam lentos pela perda de sangue.

— E você cale a boca! A médica aqui sou eu, então trate de obedecer. Fique quieto nessa cama até que eu volte. Vou buscar a caixa de primeiros socorros.

— Preciso saber como a Carla está... — reiterou Domenico tentando se colocar de pé, mas sendo contido por Xandinho.

— Ela está bem. Minha mãe está com ela. Você não está em condições de se levantar ainda, parceiro — disse Xandinho tentando se mostrar compreensivo.

— Você foi baleado e teve muita sorte dos dois tiros terem sido de raspão. Perdeu uma boa quantidade de sangue muito rapidamente, Domenico. Não é esse o seu nome? Vai precisar de pontos e, se não se comportar, garanto que minha mão não será tão suave. Vou pegar minha maleta. Xandinho, ajuda a

Mônica com esse teimoso.

— E-Eu posso pegar, Isabel. Me diga onde está? — falou Mônica que chegava após ter certeza que mais ninguém se feriu. Pelos tremores em suas mãos, que ela tentava disfarçar cruzando os braços, era evidente que estava muito nervosa vendo todo aquele sangue.

— Ah! Você está aí. Vem cá, Mônica, preciso que faça outra coisa para mim. — Isabel retirou as fronhas de dois travesseiros e, sem nenhuma gentileza, fez Mônica se sentar do lado dele na cama.

— Eu prefiro ir buscar a... — Mas Mônica não teve tempo de concluir sua frase porque Isabel colocou uma de suas mãos para pressionar o ferimento do pescoço e a outra mão sobre a lateral do abdômen do homem e disse:

— Eu mesma pego. Vai ser mais rápido e aproveito e dou uma olhada no juiz que está com um corte no supercílio. Fiquem os dois com esse aí. Ele pode querer dar trabalho — disse olhando para Domenico com a sobrancelha arqueada. — E faça bastante pressão. Assim... — falou a médica vendo a careta de dor que Domenico fazia quando ela pressionou mais ainda a mão de Mônica contra o ferimento da barriga para mostrar a outra como proceder. — Eu vou suturar, mas assim que pudermos sair, teremos que levá-lo ao hospital. Não precisará de uma transfusão, mas é recomendável que faça alguns exames. Não afrouxe a pressão, Mônica. Não se preocupe em ser gentil, porque ele aguenta.

O homem não pareceu gostar do tom que a jovem médica falou com ele, mas Isabel pouco se importou.

Xandinho se impressionou com a forma como Isabel controlava a situação. Ele observava a cena dela enfrentando aquele homem que tinha o dobro de seu tamanho sem se intimidar. O raciocínio rápido e o senso prático da jovem médica falavam mais alto em situações em que seus cuidados médicos eram necessários.

Ouvindo o choro de bebê vindo da babá eletrônica, ele despertou de seus pensamentos e disse já saindo do quarto:

— Maria acordou... vou ver a minha irmã, Mônica. Minha mãe está ocupada cuidando da Carla. — Sem nem esperar por uma resposta, ele saiu às pressas do quarto. O jovem tinha uma verdadeira adoração pela irmã.

Assim, Mônica se viu sozinha com um homem desconhecido e nu da cintura para cima. Estava literalmente debruçada sobre ele, pois o ferimento do pescoço era do lado esquerdo e o da barriga do lado oposto. De tão debruçada que estava, conseguiu ouvir a respiração entrecortada dele sobre sua pele. Aquilo fez com que sua respiração se acelerasse, o que não passou despercebido a Domenico.

— Eu mesmo posso fazer isso, moça — garantiu a afastando com gentileza. Ao ficar de pé, tocou de leve os ferimentos ao sentir dor e acabou tocando os dedos de Mônica que sentiu algo inesperado com esse toque. Algo que ela nunca experimentou antes. Domenico sentiu os tremores de seus dedos e buscou o olhar da jovem que ruborizava nitidamente. — Está tudo bem com você?

Ela assentiu e se pondo de pé disse:

— Eu quero ajudar, senhor. Todos... estão sendo úteis. Eu sou capaz como qualquer outra pessoa. Me deixe ajudá-lo, por favor. — A forma como disse aquilo fez com que parecesse que ela queria provar algo. A viu apertar as franhas com sangue nas mãos e depois apontou para que ele se deitasse novamente.

— Permite que eu, pelo menos, limpe seus ferimentos?

Algo no olhar dela o fez consentir, mesmo a contragosto. A viu abrir o guarda-roupas e procurar por algo. De lá, ela tirou uma camisa branca de mangas compridas e ele entendeu que era para ele poder vestir depois que terminasse.

Em seguida, Mônica buscou uma pequena bacia com água e trouxe toalha e sabonete líquido para limpar o sangue. Percebeu que havia um corte no meio de seus cabelos e precisou molhá-los para tirar o sangue coagulado com cuidado, depois secou o melhor que pôde.

Domenico gostou mais do que imaginava de sentir o toque gentil da desconhecida. Ela parecia muito concentrada em fazer um bom trabalho.

— Agora que seus ferimentos estão limpos, eu farei os curativos, senhor.

— Está bem. Eu... agradeço — disse ele sem entender porque estava interessado em saber mais sobre ela. — Me chamo Domenico e você é Mônica, certo?

Ela assentiu novamente.

— Carla, onde ela está?

— Fique tranquilo que ela está bem, só bateu com a cabeça. O juiz e todos os outros estão com ela.

— A Carla está bem mesmo? — Domenico insistiu olhando diretamente para Mônica. Ele estudou o rosto da moça que cuidava dele agora. Notou os traços delicados e a total ausência de maquiagem.

— Ela está em choque, mas está bem, senhor — disse desviando o olhar e ele percebeu o quanto ela parecia desconfortável por estar ali.

— Eu não quero parecer ingrato, mas meus ferimentos não foram tão graves e eu fui designado para garantir a segurança de Carla.

— Seu chefe pediu que fizesse isso? Ele acha que Carla corre algum risco? — A atenção de Mônica se voltou para Domenico que pôde agora ter a visão completa de seu rosto.

Ele sabia que ela se referia à investigação sobre as causas do soterramento. A mídia já havia dito que o desabamento do prédio foi um ato criminoso. Nenhuma outra informação chegava até eles, pois a investigação corria em segredo de justiça.

— Acredito que o Sr. Albertine só quer ter certeza de que ela ficará bem. — Foi o que ele revelou, mas Mônica sentiu que ele lhe ocultava algo.

Domenico admirou o perfil da moça de cabelos castanhos ondulados que ela prendeu em um longo rabo de cavalo. A ausência de maquiagem o permitiu ver que ela tinha o nariz salpicado por sardas. Ele gostou dessa beleza natural da moça e também do toque gentil dela sobre seus ferimentos. Mônica desviava o olhar e Domenico entendia seu constrangimento, mas ela parecia tão frágil que isso de alguma forma despertou nele seu senso de proteção.

— Você mora aqui perto, Mônica?

— Eu moro perto daqui, senhor. Eu, Carla, Isabel e Xandinho somos amigos desde crianças.

— Pode me chamar de Domenico, Mônica — pediu gentilmente a olhando com curiosidade.

Mônica ficou em silêncio e passou a se concentrar no ferimento no abdômen dele, assim não precisaria encarar o olhar daquele homem que a fazia se sentir de uma forma estranha. O que ele não sabia era que as poucas vezes que ela ficou perto de um homem sem camisa foi quando foi à praia com Xandinho e as amigas. Tocar em um homem sem camisa era a primeira vez e, ao contrário do que esperava, Mônica estava fascinada pelo peitoral e os gominhos do tanquinho daquele homem.

— Sua amiga é sempre mandona desse jeito? — Mônica ficou vermelha, pois ele parecia ter percebido a maneira, no mínimo, curiosa com que observava seu peitoral.

— Pode repetir a pergunta? Eu estava... distraída.

— Eu perguntei se sua amiga Isabel é sempre mandona desse jeito. — A pergunta fez Mônica esboçar um breve sorriso.

— Ah! Isso. Esse é só o jeito dela de cuidar de todo mundo. Às vezes, pode parecer insensível, mas quando a conhece bem, percebe que ela tem um coração muito generoso. Ela se tornou médica para poder cuidar do Xandinho quando fosse necessário. — Mônica se interrompeu porque estava revelando muito sobre a vida deles ao estranho, mas algo no olhar dele lhe dizia que apesar daquela aparência bruta, Domenico não era má pessoa.

— Você tem quantos anos? — perguntou ele ansiando intimamente para que ela fosse maior de idade.

— Eu acabei aqui, senhor — disse ela levantando-se novamente. — Vou deixá-lo descansar um pouco.

— Mônica, ouviu minha pergunta?

— Sim.

— E pretende responder ou teve mesmo a intenção de me ignorar?

— E-Eu não... Desculpe... Só não vejo por que quer saber algo a meu respeito. — Ela desviava o olhar novamente e recuava alguns passos.

— Não se desculpe. Eu só estava brincando. Não quis ser rude. Eu não sou muito bom para iniciar conversas. Nunca fui considerado muito sociável.

— Está tudo bem. Então... foi bom conhecer o senhor.

— Domenico. Meu nome é Domenico. Já pedi que me chamasse pelo meu nome. Eu tenho 36 anos. Pareço assim tão acabado para você? — perguntou arqueando uma sobrancelha.

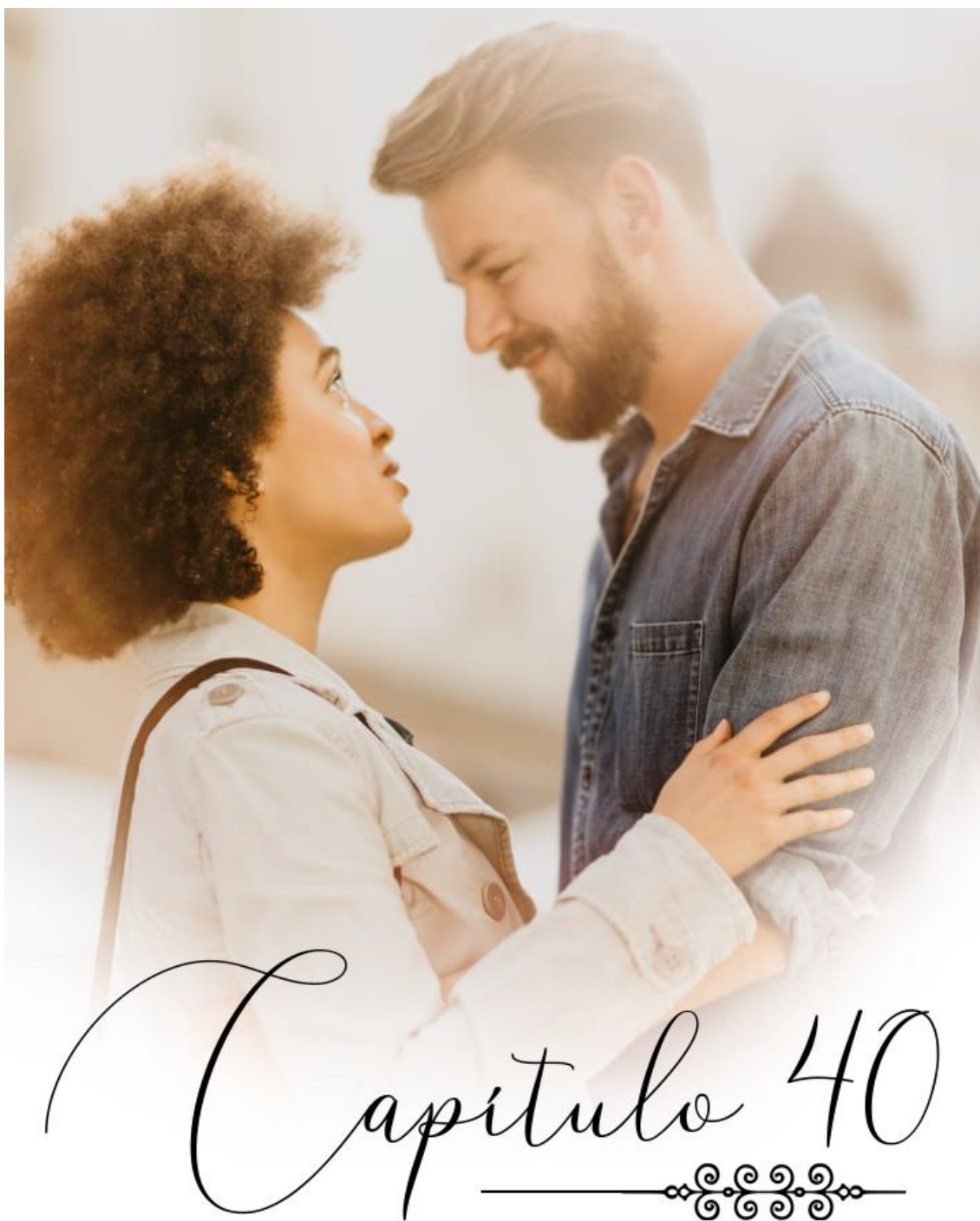
— Não. O senhor está muito bem. Quer dizer... sua aparência é ótima... Não. Não foi isso que eu quis dizer. Não que sua aparência não seja boa. O seu corpo está em p-plena forma para sua idade... Eu... — Ela agora gaguejava e a timidez da moça o fez sorrir.

Domenico não resistiu. Se pôs de pé, pegou uma escova no aparador do quarto e penteou os cabelos escuros que estavam desalinhados. O fez bem na frente da jovem. A moça não desviava o olhar dele, por mais que estivesse inegavelmente constrangida, e seu rosto vermelho como tomate como estava agora. As inúmeras tatuagens eram grandes e chamativas e Mônica observava uma a uma e o contraste que faziam com o tom claro de seu peito. Sem pressa, Domenico começou a se vestir, nem parecia que foi baleado horas atrás. Mônica sentia como se estivesse paralisada diante da masculinidade daquele homem de 1,80m à sua frente.

— Já entendi, Mônica. Você me acha um coroa atraente e ficou tentada a tirar vantagem de minha situação vulnerável. Se estivéssemos sozinhos, usaria minha própria gravata para me amarrar na cama para que eu não reagisse. Estou fraco e seria facilmente dominado. Contudo, essa sua fantasia não é uma opção, pois seus amigos estão na sala ao lado e ouviriam meus gemidos à medida que você tentasse abusar de mim. Mas fique tranquila... — disse Domenico já na porta e piscando para ela. — Seu segredo está bem guardado comigo.

Mônica ficou ali parada, não acreditando no que o homem que saiu do quarto acabou de dizer. Ele estava brincando. É claro que não imaginava que

ela seria capaz de fazer algo assim. Não era uma ninfomaníaca. Na verdade, estava o mais longe possível de ser. Sentou-se na cama e viu a gravata de seda preta. Seus dedos ousaram tocar a maciez do tecido e se arrependeu imediatamente, pois teve uma visão nítida dos pulsos dele amarrados no espelho da cama. Levantou-se em um ímpeto e foi até a porta. Parou. Foi até a cama novamente e pegou a gravata. Dobrou o tecido e guardou no bolso do seu jeans antes de deixar o quarto.



SONHADORES, É ISSO QUE SOMOS

— Vou acionar uma das viaturas para que ajudem a socorrer a vítima — disse o agente Gatto já discando um número em seu celular. — Também preciso garantir sua remoção com segurança, Vossa Excelência e, pensando bem, acho que o ideal nesse tiroteio seria conduzir os dois em um

veículo blindado.

— Um veículo blindado aqui? Não está pensando em...

— Exatamente. Um caveirão — confirmou o agente Gatto olhando para Tito. — Precisamos contatar o comando dessa operação e pedir que envie um caveirão para nos socorrer e sairmos daqui em segurança.

— Nada disso! Nada de polícia! — Xandinho se manifestou claramente contrário à ideia. — Nenhum policial vai entrar na minha casa.

— Bem, então sinto te informar que, pelo menos, um policial já entrou na sua casa, rapaz: eu. Agente especial Jonathan Gatto.

Xandinho olhou para Carla que confirmou com a cabeça. Aquela troca de olhares não passou despercebida pelo agente e pelo juiz. Xandinho pareceu fazer uma análise do homem alto à sua frente que usava um terno alinhado e sapatos lustrados ao ponto de refletir o brilho de tão engraxados.

— Ao menos você não está vestido como um. Engomadinho desse jeito parece mais que vai...

— Prossiga — disse o oficial arqueando a sobrancelha ao ver que o rapaz interrompeu o fluxo de suas próprias palavras. — Parece mais que eu vou aonde?

— O que importa é que você não usa farda como os outros milicos e isso faz toda a diferença.

— Respeito o fato de estar em sua casa, mas o meu dever é garantir a segurança do juiz Timóteo Mascarenhas e a integridade de todos também — disse recomeçando a discar o número, o que fez Xandinho avançar alguns passos e encará-lo bem fundo dos olhos e dizer:

— Eu já disse que nenhum caveirão, nem mais nenhum policial entrará nessa casa.

— Vamos todos nos acalmar. — Tito novamente entrevistou — Acharemos uma solução segura. O que mais me preocupa não é sair daqui, é a segurança das pessoas que moram nessa comunidade. Toda operação policial tem um propósito. Isso é comum de acontecer aqui no Muquiço? A comunidade não foi pacificada?

— Pacificada? É sério isso? — perguntou Isabel chegando na sala após deixar Domenico sob os cuidados de Mônica. — Você vive em que planeta, juiz? Estamos em uma favela na periferia carioca. Será que não acompanha os noticiários?

Foi a vez de Tito não gostar do tom de escárnio presente na voz da jovem médica.

— Acho que esse tipo de observação não vai nos ajudar a encontrar uma solução para o problema que temos aqui — disse ele.

O riso de Isabel fez com que ele se voltasse novamente para a moça.

— Posso saber que parte do que eu falei pareceu uma piada para você, doutora?

— Que parte? Tudo. Porque o que o senhor, Meritíssimo, chama de “esse problema”, é o que eu e todos que moramos aqui ou no entorno chamamos de cotidiano. É essa a realidade das pessoas que moram em favelas na nossa cidade maravilhosa.

— Me desculpe se o seu discurso soa um tanto distorcido para mim já que você é médica e optou por morar aqui. Sua situação é a única que me intriga, afinal, mesmo sendo médica residente, ganha o suficiente para morar em um lugar onde não corra risco de vida continuamente.

Xandinho tentou disfarçar o sorriso de contentamento pelo juiz não imaginar que cometeu um grande erro.

Isabel se aproximou do juiz mais ainda e colocou seus óculos no lugar antes de encará-lo de modo ameaçador:

— Deve pensar que me submeter a arriscar a minha vida diariamente é a consequência por não pagar água ou pela energia elétrica que consumimos ser fruto de um velho e bom gato. Afinal, favelados não pagam impostos, não é mesmo? Eu cresci aqui e essa comunidade é o meu lar. Eu permaneço aqui por opção. É minha escolha. Saiba que nesta casa, na casa da Mônica, na minha casa, e no ferro-velho da família da Carla pagamos nossas contas. Entendemos que para exigir os nossos direitos, precisamos honrar nossos deveres. Muitas pessoas como o senhor, que moram no asfalto, sempre taxam quem mora nas favelas como financiadores do tráfico por tirarmos vantagem de furto de energia ou sinal de TV a cabo, por exemplo. Mas nem todo mundo que vive em comunidade é criminoso, Vossa Excelência. Aqui vivem muitas famílias de bem que já compreendem que essa é a atitude certa a tomar. Eu trabalho desde os quinze anos e meus amigos também começaram a trabalhar cedo. É isso que somos. Trabalhadores. É verdade que ainda há muita gente que não age assim. É errado e isso nem é discutível. Mas também não é errado alguém que mora no seu bairro ligar para pedir uma ambulância para socorrer alguém e chegar em minutos e alguém que mora aqui nem tenta ligar mais porque já sabe que a ambulância não vai vir? O sobrenome do nosso país, Vossa Excelência, é desigualdade. Então, não me julgue. Você não tem esse direito.

— Você fala como se eu fosse alheio a essas questões. O voto consciente é uma forma de começar a mudar esse contexto, Dr^a Isabel.

— Ah! Serão os políticos que vão pôr um fim a isso? Ouça! — interrompeu Xandinho levantando o indicador para que prestassem atenção ao barulho dos tiros de balas traçantes que quebrava o silêncio que pairava sobre a

comunidade. — Vivemos no Brasil, juiz. Brasil: um dos países com a maior concentração de renda nas mãos de uma minoria. Nós já ouvimos muitas promessas de melhorias que trarão qualidade de vida para os moradores. Este ano tivemos eleições e, como é de praxe, os candidatos deram as caras por aqui. Eles beijaram as crianças, abraçaram as mães, tiraram selfies com a garotada. Sempre a mesma coisa a cada quatro anos. E quando vão embora, sabe o que deixam para nós? Promessas. E a polícia quando vem aqui para impor a “ordem” e garantir “nossa segurança” nos deixa corpos. Muitas vezes, eu não consigo ver diferença entre a polícia do Rio de Janeiro e os bandidos. E para muitos que moram aqui, na nossa comunidade, não há diferença. Todos são criminosos. Todos matam inocentes. Só que alguns têm o direito de matar garantido pelo Estado.

— Posso saber por que sua resistência em aceitar a colaboração da polícia? — disse Gatto, pouco satisfeito com a forma hostil que o amigo de Carla falava de seus colegas de farda.

— Pode, sim. Se já não é óbvio para você, eu explico. Essa é minha casa. Minha família mora aqui. Não vou expô-los a um risco desnecessário.

O agente Gatto franziu a testa claramente contrariado e argumentou:

— É compreensível que esteja nervoso, mas a situação é grave. Um homem foi baleado. Pessoas podiam ter morrido e...

— Isabel já o examinou e ele já recebeu cuidados e está fora de perigo. Vamos levá-lo ao hospital de outra maneira. Sem participação da polícia.

— Garoto, você...

— Meu nome não é garoto.

— Xandinho, calma... — Carla chegou para apaziguar a situação e se interpôs entre os três homens. — Agente Gatto, meus amigos se deixam levar pelas emoções. Eles levam um certo tempo para aprender a confiar e nossas experiências de vida nos mostraram que a polícia muitas vezes não vem aqui para servir e proteger. Então, é tão simples como escolher o lado dos mocinhos ou dos bandidos? O que o Xandinho quer dizer é que moramos aqui no Muquiço a nossa vida toda ou perto daqui com nossas famílias. Aceitar a ajuda da polícia e sair escoltado é o mesmo que colocar um alvo nas costas. Entende? — E voltando-se para o amigo disse: — Viu, Xandinho. Sem rodeios. Pare de querer arranjar briga por nada. Já chega de violência!

Ele assentiu e fez um gesto com a cabeça para se desculpar com o policial que repetiu o mesmo sinal.

— *Homens* — pensou Carla.

Voltou sua atenção para Isabel que tinha a expressão não menos hostil que seu amigo. Ela colocou a mão em seu ombro dizendo que entendia o

que a médica quis dizer:

— Tito, deixe eu explicar a perspectiva do que Isabel quis dizer em poucas palavras: nós queremos ficar aqui. Este é o nosso lar. Simples assim. Queremos contribuir para que a vida de todas as outras pessoas que moram aqui melhore. Quando éramos crianças, prometemos que se tivéssemos a chance de fazer algo por nossa comunidade faríamos isso. As poucas pessoas que conseguiram uma boa carreira e puderam ajudar, preferiram abandonar o Muquiço sem olhar para trás. Parecem preferir desprezar o passado na comunidade. Como se fosse algo que desejassem esquecer. Eu via como minha mãe ajudava todo mundo e sempre quis a chance de fazer o mesmo. Foi quando eu descobri o curso de Serviço Social e soube que era o que desejava fazer da minha vida. Meu sonho é criar um centro de reciclagem que remunere de forma igualitária todos os catadores de lixo. Meu pai sustentou minha família assim por muito tempo e sempre foi mal gratificado. Esses profissionais muitas vezes são explorados. Quero criar uma cooperativa comprometida com os catadores e com o meio ambiente. Um percentual do lucro de todos seria revertido para qualidade de vida da comunidade. Reforma das escolas, quem sabe a construção de uma creche, remédios para quem precisa e que nunca encontramos no posto de saúde... Existe maior motivação do que ser seu próprio patrão? Trabalhar para você e cuidar da comunidade e do planeta ao mesmo tempo? A Isabel se tornou um exemplo. A nossa primeira médica. Na semana passada, a dona da padaria me disse que a filha passou a estudar mais porque viu que quem estuda tem mais chances de conseguir realizar seus sonhos. Ela quer ser médica igual a Isabel.

Carla olhou para os dois homens que não moravam ali e disse:

— Sonhos. Somos movidos por eles e o que a Isabel sempre quis foi abrir uma clínica que ofereça atendimento médico gratuito e de qualidade para todos, mas que também seja um centro de referência em atendimento a portadores de fibrose cística. Ela se especializou em pneumologia, porque não foi uma ou dez vezes que vimos os pais de Xandinho buscar atendimento para ele quando éramos crianças e não conseguirem. — Sorriu para a amiga que abraçou Xandinho pelo pescoço e recebeu um beijo dele.

— Já o Alexandre ama música! Ele dorme, vive e respira música e é através da música que ele sonha em dar um futuro melhor a jovens que não podem adquirir um instrumento e que dificilmente teriam acesso às aulas de música. A Mônica ainda não decidiu o que quer fazer, mas ela quer fazer algo pelas pessoas daqui do Muquiço. Sonhadores. É isso que somos, Tito. Sonhos são nosso legado, nossa herança. Por isso, nós queremos ficar e ajudar quem precisa, porque se todos que podem ajudar, partirem, como outras crianças vão sonhar em ser assistentes sociais, médicos, músicos ou quaisquer que sejam os

sonhos que guardam no coração?

Tito assentiu compreendendo a posição dos amigos. Eles falavam da realidade em que estavam inseridos, já o olhar do juiz era de um observador de fora. Quando Tito desejou se tornar juiz, ele pensava em lutar para assegurar que a justiça alcançasse o maior número de pessoas possível através dele. Esses jovens pensavam em justiça social para o lugar onde cresceram. Um lugar onde as ações do poder público eram praticamente nulas, mas que apesar de todas as carências era especial para eles. Aquela comunidade era o lar deles.

Tanto o juiz como o oficial compreenderam o que aquela comunidade significava para aqueles jovens e nada mais precisou ser dito.

Horas depois, os tiros cessaram e eles foram à UPA mais próxima na Kombi de seu Amauri com Isabel dirigindo. A jovem médica fez questão que Carla, o juiz Timóteo, Domenico e o agente Gatto recebessem atendimento médico. Felizmente, havia um médico de plantão naquele fim de tarde.

Tito não saiu de perto de Carla até o pai e o irmão dela chegarem. Depois partiu com Gatto, após ela recusar que um de seus seguranças os escoltasse de volta para casa, mas garantiu que ligaria para ela no dia seguinte. Pouco depois, Dante também chegou de muletas e com a expressão tensa no rosto.

Não viu mais ninguém. Apenas Carla. E quando a abraçou e a reteve em seus braços pôde respirar tranquilo, sabendo que ela estava bem.

— Estou bem, Dante. De verdade. Graças a Deus! Estamos todos bem. O Nico foi baleado, mas felizmente de raspão.

— Foi só uma fatalidade, Sr. Albertine. Não há com o que se preocupar. Amanhã já estarei de volta ao trabalho — disse após ser liberado, entrando no carro da Albertine Construções que o levou até ali.

— Não. Você precisa repousar. — Dante foi categórico, mas desanuviando a expressão logo em seguida disse: — Domenico, eu nem sei como agradecer por sua lealdade, a Carla me contou que você levou tiros salvando a vida dela...

— Eu só fiz o meu trabalho, senhor.

— Não, você fez muito mais do que o seu trabalho. Eu terei uma dívida eterna com você.

— O pai e o irmão dela me disseram a mesma coisa, mas não quero que se sintam assim. Após uma boa noite de sono já estarei 100% recuperado.

— Teimoso, se cuida. Está bem? — disse Isabel ao se despedir de Domenico. — E aparece lá no Muquiço no sábado, vai ser aniversário da Mônica. Não sei por que, mas acho que ela vai adorar te ver depois de tudo aquilo que disse para ela.

O motorista fez cara de desentendido, mas Isabel se limitou a dizer:

— A babá eletrônica estava ligada, parceiro — disse Xandinho.

— E digamos que a conversa de vocês nos entreteve durante o tiroteio — completou Isabel.

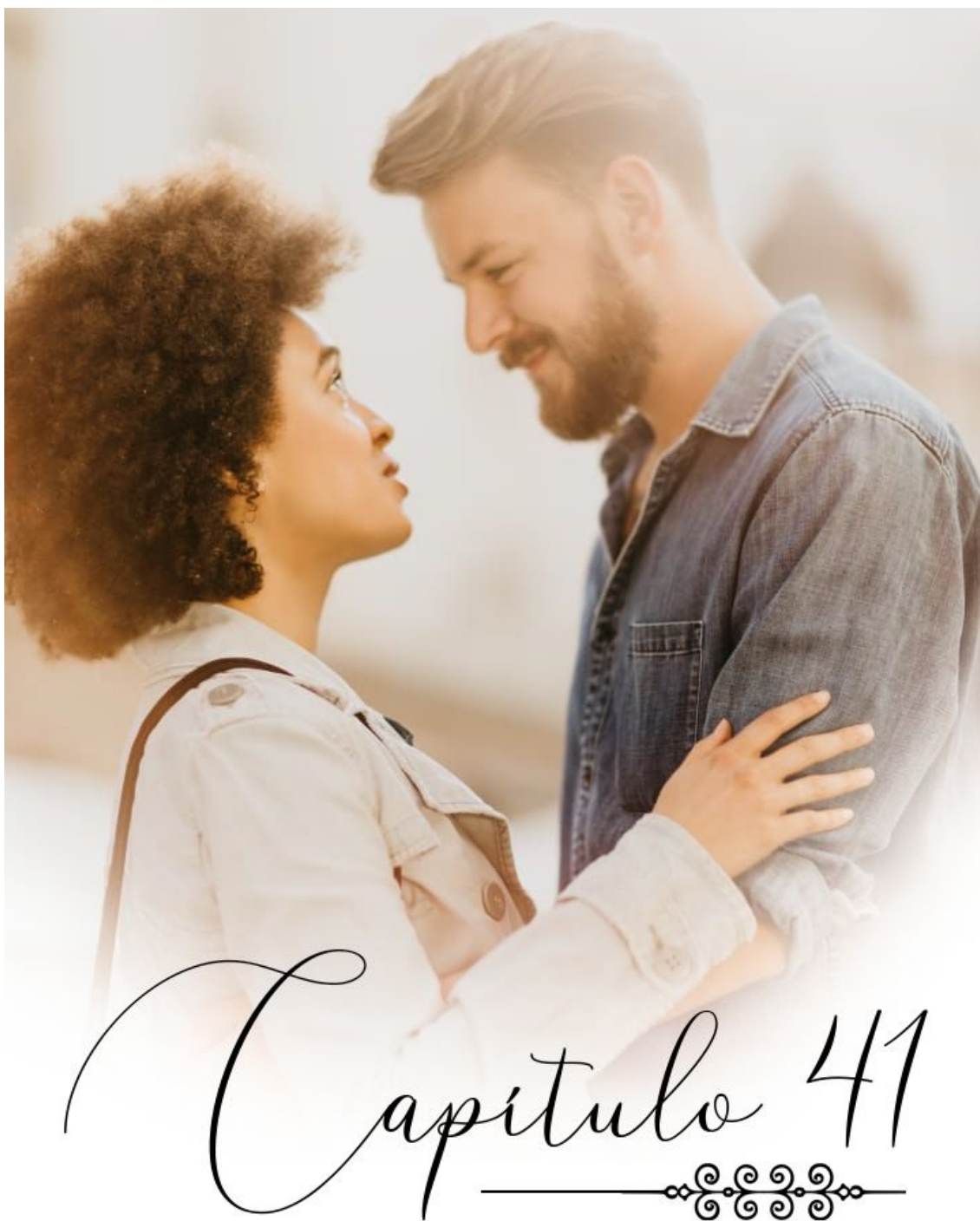
— E achamos que vocês fazem um belo casal, mas pisa no freio com aquele papo de amarrar na cama e tudo mais, Christian Grey. E, a propósito, onde está sua gravata? — perguntou Carla dando um beijo no motorista antes de fechar a porta do carro e ver o sorriso que Domenico abriu. Dante não entendeu nada, mas Carla lhe deu um beijo longo e carinhoso. Qualquer outra coisa logo perdeu a importância.

— Vamos à praia amanhã? — perguntou Dante, mas o que queria mesmo era ficar mais tempo com ela. Ideia do Hélio.

— Eu adoraria.

— Leve sua família. E seus amigos também estão convidados.

Todos os acontecimentos daquele dia e a expectativa do dia seguinte nem deixaram Carla dormir naquela noite, mas o que ela não sabia — o que nenhum deles sabia — é que o destino reservava mais uma reviravolta em suas vidas.



VOCÊ JÁ ME DEU O MUNDO. VOCÊ É O MEU MUNDO.

Dante se lembrava daquele dia mais cedo na praia. Foi a primeira vez que Carla veio até sua casa. Ela gostou de saber que ele construiu boa parte da propriedade e se perdeu algumas vezes lá dentro. Hélio se divertiu todas as

vezes que isso aconteceu e acabaram brincando de esconde-esconde. Seu filho caçula estava feliz. Ouvia o riso de Hélio e Carla pela casa, queria estar recuperado e desejou poder se juntar a eles naquela brincadeira. Carla veio sozinha. Seus amigos tinham compromisso de trabalho e não puderam ir. Ela não revelou o motivo de seu pai, seu irmão e seu sobrinho não terem ido e Dante respeitou o silêncio dela.

Passaram boa parte do dia na praia. Aquiles era mais reservado, mas foi gentil e atencioso com ela. Dante não pôde fugir das lembranças da última vez que viu seu irmão, mas com Carla e os filhos ao seu lado, tentou focar em construir novas lembranças. Jantaram em casa. Pediram pizza e comeram assistindo a um jogo de basquete que parecia ser a grande paixão da família Albertine. Carla não entendia praticamente nada das regras e Aquiles e Hélio explicaram para ela. A alegria de ter Aquiles, Hélio e Carla ao seu lado tornou aquele dia inesquecível para Dante.

O filho caçula acabou dormindo antes do fim da partida de basquete e Aquiles o levou para o quarto. Dante beijou os dois com carinho e desejou boa noite. Aquiles sairia com alguns amigos que foram buscá-lo meia hora após o fim do jogo. Dormiria fora e no dia seguinte pretendia ir ao Maracanã assistir a um jogo de futebol. Ouviu as recomendações do pai e se despediu de Carla dizendo que gostou muito de conhecê-la melhor.

Dante terminava de escovar os dentes quando ouviu as batidas leves na porta. Agora já estava familiarizado com as muletas e facilmente chegou até sua cama e, considerando que tinha visita em casa, achou que era de bom tom não atender nu da cintura para cima, uma vez que vestia apenas uma bermuda de um pijama.

— Só um minuto, por favor.

Foi ao closet e vestiu a primeira camisa que encontrou ao abrir um dos armários. Riu ao ver que era uma das dezenas de camisas brancas com o logo da Albertine Construções que Valdelice sempre distribuía no aniversário da empresa. Qual não foi sua surpresa quando abriu a porta e viu Carla descalça e com um travesseiro debaixo do braço.

— Vida, está tudo bem? Precisa de alguma...

— Vim dormir com você.

A afirmação não soou como uma consulta e sim como um comunicado, o que o fez ficar parado com a porta aberta vendo Carla vestida com um robe curto, acima dos joelhos, de pé ali diante dele. Era a segunda vez no mesmo dia que a via com tão pouca roupa. Houve alguns momentos, mais cedo na praia, que tinham sido um verdadeiro suplício. Agora ela vinha seminua para seu quarto no meio da noite.

— Carla, eu não acho que esta seja uma boa ideia... — Enfim conseguiu recuperar sua voz.

— Pois eu acho. Não vejo por que temos que dormir em quartos separados — disse ela entrando sem esperar o convite dele e, enlaçando seu pescoço, beijou seu queixo e depois sua boca com suavidade. Dante correspondeu e a abraçou também. Pensava nela dormindo no último quarto daquele andar enquanto o que realmente queria era tê-la ali ao seu lado, mas estava determinado a ser paciente. Só haveria intimidade entre eles quando tivesse certeza que Carla o desejava como ele a desejava e isso só aconteceria quando ela superasse o trauma que sofreu no passado. Ele sentia que precisava ser paciente e seria. Por ela. Por sua Carla. Ela só precisava colaborar com ele e parar de alisar seu peito daquela maneira.

— Amor, o que pensa que está fazendo? — disse após receber outro beijo dela.

— Dante, eu já disse. Vim dormir com você. — Vendo a cama dele, abriu um sorriso. — Que cama linda e... grande. Nossa, ela é enorme! Bem melhor do que a do hospital, apesar de ter gostado muito dela ser estreita e de poder ficar agarradinha com você

— Eu também adorei dormir com você, Vida, e também sinto sua falta.

A observou surpreso ir até o abajur que estava apagado e acender a luz. Deixando os dois acesos.

— Prefiro assim — disse já se acomodando na cama dele. Quero ver bem você. Estou dormindo mal há semanas por sua culpa.

— Minha culpa? — questionou ele sem compreender e cruzando os braços sobre o peito para tentar não ceder ao impulso do que suas mãos desejavam fazer. — Como assim, Vida?

— Exatamente. Eu me acostumei a dormir ouvindo a sua respiração, as batidas do seu coração e fazendo seu braço de travesseiro, por isso não durmo bem desde que você teve alta do hospital, Dante — disse ela levantando o lençol e já se deitando na cama. — E como estamos dormindo sob o mesmo teto não vejo motivo para não dormirmos agora no mesmo quarto.

Com um sorriso convidativo, ela deu algumas batidinhas no colchão o convidando a fazer o mesmo e juntar-se a ela.

— Vida, eu não acho que seja apropriado ainda. Conversamos a respeito, não foi?

— Sim, conversamos. Você falou. Eu ouvi, mas não me lembro de ter concordado. E afinal de contas, nós somos namorados, certo?

— Somos.

— Você disse que me ama...

— Sim, eu disse e é como me sinto. Eu te amo muito, Carla, por isso não quero que pense que precisamos apressar as coisas por eu ser um homem maduro e...

Carla se ajoelhou sobre a cama e tirou o robe, deixando que ele visse a camisola extremamente curta e sensual que usava por baixo dele. Era de um tom perolado e se moldava perfeitamente as curvas de seu busto e cintura para cair solta nos quadris. Dante ficou sem palavras. Apenas contemplou por longos segundos o corpo da única mulher no mundo que ocupava seus pensamentos dia e noite e que fazia seus batimentos cardíacos se assemelharem ao de um adolescente apaixonado.

— Gostou? Eu comprei pensando em você, sabia?

— Vida...

— Dante, eu pensei que fosse gostar — disse fazendo-se de desentendida ao ver como ele não desviava os olhos nem por um segundo de seu corpo.

— Gostar? Eu adorei, Vida! Acho que é uma das visões mais lindas que já vi. Você é... — Buscou as palavras que poderiam descrever a beleza de sua amada e demorou a encontrá-las.

— O que, Dante? O que eu sou? Como você me vê? — Instigou ela vendo que tinha alcançado seu objetivo indo até o quarto dele, pois Dante, enfim, se aproximava e sentava-se ao lado dela na cama.

— Você é mais que bonita, meu amor. Eu não entendo ainda o efeito que causa em mim. Você faz eu me sentir um tolo, às vezes.

— Um tolo, Dante? Como assim? — disse ela, enfim, o tocando e beijando de leve seus lábios e descendo suavemente por sua barba, até alcançar a curva do pescoço. — Por que um tolo? Me explica — sussurrou ela, antes de morder o lóbulo de sua orelha.

— Sabe que isso não é justo, Vida.

— O quê? Eu querer dormir na mesma cama que você? Não vejo nada de errado nisso.

— Carla, eu te desejo muito. Não pense nem por um minuto o contrário. Mas sei pelo que passou e sinto que não está pronta para dar esse passo — disse afastando-a um pouco para tentar recobrar seu domínio próprio que estava por um fio, o que era óbvio para os dois pela forma como a ereção dele já estava aparente. Dante a desejava ardentemente e tudo que mais queria naquele momento era fazê-la sua e se encontrava em um dilema entre o que queria fazer e o que julgava ser o melhor para Carla.

— Dante, eu não tenho medo de você. Sei que jamais me faria mal

algum. Eu quero só o que é meu.

— Como assim? — perguntou sem entender o que ela queria dizer. Olhava-a agora diretamente nos olhos castanhos e foi presenteado com o sorriso no qual se viciou e que o excitava e enternecia ao mesmo tempo.

— Eu quero o meu Dante — disse ela se aproximando e tocando o peito dele.

— Vida, eu sou seu... sabe disso... — disse ele sentindo um prazer crescente aquecer seu corpo à medida que ela afastava o tecido da camisa do pijama para sentir o toque quente de sua pele. Ele sorriu para ela e encostou a testa na de Carla e ficou assim, desfrutando da carícia que minava seu autocontrole. Os dedos dela deixavam um rastro de calor que despertaram todos os sentidos de Dante Albertine.

— Não devia ter deixado você entrar.

— Mas você não deixou. Eu entrei sem ser convidada. Esqueceu?

Ele riu antes de dizer:

— Quando eu digo que posso esperar para que seja minha, eu estou sendo sincero. Eu respeito você, meu amor. Respeitarei o seu tempo

— Eu sei disso, Dante. E não estou pedindo que me desrespeite. O que estou pedindo é que me deixe ficar aqui. Não me rejeite.

— Nunca! — afirmou enfaticamente fazendo com que ela olhasse no fundo de seus olhos. — Eu não estou te rejeitando. Como poderia se você é tudo que eu mais quero?

— Então, estamos de acordo. Vem — disse ela segurando a mão dele e o puxando para o seu lado na cama.

— Tudo bem. Vamos dormir, então... — disse ele rindo quando ela o beijou.

O beijo foi doce, mas ardente e apaixonado ao mesmo tempo. Ela passeou a mão pela barra da camisa dele e começou a puxar para cima para tirá-la, mas Dante segurou sua mão, demonstrando que achava melhor manter-se vestido.

— Vai ser bom. Acredite. Vou cuidar de você com muito carinho. Serei gentil. Eu prometo — sussurrou ela de forma tão sensual no ouvido dele que Dante sabia que havia perdido aquela batalha. E estava feliz por ela ter vencido.

— É mesmo? — respondeu ele cada vez mais excitado e se divertindo intimamente em como ela invertia os papéis. — E o que tem em mente, meu amor?

Carla sorriu vencedora e, o fazendo deitar, curvou-se sobre ele e adorou quando Dante instintivamente enlaçou as mãos em sua cintura e a trouxe

para mais junto de si. Seus olhares se encontraram e um compreendeu a mensagem silenciosa que estava nítida ali: amor, desejo, cumplicidade.

— Agora é sua vez — disse ela levantando os braços. — Me ajuda a tirar minha camisola?

— Por que estou com a sensação de que você quer me seduzir? — disse ele obedecendo e ficando embevecido com a visão de Carla só de calcinha e sutiã em sua cama.

O quarto bem iluminado permitiu que ele visse cada detalhe da silhueta de Carla. A curva acentuada da cintura e a forma como se ampliava nos quadris bem desenhados. Dante se viu desejando que ela não usasse sutiã por baixo da camisola. Os seios dela eram pequenos e delicados e ele achou desnecessário, pois eram firmes, não precisavam de sustentação. Conhecia medidas e proporções como ninguém e sorriu hipnotizado por ter certeza que caberiam perfeitamente em suas mãos. Imaginou a sensação de ter suas mãos preenchidas pela maciez deles. Imaginou como seria maravilhoso senti-los quentes em sua boca.

— Dante? — Ela sorria com a sobrancelha arqueada e o olhava como se esperasse por uma resposta.

— Desculpe... Acho que me distraí, Vida. — Ele pigarreou sem graça, pois sabia que sua expressão denunciava o que se passava em sua mente. Afinal, ele não era de ferro e ela estava tornando tudo mais difícil para ele. — Você disse alguma coisa?

— Perguntei se você não prefere tirar a bermuda para que eu possa fazer uma massagem. Assim você vai relaxar. Parece estar tão tenso.

— Carla, se eu tirar a minha roupa...

— Eu também tiro a minha, é isso que está pensando, não é?

Ele sorriu e assentiu.

— E você está completamente certo! E agora roupas serão um empecilho para o que tenho em mente. Não era isso que queria saber? O que eu pretendia vindo aqui? Pois eu te respondo: eu quero você, Dante.

— Você está querendo me agradecer por achar que é isso que eu quero.

— Dante, não é isso que você quer? Não me quer beijando cada pedacinho seu e descobrir se você tem outros sinais de nascença que eu não consegui ver na praia? Não quer também me fazer completamente sua?

Dante pôde vislumbrar os lábios de Carla percorrendo seu corpo e isso trouxe um sorriso aos seus lábios e acendeu ainda mais o calor que já o incendiava por vê-la seminua ali.

— Eu quero tudo isso. Quero muito.

— Então, eu também quero porque eu te amo, Dante.

Aquela foi a primeira vez que ela disse que o amava. E o sorriso mais lindo que ela já viu em toda sua vida se abriu diante dela.

Ele apossou-se dos lábios de Carla em um beijo quente e apaixonado. Seus braços circundaram a cintura dela e a estreitaram como se desejasse fundir-se a ela, tamanho era o desejo que o tomava.

— Eu temi jamais ouvir estas palavras. Não faz ideia do quanto me fez feliz, Carla. Eu te amo como nunca pensei que seria capaz de amar alguém. Eu quero te dar o mundo, meu amor.

— Dante...

— O que, Vida?

— Você já me deu o mundo. Você é o meu mundo.

— E você é o meu. — Ele disse a trazendo novamente para deitar-se em seu peito desnudo.

Carla roçou de leve os lábios nos de Dante e sentiu a barba dele com os lábios. Subiu dando leves beijos em sua fronte, seguindo por seus olhos que ele fechou para sentir melhor os lábios dela.

— Prefere dormir de luz acesa?

— Nós não vamos dormir — disse ela contrariada e o fazendo rir.

— Eu sei, meu amor. Você está no controle. Sou seu. Mas lembro bem de você dizer que dormiu mal essas últimas semanas...

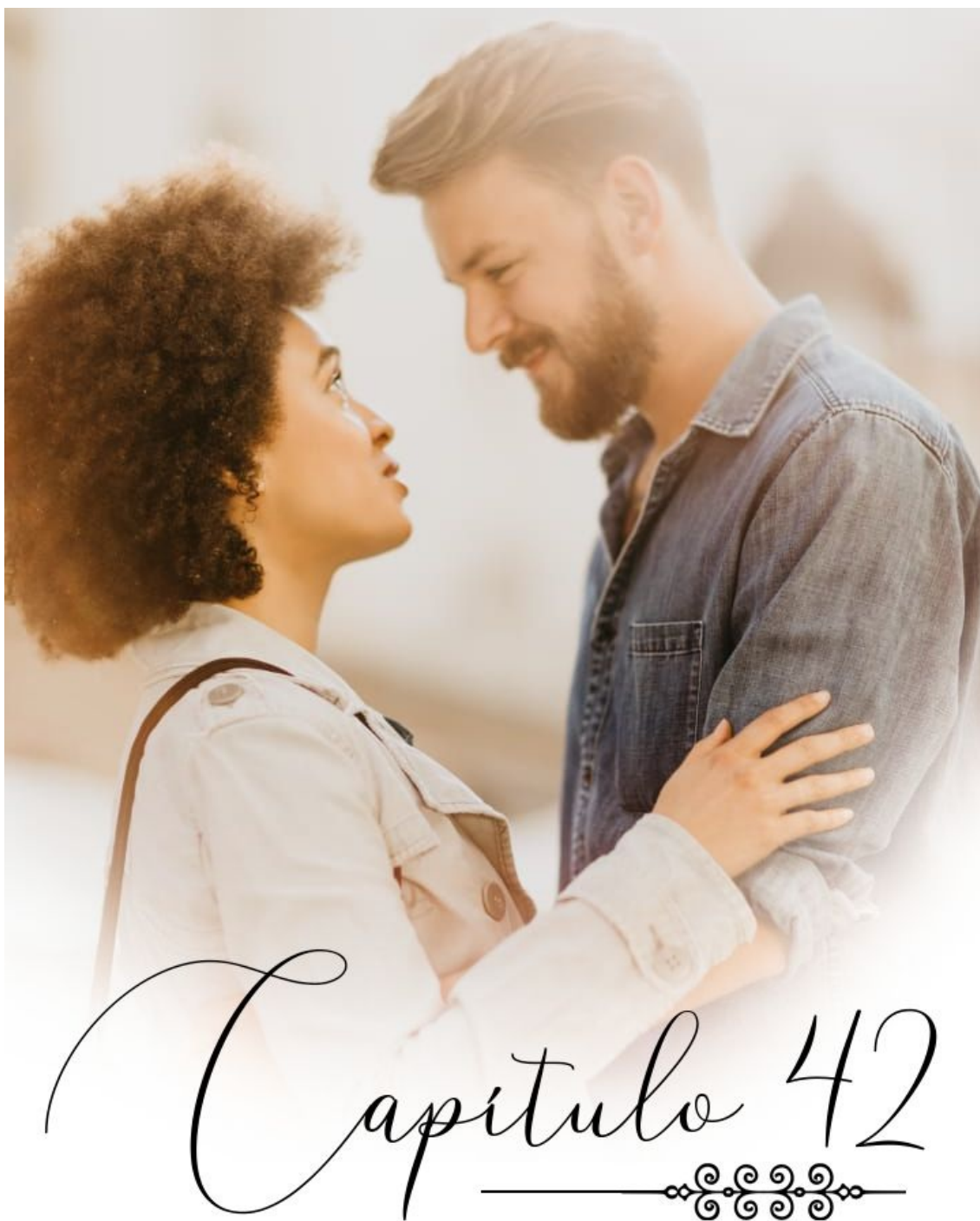
— Ok. Quis dizer que não vamos dormir agora. Vamos namorar bastante e depois, muito depois, vamos dormir.

Ela desceu a mão sobre a bermuda dele e uma onda de calor o assaltou. Dante sentiu que precisava fazer algo antes de compartilharem a primeira noite de amor e, a afastando gentilmente, nem precisou do apoio das muletas. Com um certo esforço e muito cuidado com o pé imobilizado, ele se pôs de joelhos e disse:

— Carla, eu desejei muito ter a certeza do seu amor. Eu sentia em cada toque. Em cada beijo. Em cada atitude de carinho com meus filhos, mas eu precisava ouvir da sua boca. Prometi a mim mesmo que se a vida me desse essa chance de ter você ao meu lado que eu não desperdiçaria mais tempo. Aprendemos de um modo muito difícil que cada dia deve ser vivido plenamente, porque acordar vivo já é um presente. E eu quero acordar e dormir ao lado da mulher que amo e ser presenteado pelo resto da minha vida com a chance de amá-la cada vez mais.

— Dante, você...

— Eu estou te pedindo em casamento, Carla Faustino. Quer se casar comigo, Vida?



Capítulo 42

FELIZ ANIVERSÁRIO ATRASADO

Esse homem tão especial quer se casar comigo? — pensava Carla vendo Dante de joelhos aguardando sua resposta.

— Dante, como pode saber que eu sou a pessoa certa? Quer dizer... nos conhecemos há poucos meses...

— Eu simplesmente sinto, Carla. Eu sei exatamente o que eu quero. Eu te amo de uma forma que nunca imaginei ser possível amar uma mulher. Você é a mulher com quem desejo dividir a minha vida. Só de estar ao seu lado me sinto feliz e isso é tão inesperadamente novo e bom... Mas não quero que se sinta pressionada a aceitar meu pedido. Eu sou um homem que, em breve, completará quarenta anos, Carla. É uma diferença de idade considerável. Sei disso... — Ver Dante transparecer um pouco de insegurança a deixou ainda mais comovida. Ela queria dizer sim, mas sentia que ainda não era o momento de dar um passo como aquele.

— Dante, nossa diferença de idade não é a questão. Na verdade, acho super charmoso você já ter alguns fios grisalhos. Te deixa ainda mais atraente. Eu te amo, mas só entendi o que sinto por você recentemente. Não tenho dúvidas de que quero você na minha vida, mas eu também preciso conquistar outros objetivos na minha vida antes. Entende?

Ele assentiu com a cabeça e apoiando-se na cama se pôs de pé e sentou ao lado de Carla. Quando Carla dizia que o amava a felicidade que sentia chegava a ser quase palpável, mas agora essa felicidade estava misturada a um forte sentimento de rejeição.

— Não quer se casar comigo. — Dante afirmou ainda com a caixa de veludo, que continha o anel, aberta.

— Eu não disse que não quero me casar com você, Dante.

— Mas também não disse que quer, Vida.

Ele olhava para o anel, mas Carla delicadamente o fez virar o rosto para que olhassem nos olhos um do outro. Carla retirou a caixinha de veludo azul-turquesa das mãos dele e apreciou a joia.

— É tão lindo, Dante! Eu amei que tenha comprado essa aliança pensando em mim. — Sorrindo, ela acariciou a barba dele e depositou um beijo suave em seus lábios, mas viu que não ter dito *sim* o deixou sem saber como se comportar. Foi a primeira vez que ela percebeu que Dante se sentia constrangido perto dela e isso apertou o coração de Carla. Ele achava que ela o estava rejeitando.

Carla se levantou, fechando a caixinha da joia e colocando sobre um aparador próximo. — Eu não disse que não quero me casar com você. O que eu estou dizendo é que podemos esperar um pouco mais.

— Não precisa se justificar, Carla. Eu me precipitei. Geralmente, não permito que minhas emoções me conduzam e...

— Ei! Nada disso! Meu amor, eu quero que sempre me diga como você se sente e que nunca se sinta receoso ou inseguro de falar sobre nenhum assunto comigo. Passamos por tanta coisa como você mesmo disse. Tudo que

aconteceu conosco foi intenso demais. E da mesma forma, o que sentimos um pelo outro é grandioso. É forte e puro. Dante, eu te amo. Eu te desejo. Eu quero você como meu homem, meu amigo, meu amor, mas quero te conhecer melhor e quero que você me conheça também — disse colocando o almofadão aos pés da cama e se ajoelhando entre as pernas dele para assim poder ficar de frente para o Dante, pois ainda sentia que a alegria dele, de momentos atrás, parecia ter se apagado de seu rosto. — Me deixa explicar de outra forma. Você disse que logo completará quarenta anos, não é mesmo? Reflita sobre todas as conquistas e realizações que te trouxeram até esse momento da sua vida. Você é um empresário de sucesso. Um engenheiro brilhante. E, principalmente, você é um homem admiravelmente bom! Minhas pretensões não são tão grandiosas, mas eu sonho em conseguir me formar como assistente social e tenho projetos que espero concretizar depois disso. Compreende agora, meu amor? Eu não estou dizendo não ao seu pedido. Como eu poderia dizer não a um pedido de casamento do homem que eu amo se o que temos é tão precioso para mim? Eu quero estar com você todo o tempo. Eu penso em você toda hora. Me sinto até meio boba por não conseguir me concentrar por muito tempo em nada, porque logo esse seu rosto lindo aparece e ocupa todos os meus pensamentos. Nós estamos juntos e poucos minutos atrás eu, literalmente, estava para me entregar a você. Não tive dúvidas. Não me senti apreensiva. Muito menos senti medo. — Ela sorriu e aquele sorriso sempre trazia tanta paz a ele. Ela o fascinava e Dante não conseguia desviar o olhar da mulher que tanto amava. — E quando você me olha como está me olhando agora, me sinto como nunca me senti antes: me sinto completa, Dante. E eu só me sinto assim quando estou com você. Sempre que penso em nossas vidas, em nossos mundos e em tudo que passamos juntos... qual seria a probabilidade de nos apaixonarmos, meu amor?

Dante adorou ouvir cada palavra dita por ela e entendia agora como Carla se sentia. Ela sorriu para ele quando Dante colocou um cacho de seu cabelo atrás da orelha e encostou a testa na de sua amada.

— Então, quer dizer que...

— Estou dizendo que a minha resposta para se quero ser sua esposa sempre será sim. Sim, porque eu te amo. Sim, porque eu não imagino dividir minha vida com mais ninguém. Sim, porque vou me divertir muito te dando uma canseira toda noite nesta cama e até pela manhã, o que nos fará chegar atrasados no trabalho quase sempre — disse Carla arrancando um riso dele, mas logo sua expressão assumiu o tom sério e ela concluiu: — Mas, sim, principalmente, porque seu coração me escolheu e o meu coração te escolheu, Dante. Apesar da nossa história de amor ser uma das mais improváveis e, de muitas vezes, parecer que o universo virou de cabeça para baixo quando a probabilidade mais

improvável de Carla Faustino e Dante Albertine se apaixonarem deixou de ser uma remota hipótese para se tornar realidade.

Após ouvir tudo isso, Dante só desejou poder senti-la ainda mais perto dele, a abraçou e a manteve em seus braços por longos minutos.

— Você está certa, Vida. Tudo se resume a escolha. Não uma escolha consciente, mas a escolha feita por nossos corações. Pertencemos um ao outro, porque escolhemos pertencer um ao outro. Somos a Carla do Dante e o Dante da Carla. Eu nunca estive tão feliz e você é a razão da minha felicidade. Vou esperar o tempo que for preciso, porque eu amo tudo em você, Carla. Amo até quando me faz perceber que estou agindo como um idiota, porque me faz desejar ver o mundo pelos seus olhos porque eles refletem o amor que transborda em seu coração.

Carla chorava e nem percebia que as lágrimas desciam por seu rosto até Dante secá-las gentilmente com os dedos e, não satisfeito, com os próprios lábios.

— Sabe que me faz mal ver você chorando, Vida — disse Dante a abraçando ainda mais forte.

— Eu estou bem, Dante. Estou me sentindo tão feliz... Queria apenas que a minha mãe pudesse conhecer o homem maravilhoso que um dia será meu marido — disse ela com a voz embargada de emoção por ele ter compreendido que jamais o rejeitaria.

— E você será a minha esposa, Vida. Eu também queria muito ter conhecido a D. Miriam, mas ela sempre fez parte de quem você é, Carla. Considerando o que me contou sobre a mulher de caráter que ela foi, seria uma grande honra ter conhecido a minha sogra. — Repentinamente, como se se lembrasse de algo importante, Dante ajudou Carla a ficar de pé e também se levantou, tendo uma das muletas como apoio. Vê-la chorando o afetava muito, pois sabia o quanto ela sentia falta da mãe. Venha comigo, Vida.

— O que foi, amor? Aonde vamos?

— Digamos que é uma surpresa. Vou pedir que feche os olhos.

— Dante, mais uma surpresa? — disse secando o rosto e o olhando desconfiada. — E por que tenho que fechar os olhos?

— Confia em mim? — Dante respondeu e pelo tom de voz, Carla percebeu que ele estava se divertindo e ficou feliz novamente.

— Sempre, meu amor.

— Pois bem. Preciso que caminhe devagar porque só assim posso te guiar com esta muleta. Coloque a mão no meu ombro que eu te levo até a surpresa.

Carla ria de si mesma e de Dante, pois pareciam crianças brincando,

enquanto a conduzia indicando as escadas e outros obstáculos que deveria evitar.

— Vai me deixar ver quando? Não seria melhor que eu fechasse os olhos só quando estivesse perto da surpresa?

— Já estamos chegando, curiosa. Assim o suspense torna tudo mais interessante. Só mais alguns minutos. — Ele caminhava ainda com o apoio de uma das muletas e conduzia Carla pela mão e ela tinha a impressão que já haviam cruzado metade da mansão e não chegavam ao destino.

— Há quatro degraus agora, Vida. Cuidado. — Dante a guiou e Carla ouviu o barulho de um interruptor e em seguida ele disse:

— Chegamos. Agora você pode ver.

Não foi preciso que ele repetisse, Carla abriu os olhos e ficou sem palavras diante do belíssimo carro com um enorme laço de fita cor-de-rosa no capô.

— Feliz aniversário atrasado, meu amor — sussurrou Dante em seu ouvido.

— Dante... como soube que meu aniversário...

— Eu vi sua ficha no seu quarto de hospital, enquanto você esteve inconsciente. Tentava entender o que aqueles dados clínicos significavam e por que você não acordava. Foi quando eu vi sua data de nascimento. Você fez aniversário no dia da festa de inauguração da nova sede da Construtora, Carla. Pensei a respeito e logo entendi por que preferiu trabalhar no seu aniversário. Sua mãe partiu no seu aniversário. Você me contou.

— Foi por isso, sim. Nunca gostei de comemorar meu aniversário por conta disso, Dante — disse, mas dessa vez sem tristeza, apenas com saudade.

— E o que achou do seu presente? — perguntou Dante atento a cada reação dela.

Carla olhou do carro para Dante e depois para o carro de novo.

— E-Eu nem sei o que dizer... Está mesmo me dando um carro? Este carro?

— Sim, Vida. Me diga, você gostou? — Quis confirmar vendo a expressão perplexa no rosto de Carla.

— Se eu gostei? Quer saber se eu gostei de ganhar uma Range Rover? Um carro com ajuste automático da altura de acesso; com rodas de 21 polegadas com 5 raios divididos no “Estilo 5005” e acabamento Dark Grey; com sistema de navegação e mil outras funcionalidades? Sabia que o acionamento da tampa do porta-malas desse carro é feito por gestos? Ele tem faróis Pixel Laser LED com assinatura DRL. Top de linha e...

— Devo entender que isso foi um sim? Você gostou do presente de

aniversário, Vida?

O conhecimento dela sobre carros sempre o surpreendia. Vê-la observar aquele veículo tão impressionada e correr os dedos por ele quase embevecida com cada detalhe que encontrava fez Dante ver que acertou no presente.

— Ele é magnífico! Eu amei, Dante! É um carro incrível! Eu não deveria aceitar, mas como posso dizer não a esse motor a diesel. O torque desse carro é de outro mundo! Os ingleses sabiam o que estavam fazendo quando criaram essa obra-prima. Ai... Meu Deus! — Carla abriu o maior sorriso do mundo e pulou no pescoço de Dante de tanta alegria. Ele quase se desequilibrou, mas riu do entusiasmo que Carla não escondia.

— Suas chaves. — Dante lhe entregou um chaveiro que despertou a atenção de Carla. Ele era de madeira e tinha algo entalhado. Ela viu um pássaro pousado sobre um aquário se inclinando para tocar gentilmente um peixe na borda.

— Somos... nós? — Ela mal acreditou na gentileza daquele gesto.

— Sim. Somos nós, meu amor.

— Você saiu do seu ninho para entrar no meu mundo. — Analisou a imagem no chaveiro se sentindo emocionada.

— E foi uma das melhores decisões que tomei na vida.

O coração de Carla batia acelerado no peito. Parecia que ele iria explodir de alegria. Ela definitivamente se sentiu em dúvida sobre qual presente mais gostou: o carro ou o chaveiro com aquela linda inscrição entalhada.

Foi quando seus olhares se encontraram e Carla sabia exatamente o que queria fazer naquele momento.

— Vamos conhecer o carro por dentro? — disse estendendo a mão para ele, mas Dante estranhou ela entrar no banco traseiro, porém a seguiu.

— Não quer dirigir um pouco e dar uma volta pelo jardim para sentir o seu carro?

— Não. Eu quero sentir o carro de outra forma — respondeu deixando claras suas intenções.

O sorriso que ela dirigiu a Dante dizia tudo que se passava pela cabeça de Carla. Ele desejava o mesmo, então sorriu cúmplice quando ela acariciou o rosto dele e, se enfiando entre os dois bancos da frente, ligou o rádio e foi pulando as estações até encontrar algo que a agradasse.

A canção “*When a man loves a woman*”^[3] na voz poderosa de Michael Bolton invadiu suavemente o interior do veículo e Carla disse:

— Agora, me deixe agradecer apropriadamente por esses lindos presentes, meu amor — sussurrou ela em seu ouvido, descendo por seu pescoço

onde beijou e mordeu sem se preocupar se deixaria marca. Para Dante, aquilo também tão pouco importava.

— E o que tem em mente, Vida? — disse ele adorando aquele jogo de sedução.

Ela não poderia mais ficar sem beijá-lo e então buscou experimentar o sabor adocicado da língua dele no qual ela já se sentia dependente. Pressionou seu corpo ao encontro do dele e o calor que ele emanava a aqueceu por completo. Carla achava que nunca compreenderia como um beijo podia ter aquele efeito avassalador sobre ela, mas não compreender devia ser o que tornava tudo tão mágico e especial entre eles.

— Vida, vamos mesmo fazer amor aqui?

— Por que não? — Ela perguntava, mas não deixava de acariciá-lo nem por um momento. Passava os dedos por dentro da camisa dele e estimulava os mamilos, despertando nele outras reações. Ela se sentia extremamente corajosa naquela noite.

— Dentro do carro? — Ele questionou e soltou um gemido quando ela se pôs a estimular seu membro já teso dentro da bermuda do pijama.

— Já estivemos confinados em espaços muito menores — respondeu terminando de tirar a camisa dele, com um sorriso atrevido. Quando sentiu o membro de Dante pulsar em sua mão, Carla percebeu como ele estava excitado, mas, ao mesmo tempo, algo o fazia reprimir seus instintos.

— Vamos voltar para o quarto. — Ele conseguiu dizer enquanto ela ainda acariciava sua ereção.

— Eu não posso mais esperar, Dante. — A frase soou como se lhe fizesse um pedido.

— Não? — sussurrou ele em seu ouvido e sabendo que se sentia da mesma forma.

— Eu preciso de você agora... — Foi a resposta imediata dela. Ela sabia que o que houve em seu passado era o que o fazia se preocupar e Carla quis deixar claro que o que houve ficou no passado. Nenhuma lembrança ruim iria se colocar entre eles naquele momento. — Tomaremos cuidado com seu pé... Depois repetiremos no seu quarto e em qualquer outro lugar que você preferir. Eu estou bem. Estou com você. Então estou segura, meu amor. Por favor, não me faça implorar...

— Nunca, meu amor. Nunca farei isso!

Em um instante, Carla estava sentada no colo de Dante com as pernas posicionadas de cada lado dele. Ele tomou os lábios dela como desejava fazer há tanto tempo e o desejo crescente a fez sentir arrepios por todo corpo. Ela adorou conhecer aquela faceta de Dante. A forma como ele aprofundou o beijo a

fez corresponder a ele com igual intensidade. A virilidade de Dante era algo que qualquer mulher notava assim que o visse pela primeira vez, porém ser objeto do desejo de um homem como ele era algo bem diferente. Ao mesmo tempo, havia nele uma urgência, ela também sentia o amor dele e todo seu cuidado.

O que sentiam era incontrolável. Dante abaixou as alças da camisola e sua urgência quase o impediu de tirar o sutiã que ela usava. Dante apreciou o busto de Carla despido, com a camisola caindo sobre seus quadris.

Cabem perfeitamente nas minhas mãos — pensou ele embevecido com a beleza diante de seus olhos.

Bastou tocá-los para ver a resposta instantânea dos mamilos que ficaram intumescidos e ainda mais convidativos. Ele estava se apossando dos seios dela pela primeira vez. Ela tirou seu sono tantas vezes e depois invadiu seus sonhos, o que só aumentou o seu tormento. Sonhar em ter Carla nos braços e acordar sozinho na cama foi frustrante e só multiplicou o desejo que sentia por ela. Havia fantasiado com aquele momento tantas vezes. Imaginava como seria a primeira vez que se deliciaria com o sabor dos seios de Carla e agora seus lábios sugavam, chupavam, mordiam com gentileza cada um deles, mas a realidade superava muito suas fantasias. Ele nunca se sentiu tão conectado a alguém como se sentia a Carla. Ela acariciava e arranhava suas costas. Mas, por alguns instantes, pôs-se a apreciar aquela visão dos lábios de Dante em seus seios. Viu tanta beleza na forma incondicional que ele mostrava que a desejava e murmurava seu nome. Em resposta, a respiração dela, já acelerada, se tornava ainda mais ofegante, enquanto ele sem pressa atinha-se a explorar seu corpo com a boca e as mãos.

Dante desejou que aquele momento nunca chegasse ao fim. Lambia vagorosamente cada um dos mamilos, acariciando todas as partes do corpo dela que conseguia enquanto fazia isso. Ele arranhava a pele macia com sua barba e era como se ela experimentasse várias pequenas descargas elétricas percorrendo seu corpo. Carla emitiu um gemido erótico que nem ela mesmo reconheceu como sua voz. Ela sentia os batimentos do seu coração acelerados como se quisesse sair do peito e sentia o sangue correndo muito mais rápido em suas veias. Vivenciar tantas sensações novas e inusitadas era uma tortura maravilhosa, Carla pensou. Sentada no colo dele, Carla conseguia sentir o membro de Dante cada vez mais túrgido dentro da bermuda do pijama. E ela só conseguiu pensar em como isso era maravilhoso. Em como era maravilhoso perceber que Dante passava pela mesma angústia deliciosa que ela.

Ela sentiu falta do toque da língua quente em seus seios, mas ele logo tomou seus lábios. Não conseguiam separar suas bocas e Carla experimentava uma sensação singular. A excitação aquecia todo seu corpo e ela

sentia as reações do corpo de Dante que se perdia no beijo da mesma forma que ela. As suas pernas pressionavam o corpo dele, pois se sentia pronta. O beijo entorpecia seus sentidos e tudo que ela queria era mais dele. O corpo de Carla chegava ao seu limite e ela não suportava mais esperar.

Carla agarrou-se aos ombros largos, quando ele beijou a curva de seu pescoço. Inclinou a cabeça para lhe dar melhor acesso. Uma necessidade. Ele precisava dela. Queria que ela visse a honestidade de seus sentimentos. Queria que ela soubesse que não era apenas desejo. Era ela que ele queria. Era ela que ele amava. Mas que bastaria uma palavra de Carla e ele se afastaria, apesar de ser algo que lhe custaria muita determinação e controle, que ele estava próximo a perder por completo. A forma como a beijava dizia que nem uma outra mulher seria beijada daquela maneira por ele dali por diante. Ela estremecia nos braços dele e Dante interrompeu o beijo por um momento para procurar os olhos dela. Quando suas bocas se separaram, estavam ofegantes.

— Vida, tem certeza que é isso que quer?

— Acho que é a única certeza que eu tenho, meu amor.

— Me diga o quanto você me quer? — Exigiu ele mantendo o rosto colado em seu busto, experimentando um oceano de sensações inebriantes ao inspirar o aroma natural do corpo de Carla.

— Eu quero você para mim, Dante. Eu quero ser sua. Eu nunca amei ninguém antes, mas sei que não me arrependerei nunca da escolha que meu coração fez.

Ela só conseguia pensar que queria mais beijos. Queria mais Dante e ouvi-lo soltar gemidos roucos, a fez tocar o peito desnudo e percorrer seu dorso com forte desejo, mas quando circulou os mamilos com o indicador o ouviu dizer algo em italiano que ela não compreendeu. Ela era irresistivelmente sensual e parecia que estava descobrindo o poder que exercia sobre ele.

— Você pode me dar várias outras calcinhas, Dante — disse Carla quase em um sussurro, percebendo que naquela posição seria impossível tirar a calcinha. Dante nunca ouviu nada mais erótico vindo dela. Aceitando a sugestão e sem desviar os olhos de Carla, ele arrancou a calcinha de renda e por um instante alisou com adoração seus seios, sua barriga firme, a curva da cintura fina até o encontro com os quadris bem desenhados e convidativos. Ela sentiu todos os seus poros se arrepiarem e Dante sentiu-se satisfeito de causar esse efeito nela. Carla precisou envolver o pescoço de Dante para ter algum ponto de sustentação face às carícias tão provocantes que a faziam sentir como se seu corpo estivesse prestes a se fragmentar em inúmeras partes ao mesmo tempo. Parecia que seu senso de gravidade a havia abandonado. Carla sentia que caso não se agarrasse a ele, seu corpo não se sustentaria, pois Dante a conduzia a

experimentar sensações que a assaltavam de forma tão impetuosa que era como se seu corpo não atendesse mais aos seus próprios comandos, mas sim exclusivamente ao homem a quem se entregava voluntariamente. Dante se esforçava para dominar sua libido, pelo menos, pelo tempo suficiente para poder proporcionar a Carla o mesmo desejo lancinante que ele sentia naquele momento. Contudo, temia que a abstinência associada a todo tesão que sentia dizimassem seu autocontrole.

O olhar dele mantinha-se preso a apreciar as reações dela ao seu toque. Cada gemido, cada expressão de satisfação... Ele queria arquivar em sua memória tudo sobre a primeira vez em que se amaram. E quando a estimulou a acariciando em seu ponto mais íntimo, sentindo o quão úmida ela estava, ele teve a certeza que Carla estava pronta para recebê-lo.

Ambos estavam ofegantes e o cuidado para não colocarem peso excessivo sobre o pé de Dante os deixava ainda mais tensos, mas talvez por isso mesmo eles estavam tão alertas quanto ao desejo que compartilhavam. Um tremor violento a tomou quando ela sentiu que ele a provocava acariciando com os dedos sua feminilidade, mas sem penetrá-la.

— Meus dedos te tocam onde eu gostaria de te beijar agora, Vida. Satisfarei esse desejo ainda esta noite e sem pressa, mas agora eu preciso que você seja minha — sussurrou ele com o rosto enterrado no pescoço de Carla e como se ela não pesasse mais que uma pluma ele a levantou de modo a se encaixar em sua feminilidade.

Ele começou a penetrá-la e soltou um gemido de prazer que fez com que Carla se sentisse a mulher mais poderosa do mundo naquele momento. Ela estava trêmula, mas nunca antes se sentiu tão consciente de sua sexualidade. Mais que isso: ela jamais se viu como uma mulher sedutora e capaz de levar um homem tão másculo como Dante ao limite.

Era assim que se sentia pela primeira vez. Como se tivesse acabado de descobrir que tinha um super poder. Ele a fazia se sentir magnífica com essa constatação.

— Eu preciso tanto de você. Eu amo tanto você, Carla. — Ele se continha ao máximo para não a machucar, mas os movimentos de Carla em seu colo exigiam o contrário. Ela o encorajava a intensificar o ritmo. Era sua forma de dizer para abandonar o controle e foi o que ele fez, até sentir uma barreira física se romper e olhar de imediato para ela, mas ela sorria. Gemia. Deleitava-se em prazer e dizia o nome de Dante, enquanto afundava os dedos nos cabelos macios escuros do homem que amava.

A dor que sentiu era suportável, mas a onda de prazer que a assolou à medida que ele avançava para dentro dela era irrefreável. Queria Dante por

completo dentro dela até se fundirem em um só. As estocadas compassadas fizeram ele dizer o nome dela várias e várias vezes.

— Estou aqui, meu amor. Estou aqui com você. Ahhh — gemeu quando ele abocanhou novamente um de seus seios a levando a sentir espasmos por todo o seu corpo. Dante a mantinha firme em seu colo enlaçando a cintura de Carla com um dos braços e com a mão livre se dedicava ao outro seio, para depois experimentá-lo com a boca também.

— Como você é quente e macia, meu amor... Tão apertada. Tão gostosa — disse pressionando com as duas mãos o bumbum de Carla e a fazendo gemer com a mistura de dor e excitação que sentiu.

A língua doce e quente de Dante explorava sofregamente a boca de Carla em um beijo tão faminto que demonstrava quanto estavam à beira de perder o pouco do controle que ainda exerciam sobre seus corpos.

— Você é só minha, Carla... diga que é só minha, meu amor. Eu preciso ouvir — pediu ele, prestes a se render ao clímax.

Ela sentia que o oxigênio lhe escapava e mal conseguia se concentrar em mais nada que não fosse as poderosas estocadas que provocavam um turbilhão de prazer que ameaçava explodir por todo seu ventre.

— Sou sua, meu amor — afirmou perdida em uma onda de prazer e satisfação. — Sou sua, Dante.

— Só minha, não é, Carla? — perguntou ele saindo de dentro dela para logo em seguida se afundar de uma só vez dentro dela novamente. O que fez Carla gritar de prazer.

— Só sua... Dante. Eu só quero você, mais ninguém... Só você, meu amor — disse em um suspiro quando sentiu todas as suas forças se dissiparem e seu corpo ser tomado por espasmos involuntários, ao mesmo tempo em que uma sensação embriagadora e poderosamente luxuriante a invadia. Carla não resistiu. Ela não quis resistir, quis apenas mergulhar ainda mais fundo em toda aquela vastidão de prazer que Dante lhe proporcionava. Ela sentiu seus músculos serem apertados com força quando Dante a trouxe de novo para junto do seu corpo, intensificando ainda mais a cavalgada dela em seu membro até que ele também se viu mergulhado no mais profundo e febril êxtase.

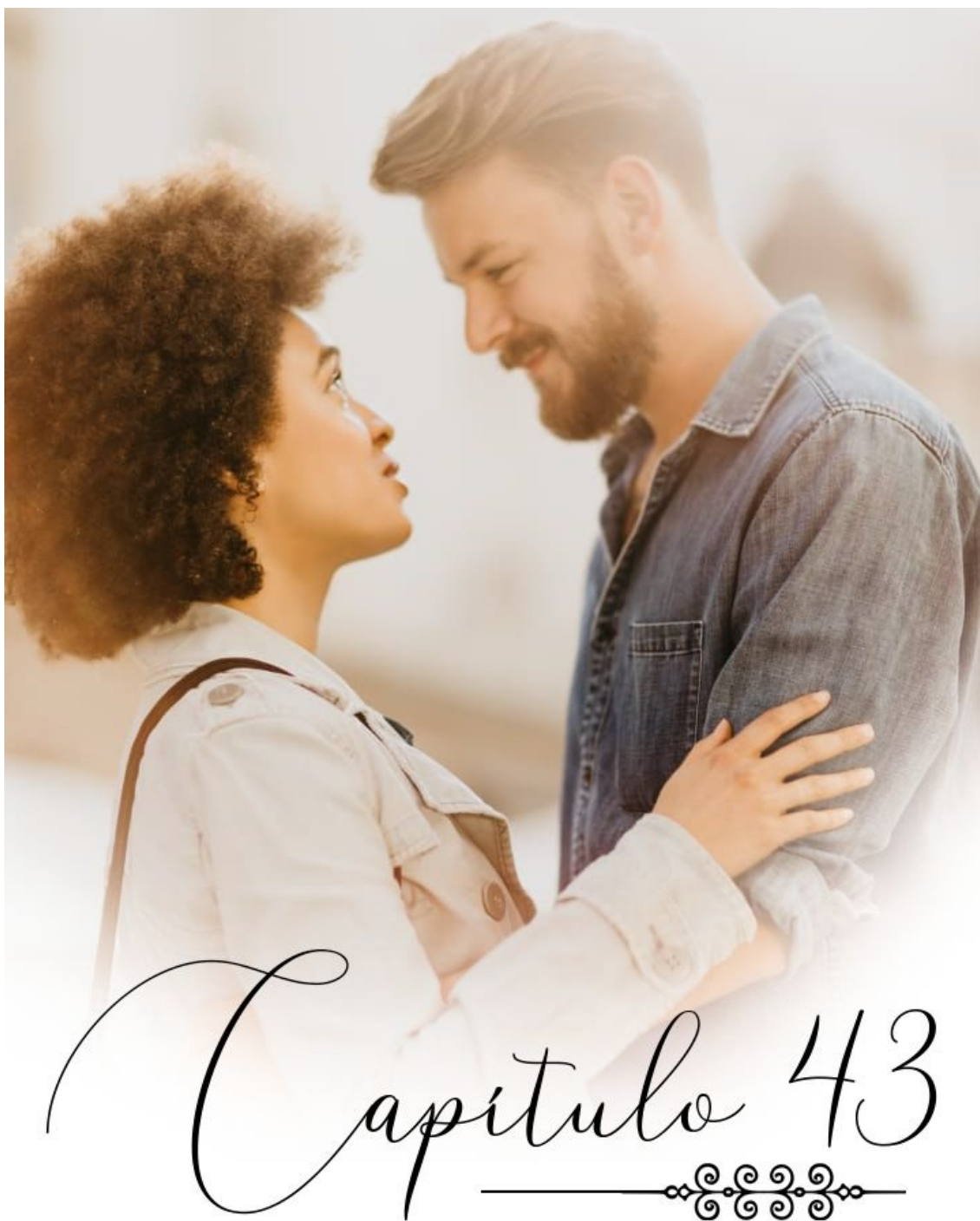
Eu não sabia que era tão bom... — pensava ela, mas suspeitava que tudo fosse tão perfeito porque era compartilhado com o homem que amava e que correspondia a esse amor.

Eles sabiam que não poderiam mais viver sem aquela sensação de pertencerem por completo um ao outro. O que compartilhavam ia muito além do fogo da paixão, compartilhavam um momento de entrega absoluta, onde um só buscava oferecer mais de si ao outro.

— Eu amo você! Amo tudo em você, até seu silêncio, porque para mim ele é cheio de significado. Eu consigo te ouvir quando você não diz nada. Amo que me chame de Vida. Eu amo a pessoa que agora consegue demonstrar que é, porque você sempre foi assim. Só que talvez nem soubesse disso. *Meu Dante*. É tão bom dizer isso... — disse ela já totalmente sem forças se amparando contra o peito de Dante, mas com ele ainda dentro dela. Carla só conseguia pensar que de todos os presentes de aniversário que recebeu naquela noite, a sua primeira vez ter acontecido com o homem que amava foi o melhor de todos eles.

— Nada é melhor do que ouvir você me dizer isso — disse ele encostando a testa na de Carla.

Perderam a noção do tempo que ficaram ali apenas sentindo suas próprias respirações descompassadas e o ritmo de seus corações voltarem ao normal. Carla e Dante sabiam que nunca encontrariam felicidade mais plena do que encontraram nos braços um do outro.



QUEM NÃO APRENDE PELO AMOR — PARTE I

— Filho, eu mantereí a decisão de sua tia Carla — disse Miguel colocando sobre a cama de Kionã o uniforme da rede pública da escola que ele passaria a frequentar. Miguel decidiu que dividir seu antigo quarto com o filho seria uma forma de tentar se reaproximar do menino.

— Ela tomou essa decisão antes de tudo isso que aconteceu com ela, mas mesmo que ela não mude de ideia, ela é apenas a minha tia. O senhor é o meu pai e sua autoridade é maior que a dela.

— Está errado, Kionã. Eu jamais faria algo assim. Eu acredito que se sua tia Carla tomou uma decisão tão extrema, ela teve seus motivos. Eu já te disse isso e vou repetir: o meu retorno para essa casa não altera o fato de que você deve respeito e obediência à sua tia Carla e ao seu avô. Na verdade, era algo que eu esperava que fosse fruto do amor e da gratidão que deve sentir por eles por tudo que fizeram por você, pela nossa família.

— O que há de errado em querer estudar para conseguir um bom emprego? É só o que eu quero. Ganhar muito dinheiro e poder ter todas as coisas que vocês nunca vão poder me dar. Acha mesmo que essa é a melhor forma de se aproximar de mim?

Só agora Miguel percebia o quanto o filho mudou. Ele deixou de ser o menino gentil e feliz que era. Conviver com Kionã diariamente revelou que o garoto se tornou uma criança insolente e egoísta. Ficava trancado no quarto a maior parte do tempo e só trocava meia dúzia de palavras com ele ou com o avô quando era obrigado a falar.

— Kionã, tudo que eu mais desejei na vida desde que perdi minha liberdade era poder estar de novo junto da minha família e ver você crescer. Mas isso não significa que permitirei que um garoto de nove anos me manipule para conseguir o que quer. Tenho certeza que foi uma decisão difícil para Carla te tirar do Santa Tereza, mas você verá que a escola do bairro é uma boa escola, mesmo não tendo os mesmos recursos que você tinha na outra.

O menino olhou com desprezo o uniforme branco e azul e disse: — Eu não vou estudar nessa escola de jeito nenhum. Pensei que com o senhor aqui as coisas seriam diferentes. Que haveria um adulto que entenderia que eu estudo de graça em uma das melhores escolas do Rio de Janeiro. Eu estudo com os filhos das famílias mais ricas da cidade e tenho a chance de escapar dessa pobreza toda e de ter o futuro que eu mereço. Mas o senhor é como eles. Pensa pequeno como o vovô e a tia Carla. Por que sair dessa favela? Por que querer uma casa decente ou morar numa rua asfaltada? Por que querer ter dinheiro para comprar algo legal quando for ao shopping? Para vocês, essa droga de vida basta, mas para mim não!

— Meu filho, como você se tornou esse garoto egocêntrico e fútil? Eu poderia aceitar se sua ira fosse direcionada a mim, que estive ausente e não pude criar você, mas meu pai e minha irmã fizeram muitos sacrifícios para te dar tudo que você precisava. Eu não entendo o que está acontecendo aqui. A Carla praticamente viveu para você desde que nasceu, Kionã. Me lembro de que você,

às vezes, dizia que queria que ela fosse sua mãe quando era pequeno. Então, eu não vou permitir que fale deles dessa maneira. É melhor se acalmar e refletir sobre o que disse. Eu espero não ouvir você falar mais nenhum absurdo desses. Desde que eu voltei, tenho sido paciente e conversado com você sobre seu comportamento, mas você simplesmente se recusa a pensar em mais alguém que não seja você mesmo. Sua tia ficou esperando por uma visita sua no hospital e você disse que não suporta hospitais e que esperaria ela ter alta e voltar para casa, mas mal falou com ela. Não vê como a magoou? Só se mostrou atencioso quando ela te convidou para aproveitar o dia na praia com ela e a família do Dante Albertine. Porém, eu não deixei. E sabe porquê? Porque você trata bem as pessoas conforme é conveniente para você, meu filho. Eu observei sua reação quando soube da troca de tiros aqui na comunidade e mesmo sabendo que ela correu risco de vida novamente e que um amigo dela foi ferido, você também não se importou em saber como sua tia estava se sentindo.

— Acho que tudo que ela passou foi bom para ela. Não vê onde ela está agora? Em uma mansão no Leblon. Eu passei alguns dias lá e vi como os ricos vivem. Parece que finalmente a tia Carla deixou de ser trouxa e aproveitou uma oportunidade que a vida deu de bandeja para ela. Vai ter a chance de deixar para trás essa vida miserável e vai se casar com o Sr. Albertine que é cheio da grana.

— Cala a boca, Kionã! Você sabe que sua tia não é uma mulher interesseira. — Miguel estava perplexo com a forma que a cabeça do filho funcionava, porém o que mais o assustou foi o fato de como aquelas palavras soaram familiares. Ele parecia ouvir a voz de outra pessoa falando. — Eu te proíbo de falar dela assim novamente. Ouviu bem? Eu te proíbo, moleque! Não percebe como o que está fazendo é errado?

— Quem o senhor pensa que é? Não é nada para mim. — Kionã riu ironicamente e jogou o uniforme no chão, limpando os pés na camiseta e no short sem tirar os olhos do pai, em desafio. — Está brincando de ser pai há menos de um mês e acha que pode mesmo falar comigo nesse tom?

Miguel abriu e fechou os punhos, respirando profundamente para não perder o domínio próprio. Sabia que o filho estava mudado. Sentia com o passar dos anos que Kionã estava cada vez mais distante dele e quase não conversava com ele nas poucas visitas que fez nos dois últimos anos à penitenciária. Miguel compreendia que as revistas para entrar no presídio podiam ser realmente traumáticas para uma criança, por isso aceitou ver cada vez menos o filho, pois preferia poupá-lo de passar por algo tão difícil, apesar de sentir muita falta de conversar com Kionã e saber das coisas que ele estava aprendendo e descobrindo à medida que crescia.

— O senhor me falando que algo é errado? Que moral tem para fazer isso? Errado é roubar. Pior que isso, errado é roubar e não ter a competência de não ser pego ou ser feito de bucha e pagar o pato pelos outros, como aconteceu com o senhor. Sabia que há vários pais de colegas meus na escola que roubaram verdadeiras fortunas e estão por aí curtindo uma boa vida. Não foram parar atrás das grades por uma ninharia como o senhor. — O menino tentou sair do quarto, mas Miguel bloqueou seu caminho.

— Você não vai a lugar nenhum. Essa conversa ainda não terminou, Kionã. — Ele lembrou-se da conversa que teve com Carla e de que sua irmã pediu que não revelasse ainda para Kionã que ele era um escritor famoso e muito menos que já tinha acumulado mais de um milhão de reais com seus livros de romance policial. Carla queria que o menino se aproximasse do pai espontaneamente. Sem outras motivações. Ela sentia o quanto os valores do menino estavam deturpados e por isso pediu ao irmão que aguardasse um pouco antes de revelar essa parte de sua vida a ele. Miguel percebia que foi uma decisão acertada ter concordado com Carla.

— Eu vou assistir a um jogo com o tio Xandinho no Maracanã. Preciso me arrumar, não posso atrasá-lo.

— Você não irá a lugar nenhum.

— Como assim não vou?

— Ele já tem os ingressos e...

— Vou falar com Alexandre e explicar que você não vai. Está de castigo e ficará de castigo pelo tempo que for necessário para que entenda que está se comportando como uma pessoa arrogante e que não tem respeito ou consideração alguma com a família.

— Não pode fazer isso! — berrou o menino revoltado. — Eu nunca posso fazer nada que quero. Mesmo quando me convidam e não temos que pagar, vocês parecem ter prazer em me impedir de me divertir. Eu vou ao jogo, sim!

— Não, você não vai e assunto encerrado — disse Miguel também elevando o tom de voz e colocando o dedo em riste.

— A tia Carla já tinha me deixado ir. Você acabou de dizer que não vai desautorizar uma ordem dela e está fazendo exatamente o contrário e...

— Não tente distorcer minhas palavras. Você tem maturidade suficiente para entender que seu comportamento está inaceitável. Só sairá deste quarto para jantar. Hoje você vai dormir cedo. Amanhã, será seu primeiro dia na nova escola e eu vou te levar para conversar com sua professora.

Kionã encarou o pai nos olhos e respondeu:

— Vocês estão tornando a minha vida um inferno! Não percebem

isso? — Kionã gritava cada vez mais alto. — Ninguém aqui entende que eu só quero estudar. Há algum tempo eu percebi que aqui eu só posso contar comigo para ter a vida que eu mereço. Eu mereço o melhor e não vou deixar que nenhum de vocês três ou quem quer que seja mude o meu destino porque foram incapazes de conquistar alguma coisa nessa vida. Eu tive o azar de nascer nessa família: filho de presidiário, morando com uma tia que quando não está suja de graxa, está limpando a casa dos outros e com um avô doente que trabalha como carroceiro. Mas eu não serei um perdedor como vocês.

Kionã deu um passo para trás e seu rosto empalideceu quando viu o pai tirar o cinto das calças, sem desviar o olhar dele.

— O que pensa que vai fazer? Me bater? Não pode... E-Eu nunca apanhei da... — Gaguejou quando o pai caminhou em sua direção e segurou firme seu braço.

— A minha irmã nunca seria capaz de te disciplinar dessa maneira. Meu pai também não, mas você não me deu alternativa, Kionã. Se esta será a primeira e única vez que eu vou precisar te corrigir desse jeito, dependerá unicamente de você. Espero mesmo que você nunca mais desrespeite essa casa ou esta família, pois sei que não me fará bem fazer isso com frequência.

Até sentir o primeiro golpe do cinto, Kionã ainda duvidava de que seu pai seria capaz de algo assim.

— Socorro, vovô! Ele vai me matar!

Seu Vicente ouvindo os gritos veio o mais rápido que pôde e se surpreendeu com Kionã tentando segurar o cinto para não apanhar mais.

— V-Vovô, me ajude. Ele me está me agredindo. — A voz de Kionã saiu embargada e as lágrimas do menino de nove anos eram uma mistura de medo e surpresa por nunca imaginar que Miguel faria algo tão drástico assim. — P-Por favor, faça alguma coisa. Me salva vovô... Me salva...

Seu Vicente trocou um olhar sério com o filho e assentiu com a cabeça, concordando com a atitude de Miguel. Olhando na direção de Kionã, ele respondeu:

— Quem não aprende pelo amor, aprende pela dor, meu neto. Nós tentamos te ensinar o caminho do amor, mas você se recusou a ouvir... — E dizendo isso fechou a porta novamente, apesar dos pedidos de socorro de Kionã.

Miguel continuou e deu mais cintadas no filho. Dar uma surra no menino foi uma decisão muito difícil e que não fazia Miguel se sentir bem, mas, como pai, sabia que era necessário impor limites enquanto Kionã ainda tinha idade para mudar. Seu filho precisava compreender que suas ações teriam consequências e que desrespeitar e desmerecer a casa onde cresceu e a família que o criou com tanto amor era algo inadmissível. Anos de conversa e de

punições mais brandas como ficar de castigo no quarto não se mostraram eficazes e Kionã se tornava uma pessoa cada vez mais desagradável com quem mais o amava. Assim, chegou o momento de aplicar uma punição física.

Apenas uma pessoa o protegeria naquela situação. Kionã gritava o nome de Carla. Pedia que ela o ajudasse, mesmo sabendo que ela não estava em casa. Sabia que se Carla estivesse lá, ela o defenderia até do próprio irmão.

— Vai continuar a desrespeitar a sua família, Kionã? — Enquanto batia, Miguel tentava não empregar força demasiada nos golpes, pois queria discipliná-lo, não o ferir.

— N-Não, senhor. Não, senhor. E-Eu prometo. Por favor...

— Tudo isso poderia ser evitado, meu filho. — Com pesar concluiu: — E como eu disse antes, só depende de você se vai ser necessário que aconteça novamente. Entendeu?

Kionã chorava e soluçava deitado na cama.

— Eu perguntei se você *entendeu*, Kionã? — repetiu Miguel.

— S-Sim, senhor. E-Eu entendi. Entendi...

— Vou avisar ao Alexandre que você não vai mais ao jogo.

Miguel saiu do quarto, deixando o menino sozinho.

Assim que o pai saiu do quarto, Kionã abriu a caixa de sapatos que guardava debaixo da cama e ligou o celular que estava lá dentro.

— Como vai o afilhado mais lindo e esperto do mundo? — A voz animada de Olívia logo respondeu. — Estava pensando mesmo em ir te ver hoje, meu amor. Sua tia está em casa?

— Oi, madrinha. Ela está na casa do Sr. Albertine — disse disfarçando ao máximo o choro. — A senhora pode vir me ver?

— Podemos nos encontrar naquele fliperama? Eu não tenho como estacionar na sua rua. É muito estreita para eu ir com o carro, sabe como é... Então, nos vemos no fliperama. O que acha?

— Eu estou de castigo, meu pai... E-Ele me bateu... — gaguejou. — Eu só vou poder sair do quarto na hora do jantar.

— O quê? Ele fez o quê com o meu príncipezinho? Que barbaridade é essa? Eu não acredito que ele foi capaz de agredir uma criança indefesa! Mas pode deixar que eu vou falar umas boas verdades para ele depois, mas vamos nos ver que eu tenho um superpresente para te dar. Algo que você queria há muito tempo.

— Tia, mas eu não posso sair de casa. Meu pai foi até a casa do Xand...

— Ah! Dá uma fugidinha rápida. Ele nem vai perceber. Você parece o Homem-Aranha quando pula janelas. Ninguém vai descobrir... Enquanto isso,

eu vou falar com a Carla. Sei que ela vai ficar revoltada com o que o monstro do seu pai fez. Talvez até dê um jeito de tirar você do castigo.

— Eu não sei não, dinda... Eu nunca tinha apanhado na minha vida. Ele me bateu com o cinto... Doeu muito...

— Olha, era para ser surpresa, mas você está mesmo precisando de algo para distrair sua cabecinha linda, Kionã. É um Xbox, meu amor. De última geração — disse instigando a curiosidade do menino. Vai ser bem rapidinho, meu amor. Só quero trazer um sorriso a esse rosto lindo novamente.

Kionã pensou no videogame que sempre sonhou em ter e sua madrinha Olívia disse que o ajudaria a sair do castigo, mas também sabia o que poderia acontecer se desobedecesse ao pai.

— Dinda, acho melhor a senhora vir aqui trazer para mim um outro dia. Eu não posso sair. Meu pai me proibiu e eu não quero apanhar de novo.

— Kionã, você não faria isso por sua dinda? Eu que sempre fiz tudo por você?

— Só se for bem rapidinho, dinda... combinado?

— Perfeito, meu amor.

Meia hora depois...

— Só preciso de pouco dessa vez, Kionã. É para alguns amigos da dinda.

— Dinda, mas eu não posso sair de casa. Eu não podia nem estar aqui, quanto mais fazer o que a senhora está me pedindo... É que eu tenho medo agora que meu pai voltou. Antes, com a tia Carla no trabalho, era mais fácil conseguir isso para a senhora aqui na favela.

— Kionã, quantas vezes sua dinda precisa dizer que nunca, jamais, nem em um milhão de anos, usaria drogas. Isso se chama droga porque só faz mal às pessoas.

— Então, por que não diz isso aos seus amigos? A tia Carla diz que eu não devo me aproximar de drogas ou de traficantes porque algo muito ruim vai me acontecer...

— Eu sei o que ela diz e ela está certa, mas essas pessoas para quem eu consigo a droga usam como remédio para a filhinha deles que está muito doente. Lembra daquela reportagem que eu te mostrei. Essa maconha é apenas para uso medicinal. Só que eles, às vezes, não conseguem a receita do médico e precisam recorrer aos amigos e eu só tenho você para pedir isso.

— Eu... eu tenho medo de ir até a boca de fumo, dinda. Lá é

assustador e...

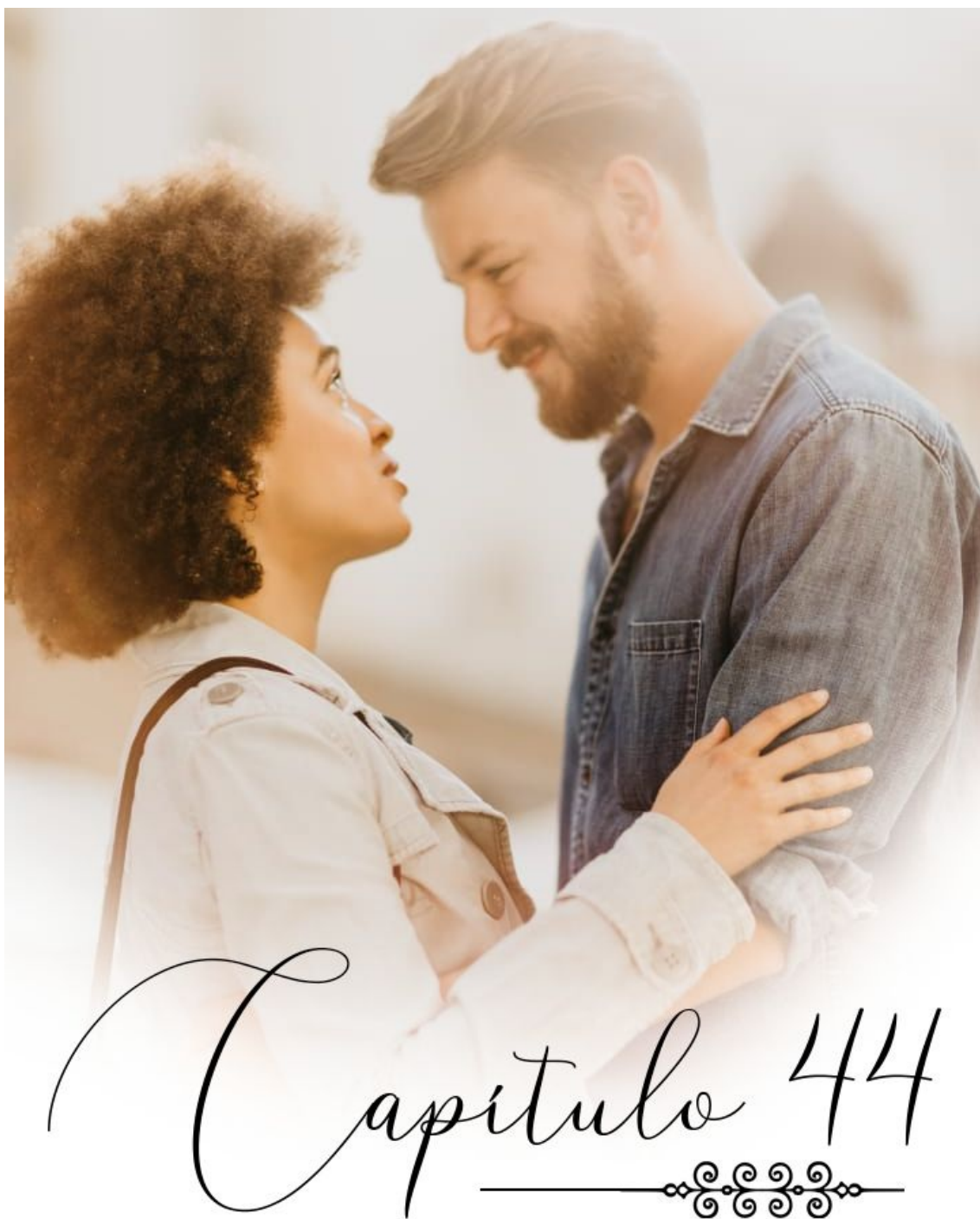
— Mas você não está feliz com o presente que te mandaram? Isso foi uma forma deles retribuírem por todo o bem que você tem feito à pequena Sara. Ela está condenada à morte e eles sabem disso, mas só querem aliviar seu sofrimento o máximo que puderem. Eles são pais tão afetuosos e a amam demais. Eu fico tão triste ao pensar que essa doce menininha de quatro anos pode não sobreviver mais um ano... — disse contendo um soluço e derramando a primeira lágrima. — Olha, mandaram essa foto dela para você.

Kionã viu a imagem da menininha sem cabelo usando uma touca na cabeça e com um tubo saindo do nariz para que respirasse melhor.

— Pode fazer isso essa última vez, Kionã? Pode ajudar a pequena Sara a sentir menos dor?

Kionã concordou. Sempre fazia as vontades de Olívia. Ela era a única pessoa que o incentivava a crescer na vida e sair daquela favela. Sua madrinha o amava e ele estaria fazendo algo bom para ajudar outra criança. Mas, enquanto seguiu no Uber que Olívia chamou, a frase que seu avô lhe disse não saía de sua cabeça, e Kionã pressionou o conteúdo da mochila em seu colo.

“Quem não aprende pelo amor, aprende pela dor, meu neto.”



QUEM NÃO APRENDE PELO AMOR — PARTE II

*Vamos todos cantar de coração
A cruz de malta é o teu pendão!
Tu tens o nome do heroico português
Vasco da Gama, tua fama assim se fez*

*Tua imensa torcida é bem feliz
Norte-Sul, Norte-Sul deste país
Tua estrela, na terra a brilhar
Ilumina o mar...*

Maria do Socorro, Aquiles e outros dois amigos do curso pré-vestibular cantavam a plenos pulmões o hino do Vasco da Gama a caminho do Estádio do Maracanã.

— Gente, essa Taça do Campeonato Carioca já é do Vascão. Ninguém toma da gente — disse Erick empolgado ao volante.

— É esse o espírito. Não tem para ninguém! O Urubu vai voar para bem longe depois dessa semifinal. Já estou imaginando o próximo jogo e a nossa festa ao vencermos o Botafogo na nossa casa — disse Vítor, um dos amigos que fez no curso pré-vestibular.

— O São Januário vai ficar pequeno no dia da final — apoiou Erick contagiado pela empolgação do outro.

— Pessoal, quero ganhar tanto quanto vocês, mas não vamos esquecer que existem três resultados possíveis — interveio Aquiles batucando com as mãos o ritmo da música. — Quem perder hoje está fora do campeonato. É um jogo importante e decisivo. Tudo pode acontecer.

— Falou o estraga-prazeres... — cortou Vítor que estava sentado atrás, ao lado de Socorro, jogando a bandeira do time em Aquiles que riu e jogou de volta. — Nada de agourar o Gigante, Aquiles. Hoje só quero boas vibrações para o Vascão!

— Você sabe que ele está certo, Vítor. — Socorro com seu característico bom humor veio em defesa de Aquiles como sempre costumava fazer.

— Eu estou confiante que temos um grande time escalado, mas Flamengo e Vasco sempre é um jogo tenso. Numa semifinal, então... nem se fala. Os ânimos dos jogadores estão exaltados e os dois times estão sob muita pressão. O Flamengo é um grande time, Vítor, mas essa sua obsessão pelo Vasco te faz acreditar que todos os outros rivais são inferiores, não é bem assim. Temos boas chances de ganhar o jogo e é o que todos queremos, mas o Flamengo não teria chegado até aqui se não merecesse. Sem falar que há outras variáveis para considerarmos. Eu fiz uma projeção usando um programa que criei para simular possíveis resultados e posso afirmar que os dados finais foram bem equilibrados.

— Engraçado, você é a nerd da computação que cria programas assim e eu sou o obcecado pelo Vasco... — ironizou Vítor mexendo nos óculos da amiga.

— Quer saber ou não do resultado da minha simulação? — O tom sério da voz dela intimidou um pouco Vítor que disfarçou e, concordando com a cabeça, fez sinal para que ela prosseguisse.

Todos no carro queriam saber, por isso não a interromperam mais.

— Então, com base em comparações empíricas de todos os jogos em que Flamengo e Vasco se enfrentaram nos últimos cinquenta anos, tomei algumas variáveis como ponto de partida para tentar prever estatisticamente nossas chances de vitória. Listei desvantagens como o jogo acontecer na casa do adversário e vantagens como entrarmos em campo com todos os nossos titulares, diferente do Flamengo que joga com três reservas. Também temos a vantagem de termos o maior saldo de gols, o que nos daria a vitória em caso de empate. Até mesmo a interferência das condições meteorológicas foi analisada pelo programa. Há uma grande probabilidade de chuva para o horário do jogo, mas o fato do gramado estar molhado prejudicaria igualmente ambos os times. Entretanto, fatores como a importância de ser uma fase decisória do campeonato e nosso principal goleiro, dois zagueiros e um atacante estarem pendurados por terem cometido faltas, eu desconsidereei por envolverem aspectos subjetivos como a condição emocional de cada indivíduo em campo. Isso seria trabalhar com o imprevisível, porque já sabemos que os dois times estão motivados, mas também que estão sob forte pressão como o Aquiles já pontuou. Desse modo, simulei 1000 ocorrências e nosso time foi vencedor em 52% delas — concluiu a moça encarando o olhar perplexo dos três amigos que a olhavam claramente impressionados parados no sinal, aguardando-o abrir novamente.

— Nossa, Maria... você é mesmo incrível! — Foi tudo que Aquiles conseguiu dizer.

Adorava ouvi-la falar de futebol ou sobre qualquer outro assunto do seu jeito próprio: criterioso e lógico. Ela era uma garota brilhante e ele tinha a convicção de que no futuro, ela faria coisas extraordinárias. Queria ter a chance de aplaudir de perto o sucesso ao qual sua amiga tão querida estava destinada. Aquiles virou o corpo e esticando a mão, cobriu a de Socorro apertando com carinho. A moça sorriu timidamente, mas não conseguiu disfarçar o contentamento com aquele toque e com o elogio dele. Guardava em seu íntimo, muito mais que a admiração que via nos olhos de Aquiles. Estudaram juntos todo o ensino médio e ele a conhecia como poucos. Sempre fez questão de estar por perto e de protegê-la quando necessário. Ela tentava fazer o mesmo pelo rapaz que amava.

— Todos concordam que nos sentimos meio burros perto dessa menina, rapaziada? — perguntou Erick arrancando de novo com o carro e os outros dois jovens riram, pois era exatamente o que estavam pensando.

— Eu fico tentando entender como esse seu cérebro de gênio funciona... — Vítor disse piscando para a garota ao seu lado. Linda, você até me assusta às vezes...

— Se sentir intimidado é diferente de sentir medo — corrigiu ela mexendo em seu iPod. Nem notou que os rapazes se entreolharam e riram de novo. Só então ela percebeu que piorou as coisas, pois, para eles, se sentir intimidado era ainda pior que sentir medo. Logo Socorro tentou consertar: — Meninos, não foi isso que eu quis dizer... me desculpem. Além disso, nenhum dos três é burro. Todos passaram para Engenharia Civil que é um dos cursos mais concorridos do país e eu tenho muito orgulho dos meus amigos.

— Nós também, linda. Ainda mais porque você comprovou cientificamente que o Vasco da Gama vai para a final. O que eu já sabia! — disse Vítor mais agitado do que já estava.

— Eu não disse isso. O que eu disse foi que a probabilidade de vencermos é matematicamente maior, o que é diferente...

Nesse momento, um barulho ensurdecedor a interrompeu. Vários carros com bandeiras dos dois times passaram por eles buzinando e trocando ofensas.

— É isso que me preocupa... esse ódio entre as torcidas — disse Aquiles. — A rivalidade é algo natural e esperado, mas algumas torcidas confundem amor pelo time com obsessão. Perseguem e importunam, agredem outras pessoas sem motivo apenas por serem de torcidas adversárias. É vergonhoso para o futebol brasileiro que pessoas se reúnam e pratiquem esses atos irracionais e ainda levanten a bandeira de que estão apoiando seus times.

Ele franziu a testa preocupado e, ainda segurando a mão da garota sentada atrás dele, disse: — Isso quase me fez pedir para que você, Maria, não viesse a esse jogo.

Socorro entendia a preocupação dele, mas estava mais concentrada em continuar sentindo o toque carinhoso de Aquiles, segurando a mão dela por todo aquele tempo.

— Sabe que seria impossível convencê-la — disse Erick.

— Até parece que ela perderia um jogo importante como esse...

— Ei! Não falem de mim como se eu não estivesse presente. Sei bem que a combinação de testosterona e estupidez podem prejudicar nossa noite, mas ficaremos todos juntos e podemos sair um pouco antes do fim do jogo como das outras vezes. — Ela se manifestou no banco de trás. — E o Erick e o Vítor estão certos. Eu não perderia esse jogo por nada.

— E eu sei por que — brincou Vítor olhando para Aquiles e recebendo uma cotovelada inesperada de Socorro.

— Eu também sei. A torcida do Vasco toda sabe... — Erick piscou para Socorro pelo retrovisor e viu o olhar ameaçador que ela enviou e voltou a prestar atenção no trânsito.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Aquiles, porém ouviu uma notificação do celular e foi nesse momento que soltou a mão de Socorro. A jovem viu o sorriso dele ao ler a mensagem e soube com quem ele falava.

— Pelo jeito *quase* toda a torcida do Vasco sabe... — Vítor riu alto virando o boné de Socorro e sussurrando no ouvido dela: — Seu segredo está seguro comigo, mas com o Erick...

Socorro fingindo prestar atenção no trânsito, mudou para o assunto que mais aborrecia Vítor e disse:

— Voltando a falar do que interessa, Vítor. Você viu a escalação do time do Flamengo e sabe que o time vem fazendo uma boa campanha?

— Ah! Qual é, Socorro? Para com esse papo. Eu te digo: se o Flamengo ganhar esse jogo, eu vou usar a camisa rubro-negra por uma semana.

— Nossa! Agora quase tive vontade de torcer pela nossa derrota — disse Erick rindo, pois sabia que seria um tormento para o amigo ter que fazer isso e ele se divertiria muito assistindo seu sofrimento.

— Olha que você está brincando com a sorte... — disse Socorro apertando o nariz do amigo. — Eu só estou dizendo o óbvio. Eles vão vir com tudo para cima da gente.

— E nós iremos para cima dos rubro-negros com tudo também — retrucou ele. — Caramba! Que onda de negatividade é essa? Será que eu entrei no carro de um bando de flamenguistas por engano? — E assoprou alto a vuvuzela que levou.

— Cara! Não faz isso que eu estou dirigindo, Vítor. É perigoso — reclamou Erick, acessando uma via expressa.

— Foi mal, gente — admitiu sua imprudência.

— Esse carro não pode sofrer nenhum arranhão. Meu pai morre de ciúmes dessa Amarok. Nem acredito ainda que ele concordou em emprestar a picape. O melhor de tudo é que vamos guardar o carro na casa de um amigo dele que mora perto do Maracanã, senão teríamos que ir e voltar de metrô, já que as ruas perto do estádio ficam bloqueadas.

— Ele está tão orgulhoso do filhinho futuro engenheiro que até liberou essa cabine dupla... — brincou Socorro passando a mão na cabeça raspada do outro. — A propósito, você ficou ridículo sem cabelo.

— Ah... Não me zoa, não... Eu prometi que se passasse dessa vez, rasparia a cabeça. Foi minha terceira tentativa de entrar para Engenharia. Era o sonho da minha família e cabelo cresce.

— Bom que sobram mais gatinhas para eu azarar. Já que elas vão se assustar com essa sua careca brilhante e Aquiles parece ter pendurado as chuteiras. — Erick observou que o amigo sentado ao seu lado sorria ao responder a mensagem que recebeu.

— Pessoal, sei que o que vou dizer é horrível, mas eu não poderei mais ir ao jogo com vocês — disse Aquiles após guardar o celular no bolso.

—O QUÊ?— Os três outros passageiros perguntaram incrédulos com o que ouviram.

— Aquiles, isso é sério? É por causa da tal Olívia, não é? — questionou Erick claramente revoltado.

— Só pode ser por causa dela... — confirmou Vítor que pensou a mesma coisa. — Você vai trocar o nosso Vascão por uma garota que mal conhece? Pior, vai deixar de ir a esse grande jogo com a gente só porque ela te mandou uma mensagem?

— Fala sério, Aquiles. Eu não estou acreditando nisso. Poxa! Eu vim de Coroa Grande só porque combinamos de ir todos juntos ao jogo para comemorar nossa aprovação na faculdade. — Vítor não se conformava.

— Não é bem assim, pessoal... São raras as oportunidades que eu e a Olívia temos de ficar juntos. Ela mora no Méier e vem de uma família muito humilde, por isso trabalha tanto e ainda cuida da mãe que é muito doente. Nós quase não nos vimos. E estávamos os dois naquele prédio quando ele desabou... Eu só conversei com ela por telefone desde então. — Os amigos ficaram em silêncio, pois aquela tragédia ainda era muito recente e foi um alívio grande quando descobriram que Aquiles e a família dele estavam seguros.

— Sei que foi barra, Aquiles... Socorro, eu e Erick ficamos como loucos atrás de notícias suas. Nos importamos muito com você, cara. Mas também essa é nossa primeira vez juntos depois do que aconteceu com a sede da empresa do seu pai. Parece que não tem mais lugar na sua vida para seus amigos... eu nem conheço essa mina, mas tem algo que me incomoda nesse mistério todo. Vocês já estão juntos há meses e nunca a vimos...

— Nossa! Você está mesmo de quatro por essa tal de Olívia — disse Erick olhando de soslaio para o amigo enquanto dirigia.

Socorro mantinha-se em silêncio. Se recordou da conversa que teve com Olívia, mas que decidiu não contar aos amigos. Aquiles gostava dela e estavam namorando.

— Estão com raiva agora e com razão, mas essa garota... ela é muito especial para mim — falou Aquiles olhando para Erick que sempre teve o temperamento mais flexível que Vítor. — Quando a conhecerem, vão gostar muito dela.

— Você que sabe, parceiro... se essa garota agora tem o poder de fazer você mudar todos os seus planos de uma hora para a outra, quem sou eu para dizer que você está errado? — argumentou Erick.

— Eu prometo a vocês que vou conversar com a Olívia e marcar um cinema ou qualquer outra coisa para que todos vocês a conheçam.

— Aquiles, tanto faz agora... O objetivo dessa noite era curtirmos o jogo os quatro juntos... mas agora só essa Olívia parece importar para você — disse Vítor já dando sinais de irritação.

— Assistir ao jogo sem você, Aquiles, não vai ser a mesma coisa. Não pode ligar para ela e dizer que vai encontrá-la amanhã? Só dessa vez? — insistiu Erick.

— Pessoal, a Olívia cuida da mãe que tem sérios problemas de saúde e, como eu disse, ela trabalha bastante... Eu sei que não é justo desmarcar a caminho do estádio, mas... eu amo essa garota. Amo a Olívia, de verdade.

O clima no carro ficou pesado. O que eles poderiam dizer depois de ouvir isso. Mas Vítor usou sua última carta na manga.

— E você, Socorro? Não tem nada a dizer? Ele sempre te ouve. Se você pedir, ele vai com a gente.

Tanto Aquiles quanto Socorro sabiam que aquilo era verdade. Talvez, por isso, Aquiles, do banco da frente, se virou para ela nitidamente pedindo o apoio da amiga. Ela se manteve em silêncio porque tentava esconder o quanto estava triste com a mudança de planos. Esperou muito por aquela chance de estar ao lado dos amigos, mas principalmente porque Aquiles estaria lá. Agora não conseguia tirar da cabeça as palavras de Aquiles:

“Eu amo essa garota. Amo a Olívia, de verdade.”

O olhar do seu melhor amigo pedia seu apoio e foi o que deu a ele:

— Erick, estacione naquele ponto de táxi ali mais à frente. O Aquiles poderá pegar o próximo retorno e vai conseguir evitar as ruas bloqueadas pelo jogo. Assim, ele chegará ao Méier em, no máximo, vinte minutos.

Aquiles sorriu e só aquele sorriso já foi suficiente para aquecer de novo o coração de Socorro. Ele estava feliz, então ela deveria se sentir feliz também. Por ele.

— Nem sei porque eu tento... — disse Vítor se resignando, pois nunca viu Socorro discordar de Aquiles ou vice-versa. Um parecia ler a mente do outro. No fundo, Vítor queria que o amigo enxergasse que aquela era a garota certa para ele, mas isso era algo que ele precisava descobrir sozinho.

— Beleza! — disse Erick estacionando e tentando disfarçar que também não gostou da alteração no programa deles. — Vai lá, Aquiles e...

divirta-se!

— Vocês também. Aproveitem o jogo, mas tenham cuidado. Vítor e Erick cuidem da Maria. Não a deixem sozinha nem por um momento — pediu ele olhando para os dois rapazes que assentiram com a cabeça.

Socorro viu Aquiles caminhar em direção ao táxi, mas algo a incomodava. Como um pressentimento de que algo ruim aconteceria com ele e isso a inquietou. Erick já saía com o carro do acostamento quando a garota pediu que parasse e desceu. Correu até Aquiles e o abraçou forte. Ele retribuiu.

— O que foi, Maria? — perguntou acariciando sua bochecha.

— Pode ser bobeira minha, depois de tudo que aconteceu, mas, por favor, se cuida, Aquiles. E se precisar de ajuda, promete que vai me ligar, por favor. Promete? — Ela não sabia explicar o que a levou a dizer aquilo, mas sentiu necessidade de dizer assim mesmo.

— Eu prometo, se isso vai te deixar mais tranquila. Não vai acontecer nada, mas obrigado por se preocupar comigo, Maria. — Ela sorriu porque só ele a chamava assim. Agora estava nos braços dele e ouviu Aquiles sussurrar no seu ouvido enquanto permaneciam abraçados: — Eu sempre posso contar com você. Conte sempre comigo também, menina linda.

E dando um beijo na testa da amiga, se despediu e pegou o primeiro táxi livre.

Não muito longe dali...

— Vamos ter que dar uma volta bem maior, garoto. As ruas estão bloqueadas pelo jogo de hoje no Maracanã. A corrida vai ficar bem mais cara.

— Mais cara quanto, moço?

— Bem, o valor que aquela moça me deu era suficiente para te levar e te trazer de volta, mas com essa mudança no trajeto, acho que nem vai cobrir a corrida para te deixar lá. Vamos ter que desviar, seguindo pela Tijuca para sair no Rio Comprido, esó depois pegar o Túnel Rebouças em direção à Zona Sul.

Kionã pensou no que o homem disse.

— *O que eu faço?*

— Acho melhor voltarmos e te deixar lá onde te peguei para não ter problemas.

— Moço, eu tenho que levar um remédio. A minha madrinha disse que é para aliviar a dor de uma menina. Eu tenho que entregar.

— Remédio, né? Sei... — disse o homem atarracado fazendo ideia

do que o menino levava, mas pouco se importando porque a corrida foi paga adiantadamente. — Como você vai voltar para casa se eu te deixar lá?

— Eu pego o metrô e depois o trem. Já estou acostumado. Estudo no Santa Tereza e vou para a Zona Sul todo dia. — A incredulidade do homem só aumentou com toda aquela história quando o menino afirmou estudar em uma das escolas mais caras e de maior prestígio da cidade.

— Aquela moça era sua madrinha? — perguntou o homem cada vez mais desconfiado. — Então, por que ela te mandou sozinho para levar esse “remédio”?

— Ela me disse que tinha um compromisso importante e...

— Acho que hoje não é seu dia de sorte, moleque...— disse o taxista, olhando para Kionã e vendo o garoto empalidecer.

Kionã sentiu o sangue congelar nas veias quando viu a barreira policial que faziam blitz por conta do jogo. Seu coração quase saiu pela boca quando fizeram sinal para que o motorista do táxi encostasse.

— Eu sei bem que tipo de “remédio” você está levando aí... No seu lugar, eu daria um jeito de sair de fininho, se não vai passear em um carro bem diferente daqui a pouco...

Kionã estava petrificado... Se a polícia pedisse para ver sua mochila, encontrariam a maconha e como ele explicaria que não era traficante?

— O que eu faço, moço?

— Está escuro e com essa confusão toda, sai de fininho pela outra porta e se esconde nos carros de trás até conseguir sumir da vista deles.

E foi assim que Kionã fez. Em segundos, se viu correndo no meio de vários torcedores do Flamengo e Vasco. Não se importava mais em não fazer o que sua madrinha lhe pediu. Ele tentou ajudar a pequena Sara e fazer a vontade de Olívia, mas tudo deu errado. Desobedeceu sua tia Carla que o proibiu de chegar perto da boca de fumo. Desobedeceu seu pai e saiu de casa sem autorização. Àquela altura, ele já sabia que não estava em casa. O trânsito fez com que não chegasse ao destino tão rápido quanto imaginava. Mas o que importava era conseguir voltar para casa sem ser preso.

O garoto corria sem parar, sem olhar para trás. Na sua cabeça, se algum policial o visse sozinho no meio daquela multidão começaria a fazer perguntas e ele não podia contar o motivo de estar ali sem nenhum adulto. Precisava sair da vista para poder ligar para sua madrinha e pedir ajuda. Viu algumas barracas vendendo comida com um aglomerado de pessoas nas filas aguardando serem atendidas. Pensou que ficar em uma fila seria menos suspeito. Para qualquer pessoa que o visse, pensaria que Kionã estava aguardando para comprar um lanche, mas seus responsáveis estariam por perto. Escolheu a fila

dos crepes, por ser a mais longa. Assim teria mais tempo para conversar com sua madrinha antes de ser atendido.

— Alô? Dinda, preciso que me ajude. Eu estou enrascado, dinda...

— Alô, Kionã? Onde você está? Os meus amigos estão esperando o remédio e disseram que você não entregou ainda. Já saiu há quase duas horas e...

— Dinda, hoje tem jogo no Maracanã. Está tudo engarrafado e tem muitos desvios. O taxista disse que iria me levar de volta para casa, mas eu não poderia voltar com o... remédio. Meu pai... ele me mataria, eu acho...

— Tá bom, Kionã... Mas o que você fez? — Ele percebeu que a madrinha estava nervosa.

— Eu disse para o motorista me deixar no endereço que a senhora deu para ele e que eu voltava de metrô da Zona Sul e depois pegava um trem para Marechal...

O menino ouviu um suspiro de alívio do outro lado da linha.

— Então, você já deve estar chegando. Vou avisar os meus... os pais da Sara que você só se atrasou por esse contratempo. Sabia que poderia contar com você, meu amor, e...

— Não, dinda! Eu desci do táxi.

— Você o quê? — Ela quase gritou do outro lado da linha.

— Eu precisei descer, dinda. Tinha uma blitz da polícia — disse sussurrando para que os adultos à sua frente não ouvissem o que dizia. — Eu tive que fugir se não poderiam me prender se encontrassem o que eu tinha na mochila...

— Que droga, Kionã!

— Dinda, me perdoa. Eu tentei fazer o que a senhora pediu, mas fiquei com medo. O motorista disse que sabia que o que eu tinha não era remédio nenhum e falou que era melhor eu fugir.

— E onde você está agora?

— Perto do Estádio Maracanã tem algumas barracas vendendo lanches. Eu estou numa fila de um que vende crepes. Vou comprar alguma coisa para não chamar atenção. Vem me buscar, dinda. Estou enviando a minha localização para a senhora por telefone. — disse o menino muito assustado com tudo que aconteceu — Vou ficar te esperando, tia Olívia.

— Tá... tá, Kionã... Eu vou demorar porque, como eu te disse, estou em um compromisso importante, senão eu mesma tinha levado essa maconha para a pequena Sara.

— Eu espero, tia, mas pode ligar para minha casa e dizer que estou com a senhora. Não quero apanhar do meu pai de novo.

— Claro, claro... Farei isso agora mesmo...

— Vou te esperar aqui, dinda. Obrigado. Te amo muito. Sabia que viria me buscar. A senhora é...

Ele ouviu um barulho como se alguém desligasse, mas continuou ouvindo a voz da madrinha e de outra pessoa. A ligação não foi encerrada e Olívia não deve ter percebido.

— *Que cara é essa, Olívia?* — disse uma voz feminina que ele não reconheceu.

— *Droga! Deu tudo errado, Bárbara. Aquele moleque tinha até alguma utilidade para mim. Agora nem com ele posso contar.*

— *O sobrinho da Carla? É dele que está falando?*

— *É o Kionã mesmo, Bárbara! O Rocco me perguntou se eu tinha como conseguir uma maconha de qualidade porque ele queria curtir um pouco e eu garanti que daria um jeito. Mas o moleque ferrou com tudo. Sempre consegui tudo que eu queria dele, mas agora está se tornando um imprestável... Igual ao pai.*

— *Ele desceu do táxi porque teve uma parada da polícia e saiu correndo. Agora está me esperando para trazê-lo de volta para casa.*

— *Se deu mal, gata!* — disse a outra mulher com tom jocoso.

— *Ai! Que ódio! Vou ter que pagar quatro vezes mais por uma maconha que nem é tão boa.*

— *Logo agora que você e Rocco estão se entendendo...*

— *Exato! Inicialmente foi ideia de Isadora que eu me aproximasse do Aquiles! Quero agradá-lo de todas as formas. Por isso, aceitei seduzir aquele fedelho. Será uma questão de tempo para que o Rocco se torne o presidente do grupo e eu serei a mulher que estará ao lado dele quando isso acontecer.*

— *Esse plano de vocês não está indo longe demais? A mídia não para de falar nas investigações da sede da construtora.*

— *Ele é um dos principais acionistas, esqueceu? As perdas financeiras para a construtora foram grandes, apesar de o prédio ter seguro. As ações caíram na bolsa. Outras companhias por muito menos entrariam em bancarrota. E Bárbara, você sabe que não tivemos nada a ver com aquela loucura toda porque estava com a gente. Nós três quase morremos e você sabe disso. Estávamos nos divertindo juntos e foi quando ele sugeriu o ménage e você topou. Escapamos por pouco da morte e foi isso que deu a Rocco outra perspectiva do que ele quer para a vida dele no futuro. A ideia de que se tivéssemos nos atrasado mais alguns minutos naquele estacionamento estaríamos todos mortos, fez com que Rocco entendesse que aquilo era um sinal. Um sinal de que ele estava destinado a ser muito mais do que um acionista. Ele sentaria na cadeira do presidente da Albertine Construções.*

— Desde que eu conheci o Rocco, sempre achei ele meio louco, mas preciso admitir que é um maluco gato. Muito gato na verdade. Isso compensa o desequilíbrio mental dele, eu acho...

— Ele não é maluco, Bárbara. O Rocco é audacioso e destemido. Ele é capaz do que for preciso para conseguir o que quer. E é isso que eu mais admiro nele. Somos iguais. Aquela empresa vai lucrar muito mais com um homem de fibra como Rocco na presidência. Dante se preocupa muito com questões éticas e isso reduz drasticamente a margem de lucro. Rocco pretende minar a confiança do conselho diretor nas condições de Dante de tomar decisões importantes e continuar à frente da empresa. Assim que eu tiver livre acesso à mansão Albertine, vou fazer isso acontecer. E será o próprio Aquiles que vai me ajudar a fazer isso. Não vou me arriscar a pôr tudo a perder.

— E como você pretende fazer isso?

— Eu nunca jogo em um time só. Sabe disso. Sempre tenho um plano B. A insuportável da Isadora é meu plano B. Eu dei provas de que ela pode confiar em mim. Ela me revelou alguns segredos, mas ela sabia que o estrago na relação de Aquiles com Dante seria muito maior se Aquiles recebesse essa revelação de alguém em quem confiasse.

— O que ela ganha com isso?

— Tornar a vida de todo muito o mais miserável que puder. Está com raiva do Dante Albertine porque ele está — acredite se puder — está interessado naquela pobretona favelada da Carla. Eu nem acreditei quando descobri isso. Tentei me aproximar dele na festa e disse que o Aquiles tinha comprado um carro para mim. O idiota esvaziou a poupança dele comprando um carro popular para que eu pudesse chegar mais rápido em casa e assim cuidar da minha mamãezinha doente. — Riu ironicamente. — Um idiota apaixonado...

— Mas foi você mesma que o manipulou a fazer isso...

— Claro que sim, mas porque eu poderia usar como um trunfo para me aproximar do pai dele e foi o que eu fiz. Conteí tudo para o Dante que me agradeceu porque “pelo menos, eu via que a atitude de Aquiles foi irresponsável”. Fiz a minha melhor interpretação de moça tímida e honesta, mas com um toque de sensualidade me debruçando sobre o Dante, para que tivesse plena visão do meu decote, e sussurrando no ouvido dele o presente que o filho me deu. Pensei que dali em diante ele me notaria, imagina a minha surpresa quando vi qual a manchete no dia seguinte no jornal com a foto de Carla e Dante se beijando e mencionando um possível casamento?

— Voltando ao assunto principal: é melhor ir buscar o pivete.

— Acha mesmo que eu vou buscá-lo? Não ouviu eu dizer que ele

está me esperando com meio quilo de maconha na mochila?

— Como assim? Não vai buscá-lo?

— Claro que não.

— Quero ver quando o pai dele descobrir.

— Ah, Bárbara, não enche! Tenho coisas mais importantes para pensar agora.

— Amiga, você não está usando a cabeça. Sabe o que vai acontecer se você não for buscar o Kionã? O moleque vai ser apreendido pela polícia, na melhor das hipóteses, e vão perguntar como ele conseguiu aquela droga toda. Por quanto tempo acha que ele vai guardar segredo que a amada dinda o faz de aviãozinho há anos? Então, você vai ser presa e nem vou listar por quantas acusações. Depois de me fazer incriminar o pai dele testemunhando que ele roubou a minha casa, vai parar atrás das grades como ele. Olha que cena linda? O Miguel em liberdade, você presa e o filho do bandido vai ser enviado para uma casa de detenção, ou melhor dizendo, o seu filho com o bandido será enviado para uma casa de detenção.

— Já disse que te proíbo de falar que o Kionã é meu filho. Até mesmo o Miguel me prometeu que nunca contaria quando eu dei minha palavra que não iria abortar. Ninguém mais pode saber disso. Já não basta eu ter perdido todas as minhas fichas com meu pai, indo para França para ter esse filho que eu nunca desejei.

Kionã ouviu cada palavra até esse momento, depois não ouviu mais nada. Seu rosto estava coberto de lágrimas. Sempre desejou saber quem era sua mãe e sonhava em um dia encontrá-la e poder ir morar com ela. Nem pôde se recuperar do impacto de ter descoberto quem era sua mãe e de tudo mais que Olívia foi capaz de fazer porque começou uma grande correria.

Gritos foram ouvidos e Kionã foi arrastado por uma multidão que corria da briga entre torcidas. Tentou se esconder embaixo de uma das mesas de madeira, mas um grupo começou a quebrá-la para usar como arma contra a torcida rival. Pedacos de paus e pedras voavam para todo lado e ele se sentiu desorientado no meio de toda aquela violência. Viu várias pessoas feridas. Kionã percebeu que foi levado para um dos focos da desordem. Viu cães e o batalhão de choque da polícia começou a disparar balas de efeito moral. Tentou se embrenhar o máximo que pôde. Dali conseguiu avistar a passarela que dava acesso à estação de trem do Maracanã. Precisava chegar lá e começou a correr. De repente, nesse momento, um homem ensanguentado caiu sobre ele. Kionã gritou pedindo socorro.

Sentiu o líquido quente que se esvaía do torcedor e deixava a camisa branca do Vasco tão vermelha quanto do time adversário.

— Socorro! Socorro! Por favor, alguém me ajude. — O menino gritava desesperado pedindo ajuda sabendo que aquele homem morria em cima dele. Era muito pesado e Kionã não conseguia se libertar.

— Meu amor, eu te ajudo — disse uma mocinha de óculos que, com muito esforço, puxou o garoto de baixo do homem ensanguentado. — Você está bem? Está ferido, menino?

— Kionã? — Só agora o menino percebeu quem era a criança que acompanhava a moça que o ajudou.

— Hélio? É você?

— Conhece esse menino, Hélio?

— Sim. Ele é sobrinho da Carla.

— Que Carla?

— A minha amiga que namora o meu pai agora.

— O que faz aqui sozinho, garoto? Vai dizer que fugiu que nem o seu amigo aqui que veio como um clandestino no nosso carro?

Nesse momento, um coquetel *molotov*^[4] explodiu perto deles e a garota puxou o braço dos dois meninos e correu para longe dali.

— Não temos tempo para conversar. Eu preciso tirar a gente daqui. Me perdi dos meus amigos, mas lembro onde fica a casa onde estacionamos o carro.

— Socorro... Cuidado. Hélio parou e puxou o braço da moça antes que uma chuva de pedra a atingisse, quando viu que o tumulto se voltou para a direção deles.

— HÉLIO!!!! CADÊ VOCÊ? — Socorro começou a gritar desesperada quando suas mãos se soltaram.

— SOCORRO! SOCORRO! — Ela ouvia a voz do menino, mas era arrastada para longe dali.

Por um instante, ele não soube o que fazer. Ficou em pânico quando viu que Kionã estava inconsciente no chão e com sangue na testa. Foi atingido por uma das pedradas e desmaiou.

— Acorda, Kionã!!! Acorda! Temos que sair daqui! Acorda! — O menino sacudia o outro garoto que gemeu e abriu os olhos dizendo alguma coisa sem sentido. Hélio gargalhou em seu desespero: —Você está vivo! Você está vivo, Kionã!

Olhou ao redor e viu um quadrado de ferro com uma das tampas abertas tombado pela multidão, provavelmente. O laranja berrante do contêiner de lixo a alguns metros deles pareceu o abrigo ideal naquelas circunstâncias.

— Se apoia em mim, Kionã. Vamos nos proteger ali — disse o garotinho passando o braço do outro menino pelo seu pescoço e o ajudando a

ficar de pé.

Kionã mais tropeçava do que andava. Ele e Hélio caíram algumas vezes antes de alcançarem o interior da lixeira. Hélio sentiu o mau cheiro, mas era suportável. Ficou feliz porque estava cheio de sacos pretos com papel. Alguns rasgaram e se espalhavam pela rua e eram levados pelas pessoas. Hélio ignorou o odor e, tirando alguns desses sacos, deitou Kionã lá dentro e, entrando também, fechou a tampa. O barulho lá fora parecia se amplificar nas paredes de metal da lixeira.

Era quase ensurdecador e Hélio tentou se manter calmo para poder ajudar o outro menino que chorava sem parar.

— Está doendo muito, Kionã? Eu estou aqui com você... Fica tranquilo. Tudo isso vai passar e meu pai vai encontrar a gente e... — Nesse momento, a caçamba de lixo foi movida bruscamente e ouviram mais gritos vindos lá de fora e pancadas surdas com algum objeto ecoou dentro do quadrado de metal.

Os dois meninos estavam aterrorizados e seguraram a mão um do outro.

— Eu fui muito burro... ela mentiu para mim a vida toda, Hélio — desabafou Kionã. — Eu sempre quis que a minha mãe fosse como ela... mas hoje eu vi que ela é um monstro...

— Quem, Kionã? De quem você está falando?

— Ela me odeia... ela odeia toda a minha família... Nem queria que eu tivesse nascido... Meu pai era inocente como a tia Carla sempre disse. A tia Carla... eu fui tão mau com ela... A minha tia sempre cuidou de mim. — Kionã chorava muito e Hélio chorava também porque lembrava que seu irmão tinha dito que não seria seguro levá-lo, mas pensou que depois que estivesse no estádio, ele ligaria para o pai e diria que iria ver o jogo também. Foi a ideia mais idiota que já teve na vida e logo agora que o pai estava mudado. Hélio não sabia o que fazer e nem entendia do que ele estava falando. Os gritos lá fora continuavam e tudo parecia cada vez mais confuso para o menino.

— Lembra do que você falou para mim na sua casa, Hélio? — disse Kionã exausto e já perdendo a noção do tempo que estavam ali dentro. — Eu entendo agora o que quis dizer quando me perguntou quem era a pessoa em quem eu pensava quando precisava de ajuda ou quem eu tinha certeza que faria de tudo para me proteger... Como eu queria que a minha tia Carla estivesse comigo agora.

Ficaram em silêncio depois disso. Passaram o que para eles pareceram horas lá dentro. Quando a gritaria enfim cessou, Hélio se arriscou a abrir um pouco a tampa do contêiner de lixo e sentiu-se feliz ao virar para Kionã

e dizer: — Eu vou conseguir ajuda. Não irei longe.

— Hélio, não me deixe aqui.

— Eu vou voltar. Eu prometo, Kionã.

Kionã tentou se levantar. Sua cabeça doía muito e foi com esforço que ele abriu um pouco uma das tampas da lixeira.

— Ele está lá dentro, Sr. policial. Nos perdemos e nos escondemos naquela lixeira. Meu amigo está ferido. Levou uma pedrada na cabeça.

O coração de Kionã começou a bater descompassado quando a tampa foi totalmente aberta e o policial acompanhado de um pastor alemão surgiu em seu campo de visão.

— Venha comigo, menino. Vamos te ajudar. Você tem um corte feio na testa. — O garoto se afastou da mão que o agente da lei lhe estendia. Sentia seu coração bater alucinadamente. Pensou nas consequências de ser pego com drogas e as palavras que ouviu há pouco tempo por telefone pesaram sobre ele. Iria parar em uma casa de detenção.

— Kionã, o que foi? O policial vai ligar para o meu pai e para a tia Carla. Vai te levar para o hospital e eles vão nos buscar.

Kionã se mostrava relutante em aceitar a ajuda do policial e se afastou até suas costas baterem na estrutura de metal. O cão policial começou a latir sem parar precisando ser contido pelo agente. Farejava algo e latia para alertar o policial que tinha algo errado ali.

— Menino, o que tem nessa mochila? — O cão estava muito agitado e não parava de latir

Kionã se sentiu encurralado e não respondeu.

Apenas chorou já sabendo o que aconteceria.

Horas depois, Dante, Carla, Miguel e Seu Vicente chegavam à Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, após o Hélio fornecer o número do telefone de sua casa ao policial. Dante já havia recebido uma ligação da amiga de Aquiles dizendo que Hélio se escondeu na caçamba da picape para ir ver o jogo com eles. Ela estava desesperada por não conseguir encontrá-lo. Kionã já havia recebido cuidados médicos e ficaria sob custódia por um tempo devido à grande quantidade de droga que encontraram em seu poder até descobrirem quem seria o receptor dela. Ele não quis falar com ninguém. Miguel lembrou ao delegado de plantão que, de acordo com o artigo 2º do Estatuto, seu filho era menor de doze anos e não poderia sofrer medidas socioeducativas, como internação com restrição de liberdade. Qualquer infração

cometida por ele era para ser enquadrada como desvio de conduta e devia ser entregue a seus responsáveis legais.

O menino foi liberado e Carla agradeceu a Dante por Domenico os levar para casa. Ele pediu que ela telefonasse, caso precisasse de qualquer coisa. Ela se despediu dele e de Hélio que pediu muitas desculpas e tentou contar o que sabia sobre Kionã, mas também estava muito assustado com tudo aquilo. Foi a primeira vez que viu uma criança ser algemada.

— Em casa conversaremos — disse Miguel ao filho e Carla e o pai concordaram que ali não era lugar apropriado para descobrirem porque Kionã estava levando drogas na mochila.

Kionã guardou o silêncio enquanto voltava para casa. Todos mantiveram absoluto silêncio enquanto Domenico os levou de volta para a comunidade na Zona Norte da cidade. O menino sabia o que fez com sua família. Os envergonhou da pior forma possível. Mas quando chegaram em casa, Kionã pediu para conversar a sós com a tia.

— O quê? — Miguel a essa altura já tinha perdido toda a paciência, foi para cima do filho e o sacudiu com força. O garoto estremeceu em suas mãos. — Você tem ideia do que fez, seu moleque inconsequente? Faz alguma ideia do que poderia ter acontecido com você, Kionã? Eu jamais imaginaria que você seria capaz de se envolver com drogas. Por que fez isso? E se o filho do Sr. Albertine não tivesse te ajudado? Você poderia estar morto a essa hora! Parou para pensar nisso? Entendeu agora o que é aprender pela dor? Pelo dinheiro fácil ou por acaso está se drogando e é assim que paga pelo...

— Miguel, por favor... se acalme. Todos precisamos ficar calmos agora. Eu vou conversar com ele e enquanto isso você tenta esfriar um pouco a cabeça. Está bem?

— Carla, eu tenho o direito de saber quem envolveu meu filho no tráfico de drogas e...

— Miguel, você está muito nervoso. Deixe Carla conversar primeiro com Kionã. Depois você conversa com seu filho — disse o pai colocando a mão no ombro do filho que depois de olhar para o menino acabou concordando. Nervoso como se encontrava, podia perder a cabeça e não queria fazer isso.

Carla pegou o sobrinho pela mão e o levou para seu quarto. Ficaram com as portas fechadas por cerca de meia hora e quando Carla saiu do quarto puderam ouvir o choro de Kionã. O menino se esvaía em decepção e arrependimento.

— O que foi que ele disse, Carla? — Miguel a interceptou quando viu Carla saindo como um jato em direção à porta da rua.

Carla olhou para as mãos do irmão que a seguravam e impediam de

sair e se livrou delas, antes de responder com uma fúria que se esforçava para conter porque queria canalizá-la contra a pessoa certa.

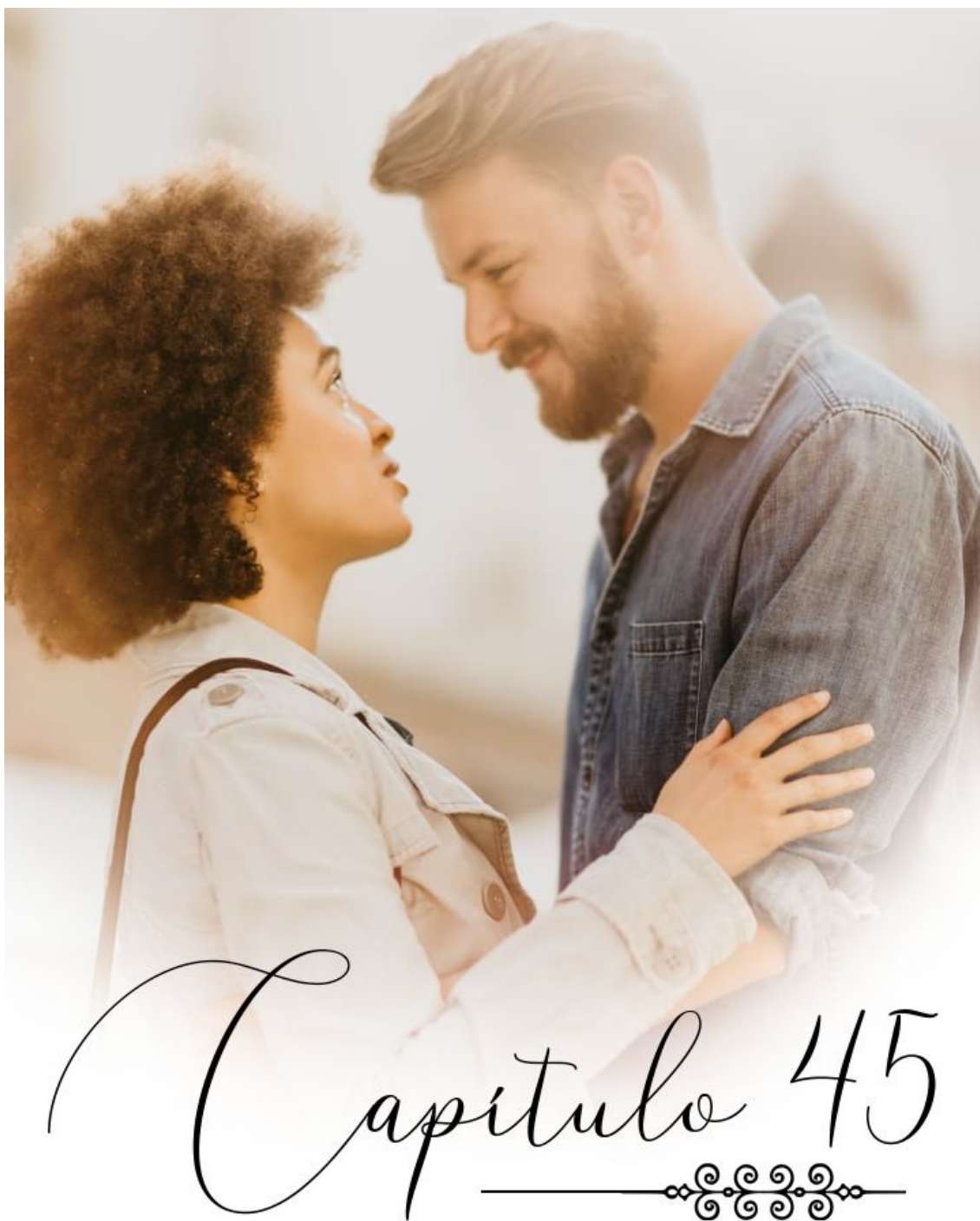
— Tudo isso poderia ter sido evitado, Miguel! — Carla fez com que ele se afastasse dela. — Se você tivesse me contado, eu o teria protegido dela. Ele tinha o direito de saber. Aquela criança foi enganada a vida toda. Todos nós fomos enganados por essa víbora a vida toda. Eu permiti que ela fizesse parte da vida dele e esse monstro egoísta e cruel usou o meu menino. Ele era doce e gentil e ela mudou quem ele era.

— Carla, você está falando....

— Foi a Olívia que fez isso com ele. A MÃE DELE, MIGUEL! A MÃE! — gritou antes de sair batendo a porta.

Miguel viu seu pai abaixar a cabeça após saber quem era a mãe de Kionã. Ele não disse nada, apenas foi até o quarto do neto. Por mais que o menino tivesse cometido um grande erro, Kionã ainda era apenas uma criança. Uma criança que sonhou conhecer a mãe e, quando seu sonho se tornou realidade, ele sofreu a pior decepção de sua vida.

Seu Vicente sabia onde Carla estava indo. Miguel também sabia. Ela iria atrás de Olívia e toda aquela fúria que eles viram pela primeira vez nos olhos de Carla a impulsionava e sabiam que ela precisava colocar tudo para fora.



O SEGREDO DE AQUILES

Aquiles se sentia plenamente feliz. Sua família estava unida como nunca foi antes. Ele e seu pai estavam cada vez mais próximos. Ele se sentia feliz por ver que seu pai realmente estava diferente. Passava boa parte do dia participando da vida deles, quando não estava na fisioterapia. Hélio não

desgrudava do pai e estava feliz por ele parecer tão interessado em ouvir o que menino tinha a dizer. Seu pai queria conhecê-los. Queria conhecê-los de verdade e se tornar amigo dos filhos. Sorriu ao pensar em Carla. Sentia que seriam amigos. Aquiles sabia que Carla era responsável por grande parte daquela felicidade que desfrutavam. Ela fazia seu pai feliz. O fazia sorrir. Aquiles entendia que o amor era capaz de operar grandes mudanças. Ele entendia como seu pai se sentia. Ele também estava apaixonado.

Ali estava ele, muito longe da área nobre do Rio de Janeiro onde cresceu. Mas não se importava de ir ao subúrbio para ver a garota que ganhou seu coração. Ela preferia assim e ele atendia à sua vontade de bom grado. Sua namorada era uma moça de hábitos simples, que rejeitava exposição em ambientes mais luxuosos. Ela sempre pedia que se encontrassem em lugares mais modestos. Transparecia que não se sentiria confortável frequentando o círculo social da família de Aquiles por ter tido uma criação humilde e Aquiles até gostava de conhecer lugares novos e diferentes no Rio de Janeiro. O que realmente importava para ele era estar com ela. O jovem mal conseguia pensar quando ela estava por perto.

— Aquiles... — disse a bela morena sorrindo timidamente ao vê-lo descendo do táxi na entrada daquele cinema no Méier. — Eu senti saudades...

O jovem praticamente correu para abraçá-la e a beijou apaixonadamente. Ele temia assustá-la. Desde que a conheceu, sua timidez a tornava tão inacessível que Aquiles precisou de todo seu poder de persuasão para conseguir conquistar sua atenção, mas agora ela estava ali, em seus braços e Aquiles experimentava o que era amar pela primeira vez e aquele sentimento enchia seu peito.

Ao lado dela, Aquiles esquecia que era herdeiro da família Albertine. Para ela, nada disso importava. Ele era apenas Aquiles e bastava. Esquecia da solidão que aprendeu a conviver desde a infância e se sentia tão feliz por uma mulher como ela tê-lo notado. Ela era alguns anos mais velha, mas o que não afetou a inocência que ele reconhecia nos olhos dela sempre que estavam juntos. Aquiles se impressionava com o quanto ela era inteligente e cheia de vida. Em seu coração, ele tinha certeza que mesmo que ela não fosse tão bela, ele se apaixonaria pela sensibilidade e gentileza de sua amada.

Aquiles sempre foi diferente da maioria de seus amigos que disputavam as moças mais bonitas na escola ou nas festas que frequentavam. Ele aprendeu a valorizar outras qualidades à frente da beleza. Não era um jovem facilmente impressionável. Sua mãe fez com que aprendesse que aparência física não deveria ser o critério norteador de suas relações afetivas. Isadora lhe ensinou, da maneira mais dura possível, que um belo rosto poderia esconder um

coração cheio de desamor. Os anos que conviveu com sua mãe foram os mais difíceis de sua vida. Mas acabou se habituando a ser ignorado por ela. Com o nascimento de Hélio, ele prometeu a si mesmo que tentaria ao máximo não permitir que o abandono da mãe afetasse seu irmão caçula.

— Eu também senti muito a sua falta, Olívia. — E a abraçou com muito carinho novamente. — Fiquei tão feliz quando você disse que precisava muito me ver, Oli.

— Ah... Aquiles, eu sei que é errado estarmos juntos, mas eu me sinto tão feliz ao seu lado.

— Estar com você me faz bem. Eu não me lembro de ter sido tão feliz em outro momento da minha vida. Eu sinto o quanto meu pai tem se esforçado para estar mais próximo de mim e de Hélio. Eu acho que estar apaixonado mudou ele por completo. Eu um dia vou te apresentar a Carl...

— Meu amor, temos pouco tempo juntos e eu te chamei aqui por que há algo muito importante que preciso te contar. Vamos conversar em um lugar mais tranquilo?

— Claro, vamos para aquele restaurante que fomos da última vez.

De braços dados, em cinco minutos eles já se acomodavam nos bancos acolchoados do restaurante japonês. Sentaram-se em uma das mesas mais ao fundo, onde poderiam ter mais privacidade.

— Senti tanta falta de estar assim abraçadinha com você, Aquiles, e te beijar o quanto eu quisesse. Posso?

— Não precisa pedir, Oli. Eu sou seu namorado. Não precisa ter receio de tomar a iniciativa quando estivermos juntos. Eu, na verdade, vou adorar.

Ele a viu abaixar a cabeça e sorrir timidamente e levantando seu queixo disse:

— Me beije quando quiser. Me abrace quando quiser, pois eu farei o mesmo.

Quando Olívia estava em seus braços, ele se sentia capaz de conquistar o mundo. Nada lhe parecia impossível. Porém, o que mais gostava de quando estava com ela era como o fazia se sentir. Olívia o tratava como um homem e não como um adolescente. Ela o fazia rir e ele queria fazê-la feliz também. Ele queria que todos soubessem que estavam juntos. Que ela era sua namorada, mas Olívia disse a ele que tinha receio de como a família dele reagiria por ela ser uma empregada de sua tia. Ele disse que sua família não se oporia ao namoro deles e que ela não devia se sentir daquela maneira, mas Olívia foi irredutível.

— Olívia, meu pai está apaixonado por uma moça que

provavelmente teve uma vida ainda mais modesta que a sua. A Carla é uma pessoa incrível. O pouco que conheço dela já deu para eu...

— Nossa! Você parece tão encantado por essa tal Carla. Ela parece ter conquistado não só o seu pai, Aquiles... — disse a morena abaixando o olhar e virando o rosto.

Aquiles sorriu por vê-la demonstrar ciúmes. Para ele, era um sinal de que ela nutria sentimentos profundos por ele.

— Oli, eu só tenho olhos para você... mas acho que você vai gostar da Carla. Ela tem algo que cativa as pessoas naturalmente. Quem sabe poderão se tornar boas amigas um dia.

— Desculpe por isso, Aquiles — disse permitindo que a trouxesse para junto de seu peito e acariciasse seus cabelos. — Eu me sinto insegura. É que ainda é difícil para mim saber que você pode ter qualquer garota da sua idade, mas prefere estar comigo.

— De onde tirou isso, Oli? Você é linda e desde quando vinte e quatro anos é ser velha. Você é, sem dúvida, a mulher mais linda que eu já conheci e não me refiro apenas à beleza física. Você é gentil. É sensível. É altruísta. Lembra de como nos conhecemos? Você foi lá em casa tirar as minhas medidas e as de Hélio para os smokings que usaríamos na festa e eu mal conseguia tirar os olhos de você desde aquele dia. Tentei me aproximar para te conhecer melhor, mas você disse que não queria perder seu emprego. Que precisava dele para pagar o aluguel e ajudar sua mãe.

— E ainda tenho muito medo que isso aconteça, Aquiles. Mas não consigo mais negar o que sinto por você, também, por mais inconsequente que isso possa ser.

— E você não precisa negar. Não precisa fugir. Já me conhece um pouco. Acha mesmo que eu te magoaria? Eu sei que já passou por muita coisa ruim na vida, mas eu só quero te fazer feliz, Oli. Então, não vamos voltar a discutir sobre se vamos ou não ficar juntos. Eu pensei que jamais me daria uma chance. E quando eu menos esperava, lá estava você sentada na praça em frente ao meu colégio.

— Você me esperou no ponto de ônibus todos os dias por seis semanas e naquela terça-feira você não foi... fiquei preocupada.

— Eu adorei saber que sentiu minha falta e foi me ver no dia seguinte. Você não queria nem conversar comigo no dia em que nos conhecemos. Lembra, Oli? — disse ele acariciando o rosto dela. — Eu passei a ir te ver todo dia após as minhas aulas e você era educada, mas sempre dizia que nada poderia acontecer entre nós. Mas quanto mais você me afastava, mais eu queria estar perto de você. Eu não conseguia parar de pensar em você, Oli.

— Mas você não desistiu e continuou indo me ver após o fim do meu expediente.

— Eu não desisto das pessoas que são importantes para mim. Você tinha tanto medo da minha tia ou do Demétrius nos ver juntos e tirarem conclusões precipitadas.

— E seria natural que isso acontecesse. Eles poderiam pensar que eu sou apenas mais uma alpinista social querendo me dar bem. E eu não quero passar por isso de novo... já sofri demais, Aquiles.

— Eu não sou como seu ex-noivo, Oli. Eu não vou te magoar. Por isso, aceitei suas condições de nos vermos em segredo, porque era isso ou eu não veria mais você. Nunca me senti assim com garota nenhuma. Eu sou franco quanto ao que sinto. Nunca consegui esconder meus sentimentos e só conversar com você já torna meu dia melhor e eu quero me sentir assim sempre.

— Eu não sei se suportaria outra decepção. Eu quero muito acreditar que podemos ser felizes juntos apesar de sermos tão diferentes, mas a vida já me mostrou tantas vezes que as pessoas nem sempre são o que parecem. Você tem certeza que não prefere sair com meninas da sua idade? As meninas da sua escola... eu vi como olham para você quando fui te encontrar lá... Elas são lindas e ricas. Pertencem ao seu mundo e eu sou velha para você. Eu... sou sem graça...

— Olívia, eu não me interesso por mais ninguém. É verdade que há muitas meninas bonitas da minha idade onde estudo, mas você é a pessoa mais gentil e doce que eu já conheci.

— Aquiles, hoje você pode estar interessado em mim, mas as pessoas mudam de ideia. Eu nunca tive muitos amigos e nunca fui a garota popular ou a mais bonita na época da escola. Eu passei a ser até ridicularizada, depois que meu pai abandonou a mim e minha mãe tudo só piorou. Ficamos sem ter onde morar. Eu trabalho desde então para sustentar nossa família. Chegamos a passar fome e quase fomos despejadas... Ele nos deixou sem nada. Foi tão... difícil. Demorei muito a abrir meu coração depois disso. Aí veio o meu noivo e ele... não quero sofrer dessa forma novamente. Amar alguém e ver essa pessoa nos dar as costas sem nem ao menos se despedir é... — Aquiles amparou Olívia quando a moça começou a chorar copiosamente.

— Eu sinto muito por você ter passado por tudo isso, Oli. Sei que a vida nem sempre é justa, mas eu não sou como seu pai. Não vou abandonar você. Jamais faria isso. Eu quero cuidar de você.

— Eu sinto que quando descobrirem sobre nós, vão me afastar de você e logo você vai me esquecer — disse Olívia deixando a primeira lágrima escorrer por seu rosto. — Eu nunca acreditei no amor até conhecer você.

— Os negócios da família não seriam um empecilho para ficarmos

juntos. — Ele sorriu quando o longo e ardente beijo chegou ao fim. Ele mal conseguia tirar os olhos da moça à sua frente. Se sentia feliz, apesar de ter que omitir de sua família aqueles encontros. Pretendia em breve revelar a todos que eles se amavam e que ficariam juntos.

— Eu sei que quando eles descobrirem, não poderemos mais ficar juntos. Afinal, quem eu sou? Apenas a garota que organiza a agenda da sua tia Margot. Uma reles assistente e você é o herdeiro dos Albertine.

— Não gosto quando se refere a si mesma assim, Oli — disse chamando-a pelo apelido carinhoso. — Minha família é como qualquer outra e tanto meu pai quanto minha tia Margot não julgam as pessoas por sua classe social. Não vivemos em um mundo de aparências. A única que talvez pense assim é a Isadora, mas ela não participa da minha vida há muito tempo. Mal vejo minha mãe. Ela quis que fosse assim. Quero muito que eles te conheçam. Agora mais do que nunca. Quero muito que você pense a respeito. Sei que tem seus receios, mas eu posso assegurar que são infundados. Meu pai é um homem justo e tanto ele quanto minha tia não se oporiam ao nosso namoro. — Ele olhou no fundo dos olhos dela e disse: — Eu quero que todos saibam que você é minha namorada.

— Aquiles, eu ainda prefiro que por enquanto nossos encontros continuem secretos.

— Mas Oli não há por que...

— Por favor... — interrompeu ela o beijando e abraçando com força. Ele percebeu o tom de choro em sua voz e, como o corpo dela tremia, a abraçou forte. — Eu não quero perder você, Aquiles.

Segurando gentilmente o rosto de Olívia em suas mãos e a fazendo olhar para ele, Aquiles disse:

— Você não vai me perder. Sabe por que? Porque eu amo você, Olívia.

— Você me ama, Aquiles? — disse ela sorrindo. — Como pode ter certeza disso?

— Porque não consigo imaginar minha vida longe de você, Oli. Pare de apresentar razões para eu me afastar de você. Quero que entenda que sou feliz com você e sei que sou capaz de te fazer feliz também. Não me diga novamente que tenho a vida toda pela frente. Que tenho muito que viver para descobrir o que realmente quero da vida. Eu sei o que eu quero. É só você que eu quero. Acredite em mim.

A moça tocou o rosto dele com a ponta dos dedos e sorriu tristemente.

— Eu queria poder acreditar, mas é tão difícil... Seu pai parece ser

um homem que não reagiria muito bem ao saber que o filho está envolvido com uma garota do subúrbio como eu.

— Olivia, meu pai e eu sempre tivemos nossas diferenças de opinião, mas ele nunca julgou ninguém por suas origens. Além disso, o amor está a nosso favor. Meu pai está apaixonado e acho que não haveria momento mais oportuno para revelar que estamos juntos. Não compreendo por que tem essa imagem tão ruim dele. Aconteceu algo que te fez pensar assim?

— Eu já ouvi conversas de sua tia falando do temperamento dele e...

— Tia Margot falando mal do meu pai?

— Não. Eu não disse isso. — Ela se atrapalhou.

— É quase impossível de acreditar, Oli. Me desculpe — disse ele em dúvida, pois a sua tia Margot era a única pessoa que conseguia fazer seu pai reconsiderar uma posição. Com isso em mente, ele prosseguiu: — Tia Margot e meu pai concordam em quase tudo. Eles são muito próximos. As únicas vezes que os vi discordar foi quando meu pai foi mais severo comigo ou com Hélio e ela sempre ficava do nosso lado. Às vezes, até brigavam sério por nossa causa, mas ela sempre consegue o que quer do papai.

— Foi justamente isso, Aquiles. Sem querer, ouvi uma conversa dela com Demétrius e ela dizia que queria muito que seu pai fosse menos repressor com vocês dois. Ela me surpreendeu ouvindo e acho até que é por isso que não vou durar muito nesse emprego. Por mais que eu me empenhe e tenho mesmo me empenhado muito, já percebi que não tenho talento para o mundo da moda. E só esforço e dedicação não parecem ser suficientes para sua tia Margot.

— Acho que você está enganada sobre o meu pai e sobre a tia Margot. Com o tempo você vai ver que eles não são tão difíceis quanto está imaginando. Acho que você passou a vida esperando o pior das pessoas e agora não consegue ser diferente. Mas eu quero que saiba que vou te ajudar a confiar novamente, porque para você me amar precisa aprender a confiar. E o que eu mais quero é o seu amor, Oli. Sei que não me ama ainda, mas eu serei paciente. Eu prometo.

Ouvir aquelas palavras fizeram Olívia sentir algo diferente. Para ela tudo aquilo era um jogo. Um jogo que poderia assegurar mais dinheiro do que ela poderia gastar em mais de uma vida. Aquiles era seu bilhete premiado. Uma vez que Dante Albertine se mostrava inalcançável e que Máximo Kobayashi se mostrou um mulherengo muito satisfeito com a vida que levava, o jovem Aquiles se mostrou uma presa mais fácil de cair em seus encantos.

Mas manipulá-lo não foi uma tarefa tão fácil quanto pareceu a princípio. Precisou estudá-lo. Queria conhecê-lo melhor antes de traçar sua estratégia de conquista. Conheceu Isadora antes de voltar-se para Aquiles, pois

ainda pensava em se tornar a esposa do presidente ou do vice-presidente da Albertine Construções na época, mas com ela percebeu que um alvo que iria requerer muito menos esforço estava diante do seu nariz o tempo todo. Desse modo, ela passou a segui-lo e observou que apenas sua beleza não seria suficiente para conquistar o coração do herdeiro bilionário. À distância, o analisava jogar basquete com amigos, o via ser alvo de garotas mais atrevidas que se insinuavam abertamente para Aquiles. Uma delas mais atrevida se atirou literalmente no colo dele enquanto ele conversava animadamente com um grupo de amigos e ela não teve pressa em levantar.

Olívia chegou a rir do amadorismo dessas garotas, mas não só acreditava em seu poder de sedução, tinha certeza que conseguiria estar grávida de Aquiles até o fim do ano. Além disso, aquelas meninas eram exatamente isso, meninas, enquanto Olívia já era uma mulher conhecedora de subterfúgios para conseguir fazer com que qualquer juvenzinho de 18 anos se apaixonasse por ela perdidamente. Sabia ser a mais sedutora com a mesma naturalidade que incorporava o papel da pobre e ingênua moça que precisava ser protegida, mas a abordagem de todas essas meninas não surtiu o efeito desejado, contudo havia uma menina, em especial, que se mostrou uma potencial ameaça.

Ela não era bonita. Pelo menos, não havia nenhum atributo nela que Olívia julgasse atraente para chamar a atenção de rapazes e muito menos atendia aos parâmetros de beleza de Olívia. Os colegas mal a notavam, mas o herdeiro da Albertine Construções era diferente. Ele sorria para ela e a fazia sorrir de volta para ele. Parecia mesmo evitar estar perto do grupo de amigos de Aquiles, ao contrário das outras garotas que o cercavam e faziam questão de tocar o braço do rapaz sempre que tinham a chance. Essa menina parecia não querer ser vista. Olívia descobriu facilmente que ela se chamava Maria do Socorro, mas Aquiles a chamava apenas de Maria. Só o nome já fez Olívia rir. E quando viu alguns colegas passarem por ela a chamando de “*precisa de ajuda*”, Olívia não resistiu e, de onde estava, riu da menina que se encolhia no último banco da praça. Realmente a forma que ela se vestia era literalmente um pedido de ajuda. Olívia observou a garota que usava calças tão largas, que pareciam masculinas. Em seu rosto não havia um único traço de maquiagem e o cabelo ou estava amarrado em um longo rabo de cavalo, ou ela distribuía entre várias tranças, quando não cobria com um boné de um time de futebol. Contudo, quando Aquiles a via, deixava o grupo de amigos e ia se sentar ao seu lado naquele banco afastado da praça em frente à escola. Aquele banco era o que ela sempre escolhia para se sentar ou se isolar dos outros alunos. Olívia notou que ela sempre usava fones de ouvido e estava com uma câmera antiga nas mãos fotografando disfarçadamente ninguém menos que o próprio Aquiles quando ele estava entretido conversando

ou jogando basquete, mas quando ele conversava com ela, o que acontecia com mais frequência do que Olívia gostou de constatar, Maria nunca olhava diretamente para ele e até se afastava um pouco dele quando estavam sozinhos. Olívia percebeu que aquela menina poderia ser uma pedra no seu caminho e deu um jeito de tirá-la rapidamente.

— *Maria do Socorro, não é esse seu nome?* — disse Olívia para a menina de óculos que tratou de esconder a câmera quando viu que não estava sozinha.

— *Sou eu, sim. E quem é você?* — disse observando a bela morena de roupas elegantes e maquiada com esmero que se elevava à sua frente.

— *Eu sou a namorada do Aquiles e estou muito insatisfeita com suas investidas em cima dele.*

— *N-Namorada? Aquiles nunca me falou que estava na...*

— *E por que ele falaria da vida pessoal para você? A garota que tira fotos dele sempre que pensa que ele não está olhando?*

— *E-Eu não faço iss...*

— *Por favor, Socorro. Se não for para poupar o meu tempo que é precioso, conserve o resquício de autoestima se é que você tem algum. Foi o próprio Aquiles que me contou que você tem dezenas de fotos dele, pois não é segredo para ninguém da escola que você é apaixonada por ele. Vim até aqui porque Aquiles é bonzinho demais para dizer que não se sente bem com você o cercando o tempo todo. Ele te vê sempre sozinha ou com outros esquisitões como você e por ser um cara legal te deu um pouco de atenção, mas você acabou confundindo tudo e agora ele é motivo de piadas entre os seus amigos. Os amigos dele de verdade. Aqueles que contam a verdade.*

A moça se pôs de pé assumindo uma postura defensiva e viu que mal chegava na altura do ombro de Olívia considerando os saltos de 15 cm que a morena usava, mas ela não se deixou intimidar.

— *Por que ele mesmo não veio me dizer isso? Se estou sendo tão inconveniente, bastava ele dizer que eu me afastaria.*

Olívia estava preparada para essa pergunta. Passou uma semana apenas observando de longe o horário de entrada e saída das aulas de Aquiles com os amigos. Ficou a maior parte do tempo em seu carro, que tinha o vidro fumê, e onde poderia observar sem ser vista, mas em algumas ocasiões colocava óculos escuros e fingia folhear uma revista sentada em um dos bancos da praça na frente do majestoso edifício daquela escola tradicional da Zona Sul carioca. Foi ali que ouviu várias garotas do terceiro ano empolgadas por já terem parado para o baile de formatura. Uma delas deixou escapar que não acreditava no que seu namorado havia contado: que Aquiles Albertine iria convidar a “precisa de

ajuda” para ir com ele ao baile. Aquela notícia chocou todas ali e fez com que Olívia percebesse que era a hora de entrar em ação.

— Ele está arrependido de ter dado esperanças de que te levaria ao baile. Lógico que agora que assumimos nosso namoro ele quer muito que eu o acompanhe, mas eu pensei bem e pedi a ele que te levasse.

— O Aquiles m-me levar ao baile? C-Como assim?

— Sim, pedi que te convide para irem juntos. Depois que ele me contou dessa paixãoite sua e de como esse dia deve ter sido idealizado por você, mas que fique claro que ele terminará a noite na minha cama. Vai te buscar em casa e dançar algumas músicas com você e é aí que você voltará a ser abóbora. Estamos entendidas?

— Eu não preciso da sua pena, nem do Aquiles e nem de ninguém. Peço que diga a ele para nunca mais perder o tempo dele falando comigo.

Assim, a moça saiu dali tentando não chorar na frente de Olívia. Aquiles tentou falar com Maria e percebeu que ela o estava evitando. Mas dois dias depois, a encontrou concentrada ouvindo uma canção, sentada com a cabeça apoiada em uma árvore que dava sombra a seu banco preferido. Ele ficou sem palavras ouvindo ela cantar. Não sabia que Maria tinha uma voz tão melodiosa e doce, mas algo que o encantou foi como ela conseguia transmitir a emoção da letra melancólica que falava de um amor correspondido, mas com muitos obstáculos intransponíveis para a moça. Ficou ali até ela terminar a canção e aplaudiu entusiasmado, o que fez Maria se assustar e, ao vê-lo, deu as costas e começou a se afastar sem dizer uma palavra. Aquilo deixou Aquiles confuso e tentou se desculpar por tê-la assustado. Ele foi a sua procura para convidá-la para o baile, pois, para ele, Maria era a única garota que gostaria de levar à cerimônia de formatura dali a dois meses, mas ela disse não. Sem nenhum esclarecimento. Não disse se já tinha outro par. Apenas disse que não gostaria de ir ao baile com ele. E o deixou ali.

Assim, Olívia ficou ainda mais confiante, pois não precisaria se preocupar com a concorrência.

— Oli, está me ouvindo? — Aquiles chamou novamente dando um beijo leve em seu rosto. — Ouviu algo do que eu disse?

— Desculpe, querido. Me distraí... estava pensando na minha mãe, ela piorou um pouco essa semana...

— Caramba! Oli, eu sinto muito. Há algo que eu possa fazer para ajudar?

— Não, Aquiles. Ela está doente há algum tempo e eu só preciso comprar uns remédios porque os dela já acabaram. Só que são bem caros e eu não tive coragem para pedir um adiantamento para sua tia. Já pedi no mês

passado e não quero dar essa imagem para ela, de que não sou organizada com meu dinheiro.

— Oli, quanto é? Eu posso te ajudar.

— Não! De jeito nenhum! Eu já te disse que não vou aceitar um centavo vindo de você — disse levantando-se e demonstrando revolta com aquela oferta. — Eu não sou esse tipo de garota. Não estou interessada no dinheiro da sua família.

— Calma, Oli. Eu ofereci na melhor das intenções — disse ele também se levantando.

— Não é a primeira vez que você me oferece dinheiro, Aquiles, e eu já disse o quanto isso me ofende.

— Meu amor, eu não tive essa intenção — disse ele tentando acalmá-la segurando o rosto de Olívia entre as mãos. — Eu só quero que você saiba que pode contar comigo para o que precisar. Eu quero que saiba que estarei aqui por você. Se precisar de ajuda, de apoio, de atenção ou de qualquer coisa que estiver ao meu alcance, eu espero que saiba que eu quero te ajudar.

— Eu agradeço, Aquiles. Mas eu sempre dei meu jeito. Sozinha. Trabalhando. Para mim, nada veio de graça nessa vida e eu nem quero que venha. Promete nunca mais me oferecer dinheiro, Aquiles?

Ele sorriu olhando a moça com o cenho franzido na sua frente.

— Eu prometo, Oli. Se é tão importante para você. Eu prometo. Mas preciso dizer que tenho muito orgulho de ser seu namorado, sabia?

— Orgulho de mim? Por quê? — disse Olívia em uma interpretação digna de Oscar e aceitando se sentar novamente ao lado dele.

— Por você ser essa mulher íntegra e sem nenhum interesse no que não é fruto de seu próprio trabalho, Oli. Pessoas como você são raras. Você é admirável, meu amor.

— Eu fui criada com muito pouco, Aquiles, e eu já consegui um trabalho extra. Vou ajudar a cuidar de uma vizinha de idade no meu prédio durante a noite essa semana e, assim, eu conseguirei comprar os remédios da minha mãe.

— Cada dia eu te amo mais, Oli.

Ela sorriu e aceitou o beijo que Aquiles que lhe deu.

Pediram a refeição, mas deram pouca atenção à comida. Aquiles mal viu o tempo passar e quando se despediram, ele a convidou para irem juntos a um jogo de futebol no Maracanã com alguns amigos dele. Ela havia dito que adorava basquete e futebol quando o conheceu, mas, na verdade, odiava esportes, porém acabou fingindo entusiasmo e concordou.

Pegou um ônibus, mesmo ele se oferecendo para deixá-la em casa.

Assim que ele sumiu de sua vista, ela desceu do ônibus, pegou seu carro e foi para casa.

No dia seguinte, Aquiles passou o dia em família e Carla estava com eles. Foram à praia e após o jantar, ele foi se encontrar com os amigos para ir ao jogo do Flamengo e Vasco, mas Olívia disse que precisava conversar com ele com urgência e ele foi ao seu encontro.

— Aquiles, eu tenho algo muito importante para te contar, mas não sei se devo.

— O que é, Olívia? — disse vendo como ela parecia preocupada. — Não quero que exista segredos entre nós. Você pode se abrir comigo e podemos falar sobre qualquer coisa. Eu farei o mesmo com você.

Ela pareceu reticente ao se sentar ao lado dele. Com uma das mãos segurou seu rosto e com a outra aprestou a mão de Aquiles.

— O que de tão sério você queria conversar comigo, Oli? Fiquei preocupado. Sua mãe piorou? É isso?

— Não, meu Aquiles. Não se trata da minha mãe. O que eu tenho para te falar é sobre você. Sobre o que você acha que sabe sobre sua vida.

— Como assim? Eu não entendo...

— Não há como dizer isso de outra maneira, Aquiles — disse ela o abraçando com muita força e parecendo muito triste com o que estava prestes a revelar.

Ele se afastou dela e disse:

— Olívia, você está começando a me assustar. O que aconteceu?

— Eu ouvi sua tia Margot conversando com Demétrius que você não é filho do Sr. Albertine.

— O quê? Do que você está falando, Oli? Que loucura é essa?

— Eu sinto muito ser eu a te dar essa notícia horrível, Aquiles... — disse ela com os olhos marejados. — Eu me sinto péssima, mas eu ouvi ela dizer claramente isso.

— Oli, eu... — Aquiles não conseguia processar o que acabava de ouvir. Receber tal notícia de supetão desse jeito fez com que o chão sumisse debaixo de seus pés. Aquela notícia abalou sua noção de mundo, afetaria sua vida inteira.

— Eu não posso acreditar nisso. E-Eu sou filho de Dante Albertine. Nós temos os mesmos olhos. Temos o mesmo tom de cabelo. Até o mesmo tipo sanguíneo. Eu sei disso porque...

— A sua mãe também não é a Isadora, Aquiles. Eu acredito que você seja tão parecido com o Sr. Albertine porque na verdade você é sobrinho dele. Sua mãe, eu acredito que seja sua tia Margot. Eu gravei a conversa dela com o Demétrius. Eu não sei por que fiz isso, me senti traindo a confiança dela. — Nesse momento, Olívia começou a chorar e Aquiles viu que tudo aquilo realmente estava acontecendo, ela jamais levantaria uma acusação tão grave se não tivesse certeza. — Aquiles, me perdoa, mas eu precisava ter algo concreto para te mostrar porque a sua confiança eu jamais poderia trair. Você é o amor da minha vida.

Aquela foi a primeira vez que ela declarou seu amor por ele e Aquiles ficou ainda mais desorientado.

— Você disse que gravou a conversa.

— Sim. Vou te deixar sozinho para ouvir e, dizendo isso, ela entregou o telefone nas mãos dele com o áudio aberto. Aquiles viu quando ela saiu do restaurante onde sempre se encontravam. Ele apertou o play e ouviu a verdade que mudou totalmente sua vida. Naquele momento, Aquiles descobriu que o homem que sempre acreditou que era seu pai não era seu pai e que, provavelmente, o motivo de Dante Albertine não o tratar com afeto enquanto crescia, era porque ele era filho do homem que o pai mais odiava. Aquiles desceu do carro e saiu andando sem saber para onde ia. Precisava pensar. Precisava de respostas. Precisava descobrir quem ele era, afinal.



Capítulo 46

A VERDADE SOBRE AQUILES

Carla pensou em tudo que aconteceu nos últimos três dias. O jogo do Flamengo e Vasco. Kionã e Hélio saindo escondidos de casa. A briga das torcidas. Kionã levando uma pedrada e depois sendo apreendido por porte de drogas. A forma como descobriu quem era a mãe de seu sobrinho.

Afastou aqueles pensamentos para longe, junto com o pressentimento ruim que os acompanhava. Precisava focar em Aquiles nesse momento.

Carla ficou de longe vendo Aquiles conversar com Nikki Lauda. O jovem vestia jeans, camiseta escura e botas. Fazia carinho no focinho do animal que ouvia com atenção o que o jovem lhe dizia. O rapaz não pareceu notar sua presença. Ela não queria que ele pensasse que o estava vigiando e muito menos queria assustá-lo. Ficou observando como ele parecia infeliz. Lembrou de como Dante estava desolado sem notícias de Aquiles e como não conciliava o sono imaginando o que poderia ter acontecido ao filho mais velho. Desaparecer e deixar todos aflitos não era o perfil de Aquiles, que sempre foi equilibrado e sensato pelo pouco tempo que o conhecia. Carla queria conseguir ajudá-los a se reencontrarem. A descoberta da real paternidade de Aquiles não poderia ruir a relação que ele e o pai estavam construindo. Carla simplesmente adorava ver Dante, Hélio e Aquiles juntos como uma família deveria estar.

Pensava em Gustavo. A existência dele por anos se resumiu a uma profunda solidão. Não conseguia nem mensurar o sofrimento de seu amigo. Um filho poderia ter trazido mais sentido à vida dele, disso ela tinha certeza, mas havia tantas vidas envolvidas. Tantos destinos foram diretamente afetados por aquele segredo. E seguindo sua intuição, e a dica de Hélio, encontrou o filho mais velho de Dante.

Não quis dar falsas esperanças e dizer a Dante que achava que sabia onde encontrá-lo.

— Sei que está aí, mas não tenho nada para dizer. Por favor... apenas vá embora.

Ele já havia notado sua presença e Carla ficou meio embaraçada, mas viu que era hora de se aproximar.

Ela viu o rapaz levando o cavalo de volta ao interior do estábulo e o seguiu para que pudessem conversar.

— Meu pai te mandou aqui, Carla?

— Não, Aquiles. Ele não sabe que eu estou aqui. Na verdade, o Hélio me fez arriscar esse palpite. Ele disse que seus animais preferidos eram cães e cavalos — disse ela se aproximando e tocando o focinho de Nikki Lauda que se empolgou ao ouvir a voz dela.

— Meu irmão é observador.... Sempre foi. — Sentou-se no chão e se resignou a dizer apenas isso, olhando rapidamente em sua direção e observando como o cavalo reagia animadamente ao vê-la. Ele claramente estava feliz e passava o focinho pelo rosto da dona.

— Eu também senti saudades, meu meninão. Você está novinho em

folha, não é mesmo, Nikki? Sei que logo poderei levá-lo para casa.

O animal pareceu compreender cada palavra e relinchou mais animadamente.

— Ele gosta mesmo de você — admitiu Aquiles, vendo a alegria genuína do cavalo ao reencontrar sua dona.

— Chamam esses seres incríveis de irracionais, mas no mundo deles é tudo tão menos complicado que o nosso, não é mesmo? Acho que o amor é o laço mais forte que pode nos conectar. Um cavalo pode amar um ser humano de modo tão pleno. Um cão pode ser fiel ao ponto de ser o melhor dos amigos. *Amor*. É o que nos conecta com quem é importante para nós, Aquiles. Hélio, por exemplo, ele te ama demais e está desconsolado. Sabia que ele foi escondido na carroceria do carro para ir com você até aquele jogo de futebol?

— O quê? Como assim? Eu não o vi. Não sabia. O que aconteceu com meu irmão? A briga das torcidas rivais... — O rapaz prendeu a respiração ao recordar e, colocando a mão no ombro de Carla, sua expressão se transformou de imediato. — Quando começou a briga entre as torcidas... eu decidi ir embora. Carla, me diz que o Hélio está bem? Eu não me perdoaria se...

— Calma. Ele está bem agora, querido. Graças a Deus — disse o tranquilizando e vendo o rapaz soltar o ar dos pulmões. — Fique tranquilo. Hélio, na verdade, foi muito valente. Nosso pequeno ficou com meu sobrinho Kionã que levou uma pedrada na cabeça durante a confusão, mas ele está bem agora também. Hélio perdeu o telefone e demorou a conseguir ajuda, mas não deixou o Kionã em nenhum momento. Nosso pequeno herói.

Carla suspirou profundamente ao recordar o desespero de não saber onde estavam os dois garotinhos.

— Então, imagine essa fração de segundo que você se sentiu em desespero pelo Hélio. Multiplique isso por mais de 72h sem notícias e terá uma noção de todo sofrimento que seu pai e toda sua família estão passando, Aquiles.

Ele olhou para Carla e, fechando os olhos, disse:

— Você já sabe?

— Sei que seu pai e você têm muito o que conversar e ele não dorme há três dias. Mal se alimenta, e Hélio está indo pelo mesmo caminho — disse se sentindo mal por apelar para o ponto fraco de Aquiles: seu irmão caçula.

— Meu pai te contou...

— Não, Aquiles. Ele disse que precisa falar com você antes de qualquer outra pessoa.

O menino ficou em silêncio e depois disse:

— Eu preciso ir a um outro lugar primeiro. Você pode me acompanhar?

— C-Claro! — Ela ficou surpresa com o pedido, mas concordou de imediato. Ficou feliz por ele estar disposto a voltar para casa e ouvir o pai.

Mônica esperava por eles no estacionamento do haras e conversava com o Dr. Juan, veterinário chefe do lugar. Meia hora depois, chegavam ao endereço que Carla já conhecia: a mansão de Gustavo Grael em São Conrado.

Viu quando Gustavo abriu a porta surpreso, mas reconheceu um grande alívio na expressão dele ao mesmo tempo. E nervosismo. E alegria. E mais nervosismo.

— Posso falar com o senhor? — Foi apenas o que Aquiles disse olhando diretamente nos olhos azuis daquele gigante loiro.

— Entre, Aquiles. Por favor. Eu sou...

— Eu sei quem o senhor é. Sempre soube. É muito mais que apenas um concorrente da Albertine no mercado de construção civil. — Havia um tom hostil na voz de Aquiles e Carla identificou isso facilmente. — Acho que sua presença sempre pairou sobre minha família. Estudou junto com meu pai, meu tio Benício e quanto à tia Margot... Bem, foram amigos no passado até você...

— Eu vou esperar no carro. Demorem o tempo que precisarem — disse Carla vendo que havia mais coisa do que ela imaginava naquela história, mas confiava no bom senso de Gustavo para lidar com a situação.

— Carla — chamou Aquiles —, por favor, não avise meu pai... ainda. Se fizer isso, ele vai aparecer aqui em 10 minutos e eu tenho muitas perguntas a fazer ao Sr. Grael.

— Pode deixar, querido. Vou esperar vocês terminarem de conversar para te levar para casa. Está bem assim?

Ela viu o rapaz lhe dar um breve sorriso e assentir com a cabeça.

Carla assentiu e ficou no Uber com a amiga por cerca de uma hora e meia.

Após três dias inteiros de buscas sem nenhum resultado, Dante estava exausto, porém, maior que seu cansaço, era a angústia que sentia por não fazer ideia de onde seu filho mais velho estava. Ele pôde contar com o apoio de Carla todos os dias. Ela o fez se alimentar, mesmo quando ele disse estar sem fome. Muitas vezes, ela precisou insistir muito para que ele comesse, mas não conseguiu convencê-lo a dormir. Estava visivelmente abatido. A barba crescia sem ser aparada, contudo a aparência era o que menos importava para ele. A polícia não teve sucesso nas buscas pelo herdeiro da família Albertine e Dante temia pelo pior.

Dante e Carla ficaram com Hélio todo o tempo. Ele tentou dar um

pouco de normalidade aos dias sem o irmão. A aflição de Hélió era tão profunda que só se comparava à do próprio pai. Os irmãos por muito tempo só encontraram refúgio um no outro, mas agora Hélió percebeu que tinha um novo amigo: seu pai. E Dante encontrou um pouco de alento no amor que o filho inegavelmente demonstrava por ele. Quando Dante foi colocá-lo para dormir, Hélió deitou-se em seu peito enquanto o pai acariciava seus cabelos. O menino o viu chorando no quarto e o abraçou. Apenas abraçou seu pai. Dante o estreitou em seus braços da mesma forma como desejava fazer com Aquiles. O medo de algo ter acontecido a seu filho o fazia agora beirar o desespero, mas precisava ser forte, por Hélió.

— *Me desculpe, meu filho...* — disse tentando secar o rosto quando percebeu que não estava sozinho. Mas foi o menino que lhe deu forças ao lhe dizer algo que Dante jamais esqueceria.

— *Pai, eu já chorei também. Não deve sentir vergonha por estar triste. Foi o Aquiles que me ensinou isso.*

— *Foi, filho?* — Quis saber Dante tentando expressar um breve sorriso.

— *Ele me disse que se amamos alguém que não está perto de nós, às vezes, choramos de saudade. Mas o Aquiles me fazia rir sempre que eu estava me sentindo assim* — disse abraçando o pai.

— *De quem sentia saudade, Hélió?*

O menino voltou a encarar o pai e fazendo carinho em sua barba, respondeu:

— *Eu sentia saudade do senhor, papai. O Aquiles também, só que ele não é de chorar, sabe.*

Aquelas palavras o atingiram profundamente. Dante compreendeu o que o filho dizia. Moravam juntos, conviviam diariamente, mas ele nunca estava realmente lá.

— *Me perdoe, meu filho. Me perdoe por te fazer sofrer desse jeito* — disse Dante cobrindo as mãozinhas que acariciavam sua barba. — *Eu queria ter entendido antes que estar com você e seu irmão tinha que ter sido minha prioridade.*

— *Papai, está tudo bem. Eu lembro do Aquiles dizendo que o senhor trabalhava muito para cuidar da nossa família e garantir que os trabalhadores da construtora pudessem cuidar de suas famílias também. Ele dizia que é uma responsabilidade muito grande cuidar de tanta gente.*

— *Eu estou com muita saudade dele agora. Você está certo, meu*

filho — disse Dante com os olhos vermelhos e marejados, sorrindo para o filho caçula.

— Papai, eu sei que ele vai voltar para a gente. O Aquiles aprendeu a ser forte e esperto com o senhor. Eu sei que ele vai voltar para nós, porque ele mesmo me disse que as pessoas que ele mais ama no mundo inteiro somos nós dois.

— Ele disse isso?

— Disse. Várias vezes. Ele é meu melhor amigo, papai. Não temos segredos.

— É bom saber disso, filho. É assim que deve ser. Irmãos devem cuidar uns dos outros — disse lembrando da relação dele próprio com Benício e Margot. Reconhecia no entusiasmo da forma como Hélio falava de Aquiles seu próprio entusiasmo quando estava com Benício. E o amor dos dois por Margot os unia de uma forma única.

— Eu vou cuidar dele também, papai. E do senhor. Porque o Aquiles me ensinou muita coisa, mas a melhor coisa que eu aprendi com ele foi a amar o senhor.

Aquelas palavras, Dante jamais esqueceria enquanto vivesse. Hélio acabou dormindo em sua cama e Dante ficou horas apreciando o sono tranquilo do seu pequeno. Voltou para sala no andar térreo e pensou em Carla e em como ela não saiu de seu lado. Já passaram por tanta coisa juntos. A amava como jamais amou outra mulher em sua vida. Quando ela disse que precisaria sair rapidamente, ele tentou se mostrar compreensivo. Ela tinha sua própria família e já estava há dias com ele e Hélio. Mas a ausência dela tornava aquela espera ainda mais difícil. Decidiu então tomar um banho para esfriar sua cabeça e depois ligaria para a polícia novamente.

Como as investigações sobre o desabamento do prédio também não avançaram, ele temeu que a mesma pessoa responsável pelas explosões estivesse em poder de seu filho. E se a intenção era atingi-lo, não pediriam resgate.

As batidas na porta fizeram com que Dante se levantasse em um ímpeto e praticamente corresse até a porta, torcendo para que quem chegasse trouxesse boas notícias.

— Aquiles, meu filho... — Ao abrir a porta e se deparar com o rapaz que não via há três dias quando se despediram para ele ir ao jogo de futebol, Dante instintivamente o abraçou com todas as suas forças. Seu filho estava bem. Estava seguro. Estava ali em seus braços. Era o que importava. Assim que ouviu a voz de Dante, Carla pôs as mãos no peito em gratidão e o viu ao lado de

Domenico.

— Onde você esteve, Aquiles? Por que não atendeu ao telefone? Eu fui a todos os lugares que você poderia estar. Fiquei sem saber onde mais te procurar. Fui a hospitais. Fui a delegacias e, por fim, fui ao...

— Necrotério? — Completou Aquiles encarando o homem que mais admirava na vida.

Dante assentiu com a cabeça, contudo nem conseguia pensar em repreender o filho mais severamente, pois algo no olhar de Aquiles o preocupava ainda mais. Ele estava diferente.

— Dante, querido, eu fui ao haras procurar o Aquiles. Não contei nada antes, porque era apenas um palpite e não queria gerar expectativas antes de ter certeza.

— Vida, por que não me disse? Eu iria com você. A maioria dos funcionários estão em recesso por conta da proximidade do Natal.

— O Dr. Juan me conhecia, lembra? Por causa do Nikki Lauda. Ele me deixou entrar. Eu achei que valia a tentativa, após uma conversa com o Helinho. Ele me disse como Aquiles adorava cavalos e cães.

— Filho, como você chegou lá? Do estádio Maracanã até o haras... Esteve lá todos esses dias?

— Eu não sei por onde andei por um tempo, pai... me sentia... nem sei o que sentia... Perdido, eu acho. Precisava me afastar. Pensar. Tentar entender tudo isso, mas não consegui. Por isso, voltei.

Algo muito sério havia acontecido para Aquiles se comportar daquela maneira. Então, Dante perguntou:

— Por que fez isso? Por que desapareceu desse jeito? Todos ficamos como loucos rodando essa cidade. Sua tia Margot está em desespero desde que você sumiu e...

— Tia? Ela é mesmo minha tia? — A voz do jovem soou baixa, mas bastante audível para Dante e Carla.

— Aquiles... entre, meu filho... Vamos conversar com calma depois que você tomar um banho, descansar e comer alguma coisa.

— Por favor... por favor, pai. Me diga que não é verdade. Quem eu sou? E-Eu... não sou seu filho?

Dante sabia que aquela pergunta viria mais cedo ou mais tarde. Achava que estaria preparado para responder, mas não agora. Não naquele momento. Desejava apenas poder manter o filho em seus braços e garantir que nada de ruim aconteceria com Aquiles.

— O que te disseram, Aquiles? Meu filho, com quem andou conversando?

— Pai, isso não importa. Não importa quem me disse. Eu só quero saber se é verdade.

— Para mim, importa... Esse assunto só diz respeito à nossa família. Mas a verdade é que eu te amo, meu filho. Eu não sei dizer em que momento da vida eu me afastei e deixei de priorizar você e seu irmão, mas você é parte de mim. Te amo muito e eu sempre serei o seu pai. Eu criei você. Sei que não fui o pai que você merecia. Eu cometi muitos erros dos quais me arrependo.

— Eu sei disso, mas você não está em condições de...

— Vamos conversar dentro de casa. Há muito a ser dito — disse tentando conduzi-lo para o interior da casa.

— Não, pai! — Aquiles parecia prestes a explodir e, se desvencilhando de Dante, o rapaz recuou alguns passos. — Eu não darei mais nem um passo até que o senhor responda a minha pergunta. Eu não entrarei nesta casa até saber a verdade sobre quem eu sou!

Aquela foi a primeira vez que o rapaz levantou a voz para o pai e Dante compreendia o quanto deveria estar abalado. Não imaginava sob quais circunstâncias recebeu a revelação mais devastadora de sua vida e que jogava por terra tudo que o jovem acreditava sobre sua identidade e família.

Dante Albertine conseguiu ver todo desespero e incerteza no rosto do jovem à sua frente. Ele queria poder dizer que sim, que ele era seu pai biológico, porque apesar de suas ações dizerem o contrário, sempre amou Aquiles como seu filho. Mas não poderia mentir. Sempre foi um homem de enfrentar todos os problemas que surgiram na sua vida, mas a verdade naquele momento poderia ser o mesmo que perder seu filho.

— Me diga de uma vez, por favor... Ele é mesmo meu pai, não é? Eu sou filho de Gustavo Grael? Eu preciso saber quem eu sou.

— Quem você é? Você é meu filho. Meu filho! Você é irmão de Hélio. Um irmão tão amoroso que muitas vezes agiu como pai dele. Protetor. Responsável. Conselheiro. Amigo. Esse é você, Aquiles, e é algo que não aprendeu a ser comigo. É a sua natureza que é assim. Você faz parte desta família, Aquiles, mas eu não posso negar que Gustavo Grael é, sim, seu pai biológico.

Aquiles, ali diante do pai, chorou ao receber aquela confirmação.

— Meu Deus... — Aquiles recuou mais alguns passos e deu as costas para todos ali. Domenico e Carla se afastaram, porque compreendiam a gravidade daquele momento e que pai e filho precisavam de um tempo só para eles. — Por que me escondeu a verdade todos esses anos? Foi por isso que o senhor me manteve distante quase a minha vida toda? O senhor odiava o meu... O senhor odiava o Gustavo Grael e por tabela não podia sentir amor por mim?

Foi isso?

Dante Albertine sentiu uma dor forte no peito ao ouvir aquelas palavras. Seus olhos ardiam marejados com o sofrimento que o filho deveria estar enfrentando naquele momento. Era natural que Aquiles pensasse daquela maneira pela forma como o tratou por tantos anos. Sempre exigindo tanto dele e não demonstrando como se sentia realmente. Como se arrependia de não o ter amado como o filho merecia. Agora sentia que podia perdê-lo de forma irremediável.

— Eu te amei desde que te vi pela primeira vez, Aquiles. Você nasceu na Itália, sabe disso. Mas Isadora realmente não é sua mãe. Casar com ela foi a saída que encontrei para cuidar de você e de Margot.

— Como eu devo te chamar agora? Eu não sei... — Aquiles não tinha mais forças para tentar parecer forte e caiu sentado no chão com o rosto em lágrimas.

— Você pode me chamar como quiser, meu filho. Dante ou pai. Como se sentir confortável — disse sentando-se no chão e amparando o filho contra seu peito. — Não importa como vai me chamar. Eu te amo, meu filho. Só te peço, por favor, me perdoe... Eu era jovem e tive que tomar decisões importantes para proteger as pessoas mais importantes da minha vida. Eu nunca me vi assumindo a empresa ou sendo um chefe de família como meu pai, mas com a fatalidade da morte de Benício, anos depois...

— O vovô morreu de desgosto ao saber que eu iria nascer.

— Não foi o seu nascimento que levou meu pai à morte, Aquiles. Margot e o próprio Gustavo foram todos vítimas.

— Como assim? Vítimas?

— Alguém muito ruim nos enredou em uma trama de rancor e podridão por todos esses anos, meu filho. Margot e todos nós fomos vítimas da mulher mais sem coração que eu já conheci na vida.

— Minha mãe... quer dizer, Isadora?

— Isadora descobriu muito depois, mas quem nos manipulou todo esse tempo foi a pessoa que não tinha amor para dar. Alguém ainda mais vazio que Isadora. Uma pessoa oca. A pessoa que só conheceu o amor uma vez e quando Benício morreu, nunca mais sentiu nada, além de desprezo e raiva. Ela não aceitava que mais ninguém fosse feliz. Ela não pôde se casar com o homem que amava e não permitiria que a filha que enjeitava por não ter o padrão de beleza que ela tanto valorizava fosse plenamente feliz. Ela não aceitava que Gustavo tivesse se apaixonado por Margot e...

— E para evitar um escândalo, eu nasci na Itália. Lá me registraram como seu filho. Afinal, um Albertine não seria dado para adoção. — Lágrimas

desciam livremente agora pelo rosto do jovem. — O senhor se casou com Isadora e moraram lá por quase dois anos para que todos acreditassem que eu realmente era filho de vocês quando voltaram para o Brasil.

— Não foi dessa maneira, filho.

— Pai, eu estive na casa do Gustavo Grael antes de vir aqui. Ele me disse o que fez com a tia Margot.

— Antes de vir para casa, estive com Grael?

— Pedi a Carla para me levar e que não te avisasse.

— Quis ouvi-lo antes de mim? Por quê?

— O senhor teve quase dezoito anos para me contar a sua versão dos fatos. Ele nunca teve uma chance.

— Eu sou o vilão da história? É o que está dizendo, Aquiles? Acha mesmo que eu sou o responsável por trazer tanto sofrimento às pessoas que eu mais amava? Filho, acha que eu sou um monstro?

Houve um grande silêncio e Dante entendeu que era aquilo que Aquiles pensava.

— Eu sou filho da mulher que sempre quis que fosse a minha mãe e você me tirou isso. A tia Margot é a minha verdadeira mãe. Ela sempre me amou como a um filho. Ela sempre cuidou de mim e esteve ao meu lado, mesmo quando precisou enfrentar o senhor para isso.

— Meu filho, não é bem assim. Eu quis proteger a Margot. Proteger você. Você não conhece a história toda e...

— Pare de mentiras! Estou cheio de ouvir mentiras! Eu sou um homem agora. Me trate como um. E mesmo quando eu era uma criança, eu não precisava de proteção. O que eu precisava e ainda preciso é da verdade. Me diga a verdade, Sr. Albertine.

— Filho...

— Eu não sou seu filho! — A respiração de Aquiles estava acelerada e até ele mesmo se assustou após ouvir as palavras que saíram de sua boca.

Dante levantou-se do chão e, colocando as mãos nos bolsos, abriu a porta que dava acesso ao jardim e sentiu a rajada de ar frio o atingir e isso lhe fez bem. Sentia-se sufocar após ouvir aquilo.

— Eu costumava dormir com você sobre o meu peito na Itália, sabia? Eu chegava do trabalho e ia até seu quarto. Te tirava do berço e pedia para a babá ir dormir no quarto de hóspedes. Você era um pequeno milagre. Meu dia podia ter sido o pior possível, na filial de Roma, e quase sempre era, mas bastava te ver que tudo ficava bem. Você sorria para mim. Reconhecia a minha voz e isso me fazia tão bem... Sentir sua respiração, Aquiles, era algo que me fascinava. As

batidas aceleradas do seu pequeno coração me assustavam tanto, por mais que as pediatras dissessem que o batimento cardíaco dos bebês é muito mais acelerado que os de um adulto. — Lembrava de sua inexperiência na época com um sorriso triste nos lábios agora. — A verdade nem sempre é o que parece, Aquiles. A Margot não é sua mãe.

— Por que insiste com isso? Eu já sei a verdade. — Aquiles se pôs de pé e o confrontou. — Só quero ouvir da sua boca. É pedir demais? Acha que não mereço saber? O Sr. Grael me disse que...

— Ele também não sabia... Não tinha como Gustavo saber.

— Como assim? Do que está falando?

— Eu não sou seu pai biológico. Gustavo Grael é seu pai biológico. Mas Margot não é sua mãe. — Dante respirou fundo porque não poderia mais guardar aquele segredo dentro dele. — Meu pai não sofreu um ataque cardíaco quando soube que Margot estava grávida do Gustavo. Meu pai morreu quando soube que a minha mãe estava grávida.

— O quê? — O choque fez Aquiles recuar.

— Essa é a verdade. Meu pai morreu ao descobrir que a esposa, Margarida Albertine, drogou o namorado da própria filha para que ela os flagrasse na cama. Você foi concebido naquela noite.

— Isso tudo é insano, pai...

— Eu sei, meu filho. Eu só soube disso quando Margot me procurou após o soterramento. Ela foi chantageada pela própria mãe. Margot disse que se eu soubesse poderia ser capaz de matar o Gustavo e ela tinha acabado de perder metade da família. Tinha apenas quinze anos quando tudo aconteceu.

— A vovó fez tudo isso?

— Você disse que queria saber a verdade. Esta é a verdade, Aquiles. Por mais dura que seja. Margot não conseguiu contar esta parte da história para Gustavo, mas revelou que ele é seu pai biológico.

— Eu não sei o que pensar...

— Filho, eu me senti da mesma maneira. O meu mundo ruiu em menos de um ano. Logo após o baile de debutante, Benício morreu. Três meses depois, meu pai morreu e minha mãe me fez crer que Gustavo engravidou a minha irmã. Ele disse não se lembrar do que houve naquela noite. Eu estava tão enfeitiçado pela beleza de Isadora que demorei a perceber o que acontecia debaixo do meu nariz. Meu pai morreu e Margot se culpava por achar que, se não tivesse começado a namorar o Gustavo, nosso pai ainda estaria vivo. Eu perdi meu irmão porque ele voltou para me resgatar no mar. Benício não me encontrou, pois a guarda costeira já tinha me resgatado. Minha mãe me acusou de ser o culpado pela morte do irmão que para mim era um herói.

— Está dizendo que eu sou...

— Sim, Aquiles. Você é filho de Gustavo Grael e Margarida Albertine.

— Então, eu não sou filho da tia Margot como o Gustavo Grael acredita?

— Não, Aquiles. — Dante confessou: — Você não é filho de Margot, é irmão dela e meu também, por isso a escolha do seu segundo nome. Aquiles *Benício* Albertine.



SÓ SINTO GRATIDÃO AGORA

Eles se olhavam atentamente. Um já tinha visto fotografias do outro em jornais eventualmente, porém nunca tinham estado cara a cara daquela maneira. Cada detalhe da fisionomia, cada traço parecia uma descoberta. E era. Para eles, era exatamente isso. Buscavam algo de si no outro, mas sem dizer uma

palavra. Gustavo sabia que Dante tinha dois filhos e os filhos de Dante sabiam que o pai e Gustavo foram muito próximos no passado, mas sabiam também que algo muito sério aconteceu e pôs fim àquela amizade.

Já estavam assim há alguns minutos como se esperando que o outro tomasse a iniciativa de começar aquela difícil conversa. Nos últimos dias, os pensamentos de Gustavo e Aquiles estavam em sintonia: um pensava no outro. Aquele encontro seria inevitável, mas agora que a hora chegou não sabiam o que dizer, apesar de terem formulado várias perguntas mentalmente. Gustavo permaneceu de pé, pois sentia-se mergulhado em um turbilhão de emoções desde que abriu a porta e deparou-se com seu filho e Carla. Foi a primeira vez que viu o seu filho sabendo que era seu filho e se sentiu mal por precisar controlar sua reação de querer tocá-lo. Ainda mais quando o jovem escolheu a poltrona mais distante dele para se sentar. Era compreensível. Gustavo entendia que, para Aquiles, ele era um estranho e teria que aceitar que esse estranho era seu pai biológico, alterando tudo que ele cresceu acreditando.

— Eu posso te oferecer algo para beber? — perguntou Gustavo quebrando o silêncio e vendo Aquiles recusar com a cabeça. Ele viu o quanto o rapaz estava desconfortável, mas foi ele quem o procurou. Gustavo tinha muito a dizer e, não adiando mais, começou:

— Aquiles, eu não vou dizer que faço ideia de como você deve estar se sentindo... É óbvio que está muito confuso e que tem muitas perguntas a me fazer. Admito que eu posso não ter todas as respostas, mas quero que saiba que pode perguntar o que quiser. E... — pensou antes de continuar, pois queria muito dizer isso, mas temia a reação do rapaz. — E eu quero que saiba que, apesar de tudo ser muito confuso agora, ter você aqui me deixou muito fe...

— Não! Não diga como se sente hoje. Vim até aqui para saber do seu passado. É isso que me interessa — interrompeu Aquiles pondo-se de pé também e cruzando os braços sobre o peito.

— Tudo bem. Pergunte o que quiser saber. Como eu disse, eu não pretendo esconder nada que eu saiba de você.

O tom de voz de Aquiles confirmava que a conversa que tinham pela frente não seria fácil. A revolta no olhar dele era previsível, mas Gustavo tentava se colocar no lugar do rapaz, pois se para ele, que era um homem vivido, descobrir de repente que tinha um filho com quase dezoito anos foi algo que mudou tudo em sua vida, não era tangível para Gustavo como Aquiles devia estar se sentindo, pois não foi apenas parte de sua história que foi escondida dele. Tudo em que ele acreditou por toda a sua vida estava em desequilíbrio agora.

— Pois bem, vamos começar pelo início, então. O senhor em algum

momento da sua vida soube que teria um filho?

— Sim. Eu soube, Aquiles.

— E abriu mão dessa criança assim, como se fosse um problema que preferia manter afastado?

— Me deixe explicar o...

— Longe dos olhos, longe do coração, não é o que dizem? Foi fácil assim? Me diz! — Aquiles elevava o tom de voz à medida que despejava acusações em Gustavo, o homem que supostamente era seu verdadeiro pai.

— Nunca foi fácil para mim, Aquiles. Você parece ser um rapaz sensato. Me surpreendeu vindo até aqui e...

— Como consegue dizer meu nome como se fosse a coisa mais natural do mundo? — Aquiles se aproximou alguns passos com o dedo em riste. — Não fale como se me conhecesse porque você não me conhece. Não sabe nada sobre mim! Nada! Que tipo de homem o senhor é, Sr. Grael? Que tipo de *ser humano* o senhor é? Como foi capaz de abandonar uma garota grávida de um filho, sem se importar em procurar saber dele por todos esses anos? Teve a chance de se casar com ela e ampará-la quando ela mais precisava de você e a rejeitou. Quanto à criança, nunca teve nem curiosidade de saber como ela estava?

Gustavo percebeu que ele precisava pôr tudo para fora e decidiu deixá-lo falar por mais que cada palavra alcançasse seu peito como uma punhalada. Queria abraçá-lo mais do que tudo. Dizer que se pudesse nunca teria se afastado dele ou de Margot. Queria poder estreitar seu filho nos braços e dizer que o amava. Que sempre o amou mesmo sem saber que ele estava vivo.

— Aquiles, por favor... me ouça. Sei que está muito transtornado com tudo isso, mas há muito a ser dito e você veio aqui para isso, não é mesmo? Para ouvir o que eu tinha a dizer — inquiriu Gustavo tentando apaziguar os ânimos. — Eu queria que tivesse sido diferente, Aquiles. Queria ter tido a chance de te ver crescer e acompanhar seu amadurecimento até se tornar o homem que é hoje.

— E por que não fez isso? Me diz logo de uma vez! O que te impediu se queria tanto assim criar seu filho? Por que ele acabou crescendo acreditando em mentiras? Me faz entender por que nem o pai nem a mãe o criaram como deveriam ter feito? Existe remissão para isso? Eu vim aqui para confirmar a verdade. Apenas isso. Admita! Você rejeitou aquele bebê como abandonou a mãe dele, porque atrapalharia seus planos, não foi isso?

— Não. Isso não é verdade. Eu...

— Você nunca quis conhecê-lo? Nunca se importou em fazer parte da vida dele? Nunca sentiu nada por aquela criança?

— Não, Aquiles. Me deixe explicar.

— Explicar o quê? Que você nunca me quis! Nunca quis que eu nascesse! — O jovem pensava que aquela conversa seria diferente, que iria ouvir o que aquele estranho tinha a lhe dizer e seguiria em frente, mas não conseguia deixar de pensar que nunca teve amor paterno por causa do homem à sua frente. Dante o rejeitava por não ser seu filho, mas sim de um homem que desprezava. Achava que as peças do quebra-cabeça que foi sua relação com seu pai estavam, enfim, se encaixando. Entendia agora a falta de afeto de Dante Albertine.

Gustavo não podia mais se manter longe e deu alguns passos na direção de Aquiles.

— Aquiles, por favor, acalme-se, meu filh...

— NÃO ME CHAME ASSIM! VOCÊ NÃO É MEU PAI! NUNCA FOI E NUNCA SERÁ!

Os gritos de Aquiles fizeram Gustavo recuar e sentiu toda a tristeza e dor na voz do jovem que o encarava com aversão e raiva que o dilaceravam.

O silêncio era tão pesado que Gustavo temeu ter perdido sua única chance de conversar com o filho.

— Por favor, me ouça.

— Eu não sei por que vim aqui. Sempre soube que você não era um homem de confiança. Meu pai, o meu pai que me criou nunca disse nada, mas eu soube que vocês eram melhores amigos e você o traiu. Nunca soube o que houve, mas agora eu sei de tudo e só consigo sentir vergonha... — Ele cobriu o rosto com as mãos em desespero. — Saber disso... Saber que sou seu filho me faz sentir vergonha de ter alguma ligação com um homem tão indigno quanto você... Tenho vergonha de saber que nas minhas veias corre o mesmo sangue que o seu...

Gustavo pensou que já estava habituado a sentir dor, mas ver as lágrimas de Aquiles e todo seu desamparo naquele momento o fez se sentir o pior dos homens.

O rapaz nem se importava com as lágrimas que turvavam seus olhos. Sentia-se totalmente perdido. Achou que ali começaria a desvendar toda aquela cortina de fumaça sobre sua verdadeira identidade, mas não conseguia nem ouvir o que Gustavo tinha a lhe dizer.

— Foi um erro vir até aqui. Adeus, Sr. Grael. Espero nunca mais ter que ver o senhor novamente.

— Eu nunca soube que você nasceu...

Ouvir aquilo fez com que Aquiles, que já caminhava em direção à saída, parasse.

— O que disse? — Voltou-se e viu as lágrimas nos olhos daquele

homem que mais se assemelhava a um gigante nórdico e por isso vê-lo demonstrar fragilidade deixou o jovem confuso.

— Eu vivo aqui nesta casa recluso — prosseguiu Gustavo. — Vivo sozinho há anos. Eu sei o mal que causei à Margot e compreendo o motivo dela ter me dito que o meu filho nasceu prematuro aos seis meses e não resistiu ao parto. Todos esses anos, não houve um dia em que não tenha me culpado por ter sido o responsável pela morte do meu filho e por ter afastado de mim a única mulher que amei e que ninguém conseguiu substituir em meu coração.

Gustavo se sentou em um dos sofás e passou as mãos pelo rosto com as memórias vindo ao seu encontro. Queria ter esperança de que um dia faria parte da vida de seu filho e contar toda a verdade, era tudo que poderia fazer. O grande problema era que sua versão dos fatos possuía muitas lacunas e, esses espaços em branco, sua mente nunca conseguiu preencher.

— Sabe quantas vezes eu imaginei como teria sido a minha vida se tivesse vocês dois ao meu lado? Eu desejei com todas as forças do meu coração poder alterar o passado e ter Margot e nosso filho comigo. Quando ela partiu para a Itália, eu viajei para a Europa atrás dela. Naquele baile de debutante, a nossa vida mudou e nossos planos foram destruídos. Me lembro dos rostos de Isadora e de sua avó Margarida e de tudo rodando. Lembro de ver Margot chorando, mas mal me mantinha em pé. Estava zozzo e fraco ao mesmo tempo. A bebida nunca me afetou daquela maneira e eu nem bebi muito na noite do baile. Na manhã seguinte, eu só conseguia pensar na Margot, mas ela passou a me evitar. Dante e Benício estranharam nosso distanciamento, mas a Margot não revelou o que eu fiz. Eu fui covarde e não contei assim que tive a chance, porque eu não queria acreditar que fui capaz de fazer algo tão cruel com quem eu mais amava. Eu sabia que perderia todos eles quando descobrissem... Acho que por isso agi como um covarde. Decidi dar a ela algum espaço para que pudesse tentar corrigir o que eu fiz. Depois do que aconteceu, Dante não falou mais comigo e Máximo me revelou que Margot tinha ido morar na Itália. Não aceitava viver longe de Margot e queria implorar o perdão dela. Queria contar que eu não sabia exatamente o que eu fiz. Estava fora de mim. Não faria nada para magoá-la de caso pensado.

Falar sobre aquele dia o feria muito, mas Aquiles precisava saber de tudo que aconteceu no passado e então Gustavo prosseguiu:

— Margot havia se tornado a minha razão de viver. Quando cheguei na mansão na Itália, não me deixaram entrar. Disseram para eu ir embora porque a Margot disse não conhecer ninguém com o nome Gustavo Graef. Passei quatro dias dormindo em uma praça na frente da propriedade da família, na esperança de vê-la e ter a chance de falar com Margot quando ela saísse. Eu acreditava

muito que se eu tivesse a chance de conversar com ela e pedir perdão, Margot saberia que eu estava sendo sincero e que eu a amava muito e nós ficaríamos juntos novamente... Seríamos uma família. Seríamos felizes. Era tudo que eu queria para minha vida. Minha Margot e nosso bebê. Era tudo que eu precisava para ser feliz. Mas ela não saiu de casa nem uma vez. Eu estava determinado a ficar ali o tempo que fosse necessário e os seguranças me alertaram que, se eu não fosse embora, chamariam a polícia. Eu decidi apenas esperar e esperei por quatro dias. Não tomei banho. Não dormi. Estava disposto a fazer qualquer coisa. Vi os portões serem abertos naquela noite e um senhor de idade entrar com uma maleta preta nas mãos e eu supus que fosse um médico. Interpelei novamente os seguranças, mas não me disseram nada. Fingiam que eu não estava ali. Não permitiram que eu entrasse e falasse com Margot. Ordens da sua avó. Quando enfim, o médico saiu, ele me contou que houve complicações durante o parto e que o bebê não havia sobrevivido. O médico me explicou que a gravidez era de alto risco e houve um momento em que ele precisou escolher entre a vida da mãe ou a criança.

Aquiles não sabia o que pensar a respeito de tudo que ouvia.

— Então, admite que fez algo terrível com ela? Eu soube que ela era muito jovem quando você se aproveitou da minha tia... da Margot e agora quer me fazer acreditar que nunca construiu uma família por esse motivo? É mais fácil acreditar que existam outros filhos ilegítimos abandonados por você do que crer nessa sua versão dos fatos.

A impetuosidade com que Aquiles despejava aquelas palavras refletiam como ele estava angustiado com todas aquelas revelações. Gustavo sentia que precisava permitir que ele expusesse tudo que pensava e responderia a todos os seus questionamentos sem apontar culpados. Apenas seria franco.

— Eu sempre quis ter minha própria família. Mas a vida se encarregou de me manter longe de qualquer relação sadia.

— É rico, Sr. Grael e se isso não bastasse, também é um homem atraente e poderoso, não subestime minha inteligência... Pode ter tudo que quiser.

— Eu não sou como as outras pessoas... Eu tenho limitações que me impedem de... fazer várias coisas.

— O senhor é saudável. O que te impediria se realmente quisesse?

Gustavo tentou respirar fundo e manter sua mente sob controle. Uma crise já se anunciava e ele não queria que o filho presenciasse.

Aquiles viu o tormento no rosto do homem à sua frente, mas recusava-se a acreditar que ele estivesse sendo honesto. Isso significaria que o homem que cresceu acreditando ser seu pai o enganou e respondeu aos fatos

propositalmente e que a mulher mais importante de sua vida o traiu de modo irremediável. Isso seria algo que Aquiles não poderia suportar. Dante e Margot eram duas das três pessoas que mais amava no mundo.

— Já que não tem mais nada a me dizer, eu vou embora e...

— Eu desenvolvi com o passar dos anos... alguns distúrbios psicológicos.

Aquiles não entendeu do que ele falava e parou olhando novamente para Gustavo Grael.

— Eu sofro... de transtornos obsessivos compulsivos. E eles, algumas vezes, me fazem beirar o desespero. Quando se está nessa minha... condição, muitas vezes, a mente nos prega peças. A solidão pode ser tão angustiante... tão perturbadora que muda quem você é. Eu comecei a pensar que estava perdendo minha sanidade quando comecei a ouvir vozes e piorou ainda mais quando eu comecei a ouvir o choro de um bebê, mesmo estando sozinho nessa casa. Eu pensava que era uma forma de punição porque eu acreditei todos esses anos que o meu filho não nasceu vivo. — Gustavo olhou para o rapaz que franzia a testa como se tentasse assimilar o que ele lhe contava — Eu tento controlar, Aquiles. Já busquei ajuda médica, mas não adiantou muito. Então, eu vivo tentando esconder de todos no que eu me transformei e assim parecer normal, mas nem sempre consigo — dizendo isso ele começou a tirar a camisa.

Aquiles não entendeu o propósito de tudo aquilo, mas ao ver os hematomas na pele alva de Gustavo, não conseguiu disfarçar sua surpresa. Alguns estavam mais roxos que outros, mostrando que foram feitos em momentos diferentes.

— O senhor fez isso a si mesmo?

A vergonha fez com que Gustavo apenas assentisse com a cabeça.

— Por quê?

— As vozes que ouço... elas me acusam constantemente.

— Acusam? De quê? Como assim? — Mas não precisou ouvir a resposta quando viu o homem olhar para ele e suas lágrimas descenderem por seu rosto. — Elas te acusam de ter sido o causador da morte do seu filho e de ter feito a tia Margot sofrer? É isso?

Não foi preciso que Gustavo confirmasse. Era exatamente isso que sua consciência lhe disse todos esses anos e por isso ele aceitou ser condenado a viver sozinho por tanto tempo.

— Eu escondo minha condição de todos. Mas a Carla descobriu na noite em que nos conhecemos e acho que, por isso, nos tornamos amigos de uma forma tão improvável... Ela me enxergou além dos meus distúrbios e me aceitou. A Carla sabe e agora você também sabe, Aquiles. A Margot fez o que fez para te

proteger. Eu a magoei muito. A feri quando prometi protegê-la. Eu não quero que sinta pena de mim. O que eu desejo é que você acredite que eu não sabia da sua existência e que se eu tivesse a menor esperança, eu não teria medido esforços para te encontrar.

— Então, por que, para início de conversa, não se casou com minha tia Margot quando soube que ela estava grávida? Ela te amava, disso eu sei. Como pôde se aproveitar dela e depois a rejeitar? Foi o que aconteceu, não foi? Eu sou fruto de um estupro? Por isso, Dante Albertine assumiu minha paternidade e eu nasci na Itália para que ninguém soubesse do escândalo envolvendo o nome da família.

— Eu não sei o que te responder, Aquiles... Eu simplesmente, não sei. Eu me lembro bem daquela noite até a valsa e parte do baile de debutantes, mas eu não consigo me lembrar do que eu fiz. Eu não sei como fui capaz de fazer algo assim a ela. Eu a amava. Eu a pedi em namoro no início da noite ao seu avô e estava tudo perfeito. Eu e Margot seríamos felizes. Eu desejava torná-la minha esposa quando terminasse a faculdade de engenharia, mas nada aconteceu como eu planejei. Eu passei anos tentando, mas é como se minha memória tivesse apagado parte daquele dia. Mas me lembro das lágrimas no rosto da Margot. Minha lembrança seguinte é de acordar com a pior ressaca da minha vida e de Julieta me dizer que o motorista dos Albertine me levou para casa porque eu mal me sustentava nas próprias pernas. Eu fui atrás dela, mas Margot se recusava a me ver. Eu implorei, ela não atendia minhas ligações e depois aconteceu aquela tragédia e o pai de Margot morreu. Tudo aconteceu tão rápido. Margot e sua avó viajaram para a Itália e, por telefone, Margarida Albertine me disse que eu engravidei a filha dela e que a criança seria colocada para adoção assim que nascesse.

— Tudo isso é... confuso demais para mim, Sr. Grael...

— Eu imaginei que seria e não pretendo ocupar o lugar do Dante em sua vida. Pai é quem cria e eu sou apenas um estranho para você. Mas eu gostaria muito de te conhecer melhor, quando você se sentir pronto. Quando conseguir resolver todos os nós que devem ter se formado em sua cabeça.

— Eu não sei se seria uma boa ideia e...

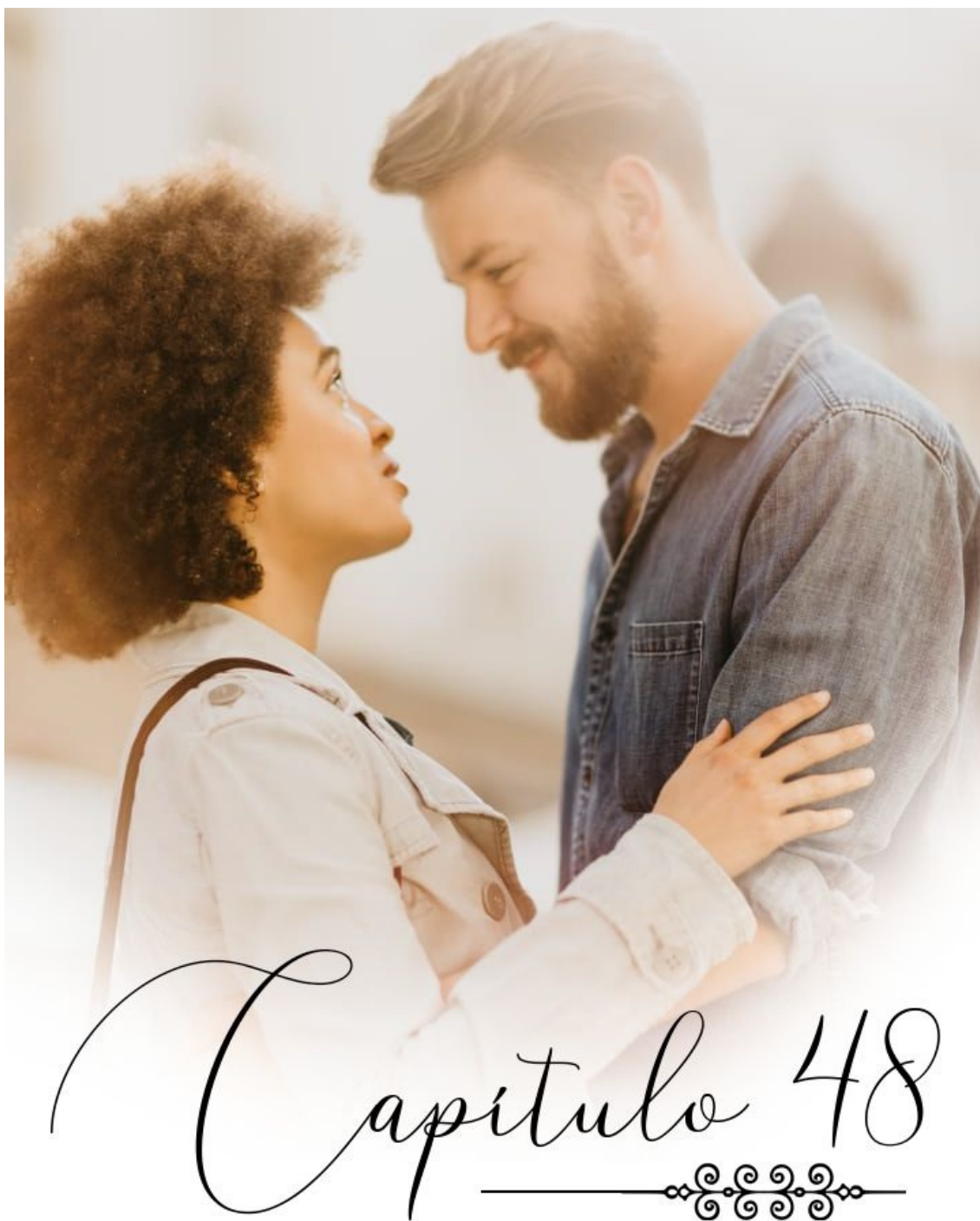
— Por favor... Leve o tempo que precisar. — Gustavo o interrompeu com o olhar cheio de esperança. — Você não pode imaginar o que significa para mim estar frente a frente com você. As vozes se foram. E eu sei que elas se foram graças a você. Sinto como se agora minha vida começasse a voltar aos trilhos. Então... eu posso esperar o tempo que for preciso, Aquiles. Eu espero. Eu posso esperar por você minha vida toda, porque agora eu sei que você é real e que está bem. E mesmo que você decida que prefere não se aproximar de

mim, eu vou compreender. Eu só quero que seja feliz e, caso manter distância de mim seja a forma que você vai conseguir seguir em frente, eu vou entender.

— Se isso é verdade, por que fala como se não odiasse meu pai e todos que esconderam isso de você?

— Simplesmente... porque você existe, Aquiles. Você existe e está diante de mim agora. Você não imagina como eu desejei isso. Então, só sinto gratidão agora. Por quase vinte anos, eu convivi com muito sofrimento. A solidão quase me fez perder a razão. Eu não tenho como voltar ao passado e mudar tudo que fiz de errado também, mas eu decidi não desperdiçar mais tempo com ódio, ressentimento, mágoa. Eu conheço o mal que esses sentimentos podem causar. Não quero que ninguém se sinta como eu me senti quase metade da minha vida.

Aquiles saiu dali com as palavras de Gustavo Grael em mente. Conhecia a versão dele. Agora precisava ouvir o homem que o criou.



FACE A FACE COM O MAL

— Meu pai sempre disse que essa era a sua foto que ele mais gostava — disse Margot com o porta-retratos de prata nas mãos apreciando a foto em preto e branco da mãe. — Talvez porque a sua beleza aqui resplandecia tanto que não precisava de nenhum adorno para complementá-la.

— Eu não me lembro de tê-la convidado para vir à minha casa. Então, não entendo o que está fazendo aqui.

— Desde quando uma filha precisa de convite para visitar a mãe, D. Margarida Albertine? — disse devolvendo o porta-retratos ao aparador de onde o tirou.

— *Non sei mai venuto a farmi visita volontariamente in più di quindici anni, non capisco perché tu abbia appena deciso di rompere questa tradizione.* (Você nunca veio me visitar voluntariamente em mais de quinze anos, não entendo por que, justamente agora, decidiu quebrar essa tradição.)

A senhora sexagenária usava um vestido com corte impecável em tom vermelho, brincos e colar de safiras e saltos médios. Margot não se recordava de ver a mãe sem os saltos e sem suas joias. Os saltos ela dizia que eram para ver o mundo de cima e as joias para que quando a vissem não a confundissem com uma pessoa qualquer. Margot olhava agora para aquela figura que assombrou sua vida desde que teve consciência de que a mãe não a amava e isso se deu bem cedo. Aos seis anos, Margot já não se enganava mais quando via que a mãe nunca segurava sua mão quando lhe acompanhava até a escola como faziam as outras mães e nunca lhe dava um beijo voluntariamente quando a deixava no jardim de infância de sua antiga escola.

— Sempre com a cabeça em outro lugar... você não muda, Margot, mas isso não me decepciona. Saiu ao seu pai — disse sentando-se em um amplo divã com a postura ereta e as mãos pousadas sobre o colo.

— E a senhora, como de costume, é sempre sarcástica e insensível — rebateu Margot retornando de suas lembranças. — Não consegue se comportar de outra forma, não é mesmo? Prefere agir como se não tivesse sentimentos por ninguém.

— *È per questo che sei venuto qui? Per parlare delle mie emozioni, Margot?* (Foi para isso que veio até aqui? Para falar sobre minhas emoções, Margot?) — Ela sempre falava alternando entre os dois idiomas. Dizia que era para exaltar o berço europeu da Família Albertine, mas Margot sempre achou que era apenas por ser esnobe. A viu tocando um pequeno sino e quase que imediatamente uma jovem empregada em seu uniforme cinza e branco surgia com uma bandeja e servia-lhe uma xícara de chá. A jovem ofereceu a Margot sem levantar os olhos e a herdeira Albertine percebeu como a moça parecia intimidada com a presença de sua mãe. Ela mesma se sentiu assim por quase metade de sua vida.

— Obrigada, mas eu não suporto chá de hibisco, querida. Fui obrigada a tomar essa coisa horrível quase todo dia e prometi a mim mesma que jamais tomaria uma gota novamente.

A empregada não esperava que a filha de sua patroa lhe dirigisse a palavra quanto mais fizesse um comentário com aquele tom amável e isso fez com ela levantasse o rosto.

— Se preferir, madame, eu posso trazer outra bebida — disse vencendo sua timidez.

— Estou bem. Obrigada. Mas, por favor, não me chame de madame. Eu sou Margot, apenas Margot e você?

A jovem empregada imediatamente virou-se para a patroa que permanecia sentada, mas observava a conversa com a expressão que dizia muito sem dizer nada. Imediatamente, a jovem pediu licença e saiu da sala sem que nem seus passos fossem ouvidos. Margot conhecia aquela máscara impenetrável que sua mãe usava quando desejava colocar quem julgava insignificante em seu devido lugar. Aquele olhar foi dirigido a ela mesma tantas vezes e sempre vinha acompanhado por um arrepio em sua espinha.

A sós novamente, Margarida mexia, com uma pequena colher, o chá para que esfriasse.

— As regras dessa casa sempre foram claras quanto ao que se deve e o que não se deve dizer aos criados, Margot. O fato de não morar mais aqui, não significa que deve desrespeitar tais regras da minha casa — disse bebericando um pouco do chá e encarando a filha de cima a baixo e obviamente reprovando a forma como ela estava vestida pelo meneio que fez com o canto da boca.

Agora ela não tem mais poder sobre mim — pensou Margot e encarou a mãe olhando no fundo de seus olhos. Se sentia segura e forte agora, diferentemente de como se sentia na infância e adolescência quando a mãe fazia aquele gesto com a boca ao olhar para ela. Não precisava dizer nada, apenas curvar os lábios com desprezo como acabou de fazer para que a mensagem “*o que eu fiz para ter como castigo uma filha gorda*” fosse recebida por Margot.

Margarida Albertine escolhia as roupas que a filha deveria vestir, contudo, mesmo assim, nunca ficava satisfeita ao ver o caimento das roupas no corpo rechonchudo da filha e não escondia como aquilo a desagradava. Sua mãe sempre fez com que Margot se sentisse inadequada perto dela que sempre possuiu uma beleza clássica e era motivo de inveja entre suas amigas por recuperar, em pouco mais de um mês, a boa forma após cada gestação. A aparência sempre foi o calcanhar de Aquiles dela. Recorria a todos os métodos imagináveis para permanecer magra e ser exemplo nos altos círculos do que toda dama deve querer ser.

No passado, aquele simples gesto de desdém que a mãe fazia com a boca afetava Margot de tal modo que ela se sentava distante da mãe em eventos

sociais para envergonhá-la o mínimo possível com sua presença e a mãe ficava satisfeita ao ver que Margot não ofuscava seu brilho. Acabou se tornando um acordo silencioso entre mãe e filha. Margot procurava o ponto mais afastado de onde a mãe se reunia com suas amigas e sentava-se sozinha até a hora de ir embora. Não recebia o convite de outras crianças para brincar, porque os eventos que a mãe a levava eram frequentados apenas por “crianças exemplares”. Ou seja, apenas crianças que não interferiam nas conversas ou que apreciavam ficar sentadas no que Margot passou a chamar de “mesa espelho”. Nunca tinha espaço para Margot nessa mesa. Crianças como Elines e sua prima Isadora diziam que elas eram o reflexo da imagem das suas mães, além de boas imitadoras do comportamento delas e que Margot em nada se parecia com a fabulosa Margarida Albertine, por isso não era bem-vinda na mesa das crianças.

— *La circonferenza della sua correia sarebbe diminuita di qualche centimetro se avesse avuto più tè. Ma andiamo subito alle motivazioni che l'hanno portata qui.* (Se tivesse tomado mais desse chá, a circunferência de sua cintura teria reduzido alguns centímetros pelo menos, mas vamos direto aos motivos que a trouxeram aqui.) Pelo menos agora aprendeu a se vestir — disse olhando a filha de cima a baixo no vestido preto, mas que se destacava por estar associado à echarpe em cetim rosa claro que com seu laço delicado dava a ilusão de uma grande rosa que harmoniosamente envolvia o pescoço de Margot. — Antes tarde do que nunca, não é como esse povo tupiniquim diz? Falando em tarde, tenho compromisso com hora marcada e não posso lhe ceder mais do que quinze minutos.

— Não vim atrás de sua aprovação quanto ao meu guarda-roupa. Tentarei ser o mais breve possível, já que é evidente o quanto estar na presença uma da outra nos faz mal — redarguiu Margot aproximando-se alguns passos e fazendo com que sua mãe arqueasse uma sobancelha ao ouvir o argumento. — Eu vim até aqui para lhe dizer que não vou mais acobertar seus segredos sujos como tenho feito por todos esses anos. Farei o que deveria ter feito desde o início. Eu era jovem e tive medo de trazer mais sofrimento a quem eu amo e isso exclui a senhora, obviamente. Nunca quis te proteger. Todo esse tempo, o Dante foi o motivo de não dizer uma palavra sobre o mal que fez à nossa família.

Margarida permaneceu sentada segurando a xícara de chá. Reconheceu que à sua frente não estava mais a menina assustada que cresceu entre aquelas paredes, mas Margarida manteve sua atitude inalterável ao dizer:

— Como se atreve a falar comigo nesse tom? Era de se esperar que ao sair dessa casa você convenientemente esqueceria o que é esperado de uma Albertine. E mais ainda, como ousa vir até a minha casa e dizer um absurdo desses? Sabe que não pode fazer isso. Arruinaria a nossa família. O que seria de

Dante se...

— O meu irmão já sabe — disse Margot tão tranquilamente que nem parecia que estava face a face com o mal.

Margot percebeu que o sangue fugiu do rosto da mãe que subitamente empalideceu. Também não passou despercebido o leve tremor da xícara em suas mãos. Então, a mãe não era a fortaleza de controle que sempre transparecia.

— *C-Cosa hai detto?* (O q-que disse?) — A voz da matriarca demonstrou um pequeno sinal de inquietação, que foi rapidamente disfarçado.

— O que acabou de ouvir. Eu pus fim à sua teia de mentiras. Conte tudo ao Dante assim que pude rever meu irmão depois de tudo que nos aconteceu. Enquanto fiquei soterrada, prometi a mim mesma que se sobrevivesse a tudo aquilo, me libertaria de todas as mentiras que me torturaram por anos.

— Não pode estar falando sério, Margot. Tem ideia das consequências... da gravidade do que está dizendo? — Margarida se levantava e confrontava a filha com o dedo em riste — *Sei impazzito?* (Você enlouqueceu?) A única coisa que me fazia ter o mínimo de admiração por você era seu senso prático e sua capacidade de fazer o que era preciso pelo bem da família. Não importa o que você tenha que fazer ou dizer, você vai consertar essa estupidez que fez e vai consertar agora — disse respirando profundamente para recuperar seu ar de superioridade e, apontando em direção à porta, falou controlando seu tom de voz o máximo que podia para que os empregados não ouvissem a conversa. — Vá agora mesmo à casa do Dante e diga que você estava confusa. Que não sabia o que estava fazendo e que inventou tudo aquilo... que estava drogada... *Caspita! Sei una ragazza stupida!* (Céus! Garota estúpida!) Diga o que for preciso. Não me importa a desculpa que vai criar, mas faça com que Dante acredite.

Margot, sem hesitar nem por um momento, rebateu:

— Eu fui fraca por muito tempo. Fiz sua vontade por tempo demais. Tolerei seu desprezo e desamor por mim e me acostumei a eles, mas não me dei conta de que ao invés de proteger o Dante e o Aquiles, eu estava omitindo deles algo que eles tinham todo o direito de saber. A senhora fez com que eu enganasse meu irmão. Mas a verdade, por pior que fosse, era o que Dante merecia e eu, enfim, compreendi isso. Acredito que agora até o próprio Aquiles já sabe do que a senhora foi capaz de fazer. Já sabe que é seu filho biológico. Imagino que saber que sua concepção foi apenas um acidente em seu plano de me mostrar que eu não tinha o direito de ser feliz deve ter efeitos devastadores em Aquiles. Que mãe faria o que a senhora fez? E tudo isso para quê? Para me provar que um homem como Gustavo Grael não se apaixonaria por alguém

“*insignificante* e sem atributos” como eu. Se o direito à felicidade foi negado à senhora, que sempre foi um exemplo de perfeição, “*por que a Margot poderia ser feliz, sendo a imperfeição em pessoa*”? Não foi o que me disse quando eu surpreendi a senhora e Gustavo no meu quarto na noite dos meus quinze anos? Não foram exatamente estas as suas palavras quando me disse que iríamos nos mudar para Nápoles? Nunca me esqueci daquela conversa.

Margarida andou até a janela mais próxima como se precisasse de ar fresco vendo que os esqueletos que mantinha no armário voltavam para assombrá-la.

— Sua tola! Não tem consciência da dimensão do que fez? Você é estúpida a esse extremo?

— Acho que pela primeira vez em toda a minha vida, estou plenamente consciente de que estou fazendo o que é certo para a minha família. Nunca mais vou permitir que nem você, nem mais ninguém me manipule. A senhora me fez perder anos da minha vida me afundando em remorso e culpa e para quê? Para eu descobrir que eu não passei de uma marionete nas suas mãos e fez o mesmo com Dante e com meu pai.

— Como foi capaz de fazer algo assim, sua filha ingrata? Tem ideia do que fez? Perdeu a razão, Margot? — disse explodindo de uma vez e elevando o tom de voz. Ela não conseguiria suportar ser rechaçada pelos mesmos círculos que sempre a reverenciaram. Seria tachada de hipócrita e de palavras ainda piores. Se tornaria um pária e seria excluída da seleta lista de relações das famílias da alta sociedade carioca e, voltando-se para a filha, a hostilizou com toda raiva que fervia dentro dela: — Eu sei por que você me odeia tanto assim. Sempre me odiou por eu ser tudo que você jamais será.

Margot percebeu que, enfim, Margarida se dava conta que a sua imagem de respeitável dama da sociedade desmoronaria, como um frágil castelo de cartas, se a verdade viesse a público e agora fazia o que sempre fez de melhor: atacar a própria filha.

— Não, D. Margarida. Eu sempre desejei o seu amor, a sua aprovação. Eu passei boa parte da minha vida desejando ser quem você queria eu fosse. *Quem sabe assim a minha mãe me dirigisse uma palavra de carinho?* Eu não te odiava por ser diferente de mim, eu só queria que a minha mãe me aceitasse do jeito que eu era.

— Mas como eu não fui hipócrita e fingi que estava tudo bem em ter uma filha como você, aí então decidiu dar o troco agora. Não foi isso, Margot?

— Como é capaz de ser tão cruel? Eu não entendo como o seu coração pode ser tão cheio de desamor e de amargura. Eu sempre quis saber o

porquê de nunca me abraçar. Sua repulsa por mim é tão grande assim?

— Você foi e ainda é a maior decepção da minha vida. Eu não queria que você nascesse. Seu pai que sempre sonhou em ser pai de uma menina. E olha o resultado: é uma mulher com prazo de validade quase vencido. Está beirando a menopausa e o que vai restar quando você não estiver mais aqui nessa terra? Eu te respondo o quê: nada! Você é como uma árvore oca e infértil, Margot. Nenhum homem apresentável quis plantar uma semente. Então, pare de ser dramática, Margot. Não há plateia aqui para se apiedar da medíocre existência que você mesma construiu tijolo por tijolo.

— Medíocre? Apesar de tudo que fez para que eu nunca conquistasse meus sonhos, eu construí uma carreira. Eu me fiz sozinha. Sem a sua ajuda. Sem a ajuda de ninguém, nem do sobrenome Albertine. Dependi apenas de minha competência para ser reconhecida no mundo da moda.

A risada de escárnio da elegante senhora ainda tinha o poder de afetar a filha.

— Reconhecida no mundo da moda? Quem você quer enganar, Margot? A mim ou a você mesma? Os nomes que brilham nas passarelas não são os dos estilistas que ficam escondidos nos bastidores e que, de modo geral, são pessoas frustradas por serem sem graça e feias. O que brilha é a beleza. Eu não estou sendo insensível. Estou falando o óbvio. As modelos em boa forma desfilam e encantam os olhos. Os estilistas apenas projetam nos outros o que jamais serão: jamais serão admirados; jamais serão adorados. Essa é a realidade. O mundo é cruel, Margot. E para meninas gordas que se transformam em adolescentes gordas que crescem e se tornam essa visão revoltante que você se tornou, o mundo pode ser ainda mais cruel.

— Quando eu era menina e ouvia palavras tão duras como essas vindas da minha mãe, me sentia tão insignificante. Você não faz ideia de como me machucava. Eu cresci tentando parecer uma mulher forte e segura, mas apenas usei máscaras. Por dentro, eu era frágil e vulnerável demais. Sempre que eu recebi um não no começo da minha carreira, era a sua voz repetindo no meu ouvido que eu não era capaz e que não iria conseguir que eu ouvia na verdade. Mas hoje eu me sinto tão forte. Nada do que você disser vai me afetar. Sobrevivi a um soterramento, mas estar entre a vida e a morte me fez perceber que eu sobrevivi a algo ainda muito pior: eu sobrevivi a você, mamãe. E é isso que eu sou: uma sobrevivente e agora eu conheço o meu valor.

— *Belle parole*. (Belas palavras.) Você me acusa de não ter te amado. Mas eu tenho minha consciência limpa de que eu tentei. Ah! Deus, como eu tentei. Eu te dei várias vezes a maior prova de amor que uma mãe pode dar. Mas nem quando eles tiravam sangue de você, Margot... Nem quando você era

punida, você se envergonhava de ser quase uma aberração em nossa família.

— Do que está falando? — Uma ideia horrível passou pela cabeça de Margot, mas ela afastou, pois nem sua mãe seria vil a esse ponto. Pelo menos, era o que ela quis acreditar.

— Pena que você não aprendeu com todas as humilhações que sofreu na escola. Talvez se eles tivessem batido com mais força nessa sua cabeça, você parasse de comer e eu não teria vergonha de te apresentar como minha filha.

— Eu não consigo acreditar... Até para a senhora isso é bárbaro demais. Está me dizendo que era a senhora quem incentivava meus colegas de escola a me agredirem todo dia no Santa Tereza?

— Não estamos sendo francas uma com a outra após tantos anos? Se acha a redentora por revelar um segredo que não te pertencia e que terá consequências terríveis para a família? Eu, por outro lado, falo do que eu fiz para mostrar que você sempre foi a minha maior preocupação. Não havia um dia sequer que eu não tentasse te consertar. Pedi a Elines que me ajudasse a te fazer querer mudar. Quem sabe se sentisse na pele por que ser gorda era ruim, você se comprometeria em emagrecer. Fiz isso e faria tudo novamente. Para o seu bem. Eu precisava consertar você!

— Para o meu bem? Como sua mente louca pode dizer isso? Eles transformaram a minha vida em um tormento. Faz ideia do que eu passei? Eu não precisava de conserto, apesar de a senhora quebrar meu coração de todas as formas que podia. Eu precisava de uma mãe que estivesse do meu lado e me mostrasse que me amava do jeito que eu era. — Aquela revelação fez Margot olhar para a mulher à sua frente mais abismada ainda. Quando pensou que as ações da mãe não poderiam ser mais desumanas, Margarida Albertine ainda conseguia surpreendê-la com a podridão de seu coração. Margot sentia-se enojada.

— Como sua mãe, eu sabia o que era melhor para você, Margot, e uma Albertine não poderia ser gorda e desengonçada. Você acha que eu gostava de te deixar sem comida quando seu pai viajava? Claro que não! — O olhar débil de Margarida Albertine transparecia toda a instabilidade emocional que ela sentia naquele momento. — Eu fazia isso para o seu bem, sim. Tudo que eu fiz foi para o seu bem. Todos aqueles médicos fajutos falavam que seu organismo tinha o metabolismo desacelerado e que você estava saudável, mesmo estando acima do peso. O que eles sabiam? Nada! — E todo seu autocontrole se desfez quando empurrou com violência a xícara que repousava no aparador próximo a ela. O barulho da porcelana se partindo ecoou na sala. — *Fui eu* que pari uma filha gorda. *Fui eu* que dei à luz a um pequeno monstro. Foi da *minha* barriga

que você saiu. Deus sabe que eu fiz o que estava ao meu alcance para que você aprendesse a lição. Deus é minha testemunha! Recorri a métodos que podem ser considerados absurdos para outros, mas não para mim.

— E você realmente acredita nas mentiras que diz. A senhora nunca agiu como minha mãe. Nunca pensou em ninguém além de si mesma.

— *Mi sono sacrificato*. (Eu me sacrifiquei.) Eu me resignei a um casamento sem amor. Eu sempre coloquei a imagem da nossa família como prioridade. Isso é algo que nem você pode me acusar — disse dando-lhe as costas.

— Você se sacrificou? Eu sei de tudo, D. Margarida. Acha que eu conseguiria apagar algo assim da memória? Você com certeza tentou esquecer porque era cômodo. Eu não. Eu jamais me esquecerei do dia em que meu pai morreu. Depois de tudo que aconteceu na minha festa de quinze anos, eu e os meus irmãos fomos passar alguns dias no haras a pedido do papai. Eu voltei antes. Me lembro de tudo que vi e ouvi naquele dia. Os gritos de vocês me assustaram. Nunca tinha presenciado uma discussão como aquela. Muito convenientemente os empregados foram dispensados naquele domingo... — O riso cheio de mágoa e tristeza de Margot fez com que a mãe a encarasse. — Foi quando eu descobri que você traía o meu pai e foi assim que engravidou de Dante. Quando aquele embaixador com quem pretendia fugir e nos abandonar te rejeitou, a senhora voltou para casa pensando que talvez conseguisse destruir o bilhete de despedida que deixou para o meu pai. Mas era tarde demais. Meu pai te lembrou de como você se ajoelhou pedindo que ele te aceitasse de volta e que estava arrependida. Ele te perdoou daquela vez porque ainda te amava e assumiu Dante legalmente como filho. Mas nem ele nem a senhora foram capazes de amar meu irmão. Meu pai não conseguia porque Dante era a prova viva da sua traição e a senhora, porque Dante era a prova viva de que foi usada e descartada como se não fosse nada.

— Já tínhamos superado tudo isso e...

— Eu não terminei de falar! Agora é a sua vez de me ouvir! — Cortou Margot rispidamente, o que fez com que Margarida se calasse. — Eu já estava me sentindo destruída por ter presenciado a senhora e Gustavo nus na minha cama, ainda ouvi meu pai dizer que não criaria mais uma vez o filho de outro homem. Ele ficou completamente transtornado quando descobriu que você estava grávida. O tiro saiu pela culatra e acabou engravidando naquela noite. Meu pai já estava imune aos seus encantos e à sua beleza, então, não seria possível enganá-lo dizendo que teriam um filho temporão. Você disse ao meu pai que só estava tentando me proteger e até me fazendo um grande favor. Quanto antes eu visse que Gustavo me trocaria na primeira oportunidade que tivesse,

melhor seria para mim, por isso fez com que eu os flagrasse no meu quarto. Fico pensando no que teria acontecido se eu não tivesse entrado no escritório e impedido meu pai de te estrangular. Ele teria sido preso, mas talvez ainda estivesse vivo. Crimes em defesa da honra geralmente não recebem penas tão duras, afinal de contas. A expressão de vergonha e humilhação estampada no rosto do meu pai foi a última lembrança dele vivo que guardo na memória. Naquele mesmo dia, ele morreu. E foram as suas palavras cruéis que o fizeram sofrer o ataque cardíaco mais tarde no trabalho. Eu sei disso.

O silêncio que se seguiu era tamanho que conseguiam ouvir o cantar dos pássaros no jardim.

— Como o Dante reagiu quando ele soube? — Foi tudo que Margarida quis saber.

— Quer mesmo saber? Algo que diz respeito a Dante importa para você?

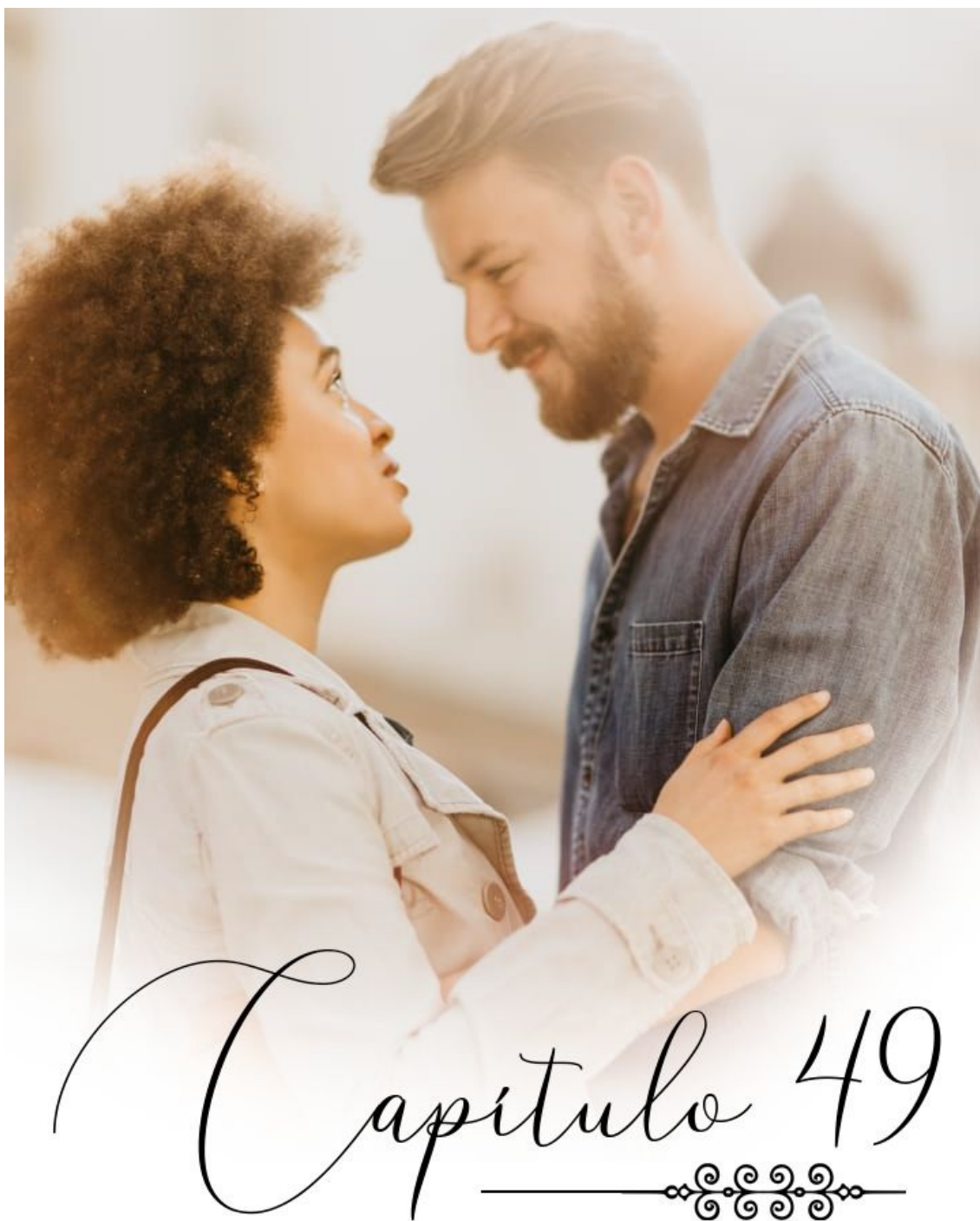
— Me diga... *per favore*. — Margarida Albertine parecia a sombra da mulher altiva de minutos atrás. Talvez tenha sido o fato inusitado da mãe se dirigir a ela usando as palavras por favor que a fez responder.

— Ele disse que em toda a vida dele nunca se sentiu seu filho ou do meu pai e que agora poderia se dar o privilégio de nunca mais ter que lhe dirigir a palavra. Acho que, no fim das contas, ele ficou feliz por saber que não tem mais nada que o ligue a você. Até eu mesma me surpreendi com a forma como ele pareceu aliviado ao saber disso. Ao contrário de como reagiu quando eu contei que a senhora era a mãe biológica de Aquiles e não eu. Isso, sim, fez mal a ele.

Margarida, ao ouvir aquelas palavras, parecia pela primeira vez sem saber o que dizer e precisou se sentar, pois suas pernas ficaram pesadas de repente. Margot lhe deu as costas e já caminhava rumo à saída quando ouviu a mãe balbuciar:

— Quando eu errei... se eu errei, foi pensando no que era melhor para o nome da minha família.

— Era só isso que sempre importou para você: manter essa fachada ilusória de família de prestígio. Toda essa superficialidade resultou em quê, Margarida? Você não tem o amor dos seus filhos. Você condenou à morte o único homem que te amou na sua vida. Você sempre teve tudo, mas nunca foi o suficiente. — Respirou profundamente antes de dizer: — Mas saiba que eu não te odeio. Eu simplesmente não sinto nada por você. Adeus, Margarida.



Capítulo 49

HORA DE DEIXAR O PASSADO PARA TRÁS — PARTE I

— Gustavo? — Carla abriu a porta ficando surpresa ao se deparar com ele ali na casa de Dante. Logo agora que tudo estava entrando nos eixos com Gustavo e Dante se reaproximando, a verdade sobre a paternidade de

Aquiles poderia destruir qualquer chance de reconciliação para eles voltarem a ser amigos. Ela estava dividida entre os dois. Dante agora percebia que precisava e queria ser o pai que seus filhos mereciam. Mas Gustavo merecia ter a chance de ter seu filho por perto e conhecê-lo.

Carla adorou ver Gustavo abrir os braços para receber um abraço dela. Se recuperando da surpresa de vê-lo ali, ela sorriu e se jogou nos braços dele. Envolveu a cintura de Gustavo e ele gentilmente contornou seus ombros com carinho. Ficaram ali na entrada da mansão Albertine sem dizer uma palavra. Eles não precisavam. Palavras até agora não foram imprescindíveis para que eles se compreendessem. Uma onda de emoção a atingiu ao lembrar-se de que ela e Dante não estariam vivos se Gustavo não tivesse sido incansável em colaborar com o resgate deles. Sentia tanta gratidão e carinho por aquele homem e Gustavo entendia a mensagem transmitida por aquele abraço. Sorria e sentia novamente a conexão forte que experimentava quando estava com Gustavo. Não teve a oportunidade de agradecer a ele como gostaria desde o resgate, pois no hospital, quando ele foi visitá-la, não estavam a sós e agora revia o amigo após uma revelação que mudou tudo que ele acreditava ser verdade e Carla só queria que Gustavo soubesse que podia contar com ela.

— Você é o meu herói, sabia? — Ela sussurrou com a voz embargada.

— Não me sinto um herói, Carla — disse ainda com ela em seus braços. — Mas estou feliz por ter ajudado. Eu não poderia simplesmente não fazer nada sabendo que vocês três estavam correndo risco de vida. Nunca me perdoaria se algo acontecesse a qualquer um de vocês e eu não tivesse feito nada para tentar salvá-los.

— Me faz mal ver você chorando, Carla — disse Gustavo quando sentiu a umidade das lágrimas em sua camisa. — Está tudo bem agora. Você está segura. Vai ficar tudo bem.

— Vai ficar tudo bem mesmo, Gustavo? — disse ela levantando o olhar e sentindo o toque dele sobre sua face para secar suas lágrimas. — Ah! Gustavo... você é um homem bom. Como poucos que conheço. Eu queria tanto ver você feliz, meu amigo. — Ele entendeu que ela se referia a Aquiles e Margot. — Mas estou com medo... Medo do que possa acontecer entre você e Dante hoje. Tenho medo que o que vão dizer um para o outro acabe afastando vocês para sempre.

— Ei, olhe para mim... — Gustavo notou a apreensão no rosto dela e tratou de tranquilizá-la. — Eu vim em paz, Carla. Só preciso conversar com o Dante. Acha que ele poderia me receber?

— Você veio confrontá-lo? Eu sei que tem seus motivos para estar

com raiva... Mas, por favor, Gustavo, e-ele está se recuperando de uma cirurgia... Não faça nada contra ele — disse segurando as mãos dele nervosamente.

— Acha que eu vim até aqui para brigar, é isso? — Gustavo entendia que ela chorava pelo que estava por vir com a visita dele ali.

— Não foi? — Ela suspeitava que essa calma que ele transparecia fosse temporária. Não sabia o que esperar quando ele e Dante estivessem frente a frente. Todos sabiam que chegaria o momento dos dois resolverem suas diferenças e Carla sentia que Gustavo foi o mais prejudicado em toda aquela história.

— Eu disse que vim em paz, lembra? Mas entendo que pense dessa maneira, Carla. — Se afastando dela um pouco e caminhando em direção às escadas, Gustavo olhou para o céu que estava surpreendentemente claro e iluminado por estrelas e, respirando fundo, disse após alguns instantes: — Uma lição que aprendi com tudo que aconteceu é que nem tudo é o que parece, Carla. Não vemos o panorama completo. Só conhecemos partes da verdade. Versões dela, entende? — disse virando-se para ela novamente e Carla assentiu.

— Eu esperava te ver transtornado e com raiva, Gustavo. Eu não entendo... qualquer um que passasse por tudo isso que você passou se sentiria perdido. Então, eu compreendo que tem o direito de...

— Odiar o Dante? — Completou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

Indo até Carla e retendo novamente as mãos dela entre as suas, Gustavo disse olhando no fundo dos olhos da moça:

— Por incrível que pareça, não me sinto assim. Na verdade, faz muito tempo que não me sinto tão bem. Eu tenho um filho, Carla. Eu tive a chance de vê-lo, de estar com ele. E foi o próprio Aquiles que foi até mim. Ele quis saber qual era a minha versão sobre o que aconteceu no passado. Foi a primeira vez que alguém me procurou para me ouvir a respeito. E depois de saber que meu filho está vivo e bem, a importância de todos os segredos que o afastaram de mim diminuíram tanto. Eu estou cansado de viver à sombra do passado. O que eu quero é saber as razões que levaram Dante e Margot a fazer o que fizeram. Só assim, eu sinto que poderei seguir em frente. É só isso que eu quero, Carla. Então, não se preocupe, está bem?

— Descobrir sobre Aquiles após tantos anos deve ter sido devastador para você, Gustavo. É difícil não ficar preocupada sabendo que você está ferido e sofrendo.

— Não, Carla. É justamente o contrário. Não dói mais como antes. Descobrir sobre o meu filho foi maravilhoso! A melhor coisa que já me aconteceu — disse ele sorrindo ao lembrar como foi bom estar com seu filho

pela primeira vez. — Já desejou que acontecesse algo que você queria muito, mas sabia que era impossível? É assim que me sinto. Quando você o levou até minha casa naquele dia, de repente, o maior desejo do meu coração se tornou real diante dos meus olhos. E fez mais do que isso. Como se agora eu fosse capaz de estar no controle de mim mesmo novamente. Aquiles me trouxe de volta de alguma maneira que eu mesmo não consigo entender. Estou sendo sincero. Só preciso de respostas. Eu preciso saber as razões por trás do que aconteceu. Confie em mim. Jamais agrediria o Dante.

Ouvir aquelas palavras e ver o reflexo da sinceridade nos olhos azuis de Gustavo a fizeram ter esperança.

— Eu fico muito feliz em saber que se sente assim, Gustavo. — E o puxando pela mão, o conduziu em direção à casa. —Vamos entrar. Dante está terminando de tomar banho.

— Não — disse parando. — Eu prefiro esperar aqui fora, se não se importa.

— Mas por que, Gustavo?

— Carla, é complicado... É a primeira vez que venho aqui. Mesmo depois de todos esses anos, tudo o que aconteceu entre nós dois está muito vivo ainda em nossas memórias, entende? — Ela fez que sim com a cabeça e ele continuou: — Não me sinto confortável para entrar na casa do Dante sem que ele me convide antes. Não sei como ele vai reagir ao me ver aqui. Ainda mais sabendo que eu vim atrás de respostas.

— Eu tenho certeza que você será bem-vindo, Gustavo. O Dante sabe tudo que você fez para nos salvar. Ele é grato por isso, tanto quanto eu sou.

— Mas eu prefiro esperar aqui fora por enquanto.

— Já que você não entra, então, eu saio. Vem até aqui comigo. — Ela falou sorrindo, já o puxando pelo braço para os degraus de acesso à mansão onde se sentou e o fez sentar ao seu lado.

Dali se via parte do jardim iluminado por lâmpadas embutidas no caminho de acesso à propriedade.

— Eu só vim até aqui porque sei que a Margot não está em condições de me contar tudo que preciso saber e estar com ela da última vez foi... — Ele não completou a frase. — Enfim, eu não estou aqui para brigar. Não vim acusá-lo de nada. Não quero mais pensar em como teria sido minha vida se eu tivesse criado meu filho. Já pensei tanto sobre isso... Desde que o perdi, penso em como seria ser pai. Pedi a Deus que me ajudasse a superar a dor que eu sentia. Os anos foram passando e eu cheguei à conclusão que Deus não me ouvia mais depois dos erros que cometi e da dor que causei a pessoas que eu amo. Estava errado. Ele me deu mais do que eu mereço. Aquiles está vivo. *Meu filho*

está vivo! Ele é... — Gustavo se emocionou e sua voz ficou embargada e não conseguiu terminar.

— Sim. Ele é um bom rapaz. É justo, tem um coração bondoso e é muito inteligente! Vai ser engenheiro como você e o Dante.

— Ele já vai para faculdade? — perguntou Gustavo sorrindo surpreso e feliz ao mesmo tempo.

— Sim, ele vai em breve. Eu soube que o Aquiles vai estudar em uma das melhores universidades aqui do Rio.

Carla reconheceu o orgulho nos olhos de Gustavo ao saber da notícia.

— Eu queria tanto que todos vocês encontrassem um caminho para estarem juntos como uma família, que é o que são.

— Eu também gostaria muito, mas acho improvável... E está tudo bem, Carla. Eu já recebi da vida o maior presente que poderia ganhar. Eu vou acompanhar a vida dele de longe. Será melhor assim. A família do Aquiles já está completa e ele é feliz. Não há espaço para mim na vida dele. Saber sobre mim só o fez sofrer.

— Gustavo, por que ter você na vida dele o faria infeliz? Sim, Aquiles está sofrendo. Tudo que ele descobriu afetaria qualquer um, como você mesmo disse, mas eu tenho fé que, com o passar do tempo, vocês poderão se conhecer e ver que tem mais em comum do que imaginam. Poderão se sentir bem na companhia um do outro.

— Carla, não vou alimentar essa pretensão. Aquiles está muito confuso. Só desejo que ele se reencontre e seja feliz de novo. Não quero ser o responsável por trazer mais sofrimento a ninguém, muito menos a ele... Além disso — falou olhando para ela com um sorriso triste. — Eu tenho problemas, você sabe... E eu contei sobre eles ao Aquiles. Revelei que sofro de transtornos. Decidi que não quero esconder nada dele. Nunca. Mesmo que acabe o afastando ainda mais. Nada é pior do que viver no escuro. Então, não espero que ele me aceite ou queira qualquer aproximação. Eu só quero que meu filho seja feliz com a família que ele já tem e me mantereí longe para que ele encontre essa felicidade definitivamente. — A emoção em suas palavras tocou o coração de Carla. Ela sentia como seu amigo estava precisando de apoio e o abraçou sem nenhuma reserva. Ficou fazendo carinho em suas costas, como se ele fosse uma criança.

— Eu não vou chorar, Carla. Se é o que está pensando. — Gustavo riu vendo a tentativa dela de acalmá-lo e a abraçou também. — Eu estou bem, Carla. Mesmo. Apesar de tudo, estou feliz. Aquiles é parte de mim e da mulher que eu amei toda a minha vida. Nem sei explicar, mas só o fato dele existir...

— Eu imagino, Gus. E estou muito feliz por você estar feliz, meu amigo — disse sentindo que o puxava para mais perto e beijava sua bochecha.

— *Gus?*

— Seu novo apelido. Gostou?

— Não.

— Logo você se acostuma — disse fazendo Gustavo sorrir para ela. Carla sorriu também, porque viu serenidade naquele riso descontraído dele. Adorava quando a vida trazia surpresas boas como aquela. Quando se deparou com Gustavo parado à porta da casa de Dante, pensou onde encontraria Domenico. Ela precisaria de ajuda no caso de confronto entre Dante e Gustavo, mas, felizmente, estava enganada. Torcia para que Dante percebesse que o que viveram ficou no passado e que agora a vida dava uma oportunidade de recomeçarem e voltarem a ser o que já foram um dia um para o outro.

Gustavo gostava muito da companhia de Carla. A amizade entre eles era algo tão natural que ainda o surpreendia. Há muito tempo não se sentia conectado a alguém como se sentia a ela. Só ficar sentado naqueles degraus em silêncio já era bom. Apenas ficar apreciando o céu e o vasto gramado verde à frente deles era com ela o abraçando: era bom.

Carla se sentia assim também. Para ela, estar com Gustavo se assemelhava muito a estar com Xandinho. Ela se sentia pequena perto deles, mas sempre se sentia segura também. Ficou feliz e até um pouco surpresa. Gustavo veio mesmo em paz. Sentia que ele estava diferente. Como se estivesse bem pela primeira vez, desde que o conheceu.

— Como foi a conversa entre você e o Aquiles naquele dia? Ele saiu de lá tenso e quando chegou aqui estava tão transtornado.

— Ele fez o que qualquer pessoa faria vendo seu mundo entrar em colapso, Carla. Para o Aquiles, eu era o culpado por tudo que ele estava sofrendo e, no fim das contas, é a verdade.

— Ele foi tão duro assim com você?

— Ele apenas disse tudo que achava de mim, mas foi maduro o suficiente para me ouvir também.

— Ele é um rapaz sensível e está confuso. Precisa de tempo para assimilar tudo o que aconteceu.

— Eu vim até aqui porque quero entender o que houve, entender por que esconderam a existência do meu filho. Há mais coisas que preciso saber. Sinto como se meu passado fosse um quebra-cabeças com peças faltando. Conhecer parte da verdade não é suficiente para mim e acho que o Dante pode me contar o que preciso saber, Carla. Depois eu vou embora. Sem confusão. Sem ameaças.

— Ele nunca me verá como pai, Carla. E eu aceito isso. Pai é quem cria e Dante, ajudou a torná-lo o homem que é hoje.

— Entre, por favor. Acho melhor conversarmos no escritório, Gustavo. — A voz de Dante os fez se voltarem para vê-lo parado atrás deles apoiado nas muletas.

Pensaram há quanto tempo ele estaria ali.

Gustavo sorriu para Carla e a ajudou a ficar de pé. Carla caminhou ao seu lado até a entrada da casa. Viu quando ambos se olharam em silêncio e Gustavo, assentindo com a cabeça, entrou.

Carla tocou o ombro de Dante e sentiu o quanto ele estava tenso.

— Meu amor, converse com ele. Diga o que precisa ser dito, mas ouça o que ele tem a dizer. Pode fazer isso por mim?

Dante viu a preocupação presente nos olhos dela e beijando sua fronte disse:

— Farei isso, Vida. Esse já era o plano, mas não estou preocupado comigo. Foi ele quem perdeu tudo e não há nada que eu possa dizer que... — Dante se interrompeu. Não queria preocupá-la mais. Com um breve sorriso no rosto, que não disfarçava que aquele seria um momento decisivo na vida deles, ele disse: — Tente descansar um pouco, está bem?

— Não. Vou te esperar acordada. Vou esperar pelos dois.

Ele já sabia que ela diria isso e recebeu um beijo suave nos lábios. Gustavo presenciou e ficou um pouco surpreso. Não sabia que eles estavam envolvidos dessa maneira. Para ele, ela estava lá para ajudá-lo enquanto se recuperava, por isso não estranhou quando ela abriu a porta da mansão.

Dante seguiu para o escritório e, Gustavo, lançou um último olhar para Carla e foi atrás dele.

— Gustavo, sente-se, por favor. Há muito a ser esclarecido.

— Estou bem assim, Dante — disse permanecendo de pé, mas sua postura parecia serena ao contrário do que Dante imaginou naquele encontro. Aquela era a primeira vez que Gustavo entrava em sua casa e Dante sabia a razão dele estar ali.

Ficando de pé em frente a Gustavo, apoiando-se na grande mesa de madeira escura do escritório, Dante começou a falar:

— Eu errei, Gustavo — admitiu sem rodeios, indo direto ao ponto. — Eu tomei decisões motivadas por mágoa e pelo ódio que sentia. Acho até que consegui por algum tempo não pensar em você porque se não lembrasse de tudo que vivemos juntos era como se você não importasse mais para mim. E alguém que não importa é quase o mesmo que alguém que não existe. Mas como se apaga uma vida inteira? Em todas as minhas lembranças até aquele momento, lá

estava você. Crescemos juntos. Aprendemos quase tudo juntos. Rimos juntos. Choramos juntos. Você me conhecia melhor do que qualquer pessoa, Gustavo. Eu perdi de repente toda a certeza que eu tinha do que eu acreditava que era real... do que eu supunha que era verdadeiro. — Ele suspirou profundamente e prosseguiu. — Eu não suportava qualquer menção ao seu nome por achar que tinha traído a minha confiança e da minha família da forma mais cruel que eu poderia imaginar, mas eu estava errado. Éramos melhores amigos e eu não fui capaz de te ouvir sequer uma vez todos esses anos. Eu fui júri e juiz e te condenei por algo que você não fez.

— Eu não sei como vou me sentir ao terminarmos essa conversa, mas eu preciso saber a verdade e quero que Aquiles conheça também toda a verdade. Ele tem direito de saber.

— Eu já contei a ele, Gustavo... Revelei tudo que diz respeito às circunstâncias de seu nascimento e as decisões que foram tomadas a partir de então... — Dante observava cada reação no rosto de Gustavo e o viu abaixar a cabeça e considerar o peso daquelas palavras.

— Então, agora apenas eu estou no escuro.

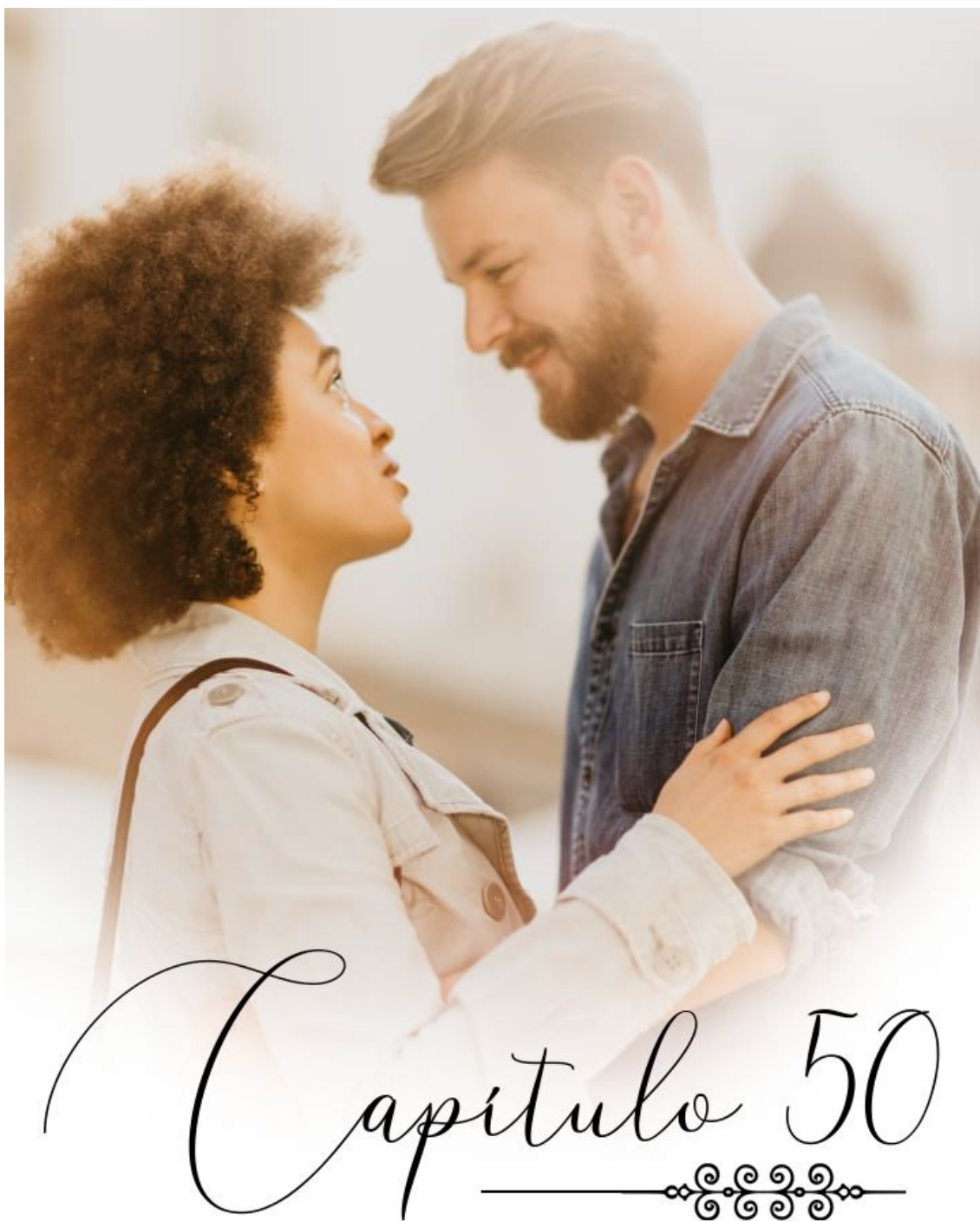
— Mas eu vou revelar tudo que eu sabia ou pensava que sabia quando soubemos da gravidez de Margot.

— Você me odiava tanto assim, Dante? Me esconder por todos esses anos que meu filho nasceu vivo e que você mesmo o criou? Não acha que foi uma punição severa demais? Eu posso não merecer o perdão da Margot ou o seu, mas foram muitos anos acreditando em uma mentira. Muitos anos sofrendo por me sentir culpado pela morte de uma criança.

— Eu fiz o que fiz para proteger a minha irmã. Pelo menos, era o que eu acreditava que estava fazendo. Pensei que a estava protegendo do escárnio da sociedade quando descobrissem que ela seria mãe ainda adolescente.

— Eu teria me casado com sua irmã, Dante. Não por imposição ou por ser o certo a se fazer, mas simplesmente porque eu a amava. Ela se tornou a minha razão de viver. Seríamos uma família hoje, mas me impediram de falar com ela, quando eu soube da gravidez ela já estava na Europa. Eu fui até Nápoles e lá também não me deixaram falar com ela. Eu quase enlouqueci quando recebi a notícia do parto prematuro e que o bebê não resistiu. Eu estava lá. Há poucos metros da Margot e não pude consolá-la. Queria dar apoio a ela para que soubesse que eu também estava sofrendo, mas que eu a amava e que estava arrependido do mal que causei a ela. Queria que ela me aceitasse de volta e me perdoasse, porque eu sabia como seria minha vida sem ela. Mas pelo bom nome da família Albertine, eu não pude nem tentar pedir o perdão da mulher que eu amava. Eu não pude ser o pai do meu filho.

Dante e Gustavo permaneciam de pé, mas não havia raiva naquelas palavras. Ele não via fúria nos olhos de Gustavo. Ali só havia dor causada pela ausência.



HORA DE DEIXAR O PASSADO PARA TRÁS — PARTE II

Gustavo sentia-se ainda atordoado com tudo que descobriu e sabia que sairia dali ainda mais, quando preenchesse os espaços vazios entre o que sabia agora e o que achava que sabia antes.

Aceitando o convite silencioso de Dante, o homem loiro sentou-se em frente à ampla mesa de madeira escura. Dante sentou-se na extremidade oposta, de frente para Gustavo e parecia tão desconfortável quanto o outro homem. Passando as mãos pelo rosto, ele refletiu em silêncio sobre a escolha das palavras mais adequadas para aquela situação. Mas não as encontrou. Por mais que fosse óbvio que errou de forma irreparável com Gustavo e que o mínimo esperado era que pedisse perdão, Dante, ao se colocar no lugar de Gustavo, sentia que não seria capaz de agir com indulgência simplesmente porque sabia o que significava ter Aquiles em sua vida. Algo tão grandioso foi negado a Gustavo e ele sabia disso, o que deixava Dante ainda mais confuso com a serenidade que vislumbrava no rosto do homem que no passado foi seu melhor amigo.

— Acredito que depois de todas as acusações que fiz contra você, apenas pedir desculpas e dizer que me arrependo por nunca ter te dado uma chance não serão suficientes, mas já é um começo. — Quebrando o silêncio, Dante decidiu que abriria seu coração. A verdade era a única atitude decente no momento. — Gustavo, eu fui cruel com você. Me recusei a te ouvir, porque me sentia traído pelo meu melhor amigo e te condenei quando não tinha esse direito. Eu quis apagar a sua existência da minha vida porque acreditei que só assim doeria menos perder você. Eu já tinha perdido tanto naquele ano... A minha vida se transformou em um pesadelo do qual eu não tinha como acordar porque era real. Parecia que tudo ao meu redor desmoronava como um castelo de cartas. Tudo aconteceu tão rápido... Meu pai sofreu um ataque cardíaco fulminante e mal demos adeus a ele, a nossa casa já recebia um outro funeral. E o impacto desse foi ainda mais devastador, porque eu ainda sinto que podia ter feito algo para impedir que meu irmão se afogasse. — Dante viu que Gustavo iria dizer algo, pois ele estava na praia com eles quando tudo aconteceu, mas Dante fez um gesto para que o deixasse terminar e ele voltou a sentar-se e assentiu com a cabeça. — Um golpe atrás do outro. Eu tive que ser forte porque precisavam de mim, mas você me apoiou e disse que eu poderia contar com você sempre. Muitas vezes, eu queria apenas poder chorar pelo meu irmão e vivenciar o luto quando a dor era intensa demais, você sempre estava lá por mim. Mas foi quando eu... — Dante estava claramente envergonhado, mas continuou enfrentando o olhar de Gustavo. — Eu feri quem me ajudava a seguir em frente. Me lembro de te chamar de covarde e adjetivos ainda piores, mas você não reagiu aos socos que te dei. Por acreditar que você havia se aproveitado da minha irmã e a engravidado, eu falei tantas coisas que você não merecia ouvir.

Dante continuou: — Para evitar um escândalo, Margarida levou minha irmã para Nápoles para que ela tivesse o bebê. O que me restava fazer,

além de seguir o plano da minha mãe que apareceu com uma suposta solução apropriada para que Margot não sofresse ainda mais no futuro? Foi assim que acabei me casando com Isadora, o que para mim, na ocasião, pareceu a decisão mais sensata para o bem da família. Eu estava apaixonado por Isadora e acreditei que fosse recíproco. Ela me prometeu que amaria Aquiles como se fosse seu próprio filho. Mas eu só tive certeza de que queria ser pai daquela criança, quando vi Aquiles pela primeira vez. Eu o amei de uma forma que não sei explicar. E tudo que eu queria era garantir que aquele bebê e minha irmã estivessem próximos um do outro e eu faria o que fosse preciso para protegê-los de quem quer que fosse. — Dante suspirou profundamente, analisando a expressão de Gustavo que ouvia atentamente cada palavra que ele dizia, sem interrompê-lo. — Assumi a paternidade de Aquiles, não só porque parecia o certo a se fazer, mas para que Margot não precisasse enfrentar os entraves de ser mãe solteira aos quinze anos. Eu aceitei o que Margarida propôs porque eu quis ser o pai de Aquiles. Eles dois eram toda família que me restou, sem o Benício, sem meu pai e... sem você, Gustavo. Me arrependo do que fiz a você, me arrependo de não ter sido um pai afetuoso para os meus filhos, mas nunca me arrependi da decisão que tomei. Aquiles e Hélio são a melhor parte da minha vida. Sempre me senti afortunado por tê-los na minha vida, mas há uma grande distância entre saber e demonstrar isso. Hoje enxergo tudo tão claramente. Agi como um tolo em vários sentidos. Tudo poderia ter sido evitado se eu tivesse acreditado em você quando me disse que não sabia o que tinha acontecido. Quando você me disse que se casaria com minha irmã não só por causa do bebê, mas porque a amava. Foi me procurar e pediu a minha ajuda para convencê-la a te ouvir, mas eu estava tão cego pelo ódio que sentia de ver tudo desmoronando na minha família, que fui conivente quando Margarida mentiu dizendo que o bebê havia morrido no parto. Deixei que você acreditasse naquela mentira terrível, pois eu via a fragilidade de Margot e acreditava que ela não estava pronta para ser mãe. Quem com quinze anos está pronto para assumir tanta responsabilidade?

Gustavo permanecia em silêncio absorvendo essa versão da história que determinou o rumo de sua vida. À medida que Dante contava sua perspectiva, Gustavo recordava o conflito de sentimentos que vivenciou na época. Sentia seu peito doer ao ouvir cada palavra. A viagem para a Itália pôs fim às suas esperanças. Ele pensava em interceptar o médico que foi à propriedade da Família Albertine para que ele lhe desse notícias sobre Margot e o bebê, mas nem foi preciso. O próprio médico parou o carro e o chamou para revelar aquela trágica notícia. O médico lhe disse que Margot teve complicações e começou a sentir contrações prematuramente, pois ainda estava no sexto mês

de gestação. Ele disse que fez tudo ao seu alcance e a mãe não corria risco de vida. Contudo, infelizmente, não foi possível salvar o bebê. Seu filho nasceu morto. O médico lhe falou ainda que a própria Margot lhe fez um pedido: que ele dissesse a Gustavo que ela não queria mais vê-lo, porque amá-lo só trouxe sofrimento à sua vida. Pediu que ele voltasse para o Brasil.

Em total desespero, Gustavo chorava ao sair do carro do médico. Caminhou sem rumo por Nápoles até chegar a uma praia. Só conseguia pensar que nem pôde oferecer consolo à mulher que amava; que seu filho inocente morreu e que tudo isso era culpa sua. Margot não o queria por perto e a compreendia. O que não compreendia era como todos seus sonhos e planos de uma vida feliz ao lado dela foram destruídos tão rapidamente. Se sentiu o pior dos monstros por tê-la forçado a ter relações com ele. Ele nunca se imaginou um homem capaz de algo tão brutal como molestar uma mulher, mas foi o que fez. O que doía ainda mais era o fato da bebida ter apagado tudo de sua memória e tudo que se recordava daquela noite no quarto de Margot eram borrões: não lembrava de como chegou até lá, mas recordava de ouvir o choro desesperado de Margot e também de que foi Benício quem o levou para casa. Nada mais.

Conviver com aquelas recordações foi viver um martírio. Ele sabia que foram elas o gatilho para que seus TOC's se manifestassem e evoluíssem ao ponto dele só conseguir escapar da dor que aquelas lembranças traziam substituindo pela dor física, se autoflagelando. Mas elas nunca iam embora. Estavam sempre presentes no seu dia a dia como feridas que nunca cicatrizaram totalmente.

Gustavo viu que Dante agora estava de pé ao seu lado e esperava pacientemente ele absorver tudo que lhe disse. Se levantou também e olhou bem no fundo dos olhos do homem a quem, por escolha de seu coração, considerou um irmão. Ficaram assim por um tempo. Gustavo analisava suas emoções. Não sentia ódio, nem mágoa de Dante. Sentiu tristeza por ter perdido seu melhor amigo e amargura por se sentir o principal culpado por tudo que houve. Para Gustavo, o que Dante lhe revelou até agora não alterava o que ele fez com Margot. Ainda tinha sido a sua falha de caráter que motivou as decisões que Dante tomou. Gustavo não buscava expiação de seus pecados, pois julgava que o crime que cometeu trouxe consequências que prejudicaram a vida das pessoas que mais amava.

Dante percebeu todo o pesar quando Gustavo não conseguiu mais sustentar seu olhar e suspirou profundamente antes de dizer:

— Você fez o que achou certo para proteger sua família. O que eu fiz com a Margot... eu agi como um...

— Gustavo, você não fez nada contra minha irmã — interrompeu

Dante colocando a mão em seu ombro e o tocando pela primeira vez após tantos anos. — Você não deve mais se culpar por algo que não fez.

Aquela afirmação fez Gustavo levantar o olhar para Dante com a expressão confusa no rosto.

— Dante, do que está falando?

— Todos esses anos, eu acreditei na palavra dela. Você foi acusado por ela, mas fomos enganados. Não era essa a verdade.

— Aquiles nasceu, Dante. Ele tem a idade certa e... — A confusão mental que Gustavo se encontrava, fez com que respirasse profundamente antes de dizer: — A Margot jamais mentiria sobre algo assim.

— Você foi uma das principais vítimas de uma mulher ardilosa e cruel, Gustavo. Ela nos prendeu em sua dissimulação e eu fui uma marionete nas mãos dela. Como alguém consegue mentir sobre algo tão grave?

— Margot não é assim! — disse Gustavo retirando a mão de Dante de seu ombro. — Você a conhece melhor do que ninguém.

— Não falo da Margot, Gustavo.

— O quê?

— Falo de Margarida. Ela, mancomunada com Isadora, traçou esse plano diabólico e Margot... a minha irmã era apenas uma menina vulnerável e que tinha na própria mãe uma inimiga perversa. Com quinze anos, ela tinha acabado de perder o pai que sempre foi amoroso com ela e o irmão mais velho que para nós sempre foi um herói. A Margot compactuou com todas as mentiras de Margarida porque a mãe a induziu crer que, se ela revelasse a verdade para mim, eu acabaria matando você. Ela não suportaria perder mais ninguém e se silenciou para mim.

— Eu não estou entendendo. Não faz sentido algum. Como sua mãe... por que sua mãe tramaria algo tão cruel? O Aquiles é meu filho e de Margot. A idade dele bate com... ele é meu filho. Eu não quero tirá-lo de você, Dante. Se é o que está pensando... Sei que não tenho esse direito... Só saber que ele existe e... — Gustavo sentiu que seus olhos ficaram embaçados e deu as costas, se afastando de Dante porque não queria que presenciasse esse momento de fraqueza.

Como posso consolá-lo se sou um dos responsáveis por ele estar sofrendo assim? — pensou Dante. Precisava contar tudo e não adiar mais. Caminhou até Gustavo que permanecia de costas e disse:

— Aquiles é seu filho biológico, Gustavo. Ele é seu filho.

— Mas então por que você disse...

— Eu também fiquei confuso como você está agora quando a Margot me contou semanas atrás o que houve, Gustavo. Eu só soube o que

realmente aconteceu na noite do baile de debutantes da minha irmã, quando eu a vi pela primeira vez no hospital, após sermos resgatados. — Eu criei Aquiles pensando que estava criando o filho da minha irmã. Você é realmente o pai dele, mas Aquiles não é filho de Margot.

— Dante, você está louco? Está insinuando que a Isadora e eu...

— Não, Gustavo. O que nem você nem eu podíamos imaginar em todos esses anos é que a verdadeira mãe do Aquiles é o pior ser humano que já conheci em toda a minha vida: a minha mãe. Margarida Albertine foi quem ficou grávida naquela noite, não a Margot.

Ouvir aquilo fez Gustavo se afastar para não perder a calma e tomar uma atitude impensada. Respirou fundo várias vezes. Não agiria irracionalmente piorando ainda mais aquela situação.

— Eu *jamais* dormiria com a sua mãe. Só de você levantar essa possibilidade já é...

— Ela drogou você, Gustavo — cortou Dante, sem rodeios.

— O quê?

— Foi isso mesmo que ouviu. Lembro de você me dizer que não se lembrava do que tinha acontecido naquela noite no quarto de Margot e de eu pensar que você tentava usar o álcool como um pretexto para o que fez. Logo você que sempre evitou bebidas alcoólicas...

— Dante, por que ela faria algo assim? Eu não sei o que pensar... Nada disso parece lógico para mim.

— Só uma pessoa mentalmente insana conseguiu enxergar alguma lógica em trazer tanta dor às pessoas que supostamente deveria amar incondicionalmente. — Dante se sentiu da mesma forma quando tomou conhecimento de tudo que estava oculto. — Creio que é importante revelar que Margot não aceitou o que Margarida disse facilmente. Pela primeira vez na vida, minha irmã a enfrentou e disse que mesmo que vocês não tivessem um futuro juntos, você tinha o direito de saber que tinha um filho. Ela disse que conversaria comigo e contaria toda a verdade. Margot tentou dissuadir a minha mãe... tentou dissuadir Margarida a desistir desse plano absurdo, mas Isadora foi procurá-la e fez com que Margot se sentisse acuada. Ela, usando todo seu talento, procurou Margot aos prantos dizendo que Margarida a chamou para uma conversa a portas fechadas e disse a Isadora que nós deveríamos nos casar o mais rápido possível para o bem do sobrenome Albertine. Isadora disse que ela revelou tudo e disse algo que fez Margot ser conivente com toda essa farsa e sustentá-la por todos esses anos. Isadora disse à minha irmã que Margarida ameaçou entregar Aquiles à adoção e garantir que nenhum de nós jamais o encontraríamos se Margot não fizesse exatamente o que ela queria. Margot se viu sem saída, Gustavo. Ela

cedeu e fez tudo que Margarida exigiu pelo bem do Aquiles e por todos nós. A pedido de Margot, eu só fui para Nápoles um mês depois do nascimento de Aquiles. Quando eu e Isadora chegamos, já como marido e mulher, Margarida voltou para o Brasil. Na época eu até a achei muito compreensiva com Margot. Nunca a criticando por ter engravidado ou reclamando sobre o bebê. Pensei que ser avó estava começando a modificar sua relação com Margot. Como eu estava errado... Margot nunca queria ficar perto de Margarida. Pediu para morar comigo depois, até ir para a faculdade de moda. É claro que eu aceitei. Pensei que ela queria estar perto do filho e via a dimensão do amor que ela sentia por Aquiles. Muitas vezes, eu a ouvia chorando no quarto do bebê, enquanto ninava o Aquiles, e isso me fazia odiar você ainda mais por fazê-la sofrer tanto assim. Margarida raramente ia visitar o suposto neto e, quando ia, nunca o pegava no colo. Depois que Margot foi para a faculdade e passou a morar sozinha, ela evitou ao máximo qualquer contato com Margarida, não a convidando nem para sua formatura.

Dante jogou a cabeça para trás e tomou ar para dizer tudo que era preciso naquele momento. — Eu cometi o maior erro da minha vida quando deixei que meu ódio determinasse o seu futuro. Eu não tenho como mensurar como as consequências dos meus atos afetaram sua vida. Nada que possa ser dito ou feito mudaria o passado. Nada seria suficiente para compensar o que você sofreu...nada seria suficiente para me redimir. São quase dezoito anos de lembranças. Os primeiros passos do Aquiles; ver ele andar de bicicleta e cair várias vezes, mas não desistir até conseguir. Ele aprendeu a dar o nó na gravata só de me observar fazendo... Eu usurpei tantos momentos que eram seus por direito. Isadora e eu nos casamos na Europa e moramos lá por algum tempo antes de retornarmos ao Brasil. Ela me disse que seu maior sonho era ser mãe e que amaria Aquiles como se fosse seu filho realmente. Me prometeu que jamais revelaria esse segredo. E, assim, não seriam levantadas suspeitas sobre a criança. — Respirou fundo e continuou: — Não tardou para que eu descobrisse quem Isadora realmente era. No início, ela ainda se fez de mãe zelosa e carinhosa quando eu estava presente, pelo menos, mas não há máscara que se sustente indefinidamente. Logo ela começou a passar mais tempo em eventos sociais do que com a família. Começou a fazer viagens para Milão com frequência com a desculpa de que Nápoles não tinha onde ela se divertir ou comprar roupas de grife que a agradassem. O pior disso tudo é que eu também não fui o pai que o Aquiles merecia. Nem de longe e sei disso. Acho que no fim, acabei apenas reproduzindo o comportamento do meu... — corrigiu-se e prosseguiu — do Sr. Pompeu. É provável que você tivesse se saído melhor do que eu. Sempre teve jeito com crianças. Hoje, eu consigo identificar todas as minhas falhas.

Principalmente em não dizer o que Aquiles precisava saber. Eu nunca dizia que o amava ou que me orgulhava dele e do irmão. Achava que não era preciso, mas eu estava errado. O que eu estou querendo dizer é que eu sinto muito por todo sofrimento que eu causei a você direta ou indiretamente, mas eu não consigo me arrepender de ter o Aquiles na minha vida. Não sou um modelo de pai, mas o Aquiles é o filho que todo pai gostaria de ter. Gustavo, eu quero que saiba que não me preocupava com o nome da família. Isso não era a fonte da minha preocupação, mas sim o futuro da minha irmã e do bebê. Eu sempre soube que Margarida não era uma mãe amorosa, mas nunca pensei que ela fosse capaz de algo tão hediondo para arruinar as chances da própria filha ser feliz. Não fazia ideia. Depois de todas as acusações que te fiz e de te impedir de conviver com Aquiles, você deve me odiar.

Dante viu Gustavo refletir sobre suas palavras e tentou imaginar a confusão que deveria estar a cabeça dele.

— Bem... acho que isso resume brevemente tudo que aconteceu, mas você pode me perguntar o que quiser. Eu responderei francamente. Tem minha palavra, Gustavo.

Dante não se surpreendeu com a pergunta que Gustavo fez.

— A Margot garantiu a você que eu não a violentei? Você acredita que ela falou a verdade?

Dante assentiu com a cabeça. Não mensurava o fardo de uma acusação como aquela na vida de um homem inocente e fez questão de dizer:

— Minha irmã me disse que sustentar essa mentira a fazia se sentir tão desprezível quanto Margarida e que ela não suportava mais. Assim que eu despertei da cirurgia no hospital, ela foi me procurar. Pediu que eu a ouvisse sem interrompê-la e foi o que eu fiz. Margot me contou tudo chorando muito de vergonha por ter sido cúmplice de Margarida, mesmo contra a vontade. Ela me disse que você nunca seria capaz de fazer nenhum mal a ela. Você sempre a protegeu das pessoas que queriam feri-la. Minha irmã me contou que ficou inconsciente a maior parte do tempo que esteve soterrada, mas, quando acordou, só conseguia pensar que merecia passar por tudo aquilo. Deus a estava castigando por todo mal que fez a você, mesmo sem querer. Fez então a promessa de revelar a verdade. Sabia que sobreviveria. Ela sempre foi uma sobrevivente.

Como uma chama de esperança que se acendia, Gustavo sorriu. Passou as mãos pelo rosto como se quisesse ter certeza de que estava acordado e que realmente Dante tinha dito aquilo. Estava livre. Enfim, se sentia livre de uma culpa que o acompanhou por tanto tempo que ficou perdido em seus pensamentos assimilando tudo aquilo.

— Agradeço por... me contar tudo isso, Dante. Eu nem sei bem como me sinto com tudo isso, mas agora conheço toda a história. Antes eu vivia tentando montar um quebra-cabeças, mas sem ter todas as peças.

— Gustavo, não há nada mais que queira saber? — Dante o chamou, mas virando-se, Gustavo negou com a cabeça. Ele pensou que o que realmente importava, já sabia agora.

— Mas há algo que eu gostaria de revelar a você. Algo que descobri enquanto vocês três estavam debaixo daqueles escombros. “*Há males na vida que vem para o bem...*” Lembra-se que a Julieta dizia isso quando éramos proibidos de ir para o haras perto das provas no Santa Tereza?

— Sim, mas o que quer dizer com isso?

— Você se lembra do Inácio?

— O tenente Valentim, da equipe de bombeiros que nos resgatou? Sim, claro. Mas o que ele tem a ver com...

— Ele não te lembra alguém, Dante?

— Tive uma sensação de familiaridade quando conversei com ele, mas agora que você chamou minha atenção para isso, é possível que sim...

— Eu tive essa mesma sensação e conversando com Inácio em uma pausa para comermos um sanduíche e recobramos as energias para seguir com as buscas, eu descobri algo que você e Margot precisam saber.

— Eu e Margot?

— Sim. Vocês dois têm um sobrinho. Ele é filho do Marquês, Dante.

— O quê? Como assim? Ele te disse isso?

— Não, Dante. Ele não faz ideia de quem seja seu pai. Mas eu contratei um detetive e fiz uma investigação por conta própria. A mãe dele trabalhou em sua casa por apenas alguns meses, porque ela foi demitida por justa causa e se mudou para o interior. Se chamava Deiny Valentim. Faleceu há dois anos.

— Mas isso não prova nada, Gustavo — disse Dante, mas refletindo agora sobre o quanto o jovem militar se assemelhava a seu irmão.

— Verdade, poderia ter sido apenas uma enorme coincidência. Mas o detetive encontrou uma tia-avó da Sra. Deiny, ele descobriu que a mãe do Inácio fugiu quando descobriu que estava grávida de um dos filhos da família que trabalhava, pois foi ameaçada porque era negra e pobre e o rapaz seria o sucessor do pai nos negócios da família. Conhecendo agora o que Margarida foi capaz de fazer com Margot, eu não tenho mais dúvidas.

— Gustavo, eu e Margot suspeitávamos que ele estava diferente. Não era visto mais saindo com as garotas do colégio. Margot chegou a insinuar que ele estivesse apaixonado, mas nunca tive a chance de conversar com Benício

a respeito.

— Quando eu disse que ele me lembrava alguém e quis saber mais sobre o pai dele, o tenente Inácio me disse que nunca chegou a conhecê-lo. Perguntei o nome do pai e Inácio me disse que sua mãe sempre se referia ao pai dele por um apelido: o chamava de Marquês.

— Benício teve um filho? — Dante estava perplexo com essa possibilidade. Achava que ele era o único que tinha revelações a fazer naquela conversa, mas estava errado.

— Pode fazer sua própria investigação, se tiver dúvidas. — Gustavo entendia exatamente como ele se sentia no momento.

— Eu preciso conversar com Inácio. Saber o que aconteceu... Eu preciso ver o filho do Marquês.

— Esse é o celular do detetive. Eu pedirei a ele que envie o relatório com todas as informações que descobriu. Converse com a Margot. Após o choque inicial, sei que ela ficará feliz com a notícia.

— Você poderia nunca ter me revelado isso e eu jamais descobriria, Gustavo. Depois de tudo que eu e minha família fizemos, você teria sua...

— Vingança? — completou Gustavo. — Isso não mudaria nada, Dante. Só impediria um jovem bombeiro de reencontrar sua família. *Há males que vem para o bem*. Disso tudo que vocês três precisaram enfrentar, é bom ver que as surpresas que a vida nos reserva podem ser muito boas também.

— Gustavo, não sei como agradecer... Tudo isso que você fez... — Dante não se sentia confortável para dar um abraço em Gustavo, que era o que queria fazer. Descobriu que seu irmão deixou um filho. Mais uma descoberta que o deixou sem norte. Pensou que jamais precisaria olhar na cara de Margarida novamente, mas ela receberia uma última visita dele.

— Eu sempre me senti em dívida com Benício. Vocês salvaram a minha vida naquele dia e ele perdeu a dele. — Eu fui inconsequente e...

— Não, Gustavo. Eu sei que ninguém teve culpa. Eu nunca te culpei pelo que aconteceu ao Benício. Ele voltou para me salvar, mas voltaria por qualquer pessoa que estivesse em perigo. Era a natureza dele. Meu irmão era bom, por isso todos o amavam. — A lembrança do último momento com o irmão, trouxe um triste sorriso ao rosto de Dante. Acho que ele não chegou a saber que a moça estava grávida.

— Isso eu não consegui descobrir, Dante.

Dante não compreendia Gustavo. Via Gustavo ali totalmente desarmado à sua frente. Ele não demonstrava sentir ódio ou revolta como era esperado depois de saber que foi condenado por todos injustamente, quando era apenas mais uma das vítimas de Margarida. E ainda foi capaz de um ato de

tamanha superação revelando que Inácio era seu sobrinho.

Dante abriu uma gaveta da mesa e tirou um embrulho de lá e o entregou a Gustavo.

— O que é isso?

— É um álbum com fotos de momentos significativos na vida do Aquiles. Carla me ajudou a escolhê-las e comprou o álbum organizando pela idade dele. Então, você vai encontrar fotos do Aquiles desde que nasceu até as mais recentes. Margot sempre fez questão de registrar os aniversários dos meninos... Eu achei que você gostaria de ter essas fotos.

— Fez isso para mim? — perguntou Gustavo incrédulo, mas aceitando o embrulho como se fosse mais valioso que ouro.

— Eu sei que não vai reparar a forma como agi com você, mas se houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer eu faria, Gustavo. Não posso mudar o passado, mas eu quero que o presente seja diferente. Vou conversar com Aquiles. Vai levar algum tempo, mas vocês vão encontrar um caminho. Vão se encontrar. Os dois precisam se conhecer. São duas das pessoas que mais admiro na vida. Homens de bem. — Dante pela primeira vez abaixou o olhar. Aquela conversa o fez recordar do quanto ele e Gustavo foram próximos no passado e do quanto Dante queria dizer aquelas últimas palavras:

— Eu peço o seu perdão, Gustavo.

Ouvir essas palavras vindas de Dante Albertine e segurar aquele presente nas mãos fez Gustavo pensar que a vida lhe dava uma segunda chance. Ele mesmo pediu por essa oportunidade incansáveis vezes e achava que Deus não estava ouvindo, mas Ele estava.

Gustavo sorriu e caminhou até Dante, estendeu a mão livre e disse:

— Eu mais do que ninguém compreendo sua necessidade de pedir perdão, Dante, mas me sinto em paz agora e desejo que se sinta assim também. Paz de espírito é o que todos nós merecemos. — Dante apertou firme a mão de Gustavo entre as suas, mas não conseguiu dizer uma palavra. Se preparou literalmente para o pior e as palavras de Gustavo mostravam o quanto tudo que vivenciou acrescentaram sabedoria, maturidade e clareza a ele.

— Você e eu temos que sair logo desse escritório porque há um certo peixe muito especial que deve estar aflito esperando por nós dois. Gustavo sorriu concordando e saíram do escritório.

Carla realmente andava de um lado para o outro aguardando por eles, pois não tinha mais nada que pudesse fazer. Apenas orar e esperar. Quando viu os dois se aproximando, Carla agradeceu a Deus em uma breve prece. Viu o embrulho do álbum que preparou com Dante nas mãos de Gustavo e sorriu. Tinha percebido o embaraço dos dois. O que era mais que natural por não

saberem como tratar um ao outro após tanto tempo distantes física e emocionalmente, mas nem esperou que dissessem nada. Correu e abraçou os dois ao mesmo tempo.

— Meus pássaros preferidos! — disse dando pulinhos e fazendo com isso que precisassem se abaixar. A abraçaram como puderam, embora os dois estivessem sem graça com a situação. — Estou tão feliz... tão feliz que nenhum de vocês está com um olho roxo ou com a asa quebrada.

— A última vez que estivemos os três na mesma sala, isso quase aconteceu — disse Dante se recordando de como se comportou no haras.

— Isso ficou no passado. Com o tempo, a vida vai colocar tudo em eu lugar. Eu sei disso. — Carla acariciou o rosto de cada um e deu um beijo estalado na bochecha dos dois também, antes de soltá-los.

O entusiasmo dela fez os dois homens altos rirem também. Se entreolharam e souberam que poderia levar algum tempo, mas também encontrariam um caminho para se reaproximarem. Carla seria a ponte. Disso ambos tinham certeza.



MENSAGENS PARA UM AMOR QUE NÃO ME PERTENCE

— Será que agora vocês podem me contar o que é tão importante assim que precisavam falar comigo com tanta urgência?

— Isabel, sente-se, por favor — pediu Xandinho.

A médica entrou no quarto de Xandinho e se acomodou na cama ao lado do amigo que lhe beijou o rosto como sempre fazia, mas não foi capaz de sorrir dessa vez. Carla estava sentada em um almofadão no chão e Mônica permanecia de pé com os braços cruzados no peito. O clima de tensão e as expressões sérias de seus amigos começavam a preocupar Isabel.

— Gente, o que aconteceu? Digam logo de uma vez. Odeio quando ficam tentando me acalmar antes de me dar uma notícia. Isso só piora as coisas.

— Isabel, antes de tudo, eu quero que saiba que nós concordamos em fazer isso porque você é muito especial para todos nós. — Carla tomou a iniciativa de começar. — Somos amigos desde sempre e eu faria qualquer coisa ao meu alcance para te ver bem de novo. Todos nós faríamos.

— Somos uma família, Isabel — prosseguiu Mônica se ajoelhando aos pés da amiga. — Eu sempre pude contar com você, com o Xandinho e a Carla. Vocês fazem parte da minha história. Nossas vidas se confundem em uma só em tantos momentos... E quando vimos como você estava sofrendo... aquela ideia maluca pareceu ser uma chance de você voltar para a gente e funcionou. Você voltou a ser a nossa Isabel e isso fez com que continuássemos.

— Que ideia maluca, Moni? Do que estão falando, afinal? — Isabel olhava para os rostos tão familiares e temeu a notícia que eles a preparavam para lhe dar. — O que houve?

Isabel questionou a todos, mas olhava para Xandinho, que segurou firme uma de suas mãos e com carinho levou aos lábios e depositou um beijo.

— Xandinho... Você vai me contar o que está acontecendo, não vai? Carla e Mônica não vão pelo visto... — Ela acariciou os cabelos do amigo querido e sorriu para ele para encorajá-lo.

Ele sorriu como só sorria para ela.

— Isa, você se lembra que uma vez discutimos e ficamos duas semanas sem falar um com o outro, porque você me disse que não queria que eu te defendesse e até me chamou de frouxo?

— O que isso tem a ver com...

— Lembra? — insistiu ele.

— Claro que eu me lembro. Você me defendeu quando o Luiz Fernando do sexto ano me chamou de cabelo de Bombril. Apanhou tanto e acabou quebrando o nariz — disse ela rindo ao lembrar que tentou colocar o nariz dele no lugar como via nos filmes e só piorou as coisas. Ele começou a chorar, porque seu nariz começou a sangrar muito e ela o chamou de frouxo. — Você disse que não queria mais ser meu amigo e eu disse que por mim tudo bem, mas chorei a noite toda em casa.

— Eu também. Só não lembrava se foi por eu ter terminado nossa

amizade ou por conta do nariz que doía muito, mesmo depois de voltar do pronto-socorro. Quando fizemos as pazes, prometemos que nunca mais ficaríamos sem falar um com outro e não permitiríamos que nada mais afastasse a gente.

— Eu lembro e tem sido assim, não é mesmo? Agora que acabou a sessão nostalgia, vai me contar porque todos estão com essas caras? Sim ou não? — disse rindo para o amigo.

Ele soltou a mão dela e tirou da caixa ao lado da cama várias cartas e as entregou a Isabel.

— As cartas que enviei para o Bernardo. O que faz com elas? Foram devolvidas? Será que ele mudou de posto e, por isso, não foram entregues? — Isabel passou a analisar os envelopes um por um, mas parou de falar quando viu que não havia nenhum carimbo neles. — Alexandre, por que as cartas que eu escrevi para o meu noivo estão com você?

— Isa, eu menti para você. Venho mentindo para você há meses.

— Do que está falando? Pode ser claro e explicar de uma vez o que está acontecendo aqui? — Isabel começava a perder a calma.

— Eu disse que levaria estas cartas aos Correios para você, mas a verdade é que eu nunca enviei nenhuma delas, Isa.

— Eu não entendo... Porque você faria isso, Alexandre? — Isabel se levantou de imediato se afastando dos três amigos. Alexandre também se pôs de pé. — Tem cartas aqui com mais de um ano que foram escritas...

— Ele nunca respondeu nenhuma de suas cartas. — Xandinho se levantou e colocando as mãos nos ombros de Isabel revelou o segredo que escondeu por muito tempo. — Isa, o Bernardo morreu há um ano e meio. Houve um acidente na plataforma onde ele trabalhava e a Marinha Mercante comunicou você porque era o contato dele em caso de emergência.

— Que brincadeira estúpida é essa agora? Está ficando louco? — disse libertando-se dos seus braços. — Do que você está falando, Alexandre? Não faz sentido algum. O Bernardo me respondeu cada uma dessas cartas. Ele me responde pelo menos uma vez por mês por e-mail e... e v-você sabe disso...

— Eu não poderia enviar essas cartas, porque o destinatário nunca as receberia, Isa. Eu li todas as cartas que escreveu para ele e fui eu que enviei os e-mails respondendo. Eu enviei mensagens para um amor que não me pertence e isso me custou muito, mas foi a única coisa que fez você querer viver de novo. Fiz isso para tirar você de lá... Precisávamos ter você de volta... Concordamos que lhe contaríamos a verdade quando você estivesse recuperada e concluísse sua residência médica. Esse sempre foi seu grande sonho...

— Me ter de volta do quê? De onde?

— Do hospital psiquiátrico, onde foi internada depois que soube da morte do Bernardo, Isabel. — Carla respondeu.

— Hospital psiquiátrico? Eu nunca estive...

— Esteve, sim. Por três meses. Eu conversei com a Dr^a Brígida e ela me disse que esquecer da sua internação era um mecanismo de defesa do seu cérebro. Você não conseguiu passar por todos os estágios do luto. Apenas negava que o Bernardo estava morto. E quando o corpo dele chegou ao Brasil para o sepultamento, só então você finalmente constatou que era verdade. Sua mente entrou em colapso, Isa. Foi demais para você. Seria demais para qualquer pessoa.

— É horrível dizer isso, mas ele partiu, Isabel. Mas você não.

— Você não queria se alimentar, não saía do quarto, nem falava em voltar a estudar e a medicina sempre foi sua grande paixão — prosseguiu Carla.
— Xandinho praticamente se mudou para sua casa e cuidava de você junto com seus irmãos. Sua mente estava confusa, Isabel, naquela época, e nós percebemos que você passou a acreditar que o Xandinho era o Bernardo. Quando ele aparecia, você comia e conversava com ele sobre o casamento e sobre os planos que tinham de construir uma família juntos. Xandinho tentava te explicar tudo, mas você só aceitava a verdade que queria acreditar: que o Bernardo estava vivo e ao seu lado.

— Eu não entendo por que estão fazendo isso, mas essa brincadeira de mau gosto já foi longe demais! — retrucou Isabel colocando as mãos na cabeça que começava a doer. Ela se sentia desnorteada, perdida naquelas informações cruéis que eles lhe davam, mas, no fundo de sua mente, alguns flashes de memória a alcançaram. A lembrança dela mesma com uma camisola e uma pulseira de identificação a assolou, mas Isabel a rejeitou para bem longe.

— Eu jamais poderia seguir com a residência médica atendendo pacientes se eu estivesse mentalmente desequilibrada e...

— Você sempre falou da Dr^a Brígida com tanto entusiasmo e admiração. Ela era muito mais do que uma professora, era como uma mentora para você. Eu fui procurá-la e vi que ela sempre te achou uma acadêmica brilhante. Essas foram as palavras dela quando eu fui pedir a ajuda dela para que você pudesse retomar a residência médica. Ela concordou em supervisionar seu trabalho, porque acreditava que retomar sua rotina e ocupar sua mente com o que você mais gostava te faria se sentir produtiva. A Dr^a Brígida, como todos nós, pensava que retomar a sua vida seria o primeiro passo para que aceitasse a perda do seu noivo também. Eu não suportava mais te ver daquele jeito. Com o olhar sem brilho e falando sobre coisas sem nexos. Você precisava voltar a viver. Eu precisava ter você de volta.

— Xandinho, por que vocês estão fazendo isso comigo? — Isabel precisou se sentar novamente e começou a chorar vendo seu mundo desabar com aquela conversa. — Eu não posso acreditar no que estão me dizendo porque seria o mesmo que acreditar que eu fui feita de idiota por quem eu mais confiava. Todos me traíram. Meus irmãos, meus melhores amigos, até a Dr^a Brígida...

Isabel só desejava que tudo aquilo parasse. Que fosse apenas um pesadelo e que ela acordasse de uma vez e aquele medo que crescia em seu peito fosse esquecido ao despertar. Xandinho deu um passo na direção dela, mas Isabel recuou:

— Não chegue perto de mim, Alexandre! Nenhum de vocês! Ouviram bem? — disse chorando copiosamente, mas tentando secar as próprias lágrimas que embaçavam sua visão. — Fiquem longe de mim de agora em diante. Pensei que fossem meus amigos. Se eu estava mentalmente instável, acharam mesmo que a melhor forma de tratamento era criar essa farsa toda? Como puderam me enganar dessa maneira?

— Isa, nós pensamos em tudo isso, mas você fugiu da realidade. Seus irmãos temeram que você não suportasse e acabasse tentando tirar sua própria vida, mas eu sabia que isso iria contra tudo que você sempre acreditou: sua fé, suas convicções morais, o amor à medicina... Eu sabia que estavam errados. Você nunca tentaria se suicidar. Não você. A minha Isabel jamais faria algo assim. Mas quando não conseguiu mais lidar com o que aconteceu, sua mente criou um mundo paralelo onde Bernardo estava vivo e você agia como se ele estivesse presente e até parecia conversar com ele. Seu coração estava despedaçado e você começou a ter essas alucinações. Eu tinha que fazer alguma coisa. Te ver passando por tanto sofrimento, tanta dor e não poder fazer nada para consertar aquilo era como te perder aos poucos. Como eu não conseguia ajudar a garota que decidiu estudar medicina só para cuidar de mim? Você escolheu essa carreira por minha causa, pela minha condição. Quis se tornar uma pneumologista porque eu sofro de Fibrose Cística.

— Nada do que me disser justifica o que você fez, Alexandre. Como foi capaz?

— Tudo isso foi ideia minha, Isabel. Carla e Mônica tiveram dúvidas no início. Eu as convenci. Eu só pensava em fazer algo para te ajudar a melhorar e...

— Se tivesse pensado em mim, teria me dado o que eu precisava: a verdade. Eu sempre preferi a verdade. Pensei que soubesse disso. Não passou pela sua cabeça que quando eu descobrisse algo tão insano assim, que toda essa farsa poderia me destruir? — acusou Isabel com impaciência e a mágoa já

esperada por ele. — É assim que eu me sinto agora, Alexandre... destruída. E sabe o que é pior nessa história toda? Eu amo vocês. Eu amo tanto vocês que não consigo deixar de amar. E isso não é justo! Eu só quero sentir ódio e desprezo pelo que fizeram comigo... Mas eu não consigo.

Carla e Mônica olharam para Xandinho e viram como o impacto daquelas palavras o afetaram de uma forma diferente. Não poderiam permitir que ele sofresse mais do que já sofreu. Elas sabiam que, quando o assunto era Isabel, para o amigo tudo ganhava um significado ainda maior.

Carla foi a primeira a defender seu melhor amigo.

— Isabel, sabemos que nada disso está sendo fácil para você, mas para nós também não foi. Para você, é como se recebesse a notícia da morte do Bernardo pela primeira vez, mas para nós, não! Xandinho ignorou as limitações da saúde dele e viveu para você. Ele parou de ir para a faculdade, sabia? Trancou o semestre. — Isabel olhou para Xandinho e pareceu pensar a respeito do que Carla dizia. — Nós estivemos do seu lado o tempo todo desde que soubemos do acidente. Choramos com você, sofremos com você, sentimos a sua dor. Não sabíamos mais como te ajudar. Queríamos acreditar que você conseguiria sair daquele desespero em que se encontrava, mas quando apresentava alguma melhora e parecia que estava se recuperando um pouco que fosse, algo acontecia. Houve uma vez, dois meses após a morte do Bernardo que você realmente tentou retomar sua vida e nós te levamos para o trabalho todos juntos. Combinamos de ir te buscar, mas no horário marcado, você não estava lá. Disseram que você chegou e não demorou muito, começou a dizer coisas confusas quando viu um paciente morrer naquele plantão. Você simplesmente foi embora e ficou vagando pelas ruas até a noite quando Xandinho te encontrou no cemitério ainda de jaleco branco e estetoscópio pendurado no pescoço. Foi ali que você começou a confundi-lo com o Bernardo. Não podíamos te deixar sozinha.

Aproximou-se de Isabel, segurando as mãos da amiga, e disse:

— Sabe quantas vezes o Xandinho foi te buscar no cemitério? Quantas vezes ele te encontrou deitada ao lado do túmulo do Bernardo? Nunca desistimos de você, então não pode desistir de nós! Somos família. Famílias cometem erros, tentando proteger uns aos outros.

— Eu fui contra tudo isso no início, Isabel. Quando o Xandinho chamou a mim e a Carla para conversar, eu não pensei que fosse uma ideia absurda como essa. Pensava em como me sentiria no seu lugar, mas Xandinho disse que todos precisavam concordar para que seguissemos adiante. Como eu discordei, Xandinho e Carla decidiram esquecer tudo. Mas aí você foi internada e no dia da minha primeira visita ao hospital psiquiátrico, eu não encontrei a

Isabel que eu conhecia ali. Era como estar diante de outra pessoa. Era como se estivesse diante de uma desconhecida, porque você não me reconheceu. Eu dizia para você: — *Isabel, sou eu a Moni. Sua amiga... Foi você que me ensinou a pular corda e sempre me mostrava os esconderijos em que ninguém me encontraria quando brincávamos de esconde-esconde e eu sempre ganhava a brincadeira. E eu me sentia boa em alguma coisa na vida por sua causa. Como todas aquelas vezes em que você me deixava dormir na sua casa e nunca perguntava porque eu estava triste ou porque eu tinha hematomas pelo corpo. Você sabia. Sempre soube e até chamou a polícia e eles levaram meu pai quando ele bebeu e quebrou meu braço porque eu não tinha passado toda a roupa. A maioria das vezes, eu me escondia. Fiquei boa nisso. Ninguém me achava quando eu me escondia, mas quando não dava tempo e ele me encontrava, você cuidava de mim. Só cuidava de mim e cantava para eu dormir. Eu teria ido morar com você quando me convidou, mas havia a promessa que fiz à minha mãe de cuidar do meu pai e da minha irmã... Você me salvou mais uma vez. Nunca vi meu pai demonstrar ter medo de alguém, mas você foi até a minha casa naquele dia e eu esperei do lado de fora como pediu. Não sei o que disse para ele, mas depois disso ele não me bateu mais.* — Lágrimas desceram pelo rosto de Mônica e sua voz ficou embargada.

— Então... quando eu te vi naquele hospital... não sendo a sombra da garota incrível e determinada que sempre foi... Isabel, você poderia não voltar para nós. Tomamos essa decisão juntos. Foi uma escolha consciente. Sabíamos que não era a coisa certa a ser fazer, mas nós tentamos de tudo, Isabel. Fizemos você acreditar que Bernardo estava vivo e sei que isso foi terrível... Mas, para mim, depois de perder a minha mãe nada seria pior na minha vida do que perder um de vocês três... — O choro não permitiu que continuasse. Mônica soluçava porque temia que Isabel não entendesse que eles fizeram o que fizeram porque se viram sem saída. Respirou fundo depois de Carla segurar a mão dela lhe dando força e prosseguiu. — A vida de nenhum de nós foi sossegada ou despreocupada, mas o fato de termos uns aos outros tornou tudo menos difícil e doloroso. Depois de todo aquele tempo internada no hospital, sem apresentar nenhuma melhora, um médico nos disse que seu estado poderia ser irreversível. Xandinho disse que ele estava errado e que você conseguiria. Era o Xandinho que dava forças para mim e para Carla. Ele dizia: agora é hora de chorar, mas na frente da Isa, não. Ela precisa que sejamos fortes para que ela possa se sentir forte também. Sempre fomos nós quatro, Isabel, e aquela foi a primeira vez que pensamos em como seria nossas vidas se algo acontecesse a qualquer um de nós... Quando um estava feliz, todos ficavam felizes também. Quando um de nós perdeu alguém importante em nossas vidas, aquela dor foi compartilhada por

todos desde crianças. Não suportaríamos perder você... Por favor, nos perdoe.

Isabel chorava. Lembrava de alguns sonhos em que era carregada entre túmulos de um cemitério. Pensava que eram apenas pesadelos recorrentes.

— Eu não consegui mais ver você sofrendo daquele jeito, Isa. Eu não podia permitir que passasse mais tempo naquele sanatório. Ali não era seu lugar. Tentamos de tudo.

— Acabou adiando e multiplicando a dor, porque ela veio acompanhada de decepção, Alexandre...

— Não seja cruel com o Xandinho, Mônica. Imagina, se já era doloroso te ver sofrendo assim, para o Xandinho era ainda mais difícil... Você olhava para ele e via o Bernardo. Abraçava o Xandinho e o chamava pelo nome do seu noivo. Droga! Não percebe que ele sempre te amou? Ele sempre respeitou suas escolhas. Ainda mais porque o Bernardo era um homem bom, mas Xandinho sempre foi apaixonado por você! Ele sofreu muito quando você namorou e depois noivou com o Bernardo. Mas ele sofreu mais ainda vendo você sofrer pela morte do homem que amava.

Isabel voltou-se para Alexandre com incredulidade no olhar. Xandinho parecia ainda absorver as palavras que Mônica disse em alto e bom som, expondo um sentimento que ele pensou que apenas ele sabia que existia.

— Me perdoe, Xandinho... — Mônica pensou ter falado demais. — Eu não tinha o direito de...

— Está tudo bem, Mônica. É a verdade. Não vou mais esconder o que eu sinto... Essa conversa, afinal, é para sermos francos e você não disse nada que não fosse verdade — disse ele dando um beijo na testa da amiga. — Está tudo bem... não se preocupe. Eu mesmo deveria ter dito isso há muito tempo, mas fui covarde...

Ele disse isso olhando nos olhos de Isabel que estava ainda mais confusa com mais essa revelação.

— Não quero que pense nisso agora, Isa. Acho que, para você, eu sempre fui o seu quinto irmão. — Riu de si mesmo, mas foi um riso triste. — Não tenho lembrança de não te amar. Acho que eu te amo a minha vida toda. Sabe, com o tempo, eu percebi que posso viver sem ter você como minha namorada desde que você esteja feliz, mas definitivamente eu não posso viver longe de você. Por isso, eu peço, por favor, encontre uma forma de nos perdoar... de me perdoar... — disse transparecendo todo amor que havia em seu coração.

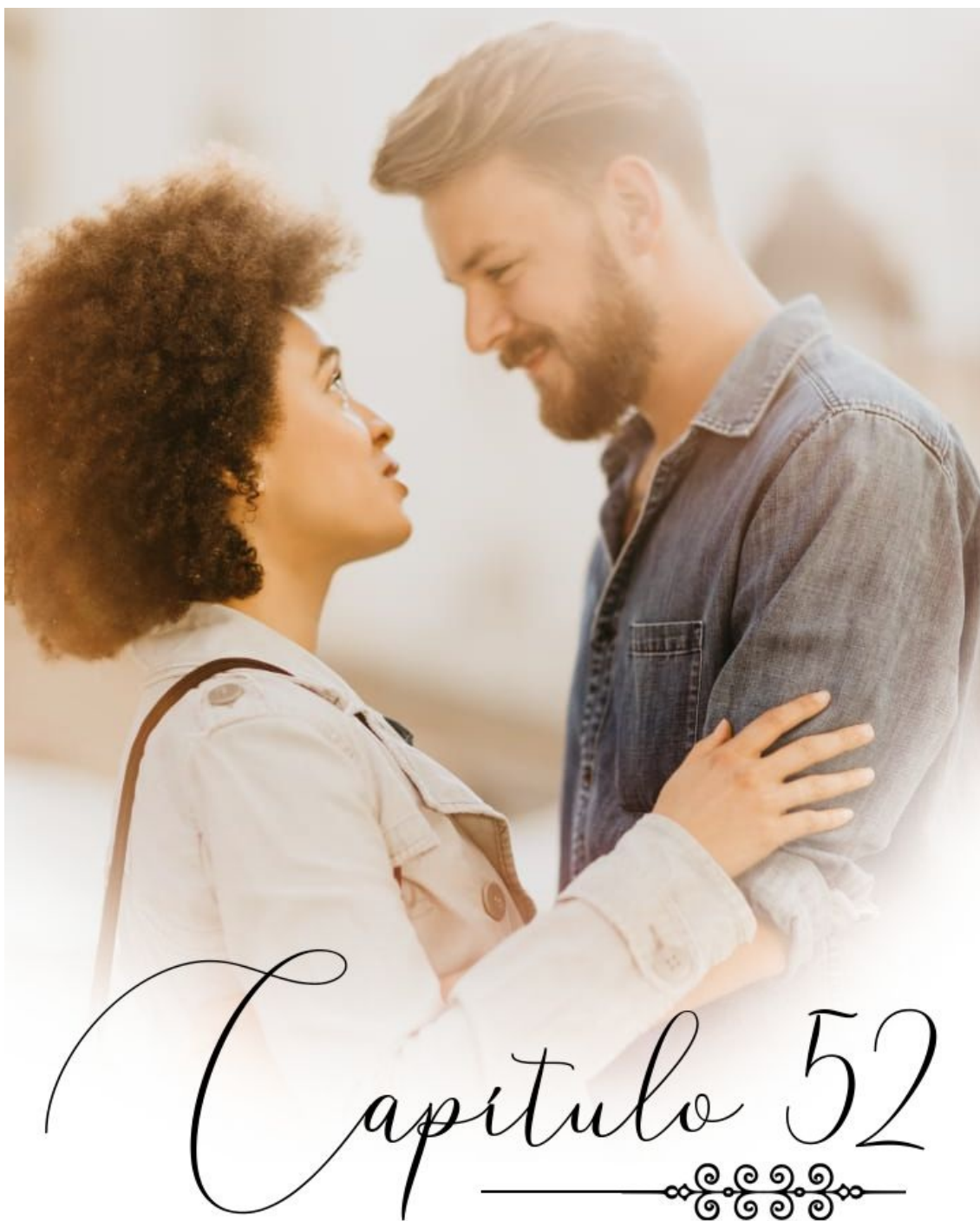
Isabel olhou para os rostos dos três amigos. Todos estavam com os olhos vermelhos e com a expressão apreensiva olhando para ela, esperando sua reação e o que ela teria a lhes dizer.

Ela sentia que seu próprio rosto também estava molhado pelas

lágrimas que vieram em abundância depois de tudo que ouviu ali. Em silêncio, seguiu em direção à saída, mas parou por um instante antes de sair do quarto e com a mão mantendo a porta aberta disse:

— Eu preciso pensar... tentar entender tudo isso... Eu entendi que tentavam cuidar de mim quando fizeram tudo, mas preciso ficar sozinha agora. Por favor, não venham atrás de mim — disse. — Eu quero perdoar vocês. Somos família. Sempre seremos, mas nunca mais interfiram na minha vida novamente. Nunca mais mintam para mim.

E dizendo isso, ela saiu. Suas memórias bloqueadas começavam a retornar aos poucos. O número de uma lápide não saía de sua cabeça. Isabel sentiu que precisava se despedir apropriadamente de Bernardo. Era como se, para ela, o noivo tivesse acabado de falecer.



ACERTO DE CONTAS — PARTE I

— Me perdoe, D. Raquel. Sei que já é quase meia-noite e eu não queria incomodá-la a essa hora na sua casa sem avisar, mas, acredite, eu não viria aqui se o assunto não fosse urgente.

— Carla, entre, meu bem. Me diga o que aconteceu. Você está muito

nervosa — disse a mãe de Olívia que estava realmente preocupada com Carla, por quem sempre nutriu muito carinho, tal como por sua falecida mãe.

— D. Raquel, eu preciso falar com Olívia. Pode chamá-la, por favor?

— Carla, a Oli me ligou mais cedo dizendo que passaria alguns dias na casa de uma amiga em Angra, como ela ainda não voltou a trabalhar na *Maison* da Margot... Mas você está me deixando aflita. Me diga de uma vez. Eu posso ajudar em alguma coisa? Você não viria aqui a essa hora da noite caso não fosse algo muito sério. Sente-se que eu vou buscar um copo d'água para você e...

— Não precisa se incomodar, D. Raquel. O assunto que me trouxe aqui só diz respeito a mim e a Olívia. — Sua voz soou mais rude do que esperava por se sentir frustrada por não encontrar Olívia. Imaginava que a essa altura devia estar se escondendo dela por supor que ela já soubesse da droga. O que Olívia não sabia era que Kionã ouviu sua conversa ao telefone e agora sua família já sabia que ela era a mãe de seu sobrinho. Carla fez todo o trajeto de sua casa até o Méier lembrando a conversa que teve com Kionã, como também todas as conversas que teve com a própria Olívia sobre como o sobrinho sofria por desconhecer quem era sua mãe.

Ela é um monstro, mas mais cedo ou mais tarde, ela vai ter que aparecer...

— Carla, vai me contar ou não o que está acontecendo?

— A senhora sabia do Kionã, D. Raquel?

— Se eu sabia do Kionã? Sobre o que está falando, querida? Seja clara. Ah! De sua decisão de tirá-lo da escola?

— Não me refiro a tirá-lo do Santa Tereza, o que eu quero saber é se a senhora também sabia que sua filha Olívia é a mãe biológica do meu sobrinho Kionã?

O impacto daquela informação fez a senhora de meia-idade precisar se apoiar no aparador atrás dela.

— Do que está falando, Carla? Que absurdo é esse?

— Vejo que a senhora também foi enganada. Eu supus que a senhora não soubesse... A sua filha é um ser humano horrível. Uma sociopata. Ela usava o Kionã para conseguir drogas lá na minha comunidade e isso é apenas o que eu soube até agora.

A mulher precisou se sentar ao ouvir tantas acusações.

— Carla, você está transtornada, minha filha... Olívia ser mãe de Kionã... isso seria impossível... Eu saberia se minha filha estivesse grávida. Isso é algo que ela jamais conseguiria esconder e eu...

— Kionã ouviu a própria Olívia contando isso para alguém hoje.

Eles se falavam por telefone e Olívia não desligou a chamada. Foi assim que o meu sobrinho de nove anos descobriu quem era a mãe dele...

— Minha filha, se acalme. Deve haver uma explicação lógica para tudo isso. Kionã pode ter confundido o que ouviu e...

— Ela disse que aquele ano que passou na França com o pai, não foi para intercâmbio. Ela descobriu e quis esconder a gravidez e seu ex-marido foi cúmplice de toda essa sujeira... Eu vou embora, D. Raquel. Eu não tenho mais o que fazer aqui.

— Carla, tudo isso que está dizendo é simplesmente...

— Inacreditável? Eu pensei a mesma coisa quando eu descobri. Sua filha, D. Raquel, é uma pessoa doente. O que ela fez a uma criança inocente — o próprio filho — foi monstruoso... — Carla respirou fundo para se acalmar, pois não podia descontar sua raiva em quem não tinha culpa.

— Carla, eu vou telefonar para Olívia e você vai ver que isso não faz sentido algum...

— Tente falar com ela. Eu estou ligando há mais de uma hora e ela, pela primeira vez, não atende minhas ligações. Depois passou a cair direto na caixa postal.

— Eu vou ligar mesmo assim e, se não conseguir, tenho o número da amiga dela.

D. Raquel ligou, depois ligou de novo e de novo, mas sem sucesso.

— Talvez o telefone tenha descarregado e...

— Por favor, D. Raquel, não precisa se preocupar em arranjar desculpas. Eu não a culpo por nada, porque sei que a senhora não iria compactuar com algo assim.

— Carla, me prometa que não vai tomar nenhuma atitude extrema. Prometa que não fará nada que poderá se arrepender depois.

— Eu não posso prometer isso, D. Raquel. Quando eu estiver frente a frente com Olívia, eu farei o que preciso fazer e tenho certeza de que não me arrependerei de nada. — E dizendo isso, foi embora.

Olívia passou a evitar qualquer chance de estar no mesmo lugar que Carla desde esse dia.

O acerto de contas foi adiado, afinal.

Três meses se passaram desde o desabamento da nova sede da Albertine Construções. A polícia confirmou o álibi de Rocco, que saiu antes do desabamento do prédio de quarenta andares no dia da festa de inauguração no

carro que Aquiles presenteou Olívia. Deixou seu carro importado no estacionamento porque tinha a intenção de voltar à festa depois de algumas horas no motel com Olívia e sua amiga.

Uma ceia de Natal especial foi preparada para homenagear todos os funcionários em um clube sofisticado na Marina da Glória. Os grupamentos do Corpo de Bombeiros envolvidos no resgate também foram convidados. A Albertine Construções fez uma generosa doação ao fundo de pensão desses profissionais que dedicam suas vidas a salvar outras pessoas.

Em tempo recorde, as atividades foram retomadas no antigo prédio. Os prazos e projetos da construtora não foram negligenciados porque os trabalhadores se envolveram diretamente no processo. Desde a montagem do novo mobiliário e equipamentos até a manutenção do ritmo de trabalho nos canteiros de obras da companhia.

O evento era uma celebração à vida e foi sugestão de Máximo que fez um empolgante discurso homenageando todos os funcionários que garantiram que a imagem da construtora não fosse comprometida por conta da tragédia que sofreram. O vice-presidente da construtora deu carta branca à Valdelice para organizar a festa à beira-mar para que os convidados não sofressem com o verão carioca. Ela não economizou. Todos receberam as indenizações devidas do seguro que a companhia pagava para todos os seus funcionários, o que Máximo disse ser uma compensação mínima por tudo que passaram.

As famílias dos funcionários foram convidadas a participar da confraternização e se via muitas crianças correndo e se divertindo. Seu Vicente conversava com Aquiles, Maria do Socorro, Erick e Vítor sobre futebol. Todos eram vascaínos e estavam satisfeitos por seu time ter vencido o Campeonato Carioca daquele ano. Kionã e Hélio acabaram se tornando amigos e agora conversavam sobre algo e riam a respeito, mas o sorriso do sobrinho de Carla tinha um quê de tristeza.

Ainda não havia se recuperado do que descobriu. Carla sentia que ele estava triste, mas percebia também que o sobrinho não era mais agressivo com ninguém em casa. Ele fazia questão de passar o máximo de tempo que podia com Carla e isso a deixava muito feliz, pois ele voltava a ser o que era antes. Já estava se familiarizando com a rotina da escola do bairro e sem que ela pedisse, Kionã tomou a iniciativa de dar banho, escovar e alimentar Nikki Lauda, que estava de volta ao ferro-velho, totalmente recuperado e devidamente aposentado, como o próprio Seu Vicente.

Carla voltou ao trabalho, mas foi informada que ocuparia uma nova função agora e ela estava muito satisfeita trabalhando no segmento de motores

da empresa. Máximo parou de importuná-la e estabeleceram uma relação profissional amistosa, apesar dele ainda ser inconveniente, às vezes. Mas ela sabia colocá-lo em seu devido lugar, ainda mais quando percebeu que ele fazia isso mais com o intuito de provocar Dante. Além de ser escritor, seu irmão Miguel fazia parte agora do Departamento Jurídico da construtora. Era esse o emprego que ele disse ter conseguido quando o reencontrou no hospital. Tudo estava maravilhoso. O sonho de Carla de voltar a estudar também não foi esquecido. Ela decidiu fazer um curso preparatório aos sábados para tentar estudar na mesma universidade pública de antes.

No trabalho, muitas pessoas a tratavam de forma diferente agora. Algumas pessoas até cochichavam quando a viam no elevador, por exemplo. Ela tentava lidar com isso, sem permitir que ser alvo de comentários a afetasse. Dante tinha dito que algo assim aconteceria e ela gostou dele se preocupar em alertá-la.

— *Vida, com o tempo, nossa relação deixará de ser a novidade. Mas há limites para a curiosidade dos funcionários e da mídia, também. Espero que todos respeitem esses limites, caso não seja assim, me avise, por favor.*

Ela fez questão de continuar almoçando com os colegas da limpeza para mostrar que era a mesma pessoa que trabalhava com eles. Ficou feliz por Valdelice não mudar com ela, após saber de seu relacionamento com Dante. Carla a achava uma mulher admirável. As três irmãs de Tito chegaram belíssimas como sempre, mas ela não avistou o juiz e, como era de se esperar, o agente Gatto e o Sr. Noronha deviam estar garantindo a segurança dele. Maria Cecília, a irmã mais nova de Tito lhe confidenciou que ele disse que pretendia ir, mas, provavelmente, chegaria um pouco mais tarde. Ceci disse que Tito decidiu se afastar um pouco depois que descobriu que Carla e Dante estavam oficialmente juntos. Ele se ofereceu para fazer inúmeras diligências para julgar casos fora do Rio de Janeiro nos últimos meses. Ela disse que era o jeito dele de lidar com seus problemas.

Gustavo Grael também estava ali e conversava com Julieta que o acompanhava. Ele não tentou se aproximar de Aquiles, mas foi o rapaz que tomou a iniciativa e foi pessoalmente convidá-lo para participar da festa. Foi uma visita breve que não levou mais de cinco minutos, mas que deixou Gustavo feliz por perceber que o filho queria que ele participasse de sua vida. Aquela foi a forma dele dizer isso. Agora, Gustavo conversava com Dante e Inácio que tentava se adaptar ainda a ser um Albertine e a tudo que aquilo significava. Dante descobriu que seu irmão Benício nunca soube da existência do filho, porque a mãe ocultou isso dele lhe negando essa alegria. Quando confrontou Margarida Albertine, Dante contou sobre Inácio e de que agora o filho de

Benício sabia quem era.

— *Fiquei muito satisfeita em saber que o filho do Marquês não é escuro como a mãe. Eu gostaria muito de conhecer esse jovem bombeiro.*

— *É só por isso que quer conhecê-lo? Pela pele dele ser clara? Que bom que ele disse que não tem nenhum interesse em conhecer alguém que só prejudicou a mãe que ele tanto amava.*

As últimas palavras de Dante para Margarida foi deixando claro que ela não era bem-vinda em sua casa, nem perto de seus filhos ou em nada que dissesse respeito a vida deles. Depois disso, Margarida Albertine disse a Dante que voltaria, em alguns meses, a morar em Nápoles.

— *Faça o que quiser, Margarida. Aqui ninguém sentirá sua falta. Você fez com que fosse assim. Só semeou mágoa e dor na vida das pessoas.*

Passaram-se três meses desde essa conversa e Dante nem se importou em saber se ela já tinha se mudado. Carla trouxe amor para sua vida e sempre que podiam estavam juntos. Tudo na sua vida mudou naquele ano e Dante nunca se sentiu tão feliz antes. Aquiles levou algum tempo, mas compreendeu que estar entre as pessoas que amamos era o que importava.

Carla tentava se divertir conversando com Ceci e Mônica ao som da voz melodiosa de Xandinho que foi convidado por Dante para alegrar o evento. Domenico não escondia seu entusiasmo ao ver Mônica sorrindo e dançando com Hélio naquele momento. Desde que a conheceu, tentava persuadi-la a aceitar sair com ele, mas ela recusava. Decidiu recorrer a Carla e pedir ajuda. Ela o fez perceber que não deveria mudar sua estratégia e ter paciência e era o que ele faria. Já sabia como agir após a conversa com Carla e seguiria seus conselhos. Isabel recusou o convite e decidiu não ir, o que os entristeceu, mas respeitaram que ela precisava de espaço. Apesar disso, Carla adorou ver tantos rostos queridos juntos ali naquela noite.

Carla sorriu ao perceber que quase a totalidade das mulheres naquela festa não tiravam os olhos daquela mesa onde estavam sentados Dante, Gustavo, Máximo, Miguel e Inácio. Sem falar em Domenico, que também estava próximo deles.

Realmente é uma mesa de nos fazer perder o fôlego — Carla pensou admirando tanta beleza junta, mas seus olhos pousavam em Dante que, parecendo sentir seu olhar sobre ele, sorriu para ela e vindo em sua direção acariciou seu rosto e beijou sua mão, embora desejasse beijá-la mais ardentemente, mas ele aceitou o pedido de Carla sobre evitarem esse tipo de demonstração de carinho em público. Dante compreendeu e concordou, embora a contragosto, pois seria uma forma de preservá-la das más-línguas.

Carla percebeu que até Maria Luíza, a irmã menos sociável de Tito,

tentava disfarçar, mas discretamente sempre voltava o olhar para o tenente Inácio. Ao contrário de Ceci que nem se importava em disfarçar seu interesse por Xandinho. A irmã caçula de Tito não parava de admirá-lo. Quando Margot Albertine chegou acompanhada por Demétrius, seus olhares se cruzaram com o de Gustavo e eles foram até a mesa onde ele estava. Inácio se levantou e recebeu um abraço e um beijo da tia, que ele percebeu que era muito carinhosa. Eles cumprimentaram Dante e Miguel e, por fim, Gustavo de pé apertou a mão de Demétrius e sorriu para Margot. Ver os dois juntos parecia fazer tanto sentido para ele e como Margot parecia feliz, isso fez com que Gustavo se sentisse bem.

Ceci, que não tirava os olhos da mesa mais bonita da festa, até perguntou se ali tinha uma relação mal resolvida. Como boa psiquiatra, sabia observar e ler as mensagens que as pessoas emitiam, principalmente, as silenciosas.

De repente, Carla viu que o semblante do sobrinho mudou. Ele tentou disfarçar, mas ela seguiu a direção do seu olhar e lá estava Olívia, a pessoa que desejava encontrar nos últimos meses. Acompanhada por Rocco, ela notou a presença do menino, mas decidiu ignorá-lo. Olívia e Rocco pareciam muito íntimos e não se preocupavam em esconder isso.

Para Aquiles, ainda foi um golpe duro ver os dois juntos. O jovem decidiu ir para o cais da Marina respirar fundo. Não conseguiu evitar ouvir uma conversa de Carla com seu pai, ele descobriu que estava sendo uma marionete nas mãos dela. Conversou com Kionã e o menino revelou tudo que ela disse sobre o que pensava do herdeiro da Albertine Construções.

Descobriu por acaso toda a farsa de Olívia. Foi até a casa dela, no endereço que Carla deu e a mãe de Olívia disse que gozava de perfeita saúde. D. Raquel acabou revelando que elas nunca passaram por todos aqueles problemas que Olívia lhe disse. Até mesmo o emprego na *Maison Margot* era destinado a Carla, mas a filha mentiu dizendo que Carla se sentiria mais à vontade trabalhando como faxineira, pois já estava acostumada. Ele nem quis mais vê-la. Aquiles bloqueou o número dela e quando ela telefonou para sua casa, os empregados disseram que ele pediu que não tentasse mais entrar em contato com ele.

— Eu estou aqui se precisar, Aquiles. — A voz de Maria do Socorro fez com que ele se virasse. Ao vê-la, ele sorriu e estendeu a mão.

— Você sempre esteve, Maria — disse ele sorrindo e, passando o braço pelo pescoço da garota, deu um leve beijo em seus lábios.

— Por que fez isso?

— Porque você é a pessoa mais extraordinária e gentil que eu conheço e dois amigos nossos me disseram hoje que eu sou o cara mais tapado

que eles conhecem. Não enxergava que a garota mais especial do mundo estava bem do meu lado. Não quero mais ser tão tapado assim... — disse ele tocando o queixo dela com carinho.

Ela sorriu. Sabia que ele ainda tinha sentimentos por Olívia, mas agora havia a possibilidade dos dois deixarem de ser apenas amigos e se tornarem algo mais e nem precisou simular em seu programa de estatísticas para saber disso. Bastava ouvir o que seu coração lhe dizia naquele momento e lhe dizia que aquele beijo era o começo de algo bom. Algo verdadeiramente bom para os dois.

Lá dentro, Carla trocou olhares com Mônica e Xandinho que sorriram já sabendo o que aconteceria em seguida. Ela esperou a oportunidade ideal e viu quando seu alvo se separou de Rocco, dirigindo-se a um dos banheiros. Xandinho viu quando Carla seguiu na direção de Olívia e começou a tocar uma música mais agitada. Precisava fazer barulho para que o acerto de contas de Carla com Olívia não fosse ouvido.

— Quanto tempo, né, Olívia? Acho que temos muito o que conversar, não é mesmo? — Carla se materializou atrás dela e a moça morena empalideceu de repente, entrando em pânico quando viu Carla fechar a porta. Do lado de fora, Mônica se encarregava em orientar as mulheres a irem para um dos outros dois banheiros femininos, pois aquele de repente ficou muito sujo, mas alguém já havia começado a fazer a faxina.

— C-Carla, eu estou ocupada agora. Podemos nos falar depois? — disse tentando disfarçar seu nervosismo, mas sabendo que não seria mais possível atrasar esse confronto.

Carla a puxou apertando pelo cotovelo e conduziu Olívia sem gentileza até o banheiro mais próximo e a empurrou para dentro, fechando a porta em seguida.

— Está me machucando, Carla. Solta o meu braço!

— Olívia, como pôde?

— Eu não sei do que está falando... — disse tentando furar o bloqueio de Carla e sair do banheiro, que no momento estava vazio. Foi quando o primeiro tapa a atingiu a fazendo se desequilibrar nos saltos agulha que usava e cair sentada no chão.

— VOCÊ ENLOUQUECEU? SUA MALUCA, POR QUE ESTÁ ME AGREDINDO?

— Para de cinismo, Olívia. Eu quero saber por que você fingiu ser minha amiga todos esses anos? Por que fez o Kionã sofrer sabendo como ele queria conhecer a mãe? Como foi capaz de arquitetar tudo isso?

A morena se levantou e olhou para Carla com altivez sem se dar ao

trabalho de responder.

— Não vai dizer nada?

— O que tem para ser dito? Quer que eu negue? Quer ouvir que eu agi sem pensar e depois não sabia como reverter a situação? Quer que eu diga que me arrependo muito de ter feito o que fiz e que me aproximei de você porque queria ficar por perto do meu “filhinho”? — A risada irônica que ela deu chocou ainda mais Carla. — Pois saiba que eu fiz tudo de caso pensado. Me aproximei de você porque era conveniente, só isso. Nunca ouviu o ditado “mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda”? Foi o que eu fiz. Não me arrependo. Não me arrependo de nada do que eu fiz. Estava fazendo o que era melhor para a pessoa mais importante da minha vida.

— O quê? Agora o Kionã é a pessoa mais importante da sua vida? E fazê-lo de aviãozinho de drogas para você e seus amigos terem a sua maconha é sua forma de demonstrar seu amor?

— Ah! Carla... É sério? Deixa de ser burra! A pessoa mais importante da minha vida sou eu mesma. Era o *meu* futuro que estava em jogo. Nunca pensei que seria descuidada ao ponto de entrar para a estatística de gravidez na adolescência. Eu quis abortar, mas Miguel me implorou para não fazer isso.

— Você é um monstro. Como pode falar assim depois de ter acompanhado o crescimento do Kionã? Ele sempre te venerou.

— E só por isso dispensei um pouco do meu tempo com aquele pirralho. Ele tinha suas utilidades. Ver como ele era fácil de manipular e ter o prazer dele se revoltar contra você compensava ter que manter contato com sua família miserável e ir até aquele chiqueiro onde vocês moram...

Carla quis ouvir cada palavra. Foi enganada por anos por aquela mulher e queria entender o motivo.

— Por que você me odeia tanto, Olívia? Eu não entendo... — Carla precisava daquela resposta.

— Carla, não se faz de sonsa... Você sabe muito bem tudo o que eu perdi por sua culpa ou de sua família. Meu pai nos abandonou com aquela pensão de merda e eu perdi o meu estilo de vida e tudo desmoronou depois disso. E antes que pergunte o que tem a ver com isso, tudo começou com a Miriam entrando em nossas vidas.

— NÃO OUSE FALAR DA MINHA MÃE, SUA LOUCA! — Carla tentava se controlar, mas não permitiria que ninguém ofendesse sua mãe.

— Eu falo do que eu presenciei. Minha mãe sempre foi uma idiota e não percebeu que foi depois que contratou sua mãe que a nossa ruína começou. A Miriam seduziu meu pai. A santa da sua mãe fez com que meu pai fosse

embora. Eu o vi propor casamento para ela no dia da festa da piscina no meu condomínio. Lembra bem daquele dia, não lembra, Carla? Como esqueceria, não é mesmo? Mais uma vez você tentou roubar a cena e eu fiz com que você pagasse!

— Do que está falando?

— Quem você acha que provocou aquele encontro entre você e o Rocco na casa de bombas? Eu era a fim do primo dele há muito tempo, mas quando finalmente o Zig foi falar comigo naquele dia na piscina, foi para me pedir para te entregar um bilhete marcando um encontro com você. Claro que eu não faria isso. Entreguei o bilhete para o Rocco. Já sabia que ele era o tipo de cara que não reage bem a um “não”. E, felizmente, naquele dia, sua família deixou de fazer parte das nossas vidas. Pelo menos, era o que eu pensava. Vi meu pai tentando persuadir Miriam a ir com ele para a Europa. Como ela o enfeitou daquela maneira, eu não sei. Mas sei bem que ela deve ter incentivado as investidas dele. Só de pensar que um homem culto e de berço como meu pai ia largar a minha mãe e a mim para viver com a empregada e a filha perfeita dela... No fim das contas, a semente foi plantada e meu pai foi embora e nem pensou duas vezes. E eu tive que largar tudo na minha vida na Barra da Tijuca e ir morar em um sobrado no subúrbio. E é por isso, que eu odeio tudo que tem a ver com você.

Carla olhava para a mulher à sua frente após ouvir seu desabafo insano e constatou que nunca conheceu Olívia realmente. O peso de todo ódio e frieza presentes nas palavras dela ecoavam em sua mente. Era uma pessoa digna de pena, mas não era compaixão que Carla sentia naquele momento. Ela sentiu suas mãos tremerem de tanto que se continha para não surrar Olívia dentro da empresa onde trabalhava.

— Olívia, você é uma pessoa mentalmente perturbada — disse Carla a olhando diretamente nos olhos. — Minha mãe jamais trairia meu pai. Eles se respeitavam. Mais ainda, eles se amavam. Mas como esperar que você compreenda o que é amor? Você que não ama ninguém! Eu não entendo como sua mente doentia funciona, mas se seu pai foi embora, a minha mãe nunca o encorajou a fazer isso. Primeiro porque ela era muito amiga da sua mãe e, de algum modo que eu não consigo entender, ela sempre teve muito carinho por você. Ela sempre viu gentileza e bondade em todo mundo. Mas eu sei que até ela sentiria desprezo ao ver o que se tornou.

— Eu pouco me importo com o que aquela preta estúpida poderia pensar! Sabe por quê? Porque ela está onde merece: com sete palmos de terra em cima.

Olívia nem saberia dizer como foi parar no chão, mas quando deu

por si, Carla estava montada sobre ela a esbofeteando. Carla tinha pensado muito em como seria esse momento. Queria que Olívia jamais esquecesse aquela surra e que nunca mais se aproximasse dela ou de sua família depois disso. Foi Isabel que lhe mandou um vídeo de uma surra que assistiu em uma novela anos atrás, quando a protagonista descobre que a pessoa em quem confiava a odiava e fez de tudo para ganhar sua confiança para poder atacá-la sem levantar suspeitas.

É assim que você deve quebrar a cara da Olívia. — Era a mensagem que acompanhava o vídeo do YouTube que a amiga lhe enviou. Carla riu quando recebeu, mas assistiu aquela surra várias e várias vezes. Sua amiga estava certa e, com os joelhos, prendeu os braços de Olívia a imobilizando e deixando sem defesa.

— Esse presente é para você dobrar a sua língua antes de ousar falar da minha mãe. — O tapa ecoou no banheiro vazio. — Ela era uma mulher digna e você nunca mais ousará macular o nome dela. Esses outros presentes são por mim mesma. Por fazer com que aquele monstro tentasse abusar de mim; por pairar com um abutre sobre a minha vida, me prejudicando sempre que podia. — A sequência de tapas deixou o rosto de Olívia vermelho e inchado e isso deu a Carla uma imensa satisfação e um sentimento de justiça sendo feita.

— Por favor, pare! Você vai me matar, Carla... Por favor...

— CALA A BOCA, OLÍVIA! Cala essa sua boca suja que só sabe dizer mentiras e atacar todos que considera uma pedra no seu caminho! — Carla se sentia tão maravilhosamente bem naquele momento. Nunca imaginou sentir prazer em espancar alguém, mas era assim que se sentia com Olívia tremendo de medo e se humilhando como fazia agora, implorando que parasse.

Olívia se encolheu ainda mais tentando aproveitar a pausa na surra e, pedindo com lágrimas nos olhos, disse:

— Carla, por favor... me deixe ir, por favor... Você já deu o seu recado. Eu vou embora. Só me deixe ir...

— Não. Ainda estamos bem longe de terminar essa nossa “conversa”, Oli. — Carla disse o apelido sarcasticamente. Naquele momento, só conseguia pensar em como era libertador e em como era bom ver a altivez de Olívia se apagar de seu rosto. Carla parou por um instante e arrumou o cabelo, queria que Olívia percebesse o quanto estava se divertindo ali e, com uma das mãos, ela prendeu seu queixo e fez Olívia olhar para ela. — Agora, Olívia, esses presentes são por todas as noites que eu vi meu sobrinho chorar até adormecer por sentir falta da mãe que pensou não conhecer ou por todas as vezes em que eu não pude afastar a tristeza do rosto dele quando Kionã via uma mãe acalentando seu filho, já que ele nunca teve isso na vida.

Quinze minutos depois, sem um dos sapatos de salto alto, com o

rosto inchado, os dois olhos roxos, o lábio aberto e o nariz sangrando, Olívia buscou as escadas para evitar os elevadores como uma forma de sair sem ser vista por muita gente.

Precisava reduzir os danos. Principalmente Rocco não poderia vê-la assim de jeito nenhum. Ela sabia o quanto a aparência física era importante para ele.

Xandinho avistou Carla saindo do banheiro de braços dados com Mônica e as duas riam satisfeitas com o resultado de dar tantos “presentes” a Olívia.

A festa transcorreu animada e antes do jantar ser servido, por volta das 20h, Valdelice subiu ao palco e trocou algumas palavras com Xandinho que sorriu para ela e pediu a atenção de todos quando disse:

— Faremos uma pausa na música porque o presidente da construtora, o Sr. Dante Albertine, gostaria de dizer algumas palavras a todos os presentes.

Já sem as muletas, Dante se pôs de pé no imenso refeitório e aceitou o microfone das mãos de Máximo.

— Eu, antes de tudo, gostaria de dizer que é mérito de cada um de vocês que essa grande engrenagem que é nossa construtora tenha voltado a funcionar com excelência em tão pouco tempo. Eu não esperava que fizessem mais horas extras. Não após tudo que aconteceu. Foi dado a todos duas semanas para que pudessem descansar e só depois reassumirem suas funções, mas saber que recusaram e que no dia seguinte à tragédia, muitos já reorganizavam esta antiga sede para torná-la operacional novamente, só aumentou meu orgulho de trabalhar com profissionais tão engajados, independentemente de qual função ocupem, saibam todos que a Albertine Construções agradece por tudo que fizeram. Mas o que me deixa verdadeiramente grato foi receber a notícia que ninguém saiu gravemente ferido da tragédia que nos acometeu. Na verdade, creio que saímos mais fortalecidos disso tudo, pois todos voltamos para nossas famílias. E por isso, essa ceia de Natal é tão significativa para mim. Nós somos a Albertine Construções. Não é a estrutura. Não é o prédio. Não sou apenas eu. A força motriz dessa companhia somos todos nós. Eu gostaria apenas de agradecer por se empenharem por essa companhia que por anos foi o centro da minha vida.

Muitos aplausos foram ouvidos e, depois que cessaram, Dante prosseguiu dizendo:

— Sou grato a Deus ao empenho de três homens aqui presentes: Gustavo Grael, Demétrius Infante e meu sobrinho Inácio Valentim que juntos com os incansáveis grupamentos de bombeiros, salvaram a minha vida e de pessoas muito importantes para mim. Nunca poderei agradecer o suficiente a

todos vocês pelo que fizeram. Nunca.

As palmas agora foram destinadas àqueles heróis que se colocaram de pé para agradecer. Dante e todos aplaudiram de pé os três homens, como também todos os bombeiros que estavam presentes, como o Sgt. Brites.

Dante continuou:

— Ficar soterrado todos aqueles dias mudou muitas das minhas perspectivas e me fez tomar uma decisão importante a qual quero que sejam os primeiros a saber — anunciou Dante Albertine, colocando uma das mãos nos ombros de Máximo Kobayashi. — Eu estou aqui para informar a todos que me afastarei da presidência.

Vários comentários se fizeram ouvir. Todos estavam perplexos com a afirmação de Dante Albertine. Os olhares de Máximo, Margot, Valdelice, Carla, Aquiles e Hélio se encontraram com o de Dante e pareceram tão surpresos quanto o restante dos funcionários.

— Deixo claro que continuarei fazendo parte do conselho diretor e todas as decisões continuarão focando no que for melhor para a construtora, para o meio ambiente e para os nossos funcionários. Permaneço como acionista majoritário, mas passo o bastão da presidência para meu sócio Máximo Kobayashi em quem confio plenamente na capacidade de gestão. Pretendo voltar a trabalhar diretamente nos projetos. Quero poder atuar nas obras que foi o motivo de me formar engenheiro civil. Construir é o que amo fazer e falando em amor, eu, por muito tempo, não priorizei as pessoas que mais amo na vida — disse sorrindo para os filhos. — E é o que pretendo fazer de agora em diante. Uma pessoa muito especial entrou em minha vida e me fez ver que estar com quem amamos é um privilégio e que devemos desfrutar sempre que tivermos a chance. Eu serei pai dos meus filhos. Algo que eu me envergonho em dizer que não fui por muito tempo, mas Deus me deu essa nova oportunidade e vou agarrá-la com unhas e dentes. Essa pessoa especial que eu mencionei ficou soterrada comigo e me motivou a renovar minha esperança de que sairíamos vivos dali. Ela cantou para me animar e me mostrou o tipo de homem que quero ser. Carla Faustino nem fazia ideia, mas eu já estava apaixonado por ela antes do mundo se resumir a nós dois debaixo daqueles escombros.

Todos os olhares se voltaram para Carla que emocionada sorriu com os olhos marejados de lágrimas. Seu pai, seu irmão e Kionã sorriam para ela.

Dante fez um sinal para que sua família se juntasse a ele e então Aquiles, Hélio, Margot e Inácio subiram ao palco. Ele sorriu para Carla e estendeu a mão para ela, que não esperava estar mais ainda em evidência naquela noite.

Dante sentiu o abraço apertado dos filhos e viu que Carla ficou um

pouco constrangida por ser o foco das atenções, mas ele logo enlaçou sua cintura e a beijou de leve nos lábios, sorrindo por tê-los junto de si. Ali estavam as pessoas que amava mais que tudo na vida.

Depois que o jantar foi servido, Dante dançava com Carla pela primeira vez e desfrutava desse momento quando sussurrou no ouvido dela:

— Vida, acho que ainda não disse o quanto você está maravilhosa essa noite. Eu gostaria de roubar você para mim.

Ela sorriu cheia de antecipação e perguntou baixinho em seu ouvido, aproveitando para dar uma mordida discreta em seu pescoço:

— E o que está passando nessa sua cabecinha, Sr. Albertine?

— Se continuar fazendo isso, não vou conseguir esperar o fim da festa.

— Vou me comportar. Prometo.

— Não sei se quero que faça isso — disse ele não resistindo e a beijando apaixonadamente.

— Dante. — Ela riu do segundo beijo em público que ele lhe dava naquela noite.

— Eu pretendo te fazer uma surpresa. O que me diz, Carla?

— Me sequestre quando quiser, meu amor. — *Como sua resposta poderia ser diferente?* — Pensou lembrando da última surpresa que ele lhe fez e, sorrindo cúmplice, afundou a cabeça no peito dele que também já fantasiava como seria maravilhoso o desfecho daquela noite.

Ela sorriu e dançaram sentindo os batimentos dos corações um do outro.



ACERTO DE CONTAS — PARTE II

— Oi, Carla. Como vai? — disse uma mulher morena muito bonita que foi falar com ela de braços dados com Máximo Kobayashi. — Sou a Jojô Guimarães. Nos conhecemos naquela noite fatídica da festa de inauguração. O meu carro estava dando problemas e você me explicou como resolver... está

lembrada?

— Ah! Claro que lembro — respondeu Carla sorrindo. — Eu vou bem, obrigada. E conseguiu resolver o problema do carro?

— Depois que você me explicou para que serve um alternador, eu praticamente dei aula para aquele mecânico machista de uma figa. Eu nem tive a chance de te agradecer por isso. Dinheiro nenhum paga a satisfação que me deu ouvir aquele brutamonte arrogante se retratando comigo. Meu carro agora está melhor do que nunca. Graças a você. Muito obrigada, lindinha.

— Foi um prazer ter ajudado de alguma forma, Jojô — disse realmente feliz por ver sinceridade nas palavras da mulher à sua frente que olhava para Máximo Kobayashi quase com devoção e ele parecia retribuir o interesse da morena.

Trabalhar diretamente com ele, no início, foi um desafio para ela. Máximo tinha a capacidade de testar os limites da paciência de Carla, sempre a abraçando ou segurando sua mão como se fosse a coisa mais natural do mundo. Depois de uma dúzia de foras, ele parou de chamá-la de “Carlinha”, pelo menos na frente da equipe nova com que ela trabalhava. Surpreendentemente, ela até começou a gostar de trabalhar tendo ele como seu chefe imediato, pois quando Máximo estava focado nos motores, ele era extremamente profissional e sempre se mostrava disponível para ajudar os membros da equipe. Carla estava aprendendo bastante com ele. Precisou admitir.

— A Jojô tem uma proposta a te fazer, Carlinha — disse ele chamando-a assim de novo, pois sabia que ela odiava. — Ela me consultou sobre o assunto semana passada, e eu disse que você seria a pessoa certa para algo tão... prazerosamente interessante.

Carla olhou para o sorriso cínico que Máximo sustentava e se preparou para ouvir um convite para algum tipo de orgia organizada por ele e já pensava em uma grosseria para deixá-lo bem embaraçado, mas de tudo que Carla imaginou que ouviria daquela mulher, nada poderia ser mais surpreendente.

— Eu não sei se você sabe, mas eu tenho um programa de entrevistas na TV a cabo e conversei com minha produtora sobre você e ela adorou a ideia! A Christine reuniu a equipe e discutimos o assunto depois que eu contei como você me explicou como funcionava um alternador, o que aquele mecânico estúpido se negou a fazer. Nossa! Todas querem te conhecer! Você virou quase uma heroína para a mulherada do canal. Elas vibraram! Daí para o chefe da emissora também achar a ideia promissora não levou nem 24h. Ele sabe que a Christine tem um faro excepcional para atrair a audiência.

— Jojô, que ideia? Sobre mim? — Carla recebeu aquela enxurrada

de informações de uma vez, mas não estava entendendo bem o que aquela mulher à sua frente estava dizendo.

— Sim, Carla. Lindinha, eu propus que tivéssemos um quadro semanal no meu programa com você explicando ao público feminino como se virar em situações como a que eu passei. Já pensamos até no nome do quadro: “Se o assunto é carro, pergunte à Carla”.

— Jojô, você quer que eu... — Ela nem completou a frase, pois estava perplexa com a oportunidade que a mulher lhe apresentava tão animadamente.

— Carla, nós mulheres precisamos entender o mínimo que seja de mecânica para não sermos passadas para trás como quase aconteceu comigo. E quem melhor do que você para fazer isso? Eu nunca ouvi alguém falar de mecânica de uma forma que eu entendesse como você fez. Então, eu tenho certeza que o quadro será um grande sucesso! — disse dando pulinhos de excitação. — Podemos enviar o contrato para o seu advogado analisar e depois marcamos uma reunião com o dono da emissora para alinhar os termos. O que você acha? Poderíamos agendar para depois do ano novo?

— Jojô, eu nem sei o que dizer... — Carla estava se sentindo literalmente catatônica com aquela proposta de emprego.

— Então, eu respondo por ela — disse Máximo. — É claro que a resposta é sim. Ainda mais que será gravado uma vez por semana e não vai prejudicar em nada o seu trabalho aqui na Albertine. Só não ouvi até agora, Jojô, você falar de cash, money... quanto pretendem pagar a Carla? Não acharia justo nada menos do que quinze mil por mês.

— Máximo, isso é muito dinheiro, eu não acho que alguém pagaria tanto assim para eu... — Carla quase riu daquele valor estratosférico absurdo que ele propôs.

— Pois saiba que eu propus trezentos mil reais por seis meses, o que equivaleria a vinte e cinco mil por mês.

— O quê? — Carla arregalou os olhos e precisou se apoiar na mesa de sobremesas atrás dela.

— Não fique tão empolgada, lindinha. Infelizmente, o presidente da emissora achou que era um valor muito alto para pagar no primeiro semestre de contrato para uma apresentadora que não é famosa e coisa e tal. Então, ele fez uma contraproposta com uma oferta bem inferior. Mas, veja bem, Carla, há uma grande chance de chegarmos a esse número na renovação do contrato no segundo semestre. Dependerá da resposta do público e nós já sabemos que seu quadro vai arrasar! Além da ideia ser muito original, nós faremos gravações externas nos fins de semana. Conversamos com concessionárias e fábricas de

veículos de alto luxo a carros populares e já temos quatro potenciais patrocinadores interessados em investir nesse novo quadro do programa — disse Jojô franzindo as sobancelhas receosa de Carla não se interessar mais pelo trabalho. — Diz que aceita, lindinha. Sei que será um sucesso! As câmeras vão amar você, Carla Faustino! Você é linda, é jovem, muito esperta e tem esse talento maravilhoso e raro de fazer com que todos se silenciem quando você tem algo a dizer.

— Jojô.... Seria incrível e... eu acho que mesmo sendo para ganhar um salário mínimo... Ai... — Máximo pisou no pé dela e enlaçou o pescoço de Carla que o olhou com raiva não entendendo por que ele fez aquilo.

— O que a Carla quer dizer, Jojô, é que ela sabe o valor do salário mínimo e está esperando para ouvir em quanto o presidente da emissora reduziu a oferta.

— Ah! Claro! Que distraída eu sou. Já ia esquecendo de dizer... Bem, ele ofereceu cinquenta por cento da proposta inicial, Carla. Cento e cinquenta mil reais por seis meses de contrato. O que você acha, lindinha? — perguntou Jojô segurando as mãos de Carla e com a expectativa lá em cima de que ela aceitasse, pois seu programa seria o número 1 na audiência, naquele segmento de entrevistas, com Carla no time.

“Cento e cinquenta mil reais por seis meses de contrato.”

Um nó se formou na garganta de Carla e ela não conseguiu responder. Pensava que com esse dinheiro, o seu sonho de criar um centro de reciclagem dentro da Comunidade do Muquiço, para apoiar os agentes catadores de lixo, se tornaria uma realidade e também poderia ajudar Isabel a inaugurar a clínica para atendimento gratuito.

— Se eu te der um beijo na boca, eu acho que consigo te despertar — disse Máximo olhando para Carla com um sorriso safado no rosto.

— Nem se atreva! — disse, enfim, acordando e tentando se desvencilhar dos braços de Máximo, mas sem sucesso. Carla acabou rindo ao ver que ele a ajudou da forma dele a conhecer Jojô e a mediar aquela conversa.

Carla estendeu a mão para a bela morena que usava joias caríssimas e de bom gosto e disse:

— Eu aceito, Jojô. Não tenho experiência alguma em trabalhar na televisão, mas eu vou amar poder ajudar outras mulheres a conhecer mais sobre motores. Obrigada por me dar essa oportunidade.

Máximo, ainda envolvendo as duas em um abraço mais apertado do que deveria, disse de modo solene:

— Oscar Wilde disse uma vez: “Provede às mulheres oportunidades adequadas e elas poderão fazer de tudo”.

— Nossa, Max que coisa mais profunda... — Jojô se desmanchou em admiração pelo vice-presidente da Albertine Construções e até Carla ficou claramente impressionada com a citação, pois não imaginava que ouviria algo assim saindo da boca de Máximo.

— O quê? — disse olhando a surpresa estampada no rosto das duas mulheres que ele agora enlaçava as cinturas. — Pensaram que eu era apenas um rostinho bonito em um corpo atlético e muito bem distribuído?

Elas não se contiveram e todos riram.

— Não deixa de pedir para o seu advogado entrar em contato com esse número, o quanto antes.

— Feliz Natal, Jojô! — Carla recebeu o cartão com o contato da morena. Pediria a Miguel que fizesse isso assim que possível e analisasse o contrato. Jojô apertou sua mão sem parar, transmitindo toda sua empolgação para Carla, que ainda não acreditava na proposta que tinha acabado de receber. — Que o ano seja maravilhoso para todos nós!

Pensou um pouco antes de se afastar do casal, e, pela primeira vez desde que conheceu Máximo Kobayashi, Carla voluntariamente demonstrou carinho por ele, dando-lhe um beijo na bochecha antes de deixá-lo a sós novamente com Jojô.

Ela esqueceu o celular no carro e foi até lá para ligar para Isabel e contar a novidade. A amiga iria ficar tão entusiasmada quanto ela estava. Sabia disso. Também achou que precisava respirar ar fresco depois de uma reviravolta dessas em sua vida. Sorriu ao imaginar a reação de sua família e, principalmente, a de Dante quando soubesse da novidade. Carla passou pela imensa equipe que garantia a segurança e os cumprimentou amigavelmente desejando feliz Natal a todos. Desceu os degraus de madeira polida e já estava alcançando o acesso ao estacionamento da Marina da Glória, quando ouviu uma voz conhecida atrás dela.

— Ora, ora... pois não é que a faxineira sonhava alto? Agora entendo porque rejeitou o Máximo naquela noite. Estava de olho em um peixe muito maior, não é, Carla?

Carla virou-se e se deparou com Isadora fumando um cigarro com um dos cotovelos apoiado em uma mureta que dava vista para o mar. Ao lado da imensa árvore de Natal.

— Me faça um grande favor, Isadora... Não fale comigo como se me conhecesse.

— Nossa... O que aconteceu com o “senhora” e toda aquela subserviência enquanto você servia mesas da última vez que nos encontramos?

— Está vendo alguma bandeja em minha mão? Seria muito bom se

de agora em diante fosse mais atenta a esses detalhes. Hoje sou convidada, tal como todos os funcionários da construtora.

— Quanta agressividade! — disse observando como Carla retomou sua caminhada, disposta a ignorá-la.

— O que foi, Isadora? O diabo te deu férias e te mandou para cá para destruir o aniversário do menino Jesus? Eu não entendo como não se engasga em seu próprio veneno. Estou sem paciência nenhuma para aturar seus joguinhos.

— Isadora, preciso lembrar que você não foi convidada? — Valdelice apareceu atrás de Carla e segurou sua mão. — Eu sei disso porque eu mesma enviei todos os convites. É por essa razão que está aqui do lado de fora, não é mesmo?

— Desde quando uma acionista precisa de convite para uma “cerimônia” que envolve empregados de sua própria empresa?

Margot chegava a entrada do clube nesse momento e, com gentileza, disse:

— Precisando de ajuda para colocar o lixo para fora, Valdelice? — disse ela com um sorriso de apoio à Carla.

— Era só o que me faltava... — Isadora soltou uma risada debochada. — Margot, pode nos dar licença e voltar a concentrar sua atenção em quantos daqueles *brownies* deliciosos vai conseguir comer essa noite? Eu imagino como deve ser difícil conviver com essa sua compulsão alimentar. Ainda mais se considerarmos que foi o que te deixou com essa silhueta avantajada que afastou qualquer potencial marido todos esses anos, apesar de toda a fortuna que acompanha o “pacote”.

Demétrius, que vinha logo atrás, imediatamente interveio:

— Vamos embora, meu amor. Não perca seu tempo com alguém tão desprezível — disse a abraçando pelas costas, o que fez com que Isadora arqueasse uma das sobrancelhas por não compreender o que aquele homem jovem e tão atraente fazia ao lado de Margot e ainda mais demonstrando tamanha intimidade.

— Este é um evento privado, Isadora, e ter 5% das ações da empresa apenas te garante que um depósito dos lucros seja feito mensalmente em sua conta.

— Eu não perco meu tempo falando com empregadinhos insignificantes.

— Demétrius, está tudo bem. É só mais uma penetra querendo entrar na festa. Quanto aos *brownies*, Isadora, você está certa. Estão deliciosos. Experimenta, meu amor — disse Margot dando um pedaço diretamente na boca

do homem que sorriu ao aceitar o doce e até lambeu o dedo de Margot de modo muito sedutor.

— Deliciosa... — respondeu ele. — Quer dizer, o *brownie* está delicioso.

Margot sorriu para Demétrius. Namoravam agora oficialmente e ela estava muito feliz. Voltando-se para Isadora disse:

— Talvez devesse comer um antes de ir, Isadora. Comer é um dos prazeres da vida. Devia colocar a comida para dentro ao invés de viver colocando para fora. — Fazendo alusão ao que a loira fazia para manter a forma.

— Como ousa? Eu não admito que...

— Como *you* ousa? — interrompeu Margot mostrando que não precisava de ninguém para defendê-la. — Esta é uma festa para os funcionários da Albertine Construções. Não haverá cobertura da mídia, então você não será capa de nenhuma coluna social.

— Eu ficarei aqui o quanto eu quiser. Ainda mais vendo que meus queridos filhos lindos, estão aqui, não é mesmo, Margot? Uma boa mãe precisa estar onde os filhos estão. É dever de uma boa mãe cuidar e amar os filhos. Como sua mãe amava Benício e até o Dante recebia um pouco da atenção dela, não é mesmo, Margot?

Todos compreenderam a indireta para Margot e a relação difícil que sempre teve com a mãe. Margot, por sua vez, pareceu imperturbável e com muita tranquilidade deu mais uma mordida no *brownie*, antes de dizer:

— Concordo com quase tudo que você disse, Isadora. Uma boa mãe se comporta dessa maneira. Não agiria como você, que abriu mão da guarda em troca de uma gorda pensão, como você fez todos esses anos. Mas como minha querida Valdelice sempre diz, “parir um filho é fácil. O difícil é ser mãe”. Quem sabe se você passasse algum tempo ao lado dela, aprenderia como ela conseguiu criar tão bem os filhos. Ela é motivo de orgulho para todos nós: um filho juiz, uma dentista, outra se preparando para o doutorado em literatura e uma psiquiatra. Psiquiatra maravilhosa, por sinal. Posso tentar agendar uma consulta para você, se quiser — disse Margot com um sorriso tão despretenso no rosto que só fez multiplicar a humilhação de Isadora. A risada alta de Máximo, que chegava agora, fez com que as mulheres não contivessem o sorriso e nem tentassem disfarçar.

— Não podia perder isso — disse ele piscando com evidente cinismo para Isadora.

— Máximo, você não tem nada a dizer? — perguntou pensando que receberia algum apoio.

— Para o seu conhecimento, Dante pagou as despesas dessa festa

com recursos próprios porque queria estar com a família. É assim que ele vê esses trabalhadores. É isso que dá querer entrar de penetra na festa dos outros... Que vergonha, Isadora... — O rosto da loira ficou vermelho de raiva com o escárnio de Máximo que se divertia muito assistindo à cena. Voltando-se para Valdelice afirmou:

— Eu não serei humilhada por uma reles...

— Como você parece não ter entendido o que eu disse no início, Isadora, eu vou repetir. — A interrompeu Valdelice, firme e em alto e bom som, dando um passo na direção de Isadora, o que a intimidou e fez com que recuasse. — Este é um evento privado e estou dizendo educadamente que você não é bem-vinda nessa festa, isso explica não ter recebido um convite. Vou pedir aos seguranças a gentileza de te acompanharem até seu carro.

— Não se atrevam a pôr as mãos em mim! — gritou ela assim que viu os dois homens de terno preto se aproximarem, atendendo a um sinal de Valdelice. Ambos tinham mais de 1,80m, tinham o mesmo corte militar de cabelo, porém um usava cavanhaque e o outro tinha uma cicatriz profunda no queixo. Eles já observavam a cena e estavam juntos com vários outros homens vestidos da mesma forma.

— Vai se arrepender amargamente por isso, Valdelice. Todos vocês vão se arrepender. Eu prometo! — ameaçou Isadora. Ela se empertigou e, levantando o queixo, foi na frente seguida pelos dois homens que a seguiam de perto. Outros acionistas e funcionários a viram sendo escoltada para fora da entrada do clube e apontavam e cochichavam seu nome. O que só deixou Isadora ainda mais enraivecida.

— Isadora, o que houve? Desistiu de participar da festa? — Um flash estourou perto dela e Isadora viu que vários repórteres se acotovavam do outro lado do longo muro que acompanhava quase todo o estacionamento aberto. Como o muro era baixo e a mídia não teve acesso ao evento, eles disputavam, assim, a chance de registrar algo digno de uma manchete. A loira estava tão sem graça que não soube o que responder.

— Diga alguma coisa, Isadora? — Outro repórter gritou.

A loira começou a caminhar o mais rápido que os saltos permitiam em direção ao seu carro.

— Está fugindo de quê, Isadora? Dá um sorriso para as câmeras — disse um fotógrafo de um tabloide sensacionalista.

— Parceiros, podem dizer o que houve? Contem alguma coisa para a gente. Somos trabalhadores como vocês — pediu um outro repórter aos homens que a escoltavam.

Isadora se virou para os homens de terno escuro e com o dedo em

riste ameaçou:

— Fiquem de boca fechada, seus idiotas. Era o que me faltava agora minha reputação ser arruinada por dois homens da caverna... Não deem um pio, senão eu...

— Esta senhora estava pretendendo entrar na festa como penetra e a estamos colocando para fora — respondeu o homem com cavanhaque.

Isadora não esperava por isso e congelou por um instante. Uma avalanche de flashes e perguntas dos repórteres fez com que se recuperasse e ela direcionou toda sua fúria aos dois homens que a conduziam até ali. Contudo, mesmo ela usando todo arsenal de ameaças e ofensas que lhe veio à mente, eles permaneceram impassíveis. Aguardaram que ela terminasse para dizer:

— Agora, não poderá mais ir embora, senhora.

— Ah, é? E posso saber por que, seu monte de estrume?

— Porque a senhora sairá daqui em uma viatura da polícia. A segurança do evento está sendo feita por agentes federais depois dos acontecimentos na última festa da construtora. A ordem veio diretamente do prefeito, mas a pedido do Sr. Albertine, estamos usando roupas civis.

— E-Eu não sabia disso... V-Vocês são da polícia? — Toda cor desapareceu do rosto de Isadora. Ela mal conseguia articular essas palavras, ciente do tamanho do erro que acabava de cometer.

— Exatamente — disse o policial de cavanhaque já chamando uma viatura que estava parada a apenas alguns metros da entrada do clube.

— Eu posso oferecer algum tipo de compensação por esse transtorno que causei e vou embora para casa.

— Está tentando nos subornar, madame?

— N-Não. Claro que não, eu só...

— Que bom, porque isso só pioraria as coisas para o seu lado — disse o policial que tinha a cicatriz no queixo.

— Me desculpem... Eu realmente não tive a intenção... jamais chamaria um agente da lei de...

— De homem da caverna ou de monte de estrume? — completou ele e prosseguiu a encarando de modo que a fez se encolher amedrontada. — O certo, senhora, é não tratar ninguém com tanto desrespeito. Lá na delegacia, a senhora terá tempo para pensar em suas ações já que vai passar a noite em uma cela, uma vez que está sendo presa em flagrante por desacato à autoridade.

— Se tiver curso superior, poderá ficar sozinha em uma... — disse o outro policial.

— E-Eu não t-tenho... não terminei a faculdade... Por favor, me desc... — Isadora gaguejava e cobria o rosto dos flashes que continuavam

disparando.

— É uma pena. Para a senhora. É claro.

Assim, Isadora foi algemada, enquanto o policial ditava seus direitos:

— *A senhora está sendo presa. Tem o direito de permanecer calada.*

— *Foi tudo apenas um grande mal-entendido, Sr. Policial. Eu não faria algo assim propositalmente e...* — dizia ela já com a voz embargada pela humilhação que estaria estampada em todas as revistas e jornais de fofoca do país no dia seguinte.

— *Tem o direito a um telefonema para avisar seus familiares e tem direito à presença de um advogado. Tudo o que disser a partir de agora poderá e será usado contra você mesma...* — concluiu ele colocando a mão na cabeça dela para que se sentasse no banco de trás da viatura.

Quando ela quis oferecer resistência, se negando a entrar no veículo, o policial disse:

— Prefere ir no camburão, madame?

Rapidamente, Isadora se sentou e ficou bem quietinha no banco de trás. A viatura partiu levando a bela loira que cobria o rosto com as mãos para se proteger dos fotógrafos que ainda correram atrás do carro policial para registrar o momento mais constrangedor e humilhante daquela socialite arrogante.

Carla, Valdelice, Máximo, Demétrius e Margot assistiram à cena de camarote.

Carla só conseguia pensar: Tem como esse dia ficar ainda melhor?

A vida já tinha lhe reservado tantas surpresas boas naquela véspera de Natal e ainda faltava a surpresa de Dante e ela pensou que tinha, sim, como aquele dia ficar ainda melhor.

Demétrius sorriu para Margot e a mantinha em seu abraço. Estava orgulhoso dela ter respondido à altura, não permitindo que a Isadora a intimidasse. Ela aprendeu a se defender desse tipo de pessoas. Foi Demétrius que a fez ver que ela precisava enxergar seu valor. Ele a fez ver que ninguém tinha o direito de fazê-la se sentir medíocre. Naquela manhã, recebeu um presente em sua casa e pensou que era de Demétrius, que com frequência enviava algum mimo para que soubesse que estava pensando nela. Mas aquela caixa vermelha com laço de fita da mesma cor guardava algo que a fez ter recordações dolorosas: ali estava um novo celular branco com a mensagem que **ele** a esperaria para matarem a saudade, às 22h.

— Eu preciso sair, Demétrius, mas voltarei logo, meu amor.

— Precisa ir a algum lugar, meu amor? Eu posso te levar.

— Não. Isso é algo que eu preciso resolver sozinha.

Quando Demétrius a viu tirando o celular da pequena bolsa, buscou o olhar de Margot sem entender.

— Não vou permitir que vá se encontrar com...

— Eu preciso fazer isso, Demétrius. É algo que preciso fazer por mim mesma.

— Não posso permitir que fique sozinha com ele. Irei com você então...

Acariciando o rosto dele que sempre foi motivo de distração enquanto trabalhava, Margot pensou em como agora não precisava disfarçar que apreciava muito estar ao seu lado.

— Eu não irei para longe. Ele está aqui.

— O quê?

— Eu saberei lidar com ele. Confia em mim.

— Margot...

— Me ouça, Demétrius. — O silenciou com um beijo leve. — A Margot de tempos atrás ficava estranhamente feliz sempre que ele ligava e era capaz de largar tudo mais que importava para fazer a vontade dele. Mas esta Margot que está diante de você hoje jamais faria algo assim novamente. Eu me sentia satisfeita quando recebia migalhas de atenção. Para mim, parecia ser o suficiente, mas o resultado foi que perdi o meu respeito próprio. Simplesmente era incapaz de me amar. E se eu não me amava, como alguém poderia? Mas, quando você disse na festa de inauguração que me amava e que queria ter um futuro ao meu lado, eu vi que poderia ser feliz de verdade. Não consegui mais me contentar com migalhas. Desde que você entrou na minha vida, eu ganhei um bom amigo. Sou grata a Deus por esse amigo que sempre foi meu companheiro, meu conselheiro e meu protetor. Demétrius, foi você quem me fez entender isso, naqueles dias que passamos juntos em Teresópolis, que eu precisava aprender a me olhar no espelho e sentir amor e orgulho pela pessoa refletida nele. Eu refleti muito sobre a minha vida e percebi que ao menos duas escolhas eu sempre tive e nem me dei conta: a escolha de viver a minha vida atendendo às necessidades alheias e a de viver a minha vida pensando no que me faria bem, no que me deixaria feliz. Mesmo assim, eu me considero uma mulher de sorte: apareceram na minha vida dois homens maravilhosos que demonstraram tanto amor por mim. Eu errei muito com Gustavo. Eu sei que o meu erro prejudicou a ele, mais que a mim mesma, e nunca poderei reparar a minha omissão e precisava pedir perdão a ele.

— Foi isso que foi dizer ao Gustavo quando foi à casa dele quando voltamos da serra?

— Sim. Eu precisava que ele soubesse que eu sinto muito por todo mal que fiz a ele e Gustavo me perdoou e disse que torcia por nós. Ele já sabia da gente acho que desde que te conheceu e me disse que te admirava muito.

— Eu também o admiro muito por tudo que ele fez durante o resgate. Gustavo é um homem honrado, Margot — disse Demétrius sorrindo. — Espero que seja tão feliz quanto nós seremos. Ele merece.

— Minha mãe tinha o poder de me manipular e de me deixar insegura. Depois de anos ouvindo que eu era um motivo de decepção para ela, eu nem conseguia compreender por que Gustavo se apaixonou por mim. Acabei acreditando que ela estava certa. Agora eu vejo que essa insegurança me acompanhou por toda a minha vida e se fortaleceu e minou as minhas chances de ser feliz todos esses anos. Agora eu estou deixando esse capítulo da minha vida para trás. Nem minha mãe, nem Isadora, nem ele, terão poder sobre mim outra vez. Nesse momento eu só preciso colocar um ponto final em um capítulo triste de minha vida. Preciso confrontá-lo.

Demétrius concordou, mas quis saber quem ele era. Não permitiria que ela tivesse aquela conversa de outra maneira. Margot revelou seu segredo mais íntimo e disse o nome de seu abusador.

Demétrius viu quando ele a seguiu para o escritório reservado do clube. Ele prometeu não interferir, mas só esperaria no máximo vinte minutos. Dezenove minutos já haviam se passado com os dois a portas fechadas e Demétrius não pôde mais esperar. Ficou de pé ao lado da porta e, por isso, ouviu a voz masculina se exaltar lá dentro, mas não com prepotência e desprezo por Margot. Era justamente o contrário, o homem que conversava com Margot se humilhava, suplicando para que não o abandonasse.

— *Não posso viver sem você, Margot. E-Eu me caso com você. Eu prometo que faço o que você quiser. Deixo de sair com outras mulheres, elas não são você. Eu sei que posso mudar... N-Não. Eu tenho certeza que eu posso mudar. Você mudou. Eu também posso. Eu sempre te amei, mas não fui capaz de assumir nossa relação.*

— *Você é patético!* — disse ela olhando para ele com desprezo. — *Como eu não vi isso antes? Eu nunca mais quero respirar o mesmo ar que você, simplesmente porque você me enoja.*

— *Margot, eu estou implorando... Por que está sendo tão hostil comigo? Eu só te dei amor... Do meu jeito, que pode ser complicado, confuso e até um pouco bruto para as pessoas entenderem, às vezes, mas eu não...*

— *Eu espero que você mude mesmo e que nunca mais destrua a*

vida de nenhuma outra mulher, mas nunca mais falarei com você. Nunca mais serei refém de uma relação abusiva, porque eu tenho amor agora.

— Está saindo com outro cara, é isso?

— Eu tenho amor por mim mesma. Adeus, Rocco. Se por algum acaso da vida, você me vir em algum lugar por aí, apenas finja que não me conhece, porque é o que farei.

— Por favor, Margot... Eu prometo que nunca mais vou te bater... Me dá uma última chance.

— A propósito, acho que isso te pertence... disse jogando a caixa que continha o celular branco no chão.

— Margot... eu prometo! — Ele gritou.

Se sentindo livre como nunca se sentiu antes, Margot abriu a porta e se deparou com Demétrius, o que a fez sorrir. Seu namorado viu Rocco de joelhos e parecendo perplexo ao vê-la se afastar.

— Só um minuto, meu amor — disse ele indo até Rocco Torres que se pôs de pé rapidamente, secando as lágrimas do rosto.

— O que você quer? Não falo com empregadinhos e...

Ele nem teve tempo de terminar a frase, pois Demétrius o tirou do chão e o arrastou até chocá-lo contra a parede.

— Empregadinho, é? Me chama assim de novo? Faz meu dia mais feliz — disse Demétrius dando uma cabeçada certa em Rocco, o que fez com que ele batesse a cabeça contra a parede com ainda mais força e ficasse atordoado. Foi tudo tão rápido que ele nem teve como reagir. Margot abriu um imenso sorriso ao apreciar aquela cena. — Ouça bem, seu covarde! Margot agora tem um homem de verdade na vida dela. Então, se tem amor à sua vida, afaste-se da minha mulher ou eu prometo que da próxima vez que me vir, eu vou quebrar suas duas pernas e te garanto que vou te fazer urinar sentado pelo resto da sua vida.

— A Margot é... — Outros dois socos o atingiram. Um na altura de cada rim.

— Esqueci de dizer que você também está proibido de falar o nome da minha mulher. Entendeu, Rocco?

— S-Sim. Eu e-entendi — gaguejou num fio de voz, em misto de dor, embaraço e medo.

Um líquido amarelo fez uma poça no chão e Margot viu que Rocco molhou as calças de tanto medo.

Como eu pude perder tanto tempo da minha vida com isso, ela pensou.

— Agora suma da nossa frente — ordenou Demétrius o soltando e

fazendo com que ele caísse na poça amarela.

Não foi preciso dizer outra vez para que ele descesse as escadas correndo e ainda tropeçando nos dois últimos degraus, antes de retomar o caminho às pressas.

Demétrius enlaçou Margot com muito carinho e a beijou apaixonadamente dizendo depois:

— Minha menina, estou tão orgulhoso de você.

— Demétrius, eu nunca te vi tão...

— Violento?

— Feroz — corrigiu ela. — Isso mexeu comigo...

— Margot, eu não agiria assim com você, nem com nenhuma outra mulher. Esse canalha precisava entender a mensagem e...

— Mexeu comigo me fazendo te querer ainda mais...

Ele sorriu, pois o olhar dela o fez ter várias ideias. Foi a vez dos dois saírem às pressas rumo à casa dela, Demétrius precisava extravasar toda sua ferocidade de uma maneira que Margot apreciaria muito. Ela apreciaria muito a noite inteira, na verdade.

— Como ele pôde fazer isso comigo? Eu, a mãe dele?

Non invitarmi a un evento di questa rilevanza per l'azienda di famiglia? (Não me convidar para um evento dessa relevância para os negócios da família?) — disse Margarida observando Isadora se afastar sempre que uma das companheiras de cela se aproximavam dela, mas nem assim Isadora perdia a altivez.

— Tirem essas mãos imundas de mim — disparou Isadora gritando com as mulheres que brincavam com ela tocando seus cabelos e riam de sua reação. — Não encostem na minha roupa! Meu lindo Valentino arruinado — disse se referindo à marca do vestido que agora se encontrava em um estado lastimável de sujeira. — Serei obrigada a mandar queimá-lo... Mas será melhor assim. Não quero ter nenhuma lembrança dessa noite deprimente.

— Agradeceria se me desse a atenção que eu mereço enquanto falo com você, já que estou movendo céus e terra para tirar você dessa cela imunda.

— Eu já agradei, Margarida. E respondendo à sua pergunta, ninguém da sua família quer te ver nem pintada de ouro, por isso que nem você nem eu fomos convidadas para essa festinha de Natal. Falando do meu caso, sei que só os seus contatos podem me ajudar a sair daqui. Conversou com seu amigo desembargador? Ele vai me tirar daqui?

— Conversei com a esposa dele. Ela faz parte do meu clube de jardinagem e me garantiu que o marido mexerá os pauzinhos para você não dormir aqui. Mas não fiz isso de graça, como te disse por telefone.

— Me diz o que você quer de mim. O que é, afinal?

— Você abre mão de sua juventude para criar seus filhos e dedica toda sua vida a eles e pensa que haverá gratidão, mas o que você recebe em troca é desprezo e indiferença. — Margarida se empertigou olhando com nojo para as outras detentas que dividiam a cela com Isadora.

— Sejamostas francas, Margarida. Você só foi mãe do Benício. Era como se Dante e Margot nem existissem para você. Sempre foi assim. Quem está tentando enganar? Só se for você mesma?

— Pelo menos, eu criei todos eles. E se eu não fui uma boa mãe para Dante e Margot, eu tive meus motivos. Nunca os amei, mas me encarreguei de dar a eles uma educação decente. Ao contrário de você, Isadora, que se casou com Dante por ter sido rejeitada por Gustavo. Como você dizia? Ah! Sim... Dante é a segunda melhor opção de marido. Você pensa que eu não sabia que o tolo do seu pai, antes de morrer, deixou apenas um sobrenome e vários credores atrás de você e da sua mãe? — Isadora a encarou, não imaginava que Margarida sabia daquilo, mas não se surpreendeu. — O quê? Pensa que eu não mandei investigar a família de todo rabo de saia que corria atrás dos meus filhos? Que frequentava a minha casa? Não fiz isso só com as pobretonas, as de famílias falidas eram ainda mais perigosas, pois já conheceram o sabor da riqueza e fariam qualquer coisa para continuar com a vida de mordomias e facilidades. Você ficou com meu filho apenas por tempo suficiente para garantir uma pensão mais que generosa para seus gastos excêntricos e frívolos. Não virou apenas as costas para Aquiles, nunca manifestou nenhuma demonstração de carinho ou cuidado nem pelo Hélio que tinha seu sangue. Pensa que eu não sabia que você batia no Aquiles desde que ele era bem pequeno, porque ele era filho do Gustavo. O *bambino* nunca disse nada ao Dante e, como você batia em lugares onde os hematomas não ficariam visíveis, ele não descobriu. Eu, por outro lado, sempre soube. Mas pouco me importava.

Aquele detalhe da conversa das duas mulheres grã-finas pareceu atrair pela primeira vez o interesse das detentas que compartilhavam a cela com Isadora. Elas passaram a prestar atenção ao que era dito.

Isadora não percebeu, pois se concentrava em descobrir onde Margarida queria chegar com aquele discurso todo. Por que, afinal, a estava ajudando, se Isadora sabia que Margarida a odiava?

A loira já estava a ponto de explodir e bradou:

— Foi para isso que veio na véspera de Natal até essa delegacia,

Margarida? Para me insultar? Pois saiba que pouco me importa sua opinião. Quem é você para querer me doutrinar sobre moralidade e decência? Eu nunca enfrentei nenhum dilema entre fazer o que fosse preciso para alcançar meus objetivos. Sabe qual é a diferença entre nós duas? Eu nunca fingi que a maternidade era o papel principal da minha vida. Melhor, eu nunca quis ser reconhecida como uma mãe virtuosa e exemplar como você sempre almejou. Ao contrário de você, que mentiu, enganou, manipulou pelas costas dos outros, quando eu cansei de interpretar o papel conveniente de mãe de família, eu simplesmente saí de cena. Já tinha o que queria do Dante e participar da educação deles só ocuparia o tempo que eu queria dedicar a interesses mais gratificantes e estimulantes para mim. Eu não nasci para ensinar dever de casa para o Hélio ou ser a mãe torcedora nos jogos de basquete de Aquiles. Tanto é que disse isso a eles e foi libertador quando pude viver a vida que sempre quis sem amarras e sem preocupações como comprar o remédio de alergia de Hélio, ou participar das reuniões de pais e mestres entediadas do Santa Tereza. Não me importo com julgamentos vindos de Dante ou de você, desde que não vazem para a mídia, está tudo bem para mim. A minha imagem social vale muito e esse meu acordo com o Dante pareceu satisfatório para os dois. A única coisa que sinto falta do casamento é que até hoje ainda não encontrei um parceiro na cama com todo talento do seu filho. Nisso o Dante sempre será incomparável para mim, eu acho.

— Me poupe de sua vida íntima com meu filho...

— Você nem deve mais se lembrar o que é isso, eu imagino... Mas voltemos ao que te trouxe aqui... O que quer de mim? Sei que não veio aqui porque estava preocupada com meu bem-estar e muito menos apenas comparar nossos defeitos, porque se colocarmos em uma balança, eu acho que daria um empate.

— Vou dizer o que eu quero. Preciso que me dê uma informação.

Depois de ter a informação que queria, Margarida disse: — Obrigada. Tenha um feliz Natal.

— O quê? Mas o seu amigo desembargador... você disse que falou com a esposa dele e que daria um jeito de me tirar daqui.

— Ah! Você pensou mesmo que eu iria me dar a esse trabalho? Por mim, eu quero mais é que você apodreça nessa cela fedida. Esse é o seu lugar.

Dando as costas, saiu dali ouvindo os gritos histéricos de Isadora, mas não antes de dar algumas notas de cem a carcereira para que fizesse ouvidos surdos ao que aconteceria ali, dentro de alguns minutos.

— Quer dizer que você espancava seu filho? — Uma das detentas disse se aproximando de Isadora junto com todas as outras.

— Sabe, aqui tem todo tipo de mulher: assassinas, ladras, prostitutas, traficantes, mas algo que até as criminosas possuem é um código de honra. O nosso é que crianças são seres indefesos, por isso são sagradas.

— Eu só disse aquilo para p-provocar aquela bruxa. Eu jamais encostei um dedo no meu filho... e... O q-que vão fazer c-comigo? Vocês v-vão me m-matar? — Isadora tremia tanto que nem conseguia falar, cercada por mais de oito mulheres.

— Já acabou aí, Maria João? — perguntou aquela que parecia a líder do grupo e uma mulher com mais de cento e quarenta quilos se levantou de trás da meia-parede que escondia o vaso sanitário, embora quase não oferecesse privacidade nenhuma.

— Acabei sim, Maritaca. Deixei um grande presente de Natal para ela boiando ali.

— Pelo amor de Deus, não! Isso, não! Eu sou rica! Tenho muito dinheiro. Muito mesmo. Eu pago vinte mil para cada uma de vocês. Pago o preço que for, mas, por favor... Não me mach...

Um soco forte no ouvido fez com que ela batesse a cabeça na grade da cela e comesse a gritar por socorro, mas a carcereira não apareceu. O odor fétido e insuportável vindo do vaso sanitário embrulhou o estômago de Isadora e quando ela viu o que a esperava, implorou mais ainda, dizendo que estava arrependida e que nunca mais faria nada contra nenhuma outra criança.

— Caprichou, hein, Maria João? — disse outra das presas vendo a outra rir satisfeita.

Isadora não acreditava que aquilo estava realmente acontecendo com ela.

— Vem cá, Barbie! — disse Maritaca puxando ela pelos cabelos e a arrastando até o vaso. — Você vai pagar e vai pagar bem caro, porque já temos seu endereço e iremos atrás de você se não cumprir sua promessa, mas você vai receber o presente da Maria João de qualquer jeito para aprender a nunca mais encostar em um fio de cabelo de criança nenhuma.

E assim Isadora teve sua cabeça enfiada em um lugar do qual ela jamais esqueceria enquanto vivesse.

Uma hora depois, Margarida Albertine entrava na mansão do filho. Os seguranças a reconheceram e não suspeitaram da mãe de seu patrão chegar na mansão àquela hora. Margarida procurou, dentre os itens de jardinagem, uma pequena pá e, assim que a encontrou, cruzou o jardim dos fundos, passando pela

piscina e cruzando o portão que ela não lembrava de estar lá da última vez que esteve naquela casa. Mas seguiu em frente e começou a cavar a procura de algo no local que Isadora lhe indicou que encontraria, mas um barulho aterrorizante a fez cair sentada.

A poucos metros de onde estava, um *rottweiler* enorme salivava olhando para aquela desconhecida. O cão latiu de novo e ela, se pondo de pé, tentou fugir, mas estava paralisada de tanto medo. Apesar da pouca iluminação naquela parte da propriedade, ela pôde ver nitidamente quando ele correu e se atirou sobre ela a derrubando.

O primeiro ataque de Duque foi certeiro no rosto de Margarida e a desfigurou por completo. Ele foi treinado para proteger o perímetro da mansão e só havia duas pessoas capazes de fazê-lo parar e nenhuma delas estava ali naquele momento. Os gritos de Margarida atraíram a atenção dos seguranças.

Eles perceberam que o cão atacava um invasor, mas demoraram a identificar que era o corpo da matriarca da Família Albertine que estava coberto de sangue daquela maneira. Seu rosto irreconhecível. O animal agora mordia o pescoço da vítima.

Um tiro foi ouvido.

Só assim, eles conseguiram abrir a mandíbula do animal. Dois corpos, sem vida, jaziam no gramado agora.



NÃO HÁ NADA OCULTO QUE NÃO VENHA A SER REVELADO — PARTE 1

— Maria, eu posso roubar o Aquiles de você um pouquinho?
O casal que dançava embalados por uma canção romântica sorriu para Carla.

— Precisa de mim para alguma coisa, Carla? — perguntou Aquiles ainda com os braços enlaçando a namorada, resistindo em deixá-la ir.

— Ah! Só quero uma dança e bater papo.

— Se é assim... Roubar eu não deixo, mas empresto ele por alguns minutos, Carla. Já estou cansada do Aquiles pisar no meu pé de qualquer forma. — Brincou a menina rindo da expressão dele. — Vou logo te avisando que dançar não é um talento dele.

— Maria... — reclamou o jovem fingindo-se de ofendido. — Estou me esforçando.

— Só fui sincera. Vou ver o que o Erick e o Vítor estão aprontando — disse Socorro recebendo um beijo na bochecha antes de se afastar.

— Então, jovem cavalheiro, me concede essa dança?

— Será um grande prazer, bela dama — respondeu Aquiles fazendo uma mesura antes de retomar e circundar sua cintura.

Carla sorriu quando Aquiles segurou uma de suas mãos e posicionou a outra em seu ombro.

— Vou mostrar que ela está errada — disse ele começando a conduzi-la em uma nova melodia romântica que Xandinho começou a cantar.

— Não tem problema você não saber dançar, porque eu danço muito bem, Aquiles — disse ela muito confiante, o fazendo rir.

— Se dançar tão bem quanto canta, eu que terei que me preocupar com meus pés.

— Ah! Quer dizer que você e seu pai andaram conversando sobre mim, é isso? — Ele abriu um belo sorriso, confirmando e Carla gostou de saber disso.

—Estranho essa ser nossa segunda conversa e eu ter a sensação de que já somos próximos de alguma maneira. Acho que por já ter ouvido falar tanto de você — disse Aquiles se lembrando de quando ela o procurou no haras depois dele ter desaparecido no dia do jogo no Maracanã.

— Eu também já ouvi muito a seu respeito, Aquiles. Sinto como se já te conhecesse há mais tempo. Hélio sempre me conta o quanto você é um ótimo jogador de basquete e como é inteligente, sempre tirando notas altas na escola. Ele diz que você é bom em tudo. Seu irmão te admira muito.

— O Hélio é um garoto incrível, não é mesmo? — disse Aquiles transparecendo todo orgulho e amor que sentia pelo irmão caçula. — Mas eu não sou tudo isso. Somos muito próximos e a opinião dele sempre será suspeita.

— Seu pai também me disse isso. Acho que o Dante resistiu todo aquele tempo em que estivemos soterrados porque ele queria voltar para vocês. Ele queria uma chance de poder reencontrar você e o Hélio e dizer o quanto se

orgulhava dos dois e o quanto ama vocês.

Aquiles viu a sinceridade nos olhos de Carla e se sentiu feliz por seu pai ter voltado para eles e agora finalmente poder conhecê-lo realmente e sentir que, além de seu pai, Dante Albertine era seu amigo.

— Ele me disse que, sem você, talvez não tivesse conseguido... Disse que você fez com que ele não desistisse. Deu esperança a ele. Eu sempre serei grato pelo que fez por nossa família. — Aquiles disse olhando no fundo dos olhos da moça de sorriso terno.

— Nós dois cuidamos um do outro. E foi ele que salvou a minha vida. Seu pai se jogou sobre mim antes que um pilar desmoronasse exatamente onde eu estava. Tudo aconteceu tão rápido... Quando eu acordei, já estávamos soterrados, mas se estou viva foi porque seu pai arriscou a vida para me salvar.

— Ele não me contou essa parte da história. — Aquiles sentiu ainda mais orgulho do pai.

— Mas foi o que aconteceu. Aquela tragédia nos trouxe coisas boas também: Dante teve a segunda chance de ser um pai melhor; você e Hélio ganharam um primo que também é um herói. Eles olharam para Inácio que dançava com Valdelice e ria de algo que ela havia contado. Gustavo sorria conversando com Miguel e Seu Vicente em uma mesa próxima e o olhar de Gustavo se encontrou com o de Carla que sorriu para o amigo vendo a cena. Ele levantou a taça de champanhe e fez menção de um brinde para ela e sorriu ainda mais. Ele observava Carla dançando com Aquiles e pareceu apreciar aquele momento. Ela nunca o viu sorrir assim antes. Gustavo estava junto de pessoas importantes em sua vida. Seu amigo estava feliz.

Aquiles percebeu o olhar de Gustavo direcionado a eles e voltou a se concentrar na dança.

Carla viu como ele desviou o olhar da mesa de Gustavo e estava pensativo agora.

— Eu gostaria que soubesse que admiro muito você e gostaria que pudéssemos ser amigos.

— É um sentimento recíproco, Carla. Eu sei que devo muito a você por tudo que fez pelo meu pai, pelo Hélio, por mim também.

— Você não me deve nada, Aquiles. Eu sinto um carinho enorme por esses três homens incríveis da Família Albertine, como eu sinto muito carinho por um homem da Família Graef também.

— É sobre ele que você quer conversar, Carla?

— Sim, mas também gostaria de saber como você está se sentindo com tudo que descobriu. Não quero parecer invasiva, Aquiles. Sei que não tenho o direito de interferir nesse assunto.

— Vocês se tornaram mesmo amigos, não foi?

— Sim. De uma forma surpreendente até para mim, Aquiles. Este ano, eu pude conhecer pessoas como vocês quatro que me fizeram perceber que eu também tive preconceitos sobre pessoas ricas. Acho que existe uma construção social velada que nos faz acreditar que não devemos misturar classes sociais. Como se houvesse lugares marcados na vida. Em certos bancos só se sentam os ricos, em outros os pobres. Mas a amizade e o amor permitem que compartilhem os mesmos bancos. Foi assim com Gustavo e comigo. Em uma noite em que chovia muito, eu e ele nos conhecemos e nossos mundos literalmente colidiram.

Carla recordou-se de ter encontrado Gustavo com a cabeça apoiada no volante daquele carro luxuoso e de ter pensado que ele estava passando mal e realmente estava. Agora entendia que ele sofria os efeitos dos distúrbios causados por mais uma crise, mas pouco depois ele acabou atropelando seu cavalo Nikki Lauda. E foi quando ela teve a primeira amostra do homem de caráter que ele era. Gustavo fez o que pôde para tentar salvar seu cavalo, ao mesmo tempo em que também demonstrava que estava preocupado com o bem-estar dela. Gustavo os colocou como prioridade e foi suficientemente forte para enfrentar a angústia que o atormentava e saiu do carro apesar da chuva torrencial que desabava sobre eles. Isso fez com que ela sorrisse ao pensar em como tinha sorte em ter pessoas como Gustavo em sua vida. Tudo mais que aconteceu naquela noite, agora parecia apenas uma lembrança distante, mas ela se lembrava de cada detalhe.

— Ele me ajudou quando muitos teriam ido embora. E o Gustavo ainda enfrentou seu pai para me proteger. Ele fez com que eu me sentisse segura naquela noite e, mesmo sendo um total desconhecido, eu sabia que podia confiar nele. Se você me perguntar como eu sabia, eu não saberei explicar, só posso dizer que eu sentia que, estando com ele, eu não corria nenhum risco. A tempestade daquela noite me impediu de voltar para minha casa e, das opções que eu tinha, escolhi ficar na casa do Gustavo. Relutei em aceitar, a princípio, mas não por medo. Nunca tive medo do Gustavo, mas houve um momento em que percebi que ele, sim, teve medo...

Aquiles absorveu aquelas palavras e duvidou do que ouvia.

— Achou que Gustavo Graef teve medo de você, Carla? — A incredulidade de Aquiles era compreensível.

— Parece loucura, não é mesmo? Da mesma forma como ele me protegeu, eu senti que ele também precisava ser amparado de alguma maneira. Havia uma tristeza tão profunda nos olhos de Gustavo naquela noite que tive a impressão que ele não sabia mais como se comportar quando alguém se

preocupava com ele. Ele me disse que te contou que sofre de alguns distúrbios...

— Sim. Ele me contou e eu vi o que ele faz a si mesmo. — Aquiles se interrompeu recordando das marcas roxas pelo corpo de Gustavo quando ele tirou a camisa na sua frente.

— E o que pensou quando soube disso? Honestamente.

— Eu não entendi. Achei aquilo insano, Carla. Para que se aplicar golpes assim? Ele precisa de ajuda.

— Isso! — Ela confirmou com um sorriso esperançoso no rosto. — Ele precisa de ajuda e, acima de tudo, ele precisa de amor.

— Carla, eu não sei se posso...

— Aquiles, quando eu disse que o Gustavo teve medo, eu quis dizer que percebi que ele teve medo de se expor, expor algo que o fazia parecer um homem fraco, um homem insano como você disse... Ele gritou comigo, mas eu reconheci que aquela atitude era uma forma dele se proteger. Imagine como deve ser difícil ser rotulado por algo que você não pode controlar? E ele já sofreu tanto, Aquiles. Agora já sabemos como tudo aconteceu e que ele nunca soube que tinha um filho. Ele não sabia sobre você.

— Eu não sei como me sentiria com a proximidade do Sr. Grael, Carla... Meu pai... Dante... conversou comigo e pediu que eu tentasse quando eu me sentisse pronto. — Carla percebeu que ele estava confuso ainda com tudo aquilo. — Ele se sentiu devastado ao saber que afastou seu melhor amigo da juventude o acusando por algo que ele não fez e eu sinto muito por todo o sofrimento que o Sr. Grael passou. Por tudo que foi tirado dele. De verdade. E eu sei que, biologicamente, ele é meu pai, mas não é como eu sinto no meu coração, entende?

Carla tocou o rosto do rapaz com gentileza. Assentiu com a cabeça, pois entendia o que ele queria dizer e, sorrindo, disse:

— Eu não estou dizendo que você precisa aceitá-lo como seu pai, Aquiles. O Dante *sempre* será seu pai. O que estou pedindo é que conheça o Gustavo. Porque eu sei que se der a ele uma chance de ser seu amigo, você vai amá-lo como eu aprendi a amar. Só peço que pense a respeito, por favor. Não por mim, nem pelo Gustavo ou pelo Dante. Faça isso por você. Não vai perder nada se permitir que o Gustavo participe da sua vida. Pelo contrário, você vai ganhar mais um bom amigo com quem poderá contar sempre que precisar. Isso eu garanto. Terá mais alguém que faria qualquer coisa para te ver feliz. Até se afastar de você, se for o que realmente deseja. — Nesse momento, a canção chegou ao fim ou emendaram uma música em outra, nem perceberam, mas Carla já tinha dito o que precisa para Aquiles e vendo que a namorada do rapaz olhava de tempos em tempos, ansiosa por retomar sua dança, ela disse: — Vou te

devolver para Maria do Socorro.

Aquiles sorriu para Carla e começaram a cruzar o salão até onde os amigos de Aquiles conversavam com a menina.

— Sabe, às vezes, eu fico pensando em como teria sido a minha vida se não conhecesse o Gustavo naquelas exatas circunstâncias. Provavelmente, não seríamos o que somos um para outro. E só de imaginar isso, sei que minha vida não seria tão feliz quanto é hoje. — E dizendo isso, se despediu com um carinho no rosto do jovem rapaz e um beijo em Maria, de quem ela já gostou de graça.

Foi nesse momento que Carla viu Tito. Lá estava ele parado a observando. Devia ter assistido ela dançando com Aquiles. Como sempre, Sr. Noronha e agente Gatto estavam garantindo a segurança do juiz, mas se mantiveram a uma distância considerável para dar a eles a privacidade que precisavam para aquela conversa, depois de sorrirem e cumprimentarem Carla com um gesto com a cabeça. Carla pensou que, com exceção de Isabel, naquele lugar agora estavam as pessoas mais especiais da vida dela. Só faltava o Tito e ele estava ali agora.

Carla sabia que precisava ter uma conversa transparente com ele. E foi o que fez, mas ele já sabia sobre seu relacionamento com Dante.

— Tito, tanta coisa aconteceu e eu quis te contar assim que você foi me ver na Comunidade, mas a troca de tiros e... Domenico sendo baleado... Foi tudo tão assustador...

— Carla, eu só tenho uma pergunta a te fazer, está bem? E não existe resposta errada. Só seja sincera comigo como sempre foi, certo?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você se apaixonou por Dante Albertine, Carla?

Ela olhou no fundo dos olhos do juiz e afirmou:

— Eu amo o Dante profundamente, Tito. Meses atrás, isso seria a coisa mais improvável de passar pela minha cabeça, mas hoje eu não imagino viver sem ele. Se eu pudesse de alguma forma não te fazer sofrer, eu faria. Saber que um homem maravilhoso como você tem sentimentos por mim foi algo que eu jamais esperaria e quando aconteceu foi recíproco, mas...

— Carla, não quero te ver assim tão tensa e preocupada comigo. Eu vou ficar bem. E eu quero mesmo que você seja feliz. Dante tem muita sorte de ter o seu amor. Eu o invejo.

Ela percebeu que não foi fácil para ele desejar que Carla e Dante fossem felizes, mas Tito desejava mesmo a felicidade dela. O juiz Timóteo Mascarenhas sorriu ao beijar a mão de Carla e contou que decidiu aceitar uma transferência temporária para auxiliar um juiz que foi seu mentor e estava

atuando sozinho em uma comarca localizada no interior de Minas. Seria por menos de um ano até ser designado o substituto e sair a aposentadoria do magistrado.

Tito disse que ficar fora de grandes centros urbanos poderia ser um bálsamo naquele momento para ele. Achava que a mudança de ares lhe faria bem. Carla ouvia cada frase, mas lia as entrelinhas do que não era dito com toda atenção. Ele era um homem lindo e com um coração tão bom. Houve noites que dormiu pensando em Tito e em como seria namorar com ele, mas o amor surgiu em sua vida de uma forma que nem ela poderia prever.

E com um beijo no rosto de Carla, Tito lhe disse adeus. Carla não pôde dizer que conversaram, ele estava sofrendo e ela sentiu isso, mas não podia enganá-lo. Nunca faria algo assim com alguém tão especial quanto ele e compreendeu que a distância era necessária naquele momento.

— Estava à sua espera — disse Vivian Grael sentada em um dos grandes sofás da sala.

— Eu deixei um convite para a ceia de Natal da Albertine Construções. Dante e Margot me disseram que queriam rever você. Eu tinha esperanças de que você fosse e...

— Você está ouvindo o que está dizendo, Gustavo?

— Perdeu uma noite maravilhosa.

— Prefiro passar o Natal sozinha do que com aquela família.

— Sua vida. Sua escolha. Se passar o feriado sozinha é preferível do que estar comigo e com pessoas que foram importantes em nossa vida... Enfim, boa noite, Vivian. Espero que ainda possa ter um Feliz Natal.

— Você não vê que o Dante destruiu tudo? Ele destruiu o que nós éramos um para o outro?

— Vivian, se afastar foi uma decisão sua. Não misture as coisas. Não coloque a responsabilidade de suas ações em outras pessoas. Você é minha única irmã e também não acreditou em mim. Simplesmente me deu as costas e partiu. Depois da morte de nossos pais, eu só tinha você e a Julieta. Ela nunca quis deixar essa casa, porque seria o mesmo que me deixar. E eu reconheço que fui egoísta, porque não queria ficar sozinho. Agora se me dá licença, eu vou dormir.

— Eu gosto da tia Ju, mas ela não é da família. Ela é só uma empregada.

Ouvir aquilo fez Gustavo, que já havia subido os degraus, voltar e parar de frente para sua irmã.

— Nunca mais diga isso na minha casa ou na minha frente. Julieta é minha família. Foi a única família que me restou quando você me deu as costas e partiu. Sabe que, para mim, ela é como se fosse a minha mãe, porque só o amor que se sente por um filho seria tão forte e justifica tudo que ela fez por mim.

— Você sempre misturou as estações. Eu não. Minha mãe morreu quando eu tinha dois anos. Ela foi paga para cuidar da casa e cuidar da gente, Gustavo. Eu até gosto dela, mas não me compare a uma cozinheira.

— Vivian, eu jamais faria isso. Não seria justo com você.

— Exatamente e eu...

— Não seria justo com você, porque simplesmente a Julieta é incomparável, Vivian. Nela, eu confio de olhos fechados. Ela foi muito mais que alguém que era paga para cozinhar nesta casa. Eu lembro da Julieta indo às minhas reuniões de pais e mestres na escola e às suas também, quando o papai não podia ir. Eu me lembro de estudar na cozinha para poder estar perto dela sempre que eu podia, porque estar perto dela me fazia bem. Julieta sempre teve tempo para me ouvir e quando ela me chamava a atenção por algo, ela não me censurava. Ela me aconselhava a tentar consertar o meu erro. Foram os valores dela que me fizeram aprender a diferenciar não somente o certo do errado e a justiça da injustiça. Julieta me fez aprender a ouvir a minha consciência e o meu coração para saber como agir. Quando eu percebi que estava apaixonado pela primeira vez, eu só queria chegar em casa e contar para ela. Pedir seus conselhos sobre o que fazer e do que não fazer para conquistar Margot. E foi Julieta que me abraçou nesta sala quando eu voltei do sepultamento do Benício, que morreu depois de salvar a minha vida; foi com ela que eu me lembro de comemorar quando Margot aceitou ser minha namorada e também foi ela que me confortou quando eu soube que perdi não só o amor da minha vida, mas, ao mesmo tempo, perdi meu melhor amigo e que minha única irmã disse que preferia passar fome a ter que morar debaixo do mesmo teto que um estuprador covarde. Foi disso que *você* me chamou antes de ir embora dessa casa. Eu me lembro de cada palavra que me disse. Sabe o quanto foi devastador ouvir isso de você? Claro que não. Você não estava aqui. Mas a Julieta estava. Então, se tudo isso que Julieta fez não foi o papel de uma mãe, eu não sei o que seria.

— Ela não é sua mãe. Nossa mãe se chamava Andreza Grael.

— Eu tenho poucas lembranças da nossa mãe, mas todas são boas lembranças, porém no meu coração Julieta sempre foi a minha mãe e eu tenho orgulho de dizer isso. Ela tem o coração do tamanho do mundo e eu fui só mais uma das crianças que ela gentilmente acolheu, apesar de não tido filhos biológicos, ela adotou quatro sem se preocupar com cor, sexo, idade, peso. O Máximo é o único que você quis conhecer, mas todos os outros filhos da Julieta

são pessoas de bem. Eles tinham até ciúmes de mim por ela não querer deixar de cuidar de mim como sempre fez. Era por Julieta que eu levantava todo santo dia para enfrentar a vida solitária que se apresentava a cada amanhecer. Era Julieta que me fazia ter ânimo de viver e ir para o trabalho e me desafiar a fazer o melhor que eu podia pela empresa da nossa família.

— Você tinha sua Julieta, então, e eu? Eu só tinha você, Gustavo. Dante me tirou isso.

— Não! Você! Você não quis me ouvir. Você preferiu ir embora. Pare com isso, Vivian. Assuma seus erros ao menos uma vez na vida.

— Você consegue perdoá-los por algo tão monstruoso que fizeram, mas não consegue esquecer as minhas falhas.

— Vivian, eu estou cansado. São três da manhã. Nem entendo por que estamos tendo essa conversa. Remorso ou arrependimento não são os motivos, porque você é incapaz de dizer *me desculpe*. Essas palavras você não foi capaz de pronunciar. Percebeu isso?

— Eu fui uma vítima como você. Eu fiz o que fiz porque...

— O que eu não entendo é por que está aqui ao invés de estar com Isadora em alguma sofisticada e fria celebração de Natal?

— Você acha mesmo que depois de descobrir tudo que ela fez, eu ainda trabalharia para aquela cobra?

— Não me perguntou o que eu achava quando começou a trabalhar para ela, apenas para me atingir, e quase tentou me matar colocando aquela chave de fenda no pneu do meu carro.

— Aquilo foi uma decisão que tomei num rompante de raiva. Eu não tinha...

— Você não tinha a intenção? — A interrompeu. — Não é o que ia dizer? Não foi sempre essa sua desculpa quando prejudicava alguém e descobriam o que você fez? É tão triste para mim ver o quanto você é parecida com Isadora, Vivian.

— Isso não é verdade! Eu não sou igual a ela. Eles tiraram a minha família. Te enganaram sobre a morte do bebê. Todos sabiam e riam de nós. Toda aquela maldita família sabia que o seu filho estava vivo. E esconderam isso de você. Com que direito? Me diz? E você vem me dizer que perdoou todos eles? Como se pode perdoar o que eles fizeram? O que eles tiraram de você não pode ser recuperado. O seu filho cresceu acreditando que Dante Albertine era o pai dele. Hoje ele é quase um homem feito. Não vê que tudo poderia ter sido diferente se...

— SE O QUÊ, VIVIAN? — Gustavo perdeu a calma e elevou o tom de voz. — *Se alguém acreditasse em mim quando eu disse que não me lembrava*

do que eu tinha feito naquela noite do baile? Uma pessoa acreditou: a Julieta e mais ninguém. *Se alguém tivesse me apoiado incondicionalmente e permanecesse do meu lado?* Uma pessoa fez isso. Julieta. *Se me dessem, pelo menos, o benefício da dúvida?* Julieta nunca acreditou que eu seria capaz de algo assim, até quando eu mesmo passei a acreditar que merecia estar passando por todo aquele sofrimento e que todos não podiam estar errados e eu não ser culpado do que me acusavam!

Gustavo pôs para fora as mesmas perguntas que o atingiram por todos esses anos. Avançou alguns passos em direção à irmã, passando as mãos pelos cabelos. Sentiu sua visão turva com as lágrimas que ele nunca deixou que ninguém, além de Julieta, o visse derramar.

— Acha que eu não pensei nisso? Acha mesmo que foi fácil para mim deixar o passado para trás? Não foi, Vivian! Mas eu aprendi a ouvir a minha consciência e o meu coração e eles me fizeram entender que eu só tenho uma vida. Uma! E eu sou grato por ter vivido o bastante para saber que eu não sou um estuprador covarde e que eu posso recomeçar. E isso é tudo que eu quero.

— Eu também. Quero que voltemos a ser o que éramos antes. Eu amo você, Gustavo. Você é minha família.

— Você me ama, Vivian? — Gustavo colocou as mãos nos ombros da irmã a fazendo olhar para ele. — O que entende por amor? Me diz. Abandonar, rejeitar, ferir? Ou os seus anos de silêncio, quando eu só sabia que estava viva por e-mails e apenas quando era conveniente que eu transferisse mais dinheiro porque você já estava sem um centavo? Isso é amor para você? Lembra qual era sua resposta quando eu escrevia um e-mail querendo saber se você estava bem? Era sempre a mesma:

“Continuo viva e feliz, porque estou bem longe de você, Gustavo.”

Me diz como pode ver isso como amor? Você não ama ninguém, Vivian. Nem a si mesma. Tem tudo para ser uma advogada brilhante e desperdiça tanto tempo com infantilidades para me atingir que não percebe que só prejudica a si mesma. Nunca conquistou nada que tivesse um significado para você e também nunca fez algo de bom por não se preocupar com o bem-estar de outra pessoa.

— EU FIZ MUITO MAIS POR VOCÊ DO QUE PODE IMAGINAR E VOCÊ ARRUINOU TUDO! — disse Vivian gritando a plenos pulmões e batendo com os punhos no peito do irmão que a abraçou para tentar contê-la.

Ela esperneava e gritava muito enquanto tentava se libertar, mas em vão.

— Se controle, Vivian! Pare com isso! — Gustavo ficou perturbado presenciando aquela crise de nervos da irmã. Vivian parecia mais instável do que de costume. Havia algo no olhar dela que fez com que se preocupasse.

— Do que está falando?

— Quer saber mesmo? Eu fiz o que você não teve coragem de fazer. Eu arrisquei tudo por você! Arrisquei tudo para te fazer justiça, Gustavo!

— Justiça? — Gustavo teve um mau pressentimento sobre o que estava prestes a ouvir. — Vivian, eu vou te soltar agora. E vamos conversar com calma. Está bem?

Ela piscou algumas vezes e concordou com a cabeça.

— Agora, respire fundo. Várias vezes, por favor. — O tom tranquilizador de Gustavo a fez seguir seu conselho e aos poucos foi retomando o domínio próprio. Ela permitiu que ele a conduzisse para se sentar novamente e sentou ao lado da irmã.

— Preciso que me conte o que quis dizer quando falou que arriscou tudo para me fazer justiça, Vivian. Fale no seu tempo. Quando estiver pronta. — Ele segurava uma das mãos dela entre as suas para encorajá-la. Um pensamento horrível passou por sua mente, mas Gustavo o afastou. Não podia ser o que estava imaginando.

— Promete que não vai desistir de mim?

— Eu desisti alguma vez todos esses anos, Vivian?

Ela refletiu por algum tempo e criando coragem disse:

— Fui eu, Gustavo.

— Seja clara, Vivian. O que você fez?

— Eu vou explicar para você. Tudo começou no dia que eu conheci a sua nova *amiga* Carla.

— Você conheceu a Carla? Onde, Vivian? Como?

— Gustavo, me deixa contar tudo. Não me interrompa, por favor — disse ela se afastando com um sorriso tão doce no rosto que, ao invés de encantá-lo, o assustou, porque a irmã parecia alternar seu comportamento de histeria à doçura. Como se apertasse um interruptor, ela subitamente mudava sua linguagem corporal flutuando de uma mulher agressiva para outra delicada e de voz suave. Vivian não parecia estar bem e isso começava a preocupar muito Gustavo, mas ele assentiu e esperou a irmã prosseguir.

— Eu conheci a Carla antes de você, Gustavo. Que ironia da vida, não é mesmo? Até conversamos na sala de espera antes da entrevista. E, apesar dela ser pobre, até achei que ela tinha uma conversa interessante e vi que ela entendia muito de carros. Admito que me candidatei à vaga porque queria te atingir. Eu usei apenas o sobrenome da nossa mãe ao me candidatar, na

esperança que passasse despercebida, mas a tal Valdelice do RH parece um tipo de cão farejador. Ela me entrevistou por quase uma hora, perguntando tudo que é de praxe e eu até pensei que conseguiria o emprego facilmente, porque ela demonstrava estar muito impressionada com minhas referências. Claro que eu cobrei alguns favores de amigos e eles confirmariam a minha história de ter trabalhado para suas famílias. Mas, ao fim da entrevista, a tal diretora de RH me disse:

“— *Agora me diga o porquê da herdeira de uma construtora rival querer trabalhar como motorista de uma dondoca como Isadora?*”

Eu não fazia ideia que aquela mulher faz uma investigação sobre tudo na vida dos candidatos que buscam uma colocação na empresa. Sabia até o nome do meu restaurante em Buenos Aires e que fui presa daquela vez. Eu não pensei que passaria por um pente fino e a mentira não colou. A tal mulher foi até rude comigo e fui escoltada até a saída. Então, eu não tive outra escolha a não ser ir atrás da própria Isadora. Ela sabia que nosso relacionamento era o pior possível e o quanto aborreceria a você e ao Dante ter uma Graef como sua empregada e eu disse a ela que só queria tanto aquele trabalho porque isso iria te deixar com muito ódio. E que eu adorava te ver assim, mas mostrei para ela que seria uma motorista competente. Conheço várias rotas para os endereços do círculo social que ela costumava frequentar. E, naquele dia, eu fui contratada para ser motorista da Isadora, mas eu sempre fui funcionária da Albertine Construções. Como ela é acionista, tem o poder de escolher quem dirige para ela. Eu estava com raiva de você por querer que eu trabalhasse no departamento jurídico da Construtora Graef. Eu nunca quis trabalhar em um escritório. Como você disse que não me daria mais dinheiro, eu só quis te infernizar e fazer voltar atrás. Esse era o objetivo. Pelo menos, no começo.

Respirou fundo mais uma vez, mostrando que a história era longa.

— Lembra quando Isadora veio até aqui e eu pedi que a ouvisse?

— Claro que eu lembro.

— Eu já sabia de toda a verdade sobre o Aquiles e tudo mais. Não foi a Isadora que me contou, mas precisei encenar que estava surpresa e que apoiaria o plano dela para que confiasse em mim. Para o sucesso do meu plano era preciso que ela confiasse em mim e no ódio que eu nunca escondi que sentia por você.

— Do que está falando, Vivian?

— Como eu disse, eu não pensava em ficar muito tempo trabalhando para aquela mulher insuportável. Esse foi o plano até eu ouvir sem querer uma conversa entre Margarida Albertine e Isadora. Só estavam os seguranças na guarita, pois ela dispensou todos os empregados da casa. Eu não

quis perder a chance de rever o jardim que brincávamos quando éramos crianças. Eu tinha boas recordações de lá, mas elas não estavam conversando na casa, estavam discutindo na estufa lá no jardim. Há poucos metros de mim, mas eu estava protegida por uma cerca viva.

Isadora ameaçava a mãe do Dante falando que “o mapa do tesouro” estava bem guardado em sua memória e se algo lhe acontecesse, Margarida jamais encontraria os diamantes. Ela ainda lembrou que compartilhava outros segredos de Margarida. Foi quando ela falou no seu nome e eu prestei muita atenção ao que elas disseram. Foi assim que eu soube o que aquela bruxa dos infernos fez na noite do baile de quinze anos da Margot. Isadora jogou na cara de Margarida que ela te drogou e foi capaz de ir até as últimas consequências para que Margot nunca fosse feliz. O pai de Dante, o pai biológico de Dante, antes que me pergunte, rejeitou Margarida apesar de estar grávida e ela não entendia como ela, que sempre foi considerado uma mulher linda, não teve direito à felicidade e Margot teria. Ela fez coisas horríveis com a própria filha. Margarida chegou a ameaçar Isadora com uma pazinha de jardinagem. Isadora sabia que ela nunca faria nada contra ela até encontrar os tais diamantes. Eu precisei de muito esforço para me controlar e não acabar com aquelas duas. Foi naquela conversa que eu descobri toda a sujeira que elas duas fizeram. Então, depois de saber de tudo isso, eu não pude mais me demitir. Fiz o contrário. Me mudei para casa daquela mulherzinha frívola e me coloquei totalmente à disposição dela, até que a oportunidade perfeita surgisse. — Riu debilmente de si mesma. — A festa de inauguração foi a oportunidade perfeita.

— Vivian, você não pode estar dizendo que... — Ela respirou fundo e, segurando as duas mãos do irmão contra o peito, disse:

— Eles precisavam pagar, Gustavo. Quando eu teria outra chance como aquela de fazê-los pagar por todo mal que fizeram contra nós? Todos os funcionários foram convidados. Todos. Inclusive eu. Meu nome estava na lista. Conseguir explosivo plástico não foi tão difícil quanto parece, quem trabalha na noite em Buenos Aires conhece todo tipo de gente. Eu tinha os meios e tinha dinheiro suficiente para fazer acontecer.

— VOCÊ PERDEU O JUÍZO, VIVIAN! MEUS DEUS! COMO FOI CAPAZ DE UMA MONSTRUOSIDADE DESSAS?

— Na verdade, foi você quem pagou por tudo — disse com um sorriso no rosto. — O seu carro. Aquele que eu nunca te devolvi. Precisei entregá-lo em troca do que precisava. Mas você acabou pondo todo meu plano a perder quando decidiu ser o bom samaritano e ajudar a resgatar quem nos prejudicou.

Gustavo se afastou de Vivian, pois temia perder a cabeça e agredir a

irmã se não colocasse alguma distância entre eles. Só conseguia lembrar das cenas que presenciou no local do desmoronamento. Colocou as mãos no bolso do paletó e as manteve lá. Nunca pensou que seria capaz de odiar a irmã, mas só de pensar que ela pôs a vida de seu filho e de centenas de pessoas em perigo, ele pensou no que precisava fazer.

— Todas aquelas pessoas feridas... você não refletiu em nenhum momento que colocaria em risco a vida de centenas de pessoas. A maioria dos convidados eram os trabalhadores da construtora. Pessoas que tinham famílias que dependiam delas para sobreviver. Você não entende a dimensão do que fez? Ou mesmo depois, não se sentiu culpada quando soube que haviam pessoas soterradas e entre a vida e a morte por sua causa? A Margot, a Carla e o Dante quase morreram e você fica se vangloriando do que fez?

— Mas, Gustavo, teria sido perfeito até para os negócios. Imagine como ficaria a reputação da Albertine Construções quando o prédio da nova sede da construtora viesse abaixo? Seríamos líder no mercado.

Ficou parado em frente à irmã que permanecia sentada e esperava que ele se manifestasse agressivamente. Ela se surpreendeu quando ele pediu que contasse todos os detalhes de como planejou e executou o plano. Ela teve ajuda de Marcela Austine, que supervisionava toda a equipe que trabalhava na festa e garantiu que nenhum segurança estivesse no subsolo quando instalava os artefatos explosivos nos pilares centrais. Ela também desligou as câmeras do subsolo por quinze minutos e, só para garantir, destruiria os arquivos do HD das câmeras de vigilância também quando comesçassem a desocupação do prédio.

Eu só fui tola em acreditar na palavra do meu “fornecedor”. Ele me disse que era um explosivo indetectável e por isso era tão caro, assim despistaríamos a polícia, pois a perícia seria conclusiva que foi falha humana na construção e Dante era o engenheiro-chefe da obra. Ou seja, ele sairia dali morto ou veria sua capacidade profissional cair em descrédito. Nas duas hipóteses, teríamos nossa vingança. Também existia a opção dele ir à ruína, pagando as indenizações que o seguro não arcaria.

— E o Aquiles? Nem nele você pensou? Já que diz que fez isso por mim?

— É claro que eu pensei nele. Aquiles faria de tudo para garantir a segurança do irmão... que dizer, do garoto que ele pensava que era seu irmão caçula. Ele não perderia tempo pensando em mais nada além de salvar o Hélio. Disso eu tinha certeza.

A frieza com que Vivian contava os detalhes de tudo que planejou deixava o irmão perplexo. Se questionava como ele não notou nenhum indício de que sua irmã estava perdendo a sanidade?

Gustavo a incitava a falar tudo que ela fez. Tentou lembrar do que ela disse até ali e as palavras “mapa do tesouro” e diamantes vieram à sua mente.

— Agora me conte tudo que sabe sobre esses diamantes e que história é essa de “pai biológico do Dante”?



Capítulo 55

NÃO HÁ NADA OCULTO QUE NÃO VENHA A SER REVELADO — PARTE 2

A festa prosseguiu noite a dentro, mas pouco depois de 1h da manhã, Margot e Demétrius levaram os filhos de Dante para casa dela junto com Kionã e seu Vicente, parando no caminho para deixar Maria do Socorro em casa

também. Foi combinado que a família de Carla, Hélio, Aquiles e Kionã dormiriam no imenso e luxuoso apartamento de Margot que ficava a cinco minutos de carro da Marina da Glória.

Contudo, Carla e Dante tinham outros planos.

Carla tentava controlar sua ansiedade, cheia de expectativa sentada em uma mesa de frente para a pista de dança. Ela aguardava Dante retornar. Ele saiu para verificar se os preparativos para a “surpresa” que ele prometeu mais cedo estavam como esperava.

De onde estava, observava alguns casais muito interessantes sendo embalados pela voz de Xandinho que, em breve, lançaria seu primeiro álbum por uma grande gravadora. Dante era um amigo de longa data do dono da gravadora e após uma audição agendada naquela semana, Xandinho assinou seu primeiro contrato e logo iria para o estúdio gravar seu primeiro álbum, seguido por uma turnê de três meses pelas principais capitais e cidades do país. Carla sabia que a felicidade do amigo só não estava completa porque Isabel não estava ali, mas estava muito feliz pela realização do sonho dele. Agora ele seria conhecido por todos como Alexandre, mas, para ela e seu grupo de amigos, ele seria sempre Xandinho.

Carla viu Máximo Kobayashi sentado, conversando e jogando seu charme para Jojô Guimarães, que Carla facilmente notou que estava apaixonada pelo seu chefe. Eles pareciam bem íntimos e Carla só o viu dançar uma vez com Valdelice, mas no restante da noite sua atenção foi apenas para Jojô. Até começava a acreditar que aquele solteiro inveterado tinha, enfim, encontrado uma mulher que o faria sossegar.

Carla sorriu para Jojô quando a viu se levantar para ir retocar a maquiagem, porém, quando voltou, duas belíssimas mulheres dividiam a mesa com Máximo e, como ele não rejeitava a atenção feminina em nenhuma hipótese, parecia gostar da ruiva e da loira que não escondiam como queriam terminar aquela noite. As duas mulheres pareciam se importar com a concorrência, mas Jojô parou em frente à mesa e, com um breve aceno de cabeça, disse algo e foi embora. Máximo pareceu tentar persuadi-la, mas ela o ignorou e caminhou em direção à saída. Carla o viu se levantando e indo atrás dela, deixando as outras duas sem entender o que havia acontecido e, parecendo frustradas, se levantaram e foram se juntar a um grupo animado que estava no bar.

Carla voltou novamente seus olhos para a pista de dança e viu seu irmão dançando com Maria Fernanda. Eles mal conseguiam tirar os olhos um do outro. Pelo jeito o entusiasmo dela pelo agente Gatto parecia ter sido superado. Carla lembrou-se que Ceci, mais cedo, parecia interessada em Miguel. Uma

pequena ruga de preocupação surgiu em sua testa. Duas irmãs interessadas no mesmo homem, podia ser um problema. Contudo, ela viu Ceci conversando e dançando animadamente com seus pais. Ela não parecia se importar com a irmã que dançava a poucos metros dela com Miguel. Sorriu ao ver quando Seu Noronha fez a filha e a esposa girarem ao mesmo tempo, o que as fez rir. Em seguida, voltaram a dançar os três abraçados e pareciam muito felizes naquela noite. Mas Carla, surpreendeu-se ao ver Maria Luíza, pela primeira vez, exibindo seu belo sorriso que era direcionado ao jovem capitão do Corpo de Bombeiros, com quem dançava. Carla não conseguiu deixar de pensar que Inácio foi se encantar logo pela mais ranzinza das Marias.

Carla apreciava a voz melodiosa de Xandinho, que cantava no palco acompanhado por uma banda e apreciava uma cena quase inacreditável: Domenico dançando com Mônica. Quem a conhecia tão bem quanto Carla, sabia o quanto ela evitava ser tocada. Até por seus amigos. Por isso, Carla estava tão perplexa. Não se conteve e tirou várias fotos e até fez um pequeno vídeo da amiga com os braços no pescoço de Domenico e ele com as mãos em sua cintura e enviou pelo celular novo para Isabel. Apesar de serem as únicas partes dos seus corpos que se tocavam, eles não desviavam o olhar um do outro nem por um segundo e Carla torcia para que sua amiga continuasse enfrentando seus medos. Ela merecia ser feliz.

Xandinho, que cantava uma música muito romântica nesse momento e sorria ao ver a cena também, piscou para Carla.

Identificou outros casais de funcionários da construtora dançando naquela noite de Natal, mas ver Gustavo dançando pela primeira vez foi algo que a deixou imensamente feliz. Ele conduzia Julieta, que estava linda em um vestido cereja e tinha um arranjo floral nos cabelos. Máximo os interrompeu, tocando no ombro dele. Voltou sem Jojô, mas sorria por ter sua vez de dançar com a mãe, que apesar da idade, tinha ainda muita disposição e adorava festas. Gustavo se despediu com um beijo no rosto de Julieta e trocou breves palavras com Máximo.

Ele se afastou procurando por alguém e encontrou. Passou por algumas mesas onde várias mulheres ansiavam para que as notasse, mas Gustavo nem percebeu e sorriu ao chegar à mesa de Carla e estendeu a mão para ela.

— Vamos dançar, Carla.

Ela sorriu amplamente e aceitou o convite. Adorava dançar.

— A festa foi um verdadeiro sucesso.

— Verdade. Está tudo perfeito, não é mesmo?

— Sim e eu estou feliz de estar aqui.

— E eu por ter passado a noite de Natal ao lado de tanta gente que

significa tanto para mim, como você, Gus.

— Eu me sinto da mesma forma, Carla. — Ela sorriu vendo como o tom azul de seus olhos mudavam para um azul mais intenso quando ele parecia feliz como estava agora.

— Pena que sua irmã não pôde vir.

— Acho que ela tinha outros planos. A Dr^a Isabel também não veio. — Notou ele. — Ela estaria trabalhando na noite de Natal?

— Não. Digamos que ela estava precisando de um tempo longe e eu, Xandinho e Mônica estamos respeitando isso. Além disso, a Isabel tem quatro irmãos e eles sempre passam o Natal reunidos. O convite da festa se estendeu a todos eles, mas ela preferiu cear em casa.

— Espero que tudo se resolva logo.

— Eu também, Gustavo. Nós quatro sempre estivemos juntos desde que me entendo por gente. Tudo vai se acertar. Ah! Vem, aqui. Já ia me esquecendo.

— O que foi, Carla? — disse vendo ela tirar algo da bolsa.

— Seu presente de Natal — disse tirando uma pequena caixinha da bolsa. — É difícil comprar presentes para alguém que já tem tudo, mas eu vi que haveria esse jogo com estrelas do basquete americano aqui no Rio e então eu comprei esses ingressos para você.

— Carla, não precisava...

— Você gostou?

— Gostei. É claro! Eu nem sabia desse jogo. Será logo após o Ano Novo.

— Espero que se divirta muito!

— Com certeza irei. Obrigado! — E tirando uma caixinha preta retangular do bolso entregou a ela. — Feliz Natal, Carla!

— Comprou para mim?

— Por que a surpresa?

Ela deu de ombros e, sorrindo, soltou o laço delicado e leu o nome de uma joalheria famosa impressa na caixa.

— Gustavo... é linda demais! — disse apreciando a pulseira de ouro branco com seu nome escrita. — Eu não recuso presente, então muito obrigada!

Gustavo recebeu o beijo e o abraço que ela lhe dava e retribuiu, dizendo:

— Espero que você e Dante sejam muito felizes juntos!

— E nós esperamos que você seja o padrinho do nosso casamento que ainda não tem data. — A voz de Dante fez com que se virassem e Carla sorriu ao ver a expressão surpresa de Gustavo.

— Tem certeza disso, Dante? Máximo não seria a escolha mais apropriada?

— Queremos que seja você, Gustavo — disse Carla sorrindo e abraçando Dante pela cintura. Estava com saudade de tê-lo por perto.

— Nós dois queremos e não se preocupe com Máximo, porque conversei com ele a respeito e ele apoiou minha escolha. Disse que enquanto você ficará em pé no altar, ao meu lado, ele terá tempo para escolher a sortuda que terá a atenção dele no dia do casamento.

— Realmente parece coisa do Máximo... — disse Gustavo rindo com eles. — Se é assim, eu me sinto honrado em aceitar ser o padrinho de casamento de vocês — disse acariciando o rosto de Carla e apertando a mão que Dante estendeu para ele.

— Você é a escolha certa, Gustavo, porque se mostrou ser um amigo fiel para nós dois. E eu quero que saiba que quero você sempre presente em nossas vidas. — Aquele aperto de mão firme a fez ter a certeza de que estavam mesmo no caminho certo para que, em breve, Gustavo Grael e Dante Albertine voltassem a ser os grandes amigos que foram na juventude.

Ela acreditava nisso. Seria apenas uma questão de dar tempo ao tempo.

— Dante vai me dizer aonde vamos ou não? — perguntou Carla caminhando pela Marina da Glória com Dante, de mãos dadas, após se despedirem de todos na festa. Dispensou Domenico que levaria Mônica e Xandinho para casa quando a festa chegasse ao fim, o que parecia que levaria ainda algumas horas.

— Chegamos, meu amor — disse a conduzindo para um dos iates que ficavam ancorados na Marina.

— Vamos passear nesse iate enorme?

— Sim. Notou o nome dele?

Foi quando ela leu a inscrição **VIDA** no casco da embarcação e ficou sem saber o que dizer de tão emocionada.

— Dante...

— Gostou, meu amor?

— Esse barco... esse barco é seu? Você escolheu esse nome por minha causa? — perguntou com os olhos já marejados.

— Corrigindo: esse barco é *nosso* e dos meninos também, é claro — disse ele beijando seus olhos e sentindo o sabor suavemente salgado de suas

lágrimas. — Não chore, Vida. Sabe que eu me sinto mal quando você chora.

— É que... estar aqui com você, ver que tudo está se acertando entre você e Gustavo e a festa de Natal foi maravilhosa! Todos estavam tão felizes! Eu me sinto tão feliz em vários sentidos diferentes que nem sei como explicar. Eu te amo muito, Dante!

— É exatamente como me sinto, Vida. E eu também te amo. Amo muito a minha Carla. — Vamos subir a bordo? — Ele fez com que ela fosse na frente e foram recebidos por dois homens vestidos com roupas brancas formais de marinheiros com insígnias nos ombros, que Dante apresentou como capitão Gregório e seu imediato Emídio que são os responsáveis pela navegação. Havia ainda uma camareira e um chef de cozinha. Todos ficariam à disposição deles enquanto estivessem a bordo.

— Sejam bem-vindos a bordo, Sr. Albertine e Srta. Carla — disse Gregório os cumprimentando com um gesto de cabeça. — Há uma grande variedade de opções no cardápio, a carta de vinho conta com uma diversidade que poderá satisfazer todos os gostos e deixamos vinho no gelo aguardando por vocês.

— Muito obrigada! — Foi tudo que Carla conseguiu dizer, estava tão impressionada com cada detalhe novo que encontrava naquele barco imenso e luxuoso que sorria sem se importar se fazia papel de boba.

— Iremos zarpar imediatamente — disse Emídio com um sorriso discreto no rosto antes de voltarem para a cabine de comando.

— De onde veio essa ideia de comprar um barco, amor?

— Digamos que eu literalmente sonhei com isso — disse a conduzindo para uma cabine espaçosa e que tinha uma cama maravilhosa. Foi o que Carla conseguiu enxergar enquanto Dante a beijava. Estar com ele ali parecia um verdadeiro sonho.

— Mesmo? — perguntou ela interessada no que ouviu. — E vai me contar como foi esse seu sonho?

Dante começou a tirar a própria roupa, se desfazendo do terno e da gravata, voltando a beijá-la.

— Na verdade, foram quatro noites e quatro sonhos muito especiais que tive com você.

— E pretende me contar cada um deles, Sr. Albertine?

— Melhor que isso — disse ele sorrindo enigmático para ela e beijando a curva de seu pescoço. — Pretendo te mostrar o que aconteceu em cada um deles, Vida. Eles sentiram que o barco começava a se movimentar pelas águas.

Carla agarrou-se aos ombros largos e inclinou a cabeça para lhe dar

melhor acesso. A virilidade dele era algo que qualquer pessoa que ocupasse o mesmo espaço que ele notaria, mas ser objeto de seu desejo era algo bem diferente. Ao mesmo tempo, havia nele uma urgência. Uma necessidade. Ele precisava dela. A forma como a beijava lhe dizia que nenhuma outra mulher seria beijada daquela maneira. Ela estremecia nos braços dele e Dante interrompeu o beijo por um momento para procurar os olhos dela. Queria que ela visse a honestidade de seus sentimentos. Queria que ela soubesse que não era apenas desejo. Era ela que ele queria. Era ela que ele amava. Lhe custaria muita determinação e controle, que ele estava próximo a perder por completo. Mas queria lhe dizer algo importante agora. Quando suas bocas se separaram, estavam ofegantes e ela não entendeu.

— Vida, eu preciso de você. Nunca imaginei amar tanto alguém como eu te amo. Eu quero que saiba que pensei muito sobre você querer terminar a faculdade antes de nos casarmos. Eu quero que saiba que quando eu disse que vou esperar o tempo que for, estava sendo sincero. Já pertencemos um ao outro e isso já me faz o homem mais feliz do mundo. Eu tenho certeza do meu amor por você.

Carla teve a sensação de sentir uma pequena nota de insegurança naquela última afirmação e quis que ele soubesse que se sentia da mesma maneira e que nunca mais duvidasse de seu amor.

— Dante, meu amor, lembra quando estávamos soterrados e eu disse que não tinha sentimentos românticos por você?

Ela o viu assentir com a cabeça.

— Eu sei que você não fazia ideia que eu já era completamente apaixonado por você, mas admito que meu ego sofreu um pouco com aquela afirmação tão à queima-roupa, Vida. — Ele realmente lembrava exatamente como se sentiu quando ouviu aquilo. Naquele momento, teve certeza de que o seu amor jamais seria correspondido por ela. Esteve disposto a tentar sufocar esse amor, pois acreditava que Carla tinha sentimentos por Tito. Mas quando Carla lhe disse que era ele quem ela amava, experimentou uma felicidade sem igual e acabou se precipitando e a pediu em casamento. Queria assegurar que ela seria sua para sempre, mas entendeu quando ela disse que queria muito voltar a estudar e se formar como assistente social antes de se casarem.

— Oh, meu amor — disse beijando seus lábios de leve. — Eu fui sincera naquele dia, mas hoje, nesse momento, eu me sinto diferente. Eu quero você para mim. Eu quero ser sua. Eu não vou permitir que ninguém determine como devo viver a minha vida. Somos de mundos opostos e não sei o que o futuro nos reserva. Mas eu sei que meu coração te escolheu. Nunca ameie alguém antes dessa maneira e sei que não me arrependerei nunca da escolha que fiz.

— Agora vai me deixar cuidar direito de você? — A puxou para a cama fazendo com que ela se sentasse sobre ele.

— Você sempre cuidou de mim, meu amor. Mesmo quando eu nem fazia ideia. — Ela sussurrou se mexendo em seu colo e sentindo o volume da cueca boxer tocando seu corpo. Queria mais beijos. Queria mais Dante e ouvi-lo soltar gemidos roucos a fez tocar seu peito desnudo e percorrer seu dorso com forte desejo, mas quando circulou os mamilos com o indicador, o ouviu dizer algo em italiano que ela não compreendeu. Ela não acreditava no poder que exercia sobre ele.

— Eu preciso tanto de você. Eu amo tanto você, Vida.

— E eu amo você, Dante. Meu Dante. É tão bom dizer isso.

— Não é melhor do que ouvir você me dizer isso — disse ele encostando a testa na dela. Ficaram ali por um instante apenas sentindo a respiração descompassada um do outro.

Seus corpos buscaram um ao outro e seus dedos logo se encontraram e se entrelaçaram. Dante observava o olhar de Carla onde conseguia ler o amor que ela assumiu sentir por ele e isso o fazia não conseguir parar de sorrir. Ele beijou delicadamente as palmas das mãos dela. Carla, apesar do trabalho pesado, tinha as mãos macias. Se olharam no fundo dos olhos um do outro e tiveram a sensação naquele momento que se redescobriam.

— Dante, eu pensei a respeito do nosso casamento e... — Ela não sabia como dizer aquilo. Experimentava tantas emoções simultâneas, mas queria muito que ele soubesse de sua decisão.

— O que, Vida? — Ele pareceu preocupado com o nervosismo dela. — Me diga. Não precisa ter receio de me falar absolutamente nada.

Ouvir isso a fez se sentir confiante e ainda enlaçando o pescoço dele, falou sem desviar o olhar do dele nem por um instante:

— Eu queria que soubesse que eu mudei de ideia sobre adiar o nosso casamento por quatro anos, para depois que eu terminar a faculdade. Eu conseguirei trabalhar, estudar e ser uma mulher casada. Quantas mulheres já não fazem isso? Tudo que mais quero é ser feliz ao seu lado, Dante. Todo dia acordar e ver você dormindo ao meu lado.

Dante arquivou em sua memória cada palavra que ela disse. Sabia que, em poucos momentos de sua vida, experimentou essa sensação que só o amor proporciona. A sensação da felicidade se espalhar por seu peito, correr por suas veias e por sua mente. Sentiu-se um homem afortunado. O que sentia era pleno e pacífico e era ela que o fazia se sentir assim. O que sentia por ela o fazia se sentir daquela forma, era um amor que lhe trazia paz, por mais que a desejasse como a nenhuma outra mulher, o que sentia por Carla era estável e estava

enraizado em seu coração. Terminavam de tirar suas roupas enlouquecidamente quando ouviram uma batida na porta.

— Sr. Albertine — disse constrangido o imediato Emídio tendo consciência do que interrompeu. — Me perdoe por... infelizmente, as notícias que trago são terríveis e envolvem sua família e, provavelmente, teremos que voltar para a Marina.

— Meus filhos? Minha irmã?

Carla já se vestia e seu coração parou aguardando a resposta fora da visão do imediato.

— Não, Sr. Albertine. Infelizmente sua mãe faleceu. Ela foi atacada pelo cão da sua propriedade e não resistiu.

Horas depois, na delegacia, Gustavo dava seu depoimento, após ver sua irmã ser presa. Ele mesmo chamou a polícia. Quase que simultaneamente descobriu que Margarida Albertine estava morta e Isadora estava presa por desacato à autoridade.

— A Vivian, Gustavo? Ela foi a responsável pelo desabamento da sede da construtora? — Dante chegou ao departamento de polícia e parecia tão incrédulo quanto Gustavo ainda se encontrava. Junto com ele, Miguel foi como representante legal da empresa. Carla ficou em casa com os filhos de Dante.

Então, Gustavo contou tudo que sua irmã contou horas atrás. Mas também fez uma gravação no celular e registrou todos os detalhes que esclareciam a morte de Margarida. Apenas esperavam Dante chegar para ouvir a gravação com eles. *Assim, Gustavo acionou a gravação e a voz de sua irmã se fez ouvir:*

“Giancarlo Fabrizi. Esse era o nome do pai biológico de Dante Albertine. O sobrenome de sua família se tornou sinônimo de diamantes. Foi assim que os Fabrizi fizeram fortuna. E Giancarlo tinha verdadeira fascinação por essas pedras. Seu nome nunca esteve envolvido em escândalos por mais que fosse considerado um playboy e que tenha se envolvido com as mais cobiçadas belidades da Itália e de fora dela, ele era um homem consciente do prestígio de seu sobrenome e, por isso, sempre foi generoso com suas amantes, namoradas, casos, não importava como os jornais as classificavam. Enquanto estava com uma mulher, o mundo era delas. Era um homem extremamente charmoso e galante como poucos. Sabia a hora de se aproximar e o que falar a uma mulher para conquistá-la irremediavelmente.

Ele era o genro que as mães das famílias mais abastadas

ambicionavam. Vinha com o pacote completo. Era um homem inteligente, carismático, vinha de uma família tradicional europeia, tinha um futuro em um círculo social seletivo em qualquer país que estivesse. Já todas que sonhavam ser a potencial esposa viam o homem lindo e que as fazia esquecer do mundo ao seu redor quando estavam nos braços dele. Esse era o Giancarlo que ele apresentava à sociedade, mas toda moeda tem dois lados. Giancarlo sabia ser extremamente frio e objetivo se a ocasião exigisse e foi o que aconteceu quando Margarida Albertine o procurou afirmando estar esperando um filho dele. Ela abandonou sua casa, deixando apenas um bilhete antes de deixar tudo para trás pensando que, quando Giancarlo soubesse de sua gravidez, se casaria com ela, já que se mostrava tão encantado por sua beleza.

Mas não foi isso que aconteceu. Giancarlo não demonstrou nenhuma emoção quando ela contou que teriam um filho e que tinha abandonado seu marido. Ele ouviu cada palavra do discurso entusiasmado dela dizendo que abandonou tudo porque o amava e por ele estava disposta a enfrentar tudo, até o escárnio da sociedade por ter abandonado o marido. Quando ele se pronunciou, fez com ela o que fez com todas as outras mulheres que pensavam que tinham conquistado um dos melhores partidos de Roma, ele a deixou.

Giancarlo disse claramente a Margarida que nunca a amou e que uma mulher experiente como ela não poderia se comportar como uma adolescente se dizendo apaixonada, pois ele, em nenhum momento em que estiveram juntos, deu algum indício que a fizesse ter a certeza de que aquele amor que ela afirmava sentir era correspondido.

— *Não faço promessas que não posso cumprir. Não assumo compromissos que prejudiquem o nome da minha família ou o meu futuro.*

Para ele, seu envolvimento com Margarida se resumiu a uma aventura. Pouco depois, ela descobriu que Giancarlo não assumia compromissos porque sua família tinha feito isso em seu nome e ele estava satisfeito com o arranjo. Ele já estava de casamento marcado com a filha de um membro do Parlamento Italiano e aquele casamento arranjado alavancaria sua carreira de chanceler que era o que mais importava para Giancarlo. Afinal, na carreira diplomática, ele seria pago para viajar e comparecer às melhores festas e seria convidado a participar dos mais altos círculos. Para um homem como ele, seria unir as vantagens proporcionadas pelo casamento aos benefícios de ter a liberdade de um homem livre.

Um filho fora do casamento poderia ser aceito por uma noiva que desejava ardentemente se tornar uma esposa. Seria como um simples tropeço de seu futuro marido, mas um filho com uma mulher casada e que carregava o emblemático sobrenome Albertine poderia arruinar o sucesso das ambições de

Giancarlo e ele fez o que era esperado por sua família. Ele escolheu a carreira diplomática e a manutenção do status que o casamento lhe proporcionaria, colocando um fim ao caso que teve com Margarida Albertine, mesmo após ela ter dito que não poderia voltar para casa, pois àquela altura seu marido já sabia que ela o tinha deixado. Giancarlo argumentou que ela arranjaría um jeito de contornar a situação. Uma vez que ela conseguiu enganar Pompeu por quase um ano, significava que ele deveria ser cego de amor pela esposa para nunca ter suspeitado de nada. Mas foi categórico ao afirmar que jamais se casaria com ela e que aquela criança não seria uma preocupação dele.

Giancarlo ascendeu na carreira diplomática e se tornou um proeminente representante italiano atuando em embaixadas pelo mundo. Ele encerrou sua carreira como vice-cônsul do seu país na Grécia. Contudo, para sua infelicidade, seu matrimônio nunca gerou filhos. Pouco mais de dez anos após atuar como embaixador da Itália em Osaka, no Japão, Giancarlo foi acometido por uma doença que o deixou estéril. Foi quando voltou a pensar na decisão que tomou no passado sobre o filho que renegou e percebeu que se importava com o destino da criança. Coube a Margarida decidir se a traria ao mundo ou não. Nunca mais teve notícias dela e quis saber se a criança nasceu e foi quando decidiu procurá-la e, ao contrário do que imaginava, Margarida lhe revelou que teve o bebê e um dia marcou um encontro onde apresentou Dante ao pai biológico como um amigo da família. Era inegável que o menino era seu filho. Para Giancarlo, foi como ver uma cópia sua quando tinha a mesma idade. Nem seria preciso um teste de paternidade para que ele tivesse certeza. Margarida o tratava com pouca atenção e nenhuma afeição, justamente por ele ser a imagem refletida da maior rejeição da sua vida.

Mas naquele encontro, Giancarlo soube que o jogo havia virado. Ele quis reconhecer Dante como seu filho, mas Margarida descartou a possibilidade. Quis puni-lo e garantiria que ele jamais visse o garoto novamente. Foi quando a barganha começou. E ela ditou as regras do jogo. Margarida foi categórica ao afirmar em seu ressentimento, ainda pulsando como uma ferida aberta, que concordaria que ele visse Dante se ele concordasse com duas condições: Dante jamais saberia quem ele era enquanto Giancarlo vivesse. Essa condição foi muito difícil para Giancarlo concordar, mas não podia discordar e correr o risco de não poder estar mais com o filho. Ele estava sendo punido pelo grave erro que cometeu no passado. Ciente de que não haveria como negociar com uma mulher como Margarida que jamais perdoaria o que ele fez a ela, Giancarlo aceitou seus termos de ver Dante uma vez por ano nas férias escolares. A outra condição envolvia dinheiro, como já era de se esperar.

Dante, que na época era um garoto de dez anos de idade, se tornou o

único herdeiro de todo patrimônio de Giancarlo Fabrizi. Em testamento, Margarida garantiu que seria a tutora legal da herança que Dante receberia quando atingisse a maioridade e que poderia dispor dela como julgasse melhor para o herdeiro. Giancarlo garantiu que, após sua morte, toda sua fortuna e propriedades passariam para o único filho.

Margarida viajava com os filhos para Itália uma vez por ano e, cumprindo sua parte no trato, permitia que Giancarlo e Dante se vissem sempre que estava na Europa, mas sem revelar sua real identidade. Foi assim até ele morrer, quando Dante completou catorze anos. E como não havia parentes próximos para contestar a decisão final, pois sua esposa faleceu em um acidente de carro anos antes, assim foi feito e recebeu o controle de um verdadeiro tesouro em propriedades, títulos do governo e milhões de euros da herança de Dante.

A pedido de Margarida, todos os bens foram vendidos e convertidos em diamantes, era uma forma dela garantir que tudo que Giancarlo mais valorizou em vida pertencesse a outras pessoas. Ironicamente, diamantes foram a escolha dela pela praticidade de serem transportados, e porque diamantes sempre seriam diamantes, independentemente da crise econômica que o país enfrentasse.

Mas não há segredo que um dia não venha a ser revelado. Isadora, no dia da festa de quinze anos de Margot, pediu a Dante para ir conhecer o quarto dele. Dante dormia quando ela desceu para beber alguma coisa e viu que alguém saía do quarto de Margot. Se escondeu para não ser vista quando Margarida saiu sem os sapatos, sorrindo e levantando a alça do vestido de festa. Margot havia passado momentos antes, aos prantos, vindo daquele mesmo quarto. Quando Isadora viu Gustavo nu na cama de Margot, soube exatamente o que havia acontecido e não perdeu tempo. Sabia onde ficava o quarto da matriarca da Família Albertine, pois esteve lá com sua prima Elines e acabou flagrando outra grata surpresa ao ver Margarida apreciando uma foto e uma caixa com um conteúdo que brilhava tanto que ela precisou se conter ao vê-la brincar com os diamantes entre os dedos.

Com o nascimento de Aquiles e a ciência de que Margarida engravidou novamente após uma traição que resultou na morte de Pompeu Albertine, Isadora viu que era a oportunidade pela qual esperava de fazer parte daquela família.

Anos depois, quando as pedras preciosas desapareceram, Margarida nunca pôde registrar o furto junto à polícia, pois como explicaria a origem daqueles diamantes sem anunciar a história que ela carregava para toda a sociedade: que teve um filho ilegítimo e macular sua imagem.

As empregadas disseram que a única pessoa que esteve na mansão

foi sua nora, então Margarida soube que seu segredo havia sido descoberto. Ela foi tola por mantê-las em sua mansão ao invés de um cofre no banco e juntamente com uma foto de Giancarlo. Bastaria ver a imagem naquele pedaço de papel para ver a semelhança latente com Dante Albertine.

Foi assim que Isadora descobriu sobre a paternidade de Dante e, quando Margarida foi confrontá-la, Isadora sugeriu que procurasse a polícia já que tinha sido roubada, pois sabia que ela jamais faria isso. Disse que aqueles diamantes seriam sua garantia de que sempre teria o que quisesse de Margarida e revelou que sabia que Aquiles era filho de Gustavo, pois testemunhou fatos interessantes que aconteceram altas horas da madrugada, quando seu marido convenientemente adormeceu mais cedo após poucas taças de vinho.

Isadora sabia dos dois segredos muito importantes que envolviam Margarida, que acabou presa em sua própria teia de manipulações. E Margarida pagou muito bem para que ela se mantivesse em silêncio todos esses anos, mas assegurou que conhecia todo tipo de pessoas. Muitas delas com padrões de conduta duvidosos e eram esses seus conhecidos que a avisariam quando um diamante com aquelas peculiaridades e grau de pureza fossem colocados à venda. Pois os diamantes, de modo geral, possuem manchas internas e externas por menores que sejam, mas existem os raros diamantes considerados perfeitos.

A média é que a cada cinco mil diamantes minerados, apenas um receba a classificação FL/IF — *Flawless/internally flawless*^[5]. E quanto mais raro, mais caro. Todos aqueles diamantes que Isadora roubou tinham essa classificação, por isso, ela não podia vendê-los sem que Margarida soubesse. Então, eles se tornaram sua apólice de seguros.

O mercado de pedras preciosas tinha poucos negociadores com cacife para uma aquisição como aquela. Isadora nunca pode vendê-las nem no mercado negro, pois Margarida tinha contatos perigosos e em qualquer tentativa de vender diamantes, ela seria informada.”

— Agora sabemos porque D. Margarida foi à sua casa, Sr. Albertine, e também a origem daquelas pedras que encontraram enterradas no seu jardim — disse o delegado. — Isadora só revelou o paradeiro das pedras quando se viu presa e precisou recorrer aos contatos de Margarida Albertine. Foi pedido a quebra do sigilo bancário de Margarida Albertine e descobriram várias transferências de valores elevados mensalmente programados para a conta de Isadora.

— Pelo jeito, manter Isadora calada custou bem caro para Margarida. Ainda era rica, mas, para ela, dinheiro nunca era demais e chegou a hora de desfrutar da fortuna de Giancarlo — argumentou Gustavo colocando as mãos no ombro de Dante que parecia absorto com tudo que ouvia.

— Com certeza, daria um jeito de silenciar Isadora se conseguisse o que queria. A venda daqueles diamantes garantiria seu alto padrão de vida na Europa — confirmou Dante pensando que o saldo bancário da mãe acabaria em alguns anos se ela continuasse a gastar fortunas exorbitantes com joias, supostas obras de arte que amigos lhe indicavam que comprasse pelo preço de um imóvel, com a promessa de que, com o tempo, seriam muito valorizadas ou quando não gastava com procedimentos estéticos caríssimos com cirurgiões plásticos famosos.

Gustavo não conseguiu dormir após voltar da delegacia. Ainda não acreditava que Vivian tinha orquestrado aquela tragédia e se sentia devastado ao lembrar da polícia chegando em sua casa e levando sua irmã, que foi levada enquanto, aos gritos, o chamava de traidor e de coisas piores. Ela seria avaliada por um psiquiatra, pois tudo indicava que sua irmã não estava em pleno gozo de suas faculdades mentais.

Ele não subiu para seu quarto. Ficou repassando aqueles momentos em sua mente e sentindo a dor de saber que ele agora seria o único Grael que frequentaria aquela casa por anos. Quando os primeiros raios do novo dia entraram pelas enormes janelas da sala, Gustavo estava vendo o álbum com as fotos de Aquiles que Dante e Carla lhe deram. Ali encontrou algum conforto. Ver aquelas fotografias do seu filho lhe fazia bem. Não cansava de ver a alegria nos olhos de Aquiles quando era bebê e percebeu que algo presente no olhar do filho já revelava que ele era uma criança mais madura e sensata que as de outras de sua idade. Em algumas fotos ele viu Dante e Margot. E Gustavo reconhecia orgulho e amor nos olhos dos dois observando os herdeiros da família. As fotos em que ele estava com o irmão caçula eram as que ele sorria espontaneamente. Em muitas fotos, eles apareciam juntos brincando na praia, nadando. Gustavo sorriu ao ver o afeto entre os dois e pensou que ele e Vivian nessa idade se comportavam da mesma forma. Tudo o fazia pensar na irmã. E imaginar que, provavelmente, ela ficaria presa por anos em um hospital psiquiátrico, o fazia pensar em como grande parte de sua vida se resumia a uma palavra: desesperança.

O som da campainha o fez despertar do rumo que seus pensamentos seguiam. Ele caminhou até a porta da entrada. Passou as mãos pelos cabelos e viu sua aparência no espelho do hall e ficou embaraçado. Já sabia quem era antes de abrir a porta.

Lá estava Carla e ela viu como os olhos de Gustavo estavam

vermelhos e era evidente que ele não dormiu nada e que estava esgotado até para fingir que era forte para lidar com aquilo. Gustavo sentia que tinha falhado com sua irmã. Carla não precisou dizer que sentia muito. Ela fechou a porta e o abraçou, apoiando a cabeça em seu peito. Ficaram ali quietos por um tempo. Sem dizer nada um para o outro. Não era preciso. Carla só queria estar com ele para que Gustavo soubesse que não estava só. E Gustavo sabia disso. Ele ainda não entendia aquele nível de cumplicidade que eles tinham, mas o que importava era que Carla estava ali agora.

Após tantas horas na delegacia dando seu depoimento, ele só conseguia pensar que era o culpado por não ter enxergado que sua irmã precisava de ajuda médica.

— Eu agradeço que tenha vindo até aqui, Carla... mas não era preciso... Eu estou bem. Só preciso de algum tempo sozinho — disse Gustavo evitando olhar para ela. Sentia-se constrangido por não ter como esconder que esteve chorando.

— É mais que natural que não esteja bem. Mas eu estou aqui com você. Sempre estarei com você quando precisar de mim, meu amigo — disse acariciando o rosto dele e sentindo a barba por fazer. — Sua irmã já é adulta e fez uma escolha muito errada. Agora, ela precisará enfrentar as consequências dos seus atos. Mas pense que o lado bom de tudo isso é que ela receberá tratamento adequado agora. Você tomou a decisão certa, Gustavo. Fez o que precisava fazer. Não pense que traiu sua irmã quando a entregou para a polícia. Na verdade, você deve pensar no mal que ela poderia fazer a si mesma e aos outros se continuasse livre. Você agiu bem.

Gustavo sabia que o que Carla dizia era a verdade. Sua irmã precisava de tratamento, mas saber disso não o fazia se sentir melhor.

Carla fez com que olhasse para ela e viu os olhos marejados de Gustavo e a expressão de dor em seu rosto.

O amigo não conseguiu sustentar seu olhar por mais de alguns segundos. Se afastou dela até bater as costas na parede mais próxima e como se precisasse de apoio, escorando-se na parede, escorregou até o chão, e inconsolável começou a chorar diante dela. Ele cobria o rosto com as mãos. Mantinha os cotovelos apoiados nos joelhos e, por um instante, Carla não soube o que fazer. Ela ficou desolada ao ver essa cena. Sabia que Gustavo se sentia exposto com isso. O silêncio dele só era quebrado pelo choro.

— Você quer que eu vá embora, Gustavo? Eu irei, se você quiser — disse não querendo que ele se sentisse envergonhado por causa dela.

Mas foi nesse momento que Gustavo levantou o rosto molhado pelas lágrimas e abriu os braços para Carla. Ela se sentiu tão tocada com aquele

gesto, vendo Gustavo Grael estender os braços pedindo por seu amparo, por sua amizade, que Carla não hesitou e se ajoelhou diante do amigo e o envolveu em seus braços, dizendo:

— Eu estou aqui com você, Gus.

— Aquilo que eu disse que não precisava ter vindo... era só eu tentando ser forte. A verdade é que eu sabia que você viria, Carla.

— Então, estava à minha espera? É o que quer dizer? — perguntou sorrindo para ele.

Gustavo fez que sim com a cabeça.

Carla deu um beijo demorado na fronte e outro nos cabelos de Gustavo sem se afastar do abraço apertado que trocavam.

Eles se olharam e ela secou o rosto dele com as mãos.

— Pronto. Assim está melhor — disse ela docemente. — Acredite, Gustavo. Eu sei exatamente como se sentiu vendo sua irmã ser presa. Sei que foi difícil porque você a ama, mas não vou permitir que você se culpe pelo que aconteceu com ela — disse mostrando que sabia o que ele estava pensando de si mesmo.

— Carla, é diferente... Miguel foi condenado injustamente. Seu irmão era inocente e você sempre teve a certeza de que ele não seria capaz de cometer um crime. Acreditava na inocência dele e fez todo possível para libertá-lo. Eu queria não ter a certeza de que a minha irmã é culpada pelo desabamento daquele prédio. Mas eu a ouvi me contar os detalhes de como ela planejou tudo. Foi um crime premeditado. Ela se tornou esse ser humano frio que não se importou em pôr em risco a vida de centenas de pessoas inocentes, inclusive você! Como eu... como eu não percebi os sinais de que Vivian estava enlouquecendo? Que droga de irmão eu sou? Como não vi que...

Ele chorava como se precisasse pôr para fora aquela dor que carregava em sua alma. Gustavo estava inconsolável e Carla sabia que ele por muito tempo manteve suas emoções sob controle, mas que já não podia mais fazer isso.

— Ei! Não diga isso, Gustavo! A Vivian não permitia que você participasse da vida dela. Você mesmo me contou que ela se afastou de você por anos. É difícil dizer isso, mas, infelizmente, a menina que cresceu com você nessa casa não existe mais. Ela se perdeu pelo caminho e mudou.

Ela acariciava as costas dele, repetindo baixinho que o tempo faria com que aquela dor diminuísse e que tudo ficaria bem. Que ele ficaria bem. Carla acabou se lembrando que disse palavras muito parecidas ao seu sobrinho todas as vezes que o encontrou chorando no quarto, tentando entender por que sua mãe o abandonou. E apesar de Gustavo ser um homem adulto, a semelhança

da dor nas duas situações era visível para Carla.

Não sabia dizer quanto tempo eles ficaram ali, mas ela queria acalotá-lo até que ele se sentisse melhor e, quando ele se pôs de pé e a ajudou a fazer o mesmo, ela segurou sua mão firme.

— Imagino que você ainda não tomou café. Estou certa?

Ele sorriu e disse:

— Estou totalmente sem apetite, Carla.

— Mas isso é porque você ainda não faz ideia do café da manhã delicioso que eu vou preparar para a gente. Tome um banho, troque de roupa e desça para tomar café comigo.

— Carla, eu realmente não tenho fome e...

— Quer que eu te coloque debaixo do chuveiro? — Ela perguntou com as mãos nos quadris o encarando seriamente.

Aquelas palavras o fizeram seguir suas ordens. Não duvidava que Carla seria capaz de fazer aquilo.

Carla estava na cozinha de Gustavo pela segunda vez. Ela era enorme, ampla e permitia que a luz do sol tornasse o ambiente muito fresco e agradável. Ela abriu as portas francesas e deixou que a brisa entrasse na cozinha. Só conseguia imaginar o trabalho que não daria para limpar e riu de si mesma.

Abrindo a geladeira, pegou tudo que precisaria. Fez suco de laranja, preparou ovos, café, torradas, panquecas que recheou com geleia de framboesa que encontrou na geladeira. Cortou várias frutas de cores bem diferentes e acrescentou uvas e framboesas, colocando em duas tigelas brancas. Em outras tigelas colocou vários cereais e cobriu com mel. Viu alguns *muffins* e *croissants* sobre a ilha de aço e madeira que dividia a cozinha e pensou que devia ter sido Julieta quem fez para mimar Gustavo.

Arrumou a mesa com a louça mais linda que encontrou nos armários. Foi ao jardim e voltou com algumas flores. Colocava em um vaso no centro da mesa redonda quando Gustavo chegou à cozinha e viu a mesa posta.

— Carla, você preparou café da manhã para um exército?

— Exagerei tanto assim? — perguntou um pouco sem graça porque realmente havia muita comida ali. — É que você é um homem grande e se comer como meu irmão Miguel... Bem, como eu não sabia ao certo do que você gostava, eu fiz um pouco de tudo.

— Talvez um pouquinho, mas esse seu café está com um cheiro ótimo! Vamos comer, então — disse ele sorrindo pela primeira vez desde que ela chegou ali e só aquele sorriso já fez valer a pena preparar aquela refeição para ele.

Comeram sentados um ao lado do outro e conversaram sobre vários

assuntos, mas evitaram falar de Vivian.

— Gustavo, será que não está na hora de você pensar em voltar a namorar?

Aquela pergunta inesperada o fez se engasgar e Carla disfarçou sua vontade de rir batendo de leve nas costas dele.

— Carla, eu acho que... isso é algo... De onde veio essa pergunta, afinal? Acho que está tudo tão recente que...

— Gustavo, recente? Como assim? Na qualidade de sua amiga, me sinto na obrigação de te dizer que não tem homem suficiente no mundo para tanta mulher. E quando um homem com seus predicados fica fora do mercado por opção, vale ressaltar, o mínimo que posso dizer é que está sendo egoísta — disse ela esforçando-se para exprimir credibilidade à sua afirmação.

— Quer dizer que eu sou um homem egoísta por não ter planos de me envolver e tornar uma mulher solteira uma mulher comprometida. É o que está me dizendo? — questionou ele colocando a mão sob o queixo.

— Foi exatamente isso que quis dizer! — afirmou pegando uma tigela com cereais e frutas e começando a comer. — Você é um homem lindo, extremamente charmoso, um engenheiro brilhante, tem esses olhos azuis incríveis que faz as meninas esquecerem o próprio nome e está solteiro. Vai me dizer que não percebeu como as mulheres da festa ontem olhavam para sua mesa? Você só dançou com Julieta e comigo. Devia se sentir envergonhado. Podia ter feito a alegria de, pelo menos, meia dúzia de donzelas, mas você ficou lá sentado na sua mesa perfeita quando podia estar cercado de damas.

— Talvez, eu tenha perdido o talento de reconhecer esse tipo de interesse das damas. Além disso, havia outros homens naquela mesa, como sabe que elas olhavam para mim?

— Elas olhavam para o Miguel, para o Inácio, para o Máximo e para você, meu amigo. Já ouviu falar na expressão “*o que cair na rede é peixe*”?

— Então qualquer um de nós serviria. Não necessariamente eu... — disse continuando a comer sua panqueca, mas se divertindo com a conversa.

— Algumas das damas vieram me perguntar se você estava saindo com alguém, tive que despachar algumas porque não passaram no meu controle de qualidade, mas para umas quatro eu disse que, até onde eu sabia, você estava lindo e desimpedido.

— A expressão correta é *livre e desimpedido* — brincou ele.

— Eu sei, Gus, mas lindo e desimpedido combina mais com você — disse o fazendo rir.

— Me fale mais sobre seu controle de qualidade.

— Sabia que iria perguntar — falou deixando de dar uma mordida

no croissant e colocando de volta ao prato empolgada por explicar sua teoria. — É assim que funciona as três regras do controle de qualidade: primeira, as pretendentes a namorar um dos meus amigos precisam ter um trabalho, alguma ocupação para não o sufocar e deixá-lo sem tempo para os amigos, ou seja, sem tempo para mim; segunda, ela tem que deixá-lo mais feliz do que estava antes de conhecê-la, se não deixar, tem algo errado e terceira, mas não menos importante: ela tem que saber dizer o que precisa ser dito ao meu amigo, sem deixá-lo se sentindo um idiota.

— As duas primeiras eu entendi e tem certa lógica, mas essa última... ficou meio confusa.

— É mais ou menos assim, digamos que você começa a namorar uma garota e ela atende maravilhosamente bem às duas primeiras regras, mas imagine a situação hipotética: ela sempre se lembra de detalhes importantes como o fato de você não comer nozes porque é alérgico e, por isso, ela sempre escolhe pratos que não tenham esse alimento, mas quando seus amigos aparecem para visitar vocês, você se esquece que ela está ali também e a ignora por completo. Então, usando toda a sabedoria feminina, ela faz você se lembrar que um namoro envolve duas pessoas e há coisas que é esperado que você faça por sua namorada e ela faça por você sem que tenham que pedir. Dar atenção à sua namorada é uma delas. Ela não vai embarcá-lo na frente dos amigos. Vai aguardar estarem a sós e vai conversar com você sobre como se sente. Acontecendo novamente, ela pode simplesmente te privar de algo que seus amigos não podem te dar e assim você nunca mais vai esquecer de incluí-la nas conversas da próxima vez que seus amigos aparecerem.

— E como percebeu que as garotas que despachou na festa ontem não atenderiam aos requisitos do seu controle de qualidade?

— Eu tenho olho clínico para esse tipo de coisa. Treinei muito com Xandinho — disse rindo. — Agora, na primeira frase que elas dispararam, eu já sabia se dariam certo com você ou não.

— Entendi esses seus critérios.

— Será que entendeu mesmo, Gustavo? Por exemplo, há uma infinidade de coisas que sua namorada pode fazer por você que seus amigos não podem.

— Sei disso. Havia certos assuntos que eu só conseguia me abrir com a Margot e com mais ninguém. Eu sentia que podia conversar com ela sobre qualquer coisa. Não que eu não confiasse o suficiente no Dante, que era meu melhor amigo, para me abrir com ele, mas minhas inseguranças não permitiam que eu fizesse.

Ele ficou pensativo e em silêncio.

— Gus, sei que ainda tem sentimentos pela Margot, mas chegou a hora de seguir em frente, amigo.

— Para me envolver, Carla, eu preciso entrar em uma relação por inteiro. Preciso saber que sou capaz de fazer quem está comigo feliz. De outro modo, eu me sentiria leviano, porque estaria brincando com os sentimentos de alguém. Não sei se isso seria possível.

— Você sofreu muito com tudo o que aconteceu. Eu admiro como você conseguiu superar tudo que precisou enfrentar esses anos todos.

— A Margot foi a única mulher que eu amei, Carla. Não nego que ela sempre vai ocupar um lugar especial nas minhas memórias, mas a nossa chance de ficarmos juntos ficou no passado. Eu tenho plena consciência disso. Acho que não me senti mal ao vê-la com Demétrius, porque estava evidente que eles estão apaixonados. E eu também jamais me colocaria entre eles. Aprendi a gostar e respeitar o Demétrius. Ele a faz feliz e isso é tudo que importa.

— Você conseguiu perdoá-la, Gus? Não sente raiva por ela ter sustentado essa mentira por tanto tempo?

— Nossa! Que delícia! — disse ele mordendo outro pedaço de panqueca e sorrindo ao apreciar o sabor. — Você não vai parar mesmo de me chamar assim, não é mesmo?

— Não, eu não vou e você não respondeu a minha pergunta.

Ele sabia disso e pensou um pouco em como se sentia sobre isso antes de responder.

— Carla, hoje eu compreendo as motivações dela. Margot, na época, só tinha quinze anos e tinha perdido o pai e um irmão. Margarida sabia que Dante era tudo para ela àquela altura... eu queria que as coisas tivessem sido diferentes e eu senti muita raiva, muita mágoa por anos. Mas, com o tempo, percebi que esses sentimentos só afetavam a mim mesmo e eu não poderia sentir raiva dela para sempre. Acho que não seria capaz, já que ela está presente em minhas melhores lembranças.

— Meu amigo, como eu te admiro! — Carla se levantou e deu um beijo na bochecha dele.

Gustavo sabia que tinha ficado com a bochecha suja de manteiga, do croissant que ela comia, mas não se importou. Já estava se acostumando àquelas demonstrações de afeto tão espontâneas vindas de Carla e respondeu:

— Eu também admiro muito você, Carla Faustino — completou sorrindo. — Obrigado por estar aqui. Você me ajuda a esquecer que lá fora o mundo pode ser sombrio e perturbador, às vezes.

— O meu pai sempre diz que o mundo é o que fazemos dele, meu amigo. Você tornou o meu mundo mais feliz e estar com você me faz bem —

disse ela após tomar um pouco de suco. — Então, não precisa agradecer. Porque é você quem vai lavar a louça.

Gustavo não resistiu e riu muito ao ver a pilha de louça suja sobre a pia pela primeira vez.

Ele viu quando Carla colocou várias guloseimas do café da manhã em uma bandeja. Não deram conta de comer nem a metade. Acrescentou duas canecas com café fumegante e sachês de açúcar. Quando Gustavo perguntou aonde ela iria com aquilo tudo, Carla disse que levaria para os dois seguranças da guarita. Seria um desperdício muito grande jogar tudo aquilo fora.

Gustavo observou pelas portas francesas Carla atravessar o jardim levando a bandeja e viu que seus seguranças pareceram hesitantes em aceitar a oferta, mas bastou Carla sorrir que um deles aceitou e pareceu agradecer. O outro se aproximou e agradeceu também, sorrindo de volta para ela.

Ela é assim. Sempre divide a alegria que tem. O mundo seria melhor se todos tivessem uma Carla em sua vida — pensou Gustavo rindo consigo mesmo terminando de secar a louça.

Passaram o dia juntos. Ela nem acreditou na coleção de carros que Gustavo tinha na garagem subterrânea.

— Gustavo, a maioria ainda está com plástico protegendo os bancos. Quer dizer que...

— Sim. São itens de colecionador. Perdi um recentemente — disse lembrando do *Bugatti Veyron* que sua irmã trocou por explosivos.

— Mais ainda tem onze. Onze é um bom número.

— O que está pensando?

— Já assistiu ao filme “Curtindo a vida adoidado”?

— Não.

— O quê? É um clássico e eles usam aquela *Ferrari Modena* linda no filme que...

— Eu quis dizer não, nós não vamos sair com nenhum desses carros. A propósito, nesse filme, eles destroem essa Ferrari. É isso que quer fazer com a *Lamborghini*? Qual parte de item de colecionador você não entendeu?

— A parte que acaba com a graça de ter essas máquinas lindas e não poder sentir como elas podem deslizar sobre o asfalto.

— Estou tendo um *deja vu* — pensou no que sentiu quando saiu atrás da irmã quando ela roubou o carro.

— Vamos dirigir um deles hoje? Considere como o meu presente de aniversário.

— Seu aniversário é hoje?

— Não, já passou, Gus. Foi no dia da festa, mas está valendo ainda

— disse com a mão sobre o coração ao passar os dedos por uma *Lamborghini Aventador* preta. — E eu já escolhi.

— É negociável? — perguntou ele vendo como ela se abraçava ao capô do carro.

— Claro! — Carla sabia que ele cederia e estava disposta a ceder também, mas sabia que ainda naquele dia iria dirigir aquela *Lamborghini*. — Podemos ir no seu Ford Mustang 1961.

Meia hora depois, Carla estacionava a *Lamborghini* em um shopping em Copacabana.

— Como você sabia que eu não deixaria usar o Mustang?

— Gustavo, você tem carros incríveis naquela garagem, mas de todos os onze, o *Mustang* é o único, que se fosse meu, também não deixaria ninguém encostar nele.

— Muita esperta. E por que precisamos vir até Copacabana? Tem um shopping em São Conrado, sabia? — perguntou já sabendo a resposta.

— Gustavo, por que eu não iria aproveitar nada meu presente de aniversário indo em um shopping no mesmo bairro em que você mora.

— Podíamos ir a qualquer lugar, por que um shopping?

Ela cochichou algo em seu ouvido.

Quando Gustavo deu por si, já estava na fila para comprar pipoca e refrigerante. Carla o convenceu a ir ao cinema, algo que Gustavo não fazia há muitos anos e ela escolheu o filme *John Wick 3*.

— Carla, eu não vi nem o primeiro nem o segundo filme, não vou entender nada.

— Vai sim, porque eu vou te encher de *spoilers*, vamos logo que o Keanu Reeves está me esperando. — E dizendo isso, saiu puxando Gustavo que tentava equilibrar os refrigerantes e o saco gigante de pipoca que ela entregou para ele.

Por incrível que pareça, Gustavo adorou o filme de ação que ela escolheu, mas se impressionou com o quanto Carla vibrava sempre que o ator principal aparecia em cena. Não fazia ideia que Carla apreciava filmes tão violentos, cheios de explosões, lutas, mas quando viu os carros do filme, ele entendeu.

Se divertiram muito e atraíram vários olhares enquanto caminhavam em direção ao carro conversando sobre as cenas que mais gostaram.

— Com licença — três moças muito bem vestidas se aproximaram deles com sorrisos no rosto e parecendo muito empolgadas olhando para Gustavo. — Desculpe. Não queremos atrapalhar vocês, mas poderia dar um autógrafo para a gente?

Elas estenderam um bloquinho e caneta na direção de Gustavo.

— Autógrafo? — Gustavo não entendeu o que elas queriam dizer.
— Devem estar nos confundindo com alguém...

— Não, você é o herói que resgatou as pessoas que foram soterradas por aquele prédio meses atrás, não é? Gustavo Grael?

— Sim, sou eu. Quer dizer, eu não sou herói n...

— Ele é um grande herói, sim. Dá logo o autógrafo para as moças bonitas, Gus. — Carla deu uma cutucada nele nada discreta e as moças sorriram para ela.

Ele assinou o autógrafo e Carla ainda sugeriu tirar fotos com os celulares delas para guardar de recordação. As moças disputaram quem ficaria em cada lado de Gustavo e ele ficou muito desconcertado com a forma como elas o abraçavam.

— Para de agir como cupido — disse Gustavo a encarando com uma sobrancelha arqueada.

— Eu não fiz nada de mais. Nada que uma amiga não deva fazer. Vamos para casa, meu herói.

Carla e Gustavo se despediram com um abraço apertado e ele abriu a porta do carro dela. Sabia que sua amiga relutava em ir embora. Não queria deixá-lo, mas ela precisava ver sua família.

— Fica bem, Gus. Tenta dormir um pouco. Deve estar exausto.

— Vou tomar um banho e ver se o sono vem.

— Obrigada pelo presente incrível e olha para cá — disse se pendurando no pescoço dele e disparando o flash do celular novo que comprou.

Gustavo piscou várias vezes com o flash repentino.

— Essa é sua técnica de fotografia? Deixar as outras pessoas cegas?

— Relaxa! — Riu vendo a foto. — Ficou ótima e agora vou poder lembrar do nosso primeiro cinema juntos para sempre — dizendo isso, beijou sua bochecha e foi embora.

Gustavo entrou em casa se sentindo muito melhor do que quando chegou de madrugada. Foi direto tomar um banho e se trocou pensando em ler um livro para se distrair. Ainda não estava com sono e comeu tanta pipoca que nem pretendia jantar.

Descia as escadas indo até seu escritório quando ouviu o toque da campainha. Pensou que Carla tinha esquecido alguma coisa, mas teve outra surpresa ao abrir a porta.

— Oi, Sr. Grael.

— Aquiles? Eu não esperava vê-lo aqui...

— Eu cheguei em uma hora inapropriada? — perguntou o rapaz

vendo que ele tinha uma toalha no pescoço e os cabelos estavam molhados.

— Não. Claro que não. É muito bom te ver. Muito bom mesmo — falou sorrindo feliz e surpreso ao mesmo tempo. — Eu só não esperava que você quisesse me ver, depois de nossa última conversa e... Por favor, entre.

Disse percebendo que conversavam ainda na porta de entrada da casa. O rapaz estava com uma mochila nas costas.

Deve estar vindo de algum lugar, pensou Gustavo.

— Posso te oferecer algo para beber? Se bem que já está na hora do jantar. Posso pedir uma pizza — disse indicando um dos grandes sofás para que ele se sentasse e permanecendo de pé.

— Eu estou bem, Sr. Grael. Peço desculpas por vir sem avisar e... — Nesse momento, Aquiles se deteve sobre algo que estava sobre o sofá. O olhar de Gustavo seguiu o do filho e ele viu que deixou o álbum que Dante lhe deu com as fotos de Aquiles desde seu nascimento aberto sobre o outro sofá. Congelou por um instante ao ver Aquiles se levantar e confirmar do que se tratava. O rapaz olhou para Gustavo e repassou algumas daquelas fotos. Gustavo imaginou que Aquiles desconhecia que ele tinha aquele álbum e esperou que a reação do rapaz.

— Foi um presente... do seu pai — disse Gustavo. — Acho que ele pensou que seria uma forma de eu conhecer um pouco da sua história. Espero que não se importe, Aquiles.

O jovem olhou para ele fechando o álbum e devolvendo ao local onde o encontrou.

— Está tudo bem, Sr. Grael. Fico feliz que tenha essas fotos. Eu sempre gostei de fotos porque elas têm a magia de capturar um momento único do passado. Eu gostaria de ter uma foto sua, também.

— Quer uma foto minha?

— Quero, sim. E eu gostaria de conhecê-lo melhor, Sr. Grael.

— Seu pai pediu que viesse aqui, Aquiles? Por conta do que houve com a minha... Enfim, saiba que não precisa fazer nada que não queira e...

— Eu não faço nada que não quero, Sr. Grael — disse sorrindo para ele. — Estou aqui de livre e espontânea vontade

— A lembrança de nossa última conversa ainda... te fazer sofrer é tudo que eu não queria.

— Eu lembro o que eu disse. Eu fui muito duro com o senhor — confirmou olhando no fundo dos seus olhos. — Eu estava me sentindo perdido com tantas revelações sobre minha identidade e acabei sendo cruel com alguém que não merecia. Agora eu entendo que o senhor foi quem mais sofreu com tudo isso. Não merecia ouvir as acusações que eu fiz. Me desculpe. Eu realmente

sinto muito.

— Posso saber o que fez você mudar de ideia?

— Eu não penso em outra coisa desde a festa de Natal. A Carla me fez pensar e entender que podemos tentar ser amigos. Não há nada que nos impeça.

— É tudo que eu mais quero, meu filh... Aquiles.

— O senhor pode me chamar de filho, se quiser. Afinal, também é meu pai.

Ouvir aquilo fez Gustavo sentir que acabava de receber o melhor presente de Natal que poderia desejar.

— E você pode me chamar de Gustavo. Não precisa me chamar de Sr. Grael.

— Então, Gustavo. Me mostra onde fica o meu quarto.

— O quê? — Ele acreditou que ouviu mal. — Seu quarto?

— Eu trouxe minhas coisas. Pensei em passarmos alguns dias juntos e quem sabe o senhor... você poderia ir passar o Réveillon conosco lá em casa. Meu pai e meu irmão caçula gostaram quando dei a ideia. Já que agora você... faz parte da minha família também.

Gustavo se aproximou do rapaz sem saber o que dizer. Aquiles se levantou ainda meio sem jeito e coube a ele dar o primeiro passo.

— Feliz Natal, Gustavo. Eu deveria ter desejado isso ontem — disse o jovem abraçando Gustavo pela primeira vez.

— Feliz Natal, meu filho. Ter você aqui comigo tornou este o melhor Natal da minha vida — respondeu Gustavo retribuindo ao abraço que esperou quase metade da vida para dar.

Meses depois

— Oi, Ceci! — disse Aquiles dando um beijo no rosto da filha mais nova de Valdelice.

— Ah! Meu príncipezinho lindo, que saudade! — Ela deu um abraço apertando o rapaz ao abrir a porta de seu consultório e vê-lo ali.

— Entra, Aquiles. O que te traz aqui?

— Ceci, eu gostaria de te pedir um favor. Um grande favor, na verdade. Não tive a oportunidade de conversar com você a respeito na festa de Natal e nem seria o local apropriado. Precisava ter essa conversa a sós com você.

— Senta e me diga do que se trata. Está tudo bem com você, Aquiles? Eu sinto muito por sua avó. A condenação da Isadora. O suicídio de Marcela. Tragédias horríveis e eu sinto muito por tudo isso, Aquiles.

— Eu estou bem, Ceci. Eu acho que não me sinto em luto. Margarida nunca foi uma figura presente na minha vida. Acho que só sinto pena. Ninguém merece um fim como aquele. Não contamos ao Hélió como ela morreu. Ele não precisava saber dos detalhes. Quanto à Isadora, ela ficará presa por muitos anos pelo roubo dos diamantes, por ter sido considerada cúmplice de Margarida na usurpação da herança que meu pai nem tinha conhecimento que tinha direito.

— Mas soube pela minha mãe que também aconteceram muitas coisas boas para sua família

— É verdade. Meu pai decidiu fazer bom uso dos milhões que conseguiu com o leilão dos diamantes, por conta da procedência e pureza das pedras, vieram investidores do mundo todo para participar do leilão. Junto com a Construtora Grael, ele criou uma fundação que vai planejar uma obra por ano de revitalização e reestruturação de saneamento básico e asfalto em comunidades do Rio de Janeiro. É claro que ele começou pela Comunidade do Muquiço onde a Carla mora.

— Bem, eu me referia a você estar namorando uma certa gatinha com quem eu vi você dançando agarradinho na véspera de Natal. Fazem um casal tão fofinho que dá vontade de morder.

Aquiles riu do jeito divertido que Maria Cecília falava. Ficava imaginando como ela escolheu a Psiquiatria ao invés da Pediatria para se especializar. Ela sempre se deu muito bem com ele e seu irmão. Das três filhas de Valdelice e Seu Noronha, Hélió e Aquiles se divertiam muito com ela quando dormiam na casa de Valdelice quando seu pai precisava viajar e sua tia estava muito atarefada com algum desfile ou evento de moda e não podia cuidar deles. A Maria Cecília, ou Ceci, como gostava de ser chamada, sempre teve aquele ar de moleca, apesar de ser quase dez anos mais velha que Aquiles.

— Mas me conte de uma vez o que te fez vir até aqui.

— Ceci, eu preciso que você ajude um... amigo.

— E quem é esse seu amigo?

— Na verdade, ele é mais que um amigo, mas ainda não me acostumei com a ideia de ter dois pais.

— Dois pais? Como assim, Aquiles? — Maria Cecília não entendeu e Aquiles sabia que Valdelice era discreta o bastante para compartilhar a vida particular da família de seu patrão.

— É uma história longa, mas vou te contar tudo que sei porque acho que vai precisar saber para poder ajudar o Gustavo Grael, o meu outro pai.

Dias depois

Gustavo chegou ao consultório e confirmou o nome na porta sabendo que estava no lugar certo.

O consultório era decorado em tons harmoniosos e serenos de azul e após se apresentar à secretária foi anunciado e logo pôde entrar no consultório.

— Como vai, Gustavo?

— Bem, Dr^a Maria Cecília — disse impressionado com a beleza da médica. Não se lembrava de ter sido atendido por nenhuma médica tão jovem e, muito menos, tão bonita em sua vida.

— Tente se deitar de modo mais confortável possível nesse divã à sua frente, por favor, e pode me chamar de Cecília, Gustavo.

Ele assentiu e fez o que ela pediu. Ele demorou a encontrar uma posição e optou por se sentar ao invés de deitar. Ceci observava a linguagem corporal de Gustavo e como ele transpirava, mesmo a sala estando a agradáveis 23 graus de temperatura.

— Está desconfortável por estar aqui?

— Desconfortável não seria a palavra, Cecília. Eu me tornei bastante cético quanto aos resultados que posso esperar dessas consultas. Eu já fiz análise, terapia antes e nenhum dos outros psiquiatras conseguiu me ajudar. Todos me prescreviam remédios que me deixavam dopado o dia inteiro e me impediam de trabalhar e de fazer coisas simples como dirigir. Não quero que pense que estou desmerecendo o trabalho de seus colegas de profissão ou o seu. Não é isso, mas deixo claro que só vim até aqui, apenas porque é importante para o meu filho. Mas acredito que estou quase totalmente curado. Faz muitas semanas que não tenho nenhum... episódio anormal. Minha qualidade de vida melhorou consideravelmente.

— Eu conheço um pouco do seu caso através da perspectiva de seu filho Aquiles, mas gostaria que me falasse mais sobre como se sentia sempre que um desses “episódios” aconteciam, mas que primeiro me contasse um pouco sobre sua família.

Gustavo Grael começou falando de sua família. Contou dos pais que já tinham falecido e da irmã Vivian que foi sentenciada a encarceramento perpétuo, mas em tratamento em um hospital psiquiátrico. Ele ia visitá-la toda semana, mas ela já não o reconhecia mais. E, no fim, ele achava aquilo bom. Assim, ela não sofreria tanto e também permitia que Gustavo se aproximasse sem se agitar demais como quando foi presa. Se apresentava como seu irmão mais velho e ela contava como tinha sido sua semana. Na semana seguinte fazia tudo novamente, porque ela nunca recordava quem ele era.

Em seguida, Gustavo contou sua história com Margot Albertine e

todos os desdobramentos. Não gostava de reviver esses fatos, mas era preciso. Fazia aquele esforço a pedido de seu filho. Prosseguiu, contando sobre como foi sua primeira crise e tudo que sentia quando seus transtornos se manifestavam e o que fazia para controlá-los. E por alguns indicativos de comportamento, ela percebeu que ele omitia algumas informações, mas decidiu não o pressionar por hora. Ele precisava confiar nela para que o tratamento que tinha em mente funcionasse.

— Resumidamente, é isso, Cecília.

— Por ora, estou satisfeita, Gustavo. Me diga como foi a sensação de se desfazer da barra de ferro e da outra de madeira?

— Como assim?

— Bem, você disse que sua qualidade de vida melhorou significativamente e quase não apresenta mais sintomas resultantes dos transtornos obsessivos compulsivos. Uma vez que elas eram utilizadas para suprimir esses sintomas, você não precisa mais se auto flagelar, não estou certa?

Ele ficou em silêncio.

— Posso entender seu silêncio como um não? Você ainda não se desfez dos instrumentos de tortura que se impunha?

— Eu não tenho feito uso deles há semanas. Os hematomas em meu corpo quase não são mais visíveis.

— Se não precisa mais deles, por que os mantêm ao seu alcance?

— Eu... posso voltar a precisar — disse honestamente.

— Gustavo, você não precisa deles. Nunca precisou deles e se punir dessa forma nunca te ajudou realmente. Só te trouxe mais dor e sofrimento. O que você fazia a si mesmo, apenas entorpecia seus sentidos. Mas entorpecimento e cura não significam a mesma coisa.

— Eu sei disso, Cecília, mas o entorpecimento provocado pela dor me permitia trabalhar, diferentemente dos medicamentos tarja preta que seus colegas me receitavam.

— Eu quero te propor que me traga na próxima consulta essas duas barras de punição para que eu me desfaça delas.

— O que me impediria de conseguir outras, Cecília? Se realmente eu sentisse que preciso para ter um pouco de controle sobre tudo isso que acontece comigo?

— É mesmo uma ótima pergunta e a resposta para ela é que estaria enganando não a mim, mas a si mesmo. Se punir dessa maneira, afetaria o sucesso do método que estou propondo. Além disso, Aquiles é outra prova do que estou afirmando.

— Não entendi o que quer dizer com isso.

— Você disse que quando soube que seu filho nasceu e está vivo não ouviu mais as vozes, correto?

— Exato.

— Eu penso numa relação ausência e supressão. Seu subconsciente orquestrava essas ilusões sensoriais que faziam você ouvir o choro de um bebê, por exemplo. A sua suposta culpa potencializou seus efeitos e fizeram com que você ouvisse esse choro que ninguém mais ouvia. Porque ele sempre esteve aqui na sua cabeça, Gustavo. Mas agora você tem consciência de que não provocou a morte de seu filho e encontrou paz de espírito. Seu inconsciente parou de te condenar porque você já sabe que não teve culpa alguma. Seu filho não morreu. Você não prejudicou ninguém como se culpou todos esses anos. Aquiles cresceu e já é praticamente um homem feito.

— E o que sugere que eu faça sobre os outros sintomas que eu sinto?

— Vamos esmiuçar a sua vida para identificar o que de significativo está faltando nela e, conseqüentemente, está te impedindo de ser plenamente realizado. Usando suas palavras, assim você retomará o controle de seu corpo e de sua vida.

— Começaremos com o quê? — perguntou Gustavo cautelosamente. Se abrir para estranhos nunca foi uma tarefa fácil para ele.

— Antes de tudo, com confiança. Preciso que você confie em mim. Sei que poderá levar algum tempo para que isso aconteça, mas este é o meu número caso precise de mim. Eu assumo poucos pacientes por vez para poder atendê-los pessoalmente, caso precisem de apoio ou orientação.

— Por isso, o seu tratamento equivale ao preço de um imóvel? — perguntou ele diretamente.

— Sim. De fato, é por isso. Eu valorizo o meu tempo, porque preciso estar concentrada e disponível para meus pacientes. Se precisar falar comigo qualquer hora do dia ou da noite, você vai conseguir.

Ele franziu a testa e ela leu sua expressão ao responder:

— Eu não tenho vida amorosa. Eu vivo para o meu trabalho durante esse período de seis meses. Abdicar de uma vida privada e até de um relacionamento amoroso foi minha escolha para atender às necessidades dos meus pacientes.

— Me desculpe. Eu não tive a intenção de ofendê-la.

— Não ofendeu. Tem mais alguma pergunta que queira fazer a esse respeito. Sinta-se à vontade. Acho justo que tenha perguntas a meu respeito, uma vez que sei tanto sobre você.

Gustavo pensou com cuidado antes de formular a pergunta. Mas não

encontrou nenhuma forma de perguntar aquilo sem parecer sexista.

— Qual é sua pergunta, Gustavo? Não pode haver melindres entre nós. É só assim que poderemos avançar.

— Bem, então correndo o risco de soar preconceituoso, afinal, você é uma mulher jovem, atraente e está renunciando a uma área importante da sua vida...

— Não foi uma pergunta, mas eu compreendi o ponto onde quer chegar. Eu já ouvi esse tipo de comentário e não me senti ofendida, Gustavo. Desde que sua opinião não desqualifique meu trabalho por eu ser jovem ou por ser jovem e atraente demais para ser competente, você não estará sendo preconceituoso ou machista comigo. Eu não pretendo me casar ou ter filhos. A minha carreira está no centro de minhas prioridades. Quero apenas me sentir realizada em todas as áreas que são importantes para mim. Respondi à sua dúvida? Podemos ir adiante agora ou quer ter tempo para considerar os prós e contras da abordagem do tratamento? É você quem decide.

Gustavo tentava não demonstrar o quanto estava impressionado com a médica e o que ela propunha. Cecília era delicada, mas a presença dela, ao mesmo tempo, lhe transmitia força. E a forma como ela conseguia lê-lo demonstrava o quanto a psiquiatra era perspicaz.

Ele refletiu que tinha recursos mais que suficientes para prosseguir e, de qualquer modo, foi um pedido de seu filho e, por ele, faria qualquer coisa. O pior que poderia acontecer é que aquela abordagem fosse mais um tratamento improdutivo e frustrante, mas saberia lidar com isso, como lidou das outras vezes.

— Vamos prosseguir, Cecília — disse concordando com a cabeça.

— Pois bem... investigaremos as causas para tentar encontrar a resposta. Faremos isso juntos, Gustavo. Sem drogas. Garanto que não vou prescrever nenhum ansiolítico como foi feito anteriormente. Para que o tratamento que eu estou propondo apresente resultados satisfatórios, preciso que sua mente esteja bem desperta e esse tipo de medicamento, além de causar dependência, exerce um efeito sedativo sobre suas emoções, reduzindo o sofrimento, a ansiedade e a angústia do paciente temporariamente apenas. Queremos que você retome o controle da sua vida em todos os aspectos. Se desejar prosseguir com o tratamento, seguiremos com essa abordagem pelos próximos seis meses.

Ele sorriu. Gostava dela. Achava que talvez pudesse dar certo.

— Eu quero tentar, Cecília. Pelo Aquiles e por mim, iremos em frente.

— Que bom, Gustavo. Nossas sessões serão realizadas três vezes

por semana pelos próximos seis meses. Eu respeitarei sua agenda profissional e me adequarei a ela, para isso preciso conhecê-la. Horário que costuma ir e voltar do trabalho. Viagens agendadas. Suas restrições, caso existam, por conta de compromisso de ordem particular.

— Claro. Trarei todos esses dados por escrito.

— Está ciente de que existe a possibilidade de nos vermos com frequência fora do consultório devido à minha mãe trabalhar para Dante Albertine, não está? Nós frequentamos a casa dele.

— Sim.

— Talvez, seja melhor não falarmos do tratamento fora do consultório com outras pessoas. É suficiente que seu filho e apenas outras pessoas muito próximas a você saibam.

— Estou de acordo.

— Sabia que eu vi seu filho crescer, Gustavo?

— Viu? — O sorriso se abriu no rosto dele.

— Sim. Boa parte da infância e adolescência dele, eu pude acompanhar. Ele dormia na minha casa com o irmão menor quando o pai viajava. Minha mãe e todos nós nos afeiçoamos muito a Aquiles e Hélio. Eu não costumo atender pacientes que frequentam meu círculo de relacionamentos, mas abri essa exceção pelo Aquiles, pela primeira vez na minha carreira.

— Poderemos falar sobre ele aqui durante as sessões?

— Sim, não vejo por que não.

— Eu gostaria muito. Obrigado.

Aquilo fez com que ele sorrisse. Gustavo apreciava ouvir as pessoas que fazem parte do cotidiano de seu filho falarem sobre Aquiles e assim ele podia conhecer um pouco mais da história do rapaz.

— Vamos continuar então, Gustavo. Ainda temos quinze minutos antes da sessão terminar.

— Pergunte o que quiser.

— Você está em algum relacionamento amoroso no momento, Gustavo? — A pergunta o fez lembrar da conversa que teve com Carla, dias atrás.

— Não. Não há ninguém.

— Quando terminou seu último relacionamento?

— Eu tinha dezoito anos.

Ela tirou os óculos e, estreitando os olhos, perguntou com a expressão impassível no rosto:

— Está dizendo que desde que você e Margot Albertine romperam, você não teve nenhum relacionamento amoroso com outra mulher?

— É exatamente o que estou dizendo, Cecília.

— Por quê?

— Porque eu a amava e talvez...

— Talvez ainda a ame?

— É possível. Acho que amar alguém por tanto tempo torna a ideia de deixar de amar um pouco indefinida.

— Precisaremos descobrir se ainda a ama, Gustavo. Considerando que ela foi um fator chave para os TOC's surgirem, teremos que fazer algumas experiências para que eu possa observar como reage a ela.

— Não está dizendo que...

— Sim. É isso mesmo. Mas fique tranquilo que a oportunidade se apresentará naturalmente. Eu te asseguro. Será inevitável daqui para frente que vocês não se encontrem. Na verdade, temos até duas datas já previstas disso acontecer.

— A que se refere exatamente?

— O aniversário de Aquiles e o casamento de Dante Albertine. Vocês dois estarão presentes em ambos os eventos, o que é bem providencial, pois poderei observar como reage a ela. Em outro contexto, minha presença poderia afetar a forma como ela se comportaria também. Mas toda a minha família foi convidada para esses dois eventos, então nenhum dos dois vai me notar.

— Mas se resumirá a observação, correto? Eu não quero ser inconveniente e fazer com que Margot se sinta incomodada com minha presença.

— Não será, Gustavo. A intenção do tratamento nunca será expô-lo sem um propósito válido. Eu só irei observar vocês dois. Mesmo que toda a conversa se resuma a amenidades como um “*Bom dia. Como vai?*”

— Fico feliz em saber.

— Agora falando de sexo, com que frequência você pratica?

O silêncio de Gustavo fez com que ela levantasse a cabeça e repetisse a pergunta.

— Eu me refiro a frequência mensal que você faz sexo, Gustavo. Compreendeu minha pergunta?

— Sim, compreendi, o que não entendo é em que o número de relações sexuais seria relevante?

— Gustavo, antes de mais nada, preciso que compreenda que — fez uma pausa colocando os óculos e cruzando as pernas — aqui é uma zona livre de julgamentos. Uma zona segura. Tudo que é dito neste consultório ou em qualquer lugar se referindo ao seu tratamento não será compartilhado externamente com ninguém. O sigilo médico-paciente rege minha conduta

profissional. E respondendo à sua pergunta, para que eu analise quais estratégias devo tomar para que seu tratamento seja mais eficaz, eu preciso te conhecer. Lembra-se do que eu disse antes? *Vamos esmiuçar a sua vida para identificar o que de significativo está faltando nela e conseqüentemente está te impedindo de ser plenamente realizado.* — Ela voltou a se concentrar em suas anotações.

— Então, qual foi a frequência nos últimos três meses? — persistiu.

— Nos últimos dois anos, duas vezes. — Ele respondeu embaraçado.

— Pode me dizer por que se tornou um celibatário? Um homem saudável como seus exames apontam e bonito como você, reduziria tanto a frequência de buscar satisfação sexual por quê?

— Meu domínio próprio está sob controle, Cecília. Quando sentia que era inevitável, eu buscava em outras cidades em encontros com...

— Profissionais do sexo.

— Sim. Assim, dificilmente seria reconhecido. Não quero me expor, desnecessariamente.

— Sofre de algum problema como disfunção erétil ou ejaculação precoce? — Foi o pensamento mais coerente que ocorreu a Cecília e explicaria um nível de abstinência tão elevada para um homem da idade e com os atributos de Gustavo.

— Não. Meu problema é justamente o contrário.

— Como assim, Gustavo? Pode ser mais específico, por favor.

— Elas acabam... desistindo.

— Pode ser ainda mais específico? Eu ainda não entendi. Por que elas desistem?

Ele se sentia desconfortável, mas tinha concordado com tudo aquilo e então respondeu da forma mais minuciosa possível:

— As profissionais do sexo acabam exaustas depois do quinto, sexto orgasmo e eu continuo.... — Ele fez um gesto firme levantando o braço com o punho fechado, o que fez a Dr^a Cecília se ajeitar na cadeira.

Ela pigarreou e perguntou sem rodeios:

— As mulheres que você contratou ficaram exaustas, após alcançarem vários orgasmos, contudo, você se sente frustrado por querer continuar e elas não conseguem acompanhar seu... — pigarreou novamente — seu vigor sexual. É o que está dizendo?

— Exatamente. Muito bem explicado.

— E pensando em números, recorda-se de quando você se sentiu mais próximo de alcançar esse esgotamento?

Cecília afirmava intimamente para si mesma que aquela pergunta

era estritamente profissional e aguardou ele refletir a respeito.

— Eu acredito que foi há cerca de um ano e meio mais ou menos quando uma profissional do sexo propôs que eu experimentasse ter mais de uma parceira naquela noite.

— Você fez sexo com duas mulheres? — Ela mordia a tampa da caneta e cruzava as pernas novamente. — Prossiga... como foi a experiência?

— Eu concordei, mas determinei que seria uma mulher por vez. A ideia de ter duas mulheres ao mesmo tempo nunca foi uma fantasia para mim.

— Entendi. Então fez sexo quantas vezes com a primeira?

— Apenas cinco.

— Apenas? — A médica bebeu um pouco d'água e fez um gesto com a mão para que ele prosseguisse. — Mas o tempo de duração de cada ato sexual foi em média de quantos minutos. Assim... por alto?

— Eu geralmente não cronometro, Cecília, mas nunca ultrapassou uma hora cada ato.

— Gustavo, a que horas a primeira moça começou a oferecer os... serviços dela?

— Nesse dia, às quatro da tarde. Lembro que saí mais cedo do escritório, por esse motivo.

— Que bom que sua memória é excelente. Então, a que horas ela... vocês terminaram?

— Um pouco antes das nove.

— Mas ela parou algumas vezes, é lógico.

— Sim. Paramos três vezes, porque precisei atender ligações urgentes. Fiquei cerca de dez a vinte minutos ao telefone e depois retomamos.

— E... com a segunda? — Ela pegou o controle do ar-condicionado e reduziu ainda mais a temperatura até chegar a dezenove graus.

— Eu paguei por dois quartos. Havia uma porta que conectava os dois. Paguei pelos serviços da primeira e, após tomar um banho, a segunda profissional sugeriu que comêssemos algo leve para eu repor as energias. Depois da rejeição, ela me atendeu mais quatro vezes com uma única interrupção dessa vez. Infelizmente, ela alcançava o ápice muito rapidamente. Ficamos naquele quarto por menos de três horas. Voltei para casa e precisei tomar um banho frio, porque...

— Sua libido não foi satisfeita adequadamente. — Ela completou. Ele se restringiu a confirmar com a cabeça.

— Gustavo, talvez se você reduzisse o espaço entre suas relações sexuais...

— Eu, muitas vezes, não preciso de sexo, Cecília. Espero que não

me ache anormal por fazer isso, mas eu paguei por muito tempo para ter companhia. Apenas para não ficar sozinho.

— Por quê? Seus amigos não seriam os mais indicados para...

— Eu nunca fui considerado muito sociável... As crises podem eclodir a qualquer momento e percebo os indícios. E como, geralmente, as noites de *happy hour* acontecem em bares lotados e isso pode ser um gatilho para eu sentir os sintomas, evito multidões.

— Por quanto tempo tem feito isso? Evitar as pessoas dessa forma?

— Aquiles fará dezoito anos. A minha primeira crise aconteceu três ou quatro anos depois do ano que ele nasceu.

— Precisamos encontrar uma parceira sexual que seja tão insaciável quanto você.

— Cecília, eu não sei se isso seria uma boa ideia.

— Você precisa e estou aqui para te ajudar a ter o que precisa. Como é o seu tipo de garota? — disse ela tentando mostrar que não dava tanta atenção à resposta.

— Nunca tive um perfil específico.

— Todo homem tem uma preferência.

— Eu prefiro as resistentes.

Ouvir aquilo arrepiou cada poro do corpo da Dr^a Maria Cecília da Silva Noronha.

— Pois eu conheço a garota ideal para você.

— Mas como assim?

— A encontre hoje às vinte horas neste endereço. Agora, acabou sua sessão e tenho um compromisso inadiável, mas pode me ligar se quiser.

— Dr^a Cecília, mas como eu vou reconhecer essa garota?

— Gustavo, ela vai saber quem você é. Não se esqueça do que eu disse, é o meu trabalho atender às necessidades dos meus pacientes, mas apenas as necessidades que podem contribuir para que eles tenham uma vida plena e feliz. Sexo faz parte da vida. E é uma parte que precisa ser vista com mais prioridade por você. Aumentaremos a frequência dos encontros com ela gradativamente até que você diga que está satisfeito com a regularidade dos encontros.

— Essa abordagem de tratamento eu nunca teria imaginado, Cecília.

— Eu sou da filosofia que se o tradicional não funciona, devemos tentar caminhos menos ortodoxos. Traga na próxima sessão as duas barras e não minta se adquirir outra. Lembre-se que não está enganando a mim.

Quando Gustavo imaginaria que a garota em questão realmente o faria se sentir completamente esgotado? Deitado naquele motel, em meios aos lençóis, ele observava a linda Dr^a Maria Cecília da Silva Noronha dormir, após compartilharem doze gloriosos momentos de puro êxtase e satisfação. Ele estava fraco naquele momento, mas muito perplexo com o fato de ter algo tão especial em comum com a linda médica.

O tratamento prosseguiu conforme foi descrito em seu consultório, contudo, ela propôs que se testassem mutuamente entre aquelas paredes, pois sentia a mesma frustração que ele. Sabia que cruzava os limites da ética médica, mas não prejudicaria ninguém. Ali não seria a Dr^a Maria Cecília, seria apenas uma mulher em busca da mesma satisfação que ele. Nunca imaginou encontrar um parceiro que tivesse o mesmo apetite sexual insaciável que ela tinha e se sentia frustrada por não achar alguém capaz de satisfazê-la plenamente. Ouvir Gustavo mais cedo a fez pôr de lado, pela primeira vez em sua carreira, uma regra que ela sempre se impôs: nunca, jamais, em hipótese alguma deveria se envolver com um paciente dessa maneira. Até aquela noite, cumpriu rigorosamente aquela regra, mas doze é um número que merece ser respeitado, repetido e desafiado a ser superado. E aquele encontro improvável seria o primeiro de muitos e o início de algo mais na vida dos dois.

— Podemos acabar com os coroa, Inácio.

— Primo, eu posso descansar por um momento?

— Descansar? São só quatro tempos de dez minutos. Esse é o último. Acabamos de vir de um intervalo.

— Aquiles, eles podem ser mais velhos, mas sei que Gustavo e Dante eram os campeões nesse jogo desde a escola. Essa é a primeira vez que eu estou jogando basquete e já vi que não é para mim. Vou desistir. Mais tarde, a gente vai à praia. Água é onde me sinto em casa — disse Inácio trocando um breve olhar com Gustavo e batendo no ombro de Aquiles antes de se afastar. Eles haviam se tornado amigos com muita facilidade e Inácio chamou Miguel do banco de reservas para assumir o seu lugar. Máximo, que não gostava de basquete, ficou responsável pelo churrasco e o cheiro da carne atraiu Inácio que trocava olhares com Maria Luíza, a filha mais velha de Valdelice que conversava com as irmãs, e com Carla sem tirar os olhos dele. Mônica estava próxima, mais apenas ouvia a conversa com seu jeito tímido. Recentemente, o humor de Maria Luíza melhorou consideravelmente. Ela estava muito mais receptiva e agradável

e todos sabiam o porquê. Carla, da beira da piscina, conversava enquanto admirava os músculos de Dante se contraírem definidos, sempre que ele estava com o domínio da bola laranja.

A atenção de Maria Cecília repousava em um gigante loiro que tirava a camisa suada por não suportar o calor. Desde que suas sessões começaram, ele não saía de seus pensamentos e eram pensamentos nada profissionais. Como se soubesse que ela pensava nele, o olhar de Gustavo se encontrou com o de Ceci e ele sorriu para ela. Nesse momento, Aquiles roubou a bola e fez uma cesta de três pontos de fora do garrafão e Maria do Socorro aplaudiu o namorado que lhe mandou um beijo da quadra.

— Grael, se concentra no jogo! — Dante gritou chamando à atenção.

— Olha o que o Máximo está fazendo e quero ver você se concentrar — disse ele vendo quando Máximo se aproximou das mulheres que estavam à beira da piscina, com um avental e uma tábua de carne. Foi direto em Carla que tirava o vestido e, de biquíni, se prepara para dar um mergulho. Antes que ela fizesse isso, ele ofereceu um pedaço a Carla que aceitou sorrindo e deu um beijo na bochecha dela, antes que ela pudesse evitar.

— MÁXIMO! — Dante bradou soltando a bola.

— O quê? Eu só dei algo que ela queria.

— Sai de perto dela agora!

— Tio Max, o senhor prometeu não provocar mais o meu pai desse jeito — disse Hélio que passou correndo pelo jardim tentando alcançar seu amigo inseparável de brincadeiras: Kionã.

— Verdade! Deu sua palavra que ia parar de mexer com a minha tia Carla. E esse é nosso último aviso, se tentar jogar seu charme para ela de novo, vai se ver comigo — ameaçou Kionã que voltou a correr atrás de Hélio.

— Essas crianças de hoje, eu hein... — disse pensando nas palavras de Kionã.

Carla, de onde estava, sorriu ao ver Kionã “defender sua honra”. Nesses últimos meses, ele havia mudado bastante. A desilusão que sofreu com Olívia fez com que ele entendesse que era amado por seu avô, seu pai e por Carla, que sempre o tratou como se fosse seu próprio filho e ele demorou tanto a se dar conta disso. Dinheiro nenhum no mundo poderia comprar o que ele tinha: uma família amorosa onde todos cuidavam uns dos outros. Ele se desculpou com sua família e disse que seria o melhor aluno da Escola Municipal Irineu Marinho, onde já havia feito novos amigos. Ficou muito feliz em saber que sua professora Sueli também deu aula para o seu pai e para sua tia Carla anos atrás e que também foram dois de seus melhores alunos.

A última notícia que chegou aos seus ouvidos sobre Rocco foi que ele apostou sua parte na construtora em um cassino no Uruguai e acabou perdendo tudo. Dante conseguiu reaver o percentual pagando cinco vezes o valor, mas assim suas ações não ficariam nas mãos de pessoas da estirpe de Rocco, que conseguiu dilapidar todo o patrimônio que seu pai conquistou e agora trabalhava nesse mesmo cassino como crupiê e Olívia, que o acompanhava acreditando que tinha tirado a sorte grande, agora servia bebidas e vendia cigarros para os frequentadores do cassino. Ela não tinha a quem pedir ajuda para voltar ao Brasil. Seu pai nem queria ouvir falar seu nome por ela tê-lo chantageado para encobrir o nascimento de Kionã. Sua mãe, após descobrir a mentira, não quer mais nenhum contato com a filha e trocou até de número de telefone para não receber mais as chamadas da filha pedindo dinheiro para pagar uma passagem de volta ao Brasil. Disse a D. Raquel que o que ganhava mal dava para pagar o aluguel e comer, porque Rocco gastava todo o salário com outras mulheres e farra.

Kionã também pediu desculpas a Hélio por ter dito que ele tinha ganhado na loteria da vida. Agora compreendia o que o menino mais novo quis dizer naquela noite e se tornaram bons amigos. Estavam sempre brincando juntos quando se encontravam.

— Dante, relaxa! Eu conheço o Máximo há pouco tempo, mas já aprendi que ele só faz isso para te provocar e... — Miguel se interrompeu ao ver que agora Máximo dava um pedaço de carne diretamente na boca de Maria Fernanda. — Esse cara não tem amor à vida.

— MAX, ELA JÁ TEM NAMORADO! — disse no mesmo tom que repreendeu Dante minutos antes.

Maria Fernanda sorriu quando ele assumiu o compromisso deles assim tão abertamente.

— Miguelito, eu só estou alimentando as damas — respondeu Máximo. — Elas estão aqui abandonadas. Mas vou mostrar que sou um homem que respeita os amigos e ficarei longe das moças oficialmente comprometidas. O que faz com que ofereça minha atenção exclusivamente para as lindas Ceci e Mônica.

Domenico levantou-se do banco de reservas cruzando os braços na altura do peitoral e Máximo se corrigiu imediatamente.

— Quis dizer, que vou oferecer minha atenção exclusivamente para a linda Ceci.

Foi a vez de Gustavo se manifestar ao ver Máximo se sentar ao lado de Cecília:

— Acho que podemos considerar este jogo um empate técnico.

Concordam? — Gustavo incomodado com a proximidade de Máximo.

— Filho, retomamos de onde paramos outro dia. Eu não tenho mais dezoito anos... Me senti cansado de repente.

— Cansado. Sei... — rebateu Aquiles observando como ele mal disfarçou durante o jogo todo que sua atenção estava fora da quadra.

— Concordo com Gustavo. Os “coroas” precisam de descanso... — disse Dante já acenando para o filho e indo tomar uma ducha com a intenção de entrar na piscina para encontrar Carla.

— Pai!

— Amanhã jogamos outra partida, Aquiles... Eu prometo — disse vendo Carla atravessar a piscina graciosamente, agora que ele lhe ensinou a nadar.

Dante conseguia ouvir dali as vozes animadas de Xandinho que cantava no karaokê com a namorada Isabel na sala. Foi ela quem pediu Xandinho em namoro um dia antes dele sair em turnê com sua banda por três meses, o que quase fez com que ele desistisse de viajar, mas ela o fez ir dizendo que estaria à sua espera quando voltasse.

— Eu vou indo também, Aquiles — disse Domenico.

— É sério isso? Você é o último reserva. — Ele acariciou a barba e fez um sinal em direção a Mônica que estava sentada com um livro nas mãos embaixo de um guarda-sol e foi para lá, tirando seu exemplar de Jane Eyre da bolsa junto com o protetor solar. Não namoravam, porque ela se esquivava de suas tentativas, mas seguindo o conselho de Carla, começou a participar do clube de leitura que ela fazia parte e sentia que agora ela estava mais à vontade perto dele. Sentou-se ao lado dela e gentilmente se ofereceu para passar o protetor em suas costas e Mônica o olhou reticente, mas permitiu. Ela usava um maiô de hidroginástica que era similar a um macacão que ia até a metade da coxa. Mas cobria que revelava. Domenico pensou que quase parecia o maiô que viu nas fotos de sua nona italiana na década de trinta, mas até o recato de Mônica o fascinava.

— E você, Miguel? — perguntou Aquiles. Seu time venceu os três tempos, estava empolgado e ainda de posse da bola.

— Aquiles, posso saber por que você quer continuar batendo bola?

— Porque eu adoro jogar basquete e sou o único que pareço estar focado no jogo.

— Não, garoto. É porque você é o único que esteve nessa quadra sem distrações. A Maria do Socorro está fora do radar do Máximo. Pelo menos, até ela alcançar a maioridade.

— O quê? O Máximo olhar para a minha Maria? Ele não se

atreveria.

— Acredita mesmo nisso? — perguntou Miguel o olhando com um sorriso incrédulo nos lábios.

Aquiles olhou para trás desconfiado e viu a namorada tirando o short e a camiseta que vestia para ir dar um mergulho também e soltou a bola na mesma hora.

Uma hora depois, estavam todos reunidos ao redor da mesa que foi posta no jardim e comiam e conversavam felizes.

Dante olhava para todos que estavam ali e sorriu vendo como agora sua família e amigos se reuniam com a família e os amigos de Carla de uma forma tão natural. Era uma mesa que representava a diversidade do nosso país. Brancos, negros, um asiático. Todos reunidos como iguais em seus direitos por dignidade e justiça, como sua sogra costumava dizer, mas Dante via acima de tudo ali muito amor. Era o amor que os reuniu e os tornou uma só família. Através de Carla, esse amor chegou em seu lar.

Ela o fez redescobrir a si mesmo. O fez querer se tornar um ser humano diferente. Ser um pai, não apenas um provedor. Carla o fez entender o quanto ele precisava de seus filhos. O quanto sua vida não tinha significado sem eles. O quanto eles precisavam de amor e que tinha esse amor para dar a eles. Embora o reprimisse, mesmo que involuntariamente, por todos esses anos. Não sabia ser diferente. Tentou fazer deles homens de bem, mas esquecia-se de que antes de se tornarem homens eram meninos. Seus meninos. E os amava. E ela disse que esse amor sempre esteve dentro dele. Disse que sentia que ele guardava porque temia errar. Não entendeu na ocasião, mas entendia agora. Ele, que sempre se achou um homem sem medos e sem fraquezas, tinha medo. Medo de amar. Achou por muito tempo que disciplina seria muito mais útil para seus filhos que demonstrações de afeto. Mas encontrou o amor naquela linda mulher que mudou a sua forma de ver os outros, de ver o mundo e de ver a si mesmo. Sentiu o toque carinhoso dela em sua barba e a pergunta silenciosa que leu em sua expressão:

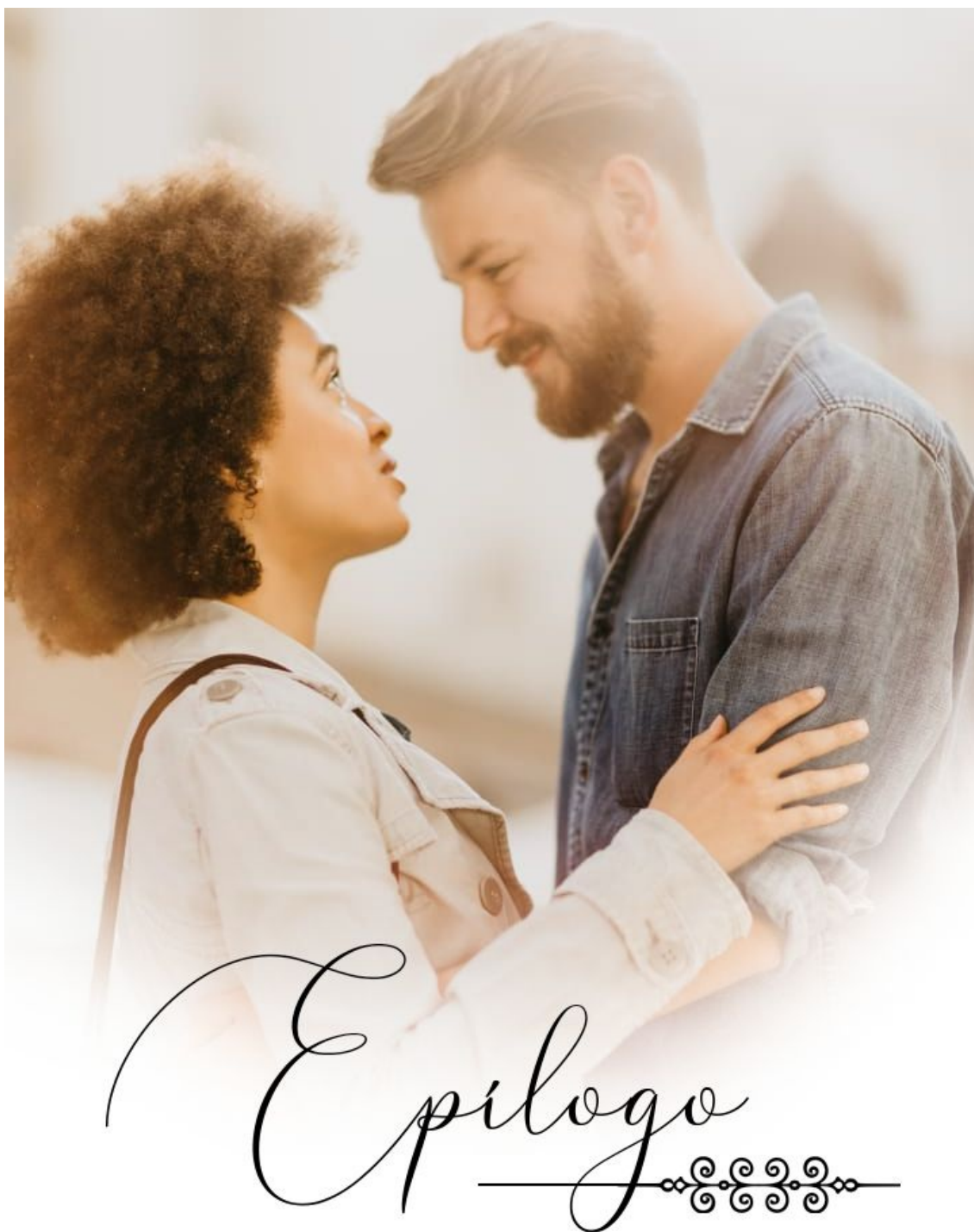
“Em que está pensando, Sr. Albertine?”

— Em você, Carla. Eu penso em você, meu amor. E no quanto desejo que saiba que vou segurar a sua mão sempre que precisar de mim e não pretendo soltá-la até o fim dos meus dias.

Dante secou a lágrima que desceu pelo rosto da mulher que amava sabendo que a felicidade que compartilhavam estava apenas no começo e, em

breve, ela se tornaria Carla Faustino Albertine, sua esposa. *Porque sua Vida, ela já era há muito tempo.*

FIM



Quase um ano depois...

— Hélio, você não pode se comportar desse jeito, a Carla é uma figura pública agora. É natural que os fãs do programa queiram se aproximar dela para cumprimentá-la ou tirar uma foto.

— Mas, Aquiles, o programa da Carla não é voltado para as mulheres?

— Sim. O público-alvo são mulheres, mas o carisma da Carla conquistou muitos fãs homens também e isso é algo bom. O quadro dela no programa da Jojô triplicou a audiência da emissora e eles queriam até criar um programa só dela. A Carla que recusou a oferta por lealdade a Jojô.

— Mas esses fãs não sabem respeitar limites, Aquiles. A Carla é casada com o nosso pai. Se ele não estiver por perto, temos que protegê-la. E você não estava lá. Pergunte para o Kionã. Ele viu quando aquele ator...

— Hélio, eu acho que você e Kionã vão ter que aprender a dividir a atenção da Carla. A audiência do programa cresceu muito nessa segunda temporada e ela se tornou um rosto conhecido no país. Além disso, ela é adulta e sabe se defender muito bem quando é necessário. Temos que demonstrar que estamos felizes por ela.

— Eu estou muito feliz por ela, Aquiles! E Kionã também! — disse protegendo o garoto que se tornou seu melhor amigo, porém permanecendo sentado sobre o tapete do quarto brincando com Schumacher, um filhote de viralata arteiro que Kionã deu para ele de presente de aniversário. Tinham escolhido o nome juntos.

— Isso não justifica vocês terem “acidentalmente” derramado suco de uva em cima dele — rebateu Aquiles.

— Mas você não estava no set de filmagem, Aquiles. Eu vi quando aquele ator metido a galã apareceu e ficou esperando o fim da gravação. Ele não tirava os olhos da Carla. Kionã percebeu também. Quando tia Jojô contou que ele participaria de um programa, a Carla estendeu a mão para cumprimentá-lo e sabe o que ele fez? Ele beijou o rosto dela e depois não soltava a mão da Carla. Por que ele não apertou a mão dela e pronto? Eu só acho que...

— Não justifica, Hélio — interrompeu o irmão. — Já disse que a Carla sabe se defender sozinha. Eles trabalham na mesma emissora. Ela saberá colocar qualquer um em seu lugar quando for preciso.

— Hélio, precisamos conversar. — A voz firme de Dante Albertine os alcançou e os dois filhos se viraram.

— Pai, eu já conversei com o Helinho e a Carla está conversando com o Kionã. Por mais errado que tenha sido a atitude deles, a intenção dos dois era...

— ...de proteger a Carla — completou Dante, colocando uma das mãos no ombro do filho mais velho. — Nós já tivemos essa conversa antes, Aquiles. Ele não está sendo acusado de nada, então não precisa do advogado.

Aquiles sorriu, quando o pai o puxou para um abraço.

— Acho que é só a força do hábito, Sr. Albertine — argumentou o jovem retribuindo o abraço.

— Você sabe que o que ele fez foi errado.

— Eu sei e ele também tem consciência disso, não é verdade, Hélió? O menino fez que não com a cabeça.

Aquiles viu o pai se aproximar do menino que abaixou a cabeça e ficou olhando para o cãozinho de pelo escuro.

— Hélió, olhe para mim, meu filho. — Dante se sentou para ficar na altura dos olhos de Hélió como Carla o orientou a fazer sempre que precisasse conversar com o filho mais novo. O menino levantou o olhar e encarou o pai.

Aquiles percebeu que, por mais que o pai estivesse com o semblante sério naquele momento, o toque afetuoso no ombro de seu irmão lhe dizia que ele estava mesmo mudado. Sabia que Dante não seria duro demais com Hélió. Quase um ano se passou desde o desmoronamento da sede da Albertine Construções e seu pai se revelou um novo homem. Um pai disposto a ouvi-los e a entendê-los. Nunca foram tão próximos e, por isso, Aquiles sabia que não precisava mais defender o irmão caçula do pai, como fez tantas vezes no passado.

— Você não acha que o que fizeram foi errado?

— Não acho.

— Filho, vocês poderiam ter prejudicado a carreira profissional da Carla na emissora. Eu entendo que não é fácil para você e para o Kionã terem que dividir a atenção dela, mas todos nós a amamos, não é mesmo?

O menino assentiu com a cabeça.

— E quando amamos alguém queremos que essa pessoa seja feliz. Você percebe como a Carla fica empolgada quando fala sobre carros? Lembra de como ela sorriu quando recebeu o convite da assessoria daquele piloto de Fórmula 1 para gravar o programa durante o Grande Prêmio de Interlagos?

— Não tem como esquecer, pai. A Carla nem acreditou quando a esposa dele disse que assistia ao programa e queria conhecê-la — disse o menino sorrindo ao recordar-se. — — A Carla só falava no quanto o Seu Vicente iria adorar conhecer os boxes da corrida, né, pai?

— Verdade, filho. Eu sempre soube que ela seria um grande sucesso. E esse programa é o trabalho da Carla agora. Nós já sabíamos o quanto ela era especial, não é mesmo?

O menino mais uma vez assentiu com a cabeça.

— Ela entrou em nossas vidas e conquistou os homens da Família Albertine um a um. Mas, agora, as pessoas que assistem ao programa também sabem que há algo muito especial na nossa Carla, não apenas porque ela entende tanto sobre carros, mas por todo esse entusiasmo e paixão dela ao compartilhar o que sabe. A Carla tem algo dentro dela que falta no mundo, meu filho: ela é

autêntica. Na frente das câmeras, ela impressiona sendo simplesmente quem ela sempre foi. Precisamos aprender a ceder um pouco e ter orgulho dela ser admirada por tantas outras pessoas.

Aquiles se sentou ao lado do irmão no tapete, e fazendo festa com o cãozinho, acrescentou:

— Sem falar que com a visibilidade que o programa da Carla alcançou e com o sucesso na carreira de cantor do amigo dela Alexandre, os dois conseguiram inaugurar a cooperativa de reciclagem que dá aos catadores uma remuneração justa pelo trabalho deles, para sustentarem suas famílias com dignidade. Depois construíram a clínica que a Isabel coordena na Comunidade do Muquiço, que oferece assistência médica gratuita aos moradores e também garante que portadores de Fibrose Cística, vindos de vários pontos do estado, tenham acesso ao tratamento e à medicação sem custo.

— Eu não queria prejudicar o trabalho da Carla. Sei o quanto é importante para ela — disse Hélio demonstrando arrependimento.

— Sei que sua intenção era cuidar da Carla, mas ela consegue lidar com pessoas inconvenientes como também, às vezes, vai precisar dar atenção ao público que acompanha o trabalho dela. O que não significa que ela vai deixar de ser a nossa Carla. Ela, por acaso, mudou de alguma maneira com você ou com Kionã?

— Não, pai.

— A Carla até recusou um convite para uma festa da emissora no sábado passado para irmos todos juntos assistir ao novo filme dos Vingadores, do qual que vocês dois não paravam de falar. — Dante sorriu e, passando a mão pelo ombro do menino, o abraçou. — Então, compreende o que quero dizer? Não deve se preocupar com as investidas desse ator, nem de ninguém. A Carla tem a minha total confiança. Eu confio no amor que sentimos um pelo outro e sei o quanto a família é importante na vida dela, filho. Ela sempre será a nossa Carla.

— Sempre mesmo. — Carla ouvia tudo aquilo com os olhos marejados, encostada na porta do quarto de Hélio, abraçada a Kionã, com o qual acabava de ter a mesma conversa.

— Desculpa, Carla — disse o menino se levantando e a abraçando.

— Está tudo bem, meu amor. Vocês são muito mais importantes para mim do que o programa ou qualquer outra coisa. São minha família. Nada é mais importante que a família. Isso está claro para vocês dois? — perguntou abraçando os meninos com muito carinho.

— A gente vai segurar a onda, tia Carla. Prometemos não fazer mais nada assim, mas vamos sempre proteger você, né, Hélio? — Kionã concordou.

— É uma promessa — confirmou o outro.

— Vamos, então, que já estamos atrasados para o aniversário do Gus. A Ceci não para de me mandar mensagens perguntando por que ainda não chegamos.

— Está certa, Vida. Vamos nos apressar, mas antes me dê um beijo — tomando-a nos braços e beijou sua esposa apaixonadamente. Carla experimentava aquela sensação única ao ser beijada por Dante. Ele a amava profundamente e ela compartilhava daquele amor. Antes, Dante evitava demonstrações de afeto na frente dos filhos, mas Carla fez com que mudasse. Abraçava os filhos e a esposa sempre que tinha oportunidade. E eles gostavam muito desse novo Dante.

Quando o beijo chegou ao fim, o casal viu os sorrisos dos três que assistiram à cena e não pareceram desconfortáveis.

— É bom se acostumarem, pois será assim pelo resto das nossas vidas e vamos logo que estamos atrasados — disse Dante com um sorriso no rosto, já conduzindo todos para baixo, mas voltou-se para seu filho mais velho e perguntou: — Aquiles comprou todos os presentes para o seu pai?

Todos pararam por um momento e olharam para Dante Albertine que não compreendeu o motivo de ser o centro das atenções.

— Pai, eu já comprei todos os presentes para o meu outro pai e estão no porta-malas do carro da Carla — respondeu Aquiles.

Todos riram do quanto era engraçado, mas, ao mesmo tempo, verdadeira aquela afirmação.

— E cadê o Nico? — perguntou Hélio entrando no carro do irmão com Kionã, enquanto Dante se preparava para dirigir o no carro de Carla.

— Ele está de férias e parece que ele e a Mônica vão fazer uma viagem romântica — respondeu Carla empolgada pelo fato de a amiga ter encontrado o amor em um homem tão honrado quanto Domenico.

— Eu vou com os meninos buscar a Maria do Socorro e nos encontramos lá.

— Todos coloquem o cinto de segurança e, Aquiles, dirija com cuidado — disse Dante enfático.

— Fica tranquilo, pai. Ah! Meu primo Inácio disse que vai buscar a Maria Luíza e vai direto para a festa.

No caminho para a mansão de Gustavo, Carla pensava em sua vida. Em como tantas mudanças aconteceram em um espaço de tempo tão curto. Estava muito feliz em ver como o sobrinho amadureceu e mudou para melhor nesse último ano. Não falava mais de Olívia. Superou a rejeição, porque compreendeu que sempre viveu cercado de pessoas que o amam. Sabia que a

amizade dele com Hélio contribuiu muito para que ele voltasse a ser o sobrinho carinhoso e o menino sorridente que era antes. Quando Carla e Miguel quiseram surpreendê-lo, dizendo que pretendiam matriculá-lo novamente em sua antiga escola particular, a qual ele sempre valorizou muito, a reação de Kionã foi diferente do que imaginaram que seria. Foi o menino que os surpreendeu quando disse que não queria voltar a estudar no Santa Tereza. Disse que foi na escola pública Irineu Marinho em Marechal Hermes, no subúrbio, que sua tia e seu pai estudaram, e ele queria continuar estudando lá também. Iria se dedicar cada vez mais aos estudos, pois queria que sentissem orgulho dele um dia como ele sentia orgulho de Carla e do pai que se tornaram seus exemplos de que se pode viver com dignidade, mesmo quando é preciso viver lutando por justiça.

Carla se emocionava ao lembrar daquelas palavras: dignidade e justiça. As palavras que sua mãe sempre usava para abençoar a ela e ao seu irmão Miguel. Sua família continuava morando na Comunidade do Muquiço, mas em uma casa muito mais ampla e confortável que Miguel comprou para o pai. A própria Comunidade mudou bastante após a revitalização do projeto da Fundação Albertine Graef que beneficiou centenas de famílias.

Dante garantiu que uma das melhores equipes de neurocirurgiões e ortopedistas realizassem a cirurgia de coluna de Seu Vicente e a qualidade de vida do sogro melhorou consideravelmente. Agora o pai de Carla coordenava o centro de reciclagem, que foi construído onde era o ferro-velho da família. Miguel e Kionã o ajudavam. Kionã contava para todo mundo que seu pai era um grande escritor e até comparava os romances policiais do pai com os do Stephen King, o que fazia Miguel rir bastante, mas o deixava feliz ver que seu filho se orgulhava dele. E ele e Maria Fernanda estavam de casamento marcado para o ano seguinte. Xandinho também pediu Isabel em casamento e pensavam em fazer um casamento duplo. As noivas adoraram a ideia. Assim que acabasse a turnê do amigo pela Europa, eles se casariam.

Pensar na irmã de Tito a fez pensar na ausência dele no dia de seu casamento com Dante, mas ela compreendeu que seria algo difícil por ele ainda ter sentimentos por ela. Torcia para que Tito encontrasse uma mulher com o coração tão nobre quanto o dele e Valdelice lhe confidenciou recentemente que parecia que uma moça mineira muito temperamental começava a balançar o coração do juiz. Isso a deixava feliz. Da mesma forma que ficava feliz por Gustavo e Ceci, que tentavam disfarçar, mas Carla já percebia como se sentiam um pelo outro. Valdelice também já desconfiava das mudanças no comportamento da filha mais nova.

Lembrar de todos reunidos no dia de seu casamento a fez suspirar sem que percebesse. Aquele foi o dia mais feliz de toda a sua vida. Dante e ela

reafirmaram seu amor diante de Deus e de todas as pessoas que eram importantes para os dois. Gustavo aceitou o convite de Dante para ser seu padrinho de casamento e ele estava muito elegante de braço dado com Valdelice que foi a madrinha. A presença de Margot grávida de seu primeiro filho ao lado do marido Demétrius não gerou nenhum melindre. Gustavo os cumprimentou e parabenizou o casal com sinceridade. Os padrinhos de Carla foram, obviamente, Xandinho e Isabel, mas Domenico comemorou ter sido ele quem pegou o buquê da noiva e chamou o nome de Mônica bem alto para que ela visse. Carla riu da expressão de embaraço de Mônica se encolhendo quando todos os convidados se voltaram para a direção da mesa onde ela estava sentada.

— Chegamos. Posso saber qual o motivo desse sorriso lindo nos lábios da minha esposa? — As palavras de Dante tiraram Carla de seus devaneios. — Está tão pensativa e não disse mais nenhuma palavra desde que saímos de casa.

— Me perdoe, meu amor. Só estava pensando em como estou extraordinariamente feliz, em como a vida é boa e que devemos ser gratos a Deus por cada dia que temos a chance de estar ao lado de quem amamos.

— Concordo, Vida. Eu tenho você, a mulher que eu amo. Nossas famílias se tornaram uma única família. Gustavo e eu nos reaproximamos, com grande contribuição sua, devo dizer. O que mais eu posso desejar da vida?

Carla sorriu, mas não disse nada. Só pensou consigo mesma:

— Bem, você já tem dois meninos, quem sabe daqui a alguns meses você vai ter que aprender a ser pai de uma menina... Logo saberemos.

Carla acariciava os cabelos do marido com uma mão e na outra mantinha firme o broche azul que sua mãe lhe deu. Por um instante, apenas admirou o perfil do rosto de Dante. Sentia como se D. Mirian estivesse com ela todo tempo e que de alguma forma sua mãe sabia o quanto ela estava feliz.

Fibrose Cística



Diagnóstico e tratamento

O QUE É?

<https://youtu.be/FSrxNMP2r88>

Um defeito em um gene ocasiona uma disfunção na proteína de membrana, fazendo com que haja diminuição no transporte de água e cloro para o interior das células levando a uma desidratação das secreções e tornando o muco mais espesso e pegajoso.

Uma doença rara, transmitida por pai e mãe, crônica e ainda sem cura.

Ocorre principalmente nas células do sistema respiratório, digestivo e reprodutor. Nos pulmões, o aumento da secreção leva a obstrução dos brônquios e possíveis infecções pulmonares.

No pâncreas impede que as enzimas digestivas realizem a absorção dos nutrientes, levando a diminuição de peso.

Diagnóstico:

O quanto antes for realizado trará benefícios e melhor prognóstico para a vida do paciente. Os exames realizados são:

Teste do Suor

Indução e coleta do suor. O teste avalia a concentração de cloro no suor. Alguns resultados podem ser inconclusivos, havendo necessidade em repetir o exame.

O teste é realizado no Instituto Fernandes Figueira e considerado o “padrão ouro” para fechar o diagnóstico.

Teste do Pezinho

Retirada de algumas gotas de sangue do calcanhar do bebê, na primeira semana de vida. Deve ser realizado entre o 3º e 5º dia de vida do bebê e repetido até o 28º dia de vida. Realizado na rede pública e particular.

O teste do pezinho é fundamental, pois permite realizar detectar alterações da Fibrose Cística antes do aparecimento dos primeiros sintomas da doença, melhorando muito o prognóstico dos pacientes.

Havendo alteração no resultado do teste do pezinho, a criança será automaticamente encaminhada para o Instituto Fernandes Figueira para realização do teste do suor.

Exame Genético

Detectar as mutações da doença através de amostras de sangue. No momento não está sendo realizado na rede pública, somente nas redes particulares.



ONDE TRATAR NO RIO DE JANEIRO:

Instituto Fernandes Figueira

0 a 18 anos

Av. Rui Barbosa, 716 – Flamengo, Rio de Janeiro

(21) 2554-1700

www.iff.fiocruz.br

Hospital Federal dos Servidores do Estado

0 a 18 anos

Rua Sacadura Cabral, 178 – Saúde, Rio de Janeiro

(21) 2291-3131

www.hse.rj.saude.gov.br

Policlínica Piquet Carneiro

a partir de 18 anos

Av. Marechal Rondon, 381 – São Francisco Xavier

(21) 2334-2334

www.ppc.uerj.br

Saiba mais sobre o tratamento

Cuidados com a Doença

Entre em contato

Rua da Glória, 366, Sala 401

Glória, Rio de Janeiro

acamrj@acamrj.org.br

21 3970-6612 / 21 3970-6477

21 98870-0438

Conheça mais sobre a ACAM: <http://acamrj.org.br/sobre/>

Em breve

contos de casais secundários de

**SEGURE A MINHA MÃO E
NÃO SOLTE**

♥ Gustavo e Cecília;

♥ Domenico e Mônica;

♥ Juiz Tito e Artemis;

♥ Capitão Inácio e Maria
Luiza.

Breve biografia da autora



Danielle Viegas Martins, nasceu em São Luís - MA, mas mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro em 2001. Ela possui formação em Letras, Português - Inglês pela UFRJ e cursou Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela UERJ, tendo sido bolsista

IPEA/ANPED. Danielle é funcionária pública na UFRRJ desde 2001.

A autora começou a escrever, publicando capítulos semanais de seu primeiro livro “Estarei ao seu lado” na plataforma Wattpad em 2017. Optou por usar o pseudônimo Tess91, para se preservar caso os leitores não se interessassem por seus livros, contudo, em menos de dois anos, seus livros já ultrapassaram três milhões de leituras online. Seu e-book “Eu paguei por ela”, lançado em outubro de 2018, figurou por duas semanas consecutivas em 2º lugar na lista geral dos mais vendidos na Amazon e alcançou em 15 dias, um milhão de leituras.

A autora sempre foi apaixonada por livros e entre os autores favoritos estão Aluísio de Azevedo, Ganymedes José, Eça de Queiroz, Jane Austen e Charlotte Brontë.

Danielle é mãe do Gustavo, seu grande amor, e não imagina sua vida longe dos livros, das salas de cinema e sem uma câmera fotográfica nas mãos.

Redes Sociais

Loja virtual: <http://www.romancesdanielleviegas.com/>

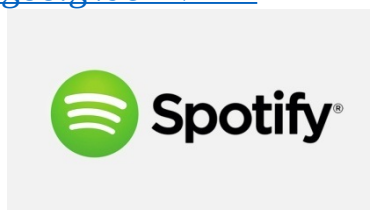
Página da autora: <https://m.facebook.com/tess.hauser.90>

Instagram: @tess91hauser

Grupo Romances da Tess:

No Facebook: <https://goo.gl/6b6qjY>

No Instagram: <https://goo.gl/JoDVMA>

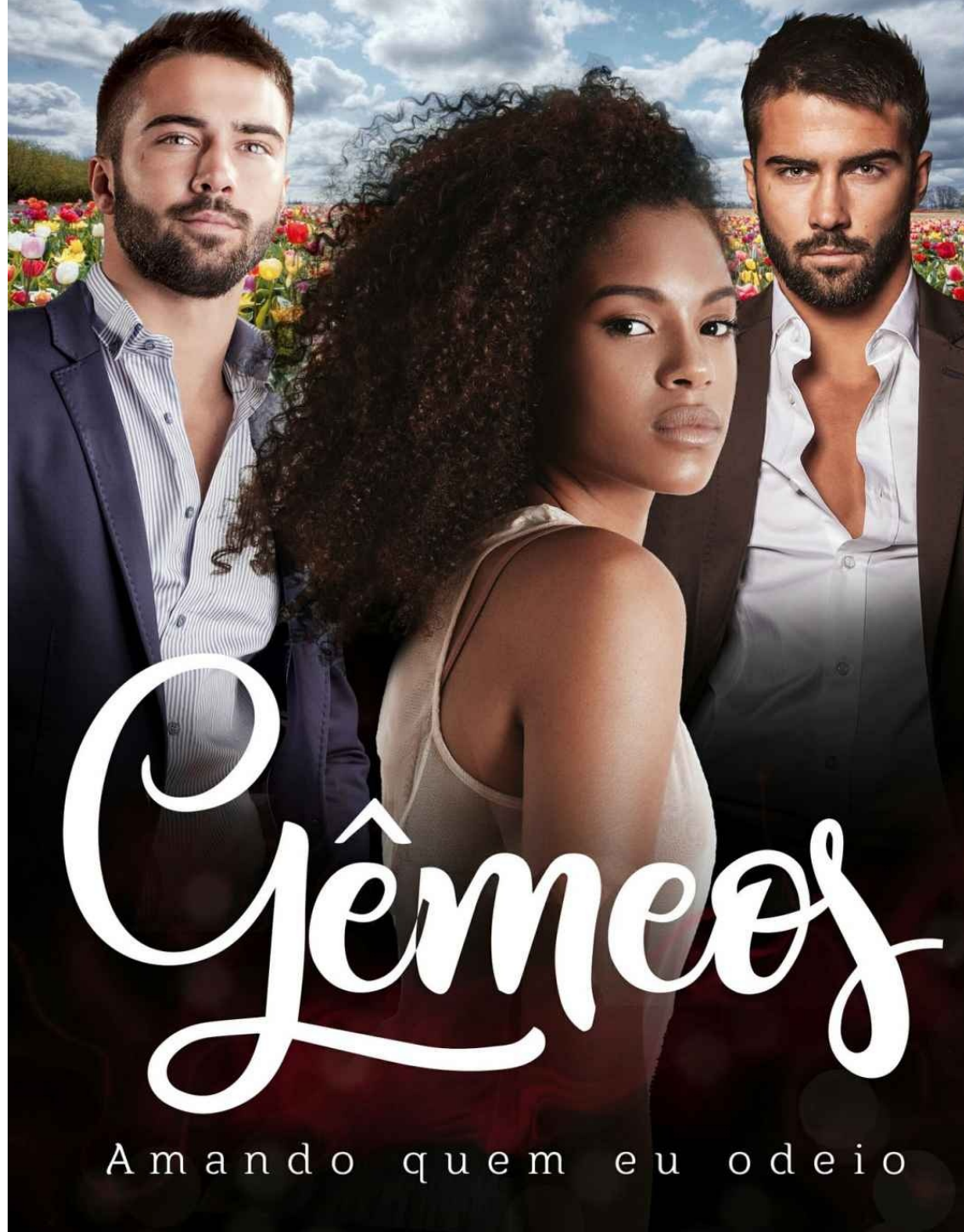


Playlist do livro “Segure a minha mão e não solte” no Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/39VQUuhr41i9vGewrasuBF>

Conheça outros trabalhos da autora:

Danielle Viegas Martins



Me chamo Natália e essa é a minha história. Com oito anos, presenciei o assassinato brutal dos meus pais e, depois disso, eu tive que me

mudar para começar uma nova vida no sul do país. Deixando para trás São Paulo e toda a dor e tristeza que nenhuma criança deveria experimentar.

Assim, cresci na cidade de Gramado e descobri que gentileza e amor têm nome e sobrenome: Henrique Mallmann. À medida em que fui amadurecendo, foi impossível não nutrir por ele um amor platônico, apesar da nossa diferença de idade.

Contudo, Henrique tem um irmão gêmeo idêntico e, para minha surpresa, com a mesma face do amor e da gentileza também conheci o desprezo. Conheci Heitor. Não pensem que ele me maltratava ou que era cruel comigo. Pior. Heitor era indiferente. Quase como se eu fosse invisível. Mas com o passar do tempo eu aprendi que prefiro o silêncio de Heitor à sua ira.

Agora prestes a fazer dezoito anos, decidi me declarar para Henrique.

_"Vinte segundos de coragem...é tudo que eu preciso".

Nunca fui de beber. Por que fui aceitar a primeira (e depois, a segunda e a terceira) taça de champanhe? Tenho certeza que finalmente beijei o Henrique. Então, por que o braço que enlaça minha cintura é do "gêmeo mau" Heitor?

Link e-book Amazon: <https://goo.gl/uJyk7K>

Link livro físico no PagSeguro: <https://pag.ae/7UNzPxghH>



Danielle é professora de literatura em uma universidade no Rio de Janeiro. Em suas férias no interior do Maranhão, sofre um acidente na estrada,

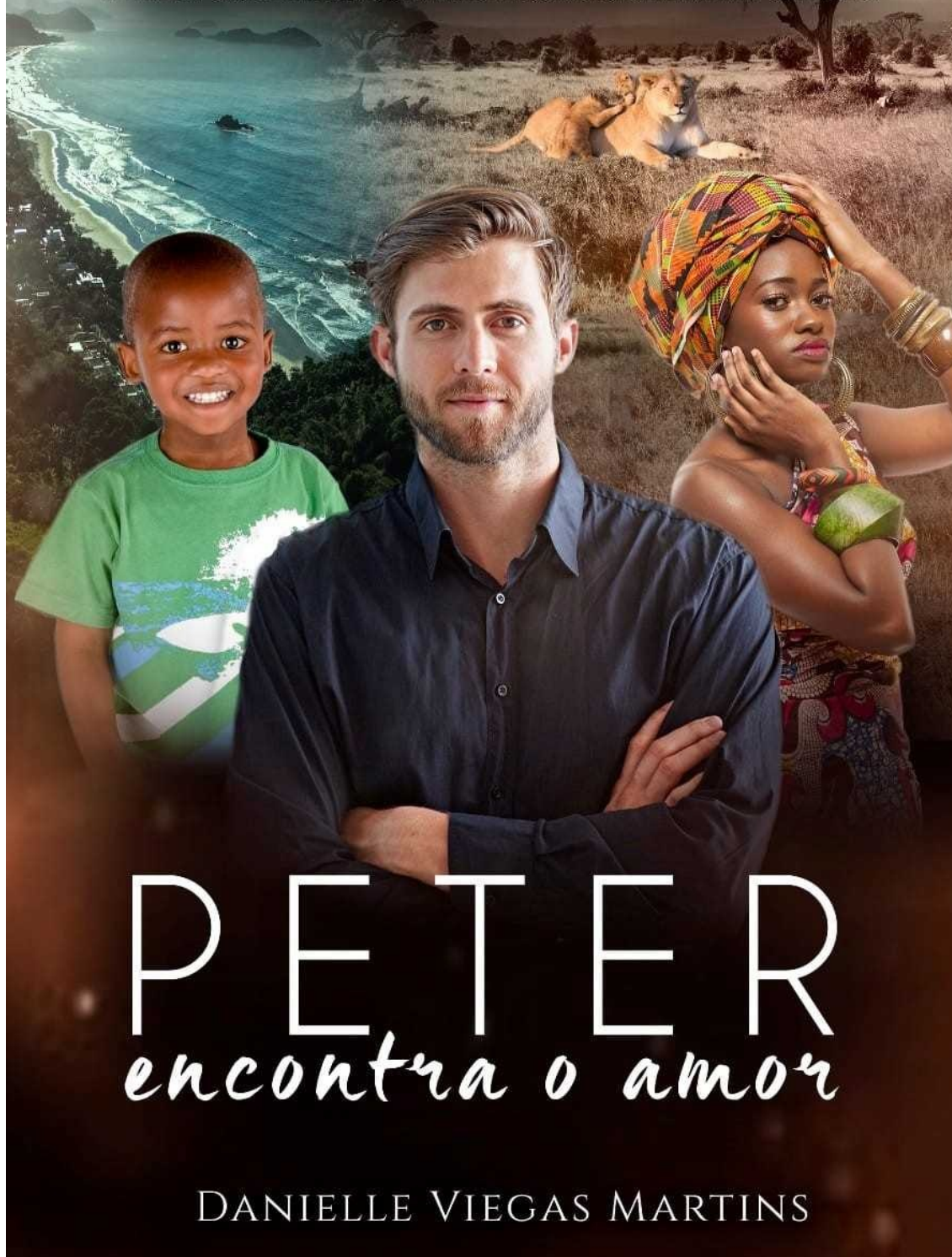
após uma colisão com outro veículo. Ela se vê sozinha naquele local ermo com apenas mato dos dois lados da estrada. Enquanto caminha em busca de ajuda, encontra um homem gravemente ferido e abandonado à própria sorte.

É assim que Danielle conhece John Hauser. John percebendo que a moça não representava ameaça, em seus poucos momentos de consciência, revela o que lhe aconteceu: havia sido sequestrado e, em seu cativeiro, foi torturado de forma atroz. Os sequestradores deixaram claro que ele estava ali para ser morto, contudo John consegue fugir e Danielle salva sua vida, mesmo sem saber quem ele era. Após serem resgatados pela polícia, gradativamente, a afeição recíproca que nasceu entre Danielle e John se transforma em amor, mas eles logo saberiam que o mandante do sequestro tinha olhos e ouvidos em todo lugar e que agora os dois se tornaram alvos.

Link e-book Amazon: <https://goo.gl/U3zb7K>

Link livro físico no PagSeguro: <https://pag.ae/bby8scS>

O AMOR PODE SER DESCRITO DE VÁRIAS FORMAS, MAS QUANDO O DESTINO APRESENTA AO DR. PETER HASS AQUELE MENINO AFRICANO, O MÉDICO ENTENDE O SIGNIFICADO DE AMAR INCONDICIONALMENTE UM FILHO.



Imagine um ser humano capaz de tudo por aqueles que ama. Um homem íntegro. Um amigo fiel. Alguém que se importa com seus semelhantes,

porque, de fato, os vê como iguais e dedica sua existência a salvar vidas. Um homem apaixonado pela mulher de seu melhor amigo e que faz de tudo para assegurar a felicidade da mulher que ama, mesmo que não seja ao seu lado. É como voluntário no Programa Médicos sem Fronteiras, no coração da África, que o médico brasileiro vai encontrar o amor que mudaria sua vida para sempre. Peter encontra o amor ao conhecer o menino Zaimo e o torna seu filho, porque não consegue imaginar sua vida sem aquela criança.

O garotinho, apesar de ter enfrentado severas privações impostas pela vida, ainda preserva a inocência e a pureza em seu coração. Capaz de compartilhar o pouco que tinha com outras crianças que tinham menos ainda. Contudo, ao contrário do que todos pensavam, Zaimo ainda tinha uma parente viva e sua tia Aisha estava disposta a tudo para ter o direito criar o menino. Ela aceita a proposta do Dr. Peter e embarca com eles para o Brasil. Aisha precisará enfrentar muitos fantasmas e traumas guardados em sua alma. Exceto por Zaimo, qualquer contato físico lhe causa pavor. Ela logo entenderia que ao aprender a confiar, aprenderia também a amar.

Essa é a história do Dr. Peter Hass e de como ele encontra o amor.

Link e-book Amazon: <https://goo.gl/mpV4FK>

Link livro físico PagSeguro: <https://pag.ae/bbBRFH4>



Obedecer a Bruno Lins de Carvalho e satisfazê-lo de todas as formas que ele desejasse era o que o contrato determinava e um homem

implacável como ele não aceitaria menos que isso.

Milena se vê em cárcere privado e refém de circunstâncias infelizes que a condenaram a abdicar do controle de sua vida e de seu corpo. Ela seria sua propriedade e só faria a vontade dele por um ano. Quando aquele desconhecido se ofereceu para pagar a dívida de jogo de seu irmão, Milena aceitou a proposta pensando se tratar de um empréstimo, mas os termos eram de um contrato de compra: ele a estava comprando por um ano.

Link e-book Amazon: <https://goo.gl/eVvKPf>

Em breve, livro físico.



CONTO:
AFONSO - E se os homens fossem o sexo frágil?

Livro I

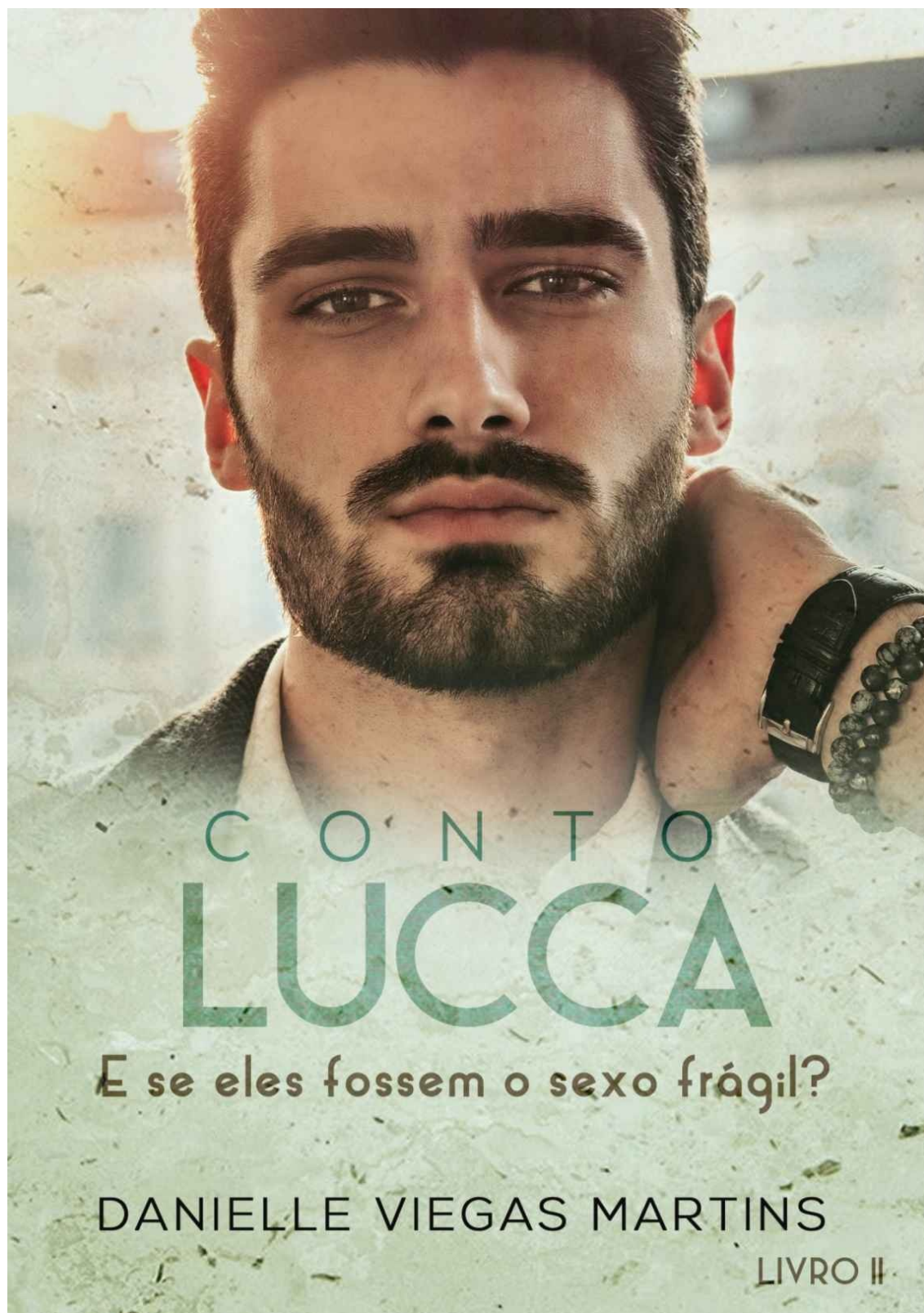
Já pensou em como seria viver em uma sociedade onde são os homens que precisam se proteger do assédio das mulheres? Uma sociedade onde eles não ganham os salários mais altos e não ocupam os cargos de chefia, mas são eles que ouvem cantadas ofensivas e recebem investidas indesejadas, mesmo após terem dito que não estão interessados.

Esse primeiro conto da série, nos traz o Afonso. Um jovem bonito, de 24 anos e que foi educado para ser um “moço de família”. Junto com seu melhor amigo Lucca e seu irmão Dimitri, Afonso decide comemorar a conquista da tão sonhada formatura em uma boate badalada do Rio de Janeiro. E é assim que entramos nessa realidade paralela ao inverter os papéis da construção social que conhecemos. Agora, o homem é o sexo frágil e, ao invés de Lei Maria da Penha, temos a Lei José da Silva, que de igual modo não é garantia de proteção para eles.

A sociedade aceita uma mulher que sai com vários caras e ela ainda leva a fama de “pegadora”, mas se eles tomarem essa mesma liberdade são chamados do termo mais ofensivo aos seus ouvidos: “putos”.

A série de contos Afonso, Dimitri e Lucca vai nos fazer refletir, ao mesmo tempo que nos fará dar boas risadas e é claro que o romance de plano de fundo também vai aquecer nossos corações.

Link na Amazon: <https://is.gd/7q7l2T>



CONTO
LUCCA - E se os homens fossem o sexo frágil?

Livro II

Lucca Fernandes é empregado doméstico. — Isso mesmo. Você leu direito! — O belo jovem de 27 anos lava, passa, cozinha e ainda faz uma faxina como ninguém. Dorme no trabalho para melhor atender às necessidades de sua patroa.

Ele é a materialização do sonho de qualquer mulher, porém recusa todas as inúmeras propostas de emprego que recebe com frequência. Mas cá pra nós, que mulher não gostaria de ter um homem tão prendado e ao mesmo tempo tão arrebatadoramente lindo e charmoso como Lucca, cuidando delas, quer dizer, cuidando das casas delas?

Sorte da Dr^a Larissa, que nem precisa de despertador, pois é a voz máscula de Lucca que a desperta todas as manhãs antes dela enfrentar mais um dia de trabalho em seu consultório. O que seria da oftalmologista sem o seu fiel ajudante do lar? Contudo, o que ninguém entende é como uma médica que cuida da visão dos outros, não enxerga que dentro de sua própria casa há alguém completamente apaixonado por ela.

Mas se engana quem pensa que Lucca é um homem dócil. Ele tem um temperamento forte quando o assunto é Larissa. Sempre dá um jeito de afastar pretendentes que se aproximam dela atraídos pela imensa fortuna de sua patroa. Ele também não tolera nenhuma forma de assédio. Se esquiva das investidas da suposta melhor amiga da Dr^a Larissa e de outras mulheres que o vêm apenas como um belo espécime masculino que não foi agraciado com inteligência ou ambição por conta da carreira profissional que escolheu.

Neste segundo conto da Série “E se os homens fossem o sexo frágil?”, veremos que inverter o papel social de homens e mulheres nunca foi tão divertido.

CONTO II, EM BREVE NA AMAZON.



CONTO
DIMITRI - E se os homens fossem o sexo frágil?

Livro III

No terceiro conto da Série “E se os homens fossem o sexo frágil?”, vamos conhecer melhor, Dimitri.

Dimitri é o único homem que trabalha na redação do Jornal Correio de Afrodite. É um jovem introspectivo que não é de falar muito, mas que é dono de um sorriso de tirar o fôlego e de fazer qualquer mulher esquecer do próprio nome, literalmente. E é justamente essa aura de mistério, associada ao cavalheirismo de Dimitri que torna o loiro de olhos azuis, um verdadeiro chamariz para as mulheres de todas as idades que trabalham com ele na redação. Sua postura reservada desperta à atenção delas e faz com que pensem que ele esconde algum segredo.

Quando o estudante do sétimo período de Comunicação Social descobriu que foi aceito como estagiário daquele grande jornal apenas porque suas colegas gostavam de “ter algo bonito para apreciar”, ele decidiu provar seu valor, até que um dia o reconhecessem como um profissional tão qualificado quanto qualquer uma delas. Mas por ora, ele apenas revisava os textos das jornalistas; entregava suas correspondências e até servia de telefonista para elas quando era preciso.

Dimitri ignorava todas as cantadas e devolvia todos os presentes que apareciam em sua mesa de trabalho. Aprendeu com seu irmão, Afonso, e seu amigo, Lucca, a preservar sua reputação, pois foi essa a criação que eles receberam. Não seria o brinquedo de nenhuma delas. Mas a pior parte do seu dia era quando era obrigado a lidar com Hilda, a editora – chefe do jornal. Uma senhora sexagenária, que passou a atormentá-lo depois que Dimitri foi categórico ao afirmar que não estava interessado em nenhuma promoção na qual seu corpo fosse a moeda de troca para consegui-la.

Mas fora do jornal, Dimitri se dedicava à sua grande paixão: escrever. Ele possui uma coleção invejável. Não colecionava camisas de times de futebol, muito menos miniaturas de carros ou selos. Dimitri colecionava romances de banca. Era fascinado por eles. E quando, enfim concluiu seu primeiro romance histórico, enviou para várias editoras e foi assim que conheceu Aline e passou a acreditar em amor à primeira vista. O que ele não fazia ideia era de quem Aline era neta.

CONTO III, EM BREVE NA AMAZON.

Um grande beijo e até breve, meus amores.

Danielle Viegas Martins

Tess Hauser/Tess91

^[1] O Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) é um distúrbio psiquiátrico de ansiedade descrito no “Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais – DSM.IV” da Associação de Psiquiatria Americana. A principal característica do TOC é a presença de crises recorrentes de obsessões e compulsões. Entende-se por obsessão pensamentos, ideias e imagens que invadem a pessoa insistentemente, sem que ela queira. Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/toc-transtorno-obsessivo-compulsivo>

^[2] Stalker: perseguidor em inglês.

^[3] “When a man loves a woman”: quando um homem ama uma mulher. Tradução livre do inglês.

^[4] O coquetel molotov ou cocktail molotové uma arma química incendiária geralmente utilizada em [protestos](#) e [guerrilhas](#) urbanas. No Brasil, a posse, fabricação ou o uso de tal artefato configura crime de "posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito", estando o infrator sujeito à pena de reclusão de, no mínimo, três anos até o máximo de seis anos e multa, conforme disposto na Lei 10.826/03, Art. 16, Inciso 3º. Fonte: Wikipedia.

^[5] Perfeito/internamente perfeito. Fonte: <https://blog.poesie.com.br/diamantes/aprenda-sobre-diamantes-4-cs-classificacao-de-clareza/>

Table of Contents

<u>Capítulo 1: Carla Faustino</u>
<u>Capítulo 2: Dante Albertine</u>
<u>Capítulo 3: O que o dinheiro pode comprar</u>
<u>Capítulo 4: O que o dinheiro não pode comprar</u>
<u>Capítulo 5: Gustavo e Vivian Grael</u>
<u>Capítulo 6: Tudo que eu preciso</u>
<u>Capítulo 7: Gustavo e Carla</u>
<u>Capítulo 8: O juiz Tito</u>
<u>Capítulo 9: Um pássaro pode ser amigo de um peixe?</u>
<u>Capítulo 10: Instinto Protetor – Parte I</u>
<u>Capítulo 11: Instinto protetor – Parte II</u>
<u>Capítulo 12: Margot e Demétrius</u>
<u>Capítulo 13: Margot e “Ele”</u>
<u>Capítulo 14: Olívia</u>
<u>Capítulo 15: Amor de irmão</u>
<u>Capítulo 16: O que mais importa – Parte I</u>
<u>Capítulo 17: O que mais importa – Parte II</u>
<u>Capítulo 18: Quatro noites. Quatro sonhos</u>
<u>Capítulo 19: A festa de inauguração</u>
<u>Capítulo 20: Me processe</u>
<u>Capítulo 21: Cuidado com o que deseja</u>
<u>Capítulo 22: Quando o mundo inteiro veio abaixo</u>
<u>Capítulo 23: A vida por um fio</u>
<u>Capítulo 24: O que nos mantém vivos</u>
<u>Capítulo 25: Vida</u>
<u>Capítulo 26: Gustavo, Demétrius e Inácio</u>
<u>Capítulo 27: Como seria possível te conhecer e não te amar?</u>
<u>Capítulo 28: Minha namorada</u>
<u>Capítulo 29: Canta para mim?</u>
<u>Capítulo 30: A certeza mais valiosa</u>
<u>Capítulo 31: A felicidade nunca pode ser medida</u>
<u>Capítulo 32: Sentir falta do que se tornou essencial</u>
<u>Capítulo 33: Segure a minha mão e não solte</u>
<u>Capítulo 34: Estou onde deveria estar</u>
<u>Capítulo 35: Há algo que você precisa saber</u>

[Capítulo 36: O que mais desejava ouvir](#)

[Capítulo 37: A vida e seus mistérios](#)

[Capítulo 38: Eu sempre te amei](#)

[Capítulo 39: Mônica e Domenico](#)

[Capítulo 40: Sonhadores, é isso que somos](#)

[Capítulo 41: Você já me deu o mundo. Você é o meu mundo.](#)

[Capítulo 42: Feliz aniversário atrasado](#)

[Capítulo 43: Quem não aprende pelo amor – Parte I](#)

[Capítulo 44: Quem não aprende pelo amor – Parte II](#)

[Capítulo 45: O segredo de Aquiles](#)

[Capítulo 46: A verdade sobre Aquiles](#)

[Capítulo 47: Só sinto gratidão agora](#)

[Capítulo 48: Face a face com o mal](#)

[Capítulo 49: Hora de deixar o passado para trás – Parte I](#)

[Capítulo 50: Hora de deixar o passado para trás – Parte II](#)

[Capítulo 51: Mensagens para um amor que não me pertence](#)

[Capítulo 52: Acerto de contas – Parte I](#)

[Capítulo 53: Acerto de contas – Parte II](#)

[Capítulo 54: Não há nada oculto que não venha a ser revelado – Parte I](#)

[Capítulo 55: Não há nada oculto que não venha a ser revelado – Parte II](#)

[Epílogo](#)

[Breve biografia da autora:](#)